



ANJO CAÍDO

Corrompida pela devassidão

MÔNICA NOVAES



ANJO

Corrompida pela devassidão

MÔNICA NOVAES

Copyright ® 2019 Mônica Novaes

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, digitalizada ou distribuída de qualquer forma, seja impressa ou eletrônica, sem autorização.

Capa: LA Capas

Diagramação: April Kroes

Revisão: Daniela Vazzoler

Ficha para Catalogação

Anjo caído/ Mônica Novaes – São Paulo, SP: edição 2019.

642 pag. 21 cm.

Registro BN:

5568baab199bdd79304f844e97b6548ef5f46b928188e35ed5340a90c125827

1. Literatura nacional, I. Título

Índices para catálogo sistemático

SUMÁRIO

[Sumário](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

Aviso importante: Este livro contém violência, física, verbal e sexual, e vocabulário indicado para maiores de dezoito anos.

NÃO ROMANTIZO qualquer tipo de agressão, ou relação abusiva.

Contém gatilhos, como o uso de drogas, distúrbios mentais e outros problemas psicológicos.

O protagonista deste livro, junto da protagonista são personagens do meu livro anterior: Princípio Vital. Você poderá ler este livro sem ler o anterior, mas indico que leia sim o Princípio Vital, pois acrescentará informações sobre os protagonistas atuais.

Esta obra foi completo fruto da minha imaginação, e se algo condisse com a realidade foi pura coincidência.

Gostaria de frisar que não concordo e não apoio relacionamentos abusivos. Em caso de violência doméstica contra a mulher, sendo ela física ou psicológica, **DISQUE 180** e denuncie! Da mesma forma que, se você sabe ou presencia violência contra crianças ou adolescentes, **disque 100 e denuncie!** O número 100 é um serviço nacional que cuida dos direitos humanos, das crianças e adolescentes, mantido pelo nosso governo, que pode ser acionado por qualquer parte do país.



PRÓLOGO

“Eu ainda quero você, mas não pelo seu lado diabólico, não pela sua vida assombrada, só por você. Então me diga, por que eu lido com o seu lado diabólico e com a sua mente perigosa, mas nunca com você?”

— Devil Side, Foxes.



SAULO



O cara era um pedaço de carne banhado no próprio sangue, desfigurado, que rezava pela vida até o último suspiro. Um capacho imundo, autor de diversos delitos comandados por seu dono. Choramingava implorando por misericórdia, mas ele não me conhecia. Não até aquele instante.

Se os seus miolos voassem após serem estourados pela minha metralhadora Uzi, sim, eu costumava chamá-la pelo nome, tamanho carinho que tinha por sua potência de exterminar desgraçados. Ele apenas entraria para a minha lista de mortes prazerosas. Ansiava vê-lo estraçalhado e sem pulso em minha frente. Mas antes o verme precisava abrir a boca.

— Não trema, verme. Se me contar onde ele está eu te deixo escolher.

— Se eu disser, eu saio daqui vivo?

Que espécie de honra ele conhecia?

— Você é um homem honrado, Sr. Edmund?

— Sou sim Sr. Graham.

Uma corrente deliciosa de adrenalina espalhava-se em mim, enquanto o homem vacilava ajoelhado em sua poça de sangue.

— Então pense na sua pergunta e responda. — Tirei a Uzi de sua cabeça e dei uma volta em torno de seu corpo amarrado. — Eu devo te deixar vivo, Edmund?

O soldadinho de merda abaixou a cabeça e silenciou o ambiente.

— Te fiz uma pergunta.

Olhei para Monteiro ao meu lado e acenei com a cabeça.

— Minha vez. — Estendi a mão para pegar o taco.

Ele caiu com um golpe nas costas.

— Não gosto de ser ignorado, Edmund.

Devolvi o taco para Monteiro e peguei a metralhadora de volta.

— Sou um homem bom, por isso deixarei escolher entre morrer metralhado na cabeça ou no rabo.

Peguei o cigarro no bolso e o acendi. Esperar era algo que me descontrolava, conseqüentemente o capacho sofreria mais.

— Eu não posso te dizer, Sr. Graham. Não posso. — Tremia, com a cara de merda deformada no chão.

— Por favor, Monteiro. Não gosto de perder a paciência — pedi calmamente para o meu amigo depois de tragar a nicotina, então ele se aproximou para terminar de espancar os ossos ainda não quebrados do vagabundo.

— Espere, — ordenei quando o vi fechar os olhos e ponderar — quer nos dizer algo, Sr. Edmund?

— Marco Sartori sairá do porto de Hamburgo em dez dias, para uma viagem de negócios na Europa.

— Alguma cobertura?

— Somente pessoal.

— Quantos?

— Dois ou três homens, Sr. Graham.

— Foi um prazer negociar com você. — Entreguei a Uzi a Monteiro e assenti para que ele terminasse o serviço.

Conseguir localizar o único homem vivo e responsável pela destruição da minha família, fez com que eu não conseguisse ficar mais um segundo no galpão. Com uma sensação contagiante de ansiedade e inquietação, segui

para a minha nova casa em Dublin, comprada pouco depois de ter saído do inferno.

— Carlos, avise os homens que Srta. Alma está autorizada a entrar. Não façam tanta vista grossa com a mulher.

— Tranquilo, Sr. Graham. Bom descanso.

— Se Monteiro aparecer não o deixem entrar. Preciso dar uma relaxada.
— Com uma piscadela meu motorista, e segurança mais antigo, entendeu a mensagem.

Desbloqueei a porta da casa e sem nenhuma distração caminhei direto para a água do chuveiro.

Qualquer alcateia possuía um animal fraco, indefeso ou até traidor. Ryan Edmund foi o lobo doente que entregou o próprio líder. Coloquei Monteiro e o meu detetive pessoal para investigar a quadrilha infundável de Marco Sartori e mesmo levando poucos dias para descobrirmos o elo mais fraco, o estresse e o desejo crescente de me vingar, fez parecer uma maldita eternidade esperar qualquer referência.

— Meu amor, estava ficando louca sem te ver.

Deixei a vadia estendida na cama e fui para o corredor longo no final do quarto. Passei perfume e a toalha no cabelo.

— Não tem problema, você sabe que sua arrogância me faz criar mais expectativas.

Olhei-a assim que pendurei a toalha dentro do banheiro e voltei sem roupa para a cama.

— Gostou, meu amor? Comprei quando soube que retornaria.

— Deliciosa como sempre.

Vi seu lábio carnudo ser castigado nos dentes enquanto eu comia cada curva do seu corpo com os olhos.

— Eu sei que gosta de vermelho.

Senti suas unhas alcançarem meus ombros e então deslizarem por minhas costas. Fechei meus olhos e me esforcei para concentrar a atenção na mulher loira embaixo de mim.

— O que foi que fizeram com você agora? Está doendo? — Ela tocou a minha têmpora ao notar o hematoma causado pela cotovelada do falecido Sr. Ryan Edmund.

Segurei seu pulso fazendo-a afastar a mão e fui retribuído com um sorriso safado.

— Por que não cala essa boquinha um pouco e chupa o meu pau? Olha como ele está de te ver igual uma cadela no cio. — Esfreguei o volume na estreita renda vermelha e vi seus olhos fecharem.

— Não precisa ser tão grosseiro sempre, estou com saudades mesmo amor.

— E você espera o quê? Um piquenique?

— Eu só estou com saudades e...

— ... está com essa lingerie de puta e eu com o pau de fora. Se quiser, faremos um piquenique.

Alma me repreendeu com o olhar, mas ao saber que aquilo não funcionaria me empurrou e veio por cima feito uma cadela. Beijou minha boca contra a minha vontade, até o momento que foi desviada e direcionada para onde importava. Comandei o ritmo segurando seus cabelos, fazendo-a engolir até onde conseguia.

Não notei quando acabou, havia fodido a boceta e a bunda dela. Ouvi seus gritos e senti seus arranhões por todo o meu corpo. Mas tudo o que rodava na minha cabeça era o plano de encontrar Sartori.

— O que foi? Deixei de fazer algo?

A cortina lisa de fios loiros estava espalhada e bagunçada no meu peito. Sentia seu polegar movimentar-se circularmente na minha pele, os olhos grandes e azuis, cobertos pelo preto da maquiagem, buscavam uma resposta sincera. Eu apenas neguei com a cabeça antes de me levantar e vestir uma calça.

— Saulo, você deve falar se não gostou. Posso melhorar em algo.

— Tenho assuntos para tratar, estarei no meu escritório. Não entre se não for chamada.

— Meu amor, você acabou de chegar. Fique um pouco comigo.

— Peça algo para comer. — Joguei o telefone na cama e a vi sentar. — Depois volto para conversarmos.

— Tem certeza que de não quer...

Não ouvi mais sua voz quando atravessei do corredor para a escadaria central da casa.

Peguei dois comprimidos de *valium* na gaveta da mesa e abri os e-mails do Adam após ingeri-los.

— Você é imbecil? – falei quando Adam atendeu à ligação.

— Tá estressadinho, chefe?

— Como vou ir para um cruzeiro atrás da cabeça de um líder de quadrilha, usando o meu nome? Sua ignorância me assusta, Monteiro.

— Ih chefe, verdade. Não pensei nisso.

— Compre novamente.

— Você que manda.

— E como Sr. Edmund está, Monteiro?

— A sete palmos.

— Ótimo. Compre passagem para a Alma também, pode usar a identidade dela mesmo.

— Vê se não me enche de trabalho nessa porra de cruzeiro.

— Já viu empregado mandar em patrão, filho da puta?

— Preciso de férias. Desde que saiu da prisão você não desmama, arrombado.

— Tá a fim de encontrar alguém que te dê mais regalias, Monteiro?

— Não, Sr.

— Imaginei.

— Posso levar alguém pra foder?

— Sério mesmo, Monteiro? Acha que em um cruzeiro não encontrará uma alemãzinha no cio?

— Sabe que não gosto de loiras, chefe.

— Eu acho que não tenho que lidar com a sua preferência sexual.

— Tem razão. Eu e meu pau nos viramos.

— Guarde seu pau pra você, caralho.

Monteiro riu do outro lado da linha.

— Quanto tempo ficaremos? — perguntou.

— O necessário.

— Certo. Me deixa trabalhar porque, enquanto você fode sua loira gostosa, eu continuo sendo um assalariado.

— Tão injustiçado que chega a me dar pena — ironizei.

— Filho da puta.

Desliguei e fui pesquisar sobre o cruzeiro que faríamos pela Europa. Precisava me inteirar de tudo, dos desembarques e segurança local. Também era necessário selecionar meus homens mais confiáveis para nos acompanhar e enviar para Monteiro finalizar as questões burocráticas.

— Está brincando? Vamos viajar? Que delícia, vamos farrear e trepar muito.

— Vai com calma, coração. É uma viagem de negócios.

— Mas aproveitaremos, não?!

— Como possível.

— Estou tão feliz.

Alma beijou o meu peito, minha barriga e então começamos tudo de novo.

— Quer uma dose? — sugeri sorridente.

— Sempre bem-vinda.

— O entregador do restaurante está chegando. Pedi tortilhas

e *pozole*. Vou descer para buscar.

— Pegue o uísque, mas não saia. Mada pega a comida.

— Do jeito que quiser, meu amor.

Vi a contrariedade estampada quando recusei o beijo.

— Por que faz isso? Não gosta de me beijar?

Soltei o ar dos pulmões e a ignorei. Eu só estava com ela porque podia meter a qualquer minuto, quantas vezes desejasse. Era uma piranha nata, disponível para ser fodida quando eu quisesse.

— Quem é essa, Saulo?

Demorei para abrir os olhos e poder enxergar a foto em sua mão.

— Quem é? Que mulher é essa? — gritou histericamente fazendo-me despertar.

Levantei-me com calma e tirei a fotografia de sua mão.

— Por que estão tão felizes na foto? Você tem outra?

— Se continuar eu vou pedir que se retire, Alma. Não estou com paciência para as suas crises existenciais hoje.

— Não estou tendo uma crise, só quero saber quem é essa mulher. Aliás, quem é você? Por que nunca me conta nada?

— Não mexa mais nas minhas coisas, entendido? — Caminhei até a prateleira de roupas e respirei fundo para não a matar.

— Eu tenho o direito de saber quem é essa mulher, Saulo. É da sua família?

Ela perdeu a noção quando tentou pegar das minhas mãos. Segurei seus braços após largar a foto e a caixa.

— Você não tem direito algum sobre nada meu, estamos combinados?

— Eu só preciso saber se...

— Não precisa saber nada. Você está aqui porque gostamos de foder. Não venha com cobranças e planos amorosos, ou vai ser descartada como a puta que é. — Seus olhos brilharam deixando as íris ainda mais azuladas.

— Estamos combinados? — reforcei tranquilamente.

A soltei assim que a vi concordar com a cabeça e por último guardei a foto em que eu e Vivian estávamos suados após uma das fodas escondidas em sua casa. Peguei o copo de uísque no aparador disposto no meio do quarto e ingeri todo o álcool.



EVELINE



Eu tinha saído do interior, mas o interior nunca saiu de mim.

Toda viagem inédita que me escalavam para fazer, sentia-me como o *Marty* chegando no *Central Park Zoo*. Vão me dizer que não sabem de quem estou falando? Eu ajudo.

A zebrinha de *Madagascar* quando chega no zoológico em Nova Iorque, lembraram?

Uma perfeita caipira do mato, vinda diretamente da cidade de Shelton. Já ouviram falar? Tudo bem, eu sei que não.

Ao contrário da minha irmã, que havia incorporado o papel de mulher da cidade grande, esposa de médico e toda chique, o meu mundinho particular, digo minha mente, continuava no interior. Eu aprendia sempre com ela, ouvia seus conselhos e com isso, a cada dia, eu deixava de ser degrau para os outros, principalmente no trabalho.

— Você vai conseguir, Eve. Se te escalaram é porque sabem do seu potencial.

— É tão difícil lidar com aquelas pessoas ricas e esnobes que se acham donas do mundo, Mari.

— Somos ricos, Eve e olha só... Você gosta da gente, ou pelo menos finge bem. — David, um amigo irlandês da minha irmã fez o que sabia de melhor ao se intrometer, nos fazendo rir.

— Mas tia Eve, você vai trazer presentes?

— Srta. Bella Del Torre, tenha educação.

— O papai disse que eu podia pedir muitos presentes.

Vi minha irmã fulminar o marido com um só olhar e ele deu com os ombros.

— Trarei muitos presentes Bell. Para você, pro Tom, para Sol, pro John e para Lope. — Abaixei-me para abraçar os meus sobrinhos.

Os cinco eram meus grudinhos. Meu coração sempre apertava um pouco toda vez que me despedia deles, rumo a mais uma viagem longa.

— Você vai perder o voo e Dimitri não vai gostar nadinha disso. — Minha irmã deu um sorrisinho insinuante. Como sempre, senti minhas bochechas arderem ao corar. — Ah, qual é? Ele é caidinho por você, e sinceramente? Se eu fosse solteira não perderia tempo.

— Concordo e o sotaque britânico? — Carlie, uma amiga nossa um pouco doidinha demais, surgiu da cozinha com uma colher de doce na boca.

Eles eram sempre adoráveis comigo, reuniam-se nas minhas despedidas, seja em um almoço, jantar ou como possível.

Os respectivos esposos não gostaram dos comentários e eu sorri diante da situação. Uma família repleta de histórias de superação, casais apaixonados, com filhos maravilhosos, no caso meus sobrinhos e que transbordava amor. Sentia-me acolhida e mais, os via como inspiração.

Uma inspiração para ser realizada só daqui uns anos. Meu trabalho estava sempre em primeiro lugar e por isso não abri espaço para ninguém na minha vida. Mesmo sendo mais recatada, como Mari costumava dizer, não era tão sonsa a ponto de não saber que Dimitri se interessava por mim. Ele deixou isso claro muitas vezes, nos convites para acompanhá-lo a cinemas, jantares, nos presentes, como caixas de chocolates e os passeios divertidos que fazíamos.

O londrino seria um candidato perfeito em um futuro distante. Ele brincava dizendo que me esperaria a vida inteira se preciso, mas às vezes dizia que eu seria uma daquelas tias solteironas e cheias de gatos. Exagerado, só porque eu amava o *Bombom de Brigadeiro* mais do que a mim mesma. Bombom de Brigadeiro é o príncipe, quer dizer, a bola de pelos preta que

achei na rua, em uma noite dessas em que Seattle acaba em chuva.

Levei Bombom para mamãe, já que meus dias eram sempre imprevisíveis quanto a ficar em casa ou não. Tínhamos perdido *Geleia de Amendoim* há pouco tempo, outro gatinho marrom que adotamos da rua, então ela ficou superfeliz quando ganhou um novo companheiro, foi essencial.

— Srta. Eveline. — A funcionária do aeroporto devolveu minha passagem e sorriu para mim.

Eu era figura carimbada naquele aeroporto e em mais uns três.

Vocês devem estar achando isso o máximo, e é mesmo!

Desde que me conheço por gente, meu sonho é conhecer o mundo todo. Tenho feito isso, mas como qualquer trabalho, é cansativo e o meu não é diferente.

A profissão se tornou uma responsabilidade e eu tinha que cumprir os pedidos da rede de hotéis que eu prestava serviços, mesmo quando a vontade era fugir ou voltar para a zona de conforto, que pra mim, no caso, sempre foi ficar dentro de casa, no meu cantinho.

Mas não podia reclamar, em poucos anos consegui alcançar muito mais do que acreditei, ganhava bem para dar voltas pelo mundo ou ficar nos hotéis de Seattle e região.

Oito horas e alguns minutos no avião, sem conseguir fechar os olhos.

Sim, tinha um medo tremendo de avião e achava que nunca me acostumaria com a altitude.

Preferia quando Dimitri estava comigo, que ao notar o meu nervosismo, segurava a minha mão para me acalmar e funcionava.

Pensei no mesmo momento, que estava começando a relacionar muitas coisas da minha vida a Dimitri, junto a isso veio a dúvida retórica. Eu não sabia distinguir o sentimento que nutria por ele, entre amizade ou atração de mulher para homem mesmo, mas de toda forma decidi guardar em segredo.

— Niña, como foi a viagem?

— Você sabe, não consegui dormir.

— Aviões são seguros, enfia isso nessa cabeça laranja.

— Quem sabe um dia perco o medo.

— Vai ter que perder, vamos conhecer o mundo todo, esqueceu?

— E dar três voltas nele — completei.

— É assim que se fala. — Dimitri me abraçou de lado e logo nos afastamos.

Ele sabia que eu não me sentia à vontade ao ficar muito próxima a homens. Minha timidez era problemática, me prejudicou a vida inteira.

— Temos uma noite inteira para descansar. Você precisa conhecer o hotel, é incrível.

— É próximo?

— No centro, uns vinte e cinco minutos daqui.

— Tem aquecedores nos quartos? — perguntei assim que pisamos fora do aeroporto e eu quase virei um boneco de neve.

— Tem. — Notei que meu amigo ficou meio sem jeito, então cutuquei ele com o ombro. Ele coçou a nuca e torceu um pouco a boca.

— Nos colocaram no mesmo quarto, porque o hotel está lotado.

Fiquei nervosa com a informação e o ignorei assim que um táxi parou na nossa frente. Ele se ofereceu para colocar minha mala no porta malas, mas neguei e eu mesma o fiz.

Ficamos quietos o trajeto inteiro até o luxuoso hotel no centro de Hamburgo.

Já no elevador Dimitri cortou o silêncio.

— Bonito né?

— Lindo o hotel.

— Qual é, niña?! Somos amigos, não precisa se preocupar ou ficar apreensiva.

— Não estou preocupada — menti.

— Percebo nas suas bochechas quando está nervosa.

Olhei para os nossos pés até que as portas se abrissem. Ele me guiou até o quarto e me deu passagem na porta.

Pelo menos era enorme e tinha divisória, era um quarto para família, por isso possuía camas de solteiro e uma de casal no cômodo isolado.

— Eu vou... Vou tomar um banho.

Ele só assentiu e me deu um sorrisinho. Dimitri não era tímido, mas costumava ficar envergonhado na minha presença, um dos motivos que fazia Mariana e o resto das pessoas pensarem que ele gostava de mim.

Peguei o meu pijama na mala, fui para o quarto e tirei a toalha descartável do plástico. Já nua entrei no box e apanhei dos registros para conseguir esquentar a água.

Contrariada, respirei fundo e tomei coragem para chamá-lo.

— Precisa de ajuda? — Ele logo bateu na porta.

Me enrolei na toalha e abri. Foi totalmente desconfortável ter um homem no banheiro comigo, enquanto a toalha era minha única veste.

— Pronto. — Vi que o londrino disfarçou ao me olhar por tempo demais, estávamos sem jeito, o que tornou tudo mais constrangedor.

— Obrigada. — Esperei na porta até vê-lo sair e então fechá-la novamente.

Tomei um banho demorado, queria sentir todos os meus músculos relaxarem. Aquelas benditas poltronas de avião acabavam com a minha coluna.

— Lindo seu pijama. — Brincou ao me ver com o macacão rosa de rosquinhas.

— É o mais quente que eu tenho. — Abri um sorriso. Era gostosa a sensação de ser notada e sentir o quanto Dimitri podia ser atencioso.

— Coloquei o aquecedor no 25, como você gosta.

Viu? Meu amigo sabia até a temperatura que eu gostava no aquecedor.

— Você é um anjo.

— Preparei sua cama também e pedi dois chocolates quentes.

— Muito anjo.

— Eu sou — se gabou.

Tomamos nossos chocolates e fomos cada um para uma cama, ele me deixou na de casal e dormiu em uma de solteiro no outro cômodo.

Mesmo exausta eu demorei para dormir, estava ansiosa para o cruzeiro.

Sentia que a viagem seria revigorante. Esperava me divertir com meu amigo e aproveitar as horas livres nas chiquérrimas áreas de lazer que o navio oferecia.

— Eu adoro isso — Dimitri declarou quando chegamos no porto.

— É a parte mais chata — reclamei.

— Eu adoro essa bagunça.

Despedidas, muitas pessoas transitando, malas para todos os lados e a empolgação estampada no rosto de cada passageiro.

— Precisamos nos trocar?

— Não. Só pegue o seu crachá na antessala de funcionários.

— Bem lembrado.

Fiz o que Dimitri disse e me dirigi ao saguão do cruzeiro. As pessoas iam subindo no navio e se informando com os recepcionistas do local.

No trabalho era costumeiro usar terno ou uma camisa social da empresa, mas como eu estava ali para gerir os demais funcionários, não era necessário que eu me vestisse formalmente, não naquela ocasião.

Os hostess vinham aos montes tirar as dúvidas comigo. Eu e Dimitri, como éramos formados em hotelaria com cursos de administração de hotéis e viagens, nos encaixávamos em um cargo superior ao dos recepcionistas, então éramos suas fontes de informações.

— Srta. Eveline Gússev, preciso da sua ajuda — uma das hostesses pediu.

— Pode falar.

— É no sistema. — Ela apontou o balcão de check-in.

A acompanhei e me coloquei atrás do balcão, reiniciei o sistema do tablet no painel, deixando-o pronto para usar.

— Oi, sou a Eveline. Em que posso ajudá-lo?

— Essa incompetente não consegue achar minha reserva ou meu nome.
— Ouvi a voz do homem que há pouco tinha se aproximado do balcão.

Antes de levantar a cabeça para poder olhar a cara do sujeito mal-educado, percebi que conhecia aquela voz.

Quando o encarei nos olhos confirmei, era Saulo, o cunhado de minha irmã e irmão de Valentim.

Talvez tenha sido impressão, mas ele ficou surpreso ao me ver.

— Pode deixar, eu o atendo. — Sorri para a funcionária assustada e ela se retirou.

— Boa tarde, Sr. A recepcionista procurou pelo seu nome e sobrenome?

— Que inferno! Não confirmou ainda? — Uma mulher loira, toda encorpada apareceu atrás dele.

Ele a deixou falando sozinha e continuou me olhando nos olhos.

— Preciso do seu nome e sobrenome. É Sau...

— Santiago Aghliari — me interrompeu.

Eu não estava confundindo, não era possível.

Tudo bem que eu havia visto Saulo há seis ou sete anos, antes dele ser preso.

Mas seu olhar amedrontador era inconfundível.

— O que está esperando? Não sabe escrever?

— Desculpe-me, mas você não é o Saulo, irmão do Valentim?

Ele respirou fundo e mexeu no terno preto que usava, impaciente e arrogante.

— Quem é o chefe dessa merda? Chame-o para mim.

— Sou eu — disse, ainda calma.

Ele passou a mão pela boca e respirou fundo novamente.

— Não posso confirmar uma identidade falsa aqui, Sr.

A loira que antes estava atrás do homem gigante, se pôs na frente dele e agarrou o meu sobretudo me puxando para debruçar no balcão.

— Resolva isso logo, garota. Antes que o meu namorado te foda.

— O que está acontecendo aqui? — Dimitri apareceu e questionou com a postura séria.

— Você é chefe dessa burrinha? A mulher está uma eternidade olhando para o meu namorado e não confirma nossa viagem.

— Não me importa o que você pode ou não, você vai realizar o check-in, porque estou com o bilhete de embarque. E ah, meu documento. — Saulo entregou uma identidade com o nome Santiago Aghliari, original.

Eu não estava ficando louca, não era possível.

A última vez que o vi, estava menos barbudo e com menos cabelos. Mas era ele.

— Eveline, qual é o problema? — Dimitri chamou minha atenção.

Sai do transe e então fiz de uma vez a confirmação de embarque dos dois.

Saulo me deu uma última encarada antes de se juntar com outro rapaz no centro do saguão, um homem tão alto quanto ele e aparentemente mais velho.

— O que foi isso, niña?

— Nada, nada. — Balancei a cabeça e voltei para o saguão junto de Dimitri.

Meu amigo ficou desconfiado, mas não fez mais perguntas.

Fiquei com o ocorrido na cabeça durante toda a recepção. Eu e Dimitri fomos comer em um restaurante do navio após encerrarmos o expediente.

— Esse *ceviche* é maravilhoso, vou pegar mais. Você quer?

— Não, obrigada Dimi.

Fiquei mexendo o meu suco com o canudo e continuei pensando. Por que ele mentiria?

Será que depois que saiu da prisão escolheu mudar de nome?

— Eveline. — Ouvi a mesma voz.

Olhei para trás e depois para baixo, quando o vi agachar na frente da minha cadeira.

Varri os lados com os olhos, conferindo se alguém assistia a abordagem. Quando fui fitá-lo, esbarrei a mão na taça de suco e derrubei o resto do líquido de morango no meu vestido, com direito a pedras de gelo e tudo. Ele praguejou um palavrão e balançou as mãos para se livrar dos respingos.

— Você tem problema, mulher?

— Desculpa, Sr. Sau... Quer dizer, Santiago. Desculpa, não queria sujar sua camisa. Posso levá-la na lavanderia, me desculpa.

— Para de se desculpar e cala essa boca falante.

Engoli quieta e fiquei mais nervosa com o tom usado.

— Vim só para avisá-la que o que aconteceu mais cedo não acontecerá mais.

— Desculp...— Fechei meus olhos e parei de falar.

— O meu nome é Santiago, Santiago Aghliari.

— Você mudou de nome?

— Mantenha o seu profissionalismo e eu mantereirei o meu.

— Mas por que você...

— Ou eu te ferro inteira.

Bem que minha irmã sempre disse que Saulo era um homem estranho, prepotente e arrogante.

— Estamos de acordo? — Continuei calada. — Que bom. Esqueça que eu estou aqui e mantenha o seu emprego.

Foi um conselho ou uma ameaça?

Só sei que me fez tremer. Sua voz grossa saiu sorrateira e intimidadora.

Ainda paralisada e olhando para as costas dele, o vi dobrar a saída do restaurante e sumir de vista.

Irritada por causa do vestido e me sentindo mal pela presença repentina daquele ogro, me levantei e fui para o meu quarto. Não ia esperar o ceviche do Dimitri ficar pronto e ainda esperá-lo comer, fora o cansaço, eu havia ficado realmente aflita.

Tomei um banho, peguei meu livro de cabeceira e me enfiei debaixo das cobertas. Esperava conseguir relaxar, mas ainda não tinha digerido a grosseria toda de Saulo.

A verdade é que digerir a presença dele já estava sendo algo bem difícil, depois da ameaça então... piorou.

Irritada, larguei o livro e me forcei a dormir.

No dia seguinte eu e Dimitri ficamos enfiados no escritório a manhã e a tarde inteiras, resolvendo papeladas e alguns problemas de acomodação no navio.

Tudo tinha que correr extremamente perfeito em uma viagem como aquela, onde 95% das pessoas eram podres de ricas.

E sim, quanto mais rico o ser humano é, mais exigente e esnobe fica.

Nós tínhamos nossa folga no final do dia, mas ficávamos a postos o tempo inteiro caso algum contratempo surgisse.

E na segunda noite de viagem tivemos problema.

Adivinhem quem protagonizou?

Ele mesmo, Saulo.

Eu não tinha pensado naquele prepotente o dia inteirinho, provavelmente devido ao dia bitolado de trabalho, mas havia esquecido a presença dele.

Era bem possível que ele nem cruzasse o meu caminho, considerando o tamanho gigantesco do navio. Mas eu era a pessoa mais azarada do universo.

Uma hora da manhã, depois de eu e Dimitri assistirmos o segundo filme,

fomos chamados para resolver uma briga de casal em um andar de cabines.

Disse a Dimitri que ele poderia ficar, porque eu iria e depois já voltaria para o meu quarto para dormir.

Eu era responsável pela comodidade e conforto de cada passageiro. Sim, viajar pelo mundo não eram só flores, arco-íris e unicórnios. O preço era caro, cansativo e estressante. Mas fazer o que? Eu amava.

No corredor das dezenas de quartos eu já pude ouvir a gritaria.

— Você me trouxe pra ficar esfregando mulher na minha cara? Você se sente bem em reafirmar que eu sou a idiota que aceita todas as suas traições?
— Houve uma pequena pausa sem nenhuma resposta.

— Tinha que agarrar aquela vadia na minha frente, porra? Quando você vai me respeitar? É trabalhoso demais me respeitar, pelo menos em público?

E mais silêncio.

Me preparei psicologicamente e tomei coragem pra bater na porta. Dei dois toques.

— Não atenda, estou falando com você. Seja homem e responda.

A porta abriu e eu gelei ao ver o arrogante. Encarei o chão, porque fiquei em choque. Sua barriga, muito dura e musculosa por sinal, estava exposta.

— Perdão incomodá-los, mas é possível ouvi-los do elevador.

Ele me olhou, olhou e olhou.

— É necessário seguir a política do cruzeiro e respeitar o silêncio nos corredores das acomodações — expliquei mais porque o silêncio me incomodou.

— Só isso? — indagou.

— Vai me deixar falando sozinha? Vou procurar um homem que me dê a atenção que eu mereço.

A mulher parecia um furacão ao sair, mas foi impedida quando Saulo a segurou pelo braço.

— Às ordens, Srta. Gússev. — Sorriu sarcasticamente com a boca

fechada e antes mesmo de eu me retirar, agarrou a namorada na minha frente impossibilitando que ela continuasse brigando.

E ela cedeu.

Quem em sã consciência cederia pra um canalha que tinha acabado de agarrar outra mulher?

Que loucura.

Minha vontade foi de voltar correndo pro elevador, mas era a minha obrigação ser profissional em tempo integral.

— Com licença. — Assenti e dei as costas.

Liberei todo o ar preso durante a conversa mais estranha da minha vida e me vi perplexa.

Que homem insano!

Percebi que talvez a viagem não fosse tão divertida e revigorante assim.



EVELINE



Tentei focar no meu livro de cabeceira, um romance desses bem clichês, do tipo que eu adorava, mas foi em vão. Minha cabeça ainda estava repassando as situações com Saulo. Pensei em ligar para a minha irmã e contar que o cunhado maluco dela era um hóspede do cruzeiro, mas ela e Valentim ficariam totalmente preocupados e conseqüentemente me deixariam mais amedrontada.

Então decidi ligar para a minha mãe. Era gostoso ficar horas ouvindo sobre os assuntos maçantes do interior. Por exemplo o jardineiro da casa da frente que sempre levava uma flor para ela, ou o Sr. Matias que pedia mamãe em casamento toda vez que a ajudava a escolher as frutas da semana, detalhe que o velhinho era quase centenário, com seus oitenta anos de idade, e muito, mas muito apaixonado por mamãe.

Ela dizia ser feliz sozinha, mas não era convincente. Mamãe sempre foi carente de atenção e depois da minha partida para Seattle ela ficou muito sozinha, claro que sentia falta de uma companhia.

O problema é que dona Yvanna tinha todos os dedos podres para homens.

Meu pai não contava, ela não o escolheu, ele a estuprou.

Sim, sou fruto de um estupro.

Exceto o monstro do Edgar, ela teve dois homens. Um que não aceitava

o fato de mamãe trabalhar de faxineira e costureira, o outro que bebia demais e tentou agredi-la, mas foi impedido porque joguei um secador de cabelos na cabeça dele. Nós duas rimos da cena por uma semana inteira.

Posso afirmar que minha infância foi feliz, ao contrário de Mariana, tive a sorte de não ter que crescer com um pai violento e agressor. Eu e mamãe sempre fomos muito felizes e as pessoas não entendiam como, pelo fato de termos morado anos de favor ou das inúmeras vezes em que nos contentávamos com uma refeição ao decorrer do dia todo.

O segredo era que o que faltou de dinheiro, sobrou em amor.

Ela sempre foi muito carinhosa, cuidadosa e dedicada a me dar o melhor que podia. Claro que me partiu o coração todas as vezes que a vi chorar escondida por não poder me oferecer mais, mas eu não ligava. Isso me fez crescer forte e obstinada. Ela me criou da melhor forma que pode e me fez ser uma profissional de sucesso.

— Minha niña, aconteceu alguma coisa?

O apelido pelo qual Dimitri me chamava costumeiramente foi minha mãe quem deu, era simples, mas cheio de carinho vindo dos dois. Significava "menina" em espanhol.

— Te acordei?

— Não filha, mas você disse na mensagem que ia dormir.

— Eu tentei, mas estou sem sono. Pode conversar um pouquinho?

— Depende. Você e Dimitri estão namorando?

— Mamãe!

— Ué niña, você está com 25 anos. Quero que se case antes de eu morrer, e do jeito que anda estou começando a ficar preocupada...

— A boa notícia é que você é nova e saudável...

— Nunca se sabe filha! Mas pelo amor de Deus, ainda não deu uma chance pro lindo do Dimi? Você sabe que ele ama você, não sabe? Tadinho, tão gatinho. Se eu pudesse, pegaria pra criar.

— Mãe!

— Brincadeira filha. Na verdade, só é brincadeira por não ser possível ... Mas então, como estão as coisas? Está gostando? Consequindo curtir ou só ralando?

— O trabalho tá puxado, mas amanhã eu saio na hora do almoço.

— Que ótimo. Vocês estão em qual país?

— França!

— Filha, já te falei que você é muito chique?

— Hoje não.

— Você é chiquíssima!

Dei uma risadinha, ela parecia estar radiante e como sempre toda orgulhosa.

— Vamos desembarcar em *Le Havre*, uma cidade bonita no noroeste do país.

— Você traz um vinho pra mim?

— Claro, peço pra Dimitri escolher.

— Tirem bastante fotos.

— Você sabe que não gosto muito e...

— E nada, você é linda, você e Dimitri em uma foto só... Nossa senhora, que contraste lindo!

— Você é apaixonada por ele.

— Muito! Já pensou nos filhinhos que vocês teriam?

Revirei os olhos.

— Liguei também para pedir que a sra. vá visitar os pequenos. Mariana está morrendo de saudade de você.

— Ela me mandou mensagem, mandou vídeo dos pestinhas. Eles estão lindos, né? Sou apaixonada e também estou com muita saudade dos cinco!

— Então fechado.

— Fechado o que?

— Tô entrando no aplicativo de viagem aqui, vou comprar uma passagem pra sra.

— Não, minha filha. Eu tenho mil roupas para terminar, preciso entregar essa semana.

— Sem desculpas mamãe. Faz tempo que não vai para Seattle e fica sozinha aí enfurnada em casa.

— Mas e o Bombom, niña? Não tenho com quem deixar.

— Compro a passagem dele também.

— Minha filha é rica e poderosa. Não me aguento de felicidade.

Ri mais.

— Ah, mamãe! Eu adoro conversar com você.

— Então eu vou filha, mas Bombom tem que ir junto mesmo. Pobrezinho, é grudado demais em mim. E viu, compre para daqui dois ou três dias, tenho que terminar pelo menos algumas costuras.

— Certo, vou ver e te mando por mensagem.

— Amo você, se cuida, tá? E vai descansar pra aproveitar com o seu gato amanhã.

— Não é "meu" gato, mamãe.

— Deixa eu sonhar?

— Ai meu Deus! Nunca vi mais doida! Mas eu também amo a sra, viu? Se cuida também.

— Beijo niña.

Sentia que mamãe temia que eu terminasse como ela, solteira e morando sozinha.

Mas desde pequena eu organizava a minha vida e até estipulava o tempo de cumprir minhas metas. A única vez que descumpri e pulei uma etapa, deu errado. Que foi o meu namoro, foi trágico na verdade. Então voltei a seguir firmemente na direção dos meus sonhos.

Nada seria capaz de tirar o meu foco.

— Bom dia, dormiu bem?

— Fiquei um tempinho com a dona Yvanna no telefone pra esperar o sono, dormi tarde, mas consegui descansar.

— Que bom, niña. E ela está bem?

— Ótima. Comprei passagens para ela e para Bombom, Mariana e meus sobrinhos querem vê-la.

— Que maravilha! Yvanna precisa passear mesmo. E ela, ainda insistindo no nosso casamento?

— Qual deles? O seu com ela ou o meu com você?

Dimitri riu. Sentei-me em frente da sua mesa e decidi que trabalharia com ele no escritório.

— Seu chocolate. — Apontou um copinho com o queixo.

Se eu fosse menos idiota, me apaixonaria por Dimitri facilmente.

Como dizia Carlie, o londrino faltava limpar o chão com a língua pra eu passar.

— Largue isso, vamos descer. Quero te levar no restaurante que te falei.

— É aquele que tem carne de cordeiro?

— *Gigot d'agneau* — disse perfeitamente no sotaque francês.

Dimitri tinha mais tempo que eu na profissão, então conhecia cada canto da Europa. Era tão ou mais dedicado do que eu no trabalho e muito correto em tudo o que exercia.

Andamos pelas ruas históricas de *Le Havre*. Aproveitei para registrar cada parte encantadora do lugar. Tirei fotos com Dimitri também e depois fomos para o restaurante.

O almoço foi ótimo, muito saboroso e bem servido.

— Minha mãe pediu um vinho.

— Deixa comigo. — Sorriu mostrando sua fileira alinhada de dentes brancos.

— Sabe no que eu estava pensando?

— Na torta de chocolate amargo.

Ele costumava acertar tudo e em um dia comum seria isso mesmo. Eu adorava sobremesa de chocolate amargo após o almoço. Mas desta vez Dimitri errou, até porque seria surpreendido.

— Lembra que sugeri que jantássemos?

Seu semblante ficou tenso e ao mesmo tempo continha felicidade.

— No *Liebe in Essen*? — Arrastou também fluentemente o idioma alemão.

Tratava-se de um restaurante alemão que ficava dentro do navio. O ambiente calmo e romântico, decorado com velas era propício para casais. Minha ideia de aceitar surpreendeu até a mim, imagina a ele.

— Isso. Ainda estou convidada?

— Claro, niña. Hoje?

— Já que estamos de folga. — Dei de ombros e sorri.

Dimitri ficou mais falante por todo o passeio. Comprou três vinhos para a minha mãe e depois voltamos para o porto.

Acabei ajudando os funcionários a receberem todos os hóspedes que haviam descido na cidade, enquanto Dimitri fazia a contagem pelo sistema, ou seja, mesmo em período de folga nós acabávamos trabalhando.

Confesso que fiquei empolgada pelo resto do dia. Quando deu 17h eu abri a minha mala à procura de algo para vestir. O problema é que só tinham roupas sociais e vestes de inverno nela. Fiquei frustrada e fui tirando tudo na esperança de achar alguma coisa, mesmo sabendo que não havia colocado nada digno de um jantar romântico. Mas no fundinho da mala eu ouvi um barulho de sacola, era um plástico preto, que tirei e me deparei com um vestido azul escuro de mangas. Peguei o cartãozinho da loja e tinha um recado atrás, era a letra da minha irmã, escrito: "*Se caso o encontro romântico com o londrino sair... Eu sei que você não tá levando nada que preste para isso e como eu sou boazinha... Por favooooor, Eve, use!*"

Sorri e agradei mentalmente todo o cuidado que Mariana tinha comigo. Depois ligaria agradecendo direito, pois estava atrasada.

Coloquei a peça e serviu certinho, era meio solto, com babados na altura dos joelhos e mangas bem justas. Único detalhe que não gostei foi a evidência que deu aos meus seios. Troquei até de sutiã pra ver se diminuía, mas não adiantou. Coloquei minhas mechas longas do cabelo para cobri-los e melhorou. Antes de sair, passei meu perfume doce de sempre e um batom rosa clarinho. Era sempre assim, só batom e rímel.

Nos pés foi uma sandália preta tradicional, com uma tira nos dedos, seria mais básica se o salto não fosse de 15 centímetros e fino feito uma agulha. Mas eu gostei. Estava me sentindo bonita.

Tentei não reparar demais quando vi Dimitri no saguão me aguardando em frente a um elevador, mas foi impossível. Ele estava muito bem vestido, com uma camisa branca de riscas finas na vertical e uma calça social preta, um pouco acinzentada. Sim, acabei contemplando por tempo demais.

Mas ele sequer percebeu, porque ficou parado me olhando um pouco assustado. Não soube distinguir se era admiração, então fiquei insegura na hora, cruzei os braços colocando as mãos uma em cada cotovelo na frente dos meus seios.

— Vamos? — perguntei.

Ele coçou a garganta e deu o braço para que eu segurasse, dei risada.

— Não precisamos disso, você sabe. — Tentei descontrair, estava morrendo de vergonha.

— Seu salto é enorme, é melhor que segure.

— Certo.

Peguei em seu braço e olhei para o chão. Que raiva me deu por sentir minhas bochechas arderem. Cara, ele era o meu amigo, o que tinha de errado em sairmos para jantar?

Comecei a me arrepender quando entramos no elevador e o silêncio se instalou. Não éramos a droga de um casal se conhecendo, éramos amigos! Que tensão era aquela?

— Dimi, podemos ir em outro lugar também. Tem a hamburgueria do lado daquele bar e...

— Eveline, você está linda demais pra ir em um restaurante qualquer.

Engoli minha saliva e com dificuldade levantei a cabeça para fitá-lo.

— É que somos amigos e lá é mais casal, não acha?

Ele tentou disfarçar a respiração mais funda, mas eu notei. Pegou na minha mão, acariciou e então a beijou. Fiquei mais tensa ainda.

— Posso te pedir uma coisa, niña?

— Peça.

— Não quero que se preocupe com nada, sou o mesmo cara que trabalha com você todos os dias e adora a sua companhia. Só quero que relaxe, tudo bem?

Resgatei o fio de voz que me restou e respondi:

— Tudo bem.

Como éramos funcionários contratados para o cruzeiro, Dimitri conseguiu uma reserva de última hora. O restaurante era realmente tudo o que meu amigo havia descrito, muito requintado, com um clima superagradável e bastante confortável.

Peguei o cardápio e Dimitri também. Ele logo pediu um vinho para nós dois e saladas de entrada.

Tirei da minha cabeça dura toda a tensão de minutos antes e relaxei. Era exatamente o que ele disse, não éramos dois estranhos, nos conhecíamos há anos e nos dávamos bem. Eu não tinha que ficar preocupada.

Mas não precisava soltar o comentário que veio logo em seguida dos meus pensamentos:

— Você está mesmo linda, Eve.

Sorri toda sem graça e disfarcei arrumando o guardanapo de pano nas minhas coxas.

— E suas bochechas te traem muito.

— Eu sei, odeio elas — continuei, sem ter contato visual.

— Não precisa ficar envergonhada, é só um elogio.

— Você também...

Ele mexeu a cabeça e me encarou com um sorrisinho travesso:

— Também... — me desafiou.

Revirei os olhos e dei risada.

— Também está lindo, Dimitri.

— Olha só, primeiro elogio.

— Claro que não, eu...

— Você elogia o meu trabalho.

— Não é o suficiente? — Franzi as sobrancelhas e ele continuou sorrindo sem deixar de me observar.

Brindamos quando o vinho foi servido e degustamos calmamente o sabor delicioso da bebida. Nossas entradas chegaram e comemos enquanto conversávamos sobre banalidades. Depois Dimitri pediu bifes com batatas rústicas e eu optei por uma massa com molho branco e ervas finas.

Estava tudo muito gostoso, até mesmo o papo que fluía sem qualquer embaraço. Ele fez questão de pagar a conta após bebermos a última taça do vinho.

Por um lado, o alívio apareceu. Eu ia voltar para o meu quarto e dormir, por outro, queria passar mais tempo com ele, a conversa estava boa e as risadas aumentavam todo tempo, não sei se por causa do vinho ou porque Dimitri era realmente engraçado quando queria.

— Quer ir ao convés?

— Olhar as estrelas? — brinquei.

— E a lua.

— Que romântico. — Pisquei diversas vezes meus olhos e ele apertou a ponta do meu nariz. — Vamos.

Novamente Dimitri me ofereceu o braço, que enganchei para me apoiar e fomos até o pavimento principal do navio, onde tinha um deck para admirar o céu e o mar. Só havia nós dois, já que as pessoas, após encerrarem o jantar, costumavam aproveitar as noites nas baladas ou bebendo todas nos bares.

Eu e Dimitri não podíamos nem pensar em encher a cara de álcool, pois

trabalhávamos cedo no dia seguinte.

— Olha que linda e enorme aquela. — Ele apontou uma estrela bem brilhante.

— Achei um pouco solitária.

Dimitri tirou os braços de baixo da cabeça e apoiou o rosto com a mão direita para poder me olhar, estávamos deitados. Eu achava as íris negras dele tão bonitas, típicos olhos que sorriem. Sem contar que eram exatamente da cor da sua pele, uma combinação perfeita.

Virei meu rosto e dei um sorrisinho.

— Você nunca vai me contar o que o idiota do seu ex-namorado fez pra te deixar assim?

— Como sabe que ele é idiota? — Acabei rindo.

— É fácil, se você não gosta dele, eu também não gosto.

— Hum...

— Não fuja. Por que não me conta?

— Me deixar assim? Como?

— Não sei, Eve, talvez presa a si. Você falou que a estrela é solitária, mas...

— Você me acha solitária? — Ergui uma sobrancelha, um pouco incomodada com o comentário.

— Eve, nos conhecemos há três anos e nunca te vi com ninguém.

— Também nunca te vi com ninguém. — Tentei inverter.

Ele ficou quieto e alternou o olhar para o céu.

Não entendi. Eu o tinha ofendido? Só apontei o que ele também me apontou.

— Desculpa, falei algo errado?

— Você não faz ideia do porquê estou sozinho há três anos?

Por que entramos nesse infeliz assunto? Droga! Dimitri ia falar pela

primeira vez do fatídico dia em que bebi além da conta e falei tudo o que eu pensava dele.

— Você disse tudo aquilo só por ter bebido?

— Dimi, não acho confortável relembrarmos. — Me sentei e ele fez o mesmo.

— Niña, eu preciso saber. Por que me beijou?

— Nós nos demos bem desde o primeiro dia de trabalho... Já tinha quatro meses que almoçávamos e jantávamos juntos. Aquele dia eu queria extravasar, estava estressada, bebi demais e acabei te beijando. Não quero que ache que você só merece isso de mim, mas eu só tive aquela coragem por causa do álcool.

— Quase passamos a noite juntos e você disse coisas que...

— Não, Dimitri. Não vamos falar disso.

— Disse que eu seria um homem que você namoraria, casaria e teria filhos.

Escondi meu rosto com as mãos e balancei a cabeça.

— Era mentira?

— Dimitri.

— Eve, você pode confiar em mim pra qualquer coisa.

— Eu nunca minto.

Tirei minhas mãos do rosto para poder olhá-lo e... O que eu tinha acabado de falar?

— Eu te admiro muito, no trabalho, com os seus sobrinhos, com o seu pai.

— E como homem?

— Isto é errado. — Apoiei a mão no chão para me levantar, mas ele segurou o meu braço. — Eu preciso ir porque senão isto vai dar errado.

— Isto o que?

— Eu vou para o quarto.

— Fique e me explique!

Respirei fundo e me sentei, tentando controlar a vontade de beijá-lo pela segunda vez. Umedeci a minha boca e olhei na direção infinita do mar.

— Você me conhece, sabe que tenho problema com timidez. Falar sobre aquele dia me faz sentir uma vergonha horrível, mas lembrei do nosso beijo. — Por que era tão difícil expressar minhas vontades? — Me conhecendo, você sabe quais são os meus objetivos na vida. Não vou ser uma pessoa solitária, eu escolhi esse tempo para mim, para crescer profissionalmente, para conhecer todos os lugares do mundo, para dar uma vida boa à minha mãe, você sabe Dimi. Eu não quero nada que me tire o foco, não agora.

Ele ficou quieto, parecia processar ou pensar como me responderia.

— O que você não percebeu niña, é que estamos fazendo tudo isso juntos. Nunca vou tirar seu foco, eu desejo o seu sucesso tanto quanto você.

Nos encaramos por longos segundos. Ele tinha razão. Dimitri não me atrapalhava em nada, pelo contrário, era uma fonte de experiência sobre o trabalho e o mundo. Era inteligente, bem-sucedido, gentil demais e muito paciente. Um homem maduro que cuidava do pai com alzheimer e ajudava a irmã a sustentar os dois sobrinhos. Por que não?

— Você pode me beijar desta vez? Não quero ser acusada futuramente. — Brinquei, fazendo sua boca rasgar em um sorriso grande.

Com carinho e calma ele me beijou, foi um beijo sereno e afetuoso. A língua dele buscou explorar minha boca, seus dentes prenderam o meu lábio inferior e após dar uma leve sugada, ele soltou minha boca e beijou o canto dela. Sua mão permaneceu na minha nuca, deixei meu nariz encostado na bochecha dele por mais alguns segundos, enquanto tentava digerir o que tínhamos acabado de fazer.

Dimitri quis mais, então pegou na minha cintura e me apertou junto dele. Com um pouco mais de força, o londrino puxou a minha nuca e uniu nossos lábios. Este foi mais sedento, mais intenso e me deixaria sem ar, se não tivéssemos sido interrompidos por palmas escandalosas.

Fechei meus olhos com medo de quem poderia ser, e por tamanha grosseria eu logo relacionei a atitude ao crápula do Saulo. E infelizmente acertei.

— Há quem diga que se apaixonar por santinhas é um caminho cheio de obstáculos. — A energia dele era sempre pesada, carregada de presunção.

Ele carregava uma garrafa quase vazia de uísque e um cigarro na mesma mão. Estava claramente embriagado. Dimitri ignorou, se levantou e me estendeu a mão.

Saulo tropeçou para subir o último degrau do deck e então Dimitri se prontificou a ajudá-lo.

— O sr. precisa que eu o leve até sua cabine?

— Não vou interromper a noite do casal. Mas posso te dar um conselho? — Cambaleou e então segurou no ferro do parapeito. — Faça o homem mau, essas mais quietinhas adoram uma putaria depravada na cama.

Me concentrei na minha própria respiração para não entrar na pilha daquele louco.

— Vamos, Dimitri — pedi baixo próximo ao ouvido dele.

Ele tragou quase até o filtro do cigarro e então jogou no chão. Dimitri fez questão de tirar e jogar no cinzeiro mais próximo.

— Desculpa se te ofendi, Eveline. — Saulo dissimulou um sorriso. — É que essas coisas costumam vir do sangue. Sua irmã... nossa, aquela ali adorava apanhar.

— Seis anos na prisão não foram o suficiente pra você crescer, Saulo?

Fiquei irada com a forma como ele expôs Mariana.

— Brava, né? — Direcionou-se a Dimitri que mais uma vez o ignorou.

Nós o deixamos falando sozinho, e no caminho de volta para os nossos quartos Dimitri disse:

— Preciso pedir a última coisa da noite. Eu gostaria que você não se envolvesse nos problemas futuros que esse cara causar no navio.

— Ele está dando trabalho.

— Sim e prefiro que eu cuide. Não gostei do jeito explícito e ofensivo que ele te tratou e falou da sua irmã. Te aconselho a manter distância. Eu posso tratar de tudo que o envolva daqui pra frente.

— Certo — concordei e ganhei um beijo na testa.

Senti o carinho que Dimitri fez com as pontas dos dedos no meu pescoço e nos abraçamos.

— Obrigada pela noite.

— Exceto a idiotice no final, a noite foi maravilhosa, niña.

Encostamos nossos lábios por um tempinho para nos despedirmos e então Dimitri entrou no elevador para ir até o andar de seu quarto. Estava chegando na porta da minha cabine quando ouvi barulho de vidro se espatifando, em seguida o outro elevador abriu e lá estava ele, com as mãos levantadas após derrubar a garrafa de uísque, além de um cigarro aceso em uma delas. Corri para tirar dele e apagá-lo.

— É proibido fumar nas áreas internas, Saulo.

Olhei a nossa volta e senti meu corpo todo enrijecer em fração de segundos por ver o corredor deserto.

— O que você quer?

Ele sorriu. O homem parecia estar possuído o tempo inteiro.

— Bom, eu posso ser gentil para pedir o que eu preciso ou se você não colaborar terei que ser eu mesmo. — Saulo passou a mão pela barba escura e continuou me olhando.

— O que você quer?

— Não podemos conversar aqui. Preciso de privacidade.

— Diga. Não vou a lugar nenhum com você.

— Digamos que é de cunho criminoso.

— Esqueça, Saulo. — Dei as costas. — Nem sei porque parei pra ouvir suas baboseiras.

Destranquei a porta e entrei, quando fui fechá-la ele impediu com força, usando sua mão, que deveria ser do tamanho do meu rosto.

— Você escolhe, obedecer ou viver o próprio inferno nesse navio.



04

SAULO



Frequentemente a sensação de ter minha cama em chamas no meio da madrugada me fazia acordar. Suava como no dia em que escapei do maldito incêndio "acidental" que presenciei quando moleque. Com o tempo havia aprendido a lidar com os pesadelos tormentosos que me privaram de um sono normal. Confesso que passar noites em claro me tornava um indivíduo ainda mais irritado.

O difícil era encontrar distrações toda maldita madrugada. Na prisão, eu costumava arquitetar e no papel traçar os planos de vingança no qual a presa era Marco Sartori, o segundo maior responsável por destruir minha família. O primeiro felizmente estava morto. Meu querido pai sofreu um infarto quando soube dos vastos desvios financeiros do hospital em que era diretor e dono.

Foram meses de sofrimento e readaptação para os meus "irmãos", para a velha, esposa dele e para os milhares de funcionários daquele lugar.

Para mim ele foi tarde.

— Onde vai, meu amor? — Alma levantou apenas o rosto e abriu os olhos vagarosamente.

— Monteiro me enviou uma mensagem. Volte a dormir.

Ela resmungou e puxou o lençol da imensa cama da suíte que estávamos hospedados.

Monteiro não falou comigo durante todo o dia, estava ocupado demais executando minhas ordens.

Lavei meu rosto com água gelada para acabar com as gotas quentes que escorriam, sequei com a toalha e me analisei no espelho. Olheiras escuras e olhos verdes cada vez mais fundos, consequentes da insônia, era o que predominava.

A ressaca que martelava minha cabeça e o mal-estar revirando meu estômago me avisaram que eu deveria buscar uma dose em algum bar, e então acatei ao pedido. Peguei meu laptop e saí.

Sentado no balcão de frente às imensas prateleiras de bebida, enxerguei cabelos laranjas mais curtos do que os que vi mais cedo, mas foi impossível não lembrar da irmã da ex-prostituta que trepava comigo. Precisava saber se ela tinha me obedecido.

A garota era claramente medrosa. Lembrei-me de seus olhos arregalados ao escutar o que deveria fazer, para recompensar o que me obrigou a presenciar com o babaca apaixonado. Por que fez parecer tão absurdo? Era só uma troca de favores. Ela me ajudava em troca do meu silêncio.

Arrisquei ligar para o celular de Eveline, mesmo que houvesse grandes chances dela estar dormindo. Mas o fato é que eu estava ansioso e foda-se acordá-la para cessar minha ansiedade. A surpresa foi que ela atendeu na primeira chamada.

— Você disse que não ligaria. O que quer agora, Saulo?

— Garota, quando vai começar a me chamar de Santiago?

— Quando seu nome for Santiago.

Dei um gole no uísque e peguei um cigarro no bolso interno da minha jaqueta.

— Fez o que eu mandei? — Acendi a nicotina e traguei.

— Você não tem mais o que fazer além de me ligar a esta hora? Combinamos que nos falaríamos amanhã.

— Não sigo muito os combinados quando a ansiedade bate. Estou acordado, você está acordada e já que seu tempo é inútil, poderia me responder?

— Onde você está?

Olhei para os lados porque tinha entrado sem sequer reparar o nome do lugar, então vi na camisa de um empregado e a informei. Ela desligou, o que deu a entender que me encontraria.

Pedi a segunda dose e terminei meu cigarro. Afastei o copo da boca quando senti um toque leve no ombro direito. Virei a banquetta e meus olhos encontraram a garota sardenta, bons centímetros mais baixa, coberta por um sobretudo preto até os pés.

— Entregue. — Ela deixou o micro cartão de memória na palma da minha mão.

— Conseguiu?

— Fiz o que você pediu.

— Serviço rápido, Eveline. — Sorri ao notar sua seriedade esculpida.

— Estou aqui a trabalho, Saulo. Eu fiz o que você pediu, agora me deixa em paz.

Ignorei a mulher quando vi as imagens da câmera que pedi que fosse instalada, junto da escuta no quarto de Marco Sartori. Eveline simulou uma checagem de acomodação no quarto do homem, e como uma perfeita espiã a garota colocou os dois micro aparelhos em um lugar que me oferecesse nitidez.

Só que não foi sua agilidade que me chamou a atenção, mas sim a forma em que ele a comeu com os olhos.

— Eveline.

Percebi que minha voz saiu alta demais quando olhei a garota assustada me encarando. Ela olhou para as pessoas do bar e depois me repreendeu.

Desci da banquetta quando a vi dar as costas novamente. Peguei o laptop, deixei as notas pra pagar a bebida no balcão e fui atrás dela. Agarrei seu braço e então saímos do bar.

— Encontre Marco em um bar amanhã.

— O que está fazendo? — Tentou desvencilhar-se da minha mão em seu braço.

— Ele está frequentando o mesmo bar desde o primeiro dia. Vá até o

lugar e faça-o te convidar para alguma coisa.

Ela parou e me fez soltá-la, eu nem percebi que ainda a segurava.

— Do que está falando? Quem é este homem? Por que você mesmo não chega nele e fala: *Oi cara, tudo bem?*

Sua inocência me fez rir à beça, mas Eveline continuou me encarando séria.

Coloquei meus braços nas laterais da sua cabeça, encostando minhas mãos na parede.

— Faça o que estou mandando. Faça-o te convidar para alguma coisa, você terá que dizer que encontrará seus amigos. Escolho um lugar para amanhã, e você o levará ao meu encontro.

— Por que eu, Saulo? Quem é ele? Por que não pode simplesmente puxar um assunto normal com as pessoas?

— Se você fizer, eu te conto o possível.

Ela pensou, desencostou da parede e me empurrou.

— A resposta é NÃO. Suas loucuras não me interessam.

Juro que tentava agir com bondade, mas as pessoas não contribuía!

— *Elijah Stein.*

A garota ruiva reabriu a porta de seu quarto e me deu atenção.

— Sou um velho amigo do seu chefe. Entendemos do mesmo ramo, participamos dos mesmos leilões de hotéis. Sou cliente dele, comprei 7 hotéis. Elijah frequenta a minha casa, também realiza reuniões para pedir conselhos meus, acredita? Somos bons parceiros.

— Você está mentindo — Eveline respondeu um tempo depois com a voz baixa.

— Dono de uma rede composta por 65 hotéis, sendo eles espalhados pela Europa e América e 3 resorts. Casado com Samanta Stein, pai do Esteve Stein e dos gêmeos Ryan e Rebeca Stein. — Me aproximei da porta. — Sei que Elijah nunca gostou de relacionamentos no trabalho. Imagina só se ele sabe que uma empregada imprestável se achou no direito de me destratar na

recepção deste cruzeiro? Você se acha superior por mandar nos outros soldadinhos de merda dos hotéis dele? Ou por que está trepando com o seu chefe?

— Dimitri não é o meu chefe.

— Era, tanto faz. — Dei os ombros. — Faça o que eu disse.

Eveline fechou os olhos e comprimiu os lábios finos antes de me responder:

— O que me garante que será sua última chantagem?

— Tenho palavra, garota.

— Não te conheço, Saulo.

— Nem eu te conheço, Eveline.

— Confiarei na sua palavra. Vou tentar, repito, TENTAR amanhã.

— Tenho todas as cartas na manga. Então acho bom que consiga, não quero te fazer perder seu emprego dos sonhos.

Não ouvi mais nenhuma palavra, ela me deixou no corredor e bateu a porta. Fiquei parado por mais alguns segundos pensando na conversa e encontrei o cartão da cabine de Eveline no chão. Abri a porta e vi a luz do banheiro acesa, pude enxergar a ruiva debruçada na pia, com a cabeça baixa e a respiração ofegante.

— Deixou o cartão cair.

A garota assentiu e virou o rosto para me olhar.

— Saia do meu quarto, por favor.

— Por que essas lágrimas?

Admito que assustei quando algumas lágrimas caíram dos olhos que, naquele instante estavam azuis.

— E importa? Você é louco.

— Tem razão, não importa. Mas se te conforta, estou nesta por uma boa causa. Depois de amanhã não precisarei mais de você.

— O que aquele homem fez pra você? Por que não pode conhecê-lo

sozinho?

— Marco não é um homem bom, Eveline. E pra piorar é inteligente. Não quero que haja qualquer desconfiança, por isso preciso de uma isca.

— E eu sou a isca, certo?

— Olha só, você também é inteligente.

A mulher saiu do banheiro e deu uma volta pelo quarto enquanto trançava as mechas laranja e onduladas.

— Está me colocando em risco, Saulo?

— Nenhum.

— O que me garante? Não nos conhecemos, mas sei que sempre foi uma pessoa egoísta.

— Sua irmã te contou, foi? — A lembrança de Mariana sem roupa e de quatro arrebitada para mim me fez sorrir.

— O que me garante que não está me pondo em risco? — E os dedos rápidos na trança estavam me deixando zozinho. — O que garante que você não vai me matar ou que liga caso este homem estranho decida me matar?

Tive que rir. O quão dramática ela poderia ser?

— Não sou um assassino e cuidarei de qualquer desvio de roteiro.

Matar pessoas ruins não me qualificava como assassino, não é?

Ela não disse mais nada por minutos.

— Estarei livre a partir das 19h amanhã.

— Ótimo. — Encostei em suas mãos para que parasse aquele penteado horrível no cabelo. — Use algo sei lá... Mais curto — orientei.

— Você é louco mesmo, Saulo.

— Um vestido vermelho justo atrai qualquer velho nojento. Quer que eu pegue um da Alma?

— Quero que saia do meu quarto.

Ela indicou o corredor com a mão e então eu saí.

Peguei meu telefone e disquei o número de Adam.

— Me encontre no convés.

— Agora mesmo.

Fui até o último andar do navio e encostei próximo ao parapeito. Acendi um cigarro e esperei Monteiro aparecer. Aproveitei para pegar o copo cheio em sua mão e dei uns goles antes de contar todo o plano que seria colocado em prática no dia seguinte. Conversamos até o sol nascer e incomodar o suficiente para voltamos aos respectivos quartos.

— Bom dia, meu gostoso. — Senti os beijos e vi as unhas vermelhas em meus ombros. — Que delícia. — Ela se espreguiçou. — Dormi muito.

Continuei calado.

— Você pode me foder um pouquinho antes do almoço?

— Vai para o chuveiro, vou em seguida.

A mulher se levantou agitada e correu para o banheiro. Tirei minha roupa e entrei no box atrás dela, segurei seus cabelos molhados e tracei uma linha de beijos e mordidas em sua pele.

— Passaria o dia todinho sendo fodida por você, sabia? — sussurrou estremecendo e girando o pescoço para que eu beijasse o outro lado.

Depois nos beijamos, enquanto ela deslizava a mão por todo o meu corpo. Ela se afastou e me olhou irada, eu sabia o porquê, só não sabia o motivo.

— Perdeu o tesão ou comeu outra enquanto eu dormia?

— Não comece com suas crises.

— Por que seu pau não fica duro então?

Terminei meu banho desconsiderando a presença dela.

— Alguma das duas coisas e eu quero saber. Não te dou mais tesão, ou trepou com outra a noite inteira que nem consegue ficar de pau duro pra mim? — Coloquei minha camiseta e uma bermuda para aproveitar o dia que a cada hora ficava mais quente e senti meu corpo ferver quando ouvi o grito histérico da filha da puta: — ME RESPONDA! Estou falando com você!

— Fique o dia inteiro bem longe de mim. Não quero olhar pra você ou ouvir essa sua voz insuportável.

— Você é bipolar, bi-po-lar!

— Suma da minha frente.

Com o queixo ainda empinado ela pegou a bolsa grande, um chapéu maior ainda e se retirou vestida em uma saída de praia amarela da cor de seus cabelos.

Respirei aliviado quando o abençoado silêncio se instalou.

Não sabia porque minha cabeça debaixo tinha falhado. Provavelmente estava cansando de Alma e seus chilikues diários. Ela era bonita, tetas grandes, bunda maior ainda, o famoso corpo de ampulheta, e para completar tinha o rosto harmônico, olhos azuis, nariz fino, boca carnuda, tudo conforme o meu gosto. Mas era um tanque de histeria. Rasa feito poça d'água.

— Parece tenso, Aghliari — Monteiro zombou do meu sobrenome.

Olhei a hora no meu pulso e soltei o ar dos meus pulmões.

— Faltam três horas.

— Você acha que a menina vai conseguir?

— O velho estava a um passo de agarrar a garota.

— Onde você a encontrou? Quem é ela?

— Eveline, irmã de Mariana.

— Mariana? Mulher do seu irmão?

— Isso.

— Não vai se meter em merda por colocar a garota no esquema?

— Foda-se, Monteiro. Marco está doido pra enfiar o pau enrugado dele na ruiva, o que facilita pra mim.

— Fiquei curioso, chefe. Me mostra a beldade.

— Nada demais, Monteiro. Magrela, cambitinhos, rosto de criança coberto de sardas e cabelo laranja.

Entreguei o celular para Adam e esperei que ele visse Eveline.

— Perderia meia hora com ela.

— Perderia a vida toda, chefe. Mulher linda do caralho.

— Mulher? Garota feia da porra.

Monteiro negou com a cabeça e viu mais uma foto no perfil da rede social de Eveline.

— Ela estava no saguão os dois primeiros dias. Muito bonita Sr. Aghiliari. Marco vai se dar bem.



05

SAULO



Eles apareceram perto das 22:00 horas. Eu estava puto com o atraso de Eveline, porque com certeza havia sido proposital. Ela e o meu inimigo Marco, sentaram-se nas cadeiras da frente e nos cumprimentaram. Entreolhei Monteiro nitidamente apreensivo, aquela vadia não fazia questão de sequer fingir que éramos realmente amigos. Só nos apresentou e ficou muda, fazendo seu papel de inútil com sucesso.

O problema é que a garota infantil não fazia ideia do buraco que estava metida desde que cedeu à chantagem de convencer o velho a acompanhá-la. Eu não era nem de longe uma pessoa tragável, íntegro ou amigo da moral, mas Marco Sartori podia dar aula pro demônio sobre como gerir o inferno.

Aquele velho era ruim, fazia parte de um comércio clandestino de mulheres, aliás, meninas ainda crianças. Ele as traficava para os quatro cantos do mundo. Eu sabia que seu rabo era atolado de merda. Apesar da ciência dos crimes mais sujos cometidos por ele, o poder era capaz de protegê-lo de qualquer punição. O homem possuía montanhas de milhões investidos em vários países a fora.

— Demoraram — Monteiro comentou com um sorriso que eu sabia ser falso. — Querem nos acompanhar no uísque?

— Ótima sugestão — o doente asqueroso proferiu e então olhou para a mulher ruiva sentada ao seu lado. — Você toma uísque, bonequinha?

Bonequinha?

A bile me subiu na garganta.

— Trabalho cedo, então prefiro um suco.

— Quem sabe um vinho? — ele insistiu.

Senti uma cutucada de Monteiro no meu pé, olhei para o meu parceiro e franzi o olhar questionando-o.

Sabia do que se tratava. Desde que Marco sentou-se na minha frente eu fiquei paralisado.

Marco me roubou algo muito precioso e que me pertencia. E eu estava disposto a ir até o fim do mundo para recuperar.

Ele me viu quando moleque, sem dúvidas não lembraria de mim. A certeza era também baseada no fato de eu não possuir o sobrenome de Jackson, meu pai. Talvez até se me apresentasse com o verdadeiro nome, ele não assimilaria. Contudo, preferi manter a falsa identidade de Santiago Aghliari.

— Eveline me convenceu a acompanhá-la no jantar. É impossível negar algo a uma mulher linda como essa, não? — Sorriu ao admirar a ruiva desconfortável ao seu lado.

— Não é casado? — Alma perguntou descaradamente.

— Entrei para o mundo dos coroas divorciados, graças ao bom Deus.

Mentiroso. Era casado.

Alma riu.

— Não entendo porquê vocês homens detestam tanto casamento. Santiago mesmo, foge de um anel mais que o diabo foge da cruz.

Bastou para eu saber que Alma estava embriagada, mas a abertura de conversa fez com que Marco se sentisse mais à vontade.

— Vocês também moram em Seattle?

— Nos mudamos para Dublin, devido aos negócios — expliquei.

— Longinho, não é?

— Somente em eventos encontramos a Eve e quando precisamos do trabalho dela — o respondi novamente.

— Você é formada em o que mesmo, querida? — O velho se dirigiu à garota.

— Hotelaria, mas tenho outros cursos de gestão.

— Interessante. Viaja bastante então? — O vi encher mais a taça dela de vinho.

— Um pouco — respondeu baixo com modéstia.

— Como escolheu essa formação tão... — Alma ia destilar sua arrogância quando Monteiro a interrompeu...

— Tão diferente?

— Bom, tenho vinte e cinco anos e conheço os seis continentes. Contando com a América do Sul, Central e do Norte.

— Mas América do Sul, América Central e do Norte não são continentes. — A mulher loira enciumada com a presença de outra fêmea na mesa quis inferiorizá-la. Era típico de Alma.

— São subcontinentes. O que eu quis dizer é que conheço bastante do mundo e que sou feliz com a minha profissão. — Se fosse qualquer outra, teria sido mais grosseira. Mas Eveline justificou calmamente e consequentemente Alma ficou quieta.

— Tenho alguns negócios espalhados por aí. Posso ser uma boa companhia para suas viagens, bonequinha. — O sotaque russo ficou evidente no momento em que ele pronunciou o apelidinho hediondo à Eveline.

Eu sabia porque a garota ruiva havia chamado sua atenção, sabia do desejo doentio por meninas novas, com no mínimo a metade de sua idade. Eu disse no mínimo.

— Você é da Rússia, Marco?

Eu sabia que sim.

— Sim. Passei bons anos nos Estados Unidos, mas voltei para São Petersburgo.

Eu também sabia disto.

Só precisávamos socializar, estabelecer amizade aos poucos para que eu

ganhasse a confiança do maldito. Seria um caminho árduo, tinha ciência disto. Mas reuni forças e o necessário ao decorrer dos anos.

— Cidade bonita. Tenho um hotel próximo ao *Hermitage*.

— *Dankov*?— Sartori perguntou.

— Este mesmo. Não o frequento porque outros negócios ocupam meu tempo, mas é um bom hotel.

— Um dos melhores de Petersburgo, Santiago. — Seu sorriso amarelado me fez fechar os punhos.

— Agradeço.

— Não é nenhuma gentileza. Ficarei contente em vê-los na minha cidade.

O velho olhou para Eveline e eu fiz o mesmo. Ela estava com o celular próximo às pernas, notei pela luz que refletia em seu rosto sardento.

— Meu amor — Alma pegou em meu braço — vou pedir uma tequila. Está a fim?

— Continuarei no uísque.

Ela levantou a mão para que um garçom se aproximasse.

Voltei a analisar a situação entre Marco e Eveline. A garota se explicava falando que tinha que se retirar por um momento para atender uma ligação. Parecia nervosa e eu notei o delírio de Marco ao observá-la de costas, dos pés à cabeça.

— Uma graça. Vocês a conhecem há muito tempo?

— A conheci primeiro, em uma viagem — Monteiro respondeu antes que houvesse qualquer desencontro de informação. — Então a levei em uma festa de Santiago. Tem uns anos.

— A srta. a conheceu faz pouco? — A pergunta desconfiada para Alma foi devido a imbecil ter falado como se a profissão de Eveline fosse algo nunca comentado.

— Hoje, aliás, no primeiro dia ela quase barrou Sau... Santiago, porque ele...

Cravei os dedos na perna desnuda de Alma e apertei para que ela fechasse a boca.

— Foi uma brincadeira da Eve. Fazia tempo que não nos víamos. Eu e Alma namoramos há dois ou três meses. — Dei de ombros tranquilamente e Marco sorriu.

Podia até se fazer de desentendido, mas se ele chegou onde chegou, era porque se tratava de um homem meticoloso, calculista e inteligente. Porém, o que ele jamais imaginava é que eu o estudei ao longo da minha vida inteira. Estava treinado a não dar um passo em falso sequer.

Sabia onde estava pisando e como deveria pisar.

Raramente eu controlava a quantidade de álcool, mas o meu objetivo só seria alcançado se tudo fosse feito sobriamente. O que estava em jogo era muito mais importante do que o meu fodido vício.

Mas ao contrário da minha consciência, todos da mesa continuaram bebendo doses de bebidas fortes, até mesmo na hora que serviram nossos pratos. Exceto Eveline que hora ou outra dava bicadas leves no seu vinho. A garota ruiva parecia apreensiva ao lado daquele velho nojento. E por um momento fiquei preocupado em como seria o desfecho da noite da irmã de Mariana.

Logo a preocupação passou. A mulher poderia muito bem cuidar do próprio rabo.

— Ficou maluca, sua idiota? Olha o que você fez com o meu vestido. — Alma levantou furiosa quando Eveline acidentalmente virou o líquido vermelho intenso da taça, e respingou no vestido perolado dela.

Olhei para a mão da ruiva que pedia desculpas, tremendo e nervosa. Então analisei a cena e captei o possível motivo da tensão.

— Me desculpa, Alma. Desculpa, gente. Garçon! — Ela levantou a mão. — Por favor. — Então passou a mão pelo rosto, limpando um suor realmente existente em sua testa.

Não era possível que a mão de Marco na coxa parcialmente nua dela havia causado tanto nervoso.

— Meu Deus, molhei tudo. Me desculpem.

— Você é uma idiota, não sei porque me obrigou a jantar com essa caipira. — Alma esbravejou ainda passando a mão pelo tecido claro do vestido. — Saulo, olha o que ela fez!

Maldita vadia filha da puta! Ela queria me foder até o talo?

Reparei em Sartori e felizmente sua atenção estava na ruiva.

— Fica calma, Eveline. Estamos bebendo faz horas, essas coisas acontecem. — Monteiro se prontificou a ajudar o garçom.

O velho passou a mão sobre os peitos da ruiva onde o vinho tinha sujado, ela se afastou abruptamente e só naquele momento seus olhos cruzaram os meus.

Pela segunda vez em menos de um dia eu a vi com lágrimas contidas nos olhos. Só que desta vez fiquei irritado. Cravamos nossas íris por um tempo que parecia eterno, e então ela umedeceu a boca para falar:

— Vou me retirar. Trabalho cedo. Peço desculpa, Alma. Temos uma lavanderia ótima aqui no navio, me disponho a recolher o seu vestido quando quiser, para deixá-lo sem nenhuma mancha.

— Ficou maluca? Você é uma desastrada sem noção!

— Cala a boca, Alma. A garota te pediu desculpa. Pode parar de destilar seu veneno? — A encarei com raiva, fazendo-a se calar.

Mas que merda de mulher chata e sem educação.

De novo ganhei o olhar de Eveline e ela assentiu com a cabeça em sinal de agradecimento.

Não foi por ela. Só não estava aguentando a língua peçonhenta de Alma.

— Essas coisas realmente acontecem, fique tranquila bonequinha. — Marco tocou o queixo de Eveline, que estava longos vinte centímetros abaixo dele. — Peço licença, vou acompanhá-la até o quarto.

— N-n-não precisa — gaguejou. Até um cego notaria a recusa por aquele velho imundo. Mas o infeliz insistiu.

— Eu faço questão. — A vontade de quebrar aquele sorriso amarelo cresceu dentro de mim quando ele passou o polegar na boca fina da garota.

Ela recuou e nos olhou claramente agitada.

— Tenham uma boa noite. — Depois de desejar, Eveline se retirou.

Observei Marco a seguindo e pelo seu nível de álcool vi que poderia estar colocando Eveline em risco.

Não era preocupação, entretanto eu não tinha o direito de foder a pobre da garota.

— Monteiro, leve essa puta para o quarto — falei baixo para ele. — E agilize a volta dela. Não quero arriscar tudo por uma vagabunda.

— Não é melhor vocês conversarem antes?

— Conversar o meu pau no seu cu, Adam. Manda a porra da mulher pra longe, pra ontem!

— Ela vai ficar relutante, parece que não conhece a desgraça.

— Se der chilique você sabe o que falar.

— Certo.

— Tiro os investimentos das merdas das empresas falidas do pai dela amanhã mesmo.

— Você é do mal cara.

— Vai se foder, Adam.

— Posso foder então? — Ele olhou diretamente para a bunda avantajada de Alma. A mulher estava em pé, na frente do balcão de destilados.

— É um favor que você faz.

— Por isso sou seu fã, chefe.

Toquei o ombro de Monteiro antes de sair para ir atrás do velho bêbado e abusador.

Quando saí do elevador no andar da suíte foi possível ouvir o desespero da garota.



06

EVELINE



Eu não podia gritar para pedir ajuda. Primeiro porque estava morrendo de medo, segundo porque estava no meu ambiente de trabalho lidando com um homem extremamente rico e poderoso, que poderia tirar o meu emprego num piscar de olhos.

Ele e a situação me encurralaram. Já tinha deixado claro que queria entrar no meu quarto para dormir, mas Marco muito insistente continuou investindo com beijos pelo meu pescoço. Eu não queria aquilo de jeito nenhum! Ele fedia muito a cigarro e bebida. Estava ficando enojada e tremia mais a cada segundo.

Cheguei a pensar que me ocorreria o mesmo que com mamãe.

Seria uma humilhação ter esperado 25 anos, com meta de ter a minha primeira vez somente quando me casasse e simplesmente por ironia do destino isso me fosse arrancado por uma violência.

— Marco, tenha calma. Eu não quero apressar. — Pulei para as tentativas de acalmá-lo. Em vão.

Estava entretida na minha reza, mantendo meus olhos fechados enquanto meus punhos estavam presos com suas mãos fortes na parede.

— É só relaxar, bonequinha. — Cheirou o meu pescoço. — Seu cheiro de menina é delicioso, sabia?

— Eu quero que o sr. pare, estou pedindo.

— Não estamos fazendo nada que você nunca tenha feito. É só

relaxar... — repetiu baixo.

Ele estava enganado, droga! Eu estava dizendo não, mas ele continuava insistindo. Será que não sentia a ausência de reciprocidade? Que eu não queria beijá-lo ou fazer coisas que sua mente com certeza divagava?

Tentei empurrá-lo, mas além de forte o homem estava muito embriagado, então riu e continuou persistindo. Mordeu minha pele e depois encontrou minha boca. Minhas pernas amoleceram, e senti minhas bochechas ficarem molhadas. Comecei a chorar sem nem perceber.

Eu só queria que alguém abrisse a porta de algum quarto para me ajudar, ou que Dimitri aparecesse. Me senti fadada naquele momento a viver a mesma coisa que mamãe.

— Para, por favor! — Mordi sua boca com força e piorou, porque parecia que o homem gostava da recusa, se excitava com o meu não.

— Vou tirar esse vestido e beijar todo esse corpinho. — Marco pegou o cartão da minha mão e passou na porta para destrancar o meu quarto.

— Chega! — O empurrei com mais força. — Estou pedindo pra parar!

Ele cambaleou, mas voltou. Eu já estava fedendo, com um cheiro nojento!

Nunca tinha odiado tanto ser magra e fraca como naquele momento.

De repente, vi o sensor do elevador ficar vermelho, indicando que alguém desceria no andar.

— Vamos. — O homem segurou meu rosto e depositou mais um beijo na minha boca.

Então ele abriu a porta, quando fui pega pelo braço para ser colocada dentro do quarto, eu vi Saulo correndo na minha direção.

— Vamos, bonequinha. Estava começando a ficar bom, volte para o quarto...

Me liberei de Marco desvencilhando meu braço. Quando Saulo estava próximo o bastante de nós dois, ele despejou uma cachoeira de vômito nos pés de Marco.

—*Go mbeire an diabhal thú!* — praguejou com sotaque.

— Estou passando mal — vi sua mão ir direto para o estômago e mais um pouco de vômito.

Íris esverdeadas e incrivelmente felinas encontraram as minhas, dando-me um comando.

O homem não percebeu nossa comunicação muda. Saulo mexeu a cabeça novamente indicando para eu ficar atrás dele e eu acatei.

— Está achando que é quem, seu moleque podre? — O homem grisalho se afastou de Saulo e passou a encará-lo, estava bem raivoso por ter recebido dois jatos de gorfo.

— Umas doses de uísque com a sua cara não me caíram bem.

Saulo fechou a mão e deu um soco com tanta força no rosto dele que fez até barulho. Não tive tempo de assimilar e o homem já estava estatelado no chão.

Em choque, coloquei minhas mãos no rosto.

— Saulo, o que... o que você fez?

— Ande, me ajuda. Qual é o seu quarto?

— Do que está falando? O que você fez? O que vai fazer?

— Anda Eveline.

— Você não estava passando mal?

— Não seja ingênua, garota. Qual é o seu quarto?

Fui andando na frente, enquanto Saulo arrastava o corpo pelo corredor.

— Você é doido.

— Eu ou o cara que acabou de tentar te estuprar?

Abri a porta do quarto e dei espaço para ele.

— O que vai fazer?

— Vá até o meu quarto e pegue isto, dentro da gaveta do banheiro. — Pegou uma caneta no bolso interno do terno e tomou minha mão para escrever.

— Pra que? Saulo, me explica.

— Pra apagar o cara.

— Já está apagado, Saulo.

— Não neste sentido.

— Você quer matar ele? Você não pode...

— Eu não sou um assassino, garota. Anda!

— Não vou. Não farei mais nada das suas loucuras. Olha o que aconteceu. Meu Deus!

Com as mãos no rosto de novo, o choro veio copioso. Sentei-me na beirada da cama e externei toda a agonia que havia passado minutos atrás.

— Anda garota. Seca essa cara e faz o que estou mandando.

— Ele ia me estuprar, Saulo. Você consegue enxergar a gravidade?

— Você quer resolver a porra toda ou não, caralho?

— Eu quero que você saia do meu quarto.

—Prefere ficar aqui sozinha com ele?

Olhei dentro dos olhos dele e neguei com a cabeça.

— Doente — disse entredentes, ele parecia indiferente. Entregou o cartão de acesso do quarto e eu saí.

Me apressei. Lembrava qual era pelo dia da discussão entre ele e Alma, e por falar nela, havia a chance da mulher que me odiava de graça estar lá. Pensei duas vezes antes de passar o cartão na porta e entrar. Para minha sorte, o quarto estava vazio e minuciosamente organizado.

Respirei fundo e fui atrás da tal pílula, me perguntando porquê alguém teria um remédio daqueles, mas não perdi tempo. Procurei pelo nome e encontrei. Voltei para o meu quarto e senti o cheiro forte de vômito. A barra da calça e os sapatos de Marco estavam esbranquiçados graças ao Saulo, foi quando questionei de novo:

— Você não estava passando mal, Saulo?

— Foi só um pretexto. Me dê. — Esticou a mão.

— Mas como vomitou?

— Sou craque em encenar, garota. — Deu uma piscada com um só olho.

Com todas as luzes acesas e um pouco mais calma, reparei na fisionomia, no rosto anguloso e perfeitamente desenhado dele.

A linha dos cílios cheios era tão escura quanto as sobrancelhas grossas, como sua barba negra contrastando sobre sua pele clara e os olhos verdes feito esmeraldas, sutilmente manchados por um amarelo âmbar. Pareciam realmente olhos de gato. Ele era um gato, droga! Por que tão louco?

— Perdeu alguma coisa?

Ignorei a estupidez desmedida dele e analisei o estado do homem no chão. Antes de sair somente o nariz de Marco estava ferido, mas agora o rosto apresentava mais hematomas e mais sangue.

— Por que a boca dele está sangrando?

— Você demorou, ele ameaçou acordar. Só o fiz dormir de novo.

— Como consegue ser tão frio?

— E o que muda na sua vida saber?

— Nada. — Sentei-me calada. — Isso vai mesmo fazê-lo esquecer?

— Sim.

— Saulo... — chamei. Ele respirou fundo como se estivesse cansado de ouvir minha voz e me encarou. Me calei e me encolhi.

Com uma garrafa de água cheia e outra vazia ele fez Marco engolir o comprimido. Derramando o líquido e alternando com o ar da outra garrafa, fez com que abrisse espaço na sua garganta para passar e ingerir.

Eu ia explodir de curiosidade se não perguntasse.

— Saulo, por que você veio?

— Veio aonde?

— Você sabe, aqui. Por que apareceu?

— Porque sei como esse velho nojento pode ser cruel.

— Como sabe? E se sabe, por que quer se aproximar dele?

— Eveline, posso te pedir a última coisa?

Assenti com a cabeça, sem prestar atenção em sua mudança de humor. Ele soltou o ar dos pulmões e disse:

— Para de me encher com porras de perguntas que não te interessam.

— Grosso.

— Você é insuportável. Não tem ninguém para conversar não? Não me conhece, não precisa ser sociável.

— Lembre-se, você me meteu nesta! Não tem o direito de falar assim comigo.

Ele revirou os olhos. A beleza constatada pouco antes não fez mais sentido. O homem se tornava um monstro, feio, horroroso, por ser um poço de hostilidade.

Sua postura permaneceu impassível, fria e ignorante.

— Você precisa sumir com as imagens das câmeras do momento em que aconteceu.

— Eu não tenho acesso à segurança, Saulo.

— Se vira, ou ele vai saber que você me ajudou a apagá-lo.

— Você sobrevive de chantagens?

— Você não cansa de perguntar? Garota irritante!

— Não sou cúmplice de nada. Ele vai tirar satisfação com você que vomitou nos sapatos caros e nessa calça de grife horrível.

Subitamente Saulo segurou meu rosto e com o nariz quase encostado no meu ele disse:

— Garota, você não tem medo de onde pisa? Isso aqui é um campo minado. Obedeça!

Se ele ficasse mais um segundo sequer, eu cairia espatifada no chão. Minhas pernas pareciam gelatinas, inúteis e trêmulas.

Meu celular começou a vibrar repetidas vezes, olhei de longe e vi a foto

de Dimitri na tela.

Nunca em três anos havia mentido para ele. Exceto sobre meus sentimentos, que na realidade eu privava e guardava com muito cuidado. Mas naquela noite precisei e comecei a me martirizar.

Ia falar o que? Que fui jantar com um homem 35, 40 mais velho do que eu a troco de quê? Na companhia de outro que tinha me tratado feito um lixo na noite anterior? Noite a qual Dimitri e eu havíamos nos beijado envolvendo emoção e expectativas.

Eu não consegui falar, até porque não conseguiria explicar tudo. Mas também não tinha ideia de quanto tempo poderia sustentar tal mentira.

Quando mamãe dizia que mentiras tomavam proporções devastadoras, ela tinha razão. Olha o que aconteceu exatamente na noite que inventei de mentir para o meu melhor amigo e talvez futuro homem da minha vida. Quase fui abusada sexualmente e ajudei Saulo a apagar o culpado.

Fiquei imaginando como Dimitri reagiria ao saber da minha trágica noite. Resolvi então que não falaria.

Quebrei o silêncio depois de minutos.

— Preciso descansar.

Sabe quando você explora seus próprios pensamentos e percebe que tudo é muito insano?

— Sexo antes de dormir desestressa.

Muito insano mesmo!

— Não comigo, garota — completou com asco, como se eu tivesse imaginado. — Com o seu namorado do trabalho.

— Saia, por favor Saulo.

— Trança o cabelo quando está intimidada?

Soltei meu cabelo, porque sequer reparei que o peguei.

— Afinal, por que vive nervosa e com as bochechas vermelhas quando falo com você? Por que tremeu e sujou a mesa toda hoje quando esse velho colocou a mão na sua coxa?

Abri a porta do meu quarto e indiquei para que ele saísse.

— Hum... Terei que tirar minhas conclusões sozinho?

Não respondi.

— Ele está hospedado no quarto 1028.

— As câmeras — lembrou. — Ofereça dinheiro, tudo se corrompe por um preço.

— Quero o dinheiro de volta — condicionei.

— Certo.

Saulo parou com suas perguntas e pegou o homem como se ele não pesasse nada.

— Não deixe essa porta aberta sob hipótese alguma. — Ele olhou para a maçaneta.

Tranquei a porta assim que ele saiu e sentei-me na cama. Respondi às mensagens preocupadas de Dimitri dizendo que havia tirado a noite para dormir.

Ele me pareceu triste, mesmo assim foi gentil, como sempre, dizendo que sentiu saudade da minha companhia para as nossas rotineiras maratonas de séries.

Logo larguei o celular e me encaminhei para o centro de segurança do navio. Era proibida a entrada, mas com o meu cartão as portas abriram. Entrei sorrateira enquanto dois seguranças conversavam. Contudo, não demorou para notarem minha presença.

— Precisa de ajuda? É funcionária?

— Sou sim.

— Ela não é a garota da briga?

— Por isso estou aqui. Foi uma desavença entre dois amigos...

— Não pareciam amigos, moça. Os rapazes já estão bem?

— Estão sim — menti. — Eu preciso apagar essas imagens.

Eles riram.

— Não podemos excluir qualquer conteúdo de segurança.

— Diga o preço.

Difícil mensurar o risco que eu estava correndo de perder o meu emprego e ainda ser presa por suborno. Meu pescoço podia ir para a forca, bastava um dos dois negar.

— Preço do que? Não entendemos.

— Preciso realmente apagar estas imagens. Farei um cheque.

Fui preparada, claro.

— Sou funcionária da empresa contratada pelo cruzeiro. Não sou uma má pessoa, mas é para um bem maior.

Assinei dois cheques, cada um no valor de 25 mil dólares.

O que eu estava fazendo?

O que Saulo tinha feito eu fazer?

Estendi a mão com ambos papéis e controlei o nervosismo que não passava despercebido graças as minhas mãos que tremiam. Eles se entreolharam e eu pude voltar a respirar quando os vi descruzarem os braços e ceder.

"Tudo se corrompe por um preço."

Por que Saulo me despertava tanta curiosidade? O que sua história de 36 anos contava? Isso se em sua identidade falsa correspondia sua idade verdadeira. Por que ele era tão obscuro, enigmático e impenetrável?

Mas ele mesmo esclareceu que não mudaria nada na minha vida saber.

Mas... por que ele me ajudou? O que significaria para ele se o "velho" fosse cruel comigo?

Será que Saulo tinha o dom de deixar todo mundo ao redor louco como ele?

Porque em poucos dias de "convivência" comecei a atestar que isso era muito provável.

"Go mbeire an diabhal thú!"

Significa: Que o Diabo te enforque!

Em Irlandês.



07

EVELINE



Minha cabeça fervilhava, o tanto de pensamentos e reflexões sobre Saulo que se acumularam não me deixaram dormir. Sei que acordei toda estragada, assustada com os toques repetidos do meu celular. Cacei ele pelo edredom e o encontrei prestes a cair do colchão. Vi a foto de Dimitri e atendi.

— *Dormindo ainda? Você viu o dia lindo que está?*

Sentei e esfreguei os olhos, olhei no pequeno relógio no meu pulso e saí da cama num pulo ao ver a hora.

— *Eu sei que demora um pouco para sair do modo avião, então vou dar os comandos pra facilitar. Estou te esperando no restaurante de breakfast. Se apresse para terminamos o trabalho o quanto antes e podermos aproveitar uma piscina.*

— *Está sol? — questionei já escovando os dentes.*

— *Um sol delicioso, niña.*

— *Me dê dez minutos.*

— *Combinado.*

Lavei meu rosto, escondi minhas olheiras horrorosas com corretivo e decidi deixar minhas sardas visíveis. Eu costumava escondê-las, mesmo que as pessoas, principalmente meus familiares, dissessem que a pele ruiva era linda, mas conviver com aquelas milhares de pintas diariamente cansava. Para mim eram como manchinhas espalhadas por todo o rosto e o restante do corpo, exemplo o meu busto e bumbum que eram cobertos por elas. E mesmo

coabrindo meu rosto com base, corretivo, pó compacto e iluminador, algumas escapavam e continuavam aparentes, principalmente as do nariz e maçãs do rosto.

Só que eu nem queria sair da cama, muito menos me dar ao trabalho de esconder minhas sardas. Só queria resolver tudo logo, dar um jeito de enrolar o Dimi e voltar para dormir o resto do dia.

Antes de sair eu coloquei um vestido em *voile* vermelho, com um decote singelo que não expunha os meus seios, e comprido até os joelhos. Calcei os odiosos scarpins e deixei meu cabelo revoltado, ou seja, do mesmo jeito que acordei. No elevador eu tentei desgrenhar o embaraço dos fios e abaixar a juba. Olhei no espelho e com sono, respirei fundo para poder caminhar até o restaurante.

Notei a forma em que Dimitri me observou até que eu me sentasse. Ele sorriu e me entregou uma xícara com café.

— Gosto quando deixa suas sardas.

— Sem essa, Dimi. — Beberiquei o líquido fervente e evitei o contato com os olhos dele.

— Gosto mesmo... Tem uma mesa disponível ali, com diversas opções para o café da manhã, mas se preferir, tem mais aqui. — Ele me entregou o cardápio.

— Obrigada.

— Jantou ontem ou só dormiu?

Eu era uma péssima mentirosa e incapaz de manter uma mentira encarando a pessoa nos olhos, por isso, continuei no cardápio. Sem contar que a ideia de esbarrar Marco em qualquer lugar fazia o meu estômago doer, preferi não averiguar, então permaneci com a cabeça baixa.

— Jantei, mas coisa rápida. Precisava descansar.

— E conseguiu repor?

Não! Eu estava bem pior depois de ter varado a noite, mas tive que mentir.

— Consegui sim. — Percebi que Dimitri estava me observando demais,

ou eu que estava muito cismada. — Eu vou pegar na mesa.

Vi meu amigo assentir e ainda sem encará-lo me levantei. Peguei um croissant de queijo, torradas e pasta de húmus. Voltei para a mesa e comi em silêncio. Sentia que Dimitri continuava me analisando e estava ficando sufocante.

Será que era por causa do nosso beijo ou ele havia descoberto minha mentira? Sei lá, me visto na noite anterior?

— Niña?

O último pedaço de croissant pareceu entalar na minha garganta, depois da dificuldade de engolir eu finalmente o fitei.

— Senti falta da sua companhia ontem. Assisti dois filmes. — Ele se ajeitou na cadeira e seus lábios grossos rasgaram em um sorriso um pouco tímido. — Está tudo bem? Você sabe que pode se abrir comigo, sobre tudo.

— Está tudo bem sim. — Limpei minha boca com o guardanapo de pano e estendi minhas mãos por cima da mesa quando o vi fazer o mesmo. Entrelaçamos nossos dedos e seu sorriso diminuiu ao dizer:

— Não quero que se sinta pressionada por causa do nosso beijo.

— Não, Dimi. Foi bom, foi ótimo. — Acaricieei o dorso de sua mão com o polegar e sorri. — Não quero que pense que não gostei, você sabe como sou toda esquisita pra essas coisas.

— Sei.

— Ei! — Dei um tapinha em sua mão e ele riu.

— Vamos, quero terminar o mais rápido possível. É o segundo dia de sol, e o primeiro não pudemos aproveitar.

— Eu acho que vou querer ficar no quarto mesmo depois do trabalho...

— Isso não é uma alternativa, niña.

— Dimi...

— Eu te deixo escolher a piscina, só.

Neguei com a cabeça e fiquei em pé, ele ficou em seguida e colocou a mão na base da minha coluna para podermos sair do restaurante. Dimitri era

muito mais alto que eu. Isso que eu nunca fui dessas mulheres baixinhas, sempre a mais alta — e magrela — da sala de aula. Com os meus 16 anos eu cheguei a 1,72 e até então possuía essa altura. Reparei também que a mão do meu amigo preenchia a minha lombar inteira. Gostava de reparar tudo em silêncio.

Nossa função foi supervisionar e orientar uma equipe para se dedicarem ainda mais nas verificações de instalações de cada hóspede. Dimitri aproveitou para palestrar, reforçando o profissionalismo sobre a postura, elegância, relações e condução da responsabilidade de cada um para com os clientes. Por fim, checamos a desenvoltura e as avaliações de acomodação, alimentação, recreação e lazer.

Próximo ao horário de almoço nós liberamos a última equipe e Dimitri me acompanhou até meu quarto para que eu me trocasse. Peguei o maiô preto que levei e vesti. Por mais que o tecido de trás fosse pequeno, eu não me importei muito, não tinha bumbum para mostrar mesmo. As costas ficaram completamente expostas, mas o restante era bem coberto, principalmente os seios, que eram o que eu tinha de maior. Coloquei uma saída de praia longa da mesma cor, amarrei dando um laço na frente e preendi meus cabelos em rabo de cavalo.

— Tô pronta. — Saí do banheiro e vi Dimitri deitado na minha cama mexendo no seu celular.

O londrino não disse nada, levantou e se aproximou. Me puxou pela cintura e enlaçou meu quadril, deixando-me colada nele. Rapidamente senti seus lábios nos meus e de maneira afável, nós envolvemos nossas línguas. Senti sua mão firme subir na minha coluna até a minha nuca, seus dentes prenderem meu lábio e seu polegar deslizou pela minha bochecha.

Encostamos nossas testas ao selarmos com três beijos, o achei ainda mais lindo quando sorriu.

— Acho que começarei a sentir ciúme de você, ninã.

— Bobagem.

— Bobagem? Você não tem noção mesmo, não é?

— Noção do que?

— De que é uma mulher deslumbrante e sexy.

Dei risada e passei a mão no meu rosto, sentindo minhas maçãs enrubescerem.

— O que eu sei é que você tem mau gosto, Dimi.

— Que insulto, Eve.

Revirei os olhos e balancei a cabeça ao enternecer com seu beijo casto na minha bochecha.

Já na piscina coberta, que por sorte eu pude escolher, Dimitri insistiu que eu passasse protetor, mesmo sem exposição ao sol. Existiam mulheres muito mais brancas do que eu, na verdade minha pele era alaranjada, mas acredito que por ele ser negro, temia que eu me queimasse de qualquer jeito.

Deixei que ele espalhasse o creme nas minhas costas e o restante eu mesma passei. Entramos na piscina aquecida e pedimos uns drinques. Ficamos conversando sobre o trabalho, falamos também sobre nossos sobrinhos, sobre os planos para quando eu fosse para a sua casa em Londres nas férias. Aquela área era mais tranquila, me senti mais segura do que se tivesse ido até o deck principal, onde a maioria dos hóspedes transitava.

Vez ou outra nos beijávamos, sempre com iniciativa dele. Eu gostava, mas ainda não tinha atitude. Todo seu toque vinha acompanhado de carinho e cuidado. Delicadamente com as mãos Dimitri conhecia as poucas curvas do meu corpo, e sem que eu percebesse já estávamos ofegantes.

Ansiosa por sentir os músculos do seu vigoroso corpo, percorri lentamente as mãos em suas costas até o limite da sunga preta, depois subi levemente com as unhas e alcancei sua nuca, em meio a mais um dos nossos longos beijos. Desci as pontas dos dedos pelo seu peitoral rígido e largo, e parei por ali quando nos afastamos.

Olhei para os lados, preocupada se havia alguém por perto, mas os dois únicos casais se retiraram. Estávamos em uma das doze piscinas do navio, e é claro que com o sol inédito as pessoas preferiam ficar nas descobertas. Mesmo assim, era melhor pararmos. Estava começando a desejá-lo avidamente, e o volume duro encostado na minha barriga evidenciou que era recíproco.

Respirei aliviada quando dois funcionários entraram trazendo mais duas bebidas para nós. Em silêncio, sorvi o líquido de frutas vermelhas e encostei na escada da piscina. Dimitri se aproximou e puxou um assunto qualquer, por me conhecer tanto, ele sabia que havia chegado na fronteira que eu não pretendia atravessar ainda.

Depois de muita insistência, subimos para o convés para admirarmos o pôr do sol. A realidade é que eu queria evitar qualquer lugar mais frequentado do cruzeiro. Só de pensar em ver Marco eu tremia por dentro. Deixei o londrino após beliscarmos uma salada pré-jantar e fui para o quarto.

Combinamos que jantaríamos juntos. Depois de tomar banho e lavar os cabelos duros de cloro, eu coloquei o mesmo vestido vermelho da manhã, tirei um tempo para responder às mensagens desesperadas da minha irmã e ver os meus sobrinhos por chamada de vídeo. Meu coração apertou de saudade, queria enchê-los de beijos.

Deixei meu cabelo secar naturalmente e o resultado ondulado deu o meu famoso ar de leoa, só que com juba. Calcei sapatilhas e esperei Dimitri aparecer. Em poucos minutos ouvi os toques na porta.

Passei as mãos no comprimento do vestido e mexi nos meus cabelos, arrumando minha franja curta para o lado.

Meu sorriso mirrou quando vi que não era Dimitri, e sim Saulo diante da minha porta.

— Deus! — bufei. — O que foi agora?

— Isso tudo é gosto pela minha presença, garota?

— É, um apreço sem igual — respondi ironicamente.

— Bocuda.

— Você faz eu perder minha educação.

Ele sorriu de canto sem mostrar sua fileira de dentes branquinhos, estendeu o braço e apoiou a mão na parede.

Suas írises inerentemente verdes me examinaram dos pés à cabeça. Eu engoli minha saliva, incomodada com a indiscrição da sua análise. E mesmo nervosa, consegui dar um passo à frente para fechar o meu quarto.

— Seja breve, estou de saída.

— Você tem sardas em todos os lugares?

Olhei para cima e fechei meus olhos quando passei minha mão na testa.

— É uma dúvida, Eveline. Você tem sardas até na boceta?

Encarei-o totalmente incrédula com sua indecência e franzi as sobrancelhas.

— Curiosidade. — Levantou as mãos em sinal de indignação.

Dei as costas e fui em direção ao elevador. Ele me segurou no meio do corredor e posicionou-se na minha frente.

— Não vim para saber da sua boceta. Na verdade, é para confirmar se deu certo com a segurança.

— Marco foi atrás de você?

— Não.

— Então — disse seca.

— Por isso eu disse CONFIRMAR.

— Está tudo certo.

— Ótimo. — Vi o homem pegar o celular e mexer por segundos. — Dinheiro devolvido. — Me mostrou a tela da transferência bancária.

— Qual dinheiro, Eveline? — Meu coração disparou ao ver Dimitri.

Não deu tempo de perceber que ele tinha saído do elevador e se aproximado. Sem contar que Saulo era enorme e tampou minha visão. A tensão que sua presença me causou também me deixou inerte.

— Eu perguntei qual dinheiro Eveline?

Fechei meus olhos e esfreguei minhas mãos ao senti-las formigarem. A raiva cresceu no meu peito quando vi Saulo piscar com um só olho, todo despreocupado com a minha enrascada. O londrino o defrontou por frações de segundos quando ficaram lado a lado.

Depois me olhou desconfiado, esperando alguma resposta que, inutilmente eu tentei inventar.

— Não posso compartilhar com você, Dimi.

— Pode sim. Me diga, o que esse cara fez?

— Dimitri, não.

— Ele está te perturbando? Me fala Eveline! — exclamou irritado.

— Tivemos um problema, mas já está resolvido. — Olhei em seus olhos, preocupada.

— O que eu te disse sobre ele? — Dimitri passou a mão na boca e coçou o queixo. — Mais uma vez achei que estávamos nos aproximando e construindo algo, erro meu. Fique com os seus segredos. Eu perdi o apetite.

Vi o londrino também me dar as costas, então o segui.

— Não, Dimitri. Você pode confiar em mim, não é nada grave.

— Por que confiar em você se você não confia em mim?

Vi tristeza em seus olhos castanhos. Umedeci minha boca querendo dizer algo, mas não consegui. Um bolo de angústia se formou na minha garganta quando as portas do elevador se fecharam.

Fiquei parada, inconformada com o dom de destruição que Saulo tinha.



08

SAULO



O que aquela garota toda manchada estava pensando para me tratar com arrogância? Fui atrás dela para perguntar algo necessário, não porque queria vê-la. Ela estava começando a ficar com complexo de superioridade e não passava de uma garotinha qualquer.

Exceto pelo seu cheiro fodidamente afrodisíaco, ela não era nada mais que uma criança mal-educada.

Certeza que o namorado babão do trabalho a achava interessante por ela bancar a santinha, mas na verdade Eveline era toda esquisita, magricela e sem graça. Comigo ela não crescia. Ou jurava mesmo que eu cairia naquele charme de timidez fingida?

— Que cara de merda é essa?

— Eu te dei abertura, porra? Se fecha, Monteiro.

— Ihhh... O que aconteceu? Pode ir falando, não vou tomar no cu de graça.

— Dose dupla — acenei para o *bartender*.

Peguei dois comprimidos no meu bolso e ingeri com o álcool.

— Para de tomar essas merdas, Saantiago... — O desgraçado quase me fodeu no nome.

— Não preciso de babá.

— Aumenta a dose do meu amigo — disse ao *bartender*.

Quase acabei com o líquido do copo assim que foi colocado na minha frente.

— Vai fazer uma semana que estamos aqui e não descobri nada que eu já não soubesse sobre o filho da puta.

— Confirmamos que ele ainda reside na Rússia, especificamente em São Petersburgo.

— Então, nada que eu não soubesse. E... precisei socar a cara dele, agora não sei como será.

— O que? Você bateu no Marco Sartori?

— O velho estava tentando estuprar a irmã de Mariana.

— Porra! E tinha que se meter?

— Eu posso ser o capeta, Monteiro. Mas permitir que uma mulher seja estuprada? — Encarei Adam. — Não me conhece, caralho?

Ele se calou e assentiu com a cabeça.

— Mas agora ele deve estar querendo sua cabeça.

— Não faço nada pela metade. — Terminei o uísque e pedi mais uma dose. — Apaguei o cara. Por falar nisso, viu ele hoje?

— Nem sinal. — Meu amigo acendeu um cigarro e eu peguei seu isqueiro. — E caso procure saber quem desgraçou a cara dele?

— Eveline cuidou das câmeras.

— A ruiva parece bobinha, mas é profissional do crime.

Rimos do comentário idiota. Pedi a quarta dose enquanto fumava e conversava com Adam. Ele me contou que Alma sequer relutou, depois de acordar pelada com o meu amigo mais próximo, o que ela pestanejaria?

— E fode gostoso.

— Uma puta na cama né, cara — concordei com a observação.

— Escandalosa demais, mas deu pra me alimentar bem.

— Você é podre, cara. — O empurrei com um soco.

— Você deu sua namorada pra eu foder, e eu que sou podre? — Demos mais risadas.

— Não era minha namorada, você sabe.

— Foda fixa, que seja. — Adam passou a mão na boca para secar os resquícios de uísque. — Mas meu amigo, estou mesmo interessado naquela ruivinha. Essas quietinhas me deixam intrigado.

— Quietinha, mas não tem miséria pra pau.

— O que está sabendo?

— Ela namora aquele cara do primeiro dia no saguão. O negro grandão.

— Porra, não tenho cacete pra competir.

— Você me dá vergonha. — Balancei a cabeça e ingeri mais um gole.

— Olha só, que bom encontrar vocês. — Reconheci a voz e virei a banquetta para vê-lo.

— Marco, que prazer cara. — Monteiro sorriu. Senti vontade de rir da falsidade ridícula de Monteiro.

Era o álcool surtindo efeito, caso contrário sentiria vontade de quebrar a cara dele por fingir tão mal.

— Bebemos demais ontem. — Marco apertou minha mão descontraidamente e em seguida a de Monteiro.

— Nem fale. O final da noite foi uma piada.

O meliante acomodou-se do meu lado e pediu sua dose também. Eu e Monteiro estávamos rindo para disfarçar, mas na realidade a noite anterior havia sido prazerosa mesmo. Adam contente por ter trepado com a vadia que eu comia, e eu por ter esmurrado Marco. Inclusive como um bom amigo, precisei perguntar:

— O que aconteceu com a sua cara? — Apontei para os machucados recentes.

Ele deu de ombros e fez uma careta ao engolir a bebida de alto teor alcoólico.

— Acho que foi aquela putinha dos cabelos vermelhos.

— Quem? Eveline? — Monteiro questionou.

— Estava com ela. — Deu de ombros novamente. — Não me lembro do restante. Tinha tomado uma balinha.

— Camarada, você vai ter que me perdoar, mas Eveline virou a noite gemendo o meu nome.

O risco foi edificar rivalidade ou odiosidade contra a minha pessoa. E para falar a verdade, não sabia porque tinha defendido a garota, porém, Eveline poderia facilmente ceder às chantagens do velho, como cedia às minhas que eram muito mais singelas. Eu sabia que ele poderia ser ruim, e se o traseiro da sardenta entrasse em jogo, o meu era o segundo da fila.

Marco me encarou com perplexidade e investigou minha expressão. Movimentei os ombros para cima e torci a boca com indiferença.

— Você ficou com um pessoal que chegou no bar na hora que decidimos ir embora. — Monteiro assim como eu, confiava na pílula que eu usei para apagá-lo. Ele realmente não lembraria de merda nenhuma.

— Brigas acontecem. O que importa é que minhas mãos estão doendo, devo ter deformado a cara do coitado que fez isso. — Velho mentiroso e prepotente! — Mas... e sua namorada, a loira gostosa?

Monteiro afastou o copo da boca e ergueu a mão.

— Eu comi.

O imundo dos cabelos brancos gargalhou, frisando mais suas rugas em volta dos olhos, na testa e face. Só parou quando o aparelho em seu bolso começou a tocar. Ele pediu licença e se afastou para atender.

— Seu traiçoeiro, por que não me contou que trepou com a ruivinha?

— Não te contaria mesmo se fosse verdade.

— Então é mentira? — Vi o vinco formado entre suas sobrancelhas.

— Você é imbecil? Te contei que o delinquente quase estuprou a garota — respondi entredentes.

Adam abriu a boca para falar mas fechou.

— Então vocês compartilham as meninas? — Virei-me na banquetta

quando o velho retornou.

— Só quando me encho. — Procurei a caixa de cigarros no bolso interno da minha jaqueta e acendi um com o isqueiro de Monteiro.

— Compartilhar não é bem a palavra... A gente reveza — meu amigo explicou.

— Então por favor Santiago, quando terminar de saciar o corpinho da bonequinha, me avise.

Mordi a própria língua para impedir o ataque involuntário que eu faria, e sorri com desgosto mantendo a boca fechada. Traguei com força a nicotina e prendi a fumaça, enquanto pensava no que eu precisava perguntar.

— Está divorciado há muito tempo, Marco? — Mudei de assunto furtivamente.

— Só dois anos.

— Deve ser uma merda ter ex-mulher tentando arrancar até o último centavo na separação.

— Não tive este problema.

Os *barmans* não deixavam nossos copos esvaziarem, e Sartori não parava de beber, assim como Monteiro. Entretanto, desde que o vi chegar eu escolhi diminuir o ritmo. Qualquer informação poderia ser útil, e eu bêbado me tornava um inútil de merda.

— Safira foi uma prostituta, abriu as pernas para um dos meus caras. A traição da vagabunda girou pelas mídias e sites de fofocas por semanas. O processo de divórcio beneficiou a parte decente do casamento, no caso eu. Depois disso, ela preferiu sumir com o traíra.

Um bloqueio formou-se em minha mente, conseqüentemente as palavras não chegaram na minha boca. O restante do corpo perdeu a conexão com o cérebro, fazendo-me ficar sem domínio algum sobre a minha completa imobilização.

Ouvi o pigarrear de Monteiro para chamar minha atenção, mas continuei estático.

— A filha da puta ainda fugiu com o cara?

— Positivo. Não confiem nas mulheres, meus amigos.

— Caralho, sinto muito. Agora que corro léguas de um casamento mesmo.

Escutei os dois rirem e fechei meus olhos forçando a minha mente para pensar rápido.

Adam sabia exatamente o que havia me paralisado, por isso estava segurando a barra com o maldito porco.

Graças a tecnologia e acesso a vida alheia, pouco antes de ser preso, eu vi que Safira tinha se casado com Marco.

Encarcerado, me martirizei por quase seis anos com a notícia de que ela estava nas mãos de um criminoso hediondo. Torturador, traficante clandestino de mulheres, homicida e estuprador.

Coincidentemente, sua esposa antes de Safira também tinha "sumido."

Ele estava mentindo para mentiroso.

O que ele havia feito com ela? Meu plano de ir para a Rússia acabar com o cárcere desmoronou. Onde o filho da puta tinha enfiado Safira?

Com os olhos direcionados para a tela acesa do meu celular, permaneci em transe. Despertei quando senti Monteiro cutucar-me discretamente com o pé. Pisquei com força e disfarcei a pressão que meus pulmões usaram para expirar todo o ar preso.

— Perdoem-me. A putaria ficou boa. A ruivinha está como uma cadelinha no cio. — Controlei a minha voz para dizer com convicção.

— E por que está aqui ainda? Vai apagar o fogo da mulher, porra. — Monteiro era o único que sabia de todos os detalhes sórdidos do meu passado.

Eu acho que em anos de convivência, foi a primeira vez que o meu amigo me viu tão perdido e abatido.

— Já sabe, quando cansar...— O velho abriu seu sorriso amarelado com malícia. — Ou antes mesmo, não ligo de compartilhar uma bocetinha ruiva.

Deveria ter vomitado mais nele quando tive oportunidade, e quebrado

sua arcada dentária inteira.

— Não me agrada dividir.

Monteiro me censurou encrespando a testa e enrugando as sobrancelhas.

Não consegui continuar na mesma atmosfera que o desgraçado. O frio interno que eu carregava se esquentou como uma labareda prestes a inflamar. Eu ia explodir se permanecesse ao lado dele.

Deixei o bar, se não colocaria tudo a perder. Passei em outro bar no caminho para a cabine e comprei uma garrafa de uísque. Desisti de ficar no quarto porque o vento no convés suavizou a ira atroz que percorria na minha corrente sanguínea.

Subi para a proa ao escutar uma risada estranhamente confortante e cruzei os braços na frente do meu peito para admirar a garota que dançava de olhos fechados, descalço, com uma garrafa quase vazia de vinho na mão.

-

EVELINE

Meus conselhos sempre foram: Na dúvida, durma. Ou: Se tudo der errado, se embebede.

Pela primeira vez eu estava colocando em prática meu próprio conselho e sentia-me incrivelmente melhor, mais leve, menos preocupada, mesmo que o mundo estivesse sendo muito malvado comigo.

Me recusei a ficar no quarto remoendo a mágoa causada pela situação com Dimitri. Não tinha o que fazer, aliás, tinha: beber e rir da lástima que eu era.

Obedeci a meus instintos de mulher desprezada, desesperada, burra e decidi encher a cara. Pedindo encarecidamente para Deus me dar uma ajudinha com a ressaca no dia seguinte. O trabalho era a única coisa que eu tinha, então não custava nada Ele ser meu amigo nessa confusão e segurar a barra, mesmo que eu estivesse cometendo um pecado.

Minha família? Longe.

Namorado? Nunca nem vi.

Um homem assombrando minha vida? Sim, o mais louco deles.

Abuso no ambiente de trabalho? Éca! Só de pensar no miserável de cabelos brancos, senti o vômito subir na minha goela.

Cuspi o vinho de volta na garrafa, porque se eu me atrevesse a engolir aquela quantidade, ela voltaria mais rápido que um foguete, e com pedaços verdes da salada que comi mais cedo.

E nem amiga para segurar os meus cabelos eu tinha.

Sim, eu era a pessoa mais solitária do mundo inteiro.

Mas eu podia... dançar.

Fazer a plena e dançar.

Rodopiei de olhos fechados para sentir meu vestido rodado voar, achando que estava arrasando. Tentei imitar minha irmã, girando nas pontas

dos pés como a perfeita bailarina que ela era, mas o que eu consegui foi uma torção desajeitada e... droga! Quase que minha garrafa foi para o chão. Inaceitável, Eveline!

Inaceitável desperdiçar vinho. Verifiquei se a anta não tinha quebrado o pé, e pelo menos isso não aconteceu para completar a minha noite perfeita.

Mas algo pior do que quebrar o pé aconteceu. Um balde de sobriedade caiu na minha cabeça quando meus olhos encontraram nada mais, nada menos que: Ele mesmo. O Senhor da Discórdia. O responsável por eu encher a barriga de álcool e não de comida.

Ele riu. O filho da mãe riu do meu susto e não contente, bateu palmas.

— O show acabou. — Com um atrevimento que nunca me pertenceu, eu peguei na barra do meu vestido branco e com cortesia o cumprimentei como as princesas faziam nos filmes.

Abaixei-me para capturar minhas sapatilhas e mancando passei por ele.

Foi rápido demais. O homem descruzou seus braços demasiadamente fortes e segurou o meu que era um palito.

— Que é isso?

Abracei minha garrafa de vinho e encarei sua mão cheia de veias protuberantes apertando minha pele.

— Você dança mal pra caralho.

— E eu pedi sua opinião?

Fitei seus olhos, esforçando-me para manter os meus bem abertos, já que eu estava meio torta por causa da quantidade de vinho. Ele deu risada, pegou a garrafa de vinho do meu braço, isso que eu tentei prendê-la, e então me deu a dele de uísque.

— Tome. Preciso conversar com você.

Deixei minhas sapatilhas caírem no chão e coloquei a boca no gargalo da garrafa. Cada golão era como brasa descendo pelo meu esôfago e queimando meu estômago.

Só não queimavam mais que os olhos dele me observando.

— Obrigada. — Devolvi. — Só aceitei porque meu vinho está acabando e se eu chegar assim em algum bar para comprar mais bebida, amanhã desempregada.

Calcei minhas sapatilhas, capturei minha garrafa de vinho e andei decidida a descer da proa. Ali no alto era possível sentir totalmente o movimento do navio e um bolo se formava no meu estômago, pronto para sair a qualquer instante.

Mas *arghh!* Fui detida novamente.

— Falei para Marco que estamos mais ou menos juntos.

— Você o que? — gritei.

— Disse que eu te comi.

Minha palma da mão ardeu quando automaticamente ela voou no rosto dele.

— Ficou maluca, garota? — Acariciou o local atingido e me encarou furioso.

— VOCÊ ficou maluco? Você não me comeu, Saulo — continuei falando alto.

— Quer me foder? Grita mais, porra! É Santiago — sussurrou.

— Santiago, *blá, blá, blá* — desdenhei. — Seu nome é Saulo, idiota. E você mereceu esse tapa.

— Eu disse que trepamos porque aquele velho nojento queria ir atrás de você.

— Ahhhh, que atitude digna de reconhecimento, hein? Nossa! Você é um homem maravilhoso, um anjo. Quer que eu bata palmas?

— Eu acho melhor você começar a me tratar direit...

— EU acho melhor VOCÊ calar a boca e me escutar. — Segurei seu queixo e cravei nossas írises. — Você me colocou nessa história louca, você fez eu ir jantar com um homem que nem conheço, você é o culpado por ele ter tentado me estuprar, e culpado por ter estragado o meu jantar. Não me venha com essa moral de bom moço, porque fazer algo para aquele velho abusador não vir atrás de mim, não é mais que a sua obrigação!

— Então pronto, obrigação realizada com sucesso.

— Com sucesso? Falando que me comeu? E meu Deus, que jeito mais chulo de falar.

— Da próxima digo que fizemos amor— ele zombou.

— Você é péssimo.

— Estou gostando desse seu jeito.

— Que jeito, seu doido?

— Mais leoa.

— Eu tô é bêbada.

— Continue. — Ele me deu mais uma vez sua garrafa de uísque e eu somei mais três goles.

Vi Saulo caminhar até o parapeito da proa e apoiar as mãos no ferro. Ficou olhando para o mar, e para as ondas que formavam quando a água batia agressivamente na linha d'água do navio.

Inalei o cheiro de nicotina e me aproximei.

— Não pode fumar aqui.

— No momento você é só a Eveline. Não a Eveline funcionária do cruzeiro.

Ele me ofereceu mostrando a carteira de cigarros e eu neguei com a cabeça. Resolvi me sentar do seu lado, mesmo que ele permanecesse em pé. O momento mais sereno do meu dia foi quando ficamos em silêncio. Eu alucinando nos meus pensamentos de bêbada e ele quieto, encarando a infinidade escura do mar.

— Saulo.

Ouvi sua risada.

— Diga.

— Por que riu? — Arqueei minha sobrancelha e apoiei-me nas mãos para levantar-me.

— Eu sabia que você interromperia o silêncio. E agora você vai fazer

uma pergunta inconveniente.

— Que bom que sabe. — Bati minhas mãos limpando uma sujeira inexistente e parei em sua frente. — Por que simplesmente não deixou Marco vir atrás de mim? Isso foi como... me proteger?

— Me poupe, garota. — Negou com a cabeça.

— Não tinha mais como ele te prejudicar. Eu consegui que as imagens fossem excluídas, as últimas lembranças dele antes de apagar foram comigo. Ele não sabia e não faria nada contra você, mas provavelmente contra mim sim. Então... você me defendeu?

— Sua língua intrometida te torna insuportável. É claro que não foi por você, está viajando ou achando que é quem? Se aquele nojento fosse atrás de você e te pressionasse sob qualquer circunstância, você abriria essa boca burra e me foderia.

Mordi minha bochecha por dentro e contive todas as respostas hostis que senti vontade de dar. Assenti com a cabeça, devolvi o uísque na sua mão e dei as costas para sair dali.

— Eveline — me chamou assim que pisei no degrau para voltar ao convés.

Ignorei e continuei descendo. Ouvi seus passos na madeira, aproximando-se de mim.

— Porra, você não é como a sua irmã.

Curiosa, virei-me para olhá-lo.

— Mariana é destemida, selvagem, sabe se virar sozinha.

— E...? — Meu processador estava mais lento que o normal.

— Você é frágil, às vezes me parece... não sei, ingênua demais.

— Está dizendo que não sei me virar sozinha?

— Se eu não chegasse a tempo naquele andar, você teria sido estuprada ou não?

— Está dizendo que eu tinha que ter controle de uma situação como aquela?

— Não. Mas poderia ter gritado por socorro. Derrubado o desgraçado que estava caindo de bêbado, ou chutado as bolas dele.

— Saulo, não tinha saída. Você me chantageou, me deixou morrendo de medo daquele homem. Como eu ia arriscar qualquer coisa?

— Por isso disse que trepamos.

— Para de falar "trepamos", termo feio.

— Por isso eu quis dizer que estamos mais ou menos juntos. Pra você não correr riscos. Ainda temos oito dias nesse cruzeiro e ele continuaria te perturbando.

— Mas e a sua namorada? Ele não desconfiou? O que você inventou?

— Alma foi embora.

— Embora? Como?

— Desembarcou, foi para o aeroporto e pegou um avião para a casa dela.

Revirei os olhos com a ignorância e o vi abrir um sorriso prazeroso de se admirar.

— Por que você é assim?

— Assim...?

— Bonito e ordinário.

Saulo pendeu a cabeça para trás e gargalhou.

— Ordinário? Me ofendeu.

— E não é? Você estraga tudo.

— Tipo o seu relacionamento com o cara que baba em você? A ideia de namorar um babão te interessa ou pelo menos te excita? Prefiro dizer que não estraguei e sim te ajudei. Antes de fazer essa merda, você precisa conhecer o que é gostoso na vida.

— Está presumindo que não conheço? — Simulei indignação.

— Estou *afirmando* que não conhece. Sei porque você trança os cabelos quando se sente intimidada. — Saulo deslizou os dedos entre meus fios. — E

porque vejo sua pele avermelhar inteira quando falo em trepar. — Em seguida encaixou a mão entre o pescoço e meu rosto, para tocar minha pele. Um arrepio desgraçado percorreu meu corpo me entorpecendo. — Você morde o canto da boca ou a bochecha. — Deslizou o polegar contornando meus lábios. — Porque não tem coragem e não sabe falar putarias, mesmo que queira.

Fechei meus olhos sem que eu notasse. Quando os abri, vi o sorriso largo e convencido esboçado no rosto dele.

— Ilusão sua. Não sou uma inexperiente, ou inocente como pensa.

— Então por que está tremendo, e toda arrepiada só por ter sentido a minha mão te tocar?

— Está frio e... — Me embarcei toda ao me sentir cercada.

Com a outra mão ele apertou meu quadril, colando-me em seu corpo quente e definido. O cheiro de nicotina não me desagradou por estar junto ao seu hálito quente e alcoólico como o meu. O perfume másculo invadiu minhas narinas, inebriando-me só por imaginá-lo misturado ao seu suor.

— Faça, Eveline.

Sem controle, meus seios subiram e desceram encostados em seu peitoral. Ele agarrou a raiz dos meus cabelos em reação, e eu me surpreendi quando um gemido singelo e muito baixo, escapou da minha garganta ficando enclausurado na minha boca fechada.

— Fazer o que?

— O que está com vontade. — Por que ele tinha que ter uma voz tão sensual?

Olhei minuciosamente para seus lábios avermelhados e umedecidos, e senti meu fôlego se esvair. Com meus braços soltos em volta do meu próprio corpo, afastei o rosto do dele e neguei com a cabeça. Fechei meus olhos, com o coração alvoroçado no peito, e dei mais um passo para trás, na expectativa de sair do torpor e encontrar minha consciência.

— Estamos bêbados — justifiquei.

— Então aproveite. É só por isso que quero te beijar.

— Viu como você estraga tudo? — Desvencilhei-me totalmente e respirei fundo.

Cristinho, quase fiz uma cagada!

— Pronto, magoei a criança — ironizou.

— Me deixa em paz, seu ridículo!

Segui com o que me sobrou de dignidade para a cabine. Pensando que aquela garrafa de vinho sugou toda a minha sanidade mental.

Esforcei-me para finalmente conseguir me sentir melhor sobre a vergonha que protagonizei. Onde eu estava com a cabeça quando aceitei a aproximação de Saulo?

Me forcei a dormir, queria acordar e procurar o meu cérebro. Certeza que tinha perdido ele pelo navio.



EVELINE



— Eu. Não. Acredito. Eveline!!

— O que foi, bailarina? — O marido da minha irmã, que também era irmão de Saulo perguntou todo preocupado.

— Valentim! Você não vai acreditar.

— Mari, o que eu disse sobre não espalhar a notícia?

— Impossível Eve. Por que não nos contou antes? Ele te fez alguma coisa?

— Ele quem, Mariana? Eveline está bem? Me fala, mulher.

— O Saulo, amor. Seu querido irmão está no mesmo navio que a minha irmã.

— Mariana, está tudo bem. Foi só necessidade de contar, não aconteceu nada.

— Por onde Saulo passa acontece alguma coisa.

Fechei os olhos, arrependendo-me amargamente de ter dito para a minha irmã que o cunhado dela estava a bordo no mesmo cruzeiro que eu. Não tinha fundamento preocupá-la.

— Eveline, meu irmão aprontou com você? Te chantageou? — Valentim tomou o celular da esposa, permaneci calada, então ele prosseguiu: — Mantenha distância, você sabe como Saulo prejudicou as nossas vidas.

— Valentim, ele não fez nada. — Por que eu estava escondendo as coações de Saulo? — Você não conhece a Mariana? Ela me trata feito uma criança.

— Eveline. Eu não te trato como uma criança, mas você é a caçula. — Novamente minha irmã assumiu a ligação. — Você lembra que Saulo me fez perder o meu primeiro filho?

— Me lembro de tudo, Mari.

— Sabe que ele foi preso por ser uma ameaça a sociedade e principalmente por agredir mulheres, não sabe?

Engoli minha saliva com força. Recordar das bombas que explodiram há seis anos, quando minha irmã se envolveu profissionalmente com Saulo, me causou calafrios. Ela me contou detalhadamente como o irmão de seu marido a tratou no período em que ficaram juntos, sujeitando-a a humilhações por ser prostituta, demonstrando toda e total posse sobre ela, e por fim, unindo-se a uma pessoa com o objetivo de destruir Mariana.

Saulo foi amante de Vivian, falecida ex-esposa de Valentim. O que sabíamos é que ele a espancou no dia de seu noivado com o médico. E ao decorrer do casamento, Saulo a submeteu à chantagens e ambos continuaram tendo um caso. Como resultado surgiu a dúvida de quem era realmente o pai de Ana, a primeira filha de Valentim com Vivian, levada pela leucemia ainda pequena. E se vocês acham que não poderia ser mais drástico, estão enganados. No final das contas Vivian se matou.

Pelo que entendemos, boa parte da fortuna de Saulo vinha da extorsão incalculável que ele fez do hospital da própria família. Era um conflito de direitos, ele era revoltado por seu pai ter deixado o lugar para Valentim, oferecendo a ele somente a administração.

Ouvi muitas histórias sobre o irmão "bastardo" da família Dell Torre e Saulo sequer possuía o sobrenome do pai. Valentim dizia que ele sempre foi uma criança violenta, arredia e solitária.

E Vivian pouco antes de atirar na própria cabeça, alegou que Saulo era a parte infeliz da família, a dor, arrependimento e o pecado. Mencionou também que o pai dos dois foi um "desgraçado", corrompendo-o desde a infância.

Tinham acontecimentos mais simples, como Saulo ter drogado o próprio irmão na boate em que Mariana dançava, e ter usado o mesmo entorpecente com a minha irmã por não aceitar a aproximação dela com Valentim.

O que Mariana e meu cunhado concluíram era que Saulo nunca aceitou que o irmão possuísse alguma coisa, sempre quis ter tudo o que Valentim conquistava.

— Está me ouvindo, Eveline? Exijo que me fale caso esse filho da puta chegue perto de você, não quero que me esconda. Nós sabemos lidar com ele.

— Mariana, você acha que seis anos preso não serviram para nada?

— Não, eu acho que não serviram. Por que está me perguntando isso? Vocês tiveram algum tipo de contato?

— Não, eu só acho que...

— Me fala a verdade, por favor. O que ele fez?

— Mariana, está tudo bem. Confia em mim, pode ser? — Dei um basta na avalanche de questionamentos

— Eveline...

— Quero falar com os meus sobrinhos. Estão por aí?

— Bell está na aula de piano e Tom no curso de alemão.

Torci a boca para baixo, triste por não poder falar com eles.

— Estou com muita saudade. Diga a eles que levarei presentes, e dê um beijo em cada um por mim.

— Pode deixar. Mas Eve...

— Agora eu tenho que desligar, Mari. Mande um abraço para todos. Até mais.

Parte de mim dizia para seguir os conselhos de ambos sobre manter completa distância de Saulo, e a outra parte dizia que os seis anos recluso o teriam mudado de alguma forma.

Eu não fazia ideia do que Saulo estava planejando com o cruzeiro. A certeza é que ele tinha assuntos para tratar com Marco Sartori. E mesmo sendo uma tapada na maioria das vezes, tudo deixava mais do que claro de

que não era boa coisa.

Todos os detalhes que o meu cunhado deu referentes a Saulo, sobre as coisas que Vivian disse antes de se suicidar, transitavam na minha mente e se transformavam em dúvidas esmagadoras.

Tudo que envolvia o Saulo se transformava em um enigmático mistério.

Sempre fui chamada de curiosa, mamãe dizia que eu queria desbravar o mundo antes mesmo dos primeiros passos. Essa característica me beneficiou em muitos aspectos da minha vida, principalmente nos estudos. Não me aquietava até ter total conhecimento sobre aquilo que me despertava curiosidade.

E pela primeira vez vi que algo que me favoreceu a vida inteira, poderia me aniquilar.

Era para ser o contrário, mas a curiosidade misturada com um interesse errôneo ocupou espaço dentro do meu íntimo.

Não era como um interesse sentimental ou atração. Nada disso. Até porque aquele homem podia ter a história que fosse, mas continuava sendo um ogro, estúpido e sem educação.

Eu gostava de ler romance, sempre deixava um livro clichê na cabeceira.

Mas as minhas histórias preferidas mesmo, eram aquelas protagonizadas por um vilão imoral, que aos poucos contava suas vulnerabilidades, nos fazendo entender, no decorrer do caminho, o porquê havia se tornado tão destrutivo.

— Bom dia, Dimi.

Pela falta de resposta eu notei que Dimitri continuava bravo.

— Posso ficar aqui?

Perguntei ainda parada na porta, abraçando uma pasta amarela cheia de documentos.

Ele assentiu com a cabeça e voltou a atenção para seu computador.

— Desculpa por ontem, eu...

— Não precisa se desculpar. Está tudo bem — disse curto e grosso.

Me ajeitei na cadeira e foquei nos papéis que tirei da pasta. Mordi minha caneta para descontar o incomodo causado pela grosseria dele.

— Está tudo bem mesmo?

— Sim. — Ele fechou a tela do computador e levantou-se. — Estou de saída, tenho uma videoconferência agora.

— Eu posso ir para o meu escritório.

— Não, fique à vontade.

Vi ele passar pela porta e bufei, triste por ter magoado o meu melhor amigo. Afinal, ele estava deixando de ser só o meu melhor amigo. Melhores amigos não se beijavam ou se desejavam.

Tratei de espantar essa preocupação. Os problemas com Saulo pareciam muito maiores, somada à droga da ressaca causada pela garrafa inteira de vinho e os bons goles no uísque dele, eram dores de cabeça o suficiente.

Saí do escritório na hora do almoço e fui almoçar.

Mesmo querendo bancar a detetive para desvendar a incógnita que era Saulo, eu não queria vê-lo de jeito nenhum. Não naquele dia, depois de ter ouvido que ele só me beijaria se estivesse bêbado. Mal sabia que eu só tinha aceitado respirar o mesmo ar que ele porque EU estava *trêbada*.

Porém, aquela história de que o raio só caía uma vez na cabeça do indivíduo era pura mentira, ou eu era a curva da estatística.

A prova disso é que mesmo estando em um navio gigantesco de 12 andares, o sujeito escolheu almoçar no mesmo restaurante que eu.

O tal do amigo não estava junto. Vi que o homem se sentou sozinho, colocou duas vezes algo na boca e engoliu com a água da taça que estava na mesa. Quando seus olhos cruzaram com os meus eu disfarcei e li o cardápio.

Um garçom trouxe a salada que pedi e meu suco de frutas vermelhas. Peguei algumas folhas e coloquei na boca, sem levantar a cabeça para não correr o risco de nos encararmos novamente.

Mas aproveitei quando um garçom foi atendê-lo, tampando o seu campo de visão, para analisar a forma seca em que ele conversava e explicava o

ponto que queria da carne. De repente, vê-lo fazer algo normal de uma pessoa, como se sentar e conversar com o garçom, me deu uma leve sensação de que ele poderia ser um ser humano comum como os outros e não só o monstro que criei na minha cabeça.

— Seu namorado ainda está bravo?

Fui tomada pelo susto, meu copo com suco cairia se não fosse pela agilidade dele de impedir.

De onde surgiu? Em que momento ele se levantou e caminhou até a minha mesa?

Vi seu sorriso espaçoso se abrir e mostrar seus dentes brancos e os caninos pontudos.

— Também costuma derrubar coisas quando está nervosa.

— Você me assustou.

— Garota, você é um animalzinho assustado. Só fiz uma pergunta.

Fitei sua mão segurar o encosto da cadeira e afastá-la da mesa. Ele ia mesmo se sentar para almoçar comigo?

— Por que está fazendo isso?

— Me sentando? Para almoçar — respondeu como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

Voltei a comer. Até as folhas verdes começaram a crescer na minha boca. Tomei o suco para empurrar a salada e olhei para o lado.

O garçom serviu o prato dele e deixou um copo de cristal com uísque e gelos. Olhei a bebida e depois o observei.

— O que foi? Qualquer hora é hora.

— De ficar bêbado?

— De beber uísque.

— Você está almoçando.

— E? Estou em um cruzeiro. Tem alguma lei que proíba?

Dei de ombros e tentei terminar de comer.

— Só vai comer esse monte de mato?

Não respondi.

— Está de ressaca, por isso não consegue comer mais nada— concluiu, com razão.

Tomei todo o meu suco e pedi mais um.

— Muita ressaca pelo visto — complementou.

— O que você quer? — perguntei após deixar tirarem o meu prato.

— Por que sempre pergunta isso?

— Porque você sempre quer alguma coisa.

Saulo sorriu e metodicamente dobrou o guardanapo para colocá-lo nas coxas.

— Hoje eu só quero tomar o meu uísque e queimar no sol.

Coloquei o canudo preto no segundo suco e sorvi o líquido.

— Em Dublin não verei muito o sol.

— Não — concordei.

— Na prisão eu também não o vi muito.

— Imagino que não.

— Me acostumei a ficar sem o sol. — Saulo deu de ombros quando firmemente pegou nos talheres para cortar a carne. — Mas aproveito o que posso.

O que eu tinha a ver com aquilo?

O líquido do suco quase me fez engasgar quando as veias grossas de suas mãos e braços apareceram ao cortar o bife. Ele encostou as costas na cadeira e mastigou lentamente o pedaço. Desviei o olhar querendo sumir dali.

Era diferente a sensação de ficar perto dele sóbria, sua presença trazia consigo uma escola de samba, que retumbava no meu peito. Meu estômago doía, provavelmente porque sentia medo dele.

— Você é próxima das crianças?

— Oi? — Acordei da inércia e parei de morder o canudo do copo.

— Das crianças do meu irmão.

— Sim. Claro, são meus sobrinhos.

Não quis ofendê-lo naquele momento, foi totalmente sem querer, mas talvez ele nem ligasse.

— Não foi a intenção, me desculpa.

— Pelo que? Não faço questão.

— Não faz questão dos seus sobrinhos?

— Eles não sabem que eu existo e eu vivo muito bem assim.

— Então por que perguntou?

Ele demorou para formular a resposta, e então me surpreendeu.

— A última vez que fui até a casa deles, quem estava na porta era a garotinha loira. Depois o menino apareceu, Mariana e Valentim os chamaram para entrar... E a primeira coisa que perguntaram foi se poderiam abrir os presentes que a "tia Eveline" trouxe de viagem.

— É, eu sempre levo alguma lembrança para eles dos países que visito.
— Um sorriso espontâneo apareceu na minha boca. Era natural sorrir toda vez que falavam dos meus sobrinhos.

— São parecidos com os pais.

— Idênticos. De personalidade também.

— Então a garotinha loira deve ser difícil, vai dar trabalho para o meu irmão.

Uma estranha sensação me tomou por falar das crianças, que também eram sobrinhos dele. Notei resquício de emoção em seu tom de voz, mas não expus minha observação para não o fazer recuar.

— Bella é geniosa. Valentim fica louco com ela.

Entre um pedaço e outro ele bebericava o uísque.

— Você queria vê-los... Digo, a última vez que foi até a casa deles?

— Claro que não. Como eu disse, não sou nada para aquelas crianças.

— Você é o tio delas — cortei.

— Não seja ingênua, Eveline.

Me calei. Ele estava certo. Não se passava de um homem com a imagem detonada na família, com um histórico perturbador, e que o irmão jamais gostaria de ter como tio para seus filhos.

Não percebi, mas acabei fazendo companhia para Saulo até que ele acabasse a refeição. O vi limpar a boca com o guardanapo e em seguida terminar o uísque gelado. Ele pediu outra dose e eu só de sentir o cheiro estava ficando nauseada.

— Você não tem ressaca?

— Bebo justamente por isso. É só beber que a ressaca acaba.

Balancei a cabeça e o vi sorrir diante da minha reação.

— Eveline, tem algo que eu gostaria de falar sobre ontem.

— N-n-não se preocupe. Eu tinha bebido demais.

— Não vou falar sobre você ter quase me beijado ou ter tremido em minhas mãos.

Fiquei estática, sentindo cada célula do meu corpo esquentar e principalmente minhas bochechas corarem. Filho da mãe! Ele deu risada e mexeu o copo com as pedras de gelo.

— Quero dizer que você tem razão de ter tido aquele chilique.

Chilique?

— Coloquei você em risco. Eu não deveria ter te usado de isca, porque sei que aquele homem é um assediador.

— Você sabe e mesmo assim me sujeitou?

— Calma, — ele levantou a mão — eu sei muito sobre Marco. Só não sabia que o velho seria imprudente a ponto de mostrar as garras tão depressa.

E daí? E daí se aquele velho demorasse mais para tentar me estuprar?

Mudaria alguma coisa? O trauma seria menor?

Peguei a carteira que tinha o valor da minha conta, coloquei o dinheiro dentro e deixei na mesa de volta. Minha cadeira rangeu quando a arredei com força para levantar.

Apertei o passo para sumir da vista de Saulo, mas ele me alcançou no corredor próximo às escadas de emergência.

— Minha intenção não foi te colocar em risco.

— Não seja mentiroso, Saulo.

— Abaixе o seu tom, garota. Basta o chilique de ontem.

Percebi que eu realmente tinha falado alto e diminuí o volume:

— Você usa as pessoas para as suas atrocidades, e não se importa com as consequências. Como peças de um jogo doentio e sem sentido.

Ele riu. Eu respirei fundo e me virei para sair de perto.

— Você acha que me sentei para almoçar com você porque te acho agradável ou no mínimo uma companhia agradável?

Olhei para ele com raiva e umedeci a minha boca.

— E por que foi? Por causa dos nossos sobrinhos? Da próxima vez crie coragem e ligue para o seu irmão.

Continuou com a sua feição cínica escancarada.

— Estou me lixando para aquelas crianças.

Ele encurtou a distância entre nós dois e falou baixo:

— Marco estava sentado na mesa atrás da sua, te observando meticulosamente. — Saulo pegou a mecha comprida do meu cabelo no lado oposto da franja e prendeu na minha orelha.

— Por que você jogou a isca e agora quer salvar a isca?

Minha traqueia estreitou e a saliva travou na garganta ao sentir a maciez de seu dedo no meu lábio inferior, o qual eu mordi e arrastei meus dentes; vi suas íris esverdeadas acompanharem o movimento. Em seguida ele aproximou seu rosto, o ar quente que suas narinas exalavam se misturou com

o meu. Eu não sabia o que estávamos fazendo, e muito menos o que Saulo tinha na cabeça naquele momento.

— Não gosto de te ver como um bichinho ferido na mira de um gavião.

Milímetros separavam nossas bocas. Virei sutilmente o rosto na expectativa de evitar que o erro se concretizasse.

Saulo não recuou, pelo contrário. Prendeu meu rosto entre seu polegar e os outros quatro dedos e direcionou-me para ele. Seu olhar ferino sustentou o meu, até que desceu para os meus lábios novamente.

— Você disse que eu não sou tragável e nem agradável, o que está fazendo...

— Quietinha Eveline — sussurrou muito baixo.

Sua postura imponente, segura e superior me afetou dos pés à cabeça, então fechei meus olhos quando a quentura e a suavidade de seus lábios encontraram os meus.

— Perdoem-me por interrompê-los. — Ouvimos alguém coçar a garganta, eu estava tão extasiada que sequer identifiquei a voz. — Eveline, estamos precisando de você.

Escutei Saulo arquejar. Ele xingou um palavrão indecente, tirou a mão do meu rosto, posicionou as duas no quadril e encarou Dimitri que estava a alguns metros de distância.

Passei a mão na minha testa e contive a raiva que senti por andar com um aparelho de contato do navio, com GPS.

— Estou indo — informei.

— Não demore.

Positivei com a cabeça, sem o mínimo de coragem para me virar e olhá-lo.

— Seu namorado precisa de você. — Saulo tocou o meu queixo e sorriu. — Se você quiser, estou a fim de uma companhia intragável e nada agradável para o jantar. Te mando uma mensagem.

Ele piscou e deu as costas.

— Saulo — chamei um pouco alto e tratei de consertar: — Santiago!
Como você tem o meu celular e a minha conta bancária?

Deu com de ombros com insolência e sorriu.

— Sei até a cor da sua calcinha, garota.

Abri minha boca para repreendê-lo, mas ele me cortou para completar:

— É branca.

O vi cruzar o corredor e desaparecer. Levantei bem discretamente o meu vestido azul claro, que por sinal não era curto, para conferir a cor da minha calcinha e fiquei igual idiota, embasbacada no meio do corredor.

Ele espiou o meio das minhas pernas por baixo da mesa?



EVELINE



Não foi a decisão mais fácil ir ao jantar que Saulo propôs. Mais do que insegura, eu estava com medo do que poderia acontecer e das intenções dele.

Pensei em ligar de novo para a minha irmã e pedir sua opinião, mas além de dizer não, ela surtaria. Então preferi agir sozinha.

Tomei banho, sequei o meu cabelo e o alisei para depois fazer cachos e deixá-los soltos, ficaram como cascatas laranjas e onduladas. Prendi duas mechas de ambos os lados, deixando minha franja na testa e sutilmente para o direito. Experimentei em média dez roupas e por fim escolhi uma blusa preta de tecido brilhante e decote nas costas até a base da coluna. Combinei com uma calça preta justa, aproveitando que a barra da blusa era comprida e cobria um pouco das minhas coxas finas, calcei sandálias altas, com tiras nos dedos e fiquei parada em frente do espelho em dúvida sobre o que faria com as minhas sardas. Enfim as cobri, também passei blush, delineador bem fininho, rímel incolor e um batom hidratante da cor da minha boca.

Apoiei as mãos na pia e me observei, brava comigo mesma por estar tão ansiosa, muito mais do que no dia que jantei com Dimitri. Mas eu sabia que era porque Saulo tinha todo aquele ar de mistério e uma postura rigorosamente egocêntrica.

Experimentei enfeites para o meu cabelo até que um laço discreto e preto caiu bem. Peguei minha pequena bolsa de mão e apaguei as luzes antes de sair do quarto.

Cumprimentei duas ou três pessoas no elevador, constatando que o

movimento noturno era alto. Desci no andar dos cassinos e só torci mentalmente para ele não ter marcado um jantar no centro de jogos.

Pelo menos isso não. Era realmente um jantar, no restaurante especializado em frutos do mar. Avistei a mesa quando Saulo ergueu a mão para me localizar. Apertei a clutch preta nos meus dedos, sentindo minhas mãos suarem. Vi que o amigo, Adam Monteiro, estava junto. Por um momento me senti aliviada, não precisaria lidar com a presença de Saulo sozinha.

— Boa noite, ruivinha. — Monteiro levantou-se para me dar dois beijos, um em cada bochecha.

Eu apenas sorri e retribuí.

— Sente-se. — Saulo indicou a cadeira em sua frente e involuntariamente eu o obedeci.

Me acomodei ao lado de Adam e cruzei as pernas por baixo da mesa, deixando minha bolsinha entre as coxas.

— Traga um uísque para a garota — Saulo disse ao garçom.

— A carta de vinhos, por favor — o contrariei, olhando para o garçom que, concordou e sorriu para mim.

Virei-me de frente para a mesa e me deparei com um par de olhos verdes me encarando. O que? Eu não podia escolher a minha própria bebida?

— Só toma vinho?

— Eu prefiro — respondi ao Adam.

— Não te deixa com dores de cabeça?

— Se acompanhado com água, não.

— É, eu e Santiago tomamos feito dois desgraçados mortos de sede, esquecemos da água.

Sorri mais uma vez, sem saber qual assunto emendar. Exceto com o meu primeiro namorado e Dimitri, eu nunca tinha me sentado para jantar com homens sem ser do trabalho. E aquela situação me deixou intimidada. Até porque, tanto Adam quanto Saulo, não me ajudavam a ficar à vontade. Antes era um, depois dois pares de olhos claros me observando meticulosamente

enquanto eu escolhia um vinho. Por que não agiam normalmente e ignoravam a minha presença?

Pouco depois o garçom serviu minha taça e entregou-me a outra com água, beberiquei devagar as duas e pousei minhas mãos nas minhas coxas.

— Quase que eu me esqueço. — Monteiro me fitou. — Você está linda.

Ah, pelo amor de Deus! Elogios não me deixariam mais à vontade.

— O-obrigada.

Abaixei um pouco a cabeça, evitando o olhar de Adam, mas ao erguer um pouco, vi Saulo analisando e se deleitando com o meu nervosismo.

— Demorou!

Saulo comentou quando olhou para trás de mim e de seu amigo. Não tive coragem de verificar.

— Fique à vontade, loira. Estávamos te esperando para pedirmos a comida. — Adam se levantou assim como Saulo para cumprimentar a mulher.

Uma loira com um corpão curvilíneo e inteiramente definida, coberta com o que deveria ter sobrado de tecido vermelho de um ateliê. Quase que expunha as polpas de sua bunda que mais parecia uma melancia. Demorei para raciocinar e cumprimentá-la. Assisti quando ela se sentou do lado de Saulo e o beijou na boca. Depois pousou a mão em sua nuca e ficou passando os dedos em seu cabelo.

Me perguntei por que o idiota tinha tentado me beijar mais cedo? E com qual infeliz finalidade ele me convidou para a merda do jantar?

Minutos antes eu saboreava o vinho, mas acabei o engolindo todo, tomada pela raiva da atitude descarada e estúpida de Saulo.

O garçom voltou para servir mais, mas o impedi.

— Por favor, deixe a garrafa.

Eu mesma completei minha taça e dei mais goles. Bebi água para dar uma refrescada no calor que se espalhava em consequência da bebida seca e já aproveitei para pegar o tablet na mesa e selecionar o meu prato.

— Pelo jeito esse vinho é bom.

— Muito bom, Adam. — Meu tom saiu mais grosseiro do que pensei.

Ia comer, pegar minha garrafa de vinho e partir para a minha cabine. Quietinha e feliz, sem a presença do louco.

Fugia das regras de etiqueta e não era a coisa mais educada do mundo, mas eu comecei a comer antes mesmo dos pratos deles serem servidos. Não disse mais uma palavra, vez ou outra respondia Adam, porque coitado, não tinha culpa de nada.

Me recusei a ficar olhando as carícias da loira em Saulo, trocas de beijos e gestos maliciosos. Pareciam íntimos, provavelmente já tinham feito muito sexo durante esses dias do cruzeiro. Podia até ser a mulher que Alma surtou quando o viu agarrando. Bom, não era da minha conta.

Findei o vinho mais rápido do que achei que seria capaz, e só percebi o efeito quando me levantei para ir ao banheiro e minhas pernas estavam pesadas e o meu corpo flutuante como uma pluma.

Cheguei no *toilet*, passei água na nuca e na testa para ver se refrescava. Já vivia vermelha por natureza, mas o vinho tinha o poder de me deixar mil vezes mais corada, fazia minhas bochechas pegarem fogo.

Voltei, mirando e comandando os meus pés.

Um na frente do outro. Um na frente do outro.

Droga! Estava tonta.

Mas a conversa entre os três parecia tão divertida que sequer notaram. Afinal de contas, estavam bebendo destilados fortíssimos, deveriam estar piores do que eu.

— Tudo bem, ruiva? — Adam perguntou quando me sentei com a delicadeza de um elefante. — Está toda vermelha, culpa do vinho?

Eu ia responder que sim, mas fui interrompida.

— Beba água, a uva está te dando alergia — Saulo aconselhou.

Levantei minha mão para chamar o garçom.

— Me traga mais uma garrafa dessa.

— Agora mesmo, srta.

Encarei o idiota e encostei na cadeira.

— Vamos ao cassino quando terminarmos — Adam me informou ao terminar de mastigar seus aspargos. — Quero que vá com a gente.

— Agradeço o convite, Adam. Mas trabalho cedo.

— Trabalha cedo? — a loira que eu nem sabia o nome perguntou.

— Ela é funcionária do navio — Saulo respondeu.

— Nossa, que legal! O que você faz?

— Administro. — Dei um sorrisinho forçado.

— Administra o que? — Fingiu interesse.

— Tudo.

Ela se calou e bebeu o uísque de Saulo.

— Vai, ruiva. Vamos com a gente, vai ser legal!

— Deixa, Monteiro. A garota não aguenta uma ressaca.

O que? Ele que ia ver se eu não aguentava.

— Vamos indo na frente? Já que terminamos — disse a Adam.

— Então você vai?

— Lembrei que adoro jogar poker.

— Não acredito que saiba jogar. — Adam parecia surpreso.

— Mulher nenhuma sabe, Monteiro — Saulo disse com desprezo.

Olhei para ele e contive o riso.

— Vamos?

— Mas sua garrafa está cheia — Monteiro comentou.

Peguei minha conta e me levantei. Ele fez o mesmo.

— Esperamos vocês lá — anunciou.

Monteiro pegou minha garrafa e deu um gole direto no gargalo.

— Sabe mesmo jogar poker?

— Tire suas conclusões.

— Ui, afiada — brincou e eu acabei rindo.

Estava mais uma vez embriagada. Culpa de quem? Podia dizer que exclusivamente minha, mas preferia culpar Saulo mesmo.

Nós passamos em caixas eletrônicos antes de seguirmos para o cassino, sabíamos que seria necessário uma boa quantia para podermos jogar, porque nos cruzeiros as apostas eram feitas em dinheiro vivo.

O espaço era grande e com uma boa variedade de jogos. A maioria dos frequentadores se compunha por senhores de meia idade, ou homens mais jovens que só participavam por serem ricos. Uma ou outra mulher acompanhava seus maridos, mas nem 1% delas faziam apostas.

Viajando pelo mundo eu conheci um pouco de tudo e em especial cassino, que me apaixonei quando fui para Las Vegas com Dimitri. Falando nele, senti um misto de saudade com tristeza por ainda estarmos desentendidos. Depois da cena que ele presenciou com o idiota quase me beijando, tudo piorou. Ele não me disse uma palavra a tarde toda, mesmo estando no mesmo salão de treinamento que eu.

— Poker mesmo?

— Poker mesmo.

— Então venha. — Adam segurou minha mão e me guiou até a larga mesa de apostadores.

Percebi os olhares descrentes sobre mim, como se uma mulher fosse incapaz de competir.

Adam ofereceu-se para ser meu orientador no jogo, mas eu neguei. Não precisava de um mentor, então ele sentou-se como os meus outros adversários. Não senti-me intimidada ao ver todos aqueles homens sisudos me avaliando, só foquei no jogo e comecei bem, ganhando as duas primeiras rodadas.

Adam ria em comemoração mesmo perdendo para mim, parecia deslumbrado com a minha habilidade. Na terceira, três jogadores correram, ou seja, desistiram abandonando até o final da rodada. Eu fiz uma aposta,

Adam pagou a minha, igualando nossos valores, então eu aumentei determinando o valor para cinco mil dólares. O amigo de Saulo me olhou assustado e, tranquilamente, peguei seu copo para tomar um gole de uísque.

Ganhei mais uma rodada.

— Cara, essa ruiva é fodida — ouvi Adam falar alto e se levantar para dar um abraço lateral em Saulo.

Olhei para trás e ignorei a presença dele ao ver a loira esculpida pendurada em seu outro braço.

Começamos com oito jogadores, tinha caído para três. Eu, Adam e um homem de cabeça branca.

Então o senhor se levantou, me parabenizou e saiu da mesa.

Saulo sentou-se, arregaçou as mangas da sua camisa preta e me encarou, esbanjando presunção e arrogância. Continuei ignorando e esperei que as cartas fossem distribuídas.

Ele era bom, melhor do que o amigo, mas claramente blefava o tempo inteiro e como eu tinha conhecimento do seu comportamento dissimulado, acabei ganhando as três últimas sequências também.

— Já que sou melhor que vocês dois juntos, eu pago a próxima rodada de uísque — disse para provocar Saulo.

Largamos o poker, eu dez mil dólares mais rica e Saulo dez mil dólares mais puto da vida.

Não tirei meu sorrisinho irritante do rosto. Era bom provar a um ser humano tão orgulhoso e pedante, que eu podia ser melhor do que ele em alguma coisa.

Percebi o quão embriagada estava quando aceitei ir para a balada com os três. A mulher não desgrudava de Saulo, mas chegou um certo horário que nem me incomodou mais, porque a companhia de Adam era agradável e me distraía.

Na verdade, eu nem entendia porque tinha me incomodado, Saulo não era nada meu. Só o achava um sem vergonha por ter tentado me beijar na hora do almoço, me convidar para um jantar e estar acompanhado. Ele era realmente sem noção.

Mas as músicas me divertiram. Dancei no ritmo do pop, de músicas latinas e até funk brasileiro, que não deixava uma mulher do lugar parada. Não entendia as letras, mas a batida era uma delícia.

— Quer subir comigo, ruiva? — a esculpidinha de Saulo me abordou, apontando para o pole dance em um palco pequeno no centro da boate.

Neguei com a cabeça. Jamais teria coragem de fazer aquilo, não julgava, mas não era para mim.

— Não tenho coragem, mas vai lá! — Sorri para a mulher que retribuiu com um sorriso amigável.

Com a ajuda de Adam a loira subiu e chamou a atenção de todos. Claro, sua bunda tinha vida própria, parecia realmente uma melancia. Fiquei com um pouquinho de inveja, por não ter um corpão daqueles.

— Obrigada — disse quando Adam me entregou um copo cheio do líquido âmbar com gelos.

— Sobe lá. Certeza que você arrasa — o amigo de Saulo falou gritando no meu ouvido, por causa da música alta.

— Não! — respondi rindo. — Tenho vergonha.

Vi que mais uma mulher morena subiu, dividindo o palco e a barra de ferro com a loira.

Adam foi à loucura, enaltecendo exaltadamente a dança da morena bonita, com um vestido tão curto quanto o da loira. Olhei para trás, a procura do *demo*-Saulo e o encontrei encostado na parede, com o copo de cristal entre seus dedos, e ignorando a mulher que o acompanhou, mas que estava sensualizando para todos os homens que a assistia.

Me aproximei dele e perguntei berrando:

— Por que está com essa cara?

— Que cara?

— De quem comeu e não gostou.

— Fico me perguntando se essas mulheres não sentem vergonha.

— Vergonha do que?

— De ser vagabunda.

— Credo Saulo, que humor! Elas estão se divertindo.

— Se não concorda comigo, por que não sobe lá? Completa o trio, só falta uma ruiva.

— Não tenho coragem dessas coisas, mas não fico julgando, cada um faz o que quer.

— Não tem coragem porque é coisa de vagabunda.

— Você tá xingando a mulher que está com você.

— Não está comigo.

Balancei a cabeça em negação e dei mais uns goles na minha bebida.

— Chega, Eveline. — Ele tirou o copo da minha mão.

— Me devolve.

— Eu sei que não está acostumada a beber tanto, e que só está fazendo isso porque trouxe uma vagabunda para o jantar.

— Você se acha, não é? Eu não tô nem aí, faça o que você quiser. Não me importa.

Ele me calou da forma mais inesperada. Senti seus lábios devorarem os meus, sua língua explorar cada cantinho da minha boca. Sua mão firme pegou na minha nuca e agarrou os meus fios rente a raiz do cabelo. Inevitavelmente eu correspondi, na mesma intensidade e vontade. Meu corpo pendeu para trás, apoiado em seu braço forte. Mesmo inebriada, eu me esforcei para buscar qualquer resquício de sanidade dentro da minha mente e então separei o meu corpo do dele.

— Ficou louco? Por que fez isso?

— Você me mandou fazer o que eu quero, eu fiz.

Olhei para os lados, preocupada se a loira tinha visto a cena, mas não a encontrei.

— Venha. — Senti a mão dele segurar a minha e assustada eu neguei com a cabeça. — Se preferir, eu te pego e te coloco no meu ombro.

— Saulo!

Ele ameaçou de me pegar no colo.

— Eu vou, eu vou.

— Boa garota.

— Mas calma, vou aonde?

O homem me ignorou e abriu caminho entre as pessoas para sairmos da balada.

Corremos pelo corredor até os elevadores, feito dois adolescentes fugidos.

— Meus saltos, calma homem!

— Anda, coloque o pé aqui. — Abaixou-se na minha frente e dobrou o joelho para que eu apoiasse.

Tirou primeiro uma sandália e depois a outra, enganchou ambas em seus dedos e então entramos no elevador.

— Saulo, se está achando que vamos fazer alguma coisa...

Não pude terminar de falar porque sua boca cobriu a minha. Saulo segurou meu queixo e mordiscou meu lábio inferior, em seguida pegou-me com os braços, deixando minhas coxas envoltas em seu quadril e fez com que minhas costas colidissem contra a parede.

Ofegante e suando em consequência do calor do corpo daquele homem grande e viril, eu deixei com que sua fome fosse saciada com os beijos violentos em meu pescoço, logo sua mão abaixou o tecido da blusa brilhante, deixando meus ombros a mostra, para também serem vestidos por sua boca quente, macia e loucamente excitante. Minhas mãos agarravam seu cabelo com força e meu corpo tremia em cada toque, sendo tomado por um fogo abrasador.

Pisquei com força para conseguir distinguir se era o efeito do álcool ou se realmente a luz do elevador estava piscando. Mas em poucos segundos ela ficou em meia fase. Ele parou de distribuir seus beijos para encarar o teto também e então sorriu para mim, dando os ombros.

Então sofremos um tranco, com a súbita parada do elevador a luz fraca

de emergência acendeu.

— Droga! O elevador travou.

— Fica quietinha.

— É sério, Saulo.

Ele fechou os olhos e respirou fundo, colocando-me no chão. Peguei o meu rádio de contato do navio na pequena bolsa que tinha caído no chão, e escrevi uma mensagem para o setor de segurança, mas fui impedida de enviar. Saulo tomou o aparelho da minha mão e enfiou no bolso.

— Tenho a impressão de que você está gostando.

— Eu só não sei porque está fazendo isso... E...

— Eveline. — Meu rosto ficou entre suas enormes mãos. — Não vou te machucar.

— Estamos bêbados.

— Você tem que entender que eu sempre estou bêbado. Estou fazendo isso porque eu quero, porque tenho vontade.

— Pra amanhã você aparecer com uma loira, de bunda grande e me destratar? Obrigada, mas eu não quero.

Ele sorriu.

— Por que está sorrindo?

— Você é muito encanada, e eu confesso que estou começando a achar uma gracinha.

— Não é encanação. Estou falando a verdade.

Saulo abaixou-se na minha frente e pegou no cóis da minha calça, desabotoou e desceu o zíper. Senti seus beijos calmos nos ossinhos do meu quadril e em cima do tecido da minha calcinha.

— Não...

— Você não quer? — Suas íris verdes, que estavam mais felinas do que nunca, me encararam.

— Não estou depilada.

Perdi a chance de calar a minha boca.

— E eu nunca fiz isso.

— Nunca fez o que?

— Isso. — Olhei para baixo.

— Ainda não entendi.

— Nunca tive um homem no meio das minhas pernas, Saulo.

Ele riu e sua cara de desentendido me fez ficar ainda mais envergonhada.

— Está brincando comigo, não é? Não precisa disso, não vou te chamar de vagabunda.

— Não estou brincando. Levanta daí. — Fechei meus olhos, totalmente constrangida.

— Você não gosta de ser chupada, é isso?

Abotoei minha calça, subi as mangas da minha blusa e me ajeitei.

— Me entregue o rádio. Precisamos sair daqui. — Estendi a mão.

— Me responda. Você não gosta de ser chupada?

Olhei para o lado e passei as mãos no meu rosto.

— Fala, garota. — Já em pé, e muito mais alto do que eu, ele me pressionou para respondê-lo.

— Eu sou virgem, idiota.

Seu silêncio dobrou minha timidez. E o maldito elevador voltou a funcionar no mesmo minuto.

Com a luz clara acesa novamente, eu pude enxergar o semblante confuso de Saulo.

Apertei os botões dos andares de novo e continuamos em silêncio total.

— Vamos esquecer isso. Tenha um bom descanso — disse quando fui descer no meu andar.

Saulo impediu a porta com a mão antes que ela fechasse.

— Vou te colocar na cama.

— Que? Não, não precisa.

— Mulher teimosa do caralho — praguejou baixo.

Andamos pelo corredor até a minha porta e então a destravei com o cartão.

— Estou sã e salva, pode ir para a sua cabine ou voltar para a loira.

— Chata pra porra também.

Entrei no quarto sem deixar de ser seguida. Sentei-me na cama e vi ele colocar a minha sandália do lado da mesinha.

— Estou na cama, pode ir agora.

Fez o que melhor sabia fazer, me ignorou. Então pegou uma garrafinha de água no frigobar e me entregou.

— Beba tudo, trabalhar de ressaca é uma desgraça.

Eu obedeci, porque dentro de algumas horas seria inaceitável continuar bêbada daquele jeito.

— Troque de roupa enquanto eu tomo banho. Aproveite para dormir.

— Para de me dar ordens e vai para o seu quarto!

Adivinhem? Fui ignorada.

Eu precisava de um banho também, estava fendendo a álcool, mas não aguentei esperar. Mesmo achando que não conseguiria dormir com a cabeça a mil, por ficar pensando no que fizemos, o cansaço me venceu.

Eu abri os olhos com dificuldade antes do despertador tocar, irritada com a claridade que entrava pela pequena sacada e invadia o quarto. Fiquei surpresa ao notar que Saulo não tinha ido embora ainda, e estava sentado na beirada da cama, de costas para mim. Decidi não me mover. Contemplei o homem sem camisa por alguns segundos e reparei quando ele ingeriu algo com goles de água.

— O que é isso que toma sempre?

— Me observando?

Me sentei e esfreguei os olhos, com uma preguiça descomunal.

Certa de que eu não teria uma resposta, levantei sentindo minha cabeça pesar uma tonelada e rodar feito um pião. Fui até o banheiro para escovar os dentes, e tentei disfarçar o meu nervosismo ao lembrar do que tínhamos feito de madrugada.

— Pelo jeito não conseguiu dormir— seu semblante cansado, mas não menos bonito, deixou isto claro.

— Tenho insônia.

— Somos dois. — Lavei minha boca e sequei na toalha. — Bom, preciso trabalhar.

— Quando encerrar o seu expediente, estarei esperando em um dos bares em volta das piscinas, no último andar.

— O que você quer, Saulo? Não precisamos fazer isso.

— Isso o que?

— Isso. — Apontei para mim e para ele.

— Quero conversar com você.

Não sabia se diria sim ou não, então não respondi. Me fechei no banheiro para me trocar e quando saí, já estava sozinha.



SAULO



— O que o velho quis dizer com mercadoria em peso?

— Quando foi que se tornou esse acéfalo, Monteiro?

— Não é possível que seja referente a isto que estou pensando.

Monteiro permaneceu com as mãos no rosto, incrédulo com tamanha frieza de Marco para se tratar da nova leva de mulheres traficadas para o seu sádico comércio.

— Puta que pariu! O cara é um perverso de primeira linha.

— Monteiro — o chamei, com uma pausa para engolir o gosto amargo da minha boca. — Acha mesmo que Safira está viva, depois de tantos anos?

— Claro que está e casada com ele. O velho usou aquela coisa de divórcio pra comer a ruivinha. Por que ele a mataria?

— Ela pode ter perdido a utilidade. — Fechei os olhos, nauseado só de imaginar a serventia de Safira.

— Porra, está perdendo o foco? Sua certeza se dissipou com os anos preso?

Não, não havia se dissipado. Era Safira, há seis anos casando-se com Marco Sartori, com outro nome e sobrenome, jamais confundiria o formato e a cor daqueles olhos, mas o medo corroía minhas entranhas e fodia a minha cabeça com incertezas.

— Então por que ele a está escondendo? Nunca mais a vimos na mídia.

— Não possuímos todas as respostas, mas conseguiremos.

Fizemos silêncio para ouvirmos mais uma vez os áudios da escuta instalada no quarto de Marco Sartori. Aquilo estava um tédio até este dia, o máximo que víamos era o pau enrugado do homem pela micro câmera, pelado e transitando pelo quarto, como uma pessoa com a rotina normal. Marco sabia ser cauteloso, não vimos seus homens no navio um dia sequer.

— Sumiu ontem, filho da puta. Pegou a ruiva gostosinha?

— Tire os seus olhos dela, ou eu furo eles.

Adam gargalhou.

— Mais conhecido como chá de boceta.

Ignorei a imbecilidade e verifiquei a hora no meu pulso.

— Vamos, antes que o idoso durma.

O filho da putinha não parava com suas piadinhas, expondo-me ao ridículo.

— E os pelos, são ruivos?

Olhei para o painel do elevador, com a inquietação crescendo a cada segundo.

— São enroladinhos e ruivos?

— Tire o que você puder dele. Seja o melhor amigo do velho, a falsidade é sua melhor qualidade.

— Que ofensa. — Monteiro colocou a mão sobre o peito, insultado. — Mas me diga, são enroladinhos e ruivinhos?

— Sairei dentro de duas horas, a responsabilidade será sua.

— Porra, quero entender porque o meu soldado foi abatido.

— E eu quero cortar a sua língua, mas seria preso.

Sentamos a poucos metros de distância de Marco, que estava conversando com mais um grisalho, pedimos nossas doses e aguardamos para sermos notados.

— Você tá fodendo a garota que ele quis comer.

— Então sou alvo de sua admiração.

Adam balançou a cabeça e ergueu seu copo para um brinde.

— Eu também te admiro, chefe.

Notei que Monteiro viu a aproximação de Marco, ele aproveitou para dissimular que o brinde era para saudar a chegada.

— Meus amigos, vocês sumiram. — Ele apoiou a mão no meu ombro e estendeu a outra para Monteiro.

— Fique com a gente— puxei a cadeira, criando um ambiente amigável.

Inventei uma inflamação no estômago para não acompanhar o ritmo da bebedeira deles. A verdade é que, como sempre, o álcool vinha me fodendo e atrasando minha vida. Mais de uma semana a bordo, uma informação inútil e quase nenhuma aproximação com o velho.

— E Eveline, está trabalhando agora?

Parecia interessado demais.

— Sim. Ela tem muitas funções por aqui. — Fui sucinto.

— Gosto da ruiva, é uma boa moça. Fez uma boa escolha.

Sua avaliação redobrou o intruso e maldito sentimento de culpa por ter submetido Eveline à um estuprador em potencial.

— Concorde, muito divertida. Ontem fomos ao cassino, acredita que a mulher tirou dez mil dólares da mesa de poker? Não perdeu a porra de uma rodada.

— Então vocês são ruins. Deixar uma pirralha ganhar? Vergonhoso — Marco caçoou, motivando-nos a simular risadas.

— E ainda provou para Santiago que aguenta um porre de bebida. Coitado, apaixonou na ruiva.

Fiquei de perguntar se Adam já tinha participado de peças teatrais, porque sua atuação era digna de um óscar. Em pouco tempo os assuntos tomaram outros rumos, Marco sempre fazendo o contente e simpático, Adam tentando tirar informações e eu comentando uma coisa ou outra. Por mais esforço que eu fizesse, não conseguia agir tão naturalmente quanto Monteiro.

A inflamação do estômago transformava-se mais em realidade naquela mesa.

— E o que faz lá em Petersburgo?

— É um idoso aposentado, Adam.

Pronunciei seriamente, para induzi-lo a falar. Marco gargalhou e levantou seu uísque, propondo mais um brinde.

— Sou um velho muito ativo, meu caro Santiago. Mais saudável do que jovens como você.

— Um milionário que enquanto gere a fortuna, coça o saco em casa? Me parece um trabalho árduo — desta vez falei mais brandamente.

— Tenho uma indústria bélica.

— Fodido, Marco. E como funciona? — Monteiro ficou claramente interessado, como se não fosse do nosso conhecimento.

Começamos a discutir sobre o mercado armamentista e a embriaguez o fez prometer uma arma de última geração para mim e para Monteiro. Ali notei um vínculo mesmo que superficial, coexistindo entre a confiança e a insegurança, de Marco para nós.

Analisando com sensatez, a melhor qualidade do meu amigo era a lábia, para fazer jus a sua profissão de advogado e investigador, exercida antes de eu lhe oferecer o dobro do seu salário usual.

Concordamos que em situações críticas eu me manteria a maior parte do tempo com a boca fechada, porque o risco de falar merda e foder tudo era enorme. Já Monteiro sabia dançar conforme a música e ser tão ardiloso quanto os vermes que lidávamos.

— Deu a minha hora. — Arregacei a manga do paletó preto e da camisa branca e anunciei: — Foi um prazer estar com vocês. Vamos marcar uma bebida, assim que meu estômago estiver melhor. — Me despedi com toques de mão e saí quando Monteiro me tranquilizou acenando com a cabeça.

Segui para o último andar, sem a certeza de que Eveline me encontraria. A garota não tinha respondido nenhuma mensagem minha e nem atendido a ligação que fiz cinco minutos atrás.

Estralei o pescoço para um lado e para o outro, sentindo uma tensão

desconfortável nos músculos e cheguei em um bar que enredava a piscina infinita do convés. O local comportava milhares de hóspedes. Seria impossível enxergar uma ruiva magrela no meio da multidão de pessoas e bares. Sentei-me no primeiro espaço do balcão que encontrei disponível e pedi uma bebida que não me alterasse como o uísque.

— Um Gin Tônica.

Peguei meu celular e antes que apertasse para chamar o número da garota de novo, senti algo cutucar o meu rosto. Duas, três vezes. Vi as pequenas bolinhas formadas de guardanapo de papel no chão, e encarei a direção de onde vinham. A brincadeira de criança de cinco anos me deu vontade de rir. Eveline não precisava jogar papel na minha cara pra que eu a localizasse.

Virgem Saulo, ela era virgem.

Esperei a minha taça de Gin, desci da banquetta e passei por algumas pessoas antes de chegar nela.

— O que está bebendo?

— Chá gelado com vodca e limão. — Segurou o canudo e apontou para a minha boca. — Quer experimentar?

— Não, isso é bebida de mulher.

Curiosamente, Eveline passou as mãos pelo copo largo e procurou algo com os olhos.

— Que é isso, garota?

— Estou procurando onde está escrito o gênero.

Neguei com a cabeça, achando a sua gracinha ridícula muito bem-vinda.

— Aquele bar está mais vazio. — Fitei com os olhos o lado oposto da piscina. — A não ser que você queira que eu permaneça em pé.

— Quero. — Eveline sugou a bebida pelo canudo e começou a rir. — Estou brincando, vamos.

Ela pagou a conta e deixou gorjetas no balcão. Subitamente me veio o pensamento de que mulher nenhuma que eu saí, tinha pago alguma conta.

Mas a independência e o jeito solitário de Eveline viver, ficava cada vez mais evidente.

Analisei a forma em que ela estava vestida, com uma blusa de mangas xadrez, vermelha, azul e branca, com detalhes abertos em ambos os ombros, e uma calça jeans preta, combinando com os saltos finos da mesma cor. Diferente dos outros dias, todo o cabelo estava liso, sem uma onda sequer, assim como a franja reta que cobria suas sobrancelhas. Mesmo discreta, Eveline atraía olhares por onde passava.

Eu tentava calar a minha mente barulhenta, que reforçava a todo instante que a garota era virgem. Mas toda vez que eu a olhava, ficava mais difícil.

Como aqueles olhos tão claros nunca haviam revirado de prazer? E aquele rostinho sagrado nunca tinha provado a ardência de um tapa? O pescoço fino e bonito jamais havia sido enforcado? As duas fartas montanhas sardentas nunca foram mamadas? Deveria ter aproveitado de seus peitos expostos no elevador.

E até mesmo aquela boquinha desenhada, nunca havia ecoado devassidão?

— Você tem quantos anos, Eveline?

— Você escutou alguma coisa que eu falei? — Me encarou franzindo o seu par ruivo de sobrancelhas.

— Não.

Ela mexeu no cabelo, se recusando a repetir.

— Vinte e cinco.

Vinte e cinco anos, selada.

— Está pensando no que eu falei ontem no elevador. — A garota abaixou o olhar e negou com a cabeça. — Esqueça isso. Eu falei porque não faria algo para me arrepender depois.

— Não se preocupe, não é da minha conta.

Realmente, mas a falta de respeito do meu pau comigo, era fora do comum. Ajeitei a calça preta antes de sentar-me ao lado dela, não querendo de forma alguma que ela notasse a minha queda por virgens, queda nunca

realizada. Me negava a isso. Com o pouco de noção que eu possuía, era o mínimo que podia fazer para evitar dores de cabeça. Não que fosse frequente esbarrar em uma virgem.

Mas esse papo de se arrepender depois era mentira, o único arrependimento que eu causaria a ela seria pelo vício.

— O que foi? — Estudei seu olhar e a direção dele.

— É ruim ter olhos querendo te despir o tempo inteiro?

Sorri diante da pergunta incabível e terminei meu Gin.

— Não sei, os seus querem?

— Você acabou de dizer que não é da sua conta.

— E você é mal-educada.

— Só reproduzi o que eu ouvi, talvez a mal-educada não seja eu.

Pedi outro Gin Tônica e foquei minha atenção em Eveline, ela parecia desconfortável e incomodada por estar comigo.

— Estou esperando para saber o que quer conversar.

Resolvi ser direto.

— Fora a insônia, não consegui pregar os olhos essa noite por ficar imaginando como seria se aquele velho nojento tivesse te enfiado no quarto e te comido à força. Adicionando ao trauma de estupro, você ainda teria deixado de ser virgem por meio de violência.

— Já falamos sobre isso e passou.

— Eveline — cortei ríspidamente. — Imagine o monstro que quiser, caracterize-o da forma que preferir, mas não queira ser ignorante sobre a minha abominação por estupro. Nunca me perdoaria por ter sido responsável.

— O que está sentindo é culpa.

— Garota, não dificulte.

Ela deu de ombros e desceu da banqueta com o seu drinque gelado.

— Você não reconheceu o que poderia ter acontecido e mudado na

minha vida se tivesse sido consumado. Está só tentando se sentir menos culpado.

— Não terminei.

— Você é a pessoa mais egoísta que conheço. E engraçado que te conheci há menos de duas semanas.

Seus passos apressados a distanciaram, deixei dinheiro no bar e fui atrás feito um cachorro irracional. Deixamos a barulheira e o movimento e caminhamos em uma direção desconhecida para mim.

— Para de me seguir.

— Você age feito uma criança.

— E você feito o dono do mundo.

A segurei pelo braço para parar de andar quase correndo e a coloquei de frente para mim.

— Eu rezo para apagar aquelas cenas da minha cabeça, Saulo. E você volta no assunto repetidas vezes porque o seu egoísmo não te permite sentir culpa.

— Não é só culpa, garota. Você pode me escutar?

— Estou escutando.

— Então olhe para mim.

Ela negou.

— Eveline, olhe para mim. — Apoiei seu queixo e ela me obedeceu. — Eu sei exatamente o que poderia acontecer e mudar na sua vida. Não é só culpa.

Sua expressão ficou perplexa e quando sua boca curiosa foi perguntar, eu a interrompi:

— Eu quero me desculpar.

— Perdão é mais bonito.

— Garota.

— Se pedir perdão eu penso.

— Me perdoa, Eveline?

Sua boca pequena e desenhadinha fendeu em um sorriso vitorioso.

— Está perdoado. Mas agora me conta, como sabe exatamente o que mudaria?

— Não comece com suas perguntas inconvenientes.

— Como um homem do seu tamanho pode dizer que sabe o que uma mulher passa nessas situações... — Desta vez, a magricela que começou a me seguir. — E quais são as consequências? Me diga.

Ninguém entendia como um homem podia ter sido tão fodido e mesmo a conhecendo tão pouco, sabia que ela seria a última a entender o acervo de iniquidades que os seres humanos podiam cometer, onde na maioria deles, eu já havia sido um alvo.

— Faremos assim, você me poupa e eu te poupo.

— Não entendo porque precisa ser tão grosso.

— Não entendo porque precisa ser tão curiosa.

A sua atitude de se calar me incomodou. Fomos para uma piscina coberta e nos sentamos nas espreguiçadeiras.

— Contou ao seu namorado da nossa noite?

— Você acha que se eu tivesse namorado teria aceitado jantar com você?

— Então tinha intenções para o jantar?

— Claro que não, idiota. O que eu quis dizer é que não teria permitido que me beijasse.

— Que seja. Contou a ele?

— contei. Não mentiria para o meu melhor amigo.

— É isso que ele é? Seu melhor amigo? — Meu desdém ficou aparente.

— O conheço há três anos, Saulo. Trabalhamos juntos, muitas vezes fazemos turnos sem fim. Dimitri é muito companheiro, me entende e nós conversamos sobre tudo. — Eveline pegou três mechas de seu cabelo e

começou a trançá-las. — Eu acho que ele gosta mesmo de mim e eu gosto dele. Minha família torce muito para ficarmos juntos, minha mãe planeja o nosso casamento, então, nessa viagem decidi dar uma chance. Ele é um bom homem, sabe? Muito atencioso.

Era só responder SIM ou NÃO, garota.

Resolvi resumir e facilitar para aquela cabecinha fantasiosa.

— Ele quer te foder.

Só não esperava uma resposta ácida.

— Nem todos os homens têm o coração no pau como você, Saulo.

Daria tudo para voltar a fita e ver aquela boquinha vermelhinha pronunciando a palavra: pau.

Fiquei imaginando como o meu ficaria no meio daqueles lábios.

— Não tenho um coração no pau, Eveline.

— Concordo, não deve ter em lugar nenhum.

Talvez eu tenha sido estúpido de interrompê-la daquela forma, mas por que iria querer saber do casamento encantado com o homem perfeito?

— A conversa acabou, vou para a minha cama.

— Ficou irritadinha por ter ouvido a verdade sobre o seu homem dos sonhos?

Ela bufou e levantou-se puta da vida. Fiquei em pé, analisando seu rostinho delicado abaixo do meu.

— Você disse que ele quer me "foder", porque não tem coragem de assumir o próprio desejo.

Gargalhei alto e umedeci a minha boca antes de passar a mão em seu rosto e fixar nossos olhos.

— Fique tranquila, não tenho o mínimo desejo.

— Ótimo, porque eu também não.

Após terminar de tomar a bebida, Eveline colocou com força sua taça na pequena mesa perto de nós dois. Antes que ela se afastasse eu a puxei de

volta, fazendo o corpo miúdo colar no meu.

Seus peitos espremeram o meu peito, descendo e subindo. Eveline ficava ofegante com facilidade e pela segunda vez senti a sua nuca molhada na minha mão. Imaginei o quanto a garota pingaria de suor quando metesse.

— Você é maluco. Me larga.

— A primeira coisa eu concordo, a segunda eu discordo. Quer mesmo que eu te largue?

Suas pupilas ficaram grandes como a lua cheia, ela olhou para o lado e entreabriu os lábios.

Envolvi seu maxilar com a mão, forçando-a me encarar. Durou pouco até que suas írises, com diversas nuances, mirassem minha boca. Ela agiu rápido, envolveu o braço no meu pescoço e me beijou. Sua saliva refrescante de vodca e limão se confundiu com o Gin da minha, e sua linguinha gelada enrolou-se na minha. Mesmo descontando sua avidez, Eveline continuava tendo um beijo virginal.

Meu desejo era foder a boquinha dela com a minha língua e com toda a vontade que crescia e se acumulava nas minhas vísceras. Mais tarde, foderia sua garganta com outra coisa. Tentei ignorar a perversidade da minha mente, mas foi impossível.

Suas mãos pequenas e finas escorregaram pelas minhas costas e intrincaram no meu cabelo da nuca com os dedos. Segurei em seu rosto quando preendi o lábio carnudinho inferior entre os meus dentes e a afastei, fazendo questão de assistir sua boquinha vermelha esticar. Lambi o lugar castigado e ela passou a língua por cima.

— Você disse que... — arfando, a garota perdeu as palavras.

— Fique calada, nos damos bem quando você fica quietinha.

Eveline ia se opor, mas decidi manter a boca tagarela bem ocupada.

— Eu não... — a garota ofegou — eu não posso fazer isso. Não aqui. — Meu peito exultou ao ouvi-la acrescentar.

Esquecendo todo o falso comprometimento e meu pacto de ideal com a minha consciência, eu levei Eveline para a minha cama.



EVELINE



Os seus beijos eram o combustível para me levar a caminhos nunca dominados por mim. Meu ventre sofria ondulações e minha vagina contraía sem controle algum. Eu podia ser virgem, mas não burra. Sabia que aquilo era a consequência da excitação intensa causada pela boca de Saulo em contato com a minha pele.

Sentia-me leve como uma pluma, pela facilidade risível que o homem tinha de me pegar em seu colo. Também sentia-me pequena comparada a ele. Fiquei mais miúda, quando cautelosamente fui deitada na cama e aquele enorme corpo, formado por seu peito largo e musculoso, os braços fortes e seu rosto composto por traços que o tornavam diabólico por tanta beleza, me cobriram.

Já tinha ultrapassado todas as fronteiras antes desbravadas. Estar à mercê de um homem, com o corpo sob o dele me deixava inteiramente tensa. Minhas reações não eram nada mais do que instintivas, como agarrá-lo pelo cabelo, retribuir seus beijos quentes, apertá-lo e arranhá-lo enquanto sua boca conhecia cada pedacinho da minha pele.

O silêncio me constrangia um pouco, mas esqueci disto quando Saulo tirou a minha blusa e apertou meus seios sobre o sutiã, fazendo o meu gemido ecoar pelo quarto e ser preenchido com o ofegar da minha respiração.

Saulo sentou-se apoiado nas pernas, e manteve as coxas em volta do meu corpo. Observei-o em cima de mim, e quando seu volume rijo

pressionou meu púbis, eu despertei do torpor.

— Saulo, eu...

— Você o que, não quer?

Ele não podia ter perguntado tão baixinho, com aquela bendita voz enrouquecida.

Droga! Ele me fazia perder o foco com o simples movimento de seus dedos abrindo os botões da manga da camisa social branca.

— Não, eu não estou...

— Preparada? — completou, enquanto tranquilamente desabotoava os botões de seu peito e barriga. — Eveline?

Pisquei para despertar, ridiculamente frustrada por admirá-lo tão descaradamente e mais, desejá-lo. Nunca tinha lidado com tamanha atração. Algo no meu íntimo dizia que era o meu lado estúpido se deleitando com o perigo.

Saulo saiu de cima de mim, ajoelhou na beirada da cama e pegou o meu pé. Ele tirou meu salto devagar, e depositou um beijo no meu tornozelo, tirou o outro e beijou a sola do meu pé, causando-me um misto de cócegas e inquietação.

Vi o homem levantar-se, passar a camisa pelos seus ombros largos e despir-se dela. Ele posicionou-se na poltrona em frente da cama.

— Venha aqui.

Senti a saliva travar na garganta, mas o obedeci.

Ao seu lado havia um aparador com um abajur aceso. Fiz menção de apagar, mas senti sua mão pesada sobre a minha.

— Tire o sutiã.

— Saulo...

— Vamos Eveline, mostre os seus peitos.

Como o homem conseguia ser tão obsceno olhando dentro dos meus olhos?

— Então deixe-me apagar essa luz. — Olhei para a luminária ao seu lado.

— Não. Eu quero te ver.

Hesitei.

Cada segundo ficava mais impossível controlar a minha respiração descompassada. Queria no mínimo disfarçar, mas não conseguia. E Saulo sorria diante de todo o meu nervosismo.

Seu braço envolveu minhas pernas e aproximou-me dele. Seus lábios tocarem a minha barriga e a língua trilhou um caminho vertical até meu abdômen inferior. Inesperadamente, meus seios se livraram do aperto do bojo de renda branca. Saulo passou o sutiã pelos meus braços e eu aproveitei para uni-los, escondendo os meus mamilos.

Ele negou com a cabeça, com suas írises faiscantes e seu sorriso depravado.

— Nunca viram os seus peitos, Eveline?

Sem conseguir desviar o olhar do dele, eu neguei.

Suas mãos pegaram nos meus braços e fizeram-me descobrir o que eu tinha de maior no meu corpo. Saulo passou a língua nos lábios, e com este simples gesto a minha vagina pulsou.

Não podíamos fazer aquilo, mas eu queria.

Sua mão conseguiu encobrir todo o meu seio esquerdo, depois o direito. Ele beliscou meus bicos pontudos, e ficou em pé. Com a palma da mão segurou a base da minha coluna, e abaixou o rosto na direção dos meus picos ouriçados. Ele lambeu meus dois mamilos e mordiscou, castigando-os prendendo nos dentes.

Facilmente, Saulo me pegou no colo de novo e nos ajeitou na poltrona. Sentia seu pênis rígido como uma pedra entre as minhas pernas, e não conseguia distinguir o que estava me deixando mais louca, suas sugadas fortes nos meus seios ou a pressão daquele membro provavelmente enorme na minha vagina.

— Seu cheiro está me fodendo, essa pele branquinha...

Percorreu do meu pescoço até os meus bicos com a ponta de seu nariz, inalando o meu perfume.

Entorpecida e com o corpo embriagado de tesão, puxei seu rosto e o prendi entre as minhas mãos, ansiando beijá-lo. Descontei em sua língua, chupei a mesma e escutei um arquejo de sua garganta que arrepiou todos os meus pelos. Aproveitei para explorar as curvas e músculos de suas costas, senti algo diferente em sua pele, saliências, cicatrizes talvez. Mas me esforcei para aquietar minha curiosidade. Quando estava prestes a perder o fôlego e a lucidez, Saulo se afastou um pouco para abrir os botões e descer o zíper da minha calça.

Crucifiquei-me mais uma vez por não ter me depilado, não era habitual. Eu não tinha relações com ninguém, não via motivos para ficar lisa. O que estava sempre em dia eram minhas virilhas, até porque para usar maiôs e biquínis era necessário. Torci para Saulo não ligar pros meus pelos.

— Acertei quando disse que sua calcinha era branca aquele dia?

Perguntou ao ver o conjunto da minha lingerie branca de renda.

— Sim, como fez isso?

— Deduzi. Você parece usar branco, no máximo rosa.

— Como sabe?

— Já fodi um número considerável de mulheres, eu aprendi e sei sobre aquilo que gosto.

Se soubesse não teria falado isso. Pensei.

O comentário sobre o "número considerável de mulheres" não veio em boa hora. Eu seria só mais uma da sua incontável lista. Onde é que eu tinha esquecido o meu cérebro?

Dei risada quando minha ficha caiu. Eu estava no colo de um louco, influenciada somente pela atração e tesão. Tudo bem que ambos eram em intensidades descomunais, mas não tinha nada além disso. Eu e Saulo não tínhamos sentimentos um pelo o outro, pelo contrário, discordávamos em tudo.

Saí de seu colo e peguei o meu sutiã no chão.

— Está brincando, Eveline? Ficou ofendida?

— Claro que não. — Fechei o meu zíper e botão da minha calça, ainda segurando o sutiã. — Só não sei o que estou fazendo aqui e... — Comecei a rir mais. — Estou me sentindo uma idiota.

Suas sobrancelhas pretas e cheias franziram enquanto suas írises verdes e felinas interrogavam-me, ainda sem entender.

— Então esse é o desfecho? Me deixar plantado, com o pau doendo de vontade?

— Alguma do seu "número considerável de mulheres" com certeza pode te ajudar a aliviar e resolver este problema.

Saulo riu e veio em minha direção.

— Me corrija se eu estiver errado, mas estou sentindo cheiro de ciúme.

— Ciúme? — Gargalhei. — Não tenho ciúme nem do que é meu. Só não vou fazer algo que me cause arrependimento.

— Então faremos assim...

Seus passos em minha direção fizeram com que eu andasse para trás, desequilibrasse e sentasse na cama.

— Eu vou te mostrar uma coisa, e depois você me diz se ficou arrependida.

Ele apoiou suas mãos em volta do meu corpo no colchão e seus lábios encontraram os meus, com beijos rápidos ele tomou minha boca, fazendo nossas línguas dançarem vorazmente. Saulo me pegou e me colocou no meio da cama. Massageou os meus seios que permaneciam expostos e deslizou os lábios por todo o meu corpo até o umbigo antes de abrir a minha calça e me livrar dela.

Fiquei apoiada nos meus antebraços para poder olhá-lo, mas fui empurrada para deitar. Saulo enganchou os indicadores no elástico da minha calcinha de renda e a puxou vagarosamente para baixo. Alarmada e ansiosa, meus seios subiam e desciam.

— Ruivos, como imaginei.

Se referiu aos meus pelos pubianos. Em um determinado momento eu

parei de me martirizar por não ter me depilado e felizmente não eram grossos, e a cor clarinha alaranjada não dava o aspecto de excesso.

Não consegui responder. Estava completamente nua pela primeira vez, perante um homem totalmente experiente, libertino e malicioso. E com as pernas abertas, entregue ao que ele sentisse vontade de fazer.

Meu estômago reclamou quando o olhar indecifrável de Saulo pairou sobre a minha vagina, ele não expressou nada. Ficou analisando-a, ou admirando, eu não sabia.

— Tão pequena... e tem sardas — constatou.

— Saulo... — Fechei meus olhos morrendo de vergonha e pedindo perdão a Deus por estar cometendo tal pecado.

Dois de seus macios dedos percorreram pelo meu períneo, fazendo-me contorcer e pulsar mais. Ele abriu meus pequenos lábios e deslizou o dedo médio até a entrada sedenta e melada.

Saulo abaixou-se, prendeu minhas pernas em seus braços e passou os lábios pelo monte de Vênus. Sua língua me enlouqueceu quando provou do líquido lubrificante produzido pela minha vagina. Agarrei os lençóis quando ele sugou certeira o clitóris, meu útero contraía de dor e frenesi, e todo o meu corpo começou a ondular diante do contínuo prazer que a sua língua e boca proporcionavam. Ele beijava a minha vagina inteira como se estivesse beijando a minha boca, com aquele fervor voluptuoso e calmo, seguro de si.

Meus gemidos antes comedidos, passaram a bradar pelo quarto. Recuava, tentando fugir do oral dos deuses que logo me levaria ao paraíso, mas Saulo me prendia com mais força em seus braços. Toda vez que encarava o homem de rosto másculo e meticulosamente desenhado, como uma obra divina, encaixado no meio das minhas pernas, eu não acreditava que estava sendo apresentada ao prazer. Mas ele me provava, ensandecendo cada célula do meu corpo.

Quando Saulo encaixou perfeitamente a boca no formato da minha vagina, e começou a sugar o meu clitóris e sincronicamente passar a língua na abertura pulsante, eu pirei. Involuntariamente, arqueei as costas do colchão e contive um grito gemendo com os lábios comprimidos.

Ele parecia se deliciar com o meu sôfrego desejo de chegar ao ápice, e

sabendo disto, o homem penetrou um dedo em mim, tão lentamente que quase não doeu.

— Porra, que mulher apertada— sussurrou, com a voz carregada de cobiça.

Rebolei, tentando aliviar o incomodo ardente. Saulo buscou ampliar o espaço encurvando o dedo e explorando a minha textura interna, então voltou a me chupar e encharcar cada parte com sua saliva.

— Isso, aperta mais pra mim— orientou. Eu não sabia que tinha apertado seu dedo, mas repeti o movimento e ele gemeu, entreabrindo a boca fina e linda.

— Está doendo— reclamei ao sentir uma pressão forte no meu ventre.

— Você vai gozar Eveline.

Fechei meus olhos e virei o rosto para o travesseiro ao meu lado, mordi o mesmo e deixei com que o homem me mostrasse toda a sua experiência com a boca e dedos.

Com uma mão alternando e apalpando entre os meus seios, estimulando os picos rígidos, com dois dedos encurvados dentro de mim, fazendo movimentos lentos e acentuados, e a boca deliciosa provando o meu gosto, eu fui levada a um nível inimaginável de prazer.

Atingi o clímax, com os fios do cabelo negro de Saulo preso entre os meus dedos, as pernas abertas e trêmulas, com a vagina toda exposta para ele, entregue e delirando. Gemi visceralmente.

Saulo sorveu até a última gota escorrida, enquanto eu tentava me estabilizar mental e fisicamente. Sensível e sentindo meu clitóris latejar eu mal consegui me sentar. Saulo passou os dedos no contorno dos seus lábios para secar e falou:

— Temo que não esteja arrependida— o comentário pretensioso me intimidou.

Eu fui para o banheiro antes que qualquer assunto constrangedor surgisse.

Sequer podia me manter sobre as próprias pernas, mas fingi que estava tudo sob controle.

Fechei a porta do banheiro e debrucei na pia, ainda em êxtase.

— Puta merda, puta merda, puta merda— amaldiçoei baixinho. — O que foi que você fez? — Encarei-me no espelho.

Joguei água fria no rosto e no pescoço e foi como um choque de realidade. Eu estava nua, dentro do banheiro da cabine de Saulo, após ter um primeiro *senhor* orgasmo. Não tinha coragem de sair daquele cubículo, e muito menos cogitava do que falaríamos.

— Está viva?

— Estou. — Cocei minha garganta para minha voz sair mais alta. — Estou.

— Vou buscar algo para você comer.

— Não se incomode, eu vou para o meu quarto.

— Coma antes. — Não era uma sugestão e sim um comando.

Só rezei para que ele saísse logo do quarto e eu pudesse me vestir. Foi o que aconteceu. Coloquei toda a minha roupa, mas continuei descalça. Sentei-me na cama e olhei para todos os cantos. Resolvi acender a luz, porque na minha cabeça, somente a do abajur acesa era propícia ao sexo. Ele demorou.

— Trouxe pizza. Você come?

— Quem não come pizza?

— Sendo magra deste jeito eu pensei que fosse uma louca das dietas.

Ignorei o comentário que me fazia mal desde nova. Não gostava de ter pernas finas e pouca bunda, e muito menos de ter as costelas aparecendo assim como todos os outros ossos. Mas era herança do meu terrível progenitor. A genética de mamãe era boa e bonita, mas para a minha infelicidade, puxei somente seus seios fartos, pele e cabelos ruivos.

Em silêncio eu comi um pedaço de pizza de queijo e tomei a Coca-Cola que Saulo serviu em um copo para mim. Ele ligou a televisão e me entregou o controle. Pegou seu notebook e ignorou a minha presença pelas horas seguintes.

— Vou indo... — Senti-me como se tivesse ficado tempo demais, sendo uma intrusa.

— Durma aqui.

— Não. Não tenho roupa. — Inventei qualquer coisa não sei porque, ele era um grosso, eu tinha o mesmo direito, não é?!

— Vista isso. — O segui com o olhar, repreendendo-me por achá-lo tão vistoso.

Corrigindo o que achava antes, não era uma obra divina.

Saulo era uma obra do diabo, feita para persuadir e dissuadir qualquer sanidade de uma mulher.

Calada, peguei a roupa e fui para o banheiro. Coloquei uma blusa que alcançava quase os meus joelhos, e ao sair, só então com a luz acesa eu pude enxergar os diversos riscos em alto relevo em suas costas. Cicatrizes violentas e esbranquiçadas. Também um símbolo, desconhecido por mim, estava tatuado no centro de suas costas. Fiquei curiosa, mas como as minhas perguntas eram sempre respondidas com grosserias eu fiquei de bico fechado.

— Eu sei que você adora brincar de imaginar, divirta-se — falou, ao notar a minha presença e os meus olhos fixos em suas costas.

Senti o tom sarcástico e até amargurado ao se referir às suas cicatrizes.

— Posso te dar um beijo antes de dormir? — Algo não estava certo. Relações normais não continham esse tipo de dúvida, as pessoas simplesmente tomariam a atitude sem ter que pedir.

Não me entendi na hora, mas não queria dormir como uma estranha ao lado do primeiro homem que me fez delirar. Não fazia sentido.

Saulo ficou de frente para mim, após fechar uma maleta preta em cima da pequena mesa. Umedeci minha boca, totalmente tensa pela expectativa de sua resposta.

Ele se aproximou, pegou em meu rosto e sorriu. O fato de seus olhos não acompanharem a gentileza de seu sorriso, me confundia. Senti seus lábios tocarem o canto da minha boca e a carícia dos seus dedos em minha nuca.

— Durma Eveline.

Fui para a cama, deitei-me, puxei o edredom e me cobri.

Com o imprevisto carinho de Saulo em meus cabelos, eu adormeci em poucos minutos.



SAULO



A garota dormia encolhida, com os lençóis brancos enrolados entre as pernas magras. Mechas compridas cobriam seu rosto fino e delicado, enquanto o restante do cabelo macio coloria a fronha de laranja. Ela também segurava o lençol entre os dedos, na altura de seu queixo. Um sono sereno, apreciável. Eu invejava pessoas que conseguiam usufruir das noites para dormir, há anos não sabia o que era um sono profundo e sem interrupções.

Exemplo este, não preguei a porra dos olhos, mesmo depois de três comprimidos dos fortes. Sofria com uma ansiedade impiedosa, dores de cabeça, inquietação e às vezes alucinava com terrores noturnos. Perdi a conta de quantas vezes me recusei a dormir para evitar pesadelos, porque sabia que ao adormecer, eu teria acesso às perturbações do meu subconsciente assombrado.

As horas decorrentes daquela madrugada foram mais tormentosas que o normal. Tentei compreender o propósito de não só aceitar, mas convidar a garota ruiva para ficar e dormir na minha cama. Não tínhamos trepado, aliás, nem o meu pau ela chupou.

Talvez fosse o lado irracional, tomado pela maldita carência da presença de alguém. Eveline me pediu um beijo antes de dormir e aquilo de alguma forma me compadeceu, senti pena. Concluí que era este o motivo de eu tê-la convidado para ficar.

E depois analisando mais a fundo, percebi que queria proximidade e

confiança pra tirar o lacre da garota. Seria um triunfo desvirginar e corromper a inocência tardia dela. Claro, a recompensando com o lado bom e prazeroso disso tudo.

Ouvi o alarme alto. Eveline procurou o celular embaixo do travesseiro, ainda de olhos fechados.

Eu havia acabado de me levantar para servir uma dose de uísque, melhor forma de começar o dia. Senti o líquido descer queimando o meu esôfago, e o esperado alívio veio em seguida.

Sentei-me novamente ao lado da garota que abriu os olhos e me observou. O sol batia timidamente em suas írises, deixando-as com mais de duas pigmentações. A fragilidade notória em seus olhos azul-esverdeados me hipnotizou.

— Cheiro de uísque. — Foi seu primeiro comentário e com os olhos arregalados ela estudou o meu corpo vestido só com a cueca.

Mostrei o copo para ela.

— Meu Deus — resmungou baixo e saiu da cama.

Olhei a garota caminhar até o banheiro. Eveline provavelmente não percebeu que a minha blusa estava acima da sua lombar, e com a ajuda da calcinha de renda branca quase transparente, sua bunda pequena e redondinha ficou toda exposta.

Reparei em seus movimentos enquanto escovava os dentes com uma escova descartável, depois lavou o rosto, secou na toalha e tirou a franja lisa dos olhos. Ela permaneceu na ponta dos pés enquanto se arrumava, mostrando as pernas longilíneas e a bunda empinadinha.

Será que se eu comesse ela naquela mesma posição, ela me detestaria?

Valeria o risco.

Me coloquei atrás dela, enquanto ela tentava encontrar uma maneira de prender os fios longos e pesados em um rabo de cavalo. Sua nuca fina e exposta atraiu minha boca como um ímã. Beije a pele cheirosa e subi meu nariz até a sua orelha. Seu perfume era doce, lascivo.

— O que está fazendo? — Escutei sua voz quase inaudível e encarei o espelho, vendo Eveline de olhos fechados.

Mordisquei sua orelha e distribuí beijos em seu pescoço e ombros. Ela estremeceu, visivelmente arrepiada. Segurei em seu cabelo, na altura do laço usado para prendê-lo e puxei sua cabeça para expor mais o pescoço. Me delicieei com o cheiro, acariciando sua pele com a minha língua e boca. Ela tentava encolher o ombro, mas com o meu punho fechado em seu cabelo, ficou impossível. Percorri as curvas com a outra mão e moldei sua bunda pequena, apertando a carne fortemente com os dedos.

Senti os dedos finos passarem entre os fios do meu cabelo, ela então os puxou quando mordi seu ombro. Soltei o seu rabo de cavalo e desci a mão para apanhar os peitos pesados e empinadinhos. Encaixei o meu pau no meio da bunda dela e no mesmo instante seu corpo tensionou.

— Saulo — censurou, com o corpo retesado na minha frente.

— Não vou te comer — respondi baixo.

Peguei em seus dois biquinhos rígidos e os belisquei.

Descontaria minha vontade fodendo outra, Eveline.

— Não agora — completei, beijei-a na altura da mandíbula e me distanciei.

Retornei para o quarto e terminei de tomar minha dose matinal.

A garota recolheu a roupa do dia anterior e voltou ao banheiro para se trocar. Não fazia sentido.

Já tinha visto seu corpo inteiro e até ouvido sua alma gritar durante o orgasmo.

Não acreditava que Eveline era aquela pureza toda, virgem talvez fosse mesmo, considerando a sua boceta muito apertada. Mas nunca ter sido chupada ou ficado pelada na frente de um homem? Talvez achasse que bancando a puritana ficaria mais atraente ou conseguiria qualquer mero afeto meu.

— Eu... — Em pé, ela parou na frente da cama, com as sandálias penduradas nos dedos. — Vou indo.

Caminhei até a porta para abri-la e esperei que ela saísse. Seus passos pareciam meio duros em direção aos elevadores, acabei rindo daquilo. Fechei a porta e tomei a segunda dose.

Meu corpo pedia um descanso enquanto minha cabeça ameaçava explodir. Dormir não era uma opção. Vesti sunga preta, camiseta branca, bermuda da mesma cor e coloquei um boné preto. Peguei meu computador e virei mais uma dose antes de ir para a piscina.

O convés não estava tão cheio, porém, abençoado por mulheres gostosas desfilando com biquínis minúsculos enfiados em seus traseiros malhados, preparados para o verão. Alemãs, francesas, italianas, irlandesas, russas, americanas. Um cardápio variado de peitos e bundas.

Solicitei uma garrafa de uísque para o garçom, com balde de gelos. Aproveitei para trabalhar enquanto bebia. Eu tinha empregados que faziam tudo para mim, mas era essencial participar das minhas empresas, isso impedia que algum filho da puta folgasse. Todos que trabalhavam para mim sabiam do meu gênio e postura como chefe, e não ousavam me sabotar.

Por fim falei com a minha secretária, para me inteirar de qualquer acontecimento. Briana disse que estava tudo em ordem. Então pude aproveitar o sol com tranquilidade.

Deitei-me na espreguiçadeira, inclinando-a nas costas para poder pegar a minha bebida e mais importante, admirar a diversidade entre morenas, loiras e negras.

Faltaram ruivas para completar a mistura de cores.

Decidi mandar uma mensagem para Eveline, quem sabe a garota podia conseguir um intervalo.

10:25h: "Tem tempo para um pulo na piscina?"

Ela me mandou uma foto de um salão cheio de funcionários uniformizados.

Eveline 10:28h: "Impossível, hoje tem a comemoração oficial. É a festa oferecida pela companhia de viagem."

10:29h: "Festa? Não estou sabendo"

Eveline 10:30h: "Todos do cruzeiro estão convidados. Veja em algum tablet ou painel de informações, as propagandas estão em todos."

— Sozinho, moreno? — O inglês arrastado pelo sotaque imponente da alemã ganhou a minha atenção.

Deixei o celular em cima da mesa e tirei os óculos escuros para poder ver a mulher de estatura alta, torneada. Sua pele estava levemente avermelhada, queimada pelo sol. Olhos azuis e grandes, lábios preenchidos e com o arco de cupido bem elevado. Cabelos extremamente loiros, assim como sobrancelhas, cílios e os pelos dos seus braços.

— Não se me fizer companhia.

Ela sorriu e sentou-se.

— Bebe uísque?

— Não bebo pouco — insinuou, dando risada.

Servi um copo com gelos para a alemã e entreguei em sua mão. Unhas longas e pintadas de vermelho contrastaram com o cristal transparente. Enxerguei também uma aliança de ouro em seu anelar.

— Casada?

— Ele está dormindo, portanto, solteira — respondeu com audácia.

Menos de uma hora passou. Os gemidos roucos e escandalosos da alemã preenchiam a suíte. O suor da pele bronzeada escorria na linha de sua coluna, enquanto os cabelos loiros estavam molhados, com alguns fios grudados em seu rosto. Ela quicava feito uma amazona montada em seu cavalo. Esfregava a boceta em mim, e rebolava para aproveitar cada centímetro do meu pau.

Segurei o quadril da mulher e comandeí o ritmo, metendo com fúria, consumido pelo tesão da boceta melada da alemã. Moldei sua bunda com a mão e encaixei o dedo em seu ânus, que piscava a cada penetrada. Seus peitos passavam na minha cara, os abocanhei e mamei com vontade os bicos duros.

— *Scheißen!* — A cadela arranhou a garganta, xingando repetidas vezes.

— Fode esse pau, gostosa. — Encarei seus olhos inebriados, e ela sorriu feito uma puta.

Friccionamos nossas peles, seu clitóris batendo na minha virilha. Minhas mãos a controlavam, para rebolar e quicar. Ouvi mais algumas palavras bravas, aproveitei sua raiva para foder com mais força, esporrei dentro dela, no mesmo momento em que ela desmanchou em cima de mim.

Ela caiu ao meu lado, respirando alterado. Olhei para o teto e passei a mão no meu rosto para secar a transpiração.

— E você, é solteiro?

— Sou.

Levantei-me para tirar o preservativo e jogar no lixo. Aproveitei para encher o meu copo e permaneci em pé.

— Vou tomar uma ducha.

Ela se tocava.

— Posso deixar o seu banho mais gostoso...

Uma mulher casada e frustrada, provavelmente com um velho broxa, querendo infundavelmente acabar com a tensão sexual acumulada.

— Serei breve, tenho compromisso.

Me toquei que sequer tinha perguntado o seu nome. Ela assentiu com a cabeça e colocou o biquíni, por cima um vestido branco inútil, por ser transparente.

Fechei a porta atrás das suas costas e me senti aliviado por ficar sozinho outra vez.

Vi que a garrafa estava acabando e então voltei para a piscina. Pedi vodka pura com gelos para o garçom, tomei um pouco da bebida e fui mergulhar.

Neste dia houve desembarque no porto, para uma excursão turística pelas ruas de Barcelona. Nada me interessava, já conhecia a Europa como a palma da minha mão. Mas o ponto positivo era que em dias de desembarque diminuía bem a quantidade de hóspedes.

Para Eveline provavelmente o trabalho dobrava.

Pensando nisso, me lembrei da festa noturna. Avisei Adam e o informei que estava no convés. Pouco depois ele apareceu com duas mulheres ao lado, e atrás dele estava Marco Sartori.

Era um dos motivos de ter Monteiro trabalhando para mim, o filho da puta sempre me surpreendia. Como o miserável tinha conseguido a proeza de

trazer Marco Sartori de chinelos, bermuda e óculos de sol para a piscina?

Se Monteiro tivesse um par de peitos, bunda e uma boceta entre as pernas, eu o beijaria.

Nos cumprimentamos, logo notei que a morena estava com Adam e a outra com Marco. Eles se sentaram e serviram-se com a vodca. As mulheres pediram energéticos para misturar enquanto nós três ingeríamos pura.

O assunto fluía simuladamente natural, Monteiro e Marco pareciam parceiros. De fora ninguém jamais imaginaria que nutríamos um desejo animal de estrangular, asfixiar, espancar e matar o velho. Conversamos, bebemos, rimos, e entramos na piscina. Nós aproveitamos como amigos. Adam me orientou para não abordar qualquer assunto que não fosse de acordo ao clima de curtição, e eu sabiamente cumpri.

— Se não estivessem com o rabo atolado de dinheiro eu os contrataria. Vocês me divertem, meus amigos. — Marco bateu em meu ombro e no de Monteiro.

— Dinheiro nunca é demais, estou sempre aberto a negociações. — Adam disse.

— É assim que se diz, Monteiro. — Marco brindou com ele.

Terminamos a segunda garrafa de vodca quando o sol já tinha se posto e o céu escurecido parcialmente. Fui para o quarto, bêbado e agitado. Tomei o banho que, horas atrás fingi para a alemã que tomaria. Engoli dois opioides, que me causaram mais euforia.

Coloquei uma calça preta e uma blusa de mangas compridas vinho, espirrei perfume no meu pescoço e marchei para o saguão.

A hora tinha passado mais rápido do que a minha cabeça embriagada imaginou. Chegando no saguão principal eu encontrei somente Monteiro e a morena.

— Cade o velho?

— Deve ter ido na frente. — Olhou em seu relógio prata no pulso.

— Enchi a cara, me atrasei.

— Passou do ponto mesmo, vê se não fode tudo — orientou, sem que a

sua acompanhante escutasse.

— Relaaaaxa — respondi, prolongando a palavra e fazendo meu amigo rir.

Comecei a ouvir ruídos ininterruptos, minha visão turva e o peso das minhas pernas me alertaram que eu não podia beber mais. Mas pouco me fodia.

Entramos no salão escuro de dois andares, com diversas luzes neons refletindo nas paredes e no chão, mulheres, música e bebida.

Monteiro foi pegar bebidas e dar uma volta, eu permaneci no mesmo lugar.

Atrás de um grupo de convidados enxerguei um pontinho laranja, ou era só o álcool ludibriando a minha mente. Cerrei os olhos na expectativa de melhorar a nitidez e confirmei que era Eveline.

Dentro de um vestido da cor da minha blusa, um palmo acima dos joelhos e sutilmente decotado nos peitos, a garota agoniada olhava para todos os lados. Claramente intimidada.

Tinham muitas pessoas na frente e eu não pude entender o motivo do seu incômodo.

— Marco Sartori chegou primeiro mesmo.

— Onde ele está?

Monteiro apontou com o queixo onde eu olhava minutos antes. As pessoas tinham saído e o campo de visão ficou amplo, então pude ver que Marco estava ao lado de Eveline, conversando algo que óbvio, eu não podia ouvir.

— Cuidado pro predador não devorar a sua raposinha.

— Filho da puta.

Típico de um velho necessitado achar que um "amigo" dividiria a mulher em nome da parceria. Pau no cu daquele arrombado desgraçado!

— Não derruba a porra toda agora, caralho.

Respirei fundo e sufoquei a minha ira.

— Vai se foder, Monteiro.

Mas a palhaçada piorou quando o namorado da garota, o cara que babava por ela feito um cachorrinho desabrigado, se aproximou e deu a volta no quadril dela com o braço.

— Santiago! —Adam me repreendeu. — Não estraga a porra toda— repetiu.



14

EVELINE



Dimitri se aproximou, me conhecendo, identificou o pânico estampado no meu semblante.

Saulo garantiu que Marco não se lembrava de nada. Caso contrário, ele teria feito algo contra mim após o ocorrido, mas não fez. Sequer me procurou, exceto o dia em que ficou observando o meu almoço, nunca mais nos esbarramos, dava graças a Deus por aquilo.

Mas a chance de vê-lo na festa em que reunia todos, ou quase todos os passageiros do cruzeiro, era grande.

Não demorou. Cumprimentei o homem grisalho que, gentilmente beijou a minha bochecha e depois emendou assuntos triviais. Eu não podia me autoassistir, mas conhecendo o suficiente de minhas reações, eu sabia que estava encolhida e inquieta, típico do meu nervosismo.

Eu e Dimitri conversamos no escritório e lhe contei tudo o que aconteceu. Ele não brigou comigo, mas deu orientações que pensei seriamente em colocar em prática. Meu amigo aconselhou-me a ficar longe de Saulo, porque ele era claramente perturbado e não ligava por ferir a integridade física ou emocional de alguém. O londrino também fez questão de reforçar que havia escanteado todo e qualquer sentimento dele por mim para me dizer aquilo, como qualquer outra pessoa que se importasse com o meu psicológico. Ele prometeu me apoiar em qualquer decisão, mesmo que não fosse de seu agrado. Pediu para que eu não lhe desse mais detalhes se

estava ou não tendo contato físico com Saulo. Seus olhos negros evidenciaram o descontentamento diante da situação e eu me sentia a pior pessoa do mundo.

E vê-lo chegar naquele instante, mesmo que eu não merecesse, foi mais uma demonstração da proteção e do afeto que ele nutria por mim. Falei do perigo que Marco apresentava, eu não sabia muito, mas o receio de Saulo era verdadeiro.

— E quem é esse rapaz? — Marco Sartori estendeu a mão para cumprimentá-lo, mas Dimitri não retribuiu. Assustada, fitei ele e o cutuquei com o meu ombro.

— Dimitri Alphini. — Assentiu com a cabeça e em seguida Marco se apresentou, com um sorriso desconfiado mostrando sua arcada dentária amarelada. Reparei nos hematomas da surra que levou de Saulo e disfarcei quando ele procedeu:

— Estávamos falando das últimas viagens que a Srta. Eveline fez não é, bonequinha?

Repulsa e ânsia tomaram conta de mim. O que só ficou pior quando Saulo veio ao nosso encontro, andando meio torto e com um copo de bebida.

Discretamente ele analisou a taça em minha mão e voltou a nos olhar, deixando-me confusa com o gesto.

— Com licença, vim buscar a minha garota — encurvou o braço esquerdo para que eu enganchasse, mas hesitei.

— Ela está trabalhando agora, Santiago. Vamos para o escritório Eveline.

Meu corpo formigou só de imaginar que Dimitri não lembraria de chamá-lo pelo nome fictício. Mas era um erro subestimar o profissionalismo do meu amigo.

— Serei breve — informou, encarando primeiro o britânico e depois o russo.

— Leve a sua garota, depois nós terminamos a nossa conversa. — Marco bateu com companheirismo no ombro de Saulo.

Retomei minha voz que havia se perdido naquele cenário pavoroso.

— Agora eu não posso. Tenho coisas para resolver no escritório — expliquei, me esforçando para soar naturalmente.

Ele pegou em minha mão e a colocou no seu braço.

— Eveline disse que agora não pode. — Dimitri se posicionou em nossa frente.

Saulo ignorou e me arrastou dali, perceptivelmente bêbado.

— Eu estou trabalhando hoje, o que está fazendo? Você não pode me arrastar a hora que quiser, não pode tratar Dimitri daquela forma. Está bêbado, Saulo. — Larguei seu braço abruptamente, mas ele pegou novamente, desta vez com mais força e continuou me empurrando para fora do salão. — O que está fazendo?

Viramos a esquina do corredor, Saulo tirou a taça da minha mão e me prensou na parede.

— Quanto você tomou disso aqui?

Olhei para a taça completamente confusa.

— Quanto Eveline?

— Dois, três, quatro goles. Não sei.

— Você é burra, garota?

— O que tem de errado? — Comecei a ficar preocupada.

— Não está vendo? — Virou um pouco a taça para que eu pudesse enxergar a bebida. — Está borbulhando. Marco colocou no mínimo duas balas nessa merda.

— Bala? Tipo, droga?

— Bala tipo *ecstasy*, tipo anfetamina, cocaína ou qualquer porra que aquele filho da puta quis misturar.

Arregalei meus olhos, desesperada e com medo. Ele jogou o restante do líquido em um vaso de plantas ao nosso lado.

— Saulo, eu vou morrer?

— Qual é o banheiro mais próximo?

Sem mais perguntas eu caminhei na frente dele. Ele entrou comigo no feminino. Uma funcionária da limpeza o censurou, mas ele não deu atenção, a mulher só ficou tranquila e saiu quando eu esclareci que estava tudo bem.

— Enfia o dedo na garganta.

— Já deve estar na minha corrente sanguínea. Você não me respondeu Saulo, eu vou morrer?

Ele revirou os olhos, segurou na minha nuca e ameaçou enfiar dois dedos na minha boca.

— Não! Tá louco? Eu faço isso. — Abaixei-me na altura da privada, segurei meus cabelos com uma mão e a outra eu enfiei quase inteira na goela. Tinha uma dificuldade tremenda para vomitar. Sentia os espasmos do meu estômago e os impulsos para expelir o vômito, mas nada. — Qual é o efeito disso?

— Você tomou pouco. — Parecia tentar me acalmar.

— Qual é o efeito? — perguntei, começando a chorar por não conseguir vomitar. — Eu não vi quando ele colocou.

— Eveline? — Ouvi a voz exasperada de Dimitri. — Está aí dentro? Me responda.

— Não diga nada pro seu namorado — Saulo disse.

— Ele não é o meu namorado — respondi entredentes, já irritada com aquilo.

— Estou entrando — Dimitri avisou.

— Se ele souber, vai querer entregar Marco para a polícia marítima. E eu te garanto que isso não é uma boa ideia.

Saulo saiu da cabine do banheiro e eu me esforcei mais para vomitar. Os dois começaram a discutir, e minha cabeça começou a rodar.

— Eu quero que ela diga o que está acontecendo. Não acredito em meia palavra do que fala — Dimitri o respondeu.

— Como podemos ver, Eveline está um pouco ocupada agora.

— Niña, o que foi? Você está passando mal?

Cuspi a saliva que juntou na minha boca e respirei fundo.

— Estou bem.

— Então abra a porta.

— Deixa a garota vomitar em paz.

— O que você deu pra ela? Ela estava bem até agora.

Ouvi Saulo gargalhar ironicamente.

— Peço perdão se eu o ofender, mas não me culpe por sua imbecilidade. Você não conseguiu cuidar dela por cinco minutos.

— Não quero saber dos seus joguinhos doentios, Saulo. Só quero saber o que ela tem.

— Drogas, camarada. Drogas.

Os ânimos estavam se alterando e meu estômago embrulhava mais, mas não conseguia pôr nada pra fora. Fechei meus olhos e pela última vez enfiei meus dedos no final da minha língua, o máximo que pude. Comecei a vomitar e aí não parei mais.

Dimitri quebrou a pequena trava da porta com a mão quando eu estava dando descarga. Larguei meu cabelo e o olhei sentindo duas lágrimas escorrerem dos meus olhos, por causa do tanto que forcei para vomitar.

— Foi ele que te deu essa porcaria?

Encarei Saulo, totalmente impassível, atrás de Dimitri. Indecisa, eu só neguei com a cabeça.

— Se você não me disser, niña... Estou no meu limite com esse delinquente.

— Delinquente não, cumpri todos os meus anos de reclusão, como um cidadão exemplar, portanto, delinquente não — debochou.

Saulo estava realmente embriagado, caso contrário, pelo pouco que eu sabia, ele já teria perdido a paciência com o meu amigo. Mas para a minha completa surpresa e também completo pânico, foi Dimitri quem saiu do controle. Ele desferiu um soco estrondoso no rosto de Saulo. A cena, junto do zumbido sucessivo dentro dos meus ouvidos, me deixou atordoada.

Dimitri aproveitou que Saulo tinha cambaleado até encostar na parede e fechou a mão para dar mais um.

— Para! — gritei. — Ficou louco? Ele não está parando nas próprias pernas.

No meio dos dois eu o impedi de terminar. Olhei para Saulo que, sorria com uma linha de sangue escorrendo do seu lábio inferior e outra da narina direita, como se a agressão fosse uma coisa natural para ele. A mão do londrino com certeza pesava muito, e mais um soco daqueles no mínimo quebraria o nariz do oponente. Contudo, o maluco continuava com um sorriso tranquilo na boca.

— Você não vai tratar a Eveline como qualquer uma. Ela não é como essas mulheres que você sai, uma diferente a cada dia. Tenha o mínimo respeito!

— Ela te contou, não foi? E por isso está com ciúme?

— Saulo! — o repreendi. — Cala a boca, nem mais uma palavra!

Eu tinha contado, Saulo não tinha que fazer o meu amigo sentir-se ainda mais desprezado. Ele não tinha esse direito. Meu corpo voltou a formigar e esquentar como brasa, eu não sabia se era efeito da droga ou nervoso em assisti-los brigando, talvez os dois.

— Sabe que... — Ele passou a mão na barba cerrada, contornou o bigode também aparado e inspirou o ar com força. — O cheiro da bocetinha ruiva dela está impregnado na minha barba até agora.

Aquele endiabrado tinha o dom de incinerar tudo ao seu redor. Quando algo o irritava, ele revidava com ofensas, sem piedade alguma.

— Cala a sua boca, Saulo! — berrei. — Vamos sair daqui Dimitri, agora!

O silêncio de Dimitri me amedrontou muito. Mas eu continuei no meio dos dois. Eles não levantariam a mão porque senão me machucariam. Saulo completou, calmo e seguro:

— Está frustrado porque passei a noite no meio das pernas dela, chupando a boceta que em TRÊS anos você não foi capaz de VER. Ela te contou que gritou e se contorceu inteira com as unhas cravadas em mim,

enquanto tremia tendo um orgasmo?

Me senti terrivelmente exposta, envergonhada e usada. Óbvio que Dimitri não tinha ciência desses detalhes íntimos, jamais o sujeitaria àquilo.

Balancei minha cabeça para manter a sanidade, eu não sairia dali porque sabia que as coisas poderiam piorar e muito.

Os dois pares de íris permaneceram cravados, em confronto.

— Eveline me contou — mentiu. — Não dissimulamos nada em nossas vidas. Não vivemos na mentira como você, Saulo. E falando nisso, contou a ela como foi a sua tarde? Você assumiu o quanto é filho da puta?

— Do que está falando, Dimitri? — Me sentia cada vez menor entre os dois homens fortes e raivosos.

Eles não me ouviam, não me respondiam.

— O que você fez depois da noite maravilhosa, depois de ouvi-la gritar e tremer durante o orgasmo? — repetiu, indagando com sarcasmo e escárnio. — Contou para Eveline que levou uma alemã para o seu quarto, e ficou lá dentro durante horas com a mulher?

Saulo gargalhou e passou a mão por baixo da boca.

Eu não fazia ideia do que Dimitri estava falando e muito menos entendi porque a notícia sufocou o meu peito. Abaixei minha cabeça, disposta a deixá-los brigarem, se arrebitarem caso quisessem.

— Esse é o seu mecanismo para fazê-la ficar com raiva de mim e procurar amparo em você?

— Não, isso é o que você é, um filho da puta frio e sem consideração alguma. Ela não é mais um objeto descartável, como está acostumado. Não queira se divertir às custas de uma mulher que tem o caráter e sentimentos intactos.

Tomei coragem de erguer a cabeça e enfrentar o olhar de Saulo que agora, pesava sobre mim.

— Eveline — Saulo expressou, soltando o ar pelas narinas.

Balancei minha cabeça em negação, desconsiderando qualquer explicação que ele pensou em dar.

— Dimitri, por favor — séria, eu chamei o londrino para fora do banheiro. Ele acatou.

— Preciso me desculpar com você, niña.

Caminhamos em direção aos elevadores.

— Não quero nem mais uma palavra sobre aquilo. Olha, eu tô esquisita, com o corpo tremendo de tão agitada. Meu coração tá disparado e sinto um calor anormal.

— Foi ele?

— Não foi ele. Colocaram na minha bebida sem que eu visse.

— Podemos resolver isso, é só você confessar que foi aquele doente que te drogou.

— Não, Dimitri. Não foi ele — repeti rispidamente. — Estou sem condições de seguir a noite. Não quero correr o risco de passar vergonha ou fazer alguma coisa errada.

— O que você ingeriu?

— Pelo o que eu entendi, *ecstasy*.

— Irei com você, não quero que fique sozinha.

— Negativo. Você precisa voltar para o salão e cuidar de tudo, faça isso por mim.

— Niña — advertiu.

— Por favor, Dimitri.

Vi Saulo se aproximar e me senti aliviada quando as portas do elevador abriram para que eu pudesse entrar e deixar os problemas naquele andar.

— Eveline! — O homem ferido apareceu na fresta de poucos centímetros entre as portas, mas felizmente não deu tempo que ele as impedisse de se fecharem.

Enfiada no quarto, despi-me do vestido e de tudo o que me esquentava. Eu estava transpirando como nunca, um som não parava de apitar nos meus ouvidos e as luzes apunhalavam meus olhos. Me obriguei a ir para o banheiro e tomar uma ducha fresca, na intenção de cessar a suadeira constante. Minha

mandíbula estava rígida, e minha boca seca.

Tomei uma garrafinha de água após o banho e me deitei nua na cama. Fiz de tudo para dormir, mas tinha uma danceteria animada na minha mente. O nível da minha temperatura se elevou ainda mais quando tentei, inocentemente, acalmar o alvoroço com uma taça de vinho tinto.

Abri a sacada porque o ar condicionado, estranhamente, não estava esfriando o ambiente, e permiti que a corrente de ar entrasse.

Eu sabia que todos aqueles sintomas eram consequentes da maldita bala ilícita, que Marco criminosamente colocou na minha bebida. Comecei a ranger os dentes e então me forcei a ingerir mais água. Minha vontade mesmo era ligar uma música e descontrair toda aquela adrenalina desvairada dançando. Só que tinha algo me angustiando, sentia o meu peito sendo torcido como um pano de chão.

Deveria ser por toda a discussão entre Dimitri e Saulo, e enfaticamente a exposição que ambos fizeram sobre mim. Eu não tinha dúvidas de que a culpa de tudo era exclusivamente de Saulo. Conhecer Marco e ele chegar a ponto de me drogar e Dimitri ter ficado fora de si a ponto de esmurrar Saulo, cedido à crueldade do mesmo.

Agoniada, continuei perambulando pela suíte. Precisava me exercitar ou pelo menos tagarelar, e sozinha no quarto isso não era possível. Decidi então, ligar para a minha mãe. Não fazia ideia de que horas eram em Seattle, eu não estava em meu estado mais sóbrio.

— *Niña, ligou em boa hora. Estão todos aqui, estamos tomando o café da manhã.*

— *Aqui ainda é noite. Está tendo a festa oficial do cruzeiro, o salão lotou.*

— *E você está de folga? Por que não vai se divertir?*

— *Não mãe, prefiro ficar dentro do meu quarto. Mas me diz, como vocês estão? O que andam fazendo?*

— *Espera um segundo filha, vou transferir para chamada de vídeo.*

— *Não! — a cortei rápido. — Estou sem roupa, mãe — sussurrei.*

Yvanna riu.

— É impressão minha ou você está ansiosa minha filha? Já sei — deu um gritinho. — Já sei! Você e Dimitri...

— Não, mãe!

— Pode me falar filha, vocês dois... É por isso que está me ligando.

— Claro que não. Não aconteceu nada entre mim e Dimitri, só estou ligando pra saber como estão as coisas.

— Niña, ninã... você não me engana.

— Realmente não aconteceu nada.

— Ah....— Foram no mínimo três vozes em uníssono.

— Quem mais está ouvindo aí?

— Mariana, Carlie e Charlotte.

— Oi meninas — as cumprimentei.

— Oi Eve — as três responderam. — Cadê o gostosão do Dimitri? — Carlie questionou e logo atrás escutei o sermão de Álvaro, marido dela.

Me senti mal, as pessoas mais próximas de mim não faziam ideia do que eu estava vivendo com Saulo naquele navio. Sentia-me uma traíra.

— Está trabalhando — informei, somente.

Conversamos banalidades, uma fazendo mais graça que a outra em relação ao londrino. Falei, falei e falei, mas não amenizou o meu rebuliço interior. E para ser sincera, aquela sensação esmagadora não passou nenhum pouco.

Me negava a crer que estava triste por Saulo ter feito sexo com uma alemã horas depois de nos despedirmos em seu quarto. Mas era a realidade. Além de me sentir um fantoche em suas mãos, eu me culpava por ter aberto as pernas para aquela boca deliciosa que, desgraçadamente, tinha me feito delirar.

Fiz de tudo para sair do frenesi e conseguir dormir, mas sem sucesso. Perto das 04h da madrugada eu ouvi barulhos vindos do corredor. Mesmo estando segura dentro da minha cabine trancada, eu senti medo. Temia Marco naquela viagem e muito mais no meu corredor.

Torci para o barulho passar e seguir, mas parou bem diante do meu quarto, anunciando a chegada com batidas na porta.

— Abra, Eveline — a voz completamente embriagada de Saulo me causou um inesperado alívio.

Preferia ter o demônio na minha porta a Marco.

— Não vou sair daqui enquanto não abrir. — Usou um tom de criança pirracenta. — Eveeeelineee — cantarolou, como se estivesse brincando.

Bêbado filho da mãe!

— Quero deitar do seu lado, como na noite passada. Mexer no seu cabelo e se eu tiver sorte, sentir o seu cheiro afrodisíaco de virgem.

Putá merda! Ele estava falando cada vez mais alto.

— Garota, abra pra mim. Serei um bom menino, prometo não te agarrar.

Revirei meus olhos. Justo quando eu estava começando a relaxar a assombração apareceu.

— A não ser que você queira.

Estava morrendo de raiva dele, mas acabei rindo.

Acendi o segundo abajur do outro lado da cama para clarear mais o quarto, me levantei e vesti uma camisola preta, disposta a fazê-lo sumir da minha porta.

Então abri e fechei atrás das minhas costas, mantendo-nos fora do quarto. Saulo ainda tinha resquícios do confronto, lábio inferior inchado e um corte pequeno embaixo do nariz.

Mesmo bêbado, fedendo a cigarro, com o cabelo desgrenhado, a roupa amassada e com o rosto machucado, o cretino continuava lindo!

— Eu... — Fechou os olhos antes de prosseguir. — Falei muita merda. — Abriu lentamente as pestanas pretas e cheias e encarou-me com os seus olhos verdes felinos. — O seu namorado começou a falar que eu não te respeito, eu te respeito Eveline... Comi uma alemã peituda e escandalosa, mas não foi nada mais que isso.

— Vá para o seu quarto Saulo — falei baixo. — Você está bêbado e não está fazendo sentido algum agora.

— Calma. — Espalmou a mão na porta na altura da minha cabeça, encurralando-me com seu braço esquerdo. — Eu comi uma alemã peituda mesmo, mas não foi nada mais que isso. E tem mais um detalhe, eu prefiro os seus peitos do que os dela, sabe por quê? — Umedeceu os lábios. — Porque os seus são rosinhas e cheios de sardas.

Contive a risada e mantive a minha postura. Abri a porta do quarto e fechei na cara dele depois de pedir que esperasse. Coloquei o robe conjunto da camisola de seda e saí novamente.

— Por que está fechando toda hora? O seu namorado está aí dentro? Você ficou com raiva de mim e perdeu a sua virgindade com ele? — Em cada frase a sua voz parecia amolecer mais.

— Vou te levar para o seu quarto.

— Não, eu quero saber se você trepou com o seu namorado.

Revirei os olhos, contando até mil para manter a minha paciência.

— Apoie aqui! — Ofereci meu ombro que, em seguida foi rebaixado com a tonelada de seu braço pesado.

Caminhamos bem devagar, como possível. Esperei o elevador e nós entramos.

— Quer repetir a dose no elevador? — tentou me beijar e eu virei o rosto.

Saulo estava sem condições nem de andar.

Já no corredor ele pegou o maço de cigarro e o isqueiro, os arranquei rapidamente de suas mãos.

— Aqui não. — Era igualzinho quando eu precisava chamar a atenção dos meus sobrinhos, a única diferença é que eles tinham sete e cinco anos.

Peguei o cartão de acesso em seu bolso e passei na porta, entramos e ele se jogou na cama.

— Você vai ficar aqui comigo? Tira isso. — Indicou o meu robe. — Sua camisolinha me deixou de pau duro — completou e deitou fechando os olhos.

Desamarrei os cadarços e tirei seus sapatos pretos. Ele se ajeitou e permaneceu de olhos fechados. Em menos de dois minutos ouvi sua respiração pesar, anunciando que havia dormido.

Vê-lo deitado e vulnerável pelo excesso demasiado de álcool, me fez pensar que talvez aquele homem de quase um metro e noventa, fosse apenas um garotinho traumatizado e desamparado. Saulo me remetia a uma criança em diversos aspectos, uma criança que cresceu sem a mãe e que sustentava um misterioso ódio pelo pai.

Compaixão e preocupação me invadiram.

Apaguei as luzes do quarto e do banheiro e voltei para o meu quarto. Vencida pelo cansaço, consegui dormir. Mas não sem antes imaginar várias hipóteses sobre a personalidade e atitudes daquele homem, que vinha cada vez mais comprometendo o meu equilíbrio mental.

Acordei determinada a me afastar completamente dele nos últimos três dias de viagem. Saulo sem esforço algum me fez conhecer os meus limites emocionais e se eu continuasse aceitando as suas loucuras, estaria assinando a minha própria ruína. Ele faria um estrago.



EVELINE



Inteiramente convicta e decidida, eu não abri a porta. Era a terceira vez em menos de quatro horas que Saulo aparecia, eu não sabia o que ele queria e continuaria sem saber. Dimitri também deu sinal, mas nós conversamos por celular. Não o julgava por ter batido em Saulo, até porque aquele endemoniado tinha feito o londrino sair do seu normal. Nunca, em três anos, eu vi o meu amigo tão possesso e, aliás, ele nunca saía do controle. Saulo merecia um prêmio de pessoa mais irritante da Terra.

De noite faríamos uma confraternização de encerramento dos trabalhos, com todos os funcionários da agência. Sr. Elijah Stein, meu chefe, possuía muitos hotéis e para administrá-los ele havia comprado uma agência gestora. Eu trabalhava para um dos empresários mais ricos do mundo e o homem confiava em mim como seu braço direito, igualmente com Dimitri, por isso nos elevou a posição que estávamos e nos permitia gerir tudo. No navio tudo estava bem tranquilo, comparado à minha rotina de trabalho que costumava ser muito mais puxada, porém, o lado bom é que o salário compensava e muito. Eu já tinha economias suficientes para comprar uma casa boa, o carro que eu quisesse e proporcionar uma vida digna para mamãe, o que sempre foi meu maior foco.

Bom, tive que desembarcar para procurar um vestido em alguma das dezenas de lojas de Barcelona. Fomos eu e Kamila, uma hostess, colega de trabalho. Não éramos próximas, mas trabalhávamos juntas e ela se ofereceu para me fazer companhia. Foi uma boa ideia, porque se dependesse de mim,

eu não saberia escolher um vestido direito, não tinha bom gosto para roupas assim, se me colocassem pra escolher um terno, com toda certeza eu evidenciaria meu ótimo gosto, mas vestidos? Não.

Ter alguém pra melhorar a minha baixa autoestima também foi muito bom. Nós acabamos nos divertindo e comprando mais do que deveríamos. Kamila me ajudou a decidir entre dois vestidos, um preto e outro cor de salmão, quase vermelho. Talvez seria o vestido mais ousado que, até então, eu havia vestido. O decote que ia até o cóccix tinha um acabamento lindo, com uma cauda de sereia trançada no bumbum, o detalhe me deixou com uma bunda que, na verdade, não tinha e salientou minhas curvas. As alças finas sustentavam um belo e modesto decote nos seios. O comprimento dele deixava de ser justo na altura dos joelhos, terminando com uma saia aberta.

— Você vai matar o Dimitri do coração, Srta. Gússev.

Sorri com o comentário e neguei com a cabeça. Minha intenção não era matar ninguém, mas confesso que estava feliz com o resultado do vestido no meu corpo. Minhas costas inteiramente nuas me fizeram sentir-me sexy, somente o decote nos seios me incomodou, mas Kamila reforçou várias vezes que eu não estava vulgar. Ela também me deu a ideia de fazer uma trança em uma mecha grossa do meu cabelo e passá-la para o outro lado, deixando todo o cabelo sobre um ombro e desta forma, os meus fios longos cobririam boa parte do decote.

— Me chame de Eve, Kamila. Não sou sua chefe no momento — falei gentilmente, fazendo a minha colega sorrir. — Será que eu ponho um sobretudo?

— De forma alguma. Vai esconder a obra de arte que é esse vestido?

— Tô muito.... pelada. — Virei-me um pouco para reparar novamente nas minhas costas em frente ao espelho.

— Pode ir parando com isso, você está maravilhosa e tem um corpão.

— Corpão? Eu sou magricela — falei e ri.

— Para, para, para. Não é à toa que Dimitri é apaixonado por você, é maravilhosa sim.

— Como sabe que ele é? — perguntei.

— Todo mundo da agência sabe, Eve. O cara só falta te pedir em casamento.

A nota de Kamila me deixou um pouco triste. Onde eu estava com a cabeça em desperdiçar alguém como Dimitri e pior, desprezá-lo a troco de um homem como Saulo? Jesus, eu realmente tinha deixado meu cérebro antes de embarcar.

Mas não ia mais alimentar as falsas esperanças do meu amigo, precisava organizar a zona na minha cabeça antes de dar qualquer passo.

— Eu vou para o meu quarto, preciso passar perfume e terminar minha maquiagem.

Kamila teve a iniciativa de mexer na minha *necessaire* e abrir os batons. Não entendi o gesto, mas depois ela me entregou um da *MAC*.

— Passe esse. Você vai ficar lacrada.

Dei risada e abri o batom.

— Tá louca? Vermelho assim?

— Se tem é pra usar, dona Eveline. Passe.

Disse e saiu da minha cabine. Fiquei olhando pro batom e coloquei próximo da minha boca. Não, não ia passar. Estava querendo provar para quem aquela personalidade que não era minha?

Guardei o batom e ouvi toques na porta.

Independentemente de quem fosse, eu não queria que me visse. Mesmo me sentindo bonita, estava envergonhada por vestir algo tão justo e sensual. Então coloquei um sobretudo antes de atender a porta.

Na hora que abri, vi Saulo apoiado com o braço no canto da porta. Fiz menção de fechar, mas ele pôs a mão, impossibilitando.

— Você vai conversar comigo ou continuará agindo feito uma criança?

— Não temos o que conversar, Saulo.

— Temos.

— Não temos. Me dê licença. — Tentei fechar a porta novamente e ele a empurrou. A atitude um tanto quanto bruta me assustou.

Dei passos para trás e permiti que ele entrasse. Saulo estudou a bagunça do meu quarto, bagunça feita para eu me arrumar. Roupas, sapatos, maquiagens, perfume, em cima da cama e no chão.

— Encontro importante?

Não ia responder, mas a forma que suas írises me encararam me deu um leve frio na barriga, um medo repentino.

— Confraternização de encerramento.

Saulo parecia estranho, mais que o comum.

— E você vai assim? Com isso? — apontou para o meu sobretudo.

— Estou escolhendo o vestido. — Não entendi porque, mas menti. — O que você quer conversar? Diga, porque estou atrasada.

— Fui um idiota.

— Eu sei. — A concordância pulou da minha boca. Estava com raiva dele ainda.

— Fui um idiota de achar que seria um prazer tirar a sua virgindade. Não sou mais moleque e não vou colocar isso como um objetivo na minha vida. Tenho mais o que fazer, além de ficar lidando com uma garota chata, inconveniente e irritantemente inocente.

O que eu tinha feito?

— Por que isso agora, Saulo?

— Estou terminando qualquer merda que você acha que começamos.

— Não achei nada. As coisas aconteceram, fluíram sem que quiséssemos.

— Eu não faço nada que eu não queira, Eveline. Eu só queria te foder e cairia fora.

— E aí não conseguiu e está frustrado? — Não deixaria que ele pisasse em cima da minha cabeça e saísse cantando vitória.

Eu estava inesperadamente decepcionada. Uma sensação de dor, talvez humilhação, cresceu dentro do meu peito e quase, eu disse quase, transbordou pelos meus olhos, mas eu mantive minha cabeça erguida e continuei olhando a figura do homem lindo, mas podre por dentro, na minha frente.

— Eu teria te comido se quisesse. Na mesma noite em que gozou nos meus dedos e na minha boca. Não comi porque não tive vontade. Sua ingenuidade te torna uma mulher desagradável e não apreciável.

Não conseguia ouvir mais uma palavra. Caminhei até a porta e a abri, para que ele saísse.

Abaixei minha cabeça, esperando. Ele pegou no meu queixo e me fez fitá-lo.

— E uma dica, quando for perder sua virtude — debochou, sarcasticamente: — Se depile!

A única coisa que eu queria naquele momento, era não existir.

Fechei a porta com calma, mas querendo quebrá-la. Tirei meu sobretudo, porque meu corpo queimava de raiva e agachei no chão. Já não aguentando segurar, comecei a chorar.

Como um homem podia ser tão louco e cruel? Se divertir às custas da minha humilhação e vergonha?

Mais toques na porta. Eu gritei:

— Saia daqui, fique longe de mim!

— Niña, sou eu. — A voz preocupada de Dimitri acalentou o meu desespero. — Abra a porta.

Com muito custo eu me levantei e abri. Dimitri me envolveu em seus braços e me abraçou, foi como um calmante.

— O que ele fez?

— Nada, Dimi. Não quero falar nada agora, só fica aqui.

— Ficarei. — Beijou minha cabeça e me apertou mais, deixando-me mais confortável ainda.

Não sei quantos minutos ficamos nessa posição, mas depois eu o soltei e

sequei meus olhos.

De longe, o londrino me analisou e varreu meu corpo com o olhar.

— Você está linda.

Sua voz saiu tão baixinha e o tom sincero diminuiu a minha vergonha.

Pouco antes eu tinha desistido de ir à confraternização, mas me restabeleci, me senti até forte.

— Você espera um segundo?

— Claro. Termine e nós vamos.

Dei as costas e Dimitri tossiu, assustado.

— Que é isso, niña?

— Isso o que? — Tentei olhar meu corpo atrás.

— Esse decote todo.

Ri daquilo e timidamente dei uma voltinha.

— Ficou bom?

— Muito pelada, senhorita.

Em frente do espelho eu ri mais.

— Vou ficar de guarda-costas, literalmente — lamentou, nitidamente enciumado.

Olhei para a minha necessaire, o batom estava me encarando. Eu juro que aquele batom estava me chamando e eu obedeci.

Passei o vermelho sangue na boca, contornando cada parte bem certinho. Risquei um delineado puxadinho nos meus olhos e passei rímel.

Eu podia estar com um pedaço faltando dentro de mim, mas os dois mil dólares do vestido não iam ficar guardados na mala.

Coloquei minhas sandálias pretas mais altas, passei perfume no pescoço, nuca e punhos e peguei minha *clutch* da mesma cor que os saltos.

— Vamos.

— Nós ainda vamos nos casar, Eveline. — A segurança de Dimitri me deu um baque, uma sensação boa.

Ele me ofereceu o braço e eu segurei. Fomos para o elevador e antes que eu esqueça de ressaltar, Dimitri estava incrivelmente bonito, dentro de uma camisa social branca, calça preta, como de praxe. Seus braços eram tão fortes e grandes que a camisa se agarrava aos seus músculos, deixando-os bem marcados. E o que completava a beleza do meu amigo, era seu sorriso aberto, simpático, dentro dos seus lábios carnudos era tudo muito branquinho, seus dentes eram lindos. Sempre reparei muito em dentes.

Inclusive os de Saulo pareciam de vampiro, por causa dos caninos pontudos.

Espantei Saulo da minha cabeça e respirei fundo.

Olhamos para baixo, observando o saguão principal da recepção, aproveitando que o elevador era panorâmico, todo de vidro. Apertei minha bolsa pequena nos dedos e arrumei minha postura.

Carinhosamente e sem que eu esperasse, Dimitri beijou minha testa poucos segundos antes das portas se abrirem.

Pisei para fora e a primeira pessoa que vi foi Saulo. Tentei não o encarar, mas falhei.

Depois, passei os olhos para o lado e vi Adam, indiscretamente boquiaberto. Ele cutucou o amigo com o ombro, mas Saulo não tinha tirado os olhos de mim.

Atrás deles, o homem mais velho e grisalho, conversava com outro mais velho ainda. Marco Sartori demorou, mas também me viu.

Empinei meu nariz, segurei no braço de Dimitri e andamos. Passei bem ao lado do grupo de loucos e podia ter certeza de que meu coração errou uma batida.

Ainda me sentia humilhada, exposta e sem o mínimo de estima, mas não hesitei.

A mão de Dimitri escorregou nas minhas costas e pousou na curva da minha lombar. E eu juro que senti os olhos de Saulo incendiarem a minha pele, confirmei quando olhei discretamente para trás.

Engoli minha saliva com dificuldade e voltei a caminhar em direção ao salão da festa.

Kamila veio toda alegre me abraçar e dizer que estava feliz por eu ter passado o batom "vermelhão".

— Linda né, Sr. Dimitri? — Kamila sorriu para o meu amigo, que assentiu com a cabeça.

— Você também está linda, Kami. — Apeldei a garota que, foi superlegal comigo o dia todo.

— Obrigada, chefe. — Segurou a minha mão. — Vou roubar a sua gata só um pouquinho.

Dimitri foi para perto dos amigos do nosso trabalho e eu e a Kamila fomos para a mesa de drinques. Escolhi pegar uma taça de vinho tinto mesmo, não ia exagerar na bebida. Eu triste já era uma droga, triste e com álcool era catástrofe na certa.

A impressão de ter uma melancia na cabeça só aumentava, diante dos olhares curiosos dos meus colegas. Não estavam acostumados a me verem quase desnuda, com maquiagem forte e um penteado de trança todo despojado.

Foi gostoso tê-los perto de mim, conversamos principalmente sobre trabalho e projetos para o restante do ano. Dimitri fez um discurso parabenizando a nossa equipe, nós brindamos e todos voltaram a se sentar.

Depois de tanto insistirem, eu me encorajei a sentar no banco do piano de cauda preto que ocupava o centro do salão. Arrisquei algumas notas e devagar fui me familiarizando com o instrumento que, desde criança eu era apaixonada.

Dei introdução em uma música chamada *Angel By The Wings* da cantora *Sia*, que eu também era apaixonada. Melodia triste, lenta, mas deliciosa de ouvir e tocar. Não cantei, embora tivesse feito aulas de canto com o dinheiro suado de mamãe, minha voz não era muito boa. Bom, era o que eu achava.

Senti que, naquele momento, era a minha alma tocando.

A letra condizia com a raiva e o sentimento de rejeição que judiava do

meu peito.

Não tinha tido tempo para gostar de Saulo e muito menos motivos para isso. Mas o ocorrido me deixou emocionalmente desestabilizada. Nunca ninguém tinha me ofendido daquela forma, então nunca estive preparada para tal situação.

Todos aplaudiram e só então eu saí da minha bolha de reflexão.

— É uma delícia te assistir tocar, niña. — Dimi sorriu para mim e eu agradei.

— Na próxima vida eu quero ser metade do que você é. — Kamila suspirou, nos fazendo rir.

Degustamos vinhos, colocamos mais assuntos em dia que, na correria do dia a dia não conseguíamos. Sentia-me segura ali, bem-vinda e acolhida. Não sei se é porque eu e Dimitri éramos chefes, mas nos tratavam muito bem. Ele dizia que admiravam a minha postura reservada, paciente e focada.

Não fiquei até o final, estava cansada e mesmo que tenha sido divertido, continuei triste.

Estava andando em direção ao meu quarto, quando brutalmente fui pega pelo braço, minhas costas colidiram contra a parede e minha respiração na hora entrecortou. Fiquei assustada.

Saulo segurou meus punhos com uma só mão, e com a outra ele passou no meu rosto, com força. Propositalmente borrando a maquiagem dos meus olhos.

— Que merda pensa que está fazendo? Que porra de batom vermelho é esse?

— Me solta, Saulo — pedi baixo, com as pernas trêmulas.

Ele esfregou a palma da mão na minha boca, tirando o meu batom e borrando meu rosto todo de vermelho.

— Se vestiu assim pra agradar o seu maldito namorado? Ele gosta de te ver vestida igual uma puta?

— Eu vou gritar— avisei, baixo.

— Grita, Eveline.

Estremeci, com o medo correndo nas minhas veias. Fiquei calada, me esforçando para controlar a minha respiração.

Saulo me beijou, contra a minha vontade, a língua dele invadiu a minha boca com força, grosseiramente. Sua boca tinha gosto de uísque, e algo amargo. Eu o empurrei e desferi um tapa, o mais forte que pude em seu rosto.

— Não encosta em mim. Não queira me fazer vítima do seu mundo doente! — vociferei, com a força dos meus pulmões.

Encarei o semblante carregado do homem e só então notei o tamanho de suas pupilas. Ele tinha ingerido alguma coisa além de álcool.

— Nunca mais encoste em mim, ou eu juro Saulo... — Limpei a minha boca com o dorso da mão. — Eu juro que falo o seu nome, sobrenome, quem você é e que está atrás de vingança sabe se lá porque. Eu conto tudo para Marco e acabo com a sua teia de planos. Eu acabo com você, te entrego para a polícia e digo que voltou a agredir e abusar de mulheres.

Ele gargalhou, a ponto de pender a cabeça para trás.

— Com quais provas, garota?

— Quem vai acreditar em um réu agressor? Sua vida é uma desgraça, Saulo. Ninguém confia em você, ninguém te quer por perto. Nem mesmo a sua família. Você não tem ninguém. Tem um parceiro que com certeza é cúmplice dos seus crimes e só. Mas não me importa... Nada sobre você me importa. Aliás, quem se importa com você?

Senti ódio de mim por não ter me mantido impassível. As gotas gordas caíam dos meus olhos sem parar.

— Estou surpreso que você saiba mostrar as garras, garota inútil.

— É um prazer, Saulo.

Olhei para a porta da minha cabine, pensei e voltei para trás.

Não sei se aquilo o irritaria, mas por algum motivo eu ter Dimitri tão próximo o incomodava.

— É melhor eu ir dormir com o Dimitri, assim fico protegida.



SAULO



— Joga água na porra da sua mãe, filho da puta!

— Vai morrer afogado, bebê?

— Vai se foder, Monteiro!

— Se eu fodesse o tanto que manda, seria o homem mais feliz desse mundão.

Enxuguei a cara com o lençol. Monteiro me acordou amigavelmente com uma jarra cheia de água. Sentei-me e quase vomitei, tamanha ressaca.

— Tenho notícias, princesa. — O filho de uma putinha abriu a cortina, permitindo que a claridade me cegasse.

— Espero que alguém tenha morrido, ou que Safira esteja atrás daquela porta.

— Quase isso.

Adam se sentou na cama enquanto eu escovava os dentes, na expectativa de tirar o hálito de tanque de combustível da minha boca.

— Desembucha, caralho.

Monteiro pegou o aparelho de áudio que utilizávamos para escutar Marco. Ele apertou o botão e a gravação começou.

— *Svo-lach!* — O desgraçado xingou e proferiu mais palavras em seu

idioma.

— Não sou tão bom em russo — desprezei.

— Fecha a boca e escuta.

Fiz o que Adam disse e prestei atenção.

— Vocês são uns imprestáveis de merda! A única coisa que exige foi que ficassem de olho nela, porra. E aí vocês ligam feito esses maricas do caralho, pra me dizer que a minha mulher desapareceu? Vocês têm vinte e quatro horas para me retornarem e mandarem uma foto de Safira em seu devido lugar. Vinte e quatro horas. Uma hora a mais e eu estouro os miolos de cada um!

Uivou mais um monte de palavrões em russo e desligou a ligação.

Monteiro me observava, aguardando minha reação. Eu não tinha uma.

— Não restam dúvidas sobre Safira ser torturada.

— Não — lamentou baixo.

Ódio e vingança inflamaram as minhas entranhas, misturados a quantidade generosa de uísque, minha pele começou a transpirar. Quente, ardendo na raiva.

— Pra onde será?

— Não faço a mínima, Saulo.

— Vamos para a Rússia. Sem o velho para pôr ordem, os homens dele estarão mais fracos.

— Acha mesmo que podemos encontrá-la antes do Marco?

— Não me culparei por não tentar.

— O próximo desembarque. — Monteiro verificou o seu relógio. — Será dentro de 3 horas. No final da tarde.

— Encontre Marco, deixe marcada uma visita em sua casa. Se necessário o convide para nos visitar em Dublin.

— Ocupações?

— Tenho detalhes para acertar.

— Com a ruivinha?

— Cuida da sua vida.

Monteiro riu e bateu no meu ombro.

— Soldado abatido.

— Vai pro caralho!

— Sem problemas, entendo sua paixão, uma bocetinha ruiva é algo inovador!

— Está perdendo o seu tempo, Monteiro.

— Deixa comigo.

Engoli dois comprimidos e parei na frente da sacada.

Encarei a garrafa de uísque na mesa e o copo ao lado. Queria virar duas, três doses para melhorar mais um dia de merda. Servi o líquido âmbar e aproximei da boca, mas antes de virar eu fechei meus olhos, pensei por frações de segundos e larguei o copo de volta.

Já tinha sido escroto o suficiente na madrugada com a garota. Não a beijaria na base da força, se não estivesse tão fodido de bêbado e drogado. Não cometeria o mesmo erro nas últimas horas que a veria.

Não que eu me importasse, queria mais é que ela se fodesse com o merdinha do namorado dela. Mas eu estava reconstruindo uma reputação que foi cagada do início ao fim.

Na verdade, não sabia se a veria antes de ir embora daquela porra de navio.

Tomei um banho para me livrar do cheiro e do álcool impregnado na minha pele, vesti uma blusa de mangas preta e uma bermuda jeans, coloquei tênis e observei o meu reflexo derrotado no espelho enquanto dava um jeito na bagunça de fios pretos, e perfumava a pele do meu pescoço.

Expirei o ar dos pulmões e decidi que me despediria de Eveline sim.

Talvez Monteiro estivesse com a razão. Aquela maldita virgem mexeu com a minha cabeça.

Eveline despertou o meu ciúme irracional.

Foi culpa do vestido ridículo que expôs até os buracos pequenos em sua lombar, duas covinhas que eu poderia muito bem ter encaixado meus dedos caso ela tivesse cavalgado em cima de mim.

Precisava ficar com a bunda quase de fora? E passar a porra de um batom vermelho na boca?

Talvez fosse prostituta como a irmã dela, ou como minha mãe. Só que uma mentirosa nata, porque fingia bem sua santidade.

A filha da puta estava linda!

O idiota do namorado estragou minha paisagem quando atrevidamente colocou a mão nas costas dela, coitado, se sentia o dono de alguém que sequer tinha aberto as pernas pra ele.

O desejo de destrançar o cabelo laranja, tirar aquele vestido e fazê-la gemer quando eu enterrasse meu pau na boceta ruiva e apertada, atormentou a minha cabeça a noite inteira.

Tive muito mais de Eveline em uma noite, do que Dimitri conseguiu em três anos. Lesado do caralho!

Mas ela tinha dormido com ele, estava puta comigo e sendo a criança imatura que era, fazia a merda de trepar com o amiguinho rejeitado. Eveline teria perdido o maldito lacre por pura caridade.

Resolvi que não a veria, ela que fodesse até assar e não aguentar mais. Foda-se! Estava me fodendo para o que ela fazia.

Precisava focar na edificação dos planos. Resgatar Safira sem que ela estivesse reclusa e sob a segurança reforçada dos soldados de Marco, era uma chance sólida.

Conclusão, tomei minhas duas doses matinais e saí para dar a última volta pelo navio.

Meus pensamentos giravam em torno de uma única coisa: tinha que dar certo. Eu levaria Safira para casa. Cuidaria dela e depois me deleitaria com o sangue de Marco Sartori e todo seu exército. Minha tropa era muito maior, meus homens minuciosamente treinados. Dinheiro tinha deixado de ser um problema antes mesmo de ser preso. A fortuna extorquida do hospital da minha "família" ultrapassava o suficiente para explodir e ferrar Marco e tudo

a sua volta.

Poderia escolher por não sujar as mãos e não correr o risco de parar atrás das grades mais uma vez, mas eu ansiava sentir o prazer de despedaçar Marco em dezenas de pedaços.

Minha cabeça não parou, a enxaqueca lascada começou a me atormentar. Precisava de mais álcool e mais valium. Cedendo, eu ingeri outro comprimido, para acalmar os meus neurônios. Temia ter uma maldita crise de TAG. Odiava ser escravo do transtorno de ansiedade generalizada, a apreensão e expectativas me submetiam a uma palpitação e inquietude agonizante pra caralho.

Nada podia fugir dos planos. Caso contrário, eu não me perdoaria.

Circulei por todos os andares, na busca de um alívio para a agitação que crescia e me dominava por dentro.

Me deparei com a cabeça laranja na área da piscina coberta e aquecida. A garota estava dentro da água e de costas para a entrada, com os braços finos apoiados na beirada e a cabeça deitada nos mesmos. Com os olhos fechados e uma expressão serena, Eveline parecia estar cochilando.

O maiô branco, discreto e comportado, mantinha a postura de recatada da garota.

Sua bunda pequena estava proporcionalmente maior, sob efeito do reflexo turvo da água. E bagunça de fios ruivos presos no alto da sua cabeça, deixou sua nuca exposta, o que me provocou o estranho desejo de beijá-la, bem ali.

Havia decidido que não me despediria, não tínhamos porra nenhuma. Mas resolvi não contrariar o destino. Infernizá-la mais um pouquinho me parecia uma boa ideia, ideia a qual se esvaiu no mesmo momento em que Eveline abriu os olhos e se virou de frente para mim, como se pudesse sentir a minha presença. E com os olhos verde-azulados fixos nos meus, ela permaneceu em silêncio.

Será que a garota conseguiria se cuidar nos últimos dias e evitar as abordagens nada agradáveis do velho imundo?

— Não está trabalhando — constatei.

Ela foi em direção aos degraus da piscina para poder sair. Perto da espreguiçadeira, pegou uma toalha e se enrolou nela. Como podia me atrair por um corpo magricelo aparentemente quebradiço de tão frágil?

— Tem hora marcada?

— Do que está falando?

— A prostituta aqui só atende com hora marcada.

A garota estava mais furiosa do que eu pensei.

— Tenho boas notícias.

— Desaparecer da minha frente seria uma ótima notícia.

— Então acredito que seja.

Raivosa, ela colocou uma saída de praia da mesma cor que o seu maiô e enfiou os pés brancos e finos nos chinelos. Ia passar por mim e sair dali, mas eu a segurei pelo pulso.

— Vou embora hoje.

— Você não seria capaz de fazer algo tão bom por mim.

— Dou minha palavra.

— Uma ótima notícia para começar o dia. Obrigada.

Eveline deu as costas, eu respirei fundo, me recusando a aceitar que faria aquilo.

EVELINE

Droga! Que sensação esmagadora me deu. Um misto de ódio com abandono, coisa mais esquisita. Era pra ser uma notícia maravilhosa, mas retorceu meu estômago.

Saulo me seguiu. Obrigatoriamente, estava me acostumando com suas atitudes inoportunas e imprevisíveis. Ele era tão imprevisível que se tornou previsível.

— Seu andar não é este — avisei, quando entramos no elevador e ele não passou o dedo no sensor do andar do seu quarto.

— Aposto que percebeu que estou indo com você.

Descemos do elevador. Eu passei o cartão magnético na porta e tentei fechá-la depois de entrar, adivinha? Saulo colocou a bendita mão grande para impedir.

— Ficou tudo muito esclarecido essa noite. Não temos nenhum assunto pendente.

— Eu quero te contar algo.

Não me interessa, não me interessa, não me interessa, pensei.

— O que?

Me afetei pela curiosidade. Ele olhou para dentro do meu quarto e eu hesitei por segundos, mas dei espaço para que entrasse.

— Marco se casou há seis anos. Ele forçou a mulher, um casamento criminoso, forçado e violento.

Prestei atenção e analisei a informação, não cheguei a desfecho nenhum.

— Você não é a melhor pessoa para falar dos delitos alheios.

— Incendiaram a minha casa quando eu tinha cinco anos.

Engoli minhas palavras a seco e sentei-me na beirada da cama para ouvi-lo. Assenti com a cabeça demonstrando desinteresse, enquanto ele parecia se

esforçar para contar.

Imaginei que Saulo viria com uma história triste, para me convencer de que tinha motivos para ter me tratado como tratou, de que sua inescrupulosidade tinha justificativa. Mas eu me negaria a cair na lábia dele, por mais que escutá-lo falando sobre algo tão íntimo fosse uma novidade para mim. Ele podia estar mentindo.

— O que isso tem a ver com Marco Sartori?

— A mando do meu pai, Marco simulou o incêndio como acidental.

— E o que aconteceu?

O resquício da intrusa preocupação apareceu.

— Assisti minha mãe queimar até a morte.

Meu Deus, com cinco anos?

Levantei-me, encaixei minhas mãos na cintura e dei a volta pelo quarto, não queria olhá-lo enquanto me contava sobre sua infância horrível.

— Eu sinto muito. Então... Você está tentando vingar a morte de sua mãe?

— Não. Não posso trazê-la de volta.

— Então...

Saulo tirou o celular do bolso e mexeu nele para em seguida me mostrar uma foto.

Uma fotografia onde duas crianças estavam sorridentes e abraçadas, com os dentes da frente faltando. Ele eu reconheci na hora, os olhos eram inconfundíveis e o cabelo negro também.

Já a menininha muito semelhante ao lado dele eu não sabia quem era.

— Minha irmã gêmea sumiu durante o incêndio.

— Caralho — sussurrei, não era acostumada a falar palavrão.

— Não querendo dramatizar, mas Jackson e Marco destruíram tudo a minha volta.

— Jackson era seu pai, certo?

— Isso. O dono do império Saint Clair — disse com escárnio e um sorriso amargurado.

— Calma... Você disse que, meu Deus! — Fiquei boquiaberta. — Você disse que Marco tem um casamento forçado e criminoso. Não me diz que...

— Sua esposa é Safira, minha irmã.

Tive que me sentar novamente.

— Ela tem sua idade... Foi levada com cinco anos e está com ele desde então?

— A criação que Marco deu a ela foi como um cárcere. Há trinta anos Safira vive em uma prisão.

— Ele se casou com ela, que nojento! Meu Deus!

Abaixei a cabeça nas mãos e passei os dedos na testa, tentando em vão digerir o horror todo.

Discordando comigo mesma, sobre o que tinha pensado antes, Saulo não parecia estar mentindo. Muito pelo contrário, mesmo se esforçando para mostrar impassibilidade, a dor e o amargor ficaram evidentes em sua voz.

— Por que fizeram isso com a sua família? — perguntei, incrédula e angustiada com tudo.

— Minha mãe era prostituta, engravidou de um dos maiores empresários dos Estados Unidos, e claro, Jackson não permitiria que uma puta desmoronasse seu império imaculado e a família perfeita dos *Dell Torre*.

— E a família de Jackson sabia de vocês? O que ele fez quando você sobreviveu ao incêndio? Você foi morar com os *Dell Torre*, não é?

Saulo sorriu e se aproximou. Ele colocou a minha franja toda para o lado após agachar-se na minha frente.

— Você não precisa saber mais do que isso.

— Então por que decidiu me contar?

— Não achei justo te colocar em tanta confusão sem sequer saber o porquê, pra depois ir embora.

Umedeci a minha boca, atordoada ainda e balancei a minha cabeça.

— Me conta, por favor.

— O restante não mudará a sua vida. Te contei porque sabia que se martirizaria para tentar entender tudo o que aconteceu aqui.

— Por isso Santiago Aghliari... Por isso a proximidade. — Fiquei igual tonta, quando a ficha começou a cair.

— Tenho que voltar para o quarto e pesquisar passagens para a Rússia, arrumar a minha mala também.

— Você vai pra lá?

— Safira desapareceu, acredito que seja uma tentativa de fuga.

— Não é arriscado? O que vai fazer, Saulo?

— Passei a vida toda arquitetando e esperando o momento certo para conseguir resgatá-la.

— Mas pelo jeito Marco é perigoso...

— Quem se importa, Eveline?

Eu!! Droga, eu me importava.

— Posso te pedir uma única coisa?

— Não sei... Peça!

Os olhos verdes esmeralda pararam nos meus, senti as mãos quentes dele segurarem as minhas, fazendo uma corrente fria subir pela minha espinha.

— Eu vou para a Rússia, Marco ficará aqui. Você consegue se cuidar sozinha?

— Eu acho que ele não vai tentar nada... Já desistiu.

— No primeiro sinal que você der que está sozinha, ele tentará. O velho é ruim, Eveline. Não respondeu, você pode se cuidar sozinha?

— Me cuidei durante vinte e cinco anos. Se isso for algum tipo de preocupação, o que eu descredo, não precisa. Sei me cuidar.

— Não beba demais e nem ande por esses corredores muito tarde. Fique perto do seu namoradinho babão, mas não fique sozinha.

— Eu...

Fui calada com a boca dele, com um beijo que me deixou completamente surpresa e imóvel. Sua língua foi ganhando espaço e despertando meu desejo, minha reciprocidade. Saulo segurou minha mandíbula com certa força e eu aproveitei para me afastar, antes que me arrependesse.

— Saulo!

— É só o nosso último beijo, Eveline.

Roubou-me um selinho e ficou em pé. Saulo me deu as costas, mas antes que saísse do meu quarto, ele olhou para trás. Não disse nada, e foi embora.



EVELINE



A aglomeração de centenas de pessoas transitando pelo aeroporto trazia constantemente uma sensação familiar. Perdi a conta de quantas vezes viajei e estive em um aeroporto, mas eu nunca deixava de gostar. Gostava tanto de ver a recepção calorosa que familiares e amigos davam aos seus entes queridos. Comigo não era diferente, minha irmã sempre me recebia com um abraço carinhoso, depois meus sobrinhos me envolviam em seus braços pequenos e me lembravam o verdadeiro motivo de sempre voltar para casa, eles eram o meu lar.

Melhor ainda foi ter mamãe me esperando com Bombom de Brigadeiro no colo, junto de Mariana e Valentim. Dona Yvanna me encheu de beijos, mas logo largou a bola de pelos no meu colo, para abraçar o homem que ela rezava para eu me casar. Dimitri tirou os pés de mamãe do chão e deu um beijão forte na bochecha dela, arrancando-lhe um gritinho feliz.

— Trouxe seus vinhos, dona Yvanna.

— Você é maravilhoso, meu querido. — Bateu levemente com as duas mãos no rosto do londrino.

Dimitri cumprimentou minha irmã e cunhado, depois as crianças. Eles nos ajudaram com as quatro malas e nos guiaram até o carro enorme que Valentim tinha. O londrino foi contando um pouco da viagem durante o trajeto para o meu apartamento, enquanto eu preferi ficar mais quieta, porque além do cansaço por ter ficado horas em uma poltrona desconfortável de

avião, também estava meio deprimida nos últimos dias.

O problema é que a verdade me doía, odiava assumir que sentia falta de um louco como Saulo.

E jamaisalaria aquilo em voz alta, eu seria apedrejada por toda a família se eles soubessem do meu breve caso — e acabado — com o causador das discórdias no casamento da minha irmã, e responsável por quase falir o hospital do meu cunhado.

Torcia para que aquela sensação esmagadora no peito passasse. Eu sabia que ia passar.

Como previsto pelo Saulo, Marco deu mesmo as suas investidas em mim. Me convidou para jantar e no outro dia cedo tentou me tocar na piscina. Inesperadamente foi interrompido por um homem robusto e grandalhão, que mais tarde eu descobri ser um segurança do endiabradinho. Soube porque o dito cujo me mandou mensagem, falando sobre a abordagem nojenta do velho e me perguntando se eu estava bem. Fui curta e direta, o agradeci pela proteção e só. Esperei por mais mensagens dele, qualquer coisa, mas não recebi nada.

Impensadamente, acabei enviando mais coisas. Perguntando sobre o resgate da irmã, e tentando puxar qualquer mero assunto. Não tive retorno, e me senti mal. Saulo tinha me deixado com uma estranha carência que até então, eu não sabia que possuía.

— Não vai contar a eles, niña? — Dimi me perguntou enquanto puxava o edredom da cama no quarto de hóspedes.

Neguei com a cabeça.

— Eles não merecem essa decepção.

— Você quem decide.

Assenti com a cabeça e entreguei o travesseiro que tirei de dentro do guarda-roupas.

— Vou descansar um pouco enquanto o jantar não fica pronto.

— Eu te aviso quando ficar.

Saí do quarto e caminhei para a sala do meu apartamento. Olhei todos

conversando em volta da ilha da cozinha, as crianças sentadas no sofá, mexendo em jogos nos celulares dos pais, enquanto os adultos preparavam uma carne assada.

— Está quietinha minha filha — mamãe analisou.

— É cansaço — dei um sorrisinho.

— Vai deitar, Eve. Quando ficar pronto nós chamamos — Mariana orientou, após lambe o molho da comida do dedo do marido.

Eles tinham cumplicidade, afeto e intimidade admiráveis. Pareciam estar alegres o tempo inteiro, e aquilo acalorava o meu coração de uma forma muito gostosa.

Almejava encontrar alguém que me fizesse tão feliz e leve como Valentim fazia minha irmã.

Eu acreditava que essa pessoa estava bem ao meu lado, Dimitri. Mas não me via com ele, casada e sob o mesmo teto. Não sabia explicar, mas Dimitri não proporcionava a mesma adrenalina que Saulo causou em tão pouco tempo. Tentava inutilmente reprimir o apreço pelo perigo, mas estava enraizado dentro de mim, não estava sob meu controle.

Dei os presentes das crianças após o jantar, primeiro para John e Lope, filhos de Carlie e Álvaro, depois para as loirinhas Ava e Zelena, filhas de David e de Kate, em seguida para Sol, de Charlotte e Eric e por último e mais importante, para Bella e Antwan, filhos da minha irmã, Mariana e Valentim.

Eles ficaram no tapete felpudo da sala, se divertindo e compartilhando os brinquedos novos e nós adultos sentados à mesa, conversando e tomando um dos vinhos que Dimitri deu para mamãe.

— E como Saulo está? Não o vimos desde o dia que ele apareceu na casa da minha mãe. — Valentim passou a mão pelo cristal da taça e me olhou nos olhos.

A atenção de todos parou sobre mim, fazendo-me acuar.

— Acho que está como sempre. — Dei de ombros, fingindo indiferença.

— Não te importunou? Não foi encher a sua paciência? — Mariana questionou.

— Eles ficaram juntos — Dimitri revelou, fazendo minha irmã se engasgar com o vinho e minha mãe arregalar os olhos.

— Eles o que? Como assim? — Charlotte, irmã de Valentim, perguntou exasperada, com o par de íris claras me encarando.

Fulminei o britânico com os olhos, desacreditando que ele havia me entregado.

Observei a expressão de todos naquela mesa, nenhuma era boa.

Dimitri ir para Seattle comigo após encerrarmos qualquer trabalho se tornou um ritual há dois anos. Minha família e meus amigos adoravam o londrino, talvez até mais do que me adoravam. Ele se sentia em casa e eu gostava de oferecer isto, baseado no fato de que ele só tinha a irmã, os dois sobrinhos e o pai, que sequer lembrava dele por causa do alzheimer.

— Eveline, o que foi que você fez? — Mariana parecia ter visto uma assombração. — Você não ia me contar?

Recuperei minha voz e com muita dificuldade respondi:

— Não, não ia. Foi um erro. — Fechei meus olhos e respirei fundo. — Agradeceria se não falássemos sobre isso.

— Não falarmos sobre isso? — Minha irmã se exaltou, ficou em pé e jogou o guardanapo de pano na mesa. — Aquele homem ferrou a nossa vida, Eveline.

Sentia-me a caçula desajuizada, a *persona non grata* da família.

— Calma, amor. — Valentim colocou a mão nas costas da esposa e a olhou nos olhos.

Mariana tremia, nervosa e decepcionada.

— Obrigada, Dimitri. — Joguei meu guardanapo também e me retirei da mesa.

Mamãe permaneceu calada, mas não me deixou mais de dois minutos sozinha no meu quarto. Sentei-me na beirada da cama e ela encostou a porta.

— Por que fez isso, niña? — Parou na minha frente. — O que vocês tiveram foi tipo um... lance? Ou algo a mais que isso?

— Nada mais, aconteceu e só.

— Vocês fizeram sexo?

— NÃO — respondi exacerbadamente. — Claro que não.

Falei com a certeza de que aquilo nunca aconteceria.

— Não queria contar, muito menos no jantar.

— Dimitri está claramente com ciúme, por isso jogou na mesa.

— Ele não tinha esse direito, é a minha vida e não a dele. Agora Mariana está com ódio de mim e com a decepção estampada no olhar.

— Ela tem motivos para isso, minha filha.

— Eu sei disso. Eu sei que Saulo é uma pessoa horrível. Mas ele não é só isso, mamãe. — Balancei minha cabeça com os olhos fechados. — Ele não é só isso.

Ela ficou calada me observando. Dimitri entrou no quarto e foi a deixa para Yvanna sair.

— Agora com a sanidade mais a florada, você pode voltar a enxergar onde estava se metendo, filha? Não é à toa que todos estão contra aquele cara, ele não é uma vítima Eveline.

— Mariana é a minha irmã e você não tinha o direito de falar a hora que bem entendesse e da forma que queria. Não tinha este direito, Dimitri.

— Assim como eles, eu também quero o melhor pra você. Faz quase três dias que você está nesse velório por causa de um louco. Acha que não sei que quer notícias dele?

— Eu não quero...

— Você não larga esse celular, toda hora olha ansiosa esperando alguma coisa.

Ouvi as articulações dos joelhos de Dimitri estralarem quando ele agachou na minha frente e me olhou nos olhos.

— Se apaixonar por um doente não é uma viagem legal de embarcar, Eveline.

Dimitri falou com calma e sua sinceridade foi tão palpável que fez meus olhos encherem d'água.

— Estou falando isso porque eu quero você bem, não quero que se envolva em uma teia que não vai conseguir sair. Estou falando porque eu quero cuidar de você e não quero que se destrua.

— Eu não ia deixar isso acontecer. — Preguei meus olhos, deixando as lágrimas caírem e molharem minhas bochechas.

— Você já deixou. Está chorando — completou e depois secou as gotas com o polegar. — Ele não é homem pra você, Eveline. Você não merece alguém que te trate daquela forma, não merece chorar por ninguém. Merece alguém que te ame como eu amo.

Dimitri estava certo, eu nunca tinha amado na vida, nem mesmo me apaixonado. Tive sentimentos pelo meu primeiro — e único — namorado sim, mas nada comparado ao amor. E não ia desperdiçar meus bons sentimentos com alguém que só me estragaria, como Saulo.

A pessoa que merecia estava diante de mim, dizendo que me amava e eu não soube responder. A única maneira que encontrei de expressar e corresponder, foi dando-lhe um beijo na boca, calmo e salgado pelas lágrimas. A atitude idiota foi um meio de provar a mim mesma que aquilo era o certo.

Mas o beijo não era tão bom como o de...

— Volte lá e converse com a sua irmã. — Dimitri interrompeu o beijo e os meus pensamentos. Eu sabia que na cabeça dele, não era certo nos beijarmos no meu momento de fragilidade.

— Mariana não vai me ouvir. Ela está brava porque eu fiquei com um cara que a machucou de várias formas.

— Não. Ela está brava porque não quer que VOCÊ se machuque.

Fiquei em silêncio, olhando o homem grande e negro na minha frente. Pensei e decidi ir para a sala. Estava tão absorta na situação que não tinha notado o silêncio no apartamento.

— Eles foram embora, niña — mamãe comentou.

— Mariana não vai me perdoar.

— Claro que vai, espera a poeira abaixar. — Yvanna sorriu para mim e depois olhou com paixão para Dimitri, como se estivesse ao lado dele e dizendo: *eu voto em você*.

— Bom, então eu vou dormir. — Olhei para os dois.

— Precisa de alguma coisa, meu bem? — perguntou ao Dimitri, que negou com a cabeça.

— Muito obrigado dona Yvanna, está tudo no jeito lá no quarto.

— Ótimo, qualquer coisa é só me chamar. — Mamãe fez carinho no meu rosto. — Por que não vai dormir com o nosso hóspede? Você é uma boa filha, pode deixar sua cama enorme só pra mim.

— Não começa, mãe — respondi, vermelha feito um tomate, de vergonha.

Dimitri só riu. Ele deu um beijo na minha testa e depois na da minha mãe.

Fui, nos dias que se seguiram, à casa da minha irmã, mas todas as vezes a babá das crianças me atendeu e disse que Mariana estava na sua companhia de dança. Meu cunhado me convidou um dia para ficar pro almoço e eu comi com ele e os meus sobrinhos, mas nada de Mariana.

— Ela só está digerindo. Não se preocupe — Valentim tentou me tranquilizar, por enxergar a tensão expressa no meu rosto.

— A mamãe ama você tia Eve, ela só está brava. — Bell me fez sorrir porque, embora não fizesse ideia do que se tratava, ela também se preocupou comigo. Eu amava aquele anjinho-humano.

— Obrigada meu amor. — Segurei a mãozinha dela e reparei nas unhas pequenas pintadas de rosa claro.

— Você joga uma partida comigo no vídeo game, tia? — Tom pediu.

— Negativo, amigão. Você vai trocar de roupa para ir à aula de alemão.

A cópia de Valentim revirou os olhos para o pai e contrariado se dirigiu ao o próprio quarto.

— E você para o piano, princesa — falou carinhosamente com a filha.

Os dois eram muito obedientes, disciplinados e inteligentes. Tinham bons exemplos.

— Bom, quando a sua esposa quiser falar comigo, peça para me procurar. Não adianta eu ficar correndo atrás se ela está fugindo.

— Conversarei com ela.

— Obrigada, Valentim.

— E Eveline...

— Pode falar.

— O meu irmão não é um homem bom.

Ia responder, mas não encontrei nada que desmentisse aquilo.

Dirigi para a minha casa, dentro do meu carro comprado no dia anterior com a ajuda de mamãe e Dimitri. Um *Honda Accord* vermelho, eu queria preto, mas no orçamento de 30 mil dólares só tinha aquele e daquela cor. Tinha habilitação há anos e ainda não havia comprado nenhum carro. Vez ou outra usava os da minha irmã, ou de Dimitri quando eu ia para a Inglaterra, mas antes de ir para o cruzeiro eu conversei com a minha mãe e coloquei como objetivo comprar um carro. Costumava alcançar meus objetivos e não foi diferente.

Era uma delícia sentir o cheiro de carro novo, misturado ao pequeno pingente de árvore de natal com a bandeira dos EUA que pendurei no espelho retrovisor no meio, que exalava um cheirinho sutil de algodão doce. Percorri o caminho mais longo para aproveitar o carro, já que no outro dia eu viajaria com mamãe para Shelton e deixaria o vermelhinho guardado na garagem.

— Olha que linda ela! Arrasou filha — mamãe fez questão de gritar da janela, enquanto eu aguardava o portão velho, mas elétrico, do prédio abrir.

Acabei rindo da doida da minha mãe e estacionei.

Dimitri tinha ido no mercado, viajaria na manhã do dia seguinte também, voltaria para Londres.

— O pobrezinho está todo triste que vocês vão se separar depois de tantos dias juntos — mamãe contou.

— Ele falou alguma coisa?

— Quer que que o visitemos.

— No final do mês eu vou para lá.

— Me leva, filha? Quero conhecer Londres.

— Claro que levo. Você vai adorar.

— Sério filha? Me leva mesmo? Ahh, meu Deus! Espero que neve.

— Levo mãe. — Sorri para a mulher contente. — Acho difícil, mas já peguei neve lá no final de fevereiro.

— Espero ter a mesma sorte! — Assim como eu, dona Yvanna era louca por neve.

Não aconteceu mais nada entre mim e Dimitri, mas pelo menos estávamos mais à vontade um perto do outro, como éramos antes da loucura do cruzeiro. Senti que tinha o meu amigo e companheiro de volta, mais relaxado e menos tenso perto de mim.

O fato é que cada detalhe em Saulo parecia ameaçador. Graças a ele, minha viagem de trabalho foi como uma montanha-russa de emoções. Acredito que ele tenha causado rebuliço em Dimitri também. Saulo era um perfeito furacão, que passava badernando tudo.

Nós viajamos cerca de quatro horas para Shelton e sentir o cheiro confortável do interior ao chegarmos me fez muito bem. Nasci e vivi ali, numa cidade pequena com menos de 40 mil habitantes, extremamente fria, mas em contrapartida deliciosamente acolhedora.

Ligamos o aquecedor na casa simples em que cresci e acendemos uma lareira com a pouca madeira que tinha no quintal. Eu e mamãe fizemos o que era de costume, assistimos séries juntas debaixo das cobertas, comemos porcarias e conversamos banalidades. Eu amava aquilo mais que tudo. Chegar na minha verdadeira casa após tantos dias embarcada, e poder compartilhar até mesmo o silêncio com mamãe era algo que eu valorizava demais. Sem contar que dona Yvanna me mimava mais do que eu merecia. Quando ficávamos muitos dias longe o amor e a saudade se acumulavam e ela demonstrava o tempo todo, me abraçando, me beijando e fazendo exatamente tudo do meu gosto.

A semana se arrastou e não nego que durante algumas madrugadas eu

tirei um tempo para pesquisar sobre Saulo. Na internet tinham muitas notícias sobre ele, a maioria era ruim, os crimes pesados, até as infrações simples que Saulo cometeu. Depois sobre a soltura, sobre a compra de uma mansão em Dublin e nada mais. Nada que me atualizasse, ou me desse qualquer tipo de noção do que estava acontecendo. Queria saber se ele tinha conseguido resgatar a irmã, se ele estava bem, queria qualquer notícia. Mas não encontrei.

Bombom de Brigadeiro me acompanhava nessas noites que eu virava acordada, com o notebook nas pernas, revirando o Google atrás de informações. O bichinho ronronava, pedia carinho e às vezes dormia enfiado no meu colo.

— Isso é segredo viu, Bombom? — Fiz carinho no pelo macio e preto do gatinho.

Ele me olhou como se me entendesse, então pisquei com cumplicidade.

— Está falando sozinha ou com o Bombom, filha? — Mamãe apareceu sonolenta na porta, abrindo os olhos com dificuldade.

— Conversando com ele. — Sorri para o bichano que parecia massagear minha coxa com a pata fofinha.

— Vai dormir, niña. Amanhã vamos cedo no Sr. Matias, fazer a feira da semana.

— Certo. — Fechei o computador e me ajeitei com Bombom. — Volte a dormir mãe.

Sofria de insônia antes, o que piorou depois de Saulo.

Não dormia sem antes criar mil hipóteses sobre o homem. Fazia um esforço e tanto para pegar no sono.

Acordei cedo com mamãe para irmos na mercearia do senhorzinho que era apaixonado por ela. Esperei sorrindo, vendo-os conversando e escolhendo as frutas, verduras e legumes juntos. Como eu disse, Sr. Matias era quase centenário, mas não deixava de ser um bom cavalheiro com mamãe.

Dona Yvanna inventou de ir entregar roupas para umas clientes dela e eu resolvi caminhar de volta para casa. Naquela cidade pequena todos me conheciam e era obrigatório cumprimentar qualquer um que eu visse na rua,

por isso preferia ficar a maior parte do tempo resguardada.

Destranquei a porta e entrei. Deixei as sacolas pesadas na cozinha e tirei meu tênis para calçar as pantufas quentinhas. Passei o sobretudo grosso e pesado pelos ombros e o pendurei ao lado da porta de entrada. Ia me acomodar no sofá quando escutei toques na porta. Minha mãe era uma pessoa bem avoada.

— Já vou! — gritei me levantando.

Quando abri, vi a última pessoa que imaginei que estaria na minha porta. E muito menos naquelas condições.



EVELINE



O esparadrapo tampava metade da sua sobrancelha esquerda, e outra fita branca cobria boa parte de seu nariz fino. Olheiras contrastavam em sua pele cansada e pálida, e as íris destacavam-se como dois miradouros verdes, exaustos, mas ainda felinos.

Seu rosto estava uma perfeita desordem, de hematomas e feridas quase-cicatrizadas.

O susto não passou despercebido pelos meus olhos.

Saulo permaneceu com a mesma feição, sem vida e inalterado. Ele não estampou o habitual sorriso ordinário, e nem mesmo proferiu alguma de suas frases hostis para me provocar.

Examinei toda a situação em frações de segundos, e fui calada antes de conseguir formular a primeira pergunta.

— Não pergunte.

— Mas...

— Não pergunte nada.

O que eu faria então?

A minha confusão mental só piorou quando Saulo me beijou, eu não previ aquilo. Nada daquilo. Ele me pegou com tanta força pela cintura, apertando meu corpo com suas mãos firmes e grandes. Enfiou a língua

exigindo espaço na minha boca, chupou meu lábio e depois mordeu o mesmo. Saulo fez minhas pernas envolverem seu quadril, ajeitando-me com facilidade em seu colo. O homem bateu a porta atrás de si e me carregou pela casa, como se conhecesse cada cômodo.

— Saulo...— Tentei afastar nossos lábios, embora estivesse totalmente derretida.

Ele ter ignorado minha relutância me tranquilizou, pelo menos uma coisa normal permanecia ali: a ignorância.

Saulo me colocou sobre o balcão da cozinha e eu o ajudei estendendo os braços para tirar minha blusa de mangas. Ele saboreou meu pescoço com a língua e os dentes, enquanto roçava a barba — maior do que de costume — na minha pele.

O homem apertou com força os meus seios e me despiu do sutiã branco de algodão. Envergonhada, agarrei seus cabelos e coleí nossos lábios novamente. Percebi o quanto a minha boca sentiu falta da dele, e o quanto o meu nariz ansiava por sentir seu cheiro viril outra vez.

Eu gemi quando sua língua macia contornou meu mamilo endurecido e o abandonou após uma sugada forte. Saulo passou o próprio moletom pelos braços e cabeça, expondo o peitoral e abdômen enormemente definidos. Vi e passei as pontas dos dedos em um curativo quadrado entre seu ombro e peito, olhei dentro de seus olhos, no entanto guardei a curiosidade.

Fui encaixada em seu colo de novo, e carregada até o meu quarto. Minhas costas foram cobertas por sua mão espalmada nelas, e segurando a minha nuca, o homem faminto intensificou nosso beijo, tornando-o mais violento e aflito.

Saulo me colocou no chão e abaixou-se na minha frente. Ele puxou o cadarço da minha calça de moletom preta e desfez o laço, para então me livrar da peça de roupa. Vi sua altura ultrapassar bons centímetros da minha quando ficou com a coluna reta e pude observar direito o curativo em seu peito.

— O que é isso?

— O buraco de uma bala. — Deu seu sorrisinho sarcástico e eu me censurei por sentir falta até daquilo.

— Você levou um tiro?

— Um de raspão, mas este me fodeu.

— Dói? — Apertei levemente e ele negou mexendo a cabeça.

Saulo segurou meu maxilar e mordiscou meu lábio mais uma vez. Mirando a minha boca ele sussurrou:

— Garota maldita.

Aquilo era uma demonstração de carinho ou de ódio?

— Minha mãe vai chegar daqui a pouco.

— Duvido que ela nos atrapalhe no banho.

— Saulo — adverti.

Descaradamente, seus olhos caíram para os meus seios. Ele os apertou, beliscou e massageou os picos rígidos.

— Tire a calcinha.

Hesitei.

Seus lábios encostaram no meu queixo e eu arrepiei inteira quando ele lambeu lentamente o contorno da minha orelha.

— Mande tirar a calcinha.

Fechei meus olhos, reprimindo a vergonha por não ter me livrado dos meus pelos pubianos. Eu não deveria sentir um pinga de vergonha daquilo, não era obrigada a estar preparada a qualquer instante. Não perderia minha virgindade da noite pro dia.

Impaciente, o homem grande e bruto me posicionou de costas e me fez colar os seios na parede fria. Com certa força ele arrancou minha calcinha descendo o pequeno tecido branco pelas pernas e cravou os dedos na pouca carne da minha bunda, dando-me um tapa em seguida. Eu gostei daquilo. Puta merda, eu gostei muito do tapa que Saulo me deu.

— Sabia que gostaria. — O sorrisinho convencido não abandonava seus lábios.

Tentei disfarçar, mas foi inútil, eu tinha fechado os olhos e mordido

minha boca.

— Eu preciso mesmo de um banho. Pode me guiar até o banheiro?

No momento em que eu fiquei de frente, seus olhos foram direto para a minha vagina.

O sorriso sedutor dos caninos pontudos, se expandiu e me atraiu como o inferno, quando o seu lábio inferior ficou preso entre os dentes brancos.

— Por que está me olhando feito um predador, Saulo? — perguntei tão baixo, amedrontada e entorpecida pelo tesão que aquele homem me causava sem precisar me tocar.

— Eu disse que preciso de um banho, me leve até o banheiro.

O endiabrado sabia exatamente a localização do banheiro, já que estava com a porta aberta praticamente na nossa frente. Entendi sua jogada, ele queria que eu caminhasse para avaliar o meu corpo. Minha timidez quase me impediu, mas eu a venci naquele momento.

Por pouco não perdi o equilíbrio ao levar outro tapa, que ardeu minha pele como brasa. Não deu tempo de reclamar, pois estremeci inteira ao sentir sua arcada dentária se fechar no meu ombro, numa mordida dolorosa e excitante.

Inesperadamente, Saulo fez um rabo de cavalo em meu cabelo e o segurou com toda a força do seu punho, fazendo minha cabeça inclinar. Meus lábios abriram, e o gemido entrecortado abandonou a minha garganta. Meu seio foi moldado pela outra mão, enquanto o corpo duro e grande daquele homem me pressionava contra o azulejo gelado do banheiro. Novamente, sua boca tomou meu pescoço, minha nuca e ombros. Saulo parecia querer me devorar.

Delirando, tentei ter consciência do que estávamos fazendo. Poderíamos ser interrompidos e seria constrangedor. Eu também não tinha escutado nenhuma mínima explicação para aquela aparição repentina. Balancei minha cabeça recuperando a lucidez que, logo se perdeu completamente, quando notei que Saulo havia se despido da calça e cueca. Senti seu membro rijo como uma pedra grossa passar pela fenda da minha bunda.

— Saulo, eu acho melhor nós...

— Eu acho melhor você ficar calada e sentir o meu pau.

Encarei o teto branco e a luz acesa do meu banheiro e fechei os olhos, engolindo minha saliva que mais parecia um bloco de concreto. Pirando e com o núcleo molhado entre as pernas, eu me deixei levar pela devassidão.

Virei de frente para ele e envolvi meus braços em seu pescoço. Na ponta dos pés alcancei seus lábios avermelhados e mordisquei com um pouco de força, voltando a provar mais um beijo sedento e insaciável, tomando cuidado com seus machucados.

Foi quando nos enfiamos dentro do box e ligamos o chuveiro potente, que Saulo agarrou a minha perna e me fez envolver o quadril dele com a minha coxa. Desta forma, sua ereção roçou minha virilha com mais precisão, e o calor percorreu por cada célula do meu corpo.

Contrariada, tive que largar seus lábios, já havíamos excedido todos os limites. Me perdi admirando o seu peito moreno e musculoso repleto de gotículas de água. Subi o olhar para poder deslumbrar o verde fascinante das suas íris e o restante de seu rosto perversamente perfeito. Saulo segurou o meu queixo e aproximou nossas bocas.

— Niña? — O grito da minha mãe me arrancou com força do meu torpor.

— Ela te chama como o idiota do seu namorado — Saulo constatou.

— Tenho que sair.

— Não — ele colocou o braço na frente, impedindo-me de abrir a porta de vidro.

— Eu nunca tranco a porta, Saulo. Conhecendo a minha mãe, sei que ela vai se desesperar.

Quieto, ele me deu espaço para sair.

— Eveline — me chamou e eu o olhei, depois de enrolar a toalha rosa no corpo.

— Diga.

— Nada.

Não insisti, mesmo querendo mais do que tudo saber o que passava

naquela mente depravada.

O vapor quente do banheiro, somado as investidas perigosas de Saulo, me deixaram totalmente amolecida. Eu teria que tomar um banho direito, mas antes precisava acalmar dona Yvanna e evitar que ela tivesse um infarto. Aliás, eu acabaria causando-lhe o infarto quando contasse quem era a minha companhia no banho.

Não sabia nem o que falar.

— Minha filha, que susto. Por que trancou a porta? Está tudo bem? — Mamãe passou as mãos no meu rosto e cabelo, que ainda estavam úmidos. — Por que o chuveiro ainda está ligado? E o que são essas roupas? — Me mostrou as peças que deixamos jogadas na cozinha.

Tratei de procurar outro moletom também preto enquanto elaborava como contar e ouvi Saulo fechar o registro do chuveiro.

— Niña? — Mamãe estava assustada. — Vai me dizer que é o Frank?

— Não! — respondi de imediato. — Claro que não.

Mamãe pousou a mão sobre o peito e respirou aliviada.

— Saulo. Saulo está aqui e eu preciso que a senhora saia para ele se vestir.

— O que? — O queixo de mamãe caiu.

— Saia, por favor.

Ainda estática ela abriu a porta, mas antes que se retirasse, eu peguei as roupas de suas mãos dando um sorrisinho para disfarçar a vergonha de ter sido pega no flagra.

Tranquei a porta e encarei a figura do homem totalmente nu, parado na porta do meu banheiro.

Fiquei extasiada, olhando na direção de seu pênis grande e cheio de veias. Eu não tinha como comparar o tamanho com outros, mas sabia que o negócio era grande e grosso.

— Preciso de uma toalha — declarou, todo calmo.

Pisquei várias vezes e nervosa joguei a minha para ele.

— Não precisava ser a sua, mas gostei da ideia. — Explorou o meu corpo todo com o olhar.

Me apressei para pôr o moletom e tentei não o admirar enquanto vestia a mesma roupa, mas falhei.

— Então tem mais um?

— Oi? — Despertei. Parecia uma idiota, uma grande idiota babando na escultura mais saborosa, aliás, bonita, de todas.

— Frank.

— Ah... não.

— Quem é Frank?

— Por que eu respondo às suas perguntas se você não responde às minhas?

— Porque nada em mim importa, esqueceu? — Me fez odiar o meu próprio veneno.

— Me desculpa — pedi baixo. Achei justo, já que Saulo havia se desculpado pelas loucuras que me enfiou.

— Vou pensar.

Revirei os olhos e preendi a bagunça ruiva em um coque alto na cabeça.

— Não respondeu. Quem é Frank?

— Ninguém.

— E por que sua mãe perguntaria se um "ninguém" estava no banho com a filha dela?

— Você é persistente.

— Não gosto de mentiras.

— Poderia não mentir então — respondi afiada. Ele sorriu.

— É tipo um ex namorado? Ou um atual namorado cachorrinho, como aquele britânico de merda?

— É tipo um ex namorado que me pediu em casamento só para transar

comigo e por não conseguir me expôs para todos dessa cidade.

Deus, eu nunca tinha confidenciado aquilo para ninguém, por que falaria justo para o Diabo?

— Você deveria tomar cuidado com o que me conta, garota.

— Por quê? Importa pra você?

Ele terminou de passar a toalha no seu cabelo negro e desviou o assunto:

— Tem álcool nessa casa?

— Vinho.

— Vai me apresentar para a sua mãe e ainda tomaremos vinho juntos?

Saulo riu da própria pergunta e eu revirei os olhos, de novo.

— Minha mãe não gosta de você, não piore a situação.

— Sou um anjo, Eveline.

— É. Um anjo caído — debochei.

Sáímos do quarto e mamãe não disfarçou a ansiedade. Estava elétrica, preparando algo na cozinha. Assustada, ela virou para ver Saulo. Não disse nada e eu fiquei muito desconfortável entre os dois.

— É um prazer conhecê-la, sra. Yvanna. — Saulo sorriu e beijou o dorso da mão da minha mãe.

Como sabia o nome da minha mãe? Bom, o que aquele homem não sabia?

A mulher ruiva, dos cabelos curtos e olhos mesclados como os meus, me olhou. Eu forcei um sorriso, para que ela também se esforçasse.

— Saulo, você aceita um lanche? — Tadinha, minha mãe era tímida também e mesmo não gostando da pessoa em questão, ela jamais tratava alguém mal.

Saulo me olhou.

— Faça dois por favor, mãe. E abra um vinho, Saulo está com sede — fui sincera.

— Meu filho, você está machucado? Está com dor? Tenho analgésicos.
— Só então mamãe comentou sobre os hematomas espalhados pelo rosto angelical, digo, diabólico dele.

— Agradeço muito a sua gentileza sra. Yvanna, mas eu estou bem, obrigado.

— Venha. — Segurei no pulso de Saulo e o levei para a sala.

Nos sentamos no sofá e eu sentia cócegas no estômago, junto de uma apreensão crescente no peito. O homem estudava cada canto daquele cômodo e era muito, muito estranho ver Saulo no centro de um lugar tão simples como a casa da minha mãe. A presença dele era muito impactante para qualquer ambiente.

— Aqui faz frio. — Quebrou o silêncio.

— Faz.

— Frank ainda mora nessa cidade?

— Guarde a sua curiosidade, homem.

— Mora — a tagarela da minha mãe respondeu, trazendo consigo dois pratos com nossos lanches. — Aquele imbecil não deu certo na vida, bem feito, nunca prestou.

— Mamãe. — Cortei, para que ela parasse de falar mais do que devia.

Mordi um pedaço do pão e saboreei o vinho que Yvanna havia acabado de nos servir. Nós duas nos entreolhamos quando Saulo acabou com o líquido da taça em dois goles.

— Aceita mais?

— Por favor. — A educação de Saulo quase me convencia.

Ajudei minha mãe com os pratos e ela aproveitou para me abordar na cozinha.

— É falta de respeito ser lindo assim, filha.

— Nem diga, mamãe. — Livrei o ar preso em meus pulmões.

— O que ele veio fazer aqui?

— Não entendi até agora. É difícil arrancar qualquer coisa daquele homem. Ele é muito fechado.

— Pois descubra e me conte.

Não precisamos perguntar mais nada, Saulo estava em pé no meio da sala e passou a mão na nuca, subitamente ansioso.

— Sra. Yvanna, eu sei que deve estar curiosa, afinal, Eveline herdou essa característica de alguém. — Saulo fez mamãe sorrir, toda sem graça. — Então serei direto. Voltarei para Dublin amanhã cedo e quero que Eveline venha comigo.

Cerrei meus olhos na direção dele e franzi minha testa, completamente confusa.

— Eveline é adulta. Ela faz as próprias escolhas. — O tom grosseiro dela saiu involuntário.

Óbvio que a última coisa que mamãe queria para minha vida era que eu me envolvesse com o indivíduo, cuja reputação estava destruída. Mas ela nunca se intrometeu, confiava em mim de olhos fechados.

Tanto que a resposta que dei na sequência a acalmou.

— Não Saulo, fora de cogitação.

— Eu prezo pela sua companhia, Eveline.

— Licença mamãe. — Puxei Saulo pelo braço e abri a porta de entrada da casa, para ficar a sós com ele. — Você está drogado?

— Por que? — Arqueou a sobrancelha cheia e escura.

— Preza pela minha companhia? Usou drogas?

— Combinamos que você não faria perguntas — falou em um tom divertido, que não me agradou.

— Não, você ordenou isso e eu não acatei. Quero saber do início ao fim, detalhadamente tudo o que aconteceu durante todos esses dias.

— Você vem e eu te conto mais dos meus segredos obscuros — zombou da própria desgraça e sorriu. — Temos um acordo?

— Não temos.

Saulo tirou o celular do bolso e digitou algo.

— Mandei o check-in para o seu celular.

A porta se abriu e mamãe colocou a cabeça para fora.

— Filha, combinamos de viajar para Londres, lembra? — A apreensão era notável em sua voz.

O olhar rapino parou sobre mim, me cobrando satisfação.

— Vai para Londres, Eveline? — Seu tom ameaçador me fez titubear.

— Mãe, nos dê privacidade — pedi e ela o fez.

— Não vou te forçar, embora a minha vontade seja te pegar pelos cabelos e te arrastar até Dublin. — Alisou a barba e disse:— Te espero no aeroporto amanhã às oito horas. Caso você não apareça, entenderei que fez a sua escolha.

— Onde você vai? — Vi ele atravessar a rua e parar na porta de um carro executivo preto. Será que era alugado?

— Às oito, Eveline.



SAULO



Cocaína não era mais meu vício há alguns anos, mas a adrenalina de esperar Eveline parecia com o efeito daquela droga. Inquieto, perdi a conta de quantas vezes atravessei o aeroporto na maldita expectativa de vê-la cruzar as portas automáticas de entrada. Nunca na vida me senti tão impaciente.

Meus dois seguranças se exauriram com a minha agitação, então permiti que se sentassem afastados para aguardarem o anúncio do embarque.

O problema é que um resquício de esperança perambulava em algum lugar dentro de mim, ou era só covardia.

Mais uma vez tudo tinha dado errado, tudo sempre dava errado.

Não sei em qual momento me tornei o imbecil de acreditar que eu alcançaria algum objetivo. A vitória não me pertencia, por natureza. Eu nunca venceria porra nenhuma.

Consumido pelo cansaço, determinei que não viveria mais nas sombras do meu próprio ser.

Não conseguir salvar a minha irmã mesmo depois de anos roendo a mente, arquitetando dezenas de mecanismos e em consequência adicionar duas mortes para a minha infundável lista de assassinatos, me fez pensar seriamente em desistir da porra toda. Eu estava exausto.

Não relutava, um homem fraco como eu realmente não merecia conhecer a glória.

Talvez aceitar que a minha vida seria uma desgraça até o fim seria menos sufocante. Viver criando mundos melhores, baseados nas expectativas infundadas da minha cabeça doente, só me fodia.

E de novo lá estava o covarde, plantado e ansioso buscando apoiar-se na ilusão de ter uma garota que o fizesse melhor. Mesmo sabendo que essas tentativas tinham sempre o mesmo desfecho. Eu foderia Eveline e a destruiria de todas as formas possíveis, como fiz com todas as outras mulheres no decorrer da minha vida.

Despudoradamente, eu buscava estilhaços de força nos outros, mas nunca em mim. Nunca deixaria de ser o mesmo merda de sempre!

— Passageiros do voo com destino a Dublin/Irlanda, dirijam-se ao portão de embarque dezesseis K-L — uma voz feminina informou.

Soltei o ar dos meus pulmões pelas narinas e verifiquei a hora no meu relógio. Vinte minutos para o embarque.

— Passageiros do voo com destino a Dublin/Irlanda, dirijam-se ao portão de embarque dezesseis K-L — a filha da puta repetiu, fazendo um sintoma da ansiedade esmagar o meu peito.

Não faltou vontade de ir até a casa daquela sardenta e a arrastar pelos cabelos comigo, para ensiná-la a ser mais obediente. Mas Eveline não precisava de mim para nada, por que aceitaria meter o próprio nariz onde tudo cheirava a merda?

Entrei no avião, ainda inconformado. Não me acostumei com mulheres que não dependiam do que eu podia oferecer, como dinheiro, boa vida e sexo em tempo integral. Nenhum desses fatores parecia ser prioridade para a maldita garota.

Ainda não acreditava que estava no meio deste joguinho, no qual a mulher tem total controle da situação por causa da porra de uma boceta.

Mas seria engano dizer que Eveline era só uma boceta ruiva peluda — e muito gostosa por sinal. Estava claro que ela havia virado esquinas da minha vida que há muito tempo ninguém virava. Desde Vivian.

Contudo, Eveline não tinha absolutamente nada parecido com Vivian, nem zero vírgula zero um de sua loucura.

— Passageiros do voo para Dublin, apertem os cintos e mantenham suas poltronas na vertical, decolaremos dentro de dez minutos. Desejo-lhes um bom dia e uma boa viagem!

Dei a última olhada na entrada da primeira classe, e nada.

Vislumbrei a pista pela pequena janela do avião, e conformado com a situação encostei o rosto na poltrona.

— Saulo.

A garota da pele manchada e cabelos laranja me fez acreditar que eu estava alucinando. Porém, não havia excedido tanto assim no álcool e nos comprimidos, para confundir a presença dela com uma miragem.

— Senhora, a porta da aeronave fechará em cinco minutos. Preciso que a senhora se sente e siga as orientações de decolagem.

— Serei breve. — A figura da mulher esguia permaneceu em pé segurando uma bolsa de mão e encarando-me com o nocivo olhar angelical.

— Você veio. — Tirei o cinto e me levantei.

— Realmente precisamos que os senhores se acomodem em suas devidas poltronas, decolaremos dentro de... — A comissária de bordo deve ter olhado no relógio, mas não reparei. — Quatro minutos.

— Eu disse que serei breve — Eveline foi inusitadamente grosseira.

De repente os comunicados do comandante e da comissária ficaram distantes, quando o olhar azul-esverdeado da garota cravou com seriedade no meu.

— Paguei trinta dólares a mais para o taxista dirigir feito um barbeiro, ultrapassar todos os carros e chegar a tempo para eu embarcar neste voo. Então você vai ficar calado e me escutar.

Tive vontade de provocá-la para aguçar o lado deliciosamente feroz que se perdia na sua cordialidade, mas sentia-me ridiculamente feliz e não irritaria a responsável por este sentimento.

— Você não vai alterar o tom de voz comigo, não vai me agredir verbalmente e muito menos encostar o dedo em mim sem a minha permissão. Não me apagará com as suas drogas e nem me forçará a fazer qualquer

mínima coisa sem que eu tenha vontade. Não me meterá nas suas encrencas, não me fará cúmplice dos seus crimes e nem me oferecerá como isca para qualquer homem louco. Usarei as roupas única e exclusivamente do meu gosto e visitarei os lugares escolhidos por mim. Poderei voltar para a minha casa quando eu quiser. — Tentei me defender duas vezes, mas Eveline cortou aumentando seu tom de voz. — Outra coisa, não lide com a minha virgindade como se ela fosse um prêmio, porque você não vai conquistá-lo. — Por nenhum instante ela deixou de me olhar. — Você se opõe a alguma regra? — Demorei para abrir a boca, então ela pressionou: — Diga logo, porque se discordar de algo, eu faço abrirem a porta desse avião e desço.

— Senhora, você precisa que eu chame a polícia? — a comissária perguntou assustada e boquiaberta diante da série de ordens que a garota citou.

— Será tudo do seu jeito, Eveline — garanti, deleitando-me com a ingenuidade de acreditar na minha palavra.

Ela assentiu com a cabeça e se virou para a comissária de bordo.

— Não preciso, obrigada — agradeceu gentilmente e voltou a me encarar. — E antes que eu esqueça, ficarei em um quarto de hóspedes.

Isso foi demais!

— Me oponho, Eveline. Não acho que seja necess...

A expressão da mulher indicava total decisão, então achei melhor fingir que faria tudo conforme seu desejo.

Eveline roubou a minha poltrona do lado da janela, colocou o cinto e fechou a pequena abertura com vista para a pista de decolagem. Em silêncio, me sentei e mexi na poltrona do corredor para mantê-la na vertical, seguindo as orientações. Poucos segundos depois a aeronave acelerou para voar.

— Não tenho quarto de hóspedes na minha casa — menti, fazendo-a cerrar os olhos na minha direção.

O primeiro sinal de nervosismo foram os dedos trançando as mechas ruivas, o segundo se evidenciou no esfregar de suas mãos nitidamente suadas.

— Tem medo de altura?

— Tenho.

Sorri diante da confissão. A garota podia ser independente, mas dispunha de medos que nem mesmo crianças possuíam, como andar de avião ou ficar perto de homens.

— Isso vai te ajudar — removi um calmante da cartela de remédios em meu bolso e ofereci a ela.

— Já esqueceu tudo o que eu disse?

— Acredite, se eu fosse te drogar você nem perceberia.

— Obrigada por falar depois que o avião já saiu do chão.

— Beba, garota. É só um calmante. — Peguei a garrafa d'água disposta no frigobar na nossa frente e entreguei com o comprimido. Ela me analisou primeiro e depois tomou.

— É isso que você toma sempre?

— Já começou o interrogatório?

Ela se calou e pouco depois nós dois deitamos a poltrona para descansar. Eveline apagou minutos depois, a dosagem era forte para quem não estava acostumado. Diferente de mim, que fiquei acordado durante toda a viagem.

Incomodado ao ver a garota encolhida sob o ar condicionado frio, eu solicitei uma manta para a comissária, então a cobri. Tentei acordá-la para almoçar, mas foi em vão. O efeito do calmante perdurou até pousarmos.

-

EVELINE

O padrão de vida de Saulo estava em níveis muito mais altos do que imaginei. O homem era estupidamente rico, milionário. Começando pelo carro caríssimo que nos buscou no aeroporto, o qual eu nunca vi modelo igual, e durante o trajeto para a casa, aliás, para a mansão afastada, dois carros nos escoltaram, com seguranças na frente e atrás.

Observei tudo em silêncio e dei graças a Deus por ele não ter puxado qualquer assunto. Estava inerte, enquanto tentava digerir o estilo de vida luxuoso que o homem levava. Notei também que sua postura mudava ao falar com seus funcionários. Parecia até muito mais velho, pela pose sisuda e a carranca pesada.

O solo irlandês estava inesperadamente mais quente do que Seattle e Shelton. Porém, Dublin era uma cidade úmida e chuvosa na maior parte do tempo e naquele dia não foi diferente. Descemos do carro após passarmos pelo portão branco gigantesco e imponente, e fui guiada para dentro da casa — também gigantesca — por um homem de terno escuro que segurava um guarda-chuva, depois fez o mesmo por Saulo.

A mansão branca deslumbrante de estilo clássico, ficava atrás do jardim minuciosamente cuidado, com um gramado extenso e árvores altíssimas, unicamente detalhada pela tonalidade cinza em suas janelas, nas sacadas grandes e nos dois chapéus da saída de fumaça das chaminés.

Não tinha dúvidas que eu me perderia naquele palácio. Bom, isso era um ponto positivo, se Saulo resolvesse ser um babaca, eu teria como ficar bem longe dele.

— Então só tem o seu quarto nessa casa? — ironizei e ele abriu seu sorrisinho diabólico.

— Te darei algumas opções, Eveline.

— Quanta gentileza — ironizei mais uma vez, referindo-me ao fato dele ter falado que não tinha quarto de hóspedes.

Suas íris verdes salpicadas com tons amarelos me fitaram.

— Suba a escadaria, vá até o final do corredor à esquerda, vire a segunda à direita, terceira porta.

— Você está brincando, né?

Ele respirou fundo, parecia exausto demais para perder tempo com o meu deslumbre.

— Chamarei a Mada para te ajudar no que precisa.

O homem sumiu após sair da antessala e me deixou plantada, com dois seguros escorados nas laterais das portas, que olhavam para o nada.

Por dentro, ao contrário da clássica fachada externa, a casa era totalmente moderna, com móveis pretos e o restante todo da decoração em tons de cinza escuro e preto.

— Que bom que voltou meu filho. — A senhora sorridente passou a mão no rosto de Saulo e o homem ficou visivelmente desconfortável com aquilo, mas parecia estar acostumado. — Tem que parar de se meter em problemas, chega de cicatrizes neste rostinho, menino. — Chamar Saulo de "menino" soou como afronta para os meus ouvidos. Gostei dela!

— Leve a garota para o melhor quarto e dê o que ela precisa para tomar banho.

— Trouxe tudo, Saulo. Só não sei andar nessa casa enorme.

A senhora pequena e com os cabelos mesclados entre o loiro e o branco, me analisou indiscretamente da cabeça aos pés.

— E qual é o nome da garota? — Então abriu um sorriso simpático para mim.

Saulo dispensou a cerimônia e desapareceu de novo.

— Eveline, pode me chamar de Eve. — Retribuí o sorriso e a segui pela escada, depois pelos corredores, passamos por muitas portas.

— Também me pergunto por que uma casa tão grande. Se ele não é casado e nem pretende ter crianças.

Ela comentou ao estudar o meu silêncio.

— Acho solitário — confessei.

— Eu também, menina. Eu também — concordou após finalmente abrir a porta, quase no final do corredor. — O que precisar para o banho está dentro do gabinete, no banheiro. Fique à vontade.

— Será que consigo descer depois?

— Dê uma volta, você vai se perder, mas pelo menos conhecerá a casa.

Gostei da energia e da presença da sra. Mada, pelo menos ela não parecia um objeto inanimado e frio como o motorista, os seguranças e o senhor que nos guiou para dentro com o guarda-chuva.

Perdi a hora no banho relaxante, dentro da bagunça de sais e espuma que fiz na banheira que cabiam quatro de mim.

Não nego que morri de nervoso antes de me apressar para pegar um táxi e correr feito louca no aeroporto para dar tempo de embarcar. Mas o comprimido que Saulo ofereceu me deixou calminha e me livrou da palpitação ruim de ansiedade no peito.

No entanto, continuei querendo organizar a desordem da minha mente.

Além do efeito do comprimido, eu dormi a viagem toda porque passei a noite em claro, pensando se iria para Dublin ou não. E mesmo encontrando mais motivos para recusar do que para aceitar, minha teimosia, o impulso pelo perigo e o anseio para desvendar o desconhecido me fizeram ir.

Depois de muito pensar, eu deixei a banheira. Alguém, não-sei-quem, havia deixado a minha mala azul claro na frente da enorme cama. A abri, escolhi uma blusa com mangas compridas de lã cinza, que se estendia até as minhas coxas, vesti calça preta justa e botas vermelhas de cano médio, coloquei um gorro de tricô vermelho no mesmo tom que as botas, na tentativa de aquecer minhas orelhas que pareciam congelar. Então saí para procurar a cozinha, que com certeza se localizava no térreo.

É claro, eu me perdi. Alguns metros depois do quarto em que eu dormiria, estava o que eu julguei ser o de Saulo. Identifiquei porque os dois pares de sapatos espalhados e uma mala em cima da cama me fizeram acreditar que era o cômodo mais particular e utilizado da casa. Confirmei quando entrei e senti o cheiro dele exalando em cada canto.

Admirei o lugar masculino e meticulosamente decorado, moderno e de

muito bom gosto. Para variar, tudo com tonalidades de cinza escuro e preto.

Perto das várias divisórias da prateleira de vidro no meio do quarto, avistei dois papéis largados no chão. Dois envelopes que pareciam ter caído sem querer ali.

Olhei na direção da porta, com medo de ser pega no flagra. Não agia desta forma com ninguém, apesar de ser curiosa, nunca invadi a privacidade de ninguém, mantinha sempre minha posição comedida e discreta, devido ao meu trabalho. Mas com Saulo tudo parecia um jogo repleto de enigmas.

Agachei para pegar os envelopes e li:

Despedida, para Safira.

No outro:

Despedida, para Benício.

Que droga era aquilo?

— Menina. Eve! — ouvi a senhora sussurrar da porta. — Venha para cá, rápido! Sr. Saulo não gosta que entre neste quarto sem a permissão dele. — Ela se aproximou em passos leves, como se temesse até por mim. — O que tem aí? Largue isso — falou assustada ao se dar conta do que se tratava e bateu nas minhas mãos, fazendo os envelopes caírem no chão.

— O que é isso? — questionei confusa.

— Não se intrometa, filha. É melhor para você.

Despedida? Como assim? Duas cartas de despedida?

— Vamos. Ele está te esperando para o jantar.

Chegando na sofisticada sala de jantar eu o vi sentado na cadeira da cabeceira, com um copo de uísque em sua frente e alguns peixes crus nos pratos.

— Por que demorou?

— Quase dormi no banho.

— As banheiras são realmente boas — Saulo sorriu. — Você não comeu durante toda a viagem, deve estar morrendo de fome. Estou beliscando *sashimis* e *niguiris* enquanto não servem o *yakisoba*. Você gosta?

Disfarcei o ronco de trator que meu estômago fez e apenas acenei que sim com cabeça.

Dei a volta e sentei-me no lado oposto, no outro extremo da mesa. Ele franziu o cenho e me observou.

— Sente-se mais perto.

— Estou bem aqui, obrigada. — Ajeitei o guardanapo no colo, depois da outra empregada da casa organizar a mesa para servir o jantar.

— Vai fazer a Mada atravessar a mesa inteira para te servir e me servir?

Realmente, a mesa de vidro dispunha quatorze lugares. Pra que tanto, se Saulo não gostava de ninguém além de si mesmo?

Ele não agradecia nenhum gesto do trabalho dos funcionários, na verdade não os dirigia a palavra exceto para dar ordens e mais ordens. Cada segundo em silêncio durante aquele jantar, era a confirmação de que eu deveria estar em qualquer lugar, menos ali e de que eu seria consumida pela curiosidade sobre tudo que o circundava.



EVELINE



Só tínhamos atração sexual e nada mais. Cada atitude de Saulo esclarecia que eu não sentia nada por ele, não tinha motivos para gostar de alguém com tal caráter e muito menos me apaixonaria por tanta hostilidade.

O conjunto estava formado por atração e mistério. Então quando eu descobrisse tudo, o encanto ilusório acabaria.

Talvez eu devesse parar de lidar com aquilo como se estivesse protagonizando um romance obscuro, no qual a mocinha burra dedicava a vida para desbravar o histórico traumático do vilão bonito e sedutor. Imaginar poderia não doer, mas sentir na pele com toda certeza doeria sim.

Rolei várias vezes na enorme cama provençal, buscando a realidade dos meus sentimentos, tentando compreender de uma vez o que Saulo despertava em mim. A pena inicial havia desaparecido, passei a enxergar força naquele homem. Porque viver as terríveis coisas que ele me contou — que eu acreditava ser só metade das tragédias — um ser humano fraco não conseguiria enfrentar. Mas eu também pensava que toda "força", podia ser só o rancor ganhando cada vez mais espaço dentro dele e sobrepondo tudo.

Não expor minha curiosidade durante o jantar foi como uma guerra interna, porém, aos poucos, comecei a notar que a melhor forma de ter algo de Saulo, era permitindo que ele fizesse em seu determinado tempo.

Fora toda a questão da análise psicológica tanto minha quanto dele, seria mentir para mim mesma, negar a sintonia que nossos corpos tinham e a

conexão de almas que, às vezes, até assustava.

O que aquele bendito homem havia visto em mim?

Ser mais um dos seus objetos de prazer e descarte não fazia parte dos meus planos.

Na verdade, eu queria ser alguém que significasse algo para ele.

Coloquei um hobby de cetim azul, que combinava com a camisola e fiz um laço para mantê-lo parcialmente fechado. Vi o meu reflexo do espelho inteiriço na parede, observei o meu corpo, depois me aproximei para ver minhas olheiras fundas na pele clara do meu rosto, e então decidi soltar meus cabelos, numa bagunça ondulada e laranja. Tomei coragem e saí com os pés descalços pela mansão.

Durante a noite o lugar me causou certo medo, a decoração totalmente feita em tons escuros deixava tudo meio sombrio e embora a casa fosse moderna, foi arrepiante andar pelos longos corredores guiada pelo silêncio absoluto.

Saulo não estava no quarto dele, nem nas outras dez portas que abri daquele andar, por isso, resolvi descer e procurá-lo no térreo.

— O que faz acordada a essa hora? — A presença repentina da governanta me fez pular de susto. Ela deu uma risadinha. — Calma, menina. Você precisa de alguma coisa?

— Desculpa, eu não sabia que passava as noites aqui.

— É necessário que eu fique — disse somente, causando-me mais curiosidade.

— Por que?

— Sr. Saulo tem alguns problemas a noite.

— Problemas?

Devagar caminhamos rumo à cozinha.

— Terrores noturnos, Eve. Crises de ansiedade, pesadelos, pânico.

Engoli a informação sem demonstrar meu verdadeiro sentimento sobre aquilo.

— Então a senhora cuida dele?

— Como um filho.

Sentei-me no balcão do lado oposto das pias, geladeira, fornos e fogão e ela deu a volta para abrir duas portas do armário.

— Gosta de chá?

— Muito. — Sorri para a senhora pequeninha, e esperei enquanto ela fervia a água da chaleira.

— Você me parece diferente das outras mulheres de Saulo.

Eu não era uma "mulher de Saulo", mas como explicaria se nem eu entendia?

— Por quê?

— Não sei te dizer ainda, menina. Mas tem alguma coisa que me fez gostar de você.

Sorri, afeiçãoada com o carinho da governanta.

— Obrigada. Também gosto da senhora.

— Então pare de me chamar assim, chame de Mada, como Saulo.

— É de Madalena? — Quis tirar minha dúvida e ela acenou positivo. — Mas então Mada, isso significa que nas outras mulheres de Saulo, não havia nada para gostar?

— Ah, querida. Eu me esforçava para desgostar menos — ela admitiu. — Eu sei que ele é um pouquinho diferente dos outros homens, mas não tem uma alma ruim entende? Agora... tem um dom de flertar com mulheres interesseiras, esnobes, histéricas, que meu Santíssimo!

Ri das confissões.

Assoprei o chá e tomei devagar para não queimar a língua.

— Mada, você conheceu a Vivian?

— Sim. Mas não aconselho a falarmos desta mulher nessa casa.

O corte que ela deu me deixou desconfortável. Eu entendia, claro. A funcionária de confiança de Saulo não falaria dos segredos do seu patrão.

Além de respeitar muito ele, parecia temê-lo, como todos os outros empregados.

— Quer que eu te leve para o seu quarto?

— Não... Na verdade estava procurando por Saulo. Você o viu?

— Você precisa saber que durante as noites, ele fica somente em dois lugares. No escritório, — ela apontou na direção esquerda da antessala — ou no sótão. — E apontou para cima com o indicador.

— E no quarto — completei.

— Não, Saulo dificilmente dorme.

Assenti com a cabeça, desejei boa noite para Madalena, e antes que eu fosse para o escritório ela disse:

— No sótão, Eve.

Sorri sem graça e voltei na direção da escadaria em U, plissada e de vidro, com os degraus flutuantes iluminados somente por minúsculos spots de led.

O lance de escada para o terceiro andar era estreito, reto e íngreme. Eu quis desistir três vezes antes de abrir a porta do lugar e me deparar com um pavimento totalmente contemporâneo, varonil e intimidante.

— Minha doença está te contagiando?

Sequer tinha aberto a boca para anunciar a minha chegada.

— Eu quero conversar — falei de uma vez.

O homem alto, vestido somente com uma calça de moletom, virou-se para mim me dando a visão do corpo perfeitamente trabalhado e musculoso, também do copo cheio de uísque em sua mão. Saulo explorou o meu corpo todo, e eu na esperança de me proteger, me abracei.

— Sobre?

— A Rússia.

— O que quer saber?

— O que aconteceu lá.

Ele já tinha me contado sobre Safira, achei que não seria mais problema falarmos daquilo.

Saulo caminhou devagar até a área dos estofados pretos, mas se sentou em uma poltrona de couro ao lado.

— Como pode ver, minha irmã não está em casa.

— E os tiros?

— Dois pobres homens viram o meu rosto, poderiam me entregar para Marco.

— E o que você fez?

— O óbvio, Eveline.

— O seu óbvio não é o meu.

— Matei os dois.

Assombrada com a naturalidade de confessar, eu me apoiei no braço do sofá, sentei e me acomodei.

— Adam também se machucou?

— Sim. Marco tem um bom exército.

— Vocês foram sozinhos?

— Óbvio que não.

— Eu não tenho noção da proporção disso tudo, Saulo — respondi no mesmo tom estúpido.

— Certo. — Sorveu o líquido no qual era viciado e entreabriu a boca, como se a bebida ainda queimasse sua garganta. — O resumo é que mirei no meu próprio pé e por pouco não atirei.

Envergonhada com a lascívia exposta em seu olhar esverdeado, eu abracei uma almofada e me encolhi um pouco.

— Você a viu?

— Não.

Umedeci a boca e fiquei quieta.

— Eles a encontraram mais rápido do que eu, ouvi o velho comemorar pela escuta instalada por você na cabine dele.

— Eu sinto muito, Saulo.

Ele avaliou o meu rosto e não disse mais nada.

— Por que quis que eu viesse?

— Prefiro saber por que veio?

— Fui convidada. — Economizei qualquer explicação.

O homem alcançou a garrafa na mesa central e encheu o copo.

— É costume — soltou a palavra.

— Costume?

— De ter sempre mulher em casa.

— É costume também diminuir as pessoas como defesa? — Levantei-me, irritada com ele e com o nível de embriaguez que piorava a cada golada.

Saulo mexeu o copo largo de cristal após colocar duas pedras de gelo do suporte em cima da mesa.

— Pelo menos as outras trepam gostoso. Estou começando a me arrepender, Eveline.

Ri de indignação e saí daquele cômodo.

Desci os degraus pensando que se não fosse pelo vício de Saulo no álcool, eu poderia lidar facilmente com os ataques infantis dele. Mas bêbado daquele jeito era algo impossível e sem propósito alimentar qualquer discussão.

Ceguei no quarto em que estava hospedada e ouvi meu celular vibrando incessantemente contra o criado mudo. Me recusei a atender quando vi que era Mariana.

Tinham trinta e cinco ligações dela, ininterruptas.

A certeza era que minha mãe abriu a boca sobre a minha viagem.

Eu pedi para que ela esperasse, até porque mais cedo ou mais tarde minha família saberia do erro que eu estava cometendo, mas não precisava

contar tão rápido.

Mariana estava intercalando ligações com mensagens, demonstrando toda a sua raiva por textos, ordenando que eu a atendesse.

Tirei meu hobby e puxei o edredom, decidida a ignorar a ira da minha irmã mais velha e me forçar a dormir. Foi quando o barulho do meu celular incomodou também o homem que entrou sorrateiro no meu quarto.

Saulo pegou meu Iphone e afundou no copo de uísque.

— O que você fez? — gritei.

Ele mexeu o copo tranquilamente e colocou o mesmo na mesa no canto do quarto.

— Saulo, você estragou o meu celular.

— Vem deitar comigo.

— Nem morta. Sai do meu quarto. — Me apressei para tirar o aparelho do copo, mas a tela estava preta. Era a prova d'água, mas não de álcool. — Estava novo.

— Deixa eu ver se adivinho... — Saulo fingiu pensar. — A família feliz descobriu que o paradeiro do cordeirinho é a toca do lobo e estão desesperados. — Mantive o silêncio assim que notei que ele estava realmente acima do limite. — Sua irmã que é uma prostituta, correu de mim. Por que você quis vir? Sua vida amorosa é tão miserável a ponto de me enxergar como o seu grande desafio?

Os passos de Saulo encurtaram a distância entre nós, trazendo-me uma corrente de calafrios, que se aqueceu quando seu tronco nu encostou em mim.

— Ou está apaixonada por mim?

Senti meu peito apertar e minha garganta travar. Onde é que eu tinha me enfiado?

— Me responda quando eu falar com você, garota. — Saulo segurou no meu braço, mas eu me desvencilhei rapidamente.

— Você bebeu demais, nós podemos conversar amanhã quando acordarmos.

Olhei na direção da porta e calculei em quantos segundos eu conseguiria sumir dali.

Castiguei-me por ter sido tão burra de ter ido atrás dele ao invés de ter dormido.

— Eu quero entrar em você, Eveline.

— Saulo, conversamos sobre isso antes de embarcar. Por favor, tente se lembrar.

Ele riu.

— Como você quer que eu considere aquelas merdas, se você fica com a boceta molhada só de pensar em mim dentro de você?

— Não gosto de como fala. — Empurrei minha saliva na garganta quando senti a mão dele tocar o meu rosto.

— Eu te ensino a gostar. — O polegar quente contornou meus lábios e ele se aproximou para me beijar.

Senti seu cheiro cruelmente delicioso e virei o rosto. Não ia beijá-lo naquela situação. Mas Saulo não aceitou a recusa. Ele segurou meu maxilar com força e invadiu minha boca com a sua língua, depois mordeu meu lábio até que eu sentisse o gosto metálico de sangue. O empurrei e passei a palma da minha mão para confirmar que ele tinha me feito sangrar.

Dei as costas para ele, no caminho para sair, mas fui impedida com um puxão de cabelos capaz de fazer minha cabeça latejar.

Parecia ter arrancado uma mecha de fios tamanha a dor! Aquilo me machucou como o inferno!

— Solta — pedi baixo, ainda de costas.

— Não te ensinaram que é falta de educação dar as costas para alguém?

Nervosa e fervendo de raiva fiquei de frente para ele. A ira escapou da minha boca.

— E na prisão, não te ensinaram que não se encosta em uma mulher?

Perdi o norte quando a mão pesada dele veio contra o meu rosto, em seguida ele me segurou pelo pescoço.

— Cadela malcriada!

Meus lábios começaram a tremer e mesmo que eu não quisesse demonstrar mais fraqueza, os meus olhos se encheram de lágrimas.

Fiquei quieta por conta do medo. Não ia arriscar mais uma palavra.

Saulo fechou os olhos, expirou o ar com força e olhou para o lado. Ele soltou o meu pescoço e saiu do quarto.

Só então coloquei a mão no lugar atingido e notei o inchaço junto do corte feito na minha boca.

Não tive coragem de conferir no espelho o que aquele demônio havia feito.

Não encontrei a chave da porta para trancá-la, então decidi esperar um pouco para sair do quarto e com cuidado ir atrás de Mada. Eu mal conhecia a senhora governanta da casa, mas não tinha para quem correr.

Me atrevi a bater nos quartos do térreo e graças a Deus Madalena abriu. Ela me olhou e embora parecesse triste, não demonstrou surpresa.

— A senhora sabe onde ficam as chaves? — perguntei segurando o meu choro o máximo que podia.

— Há tempo que Saulo não fazia isso — disse enquanto revirava a primeira gaveta da cômoda preta de madeira. — Não o perdoe, filha. Gele ele.

— Como a senhora fala com toda essa naturalidade? Gelar ele? — questionei indignada. — Eu vou embora assim que amanhecer.

Ela me entregou uma chave.

— Não vá. Ele vai se arrepender.

— E o arrependimento dele custa o meu rosto estapeado? — Neguei com a cabeça. — Eu realmente sou "diferente das mulheres dele."

— Todo o tempo que trabalho para o sr. Saulo eu nunca o vi tratar uma moça como te tratou.

— Bater na minha cara não parece nada inovador para ele.

— Eu sei que está chateada e nervosa. Saulo é tempestivo e difícil de

aturar, mas eu juro a você menina, que dentro dele tem um homem muito bom.

— Não vou pagar para ver, muito menos se o preço for a minha integridade física.

— Tudo bem Eve, eu entendo se você for embora, mas por favor, pense nisso. Saulo é um menino perdido e que precisa de ajuda.

Peguei a chave de sua mão e não disse mais nada.

— É da biblioteca. É mais afastada do que o seu quarto.

Voltei no mesmo ritmo, subi devagar e silenciosa. Encontrei a biblioteca e tranquei a porta atrás de mim depois de entrar. O lugar espaçoso era digno de filme, por ser tão organizado e sofisticado. Mas eu realmente não estava com cabeça para contemplar a decoração. Liguei o aquecedor e me encolhi no sofá. Achei que não ia conseguir adormecer, mas apaguei.

— Eu dei permissão para deixar a garota ir embora? Que caralho de funcionários vocês são se não servem pra porra nenhuma?

Abri os olhos atordoada, após ouvir Saulo esbravejar autoritariamente pela casa. O barulho de coisas espatifando pelo chão me fez ficar em alerta, sentei-me no sofá e encarei o relógio, que informava ser onze horas da manhã.



EVELINE



Minha cabeça doía um pouco, eu não sabia se era por conta da taça de vinho do jantar ou da bofetada que Saulo tinha desferido no meu rosto. Encontrei uma portinha escondida no canto das prateleiras inteiriças e abri, entrei no lavabo pequeno e inalei o cheiro de alguma lavanda cítrica. Vi o reflexo do meu rosto no espelho acima da pia larga e então peguei lenço na caixinha disposta na bancada. Limpei o sangue seco sob o meu nariz e analisei a área arroxeadada em volta da minha têmpora, meus lábios continuavam inchados. A mão de Saulo era tão grande e tão pesada que conseguiu atingir todos os ângulos do meu rosto. Lavei meus olhos para despertar melhor e sequei com a toalha pendurada.

Quando saí do banheiro pude voltar a ouvir o homem bravo vociferar pela casa. Enquanto esperava que tudo parecesse mais calmo, eu dei uma olhada nas diversas prateleiras altíssimas ocupadas por centenas e centenas de livros, separados por gêneros e anos.

Depois, saí cautelosamente e andei pelo corredor até chegar na escada. Ainda estava descalça e com a mesma camisola de seda da noite anterior, e por isto, senti o frio da casa gelar o meu corpo inteiro. Envolvei meus braços em torno de mim mesma e passei sem cumprimentar os dois homens a postos na porta dupla de entrada. Eu não estava com cabeça para ser educada, muito menos gentil.

— Você pisou na bola. Ela está certa de ter ido embora — escutei Mada falar.

— Desde quando a senhora se intromete em assunto particular?

— Saulo, ninguém merece ser saco de pancadas.

— Já chega, Madalena.

Quando pisei na copa, Saulo estava prestes a levantar da mesa onde tomava seu café. Ele hesitou quando me viu e sentou-se novamente.

Seu olhar foi direto para os machucados que sua brutalidade causou.

A sensação de ter duas mãos apertando a minha traqueia me impediu de falar algo de imediato.

Fitei a governanta que abriu um sorriso cúmplice e assim recuperei a minha voz.

— Bom dia, Mada. Será que a senhora pode me ajudar?

— Sim, Eve. Do que precisa?

— A senhora pode me acompanhar até o quarto?

Eu sentia que Saulo estava me observando e lutei para não vacilar.

— Claro. Vamos...

— Não. Ela não pode te ajudar e não vai no quarto com você. — Saulo nos interrompeu friamente, enquanto mexia a pequena colher na xícara preta de porcelana.

Aflita com a situação, Mada obedeceu e parou no mesmo lugar.

— Onde você se enfiou? Acharmos que tinha ido embora. — Desta vez ele dirigiu a palavra e o olhar para mim. — Você a escondeu, Madalena?

— Não, Saulo. Eu dormi na biblioteca. — Não queria criar confusão para a senhorinha.

— Escondi ela sim, filho. A menina estava amedrontada e com os olhos vermelhos de choro.

— Madalena, não precisa — antes que eu terminasse ela cortou:

— Eu me viro com esse pestinha, Eve.

Me esforcei para sustentar a cabeça erguida e o olhar também, mas as

írises espectadoras de Saulo pesavam tanto sobre mim, que abaixei para evitar o contato visual.

— Coma, Eveline. Conversaremos depois.

— Obrigada, mas estou sem fome.

— Sente-se e tome o seu café da manhã — Saulo insistiu, ordenando. Em seguida, ele bateu lentamente a colher de prata na xícara, me intimidando.

Vi a governanta acenar para a cadeira indicando que eu acatasse.

— Do que precisa?

Pensei antes de falar e decidi que não pediria ajuda para sair daquela casa. Eu poderia comprar a passagem pelo meu notebook e dar um jeito de ir embora sem que ele visse, para evitar conflitos maiores.

— Nada. Queria tomar banho, mas a banheira não está esquentando.

Aquela encenação identificava a insanidade.

— Mada. — Saulo assentiu para a senhora, que se retirou provavelmente para ir ver o "problema" na banheira. Desta forma, ficamos a sós.

Nervosa, respirei fundo. O silêncio se instalou e eu pude ouvir até Saulo mastigando a torrada crocante com ovos e bacon.

Ele não falaria nada do que aconteceu de madrugada? Eu merecia no mínimo um pedido de desculpa. Ou será que ele não se lembrava exatamente, decorrente de uma amnésia alcoólica?

Talvez estivesse esperando que eu me pronunciasse primeiro, para articular. Era perda de tempo, Saulo era totalmente perda de tempo.

— Nem mesmo a física comprovou com tanta exatidão o quanto os opostos se atraem. — Adam Monteiro chegou repentinamente, batendo palmas e com um sorriso zombeteiro nos lábios. — Estou surpreso.

Saulo fitou o relógio caro em seu pulso e depois o amigo.

— Estou atrasado patrão, eu sei. Mas pelo jeito vocês ainda estão na refeição matinal.

Segurei o meu copo de vidro entre as mãos e foquei no suco de frutas

vermelhas.

— Ruiva, você terá que fazer companhia para o meu amigo hoje. — Adam acomodou-se na cadeira do lado da minha. — Temos o aniversário do cara mais bacana dessa cidade para ir.

— Deixe a garota quieta, Monteiro.

Meu cabelo caía sobre o meu rosto, cobrindo a área arroxeadada.

— Saulo comeu sua língua, ruiva? — Ele estava animado.

— Quase isso — respondi baixo e levantei o rosto para o amigo do endiabrado.

Adam engoliu o que ia falar quando analisou o meu semblante, ele segurou meu queixo e me averiguou.

— Preciso ter uma palavra com você Saulo, no escritório. — Monteiro se levantou abruptamente e aguardou o amigo que o seguiu tranquilamente.

Aproveitei a deixa e saí às pressas. Fui para o quarto e encontrei Madalena.

— Adam está aí, Eve?

— Sim.

Ela balançou a cabeça e passou a mão na testa.

— Essas duas crianças.

— Madalena, eu preciso da ajuda da senhora. Vou comprar minhas passagens e quero ir embora sem que o seu patrão veja. Não quero mais problemas.

— Sabia que me pediria isso, filha. Mas é impossível.

— Por que impossível?

— Tem câmeras em todas as entradas e saídas dessa casa.

Claro! Burrice minha não pensar nisso.

— Bom, vou descer ver se os dois estão vivos. Se Adam viu que você está machucada, eles estão trancados no escritório.

Ela realmente os conhecia.

Mas trancados fazendo o que? Bom, não me interessava.

Peguei o notebook depois que a governanta saiu e entrei no site de passagens que eu costumava comprar. Achei uma para aquela noite mesmo.

— Ruiva?

Fechei o computador rapidamente e fingi que estava procurando outra coisa na minha mala.

— Comprando a fuga do cárcere?

Não escondi o espanto, Adam sorriu e se aproximou. Dei um passo para trás, ele respeitou e atenciosamente estendeu a mão para mim.

— Vamos sair, vou te distrair.

— Não, Adam. Eu realmente estou indisposta.

— Imagino que sim. A mão do filho da puta é pesada, mas eu prometo que posso distrair sua cabeça disso, ao menos um pouco.

Analisando o homem de perto, vi que sua pele suave e os fios escuros estavam desgrenhados. Estudei os seus olhos azuis, e o resquício de confiança que senti neles me fez acreditar que, independente do que fosse fazer com Adam, seria melhor do que ficar naquela casa.

— Espera eu me trocar.

— Estarei lá embaixo.

Coloquei um casaco grosso preto acinturado com um cinto, calça skinny bordô e botas pretas de saltos médios. Fui obrigada a passar corretivo e base na minha pele, para tampar as marcas. Por último arrumei minha franja, coloquei o gorro marrom de pelos sintéticos e peguei minha bolsa preta.

— Carlos levará vocês — Saulo informou quando desci o último degrau.

— Estou com o meu carro — Adam contrariou sem olhar para o amigo. — Pronta, ruiva?

Saulo deu um passo ameaçador quando me aproximei de Adam. O comparsa o encarou feio, fazendo-o se conter. Não entendi o contexto, mas permaneci perto do homem de sotaque irlandês.

Adam abriu a porta do carro para mim. Depois que pegamos a rodovia ele ligou o aquecedor, também aumentou o som e deixou uma música preenchendo o ambiente fechado.

— Ele não vai mais te bater.

Dei risada do comentário.

— Não se esforce para proteger o seu amigo, eu conheço o histórico dele.

— O verdadeiro ou o que te contaram?

Franzi as sobranceiras e o encarei. Ele dirigia tranquilamente. Pelo retrovisor eu pude ver o carro preto da segurança nos seguindo.

— Você pertence à família que mais odeia o Saulo.

— Minha família não é a única, eu tenho certeza de que ele tem inimigos devotos em todos os lugares. — Eu ia economizar minhas palavras, mas elas estavam me sufocando. — Ele drogou o meu cunhado e fez a minha irmã perder o primeiro filho porque a dopou. Saulo foi a causa do suicídio da ex-esposa de Valentim. Ele roubou milhões do hospital da família deles e lida com a morte na maior naturalidade! — Umedeci a minha boca, sentindo a raiva me corroer. — Seu amigo me bateu, Adam. Ele é um monstro!

Segundos depois do meu desabafo ele respondeu:

— Se acredita em cada palavra que disse, por que está aqui?

— Eu vou embora — me defendi.

Silenciosos, seguimos em alta velocidade pelo asfalto. Adam cravou os olhos na estrada, como se estivesse evitando me olhar.

— Saulo viu a mãe, literalmente, queimar até a morte Eveline. Perdeu a irmã no mesmo dia e ficou entregue a uma família na qual nunca foi bem-vindo. Ele cresceu como um fantasma, pelos cantos da casa onde vivia ameaçado, sendo agredido de formas que você não pode nem imaginar. Já imaginou a porra de uma criança de nove anos, ensanguentada, com rasgos por toda as costas, sem qualquer amparo enquanto perdia a vida?

Mantive meus olhos fixos nas árvores que rodeavam o caminho e permaneci com eles abertos, porque caso eu piscasse as lágrimas escorreriam

nas minhas bochechas.

Queria questionar e descobrir completamente as atrocidades que Saulo sofreu, escondidas por trás daquele escudo.

— O amor que ele conhece dói, machuca e sangra.

— E a solução é ter alguém para descontar toda a dor?

— Eu te garanto, Eveline. Saulo não te baterá mais.

— Por acaso você fez alguma mágica dentro do escritório? Me perdoe, Adam. Eu não acredito.

— Eveline, sejamos claros. Você está aqui porque acredita que o meu amigo não é só um poço de ruindades. Sei que está aqui porque sente algo por ele.

— Como todas as outras acreditaram e estiveram? Ele disse que está acostumado com mulheres em tempo integral.

— Mulheres como a sua irmã, como Justine, como Alma...

Eu sabia que Saulo havia contratado a minha irmã no passado, quando ela ainda era prostituta.

Sabia que Justine foi a colega de trabalho de Mariana, que contribuiu para o aumento da pena por ter deposto contra ele no tribunal.

Então Alma se prostituía também?

— E Vivian?

Ele hesitou e desconversou.

— Todas essas foram pagas para estar com ele. Exceto Vivian, que era um problema grave.

Queria tanto perguntar mais de Vivian, entender a verdade por trás de tudo o que me contaram quando a tragédia aconteceu. Ela podia fazer parte da sequência de transtornos gritantes, que o tornaram tão sádico. Porém, eu havia sacado que daquela mulher ninguém se atrevia a falar.

Adam me tirou do transe.

— Traduzindo, tudo puta.

Ia rir, mas lembrei que minha irmã estava inclusa.

— Não gosto que falem de Mariana com esse descaso. Ela teve motivos.

— Disse tudo. Todos têm seus motivos.

— Mas nenhum justifica sair batendo nos outros.

— Concorde, ruiva. — A boca de Adam rasgou em um sorrisinho fechado. — Ele não vai mais encostar em você, te dou a minha palavra.

— Desculpa, mas eu nem te conheço Adam.

Ele riu.

— Você está fazendo bem ao meu amigo, eu só quero que considere.

O tapa na cara foi tipo: Estou te batendo pra dizer que você me faz bem?

A promessa de Adam era vaga e utópica, mas aquele bendito homem passou confiança para mim. Vai ver este era o seu trabalho, coagir as vítimas do patrão dele.

Espantei meus pensamentos quando chegamos em um salão gregoriano, dourado e branco, esplêndido e enorme a ponto de ocupar todo o quarteirão.

— O que viemos fazer?

— Você vai me ajudar a pôr ordem nos funcionários.

— Eu?

— É, teremos o aniversário do homem mais bacana desta cidade — repetiu.

— Aniversário de quem?

— Meu.

Adam era engraçado, me fazia rir facilmente. Nós entramos no gigantesco e primoroso salão de eventos.

A tarde correu naquele lugar. Adam me ocupou, empurrando-me para orientar os empregados contratados para servir e entreter a festa. Vimos a montagem do palco e do espaço reservado para tecidos e trapézios, onde as modelos circenses faziam uma apresentação sensual. Também ajudei a organizar as mesas conforme as exigências do aniversariante.

Eu estava de férias, mas me sentia sobrecarregada de estresse, graças às loucuras de vocês-sabem-quem.

No entanto, lidar com pessoas, conduzi-las e orientá-las me fazia sentir mil vezes melhor. Por isso, a correria foi essencial para me desestressar.

— Chega, você está suando ruiva. Vamos almoçar! — Era a décima vez que Adam me pedia para encerrarmos e irmos almoçar.

Só cedi porque estava com o estômago roncando feito um trator.

Comemos em um restaurante refinado próximo ao salão e conversamos mais sobre a festa.

Percebi que eu estava animada para ir e me recriminei por aquilo. Eu tinha que ir embora, minha passagem estava comprada.

Adam foi todo o caminho de volta insistindo para que eu ficasse para a celebração, mas disse que se eu escolhesse ir embora, ele me levaria até o aeroporto.

— Vocês chegaram. — Mada nos recepcionou na porta, nitidamente alegre por nos ver. — Entre menina, vou fazer chá para você, está muito frio.

— Madazinha, a ruiva está suando. — Adam beijou a bochecha ligeiramente flácida da governanta. — Cadê o filho da puta?

A forma carinhosa de tratamento entre ambos me comovia.

— No escritório, filho — informou.

Segui a senhora até a cozinha e esperei o chá preto ficar pronto.

— Está se sentindo melhor?

Assenti com a cabeça e esfriei a bebida fumegante para poder tomar.

— Saulo já está bebendo, Mada?

— Não, filha. Ele veio me pedir a caixa de remédios, para tomar o comprimido de antietanol.

— Comprimido de antietanol?

— Sim, é um inibidor alcoólico.

Vi ela sorrir discretamente enquanto bebericava o chá da sua xícara.

— Acho que ele fez isso por você, Eve.

Quieta, pensei no que ela disse. Depois de terminarmos eu olhei para a porta que a governanta indicou com o queixo, onde Adam e Saulo estavam parados. Primeiro o homem alto dos ombros largos, cabelos negros e bilhas de esmeralda examinou os hematomas no meu rosto e depois fixou o olhar no meu.

— Podemos conversar, Eveline?

Inerte, esqueci de responder. Larguei minha xícara quando Madalena me cutucou com o ombro.

Saí da cozinha e Saulo veio em seguida. Ele mostrou a direção de seu escritório e então entramos.

— Quero que me perdoe por ontem.

Na frente dele, nenhum som saiu da minha garganta. Dei passos para trás quando seu dedo deslizou pelo meu rosto, fazendo-o recuar a mão.

— Sinto muito por isso.

— Estou bem.

— Você me perdoa, Eveline?

— Sinceramente? — Inutilmente tentei controlar a respiração descompassada que atrapalhava a minha fala. — Não.

— Então pelo menos fique para a festa.

— Eu vou ficar. — Decidi no instante. O homem expôs um sorriso largo. — Com uma condição.

— Diga.

— Quero que prometa que não vai ingerir uma gota de álcool.

— De acordo.

— Você promete? — Ergui a minha sobrancelha.

— Prometo. — Saulo fez uma careta, como se não estivesse acostumado com aquela situação.

Não disfarcei enquanto o olhava e relembrava do que Adam havia me

confidenciado sobre ele. Não demorei mais e me retirei, o deixando para trás.

A noite caiu e eu comecei a me arrumar. Mada me ajudou a escolher o vestido, as jóias, sandálias e todo o resto. Ao terminar eu me senti bonita no nível da festa.

Mas fiquei miserável e insignificante quando encontrei a figura diabolicamente perfeita de Saulo no meio da antessala, no final da escadaria. Vestido como um príncipe — das sombras — dentro de um terno todo preto.



SAULO



Em dois dias o cheiro de Eveline impregnou na casa. O aroma doce sutilmente floral exalava principalmente quando a garota mexia o cabelo ruivo e naquele momento o movimento de seu vestido *burgundy* longo e liso com a saia classicamente rodada, contribuiu para espalhar o perfume lascivo.

(Burgundy\borgonha é um tom de vermelho com uma pequena porção de púrpura associado ao vinho da Borgonha. A cor borgonha é similar a outros tons de vermelho escuro como bordô, vermelho vinho)

Observei seu colo e ombros sardentos expostos, divididos somente pelas alças finas do tecido, escorreguei os olhos para explorar o exagerado decote que terminava pouco acima do seu umbigo, na altura em que o vestido moldava a cintura fina. Qual era a necessidade de mostrar tanto o vão entre os peitos?

Mudei o foco para não ficar irritado com toda a exibição e reparei nos fios ondulados, que somado à cor reluzente do laranja lhe dava um aspecto selvagem.

Eu adoraria transformar Eveline em uma fera indomável na cama.

Quando ela se aproximou verifiquei se o trabalho da maquiagem tinha sido suficiente. O batom vermelho, que naquele momento não me incomodou, disfarçou o inchaço que antes estava evidente em seu lábio inferior.

— Estão lindos, crianças. — Minha governanta uniu as mãos em frente a própria boca e nos admirou.

— A Bela e a Fera — Monteiro zombou.

— Vista. — Estendi o meu sobretudo para Eveline. — Você vai congelar.

— Agradeço — respondeu seca e passou por mim para pegar uma capa preta que estava pendurada próximo às portas da entrada.

Adam segurou o riso e eu me segurei para não esmurrar a cara dele.

— Madazinha, sirva um copo de uísque para o seu filho predileto — o folgado pediu para Madalena.

— Claro filho.

Minha cavidade bucal formigou em frações de segundos, ansiando sentir o ardor da bebida descendo pela minha garganta e esôfago.

Mas seria um erro astronômico misturar o álcool com o remédio. Da última vez me causou taquicardia e vomitei até as tripas, terminei fodido no hospital. Não ia arriscar reviver aquela merda toda.

Esperamos Monteiro virar o uísque e nos dirigimos à saída. Descemos os degraus do jardim frontal para a pista, onde Carlos estacionava. O aniversariante foi na frente e eu e Eveline nos sentamos no banco de couro atrás.

Minha residência era afastada do centro de Dublin, então levamos meia hora na estrada. Monteiro estava animado para comemorar, aumentou a música e agitou até o motorista com a sua inquietação. Conversamos o caminho inteiro, exceto a garota ruiva que permaneceu calada durante todo o trajeto.

Vez ou outra flagrei as íris que eu ainda não tinha decidido serem verde-azuladas ou azul-esverdeadas, me investigando. Queria provocá-la dizendo que ela parecia um bichinho do mato, medroso e acanhado, mas então lembrei do que meu amigo disse:

"Se você quer que a garota desapareça como aconteceu com todas as outras mulheres que passaram na sua vida, continue agindo feito esse filho da puta escroto. Você estava fodido, destruído e sem ninguém e por mais que

sua cabeça débil te obrigue a agir como um imbecil, eu sei que aquela mulher ressuscitou algo que estava morto e ela está te provando que ainda tem vida dentro de você. Vai mesmo desperdiçar? Se você tem certeza que existirão outras chances, vai em frente garanhão e seja o puto desgraçado de sempre!"

Mesmo que eu não conseguisse compreender, diminuí-la e frisar seus defeitos, que na realidade eram só características, me aliviava.

— Vamos explodir essa porra, caralho! — Monteiro foi o primeiro a sair do carro, antes que abrissem a porta para ele.

Eu e Eveline aguardamos. O salto agulha das sandálias pretas abertas da mulher me deu certa agonia, a calçada do centro movimento de Dublin não estava em sua melhor forma, então ofereci meu braço para que ela enganchasse e se apoiasse.

Eveline olhou o gesto e ignorou.

A maldita tirou a capa preta que a agasalhava, sorriu para os fotógrafos impertinentes e segurando delicadamente a saia do vestido *burgundy* ela entrou no salão.

Dois seguranças — que não eram meus contratados e sim de Monteiro — me escoltaram para dentro. Era de praxe. Confirmar e divulgar minha presença dificultava a entrada e saída em qualquer evento. Tinham sempre abutres tentando cavar a podridão do meu passado, com abordagens inconvenientes e perguntas maléficas. Isto era um problema pequeno, comparado ao dia em que tentaram me esfaquear na entrada da balada em Seattle, dias antes de eu ir para a cadeia.

Enfim, entrei. Os conhecidos de Monteiro eram também conhecidos meus. O salão que meu amigo contratou, junto do buffet e todos os outros setores ficou majestoso.

A iluminação indicava a luxúria que o lugar em poucas horas comportaria. Modelos deliciosas subiam e desciam dos tecidos de circo na pista grande e redonda no centro do salão, no alto, outras mulheres vestidas com pouco tecido, literalmente brilhavam enquanto se penduravam e se apresentavam vistosamente nos trapézios.

Varri o ambiente com os olhos, identificando os convidados que de

minuto em minuto me cumprimentavam. Permaneci em pé e parado. O auge da futilidade, pessoas que nutriam o desejo de me decapitar se aproximavam e emendavam assuntos banais como se fossem obrigados a manter suas imagens imaculadas diante de mim.

Eu queria mais é que eles se explodissem e meu pau crescesse!

Nenhum ali me importava e eu não conseguia socializar tão falsamente como Monteiro. Não fazia a mínima questão de ser simpático. Ninguém perguntou se eu estava vivo durante os dois mil cento e noventa dias que passei encarcerado, e fodido. Que eles se fodessem!

— Olha só quem veio. — Reconheci a voz. Umedeci minha boca e não mudei minha expressão diante da mulher loira, dentro de um pedaço de pano preto, justo e curto.

— Alma.

— Como está, Saulo? Não nos falamos depois de você ter sido ridículo comigo no cruzeiro.

— Estou ótimo. — Economizei saliva e paciência.

— Fiquei muito triste com a situação. Você não conversou comigo, logo mandou o seu amigo me chantagear para sair fora.

— Sabemos que superou a sua tristeza bem rápido, justamente com o meu amigo. — Deixei de olhá-la.

Voltei a observar o salão à procura do ponto laranja. A garota tinha desaparecido desde que chegamos.

— Você foi cruel, mocinho. — Alma ficou na ponta dos saltos, aproximou os lábios do meu ouvido e sussurrou: — Mas se você saciar a vontade louca que estou de trepar com você, eu perdoo.

— Agradeço a gentileza, mas não estou a fim. — Saí de perto da loira safada.

Zero paciência pra cadelas histéricas.

Atravessei o salão de encontro à ruiva, que conversava com duas mulheres uniformizadas e escutei as recomendações dadas para as funcionárias. Ela se virou e o susto transpareceu em seus olhos ao me ver. Eu

sorri ao notar a tensão que seu corpo apresentou. Eveline passou a língua nos lábios e castigou o inferior, prendendo-o entre os dentes.

— O que está bebendo? — Mirei a taça em sua mão.

— Coquetel de frutas vermelhas com vodca.

Ficamos quietos, assistindo as modelos circenses apresentando seus números eróticos.

— Eveline? — Chamei sua atenção, sentindo minha garganta arranhar. O par de olhos me indagaram e me encorajaram a continuar: — Você está bonita hoje.

Senti uma estranha sensação na boca do estômago quando mirei para a joia brilhante que descia de seu pescoço até o decote *modesto*, centralizada entre as montanhas fartas e sardentas. Senti minha boca salivar com o desejo de mamar aqueles peitos.

— Vou ver se estão precisando de mim. — Ela pousou a mão fina na fenda em V, com as unhas curtas, pintadas de vermelho no tom do vestido, impedindo-me de continuar apreciando a vista das tetas grandes.

— Você quer mesmo trabalhar hoje? — questionei irritado.

— O que eu quero Saulo, é não falar com você — dito isso, a cretina sumiu entre os outros convidados.

Garotinha abusada!

Ela queria destratar e pisar com a porra do salto agulha em mim, na esperança de me fazer sentir culpado? Azar o dela.

Diversos garçons passavam servindo todos os tipos de bebida, e eu sentia cada vez mais o meu organismo gritando desesperado, implorando por uma gota de álcool.

Quebraria a porra da promessa se não tivesse tido a infeliz ideia de tomar a merda do remédio.

A sensação de deslocamento e de repentina desproteção começou a se apossar de cada célula. Minhas mãos começaram a tremer diante do tilintar dos cristais das taças e garrafas, se intensificando com a música alta.

Senti meu diafragma ser pressionado e o peso de uma tonelada cair

sobre o meu peito.

Estava tendo uma crise sistêmica de ansiedade, que inesperadamente só piorou quando vi Eveline dançando perto de três homens.

A diversão da garota, que estava solta demais, foi uma queda para o meu inferno pessoal.

Alarguei a gravata no pescoço e fechei os olhos. Precisava me sentar, porque não fazia parte dos meus planos ser o centro das atenções e muito menos responsável pelo estrago da festa.

Minha visão ficou turva, meu pulso acelerou e meu corpo todo formigou. Saí em longos passos, numa busca rápida pelo banheiro. Esbarrei em várias pessoas, sentindo-me cada segundo mais atordoado pelo cheiro de álcool.

— Ei, ei! Saulo! O que foi? — Eveline me puxou com força. — O que você tem?

— Me ajude a tirar isto. — Segurei minha gravata.

— Eu vou te ajudar, tenha calma — disse calmamente. A garota me olhava aflita, mas fez rapidamente o que pedi. — O que está sentindo? Venha. — Ela entrou no banheiro masculino e me ajudou a sentar no sofá do lugar, posicionando-se do meu lado.

— Saia daqui. Estamos no banheiro masculino. — Fitei minhas malditas mãos trêmulas e fechei meus punhos.

Eveline colocou as mãos dela sobre as minhas e a as apertou, pegando-me de surpresa.

— Não tem problema. Você está tendo uma crise de ansiedade — constatou sem que eu contasse. — Respire fundo no mesmo ritmo que eu. — Ela começou a inspirar e expirar demoradamente. Tentei acompanhá-la, as minhas falhas não a impediram de prosseguir. — Continue... — Vi a garota ruiva se levantar e ir até pia. Eveline molhou as mãos e retornou, suavizando a sensação esmagadora com o toque úmido na minha nuca e pescoço.

— Eu me viro, saia desse banheiro garota — falei, prestes a ceder aos cuidados dela.

— Não se vira porcaria nenhuma. Você estava quase caindo ali na

porta — contrariou brava.

Ela repetiu três vezes o gesto de refrescar minha nuca, pescoço e rosto. Depois pediu para o garçom que havia passado por nós para trazer chocolate para mim.

— Não como chocolate — recusei.

— Por isso é amargo desse jeito. — Triscou os dentes e forçou a barra marrom contra a minha boca. — Coma.

Surtiu o efeito calmante em poucos minutos.

— Vamos. — Ela se levantou.

— Não estou bem ainda, e não estou te prendendo.

Eveline revirou os olhos e estendeu a mão para mim.

— Vamos embora.

Por que eu tinha metido a mão no rosto dessa garota?

-

EVELINE

Saulo relutou para ir embora, mas eu insisti até que o teimoso cedesse. Não vi problema em deixar a festa, não conhecia ninguém, além de Alma, que me cercou duas vezes, para me ameaçar e falar de Saulo.

Ela conseguiu me pôr para baixo e me deixar insegura, por este motivo resolvi extravasar e dançar para espantar as assombrações. Mas quando vi que o homem estava perdendo a consciência, nitidamente tendo uma crise de ansiedade, meu coração padeceu.

Minha mãe costumava ter ataques na mesma intensidade, de perder até a consciência. Graças a Deus, Yvanna havia se tratado e se livrado do transtorno de ansiedade — decorrente do abuso sofrido nas mãos do meu progenitor. Assistir Saulo tão vulnerável aos sintomas daquela doença, me fez rememorar a dor que mamãe passou por anos a fio.

Chegamos e a casa estava em completo silêncio. Somente os seguranças da área externa da mansão estavam acordados, exercendo o trabalho de escudar o lugar. A governanta havia se recolhido, afinal, era tarde da noite.

O homem sumiu para dentro de seu quarto e eu fiquei feito louca tentando abrir o zíper do vestido nas minhas costas, que Mada tinha fechado. Dormiria com o vestido, mas não pediria a ajuda de Saulo.

Dito e feito.

Dormi e claro, acordei com a peça clássica caríssima.

— Bebeu demais e não conseguiu tirar? — Mada perguntou com seu sorriso amigável, após bater e abrir a porta do quarto.

— Não, não. A senhora estava dormindo quando eu cheguei, não pediria ajuda do Saulo nem por milhões de dólares — falei, fazendo a senhora baixinha rir.

— Estou tão feliz que tenha ficado, menina. — Ela se pôs atrás de mim e desceu o zíper, me livrando da peça já desconfortável. — E acho que Saulo também.

Seu sorriso estava mais estonteante do que o costume. Cerrei os olhos e desconfiada analisei a expressão dela.

— Se vista, menina.

— Por que acha que ele está feliz?

— Se vista e desça para ver com os próprios olhos.

Madalena aguçou minha curiosidade e saiu. Meu estômago doeu e minha coluna também, anunciando meu nervosismo. Forcei as pernas a andarem para o banheiro, tomei um banho rápido e coloquei um vestido preto larguinho de mangas com forro bege aparente. Para tapear o frio, eu cobri parcialmente as pernas com meia-calça arrastão de flores preta e botas baixas de camurça da mesma cor. Acinturei a roupa soltinha com um cinto fininho e corri para descobrir o que Mada estava escondendo.

— Ele está te esperando no jardim de trás, filha — me informou.

Destranquei a porta da cozinha que dava ao jardim, que na verdade era uma magnífica floresta particular.

Saulo estava à vontade, sentado em uma toalha xadrez azul e branca estendida na grama, com as mãos apoiadas detrás do corpo. Ele arrumou a postura quando me viu, mas havia me concentrado no colorido, diversificado e lindo café da manhã — que com certeza não havia sido preparado por ele — organizado sobre a espaçosa toalha de mesa xadrez.

— É tão humilhante para você quanto é para mim? — Ele indagou baixinho quando me aproximei.



23

EVELINE



— Me pergunto o quão frustrado você é, para achar que preparar o café da manhã é humilhante. — Tomei cuidado com o meu vestido e sentei-me na toalha xadrez. Alcancei a bandeja de frutas e peguei dois morangos, enfiando-os na boca logo em seguida.

— Madalena preparou tudo.

— Não tive dúvidas.

Saulo fez menção de acender o cigarro que estava preso entre seus lábios, mas eu tirei a tempo.

— Não quero respirar fumaça no café da manhã. — Joguei o cigarro longe e me esforcei para não dar atenção ao frio na minha barriga.

— Você é chata, garota.

Servi o suco de frutas vermelhas — que de alguma forma Mada percebeu que era meu preferido — nos dois copos grossos de vidro e entreguei para o homem emburrado do meu lado.

— Você tem pai, Eveline? — Surpresa com a pergunta repentina, eu mantive o suco de frutas na boca e ponderei antes de responder.

— Por que quer saber?

Ele deu os ombros.

— Você sabe sobre a minha família perfeita, quero saber da sua.

— Não conheci o meu pai — fui sucinta.

— Sua mãe é uma prostituta aposentada?

Revirei meus olhos enquanto deslizava a faca com patê na torrada.

— Nem todas as mulheres a sua volta seguem a mesma profissão, Saulo.

— Então ele largou vocês?

— Não. Eu sou fruto de um estupro — disse de uma vez, ganhando toda a sua atenção. — Não precisa me olhar assim. Minha mãe diz que eu fui a melhor escolha dela.

— Eu sinto muito.

— Não parece ter sentido muito quando me deu um tapa porque eu simplesmente não quis fazer sexo com você.

Saulo expirou o ar com força e terminou o líquido vermelho de seu copo.

— Não estou acostumado a pedir desculpa Eveline e muito menos duas vezes...

— Então faça por onde... — ia continuar, mas ele me interrompeu:

— Mas quero me desculpar a segunda vez. — Seus olhos incrivelmente verdes encontraram os meus. — E agradecer por ter me ajudado ontem.

— Eu ajudaria qualquer pessoa.

— Eu sei. — Saulo abriu seu primeiro sorriso sincero, que amorteceu estranhamente o meu coração.

Foquei em comer mais e admirar a floresta verdinha atrás de nós dois. Saulo também permaneceu calado.

— Tão lindinhos. — Ouvimos o sussurro de Madalena, que não foi tão baixo como esperava.

Reviramos os olhos simultaneamente, ela se assustou quando percebeu que ouvimos e se apressou para entrar.

— Chega de comer, garota. — Saulo pegou a quarta torrada da minha mão e se levantou. — Quero que conheça um lugar.

Simplesmente saiu andando sem me esperar e eu fui atrás.

Andamos por uma trilha estreita entre árvores altas, eu tentei me aquecer ao sentir a sensação térmica cair. Avistei uma cabana de madeira escondida, próximo a um riacho repleto de pedras com queda d'água. Mesmo com meias e botas eu podia sentir a grama coberta de gotículas de gelo gelarem os meus pés, mas o frio não me impediu de ficar maravilhada com a paisagem incrível do lugar.

— Aqui é lindo — apurei, dando passos curiosos em direção ao riacho.

— É o maior motivo de eu ter escolhido essa casa.

— Digno. — Observei a queda d'água baixa e fechei os olhos para me deleitar com o som suave e tranquilizante.

Saulo foi na direção contrária e entrou na cabana em forma de chalé, não o segui, depois o vi voltar com uma manta preta nas mãos.

— Se cubra.

— Você é cheio de dar ordens.

— Estou acostumado. — Desta vez seu sorrisinho foi natural, ou seja, sarcástico.

Acatei, já que realmente estava sentindo frio.

Saulo sentou-se na grama próximo à pequena cachoeira e eu o acompanhei.

— A casa que eu morei parte da infância tinha um lago. Costumava nadar escondido da minha mãe.

Involuntariamente eu sorri com a confissão.

— Ela não deixava?

— Eu tinha cinco anos, ela temia que eu me afogasse.

— E você sabia nadar mesmo tão pequeno?

— Safira me ensinou. Minha irmã sempre foi mais esperta do que eu.

Deixei de olhá-lo quando senti meu peito doer em compadecimento.

— Você acredita que a verá novamente? — perguntei diretamente, ciente de que poderia levar um coice daqueles.

Saulo mexeu os ombros e balançou a cabeça.

— Eu desisti, Eveline.

Desistiu? Não, ele não podia desistir.

— Não desistiu, Saulo. Você vai conseguir.

— Não vou e não quero mais.

— Você está mentindo, é claro que quer.

— Não, não quero — respondeu grosseiramente.

Senti que ele estava falando da boca para fora, muito provavelmente porque a última tentativa o frustrou. Torci em silêncio para que aquele sentimento se transformasse em força.

Enrolei-me na manta felpuda e a arrumei sobre meus ombros, buscando esquentar-me mais. Saulo notou o meu desconforto por conta do frio e me apavorou ao colocar o braço sobre meu ombro, puxando-me para encostar em seu corpo.

— Não sei se Monteiro sobreviveu à noite de ontem.

Ele emendou um assunto qualquer, como se o próprio gesto também o constrangesse.

Cocei minha garganta e continuei imóvel.

— Alma te infernizou?

— Como sabe?

— Tenho olhos em todos os cantos, Eveline.

— Ela só disse para eu não me iludir, e me chamou de "putinha enrustida" — reproduzi o xingamento com certo desconforto.

— Deveria considerar o conselho dela.

— Sou adulta, Saulo.

— Mas além de ter uma boceta virgem, tem um coração virgem. Posso acabar fodendo os dois.

Me remexi, querendo me afastar de seu corpo.

— Aliás, o coração é quase virgem — quis consertar. — Teve o Frank — disse como se conhecesse o meu ex e único namorado e mais ainda, como se conhecesse minha história com ele. — Falando nisso, foi seu único namorado?

— Infelizmente. Quero dizer, infelizmente namorei com ele.

— Ele te pediu mesmo em casamento só para trepar?

— Não fale "trepar" Saulo, é tão feio — resmunguei. — E sim, pediu.

Saulo gargalhou tão espontaneamente que me fez rir também.

— Que moleque bosta!

— Eu concordo, mas é que sempre foi o meu objetivo.

— O que? — Saulo recuperou-se do riso e indagou com deboche: — Transar só depois do casamento? — E voltou a gargalhar.

— Para, homem! — O empurrei, me contendo para não cair na risada.

— Você por acaso vive na idade média?

— Não é medieval Saulo, são só os meus valores.

— Porra, vai pro puteiro e come dez mulheres, ou compra uma virgem no leilão, mas casar? Prefiro morrer.

— Pensamos diferente — encerrei o assunto, mas ele continuou com a diversão estampada nos lábios.

Idiota lindo do caramba!

— Vamos voltar, Madalena precisa saber o que você quer para o almoço.

— Não quero dar trabalho, como de tudo.

— É o trabalho dela. — Saulo se levantou e estendeu as mãos para me ajudar a ficar de pé, mas hesitei em pegá-las. — Anda garota, vamos. — Então cedi.

Meus seios encostaram em seu peito assim que fiquei em pé e nossas bocas ficaram a pouquíssimos centímetros de distância. Saulo não disfarçou quando fixou as íris nos meus lábios e mordeu o próprio inferior. Estremeci com o toque de sua mão na minha nuca e os dedos longos em meu rosto. O polegar deslizou da minha bochecha para o canto da minha boca e ele cessou qualquer espaço entre nós, fazendo-me sentir o seu hálito febril e sutilmente mentolado.

Me afastei abruptamente, neguei com a cabeça e soltei a manta deixando-a cair na grama. Regressei quase correndo para a trilha curta, em direção à mansão de Saulo, sequer olhei para conferir se ele estava vindo atrás. A manhã até então estava muito gostosa, mas não deixaria que ele me confundisse. Não tinha esquecido de suas grosserias e muito menos de seu tapa.

— Viu um fantasma, menina? — Madalena questionou preocupada.

— Faça qualquer coisa para o almoço Mada e se precisar da minha ajuda me chame. Vou subir para o quarto e tomar um banho quentinho para me aquecer — fui breve.

Subi às pressas para o quarto de hóspedes e fechei a porta atrás das minhas costas.

Me recriminei mil vezes por ficar excitada com o simples toque daquele homem. Eu não queria ceder, embora meu desejo se avolumasse vulgarmente toda vez que eu estava perto dele.

Infelizmente era real, muitas vezes desejávamos caras errados. Sem dúvidas eu me afogaria se mergulhasse no mar de loucuras de Saulo, mas a vontade de pular de cabeça crescia profundamente em meu íntimo.

Demorei para me acalmar e só então aproveitei a banheira quente com sais de banho. Lavei meus cabelos e os sequei deixando-os inevitavelmente lisos. Vesti calça preta, blusa de mangas preta e uma parca militar por cima, era bom ficar agasalhada para caso fosse sair da casa. Desci a escada devagar, sentindo meu estômago borboletar por ansiar saber como ele estava após a situação no riacho.

— Posso te servir, Eve? — a governanta ofereceu gentilmente.

— Por favor, Mada. — Retribuí a gentileza com um sorriso e estranhei a

ausência de Saulo na mesa.

— Ele está no escritório. — Tentei disfarçar o meu interesse, mas Madalena captava as coisas no ar. — Com a loira oxigenada — e cochichou como se contasse um segredo.

— Alma? — Me interessei.

— A própria. — Mada expressou uma careta feia e se retirou para pegar o meu almoço.

Aguardei a governanta e percebi o quanto estava faminta quando o prato de *fettuccine* foi posto na minha frente. O cheiro da massa com molho ao sugo, frango e queijo derretido estava incrivelmente deliciosa, assim como a aparência e o gosto.

— Muito bom Madalena — elogiei, fazendo a senhora baixinha sorrir orgulhosa.

— Fico feliz que tenha gostado menina. Agora vou voltar para a cozinha.

— Não, me faça companhia.

— Ficou louca, Eve?

— Por favor.

— Não posso, o sr. Saulo...

— Ele está no escritório com a loira oxigenada. — Emendei o adjetivo e nós duas rimos. — Vai Mada, pegue um prato e almoce comigo — insisti.

Ela pensou e então se retirou, voltando logo em seguida com um prato de porcelana servido com a mesma massa. Me atrevi a levantar e ir até a adega que ficava próximo à escada e escolhi um vinho. Fui à cozinha e procurei o saca-rolhas, abri a garrafa e embebi duas taças até a metade.

— Você é doida. Se eu perder o meu emprego você terá que me contratar.

— Eu duvido que aquele ranzinza consiga viver sem a senhora. Mas não se preocupe, eu contrato com todo prazer. — Nós duas brindamos e enrolamos o macarrão nos garfos.

Madalena foi uma ótima distração para a tormenta que pilhava minha mente. Inconscientemente eu estava enciumada. Já havia se passado horas que os dois estavam trancados no escritório, queria saber sobre o que estavam tratando, tentei focar na minha ingenuidade de acreditar que não estavam transando na hora do almoço.

— Por que não sobe, coloca aquela camisolinha de seda azul e fica na sala?

— O que está sugerindo, Mada?

— Que provoque discórdia.

Eu tive que rir. Subimos às pressas e Madalena me convenceu de colocar um *baby doll* de alcinhas da mesma cor que os meus cabelos, mais curto e decotado que a camisola azul.

— Tem certeza?

— Faz a sonsa, menina. — Levei um susto ao receber dois tapinhas na bunda como incentivo.

Peguei o romance que estava lendo e desci as escadas. Sentei-me na poltrona próxima a lareira apagada e foquei no livro, mas estava só fingindo. Mexi nos meus cabelos duas vezes e me ajeitei dez vezes. Senti meu coração disparar quando ouvi a porta do escritório se abrir, poucos segundos depois os dois chegaram na sala, ambos em silêncio.

— O que essa caipira está fazendo na sua casa?

Reuni toda a coragem que não sabia que existia e me levantei, deixei o livro no aparador e estendi a mão para a loira corpuda.

— Que prazer em revê-la, Alma. — Ela negou a saudação e eu juntei minhas mãos, realmente não ligando para a arrogância.

— Estou esperando uma explicação, o que essa garota está fazendo aqui? Vocês estão juntos? Por que não me contou? — A voz estridente junto da histeria da mulher foi piorando a cada pergunta. — Foi por essa porcaria que me trocou, Saulo? Me responda! — exigiu gritando.

— O que te faz acreditar que a nossa vida é da sua conta?

A insensibilidade explícita de Saulo quase me fez sentir pena dela, eu

disse quase.

— Você é inacreditável, i-na-cre-di-tá-vel!

— Madalena — Saulo acenou para a funcionária e indicou a porta.

Foi notável o prazer da governanta de levar a "loira oxigenada" para fora. Mada voltou e discretamente piscou para mim, como se fosse minha aliada.

Só depois da energia carregada daquela mulher ir embora junto com ela, eu pude notar o deslumbre de Saulo sobre minha pequena e curta veste.

— Para o meu quarto, Eveline — ordenou severamente, deixando-me confusa.

Madalena nos observou apreensiva.

— Eu disse para o quarto! — repetiu ainda mais autoritário.

Não ia bater o pé. Eu não sabia se tinha cometido um erro bárbaro de aparecer de *baby doll* no meio da sala enquanto ele conversava com a ex-namorada, e movida por um ciúme que não era meu por direito, resolvi obedecer.

Fui para o quarto dele e me senti intimidada como da primeira vez que entrei no gigantesco aposento. Saulo bateu a porta com força o suficiente para me sobressaltar, fechei os olhos e mordisquei minha boca antes de me virar para enfrentá-lo.

Mas não deu tempo de dizer nada porque o homem estava a milímetros de mim. Ele me pegou em seu colo com a facilidade risível, como se o meu peso fosse equivalente ao de uma pena, e na sequência me jogou na cama. Saulo veio sobre mim com um olhar agressivo e faminto. Tentei fugir com o corpo para trás, mas sua mão grande e firme me conteve.

— Por que fez aquilo?

— Aquilo o que? — Me controlei para não gaguejar e me fiz de desentendida.

— Não seja insolente. Por que fez aquilo?

— Eu estava lendo e...

— Eveline, por que desceu com essa camisola minúscula?

— Não foi proposital, eu juro.

— Eu não sabia que era adepta a mentiras.

— Estou dizendo que...

Ficava cada segundo mais difícil respondê-lo ou reagir de qualquer forma. O calor abrasante e o corpo imponente sobre o meu me deixaram atordoadas.

— Te perguntarei uma única vez e se mentir para mim eu vou te dar umas palmadas.

— Palmadas? Você ficou louco?

— Ainda restam dúvidas sobre eu ser louco, Eveline?

— Não vai me bater. — Mais uma vez tentei inutilmente escorregar por baixo dele e fugir.

— Está com ciúme?

— Quê? — A dissimulação saiu mais rápida do que previ, acompanhada de uma gargalhada desdenhosa, que pela cara dele não foi nada convincente.

— Porra, me fará mesmo perguntar a segunda vez?

— Não, não estou com ciúme — menti.

— Você é uma péssima mentirosa, Eveline.

Saulo me virou de bruços e o impulso fez com que a camisolinha subisse e expusesse minha bunda. Tentei afastá-lo com as mãos e me arrependi porque além de me deter, ele uniu meus pulsos e os segurou me imobilizando.

Senti minha bunda arder com a primeira palmada.

A segunda veio depois que Saulo subiu mais o tecido de seda laranja.

O terceiro tapa queimou e avermelhou o local atingido.

Me remexi com força para me desprender e fui castigada com dois tapas seguidos e bem mais fortes que os outros.

Gemi de dor e grudei meus lábios para não deixar o escândalo propagar.

— Isso é para você aprender a não mentir.

— Você é louco! — O empurrei com toda a minha força, mas com o peso de seu corpo sobre minhas pernas foi impossível. — Me solta!

Mais um, mais dois, mais três tapas.

Senti a rigidez de seu membro encostar na fenda da minha bunda avermelhada.

— Nem pense — falei nervosa ao ver sobre o ombro, e sentir o indicador dele encaixar no elástico da minha calcinha laranja — Tire o dedo daí!

Saulo sorriu e apertou minhas bandas com uma só mão, já que com a outra ele continuava prendendo meus pulsos.

— Que delícia te ver completamente vulnerável.

Eu acho que a minha relutância não estava nada convincente, porque mesmo querendo esconder qualquer vestígio de aprovação, o meu corpo me traía correspondendo a cada toque dele com arrepios, gemidos ou com a respiração ofegante.

Senti seu polegar deslizar todo o meu períneo e fechei os olhos. Descobri que estava humilhantemente molhada quando Saulo penetrou o indicador e o movimentou dentro de mim, expondo o barulho provocado pela minha lubrificação. Gemi baixo e castiguei meu lábio inferior com os dentes.

— Isso... — sussurrou ao notar meu delírio.

Eu estava tão escorregadia que não senti resquício sequer de dor ou desconforto, o incentivando a colocar mais dois dedos.

Foi então que parei completamente de relutar e decidi me entregar.



EVELINE



— O que está fazendo? — Estava quase desistindo de me desvencilhar. Ele era grande e pesado demais.

— Mostrarei.

Me debati e tentei fugir ao ouvir o cinto da calça dele ser arrancado com força, tentei batê-lo com as mãos, mas foi em vão. Paralisada com o corpo pesado em cima das minhas coxas eu estremeci, inteiramente arrepiada por ter seu tronco deitado sobre minhas costas. Ele ia me bater com o cinto de couro?

— Economize energia, você vai precisar — sussurrou no meu ouvido e se afastou após lambê-lo.

Continuei ofegante, nervosa e irritantemente excitada.

— Você vai me machucar.

— Não ainda. Só vou prender seus pulsos para te manter quietinha.

Aliviada e ansiosa para conhecer as sensações que ele queria apresentar eu consenti, permitindo-o amarrar os meus pulsos rigidamente, a ponto de beliscar minha pele, no entanto não reclamei e deixei ele prendê-los na cabeceira. A expectativa fez com que minha intimidade começasse a pulsar.

Saulo pegou nas minhas pernas e me fez ficar ajoelhada na cama, com os seios e rosto encostados no colchão e a bunda para cima, totalmente

exposta para ele. Em seguida, senti o tecido macio da calcinha descer pelas minhas coxas e facilitei, erguendo delicadamente um joelho e depois o outro, para que ele me livrasse de uma vez da pequena peça.

Fechei meus olhos e empurrei a saliva na garganta, entorpecida por estar protagonizando tal cena.

Os pensamentos foram substituídos pelo calor ardente que deixou meu corpo em chamas, graças aos seus lábios encaixados perfeitamente no meio das minhas pernas.

Saulo deslizou a língua do início da minha vagina até o meu ânus, sem pudor algum. E a repetição disso me fez querer escapar por temer não aguentar, mas repensei no mesmo instante em que fui punida com uma palmada impetuosa na bunda.

— Para de fugir garota, morda a porra do travesseiro se não aguentar.

Fechei meus olhos outra vez e tentei me concentrar para não gritar. Saulo realmente não tinha misericórdia de ninguém e naquele momento eu era a maior vítima de seu lado diabólico.

Rebolei automaticamente quando suas lambidas entre os lábios da minha vagina mudaram para sugadas. Com as duas mãos segurando firmemente nas laterais das minhas coxas e mantendo-me posicionada parcialmente de quatro — já que meus seios e bochecha estavam encostados no travesseiro — ele afundou mais o rosto entre minhas pernas, buscando intensificar as sugadas e aprofundar as investidas com a língua macia e molhada.

Involuntariamente tentei soltar minhas mãos da cabeceira para poder tocá-lo ou me esquivar da loucura que sua língua estava me proporcionando, mas não funcionou.

— Está ruim? — perguntou com presunção. Ele sabia que não, já que meu corpo dançava como resposta a cada toque. Senti minha bunda arder decorrente de um tapa e contrái o corpo. — Fiz uma pergunta.

Encorajei-me e o olhei para trás, queria averiguar seu semblante. Umedeci meus lábios e mexi minha cabeça em negação.

— Não está ruim.

— É a melhor resposta que pode me dar?

Seu polegar encontrou o botão de prazer no meio da minha carne e então começou a massageá-lo, causando ondulações no meu ventre. A falta de resposta não fez com que o homem hesitasse. Pelo contrário, Saulo apalpou meu bumbum e aproximou os dedos da minha entrada sedenta e pulsante, logo introduziu dois dedos, fazendo gemidos falhos e entrecortados abandonarem minha garganta.

Mordi meu lábio, mas a força que eu precisava descontar me machucaria, então preendi a franha entre os dentes, permiti que minha respiração junto dos murmúrios saísse livremente e fossem levemente abafados no travesseiro.

— Isso garota, rebola para mim! — Sequer havia percebido, meu corpo o correspondia sem esforço algum e com completa maestria.

Saulo intercalou entre lambidas, chupadas e investidas com os dedos. Ele me fez gozar até minhas pernas ficarem inúteis e bambas, a privação dos meus movimentos estendeu o clímax e o intensificou em níveis absurdos.

Suada, ofegante e trêmula eu assisti o homem caminhar ao redor da cama, ele parou na altura da minha cabeça e passou a mão nos meus cabelos úmidos, tirando-os do meu rosto. Saulo me beijou com gula, internou a língua em minha boca e conduzimos eroticamente.

— Me solta — pedi, sentindo meus pulsos penalizados pelo couro do cinto.

— Posso pensar se você pedir direito.

— Por favor — supliquei baixinho.

Ele sorriu e voltou a me beijar, me livrando da amarra com uma mão só.

Saulo se afastou e me pegou pelos cabelos, arrancando-me da cama.

— Se ajoelhe.

— Saulo, eu não...

Ele me colocou de joelhos em sua frente, pegou no *baby doll* e passou pelos meus braços, em seguida abaixou a calça jeans escura que vestia. Ia dizer a ele que não sabia como fazer aquilo direito, porque nunca tinha feito, mas ficou impossível formular qualquer palavra ou raciocinar qualquer coisa quando vi o pênis, de pelo menos dezoito centímetros, estupidamente grosso

saltar da cueca boxer preta.

Após a anestesia momentânea eu consegui erguer meu rosto para encará-lo.

— É só ter calma para sentir a textura e explorar meu pau inteiro Eveline.

Nervosa, umedeci minha boca e mordisquei meu lábio.

— Não vou fazer isso.

— Você vai, porque estou com tesão pra caralho. E recomendo pelo seu bem, que deixe bem encharcado, porque ele vai entrar em você.

Até meu couro cabeludo formigou ao arrepiar diante da sua postura dominante.

Não respondi, eu não compartilhava da mesma certeza que ele, embora o estivesse desejando mais do que tudo no mundo.

Resolvi imitar as atrizes pornôs dos vídeos e filmes que raras vezes assisti e comecei passando minhas mãos em todo seu comprimento, devagar e com cuidado. Estava morrendo de vergonha, mas o anseio de excitá-lo ganhou. Aproximei minha boca e beijei como beijava a boca dele, percorrendo lentamente com a língua e deixando minha saliva molhar cada centímetro. Ele grunhiu como um animal contido.

Minha cabeça doeu ao ter os fios puxados mais uma vez, só que desta vez com mais força. Saulo fez um rabo de cavalo entre seus dedos e fechou o punho, mantendo-me a mercê de seus movimentos. Ele direcionou minha boca para a coroa rosada e larga, que estava com um líquido perolado lubrificando e sussurrou:

— Chupa direito.

Como? Se eu não sabia?

— Saulo.

O homem se despiu da blusa de mangas cinza escura, abaixou-se na minha altura e segurou no meu queixo.

— Eu vou foder a sua boca, você só precisa abrir. — Seus lábios encostaram nos meus rapidamente, enquanto suas mãos espremeram meus

seios, e então ele se levantou.

Passei a língua no membro inteiro, segurando na base e abri os lábios para que ele fizesse conforme o próprio gosto.

O homem enfiou bons centímetros vigorosos de seu pênis na minha boca e sem dó começou a movimentar o quadril para frente e para trás. Cada investida foi um engasgo.

A cabeça lisa batia impiedosamente na minha garganta, contribuindo para uma produção desenfreada de saliva, era tanta que escorria para o chão. E pela feição de Saulo eu acreditei que ele estivesse gostando, então assumi o controle dali em diante. Deslizei as mãos, os lábios e chupei, mesmo que não conseguisse enfiá-lo todo na boca.

— Coloque a sua língua para fora — Saulo mandou e assim eu fiz.

Senti o membro sólido como concreto batendo na minha língua e observei os movimentos de vai e vem de sua mão por todo o membro.

Por um lado, era bom não ter tempo de pensar em nada, mas eu sabia do risco de me arrepender. Porém, acreditava genuinamente que ele estava gostando. Vê-lo contrair o abdômen e ouvir sua respiração descompassada confirmou.

Saulo não me levou para o céu como acreditei que seria quando perdesse minha virgindade, ele fez meu corpo queimar no inferno. Jurei naquele momento que pagaria qualquer penitência para senti-lo entrando em mim.

Doeu como um corte violento a sangue frio, pelo tamanho e espessura do homem, mas a paciência e cuidado para não me fazer gritar ainda mais, fizeram o meu corpo acostumar-se com o dele.

Implorei minutos antes para que ele fechasse as cortinas pretas e escurecesse o quarto o máximo que pudesse, mas Saulo recusou. Ouvimos um estalo e paramos.

— Desculpe por isso — pedi, constrangida ao ver o preservativo que havia acabado de rasgar, sujo de sangue.

— Se desculpe por ter uma boceta tão apertada e por ter me deixado com o pau duro a ponto de fazer essa porra estourar. — Ele arrancou o preservativo e foi para o banheiro.

Permaneci deitada na mesma posição, Saulo voltou, fascinando-me com o vislumbre de seu corpo estupendo inteiramente nu. Mordi a própria boca e analisei a mão do homem enquanto cobria o pênis com outro preservativo.

— Não tem problema ter rasgado? Eu tomo pílula, mas não tem problema? E você não prefere parar? Posso lavar ela. — Me referi a minha vagina que tinha resquícios de sangue.

Saulo sorriu descontraído e cobriu o meu corpo com o dele, então beijou meu queixo e desceu com a boca para o meu pescoço, enquanto seu membro encontrava o caminho sozinho. Senti sua barba roçar minha pele, acariciei suas costas e senti as cicatrizes com a palma das mãos. Cravei as unhas quando a cabeça grossa alargou a minha entrada.

Ele olhou nos meus olhos e devagar mexeu o quadril.

— Relaxe, Eveline... Apenas relaxe.

Realmente cada parte do meu corpo estava tensa, minha pélvis, a respiração, o quadril, tudo.

Voltei a relaxar quando ele massageou meu clitóris lentamente, deixando-me ainda mais molhada e receptiva. Segurei em sua nuca com ambas as mãos e trouxe seu rosto na direção do meu. Fui tomada por um beijo enlouquecedor, como tudo que envolvia aquele homem.

O cuidado acabou quando seu membro passou a deslizar com facilidade, e o pouco incomodo que restou não era capaz de me fazer parar.

Saulo me possuiu ferozmente, enquanto o corpo musculoso e febril era explorado com as pontas dos meus dedos.

Ele me colocou de lado, curvou minhas pernas e ajoelhado atrás da minha bunda voltou a se encaixar em mim. Meus gemidos assim como a respiração falhada, já faziam parte do devasso cenário que aquele quarto se tornou. Saulo parecia ter total controle sobre seu corpo, sobre o próprio tesão, o que de fato me fazia sentir-me vulnerável, já que eu gritava feito louca.

Senti meu quadril ser castigado com a firmeza de seus dedos, enquanto o homem puxava-me para si e intensificava as estocadas rosnando bestialmente. A pressão do meu ventre veio com força, tremi inteira e gozei com os olhos fixos nas íris do verde mais bonito que conhecia. Delirei com

suas frases provocativas e toda a libertinagem que o pertencia.

De olhos fechados e com o maxilar enrijecido, ele desferiu o último tapa na minha bunda. E nitidamente em êxtase, Saulo me fez sentir suas veias latejarem enquanto se desmanchava dentro de mim.

Esperou alguns segundos antes de sair e retirar o preservativo, também manchado de sangue. Percebi que estava dolorida quando me sentei, mesmo assim encostei na cabeceira e tentei ignorar o desconforto no meio das pernas. Não sabia como reagir após termos feito aquilo.

Enxerguei manchas na bagunça das roupas da cama, que dei graças a Deus por serem pretas. Observar a prova viva que tudo o que tinha acontecido foi real, fez uma vontade avassaladora de chorar sufocar o meu peito. Olhei a minha volta e vi o cinto no chão. Eu quis entender se o prazer foi capaz, de sozinho, me levar à entrega completa ou se existia outro sentimento.

Senti a frieza congelar qualquer expectativa quando Saulo voltou do banheiro já vestido, mexendo no celular. Me senti exposta e desprotegida por continuar nua. Agarrei o edredom e cobri o meu corpo, dando graças a Deus pelo celular ainda ter toda a sua atenção.

— Deixe aí, alguma empregada leva para a lavanderia — apontou para a cama com o queixo.

— Vou tomar banho, estou com dor — confessei.

— Tome remédio — sugeriu ainda sem me olhar. — Fiquei de entregar seu celular no almoço, mas como ocorreu o imprevisto de Alma aparecer, acabei esquecendo.

— Meu celular?

— Pedi para Carlos comprar um igual ao seu.

O vi saindo pela porta.

— Saulo, espera. — Levantei-me e fui até a porta. — Você precisa mesmo ir agora?

— Por quê? — Ele parou no corredor e me olhou.

— Queria que ficasse.

Onde eu estava com a cabeça? Como se não bastasse sua repentina indiferença, eu estava pedindo para ser humilhada. Droga! Sentia que se ele ficasse por perto, a minha vontade de chorar se esvairia. Mas o máximo que tive foi o franzir de suas sobrancelhas, que formou o vinco entre elas.

Engoli a seco e voltei para o quarto. Me vesti rapidamente e saí dali. Fui para o de hóspedes e tomei banho. Estava com pressa para pegar qualquer analgésico, porque a sensação de ter sido atropelada por um caminhão só aumentava.

Madalena me entregou dois relaxantes musculares e guardou a empolgação junto da curiosidade para si, ao notar rapidamente que algo de muito errado havia acontecido.

— Você sabe onde ele foi? — perguntei sem delongas.

— Não sei, Eve. — Mada torceu os lábios com pesar e respirou fundo. — Se precisar de mim estarei no meu aposento.

— Obrigada. — Terminei de beber a água do copo e voltei para o quarto.

O choro veio mesmo contra a minha vontade. Minha cabeça parecia que ia explodir de tantos pensamentos, rodei e rodei na cama tentando entender porque ele tinha agido tão impassivelmente depois de ter sido atencioso durante o sexo. E pra que sair grosseiramente? Eu sabia do risco que corria, sabia que talvez tivesse esperado vinte e cinco anos para jogar minha virgindade na fogueira, não era ingênua a ponto de achar que Saulo me trataria como princesa depois da minha primeira vez, mas fui tola em crer que ele seria no mínimo cortês.

Meu subconsciente agradeceu quando finalmente adormeci, perdida no labirinto de infinitas hipóteses.

Mesmo sentindo o colchão afundar devido ao sono leve, eu não despertei. Rolei na cama e me assustei com o peso de um braço sobre o meu quadril. Acendi o abajur rapidamente e me afastei.

Saulo estava dormindo, com a roupa que saiu. Olhei na direção das janelas e vi que havia anoitecido, na verdade eu não fazia ideia da hora até olhar no relógio digital sobre o criado mudo, que indicava duas horas da manhã. Eu tinha dormido muito!

O corpo dele transpirava uísque, e o cheiro exalava por todo canto. Não era novidade que Saulo tinha bebido, mas o ato de se deitar e adormecer ao meu lado, deixou rastros de esperança em mim.

-

SAULO

Encontrei a Alma, ela sim podia me saciar como Eveline não era capaz.

Passamos o final da tarde até o anoitecer bebendo e trepando feito dois coelhos ensandecidos.

Metemos gostoso até a mulher pedir arrego e querer conversar sobre assuntos desagradáveis, como por exemplo voltarmos a ter um relacionamento. Se é que podíamos chamar aquilo de relacionamento.

Não nego que tirar o lacre da ruiva me deixou doido, mas o restante foi um tédio. Eveline não sabia sequer como abrir as pernas ou empinar a porra da bunda quando a coloquei de lado. E a garota, como sempre estava totalmente tensa, até conseguiu rasgar a camisinha de tanto que apertava e se esquivava.

Senti como se estivesse fodendo uma boneca inflável, sem atitude nenhuma além de só gemer e gritar. Então realmente precisei descontar a frustração na boa trepada que Alma sabia dar.

Já no caminho para o meu quarto vi a porta do quarto de Eveline encostada, me apoiei na parede porque senti o chão girar sob meus pés, tinha compensado a falta de álcool do dia anterior. Então abri devagar e avistei a garota dormindo encolhida, perdida no edredom.

Suas pálpebras estavam inchadas, seu nariz e bochechas avermelhados, parecia ter chorado.

Decidi ser cavalheiro, talvez ela se sentisse melhor ao acordar e se deparar comigo deitado em sua cama.



EVELINE



O braço pesado envolto no meu quadril me fez acordar, não que eu estivesse incomodada, pelo contrário, me senti confortável em estar aquecida com o corpo de Saulo rente ao meu. Me mexi minimamente para sair da cama e não o acordar. Caminhei para o banheiro, escovei os dentes e lavei o rosto, sem deixar de pensar por um segundo no acontecimento do dia anterior.

Voltei para o quarto e fiquei parada, admirando o homem dormir com a roupa nada confortável. Levei um susto quando ouvi toques na porta, peguei o celular novo na caixa que havia deixado no criado mudo, saí de fininho e fechei a porta.

Era Madalena, segurando o copo de suco e um comprimido na outra mão.

— Está se sentindo melhor, Eve?

Aceitei de bom grado e assenti com a cabeça.

— Estou sim Mada, obrigada. — Tomei o analgésico e depois o suco.

Nós descemos a escada e passando pela sala de estar consegui ouvir a voz de Adam. Chegando na cozinha, o homem caucasiano de cabelos negros e olhos azul piscina, sorriu para mim.

— Bom dia, ruiva. — Levantou o copo de cristal com uísque.

— Vocês realmente acham normal beber no café da manhã?

— Só assim pra aguentar a ressaca de ontem.

Balancei a cabeça e me sentei na frente do balcão, onde a governanta serviu ovos e uma salada de frutas.

— Obrigada. — Coloquei mais suco no meu copo e comecei a comer.

— Saulo está apagado?

— Sim. Vocês foram aonde ontem? — Quis averiguar.

— Não saímos ontem ruiva.

Disfarcei minha curiosidade e voltei a comer.

— Você viu as fotos da festa?

— Quais fotos?

Adam tirou o celular do bolso e calmamente abriu alguns sites para me mostrar os momentos que os fotógrafos captaram. Peguei o aparelho da mão dele e ampliei as duas fotos em que eu e Saulo aparecíamos.

— Isso está na página inicial da internet — constatei boquiaberta, pensando imediatamente na reação da minha família.

— Você está muito gata nessa. — Ele deslizou o dedo para me mostrar uma foto minha de corpo inteiro na entrada do salão, onde meu vestido contrastava gritantemente com a cor da minha pele, e os cabelos caíam em ondas volumosas nos meus ombros.

— acredite Adam, serei deserdada. — Pus a mão na minha boca, preocupada.

Ele riu e bloqueou o celular.

— Não se preocupe, ruivinha. Mude para cá, nós cuidamos de você.

Nervosa, comecei a configurar o celular novo e instalei o aplicativo de mensagens. Já que inseri o chip que consegui salvar do outro era o mesmo número, então logo começou a chegar centenas de mensagens do grupo da família, outras privadas de Dimitri, Mariana e minha mãe.

Eles chegaram a pensar que eu estava morta, pela falta de notícias. Eu era uma ingrata mesmo, por deixá-los tão preocupados. Levantei-me, disposta a ligar ao invés de responder às inúmeras mensagens, mas no mesmo

instante Saulo dobrou a entrada da cozinha e se sentou do meu lado.

— Bom dia, filho. Quer um remédio para ressaca?

Como resposta Saulo pegou o copo do amigo e terminou de beber os três dedos que restavam.

— Bom dia — disse, fechando os olhos e abrindo-os em seguida.

Olhei timidamente para ele e vi presunção em seu sorriso.

— Dormiu bem, Eveline?

— Sim. E você?

— Preferia ter acordado com você ainda na cama.

Fiquei constrangida com a indiscrição dele. Senti os olhos de Adam e Madalena sobre mim, então peguei três mechas do meu cabelo e comecei a trançá-las.

— Preciso subir, eu... — Tentei elaborar uma desculpa esfarrapada. — Eu preciso subir. — Mas não consegui.

Já no quarto, respirei fundo diante do espelho da pia, depois liguei as torneiras da banheira e tirei meu pijama. Prendi meu cabelo em um coque no topo da cabeça e entrei na água fervendo. Tombei a cabeça no encosto e fechei meus olhos, sentindo cada músculo dolorido relaxar.

— Ainda sentindo dor?

O sobressalto foi tanto que derrubei água. Agarrei a primeira toalha que alcancei, levantei-me para cobrir o meu corpo e saí da banheira. Saulo se aproximou e arrancou o tecido felpudo das minhas mãos.

— Me dê. — Estendi minha mão, cobrindo o restante que pude com a outra.

Ele jogou longe e despretensiosamente começou a se despir. Olhei para o lado, me negando a apreciar o corpo dele.

— O que está fazendo, Saulo?

Após tirar a calça junto da cueca, ele entrou devagar na banheira e deu a mão para mim.

— Não vou entrar aí com você.

Ele me puxou com força e jeito, fazendo-me cair com tudo na água e molhar meu rosto e cabelo. Joguei água e bati nele .

— Estúpido!

Não disse mais uma palavra e agarrou meu pescoço, beijando-me na boca. Tentei recuar porque continuava chateada, mas foi em vão, lutar contra o desejo e a força daquele homem era inútil. Então o beijei, com sede e vontade. Ele me pegou e me posicionou em seu colo, apertou meu quadril, minhas costas e segurou minha nuca. Depois nos afastamos, ambos ofegantes.

Sem dizer nada, Saulo me levantou e forçou a entrada que ainda doía.

— Não!

Ele segurou em meu rosto e encostou nossos lábios.

— Eu não tenho doenças, Eveline. Não transo sem camisinha.

Sua boca desceu torturando o meu pescoço, e arranhou a pele com sua barba. Encolhi meu corpo e gemi, completamente arrepiada. Fechei meus olhos e mordi o ombro dele quando o membro grosso me invadiu.

— Não podemos fazer isso...

— Vou te ensinar a fazer direito.

Insegurança e vergonha me tomaram inteira. Com as duas mãos encaixadas em meu quadril, Saulo ditou a intensidade e velocidade dos movimentos. Revirei os olhos, inundada de tesão da cabeça aos pés. Envolvi meus braços no pescoço dele e inalei o perfume próximo a sua orelha. A segunda vez parecia melhor, com a ajuda da água quente as minhas pernas não ficaram tensas e eu pude curtir um pouco.

Dominada pelo prazer, comecei a me mexer para frente e para trás, me arrisquei a rebolar com o quadril e percebi que estava fazendo certo quando o homem tragou a respiração entre os dentes.

Segurei o rosto dele entre as mãos e o beijei, chupei sua língua, mordisquei o lábio inferior e deixei minha respiração arfar contra seus lábios. Saulo cravou os dedos na minha bunda me fazendo parar.

— Te machuquei? — perguntei apreensiva.

Ele lambeu os próprios lábios e negou com a cabeça. Seus dedos emaranharam em meu cabelo e repuxaram meus fios, pendendo meu corpo para trás, fazendo meus seios empinarem próximos a sua boca. A sucção feita nos meus mamilos, junto da pressão entre as minhas pernas me fizeram tremer. Quis voltar para frente, mas ele impediu, empunhando meu cabelo com as duas mãos, desta forma tendo meus peitos a sua completa disposição.

Saulo estocou dentro de mim cada vez mais rápido, eu revirei os olhos e ouvi meus gritos ecoarem pelo banheiro. Sentindo um calor que antes era impossível, devido à baixa temperatura, eu voltei a movimentar-me em cima dele, para um lado e para o outro, de frente e para trás, como se o meu corpo já fosse acostumado com o dele há muito tempo.

Seus lábios penalizaram meu pescoço novamente e depois encontraram a minha boca. Saulo me beijou com avidez e lascívia. Pelo jeito em que ele pegava e conduzia o meu corpo, eu me sentia pequena e dominada. As írises verdes focadas nas minhas, provocaram uma corrente fria na espinha. Cada gesto de Saulo me devorava, entrando em mim, me apertando, me beijando e principalmente, quando seus olhos paravam nos meus.

Não deveria, mas queria surpreendê-lo. Tomei coragem e me levantei de seu colo, em seguida posicionei-me na banheira, apoiando os braços na borda dela, mantendo meus joelhos no fundo e empinando a pouca bunda que eu tinha.

Vi o olhar rapino analisar a posição e encarar o meu rosto.

Suas mãos afastaram minhas coxas, e eu me crucifiquei por não saber fazer nada direito.

— Quando vai ficar lisinha? — perguntou, depois de passar a mão no montinho fino e ruivo.

— Quando eu quiser — disfarcei rudemente o constrangimento. Ele sorriu.

Saulo aproveitou que minha bunda estava para cima e fora d'água para poder lambe a fenda do meu bumbum e depois deslizar a língua até parar no ponto inchado entre a minha carne.

Choraminguei, mas comemorei quando ele parou antes que eu gozasse. A verdade é que depois do orgasmo eu perdia a função.

Inclinei mais o meu corpo ao entrar em frenesi com os beijos suaves que subiram pelas minhas costas, e apertei involuntariamente os músculos da minha pélvis quando ele entrou.

— Porra, Eveline — rosnou. O observei sobre meu ombro e umedeci minha boca. — Você é apertada pra caralho.

— Eu era virgem até ontem — tentei debochar, mas fui interrompida com uma investida bruta, que me fez perder o juízo.

Buscando receber melhor o pênis duro como pedra, movimenteí o quadril circularmente até que ficasse totalmente confortável. Levei uns tapas como punição, mas compensou.

Saulo cobriu minhas costas com o seu tronco e rosnou feito um animal, enquanto se afundava dentro de mim, me fazendo divagar em delírio.

Eu estava muito lubrificada, mas não gozei, esperando ansiosamente para que ele fizesse isto primeiro, e foi o que aconteceu. Não deu tempo de tirar, ele se desfez sobre o meu corpo, deixando-me sentir suas veias pulsarem fortemente.

Sua testa encostou em minhas costas, enquanto o peito mexia aceleradamente e a respiração pesada saía pela sua boca.

— Você toma pílula mesmo?

— Saulo, eu jamais me arriscaria a ter um filho seu. — Após me lavar eu saí da banheira e me enrolei no roupão.

A raiva voltou e foi potencializada pela pergunta insensível que ele fez, antes mesmo de nos recuperarmos do sexo.

— Já disse que prefiro você assim, bem arisca?

— Não me importa como você prefere. — Entrei no quarto e procurei um agasalho na mala.

Aquele comportamento não me pertencia e isso só confirmava o que eu mais temia: eu nutria um sentimento estranhamente forte por ele.

Fingi não me importar quando ele passou por mim de roupão e saiu do

quarto. Sentei-me na cama e finalmente comecei a questionar qual era a finalidade de eu ter ido parar naquela casa. Me negava a acreditar que fui movida somente pela atração sexual e voltei a pensar que era o meu desejo crescente de desvendar mistérios.

Mas àquela altura estava ficando perigoso. A busca por respostas já havia custado a única virtude que guardei por toda a vida, também a minha sanidade mental e os sentimentos que eram intactos até conhecê-lo.

Me acovardei todas as vezes que ia ligar para Mariana, para minha mãe ou Dimitri. Eu não sabia o que falar, nem por onde começar. Mandeí uma mensagem rápida, dizendo que eu estava bem e que assim que desse eu ligaria para conversar com eles. Não pensei que aquilo triplicaria o rebuliço no grupo da família, mas foi o que aconteceu. Silenciei o aplicativo e desci para a sala.

— Vamos aquecer para a noite, ruivinha. — Adam me entregou um copo cheio da bebida preferida da casa e eu aceitei. Queria entorpecer a minha mente que não me dava trégua.

Dei bons goles no uísque caro e sentei-me no sofá.

— Não vá levar essa menina para o mau caminho, filho — Madalena repreendeu o amigo de Saulo e ele sorriu para ela.

— Não faço isso, Madazinha. Você sabe que sou um homem para casar — disse cheio de graça, fazendo a governanta rir ironicamente.

— Se eu não amasse tanto vocês dois... — lamentou, quando Saulo pisou na sala.

Ele sentou-se do meu lado, deixando-me perplexa quando pousou a mão sobre a minha coxa.

— Então vamos dar as verdadeiras férias para Eveline? Onde nós vamos?

— Pensei na *Lound*, vai ter show de strip e rodízio de tequila.

— Vocês não são fracos mesmo, hein — comentei.

— Não viu nada, ruivinha. — Adam piscou para mim e Saulo apertou minha coxa.

— Vou pegar o seu remédio — Madalena disse para o dono da mansão, que negou com a cabeça após beber o uísque do meu copo.

— Hoje não, Madalena.

A senhora baixinha e grisalha me lançou um olhar preocupado, instantaneamente me causando preocupação.

Comecei a me maquiar quando anoiteceu, ainda tinham resquícios dos machucados no meu lábio e na têmpora, mas foi bem mais fácil cobrir com a base e corretivo. Delineei meus olhos, avolumei meus cílios com o rímel, corei minhas maçãs com um subtom dourado, e preenchi meus lábios com o batom vermelho, que estava se tornando o meu preferido.

Provei três vestidos até escolher o verde exército de mangas longas, ombros e colo nus, um palmo acima dos joelhos. Enfiei os pés no scarpin preto de sola vermelha e peguei minha clutch preta. Por último, resolvi prender as laterais do meu cabelo, deixando o topo da minha cabeça alto e cheio. Peguei a única capa de frio que havia levado e joguei sobre meus ombros e costas, fechando-a na frente dos seios.

— Menina, você está linda! — Madalena segurou minhas mãos e sorriu para mim.

— Você acha, Mada? — indaguei, insegura.

— Este tom de verde te faz parecer uma princesa, rica e finíssima — disse, após certificar-se do vestido que estava sob a capa.

— Você é muito gentil. — Beije seu rosto e fui abraçada de surpresa. Retribuí meio sem jeito e então ela se afastou, passando carinhosamente as mãos nos meus ombros.

— Obrigada por ter paciência com esses loucos. Nós somos diferentes, mas somos uma família Eve.

— Você cuida bem dos dois — constatei.

— Eu disse, são como meus filhos.

— Acredito em você. — Nós duas suspiramos em uníssono, em seguida Madalena me acelerou para descer, porque os "rapazes" estavam me esperando.

Saulo não fez nenhum elogio quando me viu, não que eu estivesse contando com aquilo, até porque estava me acostumando com a sua bipolaridade constante em suas atitudes. Pior, eu queria aquilo, como se precisasse de sua aprovação. Mas ainda havia esperança de que quando eu tirasse a capa que cobria parcialmente meu vestido, ele fosse ao menos me olhar com deslumbre.

Nós chegamos na casa noturna badalada no centro de Dublin, onde uma fila extensa começava na porta e dobrava o quarteirão. Deixei a capa no carro e depois nós três fomos guiados para dentro por três seguranças, sem pegar fila.

— Isso é mesmo necessário? — perguntei alto, com a boca quase colada no ouvido dele.

— Os seguranças? — perguntou de volta, rente ao meu ouvido. — Se não estivermos dispostos a levar facadas de algum fã meu, sim.

Franzi o cenho, confusa e aterrorizada com a resposta.

— E isso, é mesmo necessário? — Me analisou de cima a baixo.

— O que?

— Vestido curto e justo desse jeito?

— É loucura minha ou está enciumado?

Ele gargalhou e voltou a me fitar.

— Se eu quisesse sair com puta, teria contratado uma.

— Se eu quisesse sua opinião, teria pedido — respondi revoltada. — Vou curtir minha noite bem longe de você, não quero que essa energia horrível me contagie.

Peguei a primeira bebida que um garçom passou servindo e entreguei a comanda para que ele marcasse. Encontrei um canto ao redor da pista de dança próximo ao pole dance, onde algumas mulheres rebolavam por pura diversão e no mesmo momento lembrei da minha irmã, que sempre adorou e dançou lindamente nas barras de ferro.

Meu Deus! Eu estava muito encrencada com Mariana, em níveis inimagináveis. E não ligava pelas brigas futuras que teríamos, mas sim para a

dor da decepção que com certeza eu vinha causando a ela.

— Está desacompanhada, linda? — Um rapaz loiro, pouco mais alto que eu, com um belo sorriso se aproximou de mim.

— Com dois amigos — respondi sorrindo também.

— Aceita? — Ofereceu solicitamente o seu drinque.

Lembrei imediatamente do dia em que aquele mau-caráter me drogou no cruzeiro, então neguei com a cabeça e agradei.

— Estou bebendo uísque, obrigada. — Mostrei meu copo e ele assentiu.

— Você não é daqui. — Ele me examinou.

— Sou de Seattle.

— Percebi pelo sotaque.

Ele parecia educado e tranquilo, então puxei assunto.

— Na verdade sou do interior, meio caipira — nós rimos —, mas moro em Seattle há anos.

— Não diria que é caipira. — Voltou a sorrir para mim. — Você parece uma mulher de sucesso, independente e lindíssima. — Minhas bochechas com certeza ficaram iguais dois tomates, tamanha vergonha, mas ouvir elogios me fez bem. — Meu nome é Stephan.

— Eveline. — O rapaz sorridente pegou minha mão e a beijou.

— Vamos dançar! — Não deu tempo nem de responder, ele me puxou para o meio da pista e logo nos envolvemos no ritmo gostoso da música.

Minutos depois outro moço chegou e o beijou na boca, fiquei aliviada por estar perto de alguém que não tinha segundas intenções, mas chateada por constatar que o único homem que me elogiou nem gostava de mulher. Logo, a minha queda de autoestima foi esquecida, porque nós começamos a nos divertir à beça. Stephan era muito engraçado e animado. Ele me contou que foi falar comigo porque ficou com dó de me ver sozinha e eu quis chorar de tristeza, mas nós rimos daquilo. Tomamos as tequilas que os garçons passavam servindo e fomos nos soltando mais ainda.

— Esse é o boy, Eveline? — questionou, olhando boquiaberto para trás

de mim.

Virei-me e dei de cara com Saulo, quase tropeçando na montanha de músculos.

— O-oi — gaguejei, estava levemente alterada por causa das calorosas tequilas.

— Quem são esses dois?

Desvirei e apresentei Saulo a Stephan e depois ao que eu não sabia o nome.

— Que homem gostoso. — Stephan moveu a boca sem voz e se abanou. Revirei meus olhos, irritada por ele estar certo.

O companheiro de *Steph* — como ele preferia ser chamado — era totalmente tranquilo e despojado, então nem ligava para o jeito audacioso do parceiro. Inclusive, nos demos tão bem que trocamos número de celular.

Saulo ficou feito um poste atrás de mim, enquanto eu dançava e curtia com os dois. Em um ato impensado e levado pelo momento, eu peguei as mãos dele e coloquei no meu corpo, fazendo-o acompanhar o ritmo da música comigo.

— Você está gostosa com esse vestido e deliciosamente cheirosa — disse no meu ouvido, arrepiando-me inteira.

— Você é bipolar — resmunguei, ao ficar de frente para ele e envolver seu pescoço com os braços.

— Diagnosticado. — Deu um sorrisinho e beijou meus lábios.

Será mesmo que Saulo tinha transtorno bipolar? Puta merda! Ele costumava contar coisas importantíssimas e até mesmo deprimentes em situações inoportunas, então podia ser mesmo verdade sobre ser diagnosticado com bipolaridade. Puta merda outra vez!

De repente, o homem foi puxado para trás e ao abrir passagem, eu pude ver a responsável pelo gesto bruto. Alma. Ela saiu puxando-o e ele não relutou, simplesmente a acompanhou. Será que aquela mulher o perseguia? Tentei segui-los, mas era tanta gente que os perdi rapidamente.

Esbarrei em Adam e ele segurou meus ombros.

— Estava procurando vocês. Cadê o Saulo?

— A Alma penada apareceu e o levou.

Adam riu.

— Está falando da ex dele?

— A própria.

— Então vamos para o camarote comigo, se quiser pode chamar seus novos amigos. — Ele olhou para Steph e o outro.

Fiz o que ele sugeriu e nós quatro subimos para o lugar reservado.

— Posso te fazer uma pergunta? — Acenou positivo enquanto bebia. — Saulo e Alma ainda tem alguma coisa?

— Sinceramente, ruiva? Não sei te dizer, eu acho que não. De qualquer forma, Saulo me mandou comer ela no navio, então acho que ele não se importa muito.

Não sei dizer se a resposta me aliviou ou me deixou com mais dúvidas. Entretanto, mais uma vez me esforcei para silenciar a minha mente barulhenta e voltei a me divertir na companhia deles.

Eu e Adam começamos a embalar ao som agitado da balada e beber mais. Acabei assistindo as bailarinas dançando no pole dance e as enaltecendo aos gritos, com o incentivo do irlandês.

Foi quando Adam me deu um abraço e falou alto:

— Você é a melhor companhia de balada, ruiva! Vou começar a te arrastar comigo e largar aquele filho da puta. — Nós rimos.

Mas fomos surpreendidos com a agressividade de Saulo.

O soco violento de Saulo derrubou Adam no chão. De repente, o camarote virou uma grande confusão. Começaram a brigar feio e ambos não se importavam de tirar sangue da cara um do outro. Eu berrava para que eles parassem, Steph e o companheiro dele tentavam separar, mas não foi suficiente para apartar.

Saulo estava transtornado, agitado e me olhava totalmente alucinado enquanto eu gritava para ele parar. Ele não saía de cima do amigo, que

revidava esmurrando no mesmo nível.

— Você não vai trepar com ela, filho da puta! — ele repetiu várias vezes.

— Saulo! Adam! Parem agora, por favor! — Comecei a chorar de nervoso. — Ele é seu amigo, para com isso! — Tentei impedir Saulo, mas Steph me segurou.

— Você vai acabar se machucando, fique aqui comigo. — Steph me levou para um canto.

Dois seguranças subiram na área reservada e os seguraram.

— Seu merda, ficou maluco? — Adam esbravejou revoltado e tentou acertar o amigo, mas foi contido pelo segurança.

— Fica longe dela, porra!

Se xingaram mais e proferiram ofensas atrás de ofensas. Nunca me vi tão perdida.

Uma hora depois, após me deixarem sozinha no camarote, e algumas pessoas aparentemente preocupadas virem conversar comigo para me acalmar e entenderem a discussão — que nem eu havia entendido — nós três estávamos no carro, que o motorista dirigia, os dois ensanguentados e quietos. Saulo fumando um cigarro atrás do outro.

Adam foi deixado no prédio em que residia e nós seguimos para a mansão.

Saulo sumiu pelo longo corredor cheio de portas, eu pensei em deixar apaziguar para falar com ele quando acordássemos, mas ainda embriagada e cheia de adrenalina, fui buscar satisfações.



26

EVELINE



Bati na porta mas ele não respondeu, esperei mais e nada, então resolvi abrir a porta do sótão e entrar. Vi Saulo com os cotovelos apoiados na mesa e as mãos cobrindo o rosto, permanecendo assim, de cabeça baixa mesmo depois de notar minha presença na sala do último pavimento. Na mesa entre seus antebraços estava um objeto que não pude identificar.

— Agora não é uma boa hora, Eveline. — A seriedade livre do humor sarcástico me alertou. Pensei antes de dizer qualquer coisa. — Por favor, saia. — Saulo ergueu o rosto e me encarou com os olhos avermelhados prestes a transbordar.

— Você está... chorando? — Me aproximei devagar e ele ficou em pé abruptamente, empurrando a mesa grande.

— Eu disse para sair, porra!

Peguei o porta retrato que caiu no chão e vi a foto do Saulo com a Vivian, aparentemente felizes.

— Eu só quero te ajudar. — Engoli minha saliva, ocultando o próprio medo.

— Vai fazer isso se sair da minha vida.

Observei seu rosto quase inteiro machucado e a mão esquerda ensanguentada.

— Estou cansada de ser tratada desta forma, não te fiz nada para ser desprezada e julgada. Realmente sinto muito por tudo o que aconteceu na sua família e com você, mas eu não tenho culpa. Eu não sou a Mariana, não sou seu meio irmão ou sua meia irmã, sua madrasta, sua mãe que faleceu ou sua irmã que sumiu, não sou seu pai, Saulo. — Não desviei os olhos dos dele. — Eu não sou a Vivian. — Coloquei a foto sobre a mesa e me aproximei dele. — Não estou aqui para te machucar e também não quero ser machucada. Eu aceitei vir para a sua casa porque acredito que sinto algo por você, mesmo que indecifrável.

— Sente algo por mim? — indagou com desdém. — Como isso é possível?

— Acha que fiz sexo com você por quê?

— Porque senti vontade.

— Também. — Dei de ombros e encurtei o restante da distância entre nós dois. Coloquei a mão em seu ombro e subi os dedos para massagear os fios negros e macios. — Mas também senti vontade algumas vezes no decorrer dos meus vinte e cinco anos, então não foi só isso.

— Então por que Eveline? Não percebeu que eu não sou a melhor pessoa do mundo para se envolver?

— É a pior — sussurrei e sorri. — Você é um homem infeliz, Saulo. Me dá aflição só de observar, sempre parecendo tão sufocado e preso dentro desse escudo, que só te quebra mais e mais ao invés de ser sua fortaleza. Você precisa se permitir para viver o presente e quem sabe um futuro melhor do que o passado que vivenciou.

— Parece simples, não é? — Ele passou a palma da mão embaixo dos olhos para enxugar as lágrimas e se desvencilhou de mim, ficando de costas.

— Sou sincera em dizer que não faço a mínima ideia do quanto difícil é, mas acredite no poder que você tem de reger sua vida daqui para frente. É clichê, mas depende de você.

— E as merdas todas que meu pai fez? Por acaso a minha crença sobre "um futuro melhor" — disse com desprezo — vai ressuscitar a minha mãe e recuperar a infância que eu perdi? Vai trazer minha irmã de volta? Vai tirar essas cicatrizes das minhas costas? — A voz dele embargou, tomada pela

raiva e pelo choro engasgado.

— Sempre mantive meus pés no chão, porque não tive o luxo de viver fora da realidade dura e cruel. Sou de uma família simples, minha mãe costura desde que nasci. Ela me alimentou e me estruturou para estudar com o máximo que podia, que era o mínimo, menos que o básico. Eu sempre mantive os pés no chão. — repeti, sentindo meus olhos arderem. — E não ganho nada mentindo ou dando falsas esperanças. Então Saulo, o que eu posso te dizer é que não garanto nada, nada vai apagar as histórias ou desfazer seus traumas, mas você tem a opção de enfrentar eles. Eu quero te ajudar, porque acho que estou me apaixonando. — Fechei meus olhos, arrependendo-me imediatamente de ter me aberto.

Saulo se posicionou na minha frente e colocou as mechas do meu cabelo para trás das minhas orelhas. Vi sua língua umedecer os lábios e as írises felinas fixarem nas minhas.

— Meu mar de atrocidades é muito mais fundo que o seu de bondade. Eu vou te afundar comigo, Eveline.

— Por que me tratam feito uma criança? Sei cuidar de mim mesma.

— Não, não sabe. Eu disse que te foderia em dois sentidos, um já foi...

Ele riu e eu também.

— Você é bárbaro.

— Eu quero que fique — disse de repente, ganhando toda a minha atenção.

— Quer mesmo?

— Não sei o que significa isso que nós temos, mas acho que me faz bem.

— Então não maltrate o que te faz bem.

— Eveline, se está esperando um homem que abra a porta do carro para você, que te dê rosas ou leve café da manhã na cama, esse cara não sou eu.

— Jura?

— Estou falando sério, garota.

— Não exijo nada disto. As minhas condições são que você não me despreze e muito menos me desrespeite com palavras ou atitudes. Te pedi isto antes de viajarmos e eu achei que seria um homem de palavra, mas não foi. Não quero que encare como intimação, mas é a condição. Se quiser mesmo que eu fique, será assim. Ou posso simplesmente arrumar minha mala e ir embora, não vou aceitar mais as suas ofensas.

— Quero mesmo que fique, então vou tentar. Só peço que respeite quando eu precisar de espaço.

Escutei cada palavra sem tirar os olhos dos dele.

— Desses machucados eu posso cuidar.

— Sem frescuras.

Cerrei os olhos e ele levantou as mãos se rendendo.

— Como quiser.

Eu tinha falado muito e ele quase nada, como sempre. Mas senti proximidade entre nós dois, como se um dos muros grandalhões tivesse sido parcialmente derrubado. Nós descemos para o quarto de hóspedes e eu fui para o banheiro, peguei o kit de curativos e comecei limpando o sangue do rosto dele, passei antisséptico e cicatrizante, fiz o mesmo na mão esquerda, devagar e com leveza. Ele sequer reclamou, Saulo parecia não sentir dor.

Em seguida o homem tirou a camisa e ia trocar o curativo da bala no ombro, tirei a gaze da mão dele e eu mesma fiz a limpeza e cobri o lugar.

— Você e Adam brigam sempre?

— Quando estamos estressados.

Sempre, concluí.

— Você voltou transtornado depois de sair com a Alma.

A dor pungente causada pelo ciúme cutucou meu peito.

— Sim.

Isso não bastava como resposta.

— Sente algo por ela?

Ele riu.

— Não tem como, Eveline.

Por mais que sua voz e o tom usado fosse sério, o meu nome saindo da sua boca sem qualquer resquício de sarcasmo, me fazia sorrir.

— E por Vivian? — Fingi tranquilidade enquanto continuava limpando o supercílio dele.

Percebi seu corpo enrijecer, ele segurou no meu pulso para que eu parasse.

— Acho que já está bom.

Nos encaramos, assenti com a cabeça e me levantei para jogar os algodões e as gazes usadas no lixo. Não ia insistir, ele tinha acabado de pedir para que eu respeitasse seu espaço.

— Sou culpado pelo suicídio de Vivian.

Ele acabava falando em seu tempo.

— Você não atirou na cabeça dela, Saulo. — Voltei do banheiro e cruzei os braços na frente do corpo, tensa diante da confissão.

— Pior, eu arruinei a cabeça dela.

Eu sabia que Saulo e Vivian — ex esposa do irmão dele — tinham tido um caso, mas não sabia da intensidade dos fatos. Como disse, fiquei sabendo somente por Mariana e Valentim, sem a oportunidade de conhecer o outro lado da história. Sabia que ela havia se suicidado com um tiro na cabeça na frente do meu cunhado e que falou de Saulo antes de morrer, mas isto não era o bastante para me fazer entender o contexto todo.

— Usei Vivian da forma mais egoísta, manipulei os sentimentos e a mente dela a meu favor. Fiz a mulher extorquir milhões do hospital do meu irmão e a afastei da filha deles, a menina que morreu de leucemia.

Ana, filha de Valentim, que morreu aos cinco anos de idade.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Você pergunta mesmo se a resposta for não.

Me encorajei.

— É verdade que você agrediu a Vivian no noivado dela com o seu irmão, e no mesmo dia foi preso?

— Esse assunto é extenso e já está tarde. — Averiguou a hora no relógio grande em seu pulso.

— Só me responda, por favor.

— Sua família é fofoqueira.

— Se eu colocar o seu nome na internet aparecem diversas notícias sobre isso.

Saulo sorriu e negou com a cabeça.

— Eu sou o filho bastardo de um homem que construiu o império com o sangue de muitas pessoas. Sempre serei o vilão, ingrato e perverso.

— Ainda não me respondeu.

— Não porra, não espanquei a Vivian.

— Então por que...

— Chega de perguntas e vamos dormir.

O corpo quente e desprovido de roupa atrás de mim, me aconchegou. Senti toda a sua pele, já que ele estava somente com a cueca e eu com uma camisola pequena. Ele me abraçou, eu disfarcei a surpresa e aceitei de bom grado, crendo que a nossa conversa havia tido êxito. Fechei meus olhos e consegui dormir em poucos minutos.

Acordei muito assustada, sendo enforcada com as duas mãos de Saulo no meu pescoço. Me debati, empurrei ele, chutei e tentei gritar, mas estava com a garganta travada. Cravei minhas unhas nos braços dele, no pescoço, mas fui perdendo o oxigênio. Seu olhar estava paralisado e vidrado no meu. Achei que morreria asfixiada, mas ele pareceu despertar e me soltou.

Comecei a tossir desenfreadamente, engasgando e quase vomitando. Saí às pressas da cama e caí no chão, sentei próximo da prateleira de vidro no meio do quarto.

— Eveline — ele estava aparentemente desesperado, confuso e veio correndo na minha direção, mas eu me escondi com os braços.

Meu pescoço ainda doía, o ar continuava descompassado e a tosse não havia cessado.

— O que foi que eu fiz?

— Fique longe, por favor. — Só então comecei a chorar, quando a adrenalina baixou e a ficha caiu.

— Eu estava dormindo, eu não quis te machucar, eu não fiz por querer.

Saulo ajoelhou na minha frente e colocou as mãos nos meus joelhos.

— Eu não fiz por querer — repetiu, e eu fui mais para trás, querendo me afastar dele. — Você estava com as mãos no meu pescoço, me sufocando. — Ele colocou as próprias mãos no pescoço.

— Não fiz isso.

— Eu sonhei, porra. Eu achei que não iria dormir, mas apaguei.

— E qual o problema? Já dormimos juntos.

— Mas não é seguro, Eveline.

Encaixei a cabeça entre meus joelhos e escondi meu rosto, ainda me recuperando do susto.

— Vivian estava grávida no noivado, de um filho meu.

Devagar, levantei o rosto para averiguar a veracidade no olhar dele.

— Não, Ana não era minha filha. — Ele riu. — O idiota do meu irmão desconfiava, mas a garotinha era dele. O noivado foi antes dela engravidar de Valentim. Ela me contou no dia da cerimônia. Tínhamos um plano, ela se casaria com ele, herdaria pelo menos metade do hospital, e então sairíamos do país, para vivermos juntos. Mas a gravidez me pegou de surpresa, então decidi que a faria contar tudo para a família, sobre a nossa relação, sobre o meu filho que ela carregava. Estava disposto a desistir de tudo e viver com ela. Naquele mesmo dia, Vivian encenou a agressão dentro do quarto e se machucou inteira. Foi a primeira vez que fui preso, então nos afastaram. Quando saí, já não tinha mais criança nenhuma.

— Ela abortou?

— Sim. E escondeu de todos. Seria arriscado largar o certo, que era

casar-se com o meu irmão, o sangue herdeiro da família e colocar tudo a perder com o bastardo, louco e fodido.

— O dinheiro não consegue devastar o amor, Saulo. Então não era isso o que vocês sentiam.

— Só não existiu reciprocidade.

Ele analisou meu pescoço e passou a mão.

— Não quis te machucar. — O toque dele me deu choque, fazendo eu me encolher. — Sonhei com essa bagunça toda e senti você em cima de mim me asfixiando.

A pressão para saber mais do passado secreto dele com Vivian pode ter influenciado algo em seu subconsciente e provocado um pesadelo.

— Vou ficar bem. — Levantei-me. — Dormirei no outro quarto.

Saulo acenou positivo e então me retirei. Me enrolei nos edredons, virei para um lado e para o outro, querendo dormir, mas não consegui.

Desci pela casa atrás de café, escolhi a cápsula e coloquei na máquina.

Precisava conversar com a minha irmã sobre as coisas que Saulo me contou, mas em contrapartida isso seria trair a confiança dele. Não queria expor suas dores mais íntimas para ninguém, só que ao mesmo tempo queria a opinião dela, talvez até provaria a ela que existia os dois lados da história.

Tomei o café quente e voltei para o quarto, li até o amanhecer. Acabei cochilando e fui acordada por Mada, que gentilmente trouxe uma bandeja cheia de delícias para o café.

— Vou te roubar pra mim, Mada.

— E quem vai cuidar do meu menino? — Ela ajeitou a bandeja nas minhas pernas. — Ele e Adam brigaram de novo? — Confirmei com a cabeça.

— É comum?

— Brigam quando bebem muito, mas desta vez foi mais feio que o normal.

— Saulo saiu do corpo, parecia enciumado.

— Ele gosta de você, menina.

— Por que a senhora acha isso?

— Nenhuma mulher passou mais de dois dias aqui. Ele não tem muita paciência. — A governanta riu. — Você é uma boa moça.

Dei com os ombros.

— Não sei se concordo, mas obrigada.

— Claro que é. — Mada beliscou a ponta do meu nariz e apontou para a bandeja. — Coma tudo, está muito magrinha.

Podia comer dois elefantes que continuaria magricela, mas fiz o que ela mandou, porque comer era o que eu mais gostava na vida, aliás, o sexo com Saulo competia acirrado.

— Ele saiu? — Encontrei Madalena na enorme lavanderia depois de uma hora, e a assustei. — Desculpa. — Ri do pulinho que ela deu.

— Disse que ia no clube.

— Clube?

— De iates.

— Mada, você precisa ser mais específica comigo.

Ela deu risada e terminou de guardar os produtos de limpeza no armário, antes de virar para mim e falar:

— Bem que ele te chama de curiosa.

A senhora baixinha passou por mim sem mais explicações, me deixando roer as unhas de curiosidade.

— Bom dia.

Saulo apareceu meia hora depois e me entregou uma caixa.

— Pra mim?

— Se eu estou te dando. — Olhou para a caixa.

— O bom dia.

Ele gargalhou, mas continuei perplexa.

— Coloque dentro de uma mochila, pegue biquíni também, e protetor, não quero que fique vermelha. Mada vai te ajudar.

— Biquíni? Queimar com esse frio? Onde nós vamos?

— Se apresse Eveline, para podermos aproveitar.

Coloquei a caixa em cima do sofá e abri, me deparei com um macacão inteiro preto em neoprene, material emborrachado.

— É isso mesmo que está pensando. — Ele analisou minha expressão.

— Vamos mergulhar?

— Se você parar de enrolar e ir arrumar suas coisas, sim.

Gritei entusiasmada e corri para o quarto de hóspedes. Arrumei tudo rapidamente, muito ansiosa. Ele parecia querer compensar o acontecimento perturbador da madrugada e eu estava disposta a ajudá-lo nisso.

Saulo me aguardou em um carro esportivo grafite, na frente da casa. Entrei e me sentei no banco do copiloto.

— Vai dirigir hoje?

— Para reduzir a viagem de quarenta para vinte minutos.

— Saulo — adverti.

— Coloque o cinto.

— Não corra, eu tenho medo.

Antes de eu terminar a frase o homem já estava com o pé afundando o acelerador, dirigindo com toda a destreza e tranquilidade, fazendo o frio ocupar cada vez mais espaço na minha barriga.

— Já mergulhou antes, Eveline?

— Nunca.

— Eu também não. — Ele sorriu, e então pousou a mão sobre a minha coxa.



SAULO



Eu vivia fora da frequência normal, sempre no mais, sempre no limite. Se eu fosse uma bomba, estaria sempre prestes a explodir. Creio que isso fez todas as pessoas fugirem, e bem, a palavra era essa, fugir. Elas sabiam, talvez melhor do que eu, que se a bomba estourasse, não sobraria muita coisa. Por isso, essas pessoas não significavam nada para mim, essas pessoas não se importaram o bastante para permanecerem, não eram como Eveline, que simplesmente ficou para tentar desativar a bomba.

Cresci em guerra, tive fudas vazias, amigos falsos, facadas nas costas e revólver apontado na cara. De repente, ver uma mulher lutando para se aproximar, trouxe a sensação de ainda ter importância para alguém.

Era quase engraçado refletir sobre isso, enquanto a assistia se aprontar para o nosso primeiro mergulho, com máscara, cilindro de ar comprimido nas costas e pés de pato. Senti vontade de rir ao observá-la. Eveline vinha esclarecendo cada vez mais que era mais louca do que eu. Qual mulher em perfeita lucidez escolheria tentar construir uma ponte na minha direção? Que mulher aceitaria minhas tempestades e ainda teria coragem de navegar nelas? Eveline parecia entender o meu caos, e mais, queria enfrentá-lo.

A última conversa que tivemos na noite anterior me fez sentir um merda por tê-la repudiado tanto, principalmente depois que a garota entregou a virgindade para mim. Eu precisava de aulas de caráter, porque particularmente, não aprendi e não sabia nada sobre, e talvez ela merecesse esse esforço.

— Eu faço isso. — Afastei o instrutor, antes que ele fechasse o colete no corpo de Eveline.

Apertei o colete equilibrador na barriga e seios dela, tendo seus olhos analisando cada movimento das minhas mãos. Segurei seu queixo quando terminei, e encostei nossos lábios.

— Pronta?

— Não. Tô morrendo de medo. Não tem tubarão aí?

— Eles não fazem nada, senhorita — o instrutor respondeu, fazendo ela dar passos para trás.

— Não seja medrosa, garota.

— Não vamos mesmo congelar?

— O macacão vai manter a temperatura do seu corpo — falei, e de repente ela começou a rir. — O que foi?

— Você tá muito engraçado com esse macacão. — Ela puxou o ar tentando parar de rir mas não conseguiu e gargalhou mais.

— Quer umas palmadas antes de pular no mar?

— Saulo! — Ela me censurou, com vergonha do homem que nos instruía.

Foda-se, o homem foi bem pago e o barco era meu.

— Prontos? — ele perguntou.

Antes de enfiar as luvas nas mãos, eu as bati com força na bunda de Eveline, que deu um pulinho e me empurrou da beirada do barco.

— Vê se a água tá quente — gritou atrevida, rindo por ter me feito cair no mar.

— Venha logo, medrosa!

O macacão não era o suficiente para manter a temperatura do corpo aquecida como imaginei, mas dava para aguentar.

Eveline se distanciou da beirada, correu e pulou em formato de bomba, fazendo a água respingar para todos os lados.

— Caaaara...mba! Eu vou congelar. — Ela começou a mexer os pés para se manter na superfície.

— Não seja dramática.

— Quando quiserem, é só acionar o botão e desinsuflar o colete, como expliquei para vocês.

Colocamos o tubo de oxigênio na boca e sem enrolar, descemos na profundidade do mar.

Eveline se familiarizou rapidamente, foi aprofundando com a ajuda dos braços e pernas e admirando os animais marinhos a nossa volta. Neste ínterim, a única coisa que eu sabia fazer era apreciar o deslumbre da garota. Logo, ela parecia ter se misturado com os peixes e virado uma sereia dos cabelos vermelhos.

Ouvi algum tipo de som sair da boca dela, como um grito. Arraias passaram do nosso lado, ela comemorou eufórica. Eveline continuou nadando, imergindo cada vez mais. O fundo do oceano era foddidamente paradisíaco, fiz a escolha certa de optar por aquela área específica.

Era como se o tal Criador tivesse colocado com a mão cada alga colorida, os corais, as rochas e os seres vivos que protagonizavam o cenário, e aquela mulher completou a perfeição do jardim particular. Ela nadou na minha direção quando viu um tubarão pequeno passar rente ao seu corpo. Submergimos mais, exploramos, ela tocou nas rochas, pegou na areia e ficou feito uma criança, totalmente fascinada.

Eveline indicou com o dedo que ia para a superfície. Nós insuflamos os coletes e subimos. Tirei os óculos e o tubo da boca, ela fez o mesmo.

— Gostou?

— É o lugar mais lindo que já vi.

— Não posso discordar.

— Nossa, você viu aquela arraia gigantesca? E os peixinhos coloridos? E aquela hora que o tubarão passou nas minhas pernas? Você viu que ele não fez nada, como se eu fosse só mais uma espécie de peixe?

É claro que eu tinha visto, mas deixei que ela expusesse o entusiasmo.

— Parece que foi feito à mão — comentei.

— Mas foi feito à mão, não tem outra explicação para ser tão incrível. Tenho certeza que Deus colocou cada coisinha ali.

Acabei sorrindo da crença cega da garota. Deixei que ela fosse na frente e subisse a escada para o iate. Peguei as toalhas da mão do instrutor e esperei a garota tirar o macacão, ficando somente com o biquíni azul escuro, então a enrolei com as duas toalhas, já que ela tremia inteira.

— Não está com frio? — perguntou.

Neguei com a cabeça enquanto tirava as mangas do macacão. O sol estava mais tímido que Eveline, mas o resquício dele permanecia ali, nos esquentando sutilmente.

Voltamos para o porto, deixei o funcionário do clube e conversei com os instrutores para saber o melhor lugar para levar o barco.

— Nós vamos embora? — Um bico involuntário se formou na boca da garota ruiva, queria morder, mas me contive.

— Pensei em dar uma volta.

— Eba! — Eveline me pegou de surpresa ao me abraçar e beijar meu rosto. — Você sabe pilotar?

— Me pergunte o que não sei fazer.

— Convencido. — Ela sumiu para o andar de baixo, onde tinha dois quartos, banheiro, cozinha e bar.

Pilotei quase na velocidade máxima do motor, até que chegássemos em alto mar.

Depois a garota voltou vestida com saia rosa e blusa branca, fina e de mangas compridas.

— Me ajuda a abrir um vinho?

Cerrei os olhos, ela não precisava de ajuda.

— Você quer que eu arranque a rolha ou sua roupa?

— Fica a gosto do freguês.

Ela tinha mesmo dito aquilo? Eu só podia ter escutado errado.

— Está me provocando mesmo, Eveline?

Suas bochechas ficaram mais avermelhadas, ela deu de ombros e sorriu.

No momento que ia agarrá-la o meu celular vibrou no bolso da bermuda, era a terceira chamada de Justine só naquela manhã.

Justine foi um envolvimento breve que tive antes de ser preso, que me trouxe grandes dores de cabeça, as maiores. A mulher tinha o poder de foder o meu humor com uma simples ligação.

— Tudo bem, atenda. — Eveline ficou envergonhada, notei no jeito em que ela desceu novamente.

Esperei chamar outra vez e então atendi.

— O que você quer?

— Caralho Saulo, estou tentando falar com você há dias. Por que não mandou a quantia que combinamos?

— Não combinamos porra nenhuma, você pediu e eu disse não. Não vou dobrar a porra do valor.

— Você é o pior ser humano que conheço, um bosta! Você acha que este dinheiro é muito? É o mínimo que você faz, caralho! Eu estou com problemas, preciso do valor que pedi.

— Não tem mais pra quem abrir as pernas, Justine? Se vira, porra!

— Não tenho o mesmo tempo que antes e realmente estou com problemas, por favor. Não significa nada pra você, pode salvar minha vida e...

— Chega! Não precisa dizer mais nada. Vou transferir agora.

— Obrigada.

— Vai pro inferno.

— Nos encontramos lá — ironizou.

Cadela filha da puta! Precisava impor limite nessa merda, se não ela extorquiria até a fonte secar.

— Conseguiu? — Vi a garota deitada no meio da cama, com o celular nas mãos. Olhei a taça com vinho pela metade no aparador ao lado e ela respondeu assentindo com a cabeça.

— Você se importa se eu tomar banho? Estou sentindo minha pele grudada por causa do sal.

— Não precisa pedir.

Eveline continuava meio sem jeito por ter se insinuado. Não tinha necessidade daquilo, ou só eu pensava que tínhamos intimidade?

Ela provou que pensava como eu ao tirar a roupa com a porta do banheiro aberta e desta vez conseguiu me provocar e despertar o que dormia no meio das minhas pernas.

Não pensei duas vezes. Nossa foda melhorou na segunda vez, porque a garota relaxou mais e não ficou travando as coxas. Burrice de bêbado compará-la a uma boneca inflável, como seria diferente, se Eveline nunca tinha trepado na vida? Paciência Saulo! Você precisava ter paciência.

— Que susto. — Ela se encolheu e tremeu ao sentir minha boca na sua nuca.

— Sabe o que eu estava pensando... Que tal deixar o banho para depois? Ela ficou de frente para mim e ergueu a sobrancelha.

— Por que?

— Porque eu quero te foder agora e sujar esse rostinho com a minha porra. — Segurei em seu queixo e vi o pavor transparecer nas suas íris.

Sorri diante do nervosismo e contornei os lábios avermelhados com o polegar.

Desejava apagar a imagem daquele rostinho angelical e do olhar puro da minha mente. Queria que Eveline fosse corrompida por mim.

Ela não conseguiu responder e bastou. Agarrei suas pernas e a coloquei no meu colo, pude sentir a boceta roçar no jeans da minha bermuda, impedida somente pela calcinha do biquíni, que era a última peça em seu corpo.

Não hesitei quando a garota envolveu os braços no meu pescoço, a beijei com uma vontade insaciável. Abandonei sua boca e segurei seu peito,

primeiro lambi o mamilo pequeno e pontudo, depois suguei aquela maravilha rosa. A garota se contorceu no meu colo, mas a leveza de seu corpo magro não dificultava que ela permanecesse encaixada em mim. Ouvi seu gemido ecoar e as unhas rasparem na minha cabeça, depois emaranharem o meu cabelo.

— Isso é tão bom... — Foi a primeira vez que Eveline se soltou para falar algo sobre o que fazíamos.

E me influenciou a chupar com mais força, fiz o mesmo no outro e mordi, fazendo ela reclamar, mas pedir por mais.

Lasquei um tapa na bunda dela e cravei os dedos em sua carne.

— Isso é por você ter me empurrado na água.

Subi os degraus para o andar de cima devagar, porque ainda a segurava no colo, e a deitei sobre o convés de madeira, indo sobre seu corpo e voltando a beijar sua boca.

— Ninguém vai nos ver?

— Não estou vendo muitas pessoas, Eveline. — Ela acompanhou quando olhei para o oceano infinito, por todos os lados.

Ajoelhei e puxei o biquíni dela pelas pernas, deixando a penugem ruiva a mostra. Eveline apoiou-se nos antebraços para assistir eu me encaixar entre suas coxas. Deslizei a língua por todo o períneo e admirei por um instante, o formato pequeno coberto por pelos finos ruivos, a cor rosa claro dos lábios e do buraco apertado, meu pau doeu na bermuda. Suguei o grelo diminuto, que estava inchado e massageei com a ponta da língua. Molhei o dedo na boca dela e busquei explorar a textura da entrada úmida e quente, senti Eveline apertar meu dedo e então a encarei.

— Controle a sua boceta.

— Não sei fazer isso.

— Sabe sim. Agora você soltou... — Constatei assim que a senti alargar sutilmente. — Contraia.

— Saulo eu não sei...

— Contraia — mandei mais uma vez, ela obedeceu e contraiu com

força, apertando meu único dedo dentro dela. Tive que puxar o ar entre os dentes, aquilo me deu um tesão do caralho.

Fui sobre ela e invadi sua boca com a minha língua, começando a movimentar e encurvar o dedo no núcleo molhado, enfiei mais um e busquei encontrar o ponto certo à frente da sua boceta.

— Não... — choramingou e tentou segurar meu pulso.

Continuei socando com jeito e pressão, senti as paredes apertarem os meus dedos e seu corpo ficar inteiramente resetado embaixo do meu. Mordisquei o queixo quando ela deitou a cabeça para trás e gritou, ela tentou abafar o grito do orgasmo mordendo o próprio lábio. Seus arranhões foram como navalhas, de tão fortes nas minhas costas.

Não esperei o frenesi chegar ao fim, me liberei da bermuda e da sunga e afundei meu pau na boceta dela, enclausurando seus gemidos na minha boca.

— Saulo, o preservativo — disse quando relaxou.

— Já disse que não teremos problemas.

Não mesmo, Eveline não mentiria sobre o contraceptivo, eu nunca tinha contraído doença nenhuma e já que era o único homem que ela havia provado, não tinha porque nos preocuparmos.

Estoquei o máximo que consegui para dentro dela, com força, desejando aliviar a pressão que as veias do meu pau sofriam, de tanto tesão. A boceta apertada recebia e engolia cada centímetro, cada vez mais encharcada. Dei atenção às montanhas que balançavam pelas metidas fortes, mamei com vontade e suguei os bicos rosas. Ela se contorceu, levantou o quadril de encontro o meu, parecendo querer me sentir ainda mais fundo. Eveline pegou no meu cabelo e puxou meu rosto para o dela, a mulher me beijou vorazmente, gemendo contra a minha boca.

As mãos percorreram pelas cicatrizes nas minhas costas, ela me arranhou mais e envolveu as pernas no meu quadril. Peguei sua perna esquerda e levantei, apoiando o tornozelo no meu ombro e continuei enterrando o pau nela, querendo preencher tudo.

Eveline colocou a mão sobre o ventre e apertou ali, enquanto via o meu pau invadindo e aparecendo na sua barriga.

— Meu Deus — choramingou e fechou os olhos.

Não parei, e só me satisfiz quando a mulher tremeu outra vez sob meu corpo. Saí rápido e esperei que Eveline ajoelhasse na minha frente, para lambuzar o rostinho repleto de sardas com a minha porra. Parei de passar a mão no meu pau quando terminei de me esvaziar.

Ela se levantou, segurando os fios bagunçados do cabelo para não sujar também. Dei risada quando percebi que a garota não sabia o que fazer pra tirar aquilo.

— Agora você pode ir pro banho — sugeri.

Eveline terminou o banho e vestiu a mesma roupa de antes, aquela maldita sainha curta estava querendo acordar meu pau de novo e piorou quando a garota se sentou no meu colo com uma taça nas mãos. Observamos o movimento do mar em silêncio, ela bebeu o vinho e me olhou.

— Obrigada por me trazer aqui.

Se tinha uma coisa que eu sabia menos do que amar, era reagir a gratidão.

— Está sendo o passeio mais incrível que já fiz. — Então deixei que ela continuasse falando. — Considerando que já viajei muito por esse mundo.

— Eu sei — enredei a cintura fina com o meu braço e a ajeitei no meu colo, para tirar o traseiro dela do meu pau.

Ela sorriu e continuou admirando o horizonte. Examinei o perfil do seu rosto, o nariz pequeno e pontudo, os lábios finos e avermelhados, as sobrancelhas ruivas e arqueadas, os cílios cumpridos também alaranjados, as sardas espalhadas por toda parte, só consegui respirar fundo e pensar "por que ela havia me escolhido para se entregar"?

— Por que não deu uma chance para o seu namorad... colega de trabalho? — Tratei de corrigir, a intenção não era irritá-la, eu queria mesmo saber.

— Eu estava tentando, mas aí alguém chegou e interrompeu o processo — ela enfatizou.

— Mas vocês tiveram anos.

Eveline não soube responder, deu de ombros e desviou o olhar, mirando de volta o oceano.

— Não sei. Talvez estivesse esperando por um louco misterioso, que despertasse todo tipo de emoção em mim.

— Eu faço isso?

— Faz.

Moldei seu rosto com a mão e a fiz fitar os meus olhos.

— Nenhum homem nunca te viu sem roupa mesmo?

Eveline caprichou nos próximos goles, fugindo de me responder.

— Saulo, esse assunto me constrange.

— Responda.

— Não, mas o que isso muda?

— Muda que eu sou o único na sua vida, Eveline.

— Isso é ruim? Você me acha totalmente inexperiente, não é?

— Não, não é isso. — Tampei sua boca com o indicador. — Você me desculpou pelo tapa?

— Sim, Saulo. Mas não vou desculpar da próxima vez.

— Não existirá próxima vez.

Senti necessidade de ter certeza, porque Eveline fez crescer a vontade de ser o primeiro na vida dela, mas o primeiro em coisas boas e não o primeiro causador de traumas.

— Eu gosto quando você não bebe.

— Faço umas merdas quando bebo demais.

— Sempre faz — ela acrescentou. — Você fica agressivo, arredio e perde a noção.

— Eu sei.

— Por que não para, Saulo?

— Já tentei.

Eveline colocou a taça de cristal no suporte da mesa atrás de nós e deitou a cabeça no meu ombro.

— Você tem mesmo bipolaridade?

— É o que está no diagnóstico do meu psiquiatra.

— E ansiedade?

— Também.

— Só?

— Mais alguns problemas mentais, que você descobrirá em breve.

— E como lida com esses problemas? Faz algum tipo de terapia?

Ela estava tomando espaço demais, invadindo demais. A levantei do meu colo, mas ela forçou para ficar.

— Desculpa, não falaremos mais sobre isto. — Nos ajeitei novamente e pousei minha mão sobre a sua coxa branca. — Sabe o que eu estava pensando durante o banho? — Neguei com a cabeça. — O que acha de conhecer nossos sobrinhos? Eles são crianças maravilhosas, Saulo. Eu posso conversar com a minha irmã, com o seu irmão. Quem sabe com calma e jeito eles cedam.

— Isso nunca vai acontecer.

— Eles confiam em mim, sabem do amor que tenho pela Bella e pelo Tom, sabem que jamais faria alguma coisa que fizesse mal aos meus sobrinhos.

— E eu pareço um bom tio? — perguntei com acidez. Eveline estava sonhando.

— Você não gosta de crianças?

— Não — fui sincero.

— Credo, Saulo! É impossível não gostar. Você não sente a mínima vontade de conhecer seus sobrinhos? E se eu te disser que Tom tem os olhos quase idênticos aos seus?

Ela ia me convencer!

— Vamos deixar as coisas como estão, já tive problemas demais com aquela família.

— Aquela família é a SUA família. Nossa família.

— Isso te deixaria feliz?

— O que? Você conhecê-los? Claro que sim, eu adoraria, muito.

— Então tente.

— Está falando sério? — Ela se levantou do meu colo, toda alegre e distribuiu beijos no meu rosto. — É sério? Vou ligar pra eles quando voltarmos para a sua casa.

— Eu acho que meu irmão você convence fácil, mas a sua irmã...

— É, Valentim é menos bravo que a Mariana. — Eveline sentou no meu colo de novo e ficou pensativa. — Mas vou dar um jeito.

Como aquela garota conseguiu me convencer de ter qualquer tipo de contato com a minha família? E ainda conhecer os meus sobrinhos?

Não sei se faria mesmo, até porque a probabilidade de Valentim e Mariana negarem era enorme, mas Eveline me encorajou como ninguém conseguiu antes.

Nós deitamos no convés, ela ficou calada com a cabeça sobre meu peito, e inevitavelmente minha mão foi alisar o cabelo volumoso e cheiroso.

Contemplamos em silêncio o céu ligeiramente ensolarado, e por um minuto na presença de Eveline, eu conheci a paz.



EVELINE



Acordei perto das seis da manhã e constatei que Saulo não estava mais na cama.

Enrolei-me no roupão preto felpudo para me aquecer do frio, calcei as pantufas e desci atrás do cheiro de torta de morangos. Sentei-me na frente do balcão e observei a senhora baixinha fatiar a torta, servi suco no meu copo e esperei que ela virasse.

— Você precisa me ensinar as suas receitas.

— Você gosta ou sabe cozinhar algo específico?

— Como cozinheira eu sou uma ótima hoteleira.

Ela riu da minha confissão enquanto eu experimentava a deliciosa torta.

— Não tive tempo para aprender nada Mada, nadinha. Sempre como em restaurantes ou alguma comida congelada na correria.

— Tem que aprender menina, para quando tiver suas crianças.

— Nunca pensei em filhos. — Prendi a colher nos lábios e pensei. — A senhora tem filho?

— Michelle, que eu gerei. Adam e Saulo que eu criei.

— Você os conhece há muito tempo?

— Desde que entraram na faculdade, tinham dezessete anos.

— Eles cursaram juntos?

— Sim, eram duas crianças, mas com as mesmas personalidades de hoje.

— Saulo já tinha problemas?

— Ele tem desde a infância, como sabemos. Mas acredito que a vida o deixou mais durão. Embora fosse mais fechado, mais recluso.

— Mais do que hoje? — perguntei indignada.

— Antes era raro ouvir qualquer palavra saindo da boca dele, hoje ele tira sarro das próprias desgraças.

— Talvez seja uma forma de suportar os traumas — concluí após engolir o último pedaço.

— Você gosta do meu menino, não é?

— Gosto.

Pela primeira vez admiti em voz alta, sem qualquer receio ou vergonha. Eu não estava enganada sobre achar que Madalena tinha bom coração, eu confiava naquela senhora, ela estava sendo o equilíbrio que eu precisava para continuar na casa.

— Onde ele está?

— Na cabana. Ele não gosta de ser interrompido quando está lá, mas acho que não vai se incomodar com a sua presença. Se vista direito e vai.

— Vou assim mesmo. — Ela sorriu com a minha resposta e eu enchi um copo com suco para levar.

Caminhei pela trilha segurando o copo com uma mão e com a outra mantendo o meu roupão o mais fechado possível para não congelar com o frio. A impressão é que o lugar estava ainda mais bonito do que na primeira vez, as árvores imensas que rodeavam a trilha balançavam diante do vento que anunciava a chuva que viria.

Bati três vezes na porta de madeira, mas não fui atendida, então abri devagar, entrando em uma sala aconchegante toda decorada por tons de marrom. Ouvi o som alto vindo de dentro de algum dos cômodos, segui a música e me deparei com a cena que esquentou cada célula do meu corpo.

Saulo subia e descia o tronco, segurando na barra de ferro. O suor deixou a pele dele brilhando, tornando a imagem ainda mais libidinosa. A verdade é que cada movimento daquele homem me excitava e o meu desejo crescia absurdamente.

A música Power do cantor Isak Danielson, tornou aquilo muito sensual. A letra dizia o seguinte:

"Eu ainda olho para você com olhos que te querem, quando você se move, você faz os meus oceanos se moverem também. Se eu ouvir o meu nome, vou seguir seu caminho.

Podemos dizer que nos amamos, podemos jogar como se não houvesse outra partida. É o meu desejo que você se alimente, você sabe exatamente o que eu preciso. Você tem o poder, tem o poder sobre mim. Eu dou tudo de mim, você não vê. Por que você não me liberta? Você tem o poder sobre mim.

Eu estava perdido até que me encontrei em você. Eu vi que o meu outro lado estava com medo, mas agora ouvi o meu nome e estou correndo em sua direção. Tudo o que eu sinto quando me aproximo de você, é o desejo de me mover como você faz.

Por que você não me liberta?

Eu estou pronto agora. Você é a única que me seduziu, me atraiu com sua beleza. Agora eu sei que você me usou, tudo o que fez foi me confundir, você não é mais o que eu preciso. Me toque devagar e sinta o meu coração sangrar."

Não o interrompi, não queria perder o prazer de assisti-lo treinando e expondo todos os músculos grandes e suados de suas costas. A tatuagem preta e até mesmo as cicatrizes protuberantes espalhadas me deixavam mais inquieta, porque faziam parte do que ele era. Toda a obscuridade se escondia atrás de suas marcas.

Reparei nos outros aparelhos modernos de musculação espalhados pela sala e permaneci encostada na porta, admirando o início do cóccix, que aparecia por consequência do jeans surrado estar largo no quadril. Pelo amor de Deus! Saulo era o pecado mais delicioso e irresistível. Babei até que ele

terminasse a última repetição do exercício.

— Bom dia Eveline — disse passando uma toalhinha na nuca e rosto, sem sequer olhar para trás.

— Como sabe que estou aqui?

— Esses olhinhos cheios de desejo são capazes de atear fogo.

Saulo se aproximou com um sorrisinho travesso nos lábios. Ofereci o suco, que foi ingerido em frações de segundos. Venci a vergonha, tomada pela vontade eu me encorajei para desfazer o laço do roupão e me livrar da peça. Fiquei somente com o *baby doll* laranja de seda com detalhes brancos em renda, e ganhei um sorriso lindo e malicioso.

— Estou criando um monstro? — Ele agarrou minha cintura firmemente e me encostou em seu corpo.

Alcansei sua boca sem respondê-lo, deslizei meus lábios sobre os dele e mordisquei o seu inferior. Saulo tirou as mechas que cobriam meu rosto e segurou minha nuca, iniciando um beijo de tirar o fôlego. Senti o suor de seu corpo ao ser pressionada nele, e retribuí o beijo na mesma intensidade, com a mesma vontade.

Com a mão livre ele percorreu as minhas costas até a bunda e então apertou com força, fazendo-me sentir sua ereção contra a minha barriga. Abandonei seus lábios quentes e olhei para baixo, querendo averiguar o volume enorme e duro livre de cueca, que quase saltava da calça jeans. Lambi meus lábios e o encarei nos olhos. Desci a ponta dos dedos por suas *V lines*, senti os pelos curtos e macios abaixo do seu oblíquo. Empurrei o jeans, fazendo abrir o botão e ganhando mais espaço para apalpá-lo.

O grunhido de Saulo quando eu peguei no seu pênis me arrepiou inteira. Sua mão moldou o meu rosto com força e desta vez nossas línguas começaram a transar, em completa sintonia. Comecei a movimentar a mão no membro grosso, na mesma lentidão do nosso beijo.

Saulo castigou o meu pescoço, lambendo, chupando e mordendo. Ele realmente conseguia me atordoar com sua boca deliciosa.

Passei o dedo na coroa larga e espalhei o líquido lubrificante que seu corpo expelia. Vi seu abdômen contrair em reação do meu movimento e senti

meu cabelo ser puxado para trás, desta forma, deixando meu pescoço mais vulnerável aos seus beijos. Ele colocou meus seios para fora da camisola e passou a língua nos dois.

— Eu te sinto tão minha quando está assim, Eveline — sussurrou com a maldita voz que me estremecia inteira.

— Como? — perguntei entorpecida.

— Arrepiada, entregue e morrendo de tédio.

Saulo chupou meus dois mamilos e deu mordidinhas nos dois. O afastei e ajoelhei em sua frente.

Não enrolei. Puxei seu pênis da calça e o molhei com a língua, depois comecei a chupar com força, mas bem devagar, tentando colocar tudo dentro da minha boca, mas minha garganta limitava com engasgos. Alternei acariciando com as mãos também.

Os dedos firmes puxavam meu cabelo, seu tronco inclinou para frente e a outra mão fechou no meu pescoço. Saulo começou a mexer o quadril, fazendo a cabeça polpuda bater na minha garganta, sem piedade. O tamanho e a velocidade me fizeram babar, a ponto de escorrer pelo meu queixo até o chão. Fechei os olhos sentindo-os lacrimejar, mas ele não parou. Rosnando como um animal, estocando fundo na minha garganta.

— Venha. — Ele me puxou do chão, pisou fora da calça, me pegou no colo e me sentou no cavalo com alças, um aparelho masculino de treino. — Espere aqui.

Assenti com a cabeça, ansiosa e muito excitada.

Ele voltou com duas cordas pretas e uma venda da mesma cor.

— O que vai fazer? — Eu tremia de expectativa e medo.

— Nada que não te dê prazer, pelo menos é o que eu acho. Se precisar que eu pare, eu quero que diga "estou no limite", certo?

Engoli a saliva com dificuldade e concordei com a cabeça.

Saulo colocou as mãos na barra do meu *baby doll* e o levantou, despindo-me inteira.

— Dormiu sem calcinha? — perguntou quando passou o polegar no meu

ponto pulsante.

— Estava dolorida — respondi com um fio de voz, e ele sorriu.

Meus punhos foram amarrados cada um em uma alça do aparelho. Saulo rodeou o meu corpo, e atrás de mim ele vendou meus olhos.

— Segure firme aqui, para não cair. — Posicionou minhas mãos nas alças de ferro e eu obedeci.

Ele separou as minhas pernas e as flexionou, deixando-me totalmente aberta.

Senti o dedo molhado deslizar entre os lábios da minha vagina e penetrar na entrada faminta. Tentei me mexer, mas Saulo me conteve.

— Fique parada ou vai cair.

Umedeci meus lábios, respirando ofegante pelo nervosismo, mas meu corpo estava sedento por cada toque.

Senti o sopro fresco que ele deu próximo à minha intimidade e apertei mais os dedos nos ferros onde eu podia segurar. Me remexi, mas sem sair do lugar, com medo de cair do aparelho.

Saulo me fez delirar com um oral divino. Sua língua precisa e totalmente macia percorreu cada parte e textura da minha vagina, com beijos quentes e chupadas intensas. Ele me incinerou inteira, fazendo-me arder por dentro.

Subiu beijando minha barriga e se dedicou aos meus dois seios, sugando e apertando, enquanto penetrava dois dedos na abertura melada.

Fui ficando tonta sem poder vê-lo nem o tocar. Meu corpo estava a mercê de uma fera faminta e impiedosa. Eu gemia tão alto, mesmo que me esforçasse para controlar. Quando estava prestes a gozar, ele tirou os dedos de dentro de mim, fazendo-me reclamar. Então os trouxe até minha boca, lambi o líquido cremoso e salgado e me martirizei por não poder ver sua expressão.

— Sentiu o seu gosto?

Assenti.

— Deixa eu te ver, por favor.

— Não, Eveline. Eu quero que se concentre em imaginar como o meu pau está entrando na sua boceta — respondeu perversamente. Senti a cabeça alargar a minha entrada e seu pênis ganhar espaço dentro de mim. — Consegue imaginar ela engolindo cada parte do meu pau?

Moí meu lábio inferior e acenei positivamente com a cabeça, totalmente alucinada.

— Quero te provar que valeu a pena esperar.

Me remexi, doida para soltar meus punhos e tocá-lo. Saulo entrou o máximo que conseguiu, fazendo-me comprimir os lábios para abafar o grito.

— Me diga Eveline, valeu a pena esperar e dar essa boceta para mim?

Entreabri os lábios e deixei que o gemido falhado escapasse.

— Te fiz uma pergunta. — Saulo apertou meus seios dolorosamente, estocando mais fundo. Eu assenti repetidas vezes.

— Sim.

Com as mãos firmes no meu quadril ele começou a movimentar mais rápido, preenchendo cada centímetro de mim. Segurei mais forte nas alças de ferro e tentei manter meu corpo imóvel, para sentir a pressão das investidas. Nossos corpos se chocavam, e eu suave, trêmula.

Achei que aquilo era o meu limite, mas ficou mais intenso quando o homem passou a estimular o meu clitóris com o os dedos, em uma maldita precisão ensandecedora. Tentei me esquivar, mas Saulo me impediu mantendo-me no lugar.

— Você vai cair se continuar se mexendo — avisou, impassível.

Apertei minhas paredes internas cada vez que sentia o orgasmo se aproximar. Cada estocada, cada estímulo no meu clitóris construía e fazia a pressão crescer no meu ventre.

Saulo tirou minha venda e eu pisquei para retomar a visão perfeita do homem encaixado entre minhas pernas, penetrando visceralmente com profundidade.

As íris felinas incrivelmente esverdeadas fixaram nas minhas. Seu semblante o fazia parecer bravo, como um predador violento. Ele só parou de

massagear o meu ponto latejante e inchado quando senti que iria gozar, mais uma vez.

— Não faz isso — choraminguei.

— Isso o que? — Indagou cruelmente.

Era só encostar no meu clitóris que a vontade voltava, estava sensível e prestes a explodir.

Foi o que ele fez de novo, e eu senti vontade de chorar.

— Estou no meu limite — declarei.

Saulo não hesitou, saiu de dentro de mim no mesmo instante, desamarrou meus pulsos e me ajudou a descer do cavalo.

Guiada com o seu braço, eu fui colocada de quatro em uma cama extensora. Saulo veio por trás, empinou minha bunda e empunhando o meu cabelo ele me invadiu devagar. O peso do seu quadril fez com que a cabeça polpuda atingisse o ponto certo para me fazer gozar. Me libertei e ele jorrou, permitindo-me sentir a pressão de suas veias grossas. Senti seus lábios no meio das minhas costas, enquanto o homem esperava recuperar a respiração ofegante.

Fui para o banheiro limpar o que escorria entre minhas pernas e lavei meu rosto. Olhei no espelho e me crucifiquei por ter deixado que Saulo me estragasse para outros homens.

— Você dormiu bem? — perguntou assim que saí do banheiro.

— Dormi, e você?

— Depois que você dormiu eu descii para o escritório e trabalhei.

— Então não dormiu?

Saulo negou com a cabeça, passou a toalhinha no rosto suado e bebeu a água da garrafinha plástica.

Mais tarde eu fiquei na cozinha com Madalena para ajudar no almoço, contra a vontade dela e de Saulo, mas insisti. Já ele ficou trancado dentro do escritório resolvendo assuntos pendentes. Fizemos peixe assado e uma salada bem rica e colorida.

Saulo sentou-se na minha frente para almoçarmos e eu me atrevi a convidar Madalena para almoçar conosco. Primeiro a governanta titubeou olhando o patrão, mas Saulo cedeu e a chamou com a mão para sentar-se também.

Conversamos sobre banalidades e por fim Madalena perguntou de Adam. Saulo respondeu, dando a entender que nada tinha mudado entre os dois, o que me fez concluir que brigas entre os dois eram realmente corriqueiras, talvez decorrentes do tanto de álcool que ingeriam.

Falando nisso, vi Saulo tomar três comprimidos seguidos após o almoço.

— Quando vai marcar médico, filho? Precisa atualizar o seu tratamento.

— Não é necessário, Mada.

— É sim, Saulo — interrompi, ganhando a atenção de dois pares de olhos. — Você precisa de acompanhamento, não é saudável ficar se automedicando com qualquer dosagem.

— E o que sabe sobre tarja preta, Eveline?

— Minha mãe sofreu com crises de ansiedade, depressão e pânico, então sei um pouco.

— Marque com o Dr. Weylor, Madalena.

Eu e Madalena comedimos nossos sorrisos, sentindo como se tivéssemos vencido um obstáculo.

Estava no quarto pesquisando passagens pelo notebook, quando Saulo se acomodou do meu lado e se ajeitou no travesseiro.

— Tenho mais cinco dias.

— Que férias curtas.

Triste, encurvei os lábios e concordei.

— E daí você volta para Seattle?

— Sim, estou escalada para passar os próximos dois meses no hotel que sou associada.

— Dimitri também é funcionário do mesmo hotel?

— É, por quê?

Saulo bufou e levantou bravo.

— Por que não pede para o seu chefe para mudar a sua escala?

— Porque eu adoro o meu trabalho e o cargo que eu exerço só tem disponível lá.

— Elijah tem dois hotéis em Dublin, Eveline. Posso conversar com ele para você ficar no mesmo cargo aqui.

— Pra que isso, Saulo?

— Ah, foda-se! Fique com o seu namoradinho em Seattle, faça o que você quiser.

Saulo tacou o travesseiro na cama e saiu do quarto.

Comprei a passagem para quatro dias depois, e fui atrás do homem irritado. O encontrei no quarto, bati na porta entreaberta e ele disse:

— Não estou a fim, Eveline.

Revirei os olhos.

— Vamos conversar.

— Já estamos conversados. Nós dois acabamos em cinco dias e você volta para os braços do seu homem perfeito.

Senti vontade de rir.

— Não precisa se morder. — Entrei devagar e avistei o homem na sacada, fumando e com um copo de uísque na outra mão.

— Nós já estamos conversados. Agora saia, Eveline!

O abracei por trás contra sua vontade, beijei suas costas e encostei meu rosto ali.

— Você tem ciúme de mim.

— Não, eu só não vejo motivos para voltar para Seattle se pode trabalhar aqui.

— Então você vai sentir saudade, é isso? — provoquei.

— Tome noção, garota. — Ele se desvencilhou de mim e me largou na sacada após terminar o cigarro.

— É só me convidar que eu volto para te visitar.

Saulo ia virar todo o líquido do copo, mas eu tirei a tempo de sua mão.

— Para com isso. — Coloquei no criado mudo e sentei-me em seu colo, envolvendo meus braços em seu pescoço. — Também quero que vá até Seattle me visitar.

— Te visitar, Eveline? — desdenhou. — Eu estou me acostumando com você na minha casa.

— O que quer dizer com isso?

— Nada. — Ele me levantou de seu colo e saiu do quarto.

Putá merda, que homem difícil!

O alcancei até a porta e o vi pegar o sobretudo próximo as portas de entrada.

— Tenho uma reunião. Se precisar de alguma coisa, chame a Madalena.

— Me dê um beijo.

Saulo negou com a cabeça e simplesmente saiu na direção do carro que o esperava.

Respirei fundo e fui procurar Mada, minha única companhia da casa.

— Saulo tem mesmo reunião nos sábados? — Quis acabar com a minha curiosidade.

— Não sei te dizer filha. O trabalho dele é e sempre foi discreto.

— Acho que ele está bravo comigo.

— Por que? Vocês brigaram?

— O pior é que eu nem sei se nós brigamos — falei perplexa, fazendo a governanta rir. — Estamos precisando esclarecer alguns pontos. — Pensei rapidamente. — A senhora me ajuda a preparar um jantar?

— Ótima ideia! Assim vocês podem conversar.

Fizemos o prato predileto de Saulo, carne assada com batatas rústicas e arroz tasmânia. Na verdade Madalena cuidou de tudo.

Eu usei todo o tempo que o homem ficou fora para me cuidar.

Tomei coragem para usar a cera que Madalena me deu, depilei minha virilha e meu púbis, deixando tudo lisinho e macio. Olhei no espelho e verifiquei se havia tirado tudo direito, não sobrou um pelinho sequer. Demorei no banho para amenizar a vermelhidão do lugar depilado, lavei meus cabelos e os hidratei. Deixei as mechas secarem sozinhas e onduladas, enquanto passava um creme deliciosamente cheiroso no meu corpo todo.

Ousei em vestir um conjunto de lingerie bordô de veludo, com detalhes em renda. Por cima eu coloquei uma camisa bege larga, dobrei as mangas e deixei os botões abertos para expor o decote dos meus seios. Aproveitei que a camisa era comprida e fiquei somente de calcinha. Minhas pernas ficaram a mostra, e por pouco as polpas do meu bumbum também.

Dei um trato no meu cabelo com babyliiss e depois deixei os cachos caírem mais soltos, aproveitei que minha franja havia crescido nas últimas semanas e a deixei de lado.

Eu não tinha autoridade para aquilo, mas dei folga a Madalena e aos dois seguranças internos que ficavam nas portas de entrada, tive que obrigá-los. O silêncio da casa era assustador, mas me enchia de expectativa.

Acendi duas velas na mesa de vidro da sala de estar e organizei a mesa com sofisticação. A carne havia ficado pronta há cinco minutos, o cheiro que fazia meu estômago roncar exalava pela casa.

Servi minha taça com um dos vinhos da coleção de Saulo e esperei a sua chegada. Eu não sabia se ele demoraria, então me dediquei a relaxar bebendo vinho.

Levou cerca de uma hora para que ele chegasse.

— Eveline? — chamou alto assim que pisou dentro da casa. — Onde esses merdas se enfiaram? Porra! — praguejou, deve ter notado a ausência dos seguranças. — Eveline!

Contei até dez em silêncio e destemida, fui até a entrada onde ele estava.



SAULO



Vontade de esganar Eveline não faltou, diante da naturalidade que usou para falar que continuaria trabalhando com aquele imbecil que babava por ela. Ela sequer cogitou em ficar perto de mim. O que deu a entender foi que o término de suas férias seria o nosso rompimento. A garota foi fria e tratou a situação com desdém. Já que eu, o otário, havia feito a parte mais difícil que era arrancar o lacre, com certeza ela abriria as pernas com mais facilidade para o namoradinho apaixonado.

Merda! Eveline era exatamente como as outras, a hipótese dela permanecer na minha casa e transferir o trabalho para Dublin nem foi citado. Eu realmente achei que seria diferente, mas a garota simplesmente seguiria a vida em Seattle, então foda-se, eu seguiria a minha e quando desse ela me "visitaria". Só rindo para não matar alguém!

— Sabia que viria. — Alma me puxou pela camisa, para dentro de seu flat.

— Sirva uísque para mim.

— Tudo o que você quiser, amor. — A mulher que me esperou de calcinha e sutiã, andou pela sala espaçosa do lugar e virou o líquido âmbar no copo largo de cristal, voltou e entregou na minha mão.

Sorvi a bebida até a última gota e então a coloquei no meu colo. Alma se posicionou com as pernas abertas, envoltas no meu corpo e me beijou, esfregando a boceta no meu pau.

— Quero tirar a sua roupa e te chupar — ela sussurrou depois de lamber minha orelha.

Deixei que fizesse como queria, arrancou minha calça junto da cueca e se deliciou com o meu pau todo dentro da sua boca. Alma conseguia engolir inteiro, como uma perfeita profissional, mesmo que não fosse de fato.

Ela era a filha de um empresário falido, que precisou da minha ajuda e ofereceu a filha em troca. Mas na verdade não foi nenhuma troca de favores, considerando que a mulher loira era louca por mim e desejava trepar comigo em tempo integral.

Fechei meus olhos e senti suas mamadas lambuzarem o meu pau. Achei que aquilo seria errado, já que naquela mesma manhã eu e Eveline transamos, mas não senti o mínimo remorso. Decidi aproveitar o que a boca maravilhosa podia proporcionar.

Alma cobriu meu pau com a camisinha como eu mandei, e se sentou no meu colo com brutalidade. Começou a se movimentar de todos os jeitos, cavalgando e proferindo putarias no meu ouvido, fazendo-me endurecer ainda mais dentro dela. Merda, ela não era tão apertada quanto Eveline!

Eu não deveria estar pensando na maldita ruiva, com uma deusa do sexo quicando no meu pau. Fechei meus olhos com força e os abri, tentando retomar a sanidade e voltar ao ato.

Joguei a mulher de quatro no sofá e meti por trás dela, moendo sua boceta, apertando sua cintura fina e admirando o traseiro enorme batendo no meu quadril.

A cadela profana rebolava e empinava mais a bunda pedindo por mais. Ela gozou quando encurvei o braço em seu corpo e alcancei o ponto inchado em sua carne, estimulei até que ela bambeasse, em seguida eu também me aliviei.

— Estava com saudade — disse oferecendo-me mais uísque. — Caiu em si?

— O que quer dizer?

— Desencanou da magricela?

— Está falando de Eveline?

Alma deu risada e debochou.

— Agora aquela caipira tem nome?

— Caipiras não são chefes de uma das maiores redes de hotéis, não falam quatro idiomas ou viajam o mundo todo — respondi irritado com o amargor e desprezo dela.

Ela sorriu e acariciou meu rosto.

— O que te faz pensar que Eveline não é uma puta aventureira e que se interessa por sua alma sofrida e obscura? Ela está aproveitando o sexo bom e depois vai cair fora. Ou acha mesmo que a magricela vai querer lidar com seus fantasmas do passado? — Alma deu risada e encostou a boca na minha. — Ela não está pronta para viver no inferno com você amor, eu estou.

Me distanciei dela, vesti minha camisa, depois a cueca e calça.

— Você não sabe nada sobre ela e sua inveja de fêmea preterida não me contagia, Alma.

— O que eu sei, amor — ela enfatizou o apelido sarcástico. — É que aquela garota pode viajar o mundo, falar quatro idiomas e ser chefe de qualquer porra, mas nada disso vai ajudar a lidar com suas agressões, com sua frieza e com os seus traumas. O que eu sei, amor, é que Eveline — pronunciou com desdém — vai pular fora quando seus surtos vierem a tona, quando ela descobrir o quão tirana a sua mente pode ser. Ela não vai aceitar as traições, como a de hoje. Ela não vai ser o único tipo de mulher que você pode ter, ela não vai ficar quando tudo em você ruir.

Saí do flat possuído de raiva. Dispensei Carlos e dirigi o longo percurso para a minha casa, pensando nas verdades que Alma havia dito. Entretanto, eu não era retardado a ponto de acreditar do início ao fim, embora aquela merda toda tivesse me causado um mal-estar do caralho. O que piorou quando cheguei e vi a casa toda apagada, sem os seguranças da entrada e em completo silêncio.

Chamei por Eveline e logo a garota apareceu.

Caralho, por que a achei tão bonita e sexy? Ela não podia deixar de ser a pirralha chata e inconveniente que eu conheci, não podia.

Quando pisei na sala de estar e vi o jantar requintado, com velas e louças

que nunca haviam sido usadas na casa, o mal-estar triplicou.

— Gostou? — Eveline perguntou sorridente e depositou um beijo no meu rosto. — Madalena me ajudou, ela disse que você gosta de carne com batatas e arroz tasmânia, deixei tudo no forno para ficarquentinho. E eu mesma fiz a sobremesa.

— Pra que isso? — Meu questionamento saiu mais grosseiro do que previ.

Ela mordeu o lábio e abaixou a cabeça, receosa com a minha reação. Respirei fundo e me aproximei da mesa.

— Está ótimo.

— Você aceita uma taça? Eu ousei pegar um vinho da sua coleção, não sei se deveria, mas...

Eu era o campeão em foder tudo. Eveline ficou nervosa e eu nem imaginava como corrigir.

— Aceito sim — sentei e indiquei a cadeira na minha frente.

— Dispensei a Mada, então vou nos servir antes de me sentar — ela avisou.

Que merda de autoridade eu tinha dado à garota? Controlei o sermão e assenti com a cabeça.

Eveline serviu nossos pratos e comemos em um silêncio perturbador.

— Desculpa por isto — ela disse depois de limpar a boca com o guardanapo de pano e voltá-lo nas suas coxas. — Não queria que soasse como afronta, e também não os puna. Eu que forcei seus funcionários a saírem para ficarmos a sós.

— Não precisa se desculpar. Eles estavam mesmo precisando — falei, mesmo que não fosse o que eu pensava.

Ela sorriu ainda triste e apreensiva.

— Mas por que quer ficar a sós comigo?

— Para conversarmos.

— Não acho que seja uma boa ideia, Eveline. — Limpei minha boca e

dobrei o guardanapo sobre a mesa.

Levantei-me para servir mais vinho, mas ela cobriu sua taça com a mão. Eveline penetrou o olhar no meu e ficou em pé. Estranhei a proximidade do nariz dela na minha camisa, ela inalou, balançou a cabeça em negação e se retirou.

Imitei o gesto e pude sentir o perfume feminino na gola da camisa.

Segui Eveline até o quarto onde ela estava hospedada e vi a porta fechada.

— Vou abrir — avisei.

— Fique à vontade, a casa é sua.

Entrei devagar e vi a garota dobrando suas roupas.

— O que está fazendo?

— Preparei um jantar para conversarmos e resolvermos as coisas entre nós dois, Saulo.

— E por que está arrumando a mala?

— Eu posso ser inexperiente nisso que estamos tendo, mas não sou burra. Sua camisa está com um cheiro insuportável de mulher. — Ela fez um coque no topo da cabeça e continuou dobrando as peças sem me olhar, o que me irritou.

— Não te devo satisfações garota.

— Eu concordo Saulo. Não quero satisfações, só quero e vou ir embora.

Me aproximei e segurei suas mãos, fazendo-a parar de arrumar a porra da mala.

— Eu trabalho com mulheres também. Não precisa dessa crise ridícula de ciúme.

Ela gargalhou e me olhou.

— Reunião até nove horas da noite com uma mulher que provavelmente se chama Alma. Acertei?

Foi minha vez de gargalhar, dissimuladamente.

— Não, não tem nada a ver com ela e foi realmente uma reunião.

Eveline cravou os olhos nos meus e me analisou meticulosamente.

— Não importa quantas mulheres você tem, só não me coloque no seu cardápio.

Ela voltou a guardar as roupas na mala e eu a segurei pelos ombros, fazendo-a ficar de frente para mim.

— Ligue para Adam, confirme que era uma reunião. Ele e mais dois assessores estavam presentes. — Dei a porra do celular para ela. — Ligue Eveline!

Ela se desarmou, sentou-se na cama e colocou o rosto nas mãos.

— Desculpa, eu fui ridícula.

— Você realmente pensou que eu iria atrás da Alma depois de ter trepado a manhã toda com você?

— Já pedi desculpa, reconheço que estou errada.

Respirei fundo e a abracei, aproximando seu corpo miúdo do meu.

— Você comentou que fez sobremesa. Vamos descer para comer?

Ela cedeu e nós voltamos para a mesa.

— Está bom? — perguntou buscando aprovação.

— Muito bom.

Eveline sorriu e serviu mais um pouco em seu prato.

Como era difícil sustentar uma mentira com o par de olhos verde-azulados tão sinceros sobre mim. Me senti mais criminoso do que nas vezes que atirei a queima roupa em algum delinquente, mas mantive a máscara até que terminássemos a garrafa de vinho.

— Você quer que eu venha te visitar nos finais de semana? Fico livre toda sexta feira, até domingo.

— É o que você quer?

— Sim, não sei denominar ainda isto que temos, mas estamos construindo alguma coisa. Se você quiser, eu venho.

— Se não atrapalhar a sua rotina.

— Não vai. — Eveline levantou-se e deu a volta na mesa.

A garota magra empurrou a minha cadeira com o quadril, afastou minha cadeira e aproveitou o espaço para se acomodar no meu colo.

— Tira essa camisa, esse cheiro está enjoativo.

Tirei Eveline do meu colo e nós subimos para o meu quarto. Troquei a roupa e coloquei somente uma calça de moletom.

— Tenho uma surpresa — ela desabotoou a camisa social que vestia, expondo a lingerie delicada em veludo.

Pus meus olhos sobre os seios fartos e sardentos e senti minha boca salivar em desejo. Gostava de vê-la mais ousada e solta.

— Tem um piano na biblioteca — ela comentou.

— Sim.

— Você toca?

— Pouco, por quê?

— Eu posso?

— Você sabe?

— Posso te mostrar.

Seguimos para a biblioteca, tirei a capa do piano de cauda preto e passei a mão no banco almofadado.

— Está um pouco empoeirado — avisei.

— Sem problemas.

Eveline não disse nada, caminhou até o instrumento e se despiu da camisa social, botão por botão, sem tirar os olhos dos meus. Meu pau deu sinal na calça, mas disfarcei.

Observei a ruiva se posicionar no banco e deslizar os dedos suavemente nas teclas.

A cena era digna de uma fotografia, e foi o que eu fiz. Alcancei uma

câmera na prateleira e registrei o momento, no qual a bunda pequena e redondinha estava no banco, os seios empinados cobertos somente pelo pouco tecido do sutiã e os dedos delicados com esmalte vermelho nas unhas, pousados sobre as teclas brancas.

Ela sorriu envergonhada e tomou a foto impressa da *polaroid* da minha mão.

— Quem te deu autorização?

— Devolva, é minha agora.

— Não senhor.

— Sim senhora, devolva!

Ela titubeou, mas me entregou.

Eveline arriscou algumas notas até iniciar a melodia lenta e romântica que eu desconhecia, assim como sua voz afinada, aveludada e adoravelmente doce.

— This night is cold in the kingdom. I can feel you fade away, from the kitchen to the bathromm sink and, your steps keep me awake. Don't cut me down, throw me out, leave me here to waste, i once was a man with dignity and grace. Now I'm slipping through the cracks, of your could embrace. So please, please... Could you find a way to let me down slowly? A little sympathy I hope you can show me. If you wanna go then I'll be so lonely, If you're leaving baby, let me down slowly, let me down, let me down slowly...

Essa noite é fria no reino, eu posso sentir você desaparecer da cozinha para o banheiro, e seus passos me mantêm acordado. Não me corte, não me jogue fora. Deixe-me aqui para despedaçar. Eu já fui um homem com dignidade e graça, agora estou escorregando pelas rachaduras do seu abraço frio. Então por favor, por favor, você poderia encontrar uma maneira de me decepcionar aos poucos? Eu espero que você me mostre um pouco de simpatia, porque se você for eu ficarei tão solitário. Se você estiver partindo baby, me decepcione aos poucos.

Ela acabou e eu permaneci vidrado na súplica feita na letra. Não havia dúvidas sobre o propósito daquela música. Eveline tinha consciência que tudo

poderia desmoronar, como Alma disse. Eveline sabia que eu poderia cortá-la e friamente jogá-la fora, como fiz com todas as mulheres na minha vida. Ela sabia o quão frio eu seria e estava pedindo para eu parcelar seu sofrimento. Talvez a garota não enxergasse o quanto sua alma estava desesperada para clamar que eu a despedaçasse aos poucos. Eveline sabia pouco sobre mim, sobre meu passado e sobre o quão fodido eu era e a única certeza que eu tinha, é que ela não suportaria quando soubesse.

Tudo o que Alma disse fez sentido. Me afastei abruptamente quando senti suas mãos pequenas tocarem o meu peito. Seu cenho franziu interrogativamente.

— Foi ruim?

Engoli com força o desconforto que cresceu na minha traqueia e lambi meus lábios a fim de molhá-los. Neguei com a cabeça e forcei um sorriso.

— Você canta bem.

— Obrigada — a garota sorriu confusa e acariciou meu rosto.

Eu sabia que Eveline tinha intenções para aquela noite, e confesso que ver seu corpo coberto somente pela lingerie malditamente sensual não contribuía para o meu autocontrole. Porém, o que não parecia errado quando eu estava trepando com a Alma, caiu por terra. Eu não tinha o direito de foder aquela garota friamente, depois de ter esporrado em uma cadela qualquer.

Segurei o pulso dela no ar, impedindo-a de continuar a carícia no meu rosto. Me aproximei e beijei a maçã de seu rosto, que estava avermelhada por consequência do vinho e da timidez em ter tocado piano seminua para mim.

— Eu acho que agora devemos ir dormir.

— Me fala Saulo, o que tem de errado?

— Nada de errado. Só estou cansado, a noite foi longa.

— Mas você acabou de chegar, foi algo que eu fiz ou falei?

— Já disse que não, garota! Para de insistir porra!

Ela assustou com a altura da minha voz e deu passos para trás, livrando seu pulso da minha mão.

Eveline se abaixou, pegou a camisa e vestiu sem me encarar novamente.

Ela saiu da biblioteca, fazendo-me sentir o pior desgraçado de todos. Não queria sentir a mínima culpa, mas a inocência em seu olhar me quebrou inteiro.

Passei em seu quarto, encostei na porta fechada e pude ouvi-la chorar baixo. Minha vontade era de abrir a porta, cessar seu choro com um beijo e dar o que ela havia planejado, mas minha cota de filha da putisse tinha esgotado.

Fodido pela insônia, eu perambulei pela casa, bebi uísque e tentei me distrair, focando na estratégia que Adam sugeriu de colocarmos em prática, para voltar à Rússia e resgatar Safira, mas nem isso conseguiu minha atenção.

Voltei até o quarto de Eveline e abri a porta devagar, vi a garota dormindo agarrada ao edredom, e mesmo com as pálpebras, lábios e olhos inchados, seu semblante transmitia serenidade.

Sentei-me no colchão com cuidado e hesitei, antes de começar a deslizar os dedos pelos fios longos e grossos do cabelo laranja. Ela se remexeu e resmungou, mas permaneceu dormindo.

Tê-la decepcionado me estilhaçou, contudo foi melhor do que transarmos depois de eu ter passado horas com uma puta barata.

Acordei assustado com os raios solares refletindo no meu rosto, olhei para o lado e não a encontrei.

Desci as escadas e Madalena me barrou.

— Bom dia filho — disse sorrindo estonteantemente. — Como foi a noite?

— Agradeço sua contribuição, mas não foi das melhores.

— Não acredito, você estragou mesmo depois de todo o esforço da garota?

— Mais privacidade, Madalena.

Minha governanta virou os olhos.

— O café da manhã está servido. Chame a Eve para comer.

— Você não a viu?

— Ela não está com você?

Fiquei puto com a falta de informação e subi os degraus de volta, procurei em cada cômodo e não a encontrei.

— Vocês realmente não servem para nada. Não sabem onde ela se enfiou?

— Se você encostou sua mão violenta nela outra vez, eu torço para que ela tenha ido embora e que nunca mais volte.

— Não bati nela, porra!

Madalena deu com os ombros, tirando o time de campo.

Subi a segunda vez, e ver suas coisas no canto do quarto causou um estranho alívio no meu peito.

— Ela não saiu, senhor — o homem que fazia a segurança da entrada confirmou.

Revirei a casa e nem mesmo na biblioteca ela estava, como da primeira vez que se escondeu.

Rodeei o jardim, por fim segui pela trilha rumo ao riacho e ao chalé. Eveline estava sentada na grama, com o celular nas mãos, conversando e rindo.

Ia xingá-la por ter desaparecido, mas vi que estava em chamada de vídeo com duas crianças. Ela parou de rir quando percebeu a expressão das crianças mudar ao me verem.

— Esse é o tio Saulo, tia Eve?

Eveline assentiu com a cabeça e manteve a postura amável com os sobrinhos.

— Eu preciso desligar meus amores. Mande um beijo para o papai e para a mamãe, tá bom? Vejo vocês em três dias.

— Mas eu quero falar com o tio Saulo — a garotinha loira pediu, Eveline hesitou.

Agachei para enxergar as crianças melhor e me surpreendi ao ver as semelhanças entre ambos com o meu irmão e com a mulher que eu havia me

relacionado brevemente.

— Nós temos compromisso agora, Bell. Eu ligo assim que der, tudo bem? A titia ama muito vocês! Se cuidem e boa prova mocinha.

— Obrigada tia, também amamos muito você. Se cuida, e vê se não fica beijoqueira igual a mamãe.

Eveline riu da espontaneidade da sobrinha e mandou um beijo para ela, e para a miniatura do meu irmão que permaneceu calado desde que apareci no vídeo.

— Eles te adoram — afirmei.

A garota passou por mim sem me responder e andou na minha frente.

— Eveline!

Não respondeu outra vez.

Entramos pela porta dos fundos e ela foi até Madalena.

— Mada, você pode me ajudar para pedir um táxi? Vou ao centro.

— Claro filha. Eu te explico direitinho.

— Táxi para que? — perguntei e fui ignorado com sucesso.

— Se quiser ir com a gente, está convidada — disse gentilmente para a governanta.

— Com a gente quem? — Não consegui esconder a irritação.

— Ah meu bem, eu tenho muitas coisas para fazer e preciso preparar o almoço daqui a pouco. Mas obrigada pelo convite.

— Vocês podem me explicar? — Aumentei o tom, as duas me olharam mas continuaram conversando.

A minha governanta me traía descaradamente, enquanto explicava como chamava o táxi. E Eveline pelo o que eu entendi, ia sair com dois amigos. Que merda de bagunça era aquela?

— Aonde você vai? — Segurei seu braço no corredor dos quartos.

— Sair.

— Com quem?

Eveline ergueu a sobrancelha.

— Eu monitoro seus passos, Saulo? — Ela puxou o braço para si, entrou no quarto e bateu a porta na minha cara.

Conformado, me tranquei no escritório e fiquei até Adam chegar.

Olhei para o celular do lado do notebook, inúmeras vezes, me recusando a ligar para a garota insolente. Mas não aguentei. Peguei o celular e selecionei o contato dela, chamou, chamou e caiu na caixa de mensagens. Porra! Onde e com quem a garota tinha se enfiado?



EVELINE



— Fada ruiva! Oi sua maravilhosa! — Stephen parecia mil vezes mais extrovertido do que quando nos conhecemos. Ele me cumprimentou com dois beijinhos nas bochechas e me abraçou. — Estou tão feliz que veio.

Apresentou-me para todos em seguida:

— Pessoal, essa é a Eveline, linda de morrer! Não temos nem no que mexer nesse cabelo deslumbrante e neste rostinho de boneca. — Passou a mão nos meus fios e depois o indicador no meu queixo.

Stephen havia me dito que tinha um centro de estética, mas não me contou que era um spa sofisticado de alto padrão, que ocupava o primeiro andar inteiro do shopping.

A equipe de cabeleireiras, maquiadoras, manicures e pedicures me cumprimentou em harmonia, acenei com a mão, dando um sorrisinho meio tímido.

— Tenho a última aplicação de ácido hialurônico em uma cliente para fazer e então poderemos curtir o restante do dia. Você espera? — perguntou animado e eu assenti. — Sheila, ofereça algo para a nossa convidada.

— Você aceita beber alguma coisa? Temos água, café, refrigerante, sucos, espumante e vinho branco.

O centro principal do salão, onde eram realizados os serviços mais simples, como hidratações de cabelo, escova e unhas, tinha muito espaço,

com poltronas sofisticadas, espelhos por todos os cantos. Era todo branco e vermelho, muito bem iluminado.

— Aceito uma taça de vinho, por favor.

A mulher negra, com cachos perfeitos e muito bem cuidados, voltou com o que eu pedi e eu agradeci.

— Estou com espaço na agenda agora, Eveline. É Eveline? — a mesma funcionária disse e eu concordei. — O que acha de fazermos suas unhas? Que tal uma francesinha bem delicadinha para combinar com você?

Reparei nas minhas unhas vermelhas começando a descascar e aceitei a ideia.

Quando me dei conta, estava com um par de mãos massageando meus cabelos com um creme cheirosíssimo, uma manicure fazendo a francesinha milimetricamente perfeita nas minhas unhas e outra funcionária hidratando meus pés para depois pintá-los iguais às minhas mãos.

Elas eram rápidas e perfeitas no que faziam, simpáticas, mas muito discretas, diferente dos outros salões que eu havia desistido de ir, por conta de tanta fofoca e falação de clientes e empregados. Eu não tinha nada a ver com o gosto das mulheres em falar da vida alheia, se aquilo as fazia bem, quem era eu para discordar? Mas não me agradava, sempre gostei de discrição quando se tratava da minha vida particular.

— Eu sabia que não resistiria aos encantos das melhores profissionais de beleza de Dublin.

Estava mais do que explicado tanto profissionalismo e habilidades das esteticistas, Stephen mantinha muito respeito e carinho por cada uma delas. Soube depois, que somente dois homens trabalhavam no spa, mas eles faziam procedimentos nas salas internas do lugar, como massagens, peelings, esfoliação, limpeza, velashapes, depilações e outras dezenas de procedimentos que eu nem sabia da existência, até Steph me inteirar.

— Você fica até quando, Eve? — Ele mexeu o copo com suco e pedras de gelo e me olhou, sentado ao meu lado, bem à vontade.

— Volto terça feira à noite para Seattle.

— Você me disse aquele dia, mas não consigo lembrar, porque bebi

bastantinho e depois da briga horrorosa eu esqueci de tudo, você trabalha com o que?

— Eu trabalho em uma rede de hotéis, Steph. Sou contratada por um hotel em Seattle, mas vivo viajando. Também administro a agência de gestão, que pertence ao mesmo dono.

Assim que as meninas terminaram minhas unhas, e a cabeleireira secou meus cabelos, fazendo cachos grandes e perfeitos nas minhas pontas, e passou o fixador para finalizar, elas me liberaram.

— Vamos aproveitar e fazer um pelling neste rostinho? Está com olheiras fundas e precisamos ter um cuidado especial com essa pele repleta de sardinhas. Você sabe que a pele ruiva é muito sensível, né?

Assenti com a cabeça.

— Serei rápido. Prometo.

Aceitei de bom grado. Aquilo tudo estava me fazendo relaxar e perder toda a tensão acumulada desde que cheguei na casa de Saulo. Stephen massageou meu rosto com seus produtos importados, enquanto conversávamos sobre o fatídico dia da briga na casa noturna.

Acabei contando sobre o relacionamento que eu e Saulo estávamos construindo, detalhando algumas questões, por exemplo sobre o comportamento dele, e as atitudes ruins. Tentei esclarecer o máximo possível para Steph, para que ele, assim como eu, pudesse enxergar alguma luz no fim do túnel, diante do caminho tortuoso que eu estava trilhando.

Gostei de Stephen de primeira, não vi motivos para não confiar nele. E eu realmente estava sozinha naquela cidade. Não conhecia ninguém para conversar. Tinha Madalena, mas de toda forma aquela senhora era fiel ao seu patrão, e mais, ela o enxergava como filho. Seus conselhos podiam ser com as melhores intenções, mas não estavam gerando boas consequências. Não que eu quisesse conselhos, mas senti necessidade de desabafar com alguém e o alvo foi Steph. Ele me ouviu do início ao fim, é claro que eu anulei certos fatos passados em respeito à privacidade da minha irmã, por exemplo e também da de Saulo.

Resumi, dizendo que o homem fez muitas vítimas no passado, mas que também foi vítima de atrocidades desde a infância. E que agora eu o via

como um garoto machucado, que se defendia ferindo as pessoas.

— Fique de olhos bem abertos com essa Alma. — Foi a primeira coisa que ele pontuou, após me ouvir falar por muitos minutos.

Uma sensação ruim invadiu o meu peito e apertou minha garganta. Ele tinha razão.

— Eu só posso te dizer para ir com calma. Está claro que há uma paixão fervendo entre vocês, não é só você que está de quatro por ele.

— Não estou de quatro... — Tentei em vão criar a minha própria ilusão. Eu sabia que estava viciada nele.

Steph revirou os olhos e deu duas últimas batidinhas com o pincel de bronzeador na linha abaixo das minhas maçãs.

— Não tem problema, ele também está engatinhando por você. Mas pelo pouco que você me contou, Saulo tem problemas graves que assombram a mente dele. Olha, tenho para mim que ele está doido por você desde o cruzeiro.

— Mas pra que me tratar com tanto desprezo? Eu entendo que ele seja traumatizado com diversas coisas ruins que aconteceram. — Não detalhei o que eram, Saulo confiou em mim para contar e eu era boa em guardar segredos. — Só que não precisa me destratar tanto.

— Você disse que o negligenciaram muito desde criança e eu sei que não justifica ser tão frio e estúpido, mas já imaginou se durante toda a vida ninguém se importou com ele? Ele pode não saber lidar com demonstrações de carinho.

Sentei-me na maca e respirei fundo.

— Só sei que é muito difícil Steph. Ele é um homem cheio de segredos e me sinto cada dia mais presa.

— Não se sinta mal por estar se entregando, vocês dois estão vivendo coisas novas, ele por ter alguém que claramente se importa em vê-lo bem e você por nunca ter se apaixonado por ninguém antes. Só seja mais cautelosa. Não seja a primeira sempre em dar sinais, deixe o homem dar os primeiros passos também.

Absorvi o conselho sábio de Steph e desci da maca.

— Gostou? Eu quis deixar as sardas, porque acho lindo. Abri bem seus olhos pra ressaltar o azul, aliás, é azul ou verde?

— Depende do meu humor — brinquei. Mas era verdade, meus olhos mesclavam entre os dois tons.

Me encarei no espelho e me senti belíssima. Depois de fazer o pelling, Steph me maquiou e ele tinha muito talento. Havia preenchido minhas pálpebras com uma sombra verde, sutilmente brilhante, delineou os contornos dos meus olhos com preto e carregou meus cílios de rímel. Ele passou um batom vinho nos meus lábios, deixando-os aparentemente mais carnudos e fez a marcação perfeita dos ângulos do meu rosto, tudo impecável.

— Ficou maravilhoso, tudo. — Reparei nas minhas unhas, nos meus pés nas sandálias abertas, no meu cabelo supermacio e volumoso e na maquiagem perfeita.

— E os países baixos, tudo em ordem?

— Países baixos? — Ele olhou na direção da minha virilha e eu fiquei sem jeito, mas respondi. — Ah, sim. Sofri sozinha ontem, quase arranquei pedaço, mas está tudo em ordem.

Nós dois rimos.

— Vamos então.

— Seu namorado não ia vir?

— Surgiu um ensaio fotográfico na agência que patrocina ele. Tadinho, meu bonitão é explorado naquele lugar, mas também... lindo e gostoso.

Alec era modelo e com toda certeza se encaixava naquela profissão. Na verdade, os dois eram muito, muito bonitos.

Nós saímos depois de discutirmos brevemente, porque eu queria pagar todos os procedimentos, mas ele não permitiu.

Ele era muito querido em todas as lojas que passamos. Fomos à procura de um sapato social para ele, de uma das grifes caríssimas do lugar e eu aproveitei para dar uma olhadinha na coleção feminina. Steph me convenceu de levar uma saia lápis preta, bem justinha de couro sintético que ia até os joelhos, e para conjuntar, com o conhecimento do meu amigo sobre moda, eu vesti um body verde escuro de alças finas, totalmente decotado entre os seios

e nas laterais deles.

— Isto vai ficar perfeito. — Stephan colocou o colar com uma pedra de rubi entre meus seios, dando charme e sensualidade para o decote. — Já fique com a roupa nova, vou te levar em um lugar.

— Você está magnífica mesmo — a vendedora que nos tratou atenciosamente desde que entramos, disse.

Vi o meu reflexo no espelho e enxerguei o quanto eu estava diferente de quando cheguei. O que Steph falou era verdade, meu rosto realmente parecia cansado, meus cabelos ressecados, os esmaltes nas unhas estavam começando a descascar..., mas me vendo ali, eu me senti bem. Me senti um "mulherão" deslumbrante, e me admirei da mesma forma que admirava a beleza imponente da minha irmã.

Para não sair do costume, passei em outra loja e comprei um vestido digno de uma princesa para a minha sobrinha, e um relógio infantil de muito bom gosto para o meu sobrinho. Tom adorava usar relógios, na verdade ele adorava fazer tudo igual ao pai. Era lindo de ver a cumplicidade daquela família.

Pegamos o carro de Steph no subsolo do shopping e conversamos enquanto ele dirigia. Nós fomos para uma cervejaria requintada, uma adega com centenas de marcas e cervejas artesanais. Era um bar bem frequentado, com carrões estacionados por todo lado e com o público masculino em sua maioria.

Incrivelmente me senti à altura do lugar, graças aos cuidados do meu mais novo amigo. Ganhar vários olhares cobiçosos cutucou o meu ego e avivou ainda mais a minha autoestima.

Sentamo-nos no balcão e começamos a experimentar as cervejas artesanais de Dublin. Era uma melhor que a outra e eu que não gostava de cerveja me tornei fã número um. Nossas conversas eram movidas a banalidades e risadas. Steph conseguiu me distrair e me desestressar. Muitas pessoas o conheciam e se aproximavam para cumprimentá-lo e puxar assunto, todos eram muito simpáticos comigo, fazendo-me gostar mais dos europeus.

— Sua amiga é linda, Stephen — um coroa charmoso de traços bem

masculinos comentou, com os olhos azuis sobre mim. Timidamente eu sorri e estendi a mão para cumprimentá-lo.

Estava bêbada, mas o que importa é que estava me divertindo e relaxando.

O homem loiro, sutilmente grisalho beijou o dorso da minha mão e se aproximou de nós.

— Ela é linda mesmo, simpática e inteligente. — Steph me abraçou, levemente embriagado também.

— Obrigada, rapazes. — Pisquei os cílios compridos várias vezes e vi o sorriso atraente do homem na minha frente. — Vocês são muito gentis.

— E então, como estão os negócios Stephen? — Ambos começaram a conversar, mas o par de íris azuis não desviavam de mim e eu nem liguei.

Conversa vai, conversa vem, cerveja vai, cerveja vem... Ficamos mais animados ainda.

— O que acham de ir para a Lound com a gente? — Depois de virar para falar com o amigo do lado, o coroa nos perguntou.

Steph me olhou, buscando minha aprovação e eu assenti com a cabeça sem pensar duas vezes.

— Só vou ao banheiro — avisei.

— Quer minha ajuda, fada?

— Deixa comigo, Steph. — Beije a bochecha do meu amigo e saí rumo ao banheiro.

Vi a tela do meu celular acesa assim que abri a bolsa para pegar o batom, e nela constavam doze ligações perdidas de Saulo, algumas mensagens que eu preferi não ler. Pensei em retornar, mas dispensei no mesmo segundo. O humor ácido dele não estragaria o restante da minha noite, que tinha tudo para acabar ainda mais divertida.

Vi que ele estava ligando de novo e decidi desligar o celular.

— Vamos! — disse animada quando voltei para o balcão da cervejaria.

O homem que até então eu não sabia o nome me guiou para fora,

conduzindo-me com a mão na minha coluna. Senti o frio da noite de Dublin me arrepiar e então abracei o próprio corpo. Cavalheiramente ele tirou o casaco grosso e colocou sobre meus ombros. Foi neste exato momento que um homem vestido com camisa e calça social pretas, me abordou.

— Srta. Eveline, preciso que me acompanhe.

— Desculpa, mas quem é você? — Tentei não parecer grosseira.

— O Sr. Saulo está solicitando o seu retorno para casa. A srta. por favor, pode me acompanhar?

Franzi as sobrancelhas e fiquei atônita sem saber o que responder.

— Algum problema aqui? — Steph chegou e me abraçou.

— É o Saulo...

— O que aconteceu?

— Ele quer que eu volte.

Olhei no relógio em meu pulso e vi que ainda eram dez horas. Eu podia ficar só um pouquinho na balada e depois ir embora. Aliás, podia? Que podia o quê! Saulo não mandava em mim.

— Não!! Vamos, por favor! — Steph quase implorou.

— Vamos dançar! — respondi, animando os três rapazes.

— Srta. Eveline, temo que não seja uma boa escolha — o segurança articulou, com o semblante visivelmente preocupado.

— Diga ao seu patrão que as minhas escolhas não dizem respeito a ele — sussurrei para o homem, não querendo constrangê-lo e nem expor minha relação com Saulo.

Fui no carro com Steph e aproveitamos a balada. Dançamos até o chão, bebemos drinques deliciosos, conheci pessoas que sequer lembraria os nomes, conversei muito com o coroa bonito... Eu literalmente extravasei.

— Estou cansada, preciso de um banho e cama — falei no ouvido do Stephan.

— Já amiga? — ele reclamou — Vamos ficar até o amanhecer! — Steph me abraçou e pulou comigo, eu sorri, mas realmente estava exausta e com os

pés doendo. Mas eu entendia, ainda era cedo.

— Eu realmente preciso descansar. — Torci a boca e ele também.

— Tá bom amiga. Podemos chamar um táxi? Eu espero lá fora com você.

— Sem problemas, fique aqui. Eu chamo e espero.

— Eu levo a Eve embora — o coroa bonito escutou a nossa conversa e ofereceu.

Olhei para Steph e ele me puxou discretamente.

— Ele é de boa, não vai tentar nada com você.

— Mas não é estranho? Acabei de conhecê-lo.

— Não te colocaria numa enrascada. Ele é mesmo tranquilo, cavalheiro, charmoso, gostoso, molha calcinhas... Ah amiga, eu babo nesse coroa faz tempo — respondeu, me fazendo rir. — Mas só babo mesmo, respeito totalmente o meu príncipe. — Ele beijou a própria aliança no anelar.

Pensei e aceitei a carona, já que o amigo de Steph tinha sido legal comigo a noite inteira. O manobrista trouxe o carro e parou na frente da balada.

Ele abriu a porta para eu entrar, mas fui puxada para trás pelo braço.

Quase caí por causa da bebedeira, dos saltos altos e principalmente pela expressão assombrosa de Saulo.



EVELINE



— Ela volta comigo, parceiro. — Saulo soltou meu braço e colocou a mão nas minhas costas.

Acenei para o coroa charmoso, ligeiramente constrangida e olhei desconfiada para Saulo, ambos pareciam se conhecer. Não relutei, só queria voltar para dormir.

Ele estranhamente abriu a porta do carro para eu entrar e passou o cinto no meu corpo, depois deu a volta e assumiu a direção.

— Você aceita bebida de estranhos, ficar bêbada com estranhos e carona de estranhos. Qual é o seu problema, garota?

Ergui o rosto para fitá-lo e encurvei os lábios, dando com os ombros.

— Não sei.

— Você tinha intenções com aquele cara?

Vinquei as sobrancelhas e neguei com a cabeça.

— Minha intenção era aceitar a carona e ir para a sua casa dormir.

— E se ele resolvesse te levar para outro lugar?

— Algum dos seus brutamontes estaria na minha cola.

— Não teste os meus limites.

Saulo livrou o ar preso dos pulmões e segurou com mais firmeza no

volante, que delícia eram as veias grossas de seus braços, me deu calor instantâneo. Queria montar no colo dele com toda a coragem e vontade que o álcool me proporcionava, mas continuei quietinha no meu canto, tentando me distrair com a iluminação das ruas a nossa volta.

— Que cheiro de gim, Eveline — Saulo abriu frestas dos vidros, fingindo incômodo e eu só pude rir.

— Não seja falso. Tenho acordado com cheiro de uísque há dias.

Apoiei o braço na janela e o rosto na mão.

— O que deu em você?

— Por quê? — Fiz a desentendida.

— Passou o dia todo fora, bebeu até não parar nas próprias pernas, não me atendeu, não viu as mensagens, não voltou quando Luiz pediu, e ia se enfiar na porra do carro de um filho da puta que conheceu hoje? O que deu em você, Eveline?

— Vontade.

— Você está me provocando, garota.

— Puta merda, se eu soubesse que ia ficar me importunando, eu teria voltado com o coroa bonito.

Saulo freou estupidamente, deslizando e causando um ruído alto dos pneus na pista.

Coloquei as mãos no painel na minha frente, porque mesmo com cinto o meu corpo foi impulsionado para frente.

— Teria voltado com quem? — As íris dele faiscaram na minha direção. Engoli todo o atrevimento e desviei o olhar. Seus dedos seguraram o meu rosto, me fazendo encará-lo. — Eu te arrancaria à força daquele carro se preciso, Eveline. — Saulo se exaltou, aumentando o tom de voz. — Estou avisando para não testar os meus limites, então por favor, pelo seu bem, não seja burra e não teste a porra do meu limite, ou se não...

— Ou se não o que? — interrompi rispidamente. Não me acanhei, não recuei e sustentei a ira no olhar dele. — Ia me dar umas palmadas na frente de todos? Ou melhor, ia esperar chegar na sua casa e bater na minha cara? Vá

em frente Saulo! Fique à vontade para me mostrar quem você realmente é, porque eu não vou continuar perdendo o meu tempo, criando minhas próprias teorias, criando uma versão melhor de você. Mostre quem você é, está com vontade de me bater? Bata! Mas bata de verdade, desconte toda a sua raiva, só pra não me restar dúvidas de que nunca mais chegarei perto de você.

Meus ouvidos só entenderam o significado das minhas palavras quando resolvi dizê-las em voz alta. Nunca imaginei que me envolveria com alguém que pudesse me bater, e lá estava eu, proferindo aqueles absurdos como se fizesse parte da normalidade de um relacionamento.

Impedi as lágrimas desesperadas que começaram a se formar, preendi a angústia dentro do meu peito e não abaixei a cabeça. Saulo virou para frente, moeu o lábio inferior e entreabriu a boca, respirando pesado.

— Eu não vou encostar em você.

— Ótimo — respondi, simulando destemor.

Silêncio absoluto até entrarmos na mansão. Deixei meus saltos na entrada, não aguentando andar mais meio metro com eles. Deslizei o zíper da saia, da minha lombar até minhas coxas e deixei a peça cair sobre meus pés, ignorando a presença impactante de Saulo pouco atrás de mim. Pisei para fora da saia de couro e passei as alças finas do body pelos meus braços, fazendo-o cair sobre meus pés também. O que me restou foi a calcinha, que era mais um fio de renda branco, perdido no meio da minha bunda.

Fiquei de frente para ele, expondo os meus seios. E com a transparência do tule frontal da minha calcinha, ele pôde ver que eu estava lisa, totalmente depilada.

Saulo não disfarçou. Seus olhos verdes incineraram cada pedaço do meu corpo e cravaram nos meus. Quase titubeei, quase pulei no colo dele, ansiando em sentir o objeto enorme de prazer que ocupava o meio de suas pernas. O desejo de agarrar aquela parede de músculos e tomar os lábios quentes e macios, quase me fez perder o foco. Mas continuei parada, aparentemente inabalada.

— Quero a chave.

— Qual chave? — Sua pergunta saiu baixa, quase sem voz.

— Para trancar o quarto.

— Eveline, por que está nua na minha frente?

Controlei o meu típico gesto de pegar nos meus cabelos quando ficava nervosa, e repeti:

— Só quero a chave, para poder dormir tranquila.

— E eu estou te perguntando por que se despiu na minha frente.

Dei de ombros e umedeci meus lábios. Foi relativamente boa a coragem que a embriaguez me deu. Sequer me preocupei se Madalena ou outro empregado poderia aparecer. Permaneci nua no meio da sala, diante do homem que me devorava com os olhos.

— Você faz as coisas e sai sem me dar qualquer explicação. Creio que temos os mesmos direitos.

— Você está brincando com o fogo, Eveline.

— Já estou queimando, Saulo.

Nervoso, ele passou a mão pelo rosto e sua respiração alterou visivelmente.

— Vamos para a cama.

— Vamos. Você vai para a sua e eu para a minha.

Vi seu pomo de Adão subir e descer rigidamente.

Saulo deu um passo na minha direção e eu um para trás.

— A chave.

Continuou com as íris fixas em mim e ao perceber que eu não recuaria, ele passou por mim e subiu as escadas. O segui degrau por degrau, achando mais seguro ir atrás, do que desfilar com a bunda rente ao seu rosto. Nós andamos pelo corredor até o quarto principal da casa. Ele destravou uma gaveta ao lado da cama enorme e pegou uma chave.

Depois encurtou a distância entre nós dois e me prendeu na parede, com os braços em volta da minha cabeça. Seu hálito quente era um convite tentador para ceder, quase como um entorpecente. Fechei meus olhos, lutando para manter minha sanidade intacta.

— Meu pau vai estourar na calça e eu sei que a sua boceta está pulsando, louca para me receber inteiro dentro dela. Se você continuar com este jogo de caça, eu vou ter que te amarrar como uma presa. — Ele me encurralou mais, fazendo o calor de sua boca tocar a minha.

Meu peito subia e descia, evidenciando o quanto o meu corpo ambicionava por sentir o dele. Lambi meus lábios e fechei meus olhos ao sentir sua mão alisar o meu rosto, tentando apagar as cenas eróticas que minha mente impiedosa criou. Saulo colocou a mecha do meu cabelo atrás da minha orelha e levantou o meu rosto, apoiando-o com o seu indicador no meu queixo.

Seu nariz tocou minha pele, e quando nossas bocas se encostaram, eu virei o rosto e tomei a chave da sua mão.

— Não se preocupe, cuidarei da minha própria aflição — sussurrei, provocando-o. — Boa noite, caçador.

Saí do quarto, vencendo a febre que torturava a minha carne.

Tranquei a porta atrás das minhas costas e só então me dei conta do que tinha feito. Eu tinha negado Saulo, justamente. Consegui assumir o domínio do meu vício, sem ser dominada. Mas precisei de um banho fresco para apagar o incêndio.

Com o corpo submerso na água morna da banheira, eu fechei meus olhos e revivi os momentos com Saulo. Minha imaginação fértil tornou tudo palpável, recordando da sensação de ter aquele homem grande cobrindo o meu corpo, se encaixando entre minhas pernas, castigando meu pescoço enquanto entrava fundo em mim, as sugadas que enrijeciam meus mamilos, as rosnadas bestiais que me faziam ir à loucura, tudo contribuiu para que eu atingisse o clímax.

Fiquei mole, zozza e com mais calor. Infelizmente, os meus dedos não foram o suficiente. Aquilo não saciou nem metade do prazer que Saulo me condicionou a sentir. A frustração se transformou em raiva e eu me forcei a dormir, não demorou, graças a quantidade de álcool.

Nunca mais eu vou beber.

Foi o primeiro pensamento do dia. Apertei meus olhos e lutei para abri-los. Eu não tinha certeza se a minha cabeça continuava em cima do meu

pescoço. Tudo rodava, como se eu tivesse levado uma pancada na nuca.

O segundo pensamento foi: Que vergonha! Eu tinha descido até o chão na balada, de saia e toda decotada.

O terceiro foi: Estou lascada! Desvalorizei minha vida, enfrentando e afrontando Saulo de todas as maneiras. Como eu agiria normalmente depois de ter tirado toda a roupa no meio da sala e desfilado pela casa só de calcinha?

O quarto foi: Preciso de uma garrafa com dois litros de água, bem gelada.

E então reforcei: Nunca mais eu vou beber.

Mas acho que duas ou no máximo três taças de vinho não me fariam mal, né?

Vaguei devagar pelo corredor, querendo me esconder até da própria sombra. Minha cabeça ia explodir.

Desci os degraus, fechando o robe que ia até os meus pés cobrindo minha camisola laranja.

Me deparei com o homem sentado na cadeira central, no final da extensa mesa. Adam estava próximo ao amigo, mastigando um pedaço de sanduíche de frios.

— Pegue aspirina para ela — Saulo ordenou para a governanta.

Sentei-me na cadeira, na frente de onde o meu café estava preparado, com frutas, queijo, ovos mexidos e torradas. Saulo serviu o suco de frutas vermelhas no meu copo, pegou a cartela da mão de Madalena e me deu o remédio.

— A noite foi boa, ruiva? — O irlandês me fitou, se divertindo às custas da minha ressaca.

— Deu pra curtir — respondi apenas. Peguei uma torrada, coloquei uma fatia de queijo e mordi.

Olhei de canto para Saulo e vi que ele estava me observando.

— Ela curtiu muito, Monteiro. Conheceu o coroa bonitão, dono da Lound.

Quê? O bonitão era dono daquela balada?

— E aí alguém ficou mordido de ciúme e foi resgatar a donzela em apuros?

Saulo nem respondeu ao amigo, continuou me olhando.

— Convidei o *coroa bonitão* para jantar aqui hoje. — Ele fez questão de repetir o adjetivo. — É uma boa ideia não, Eveline?

Engasguei-me com os farelos da torrada e em desespero tomei goles do suco para desengasgar.

— Você o que?

— Convidei seu amigo para jantar com a gente.

Adam gargalhou e bateu palma.

— Estou vendo o soldado invencível ser abatido, agora sim posso morrer em paz.

Terminei de beber meu suco em silêncio e quis sair da mesa, mas Saulo parou na minha frente.

— Escolha o cardápio e passe para Madalena.

— Isso é ridículo — rosnei entredentes.

Passei o resto do dia trancada no quarto, respondendo e-mails, falando com meus sobrinhos, minha irmã e minha mãe. Dimitri não me respondeu mais, desde que contei que eu e Saulo tínhamos dado um passo, não especifiquei que era a minha virgindade, mas ele deve ter assimilado e então não falou mais comigo. Tirei duas horas para repor o sono da noite anterior e quando acordei, já havia anoitecido. Tomei outro banho, sequei meus cabelos e alisei.

Coloquei calça jeans justa com alguns rasgos desfiados, sandálias altas abertas e uma camiseta branca decotada nas costas. Engrossei meus cílios e passei batom somente.

Preparei o meu psicológico com a costumeira reflexão no espelho e desci para a sala de estar.

Uma mulher bonita e elegante estava com o braço envolvido no de

Adam, os três presentes possuíam um copo largo de uísque em mãos. Eu recusei, enjoando só de sentir o cheiro de bebida alcoólica.

— Eveline — Adam me apresentou para a companheira — Donnatela — e disse o nome dela.

— É um prazer Donnatela. — Aproximei-me e beijei sua bochecha, ela retribuiu simpaticamente.

— É todo meu, Eveline. Pode me chamar de Donna, meu nome é comprido — sugeriu sorrindo.

Saulo enredou o meu corpo com o braço assim que vimos um carro estacionar na frente da mansão. Olhei para o seu rosto e balancei a cabeça.

— Possessivo — cochichei.

— Vou te adestrar, Eveline — sussurrou de volta, arrepiando-me inteira com o calor da sua boca na minha orelha. Filho da mãe!

Greg Kubrick era o seu nome e tanto Adam quanto Saulo o conheciam. Minha vergonha triplicou, aquele homem tinha me visto sair da casinha, totalmente solta e louca.

— Que bom te ver de novo, Eve — Greg cumprimentou-me com um beijo demorado na bochecha.

Saulo interrompeu o momento estendendo a mão para saudá-lo.

— Alguém para te fazer companhia, Kubrick?

Seguimos o olhar dele na direção do seu carro, onde uma mulher loira, na faixa dos trinta e cinco anos desceu, impecável da cabeça aos pés. Eu queria cavar um buraco e me enfiar. Mas a vontade maior era de matar Saulo.

Nos acomodamos nos sofás da ampla sala de estar. Duas funcionárias uniformizadas nos serviram bebidas e eu acabei aceitando vinho. Os três ficaram conversando sobre o mercado financeiro e nós, mulheres, aproveitamos para nos conhecermos mais. Donnatela era uma modelo renomada na Irlanda, embora fosse italiana. Joan, acompanhante de Greg, era empresária, mas não quis especificar de qual ramo. Não consegui calcular a fortuna acumulada naquela sala, também porque tinha acabado de descobrir que Adam era investigador de uma das maiores advocacias da Irlanda. Ele prestava serviços paralelamente para Saulo, mas eu sabia pouco sobre isto.

A mão de Saulo não abandonou a minha coxa nenhum minuto sequer.

Às vezes acariciando com os dedos ou dando apertões, quando minha atenção era tomada pelos assuntos dos homens.

— O jantar está pronto — Madalena avisou formalmente.

Nos sentamos no corredor horizontal de cadeiras, os casais lado a lado.

Esperamos as funcionárias prepararem os pratos cuidadosamente e então começamos a comer. Quieta, mastiguei a salada, prestando atenção na conversa sobre aplicações, entre Saulo e Greg.

— Eu e Monteiro iremos para a Rússia na semana que vem — contou, deixando-me totalmente surpresa. Franzi o cenho, questionando-o, mas fui ignorada. — Surgiu uma oportunidade de investir na indústria bélica.

— É um investimento inteligente, visto que o mercado de armas não enfrentou crises nos últimos dez anos.

— Sim, estou contando com isso.

O par de bilhas azuis pairaram sobre cada movimento meu, Greg sorriu discretamente para mim e eu pisquei três vezes seguidas, mortificada de nervoso.

— E você Eveline, costuma ficar muito tempo nos Estados Unidos, até voltar para a Irlanda?

— Não — Saulo respondeu por mim. — Nosso relacionamento é bem estruturado referente a distância.

Quê? De repente tínhamos um relacionamento?

Cutuquei o pé dele com o meu salto fino e tive seus dedos cravados na minha coxa.

— Que bom, gostarei de vê-la mais vezes. Apreciei o quanto se divertiu ontem.

— Bebi um pouquinho além da conta. — Recuperei minha voz e olhei para o coroa charmoso.

— Bebeu mesmo, mas tem sorte por ter um namorado protetor.

— Nós dois não nam...

Desta vez a repreensão foi dolorosa. Segurei seus dedos para fazê-lo parar de me apertar.

— Sim, cuido bem do que é meu — Saulo cortou bruscamente.

Que clima!

Terminamos de comer o prato principal e depois a sobremesa. Adam e Donnatela escolheram um bom ambiente para preencher a sala de estar e voltamos a nos acomodar.

— Eveline, você pode me mostrar onde fica o banheiro? — Joan pediu, e prontamente a guiei até o banheiro mais próximo.

Ela pediu para que eu entrasse junto e fechou a porta. Achei esquisito, mas mulheres iam no banheiro juntas, não é?

— Serei clara e espero que não me interprete mal.

Assenti com a cabeça.

— Vocês topam fazer uma troca de casal? Greg está louco para te comer, e confesso que o seu namorado me deixa molhada só de olhar.

Engoli a seco, incrédula e mortificada com a obscenidade da mulher.

— Nós não fazemos isso.

— Ah... não diga isto, ruiva! Nós podemos nos divertir. Seu corpinho é delicioso, eu adoraria chupar seus peitos, enquanto Greg monta em você. — Ela se aproximou, fazendo-me prender o fôlego.

— E-e-eu não gosto de mulheres — gaguejei, começando a tremer.

Ouvimos toques na porta, que fizeram Joan parar as insinuações. Nós nos entreolhamos, e novamente bateram.

— Eveline. — Era a voz de Saulo.

Abri a porta, saí e fechei rapidamente. Arfante, o abracei me sentindo aliviada.

— Suba — mandou.

— Por quê?

Cruzamos nossos olhares, ele parecia atormentado, furioso.

— Suba e tranque a sua porta.

— Mas me fala, o que foi?

— Vou ensinar esse filho da puta a ter respeito.

— Você ouviu o que Joan propôs?

— Suba, Eveline!

Ouvimos a porta do banheiro destrancar e voltamos juntos para a sala. Eu não sabia o que falar. Vi Adam cochichar no ouvido de Donna e em seguida a mesma me seguiu na direção da escada.

— Você sabe o que aconteceu? — ela perguntou, tão confusa quanto eu. — Monteiro pediu para eu subir e me trancar no quarto com você.

Preocupada, eu não a respondi. Entramos no quarto de hóspedes, e tranquei a porta como Saulo ordenou.

— Eu conheço o Monteiro há duas semanas, você pode me falar o que está acontecendo? — Donna insistiu, inquieta.

Andei pelo quarto com as mãos na cintura, tentando entender o que Saulo faria. Se ele tivesse escutado a parte em que Joan disse que o Greg queria me "comer" e "montar em mim", aquilo não acabaria bem. Eu só não sabia a intensidade do que estava por vir, eu não tinha noção de que as atitudes de Saulo em momentos de desequilíbrio podiam ser tão drásticas, até ouvir a gritaria vindo do andar de baixo e em seguida o estrondo de um tiro.

Donna avançou na porta e tentou girar a chave para sair, mas eu a segurei.

— Calma! Calma! Não vamos sair daqui. Espera! — Mantive minhas mãos em seus ombros.

— Isso foi um tiro, Eveline? Eles são loucos? Me deixa sair daqui!

— Os ânimos estão exaltados, vamos esperar.

— Esperar? Você é louca igual a eles! — Os olhos castanhos pareciam saltar das órbitas. — Eu quero sair dessa casa.

Donna continuou em estado de choque, guiei ela até a cama e a fiz sentar. Agachei em sua frente e apoiei minhas mãos nos joelhos dela.

— Joan propôs uma troca de casais, ela disse que Greg quer me "comer". E pelo jeito Saulo ouviu... É a única coisa que eu sei.

— E aí ele reage atirando?

— Eu realmente não sei, Donna. Só sei que ele e Monteiro são muito geniosos. Saulo nos mandou esperar aqui dentro e faremos isso. Não vamos arriscar.

Não foi possível decifrar os gritos que vinham de baixo, mas a maioria deles era de Joan. De repente o silêncio abrandou a situação. As mãos de Donna tremiam sobre as minhas. E mesmo tentando manter o controle, eu estava tão perdida quanto ela naquele momento.

— Donna, ruiva! — Ouvimos a voz de Monteiro do outro lado da porta e eu me aproximei. — Podem sair.

— O que está acontecendo? — Averigui antes de destrancar.

— Confie Eveline, podem abrir!

Virei a chave e Donna correu como um flash para os braços de Adam. Me apressei até as escadas e vi Saulo nos primeiros degraus, estava inteiro e sem qualquer ferimento.

— Eles foram embora — avisou tranquilamente.

— Aquele barulho foi um tiro?

— O desgraçado entrou na minha casa e queria te comer. Eu só quis ensiná-lo a não colocar os olhos na mulher de outro homem.

Estática, permaneci com a mão no corrimão. Saulo subiu na minha direção e surpreendentemente me envolveu em seus braços, me apertando no seu corpo.

— Alguém se machucou?

— Eu atirei pro alto, Eveline. Não sou idiota de matar alguém assim, por mais que o filho da puta merecesse.

— Meu Deus — sussurrei, com a boca encostada no ombro dele.

— Você precisa parar de acreditar na bondade das pessoas, minha linda.

Senti Saulo beijar meus cabelos e me apertar ainda mais em seu abraço.



EVELINE



Parei na porta ao ver o homem sem camisa, sentado de costas para a entrada do quarto. Suas mãos cravadas no colchão realçando as veias encorpadas dos braços fortes, e a cabeça baixa, revelaram que algo estava errado. Observando a cena, eu pensei que invadiria o espaço dele se entrasse, então hesitei.

— Não consegue dormir? — Ele sempre notava a minha presença.

— Foi a primeira vez que ouvi um tiro — contei.

— Entre. — Fiz o que ele pediu e sentei-me atrás de seu corpo. — Durma aqui, vai se sentir mais segura.

— Mas e você?

— Não tenho sono — reparei no sorriso melancólico e admirei o perfil de seu rosto.

Pela primeira vez reparei de perto nas cicatrizes esbranquiçadas e saltadas em suas costas, entre elas, o símbolo grande tatuado centralizava-se na linha da sua coluna.

— Criou suas teorias? — perguntou com o costumeiro humor sarcástico.

Ele me olhou por cima do ombro, neguei com a cabeça e ousei passar os dedos tocando as marcas salientes.

— O que fizeram com você?

— Meu progenitor não gostava de ser contrariado.

Não consegui ocultar o pavor, ao saber que a violência partiu do seu próprio pai.

— Fui uma criança burra, demorei para entrar no jogo dele.

— Não existe criança burra, existe adulto covarde.— Apertei meus lábios, empurrando a saliva travada na garganta e me aproximei mais. Envolvei os braços no seu corpo, encostei o rosto nas suas costas, senti a pele febril e o cheiro deliciosamente masculino. — Você tinha nove anos quando ele fez isso?

Lembrei do que Adam me contou e arrisquei perguntar a ele assentiu com a cabeça.

— Depois com dez, com onze, doze, e assim por diante.

Saulo descruzou minhas mãos de seu abdômen e entrelaçou nossos dedos de ambas as mãos. Abalada, não me movimentei. Fechei meus olhos e me concentrei em ouvir as batidas fortes do seu coração.

— Me pergunto o que fiz para ele nutrir tanto ódio por mim e não ter respostas me torna cada vez mais o filho frustrado da puta.

— Me perdoe Saulo, eu sei que não é fácil e que não consegue enxergar com a mesma clareza, mas nenhum ser humano em seu juízo perfeito agride uma criança. E eu sinto que mesmo criando suposições, as respostas nunca te satisfarão, porque afirmo com plena consciência, não existe motivo plausível para ferir a integridade física de uma criança.

Saulo passou o braço nos olhos e expirou o ar com força. Depois virou de frente para mim e colocou as mãos no meu rosto, me intimidando com suas duas esmeraldas.

— Você acha que eu exagerei?

— No que? — Ergui a sobrancelha.

— Em ter apontado o revólver para o coroa bonito.

Ri do apelido e balancei a cabeça, cobrindo o rosto com as mãos.

— Deus! Que loucura!

— Exagerei? Não tenho muito parâmetro.

— Você não tem nenhum parâmetro, Saulo. É claro que exagerou.

— Mas porra, o desgraçado vem dentro da minha casa pra falar que quer te comer?

Avaliei a expressão indignada dele e cerrei os olhos.

— E posso saber que história é essa de termos um bom relacionamento a distância?

Saulo deu de ombros e ameaçou levantar-se da cama, porém eu o puxei de volta.

— Ele se intrometeu na sua vida pessoal.

— Ele só perguntou se eu voltaria logo para cá.

— E o que o filho da puta tem a ver com isso?

— Você tem ciúme de mim — afirmei convicta.

— Não tenho.

— Tem sim, se morde de ciúme. "Cuido bem do que é meu" — imitei a voz arrogante, me divertindo com a prova.

Saulo veio com o corpo sobre o meu e segurou meus pulsos para trás da cabeça. Eu acompanhei quando ele lambeu o próprio lábio e prendeu o inferior sem tirar os olhos dos meus. Depois o homem analisou o meu rosto e descaradamente estimou os meus seios no decote da camisola.

— Você está merecendo um castigo bem dado.

Sorri com o rosto sob o dele e mordisquei minha boca.

— Castigo sexual não é uma opção.

— Está regulando a boceta?

Tive que rir.

— Você é muito depravado.

— Você também é, só não descobriu ainda. — Saulo encostou o nariz no meu pescoço e depositou um beijo na minha pele.

Ele pressionou o corpo no meu confirmando que estava duro e eu remexi o quadril. Fechei meus olhos para criar coragem e sussurrar:

— Eu estou lisinha, Saulo. Como você gosta.

Ouvi o gemido reprimido e senti sua mão escorregar da barriga para a minha intimidade. Me soltei e segurei seu pulso com firmeza.

— Não. — O encarei dentro dos olhos.

Ele riu e mexeu a cabeça. Saulo me pegou brutalmente e me posicionou de bruços, uniu meus braços e os prendeu de novo, tornando-me completamente vulnerável. Seus dedos vagorosamente subiram a seda do meu pijama e expuseram o meu bumbum. Senti o peso parcial do homem grande sobre minhas pernas, que impediu de me mover.

Saulo encaixou as mãos cobrindo as duas bandas da minha bunda, e então apertou fortemente.

— Seu rabo cabe perfeitamente nas minhas mãos — comentou.

— Saia de cima de mim!

O maldito sorriu quando olhou na direção do meu rosto e negou com a cabeça. Ele colocou a minha calcinha para o lado e passou o dedo pelo meio, depois explorou meu púbis e gemeu de novo.

— Caralho — praguejou baixinho ao certificar que não tinha mais pelos.

Eu gostei daquela reação, mas não era o suficiente para me fazer ceder. Disfarcei a expressão, querendo esconder o quanto já estava excitada, mas minha vagina não contribuiu. Saulo percorreu o dedo entre os lábios dela e provou minha lubrificação, olhando-me todo convencido.

Ele deitou o tronco sobre minhas costas e afastou meus cabelos, então tocou minha nuca com o calor dos seus lábios e percorreu beijando meu pescoço e meus ombros. Ofeguei, enraivecida por ser tão louca pelo corpo dele. Tentei apertar minhas coxas por sentir meu clitóris pulsar, mas ele as afastou com o joelho e encaixou aquela arma potente em mim, nos separando somente pela sua calça de moletom. Saulo fechou o punho nos meus cabelos e continuou adormecendo minha consciência com beijos quentes por todo meu pescoço e ombros.

— Apague as luzes, por favor — pedi, conformada com o que

aconteceria.

— Você desfilou pelada ontem — argumentou.

— Apague as luzes — mandei irredutível.

Ele cedeu em partes, porque só reduziu a iluminação deixando as luzes mais baixas. Mas estava bom. Depois andou pelo quarto até pegar um controle de som e escolher uma música sensual que preencheu o ambiente, com a letra que dizia:

"Começou com conversas no telefone. Eu voei para vê-la, e estava chovendo lá fora. Nós nos sentamos junto a água e falamos sobre a vida. Você disse que perdeu seu pai, garota, e eu sei como se sente. Eu perdi minha mãe e ainda tento lidar com isso. Eu acho que nos conectamos pelo ódio por pílulas. É real, eu tenho você em minha mente, amor. Eu tenho você na minha mente. Você me fez pensar em coisas que nunca pensei. Eu não sou do tipo de telefone, eu prefiro estar com você. Às vezes me privo de dizer que sinto sua falta, mas eu sinto sua falta. Eu tenho que admitir, nessa estrada eu fico sozinho, mas você me faz sorrir toda vez que me liga, você deixa eu ser eu mesmo, você não me controla. Deitado em minha cama, eu estou olhando para o teto, eu só quero saber se você sente o mesmo que estou sentindo. Eu tenho você em minha mente sim, então me diga qual é o problema. Eu sou um homem de palavra, acredite garota. Sou um livro fechado, mas você aprendeu a lê-lo. Sei que deveria relaxar, odeio a maneira como reajo, pensando que eu sou bom... mas você sabe que eu estou prestes a recair."

— Fique em pé — ordenou baixo.

Obedeci. Ele rodeou o meu corpo, me examinando. Suas mãos pegaram a barra da minha camisola e então ergui os braços, permitindo-o tirá-la. Saulo ficou na minha frente e agachou. Estremeci toda arrepiada, quando pousou um beijo na minha barriga e deslizou os lábios nos ossinhos saltados do meu quadril, ajoelhou perante o meu corpo e abaixou a calcinha até meus pés. Saulo lambeu os lábios e mirou meus olhos.

— Abra as pernas.

Acatei e tive que me apoiar em sua cabeça quando senti a boca encostar pouco acima do meu clitóris. Saulo cheirou minha pele e lambeu lentamente

minha virilha. Emaranhei os fios negros e macios nos meus dedos e afastei mais as pernas.

— Isso — sussurrou satisfeito. — Ficou uma delícia lisinha, Eveline.

Saulo se levantou deixando-me intimidada com a grandeza do seu corpo, então dei passos para trás. Ele me fez cair na cama, cercou meu pescoço com a mão e me empurrou para o meio da cama, em seguida desceu espalhando beijos de língua nos meus seios e barriga.

Umedeci minha boca e a comprimi, completamente sedenta. Flexionei as pernas ao senti-lo abrir meus pequenos lábios, e bater a pontinha da língua repetidas vezes no meu clitóris sensível, prendeu-o entre os lábios e sugou, levando-me a um paraíso particular. Apertei os pés no colchão e os dedos das mãos no cabelo dele. Saulo aumentou a tortura quando introduziu dois dedos e os encurvou em mim, atingindo diretamente o meu ponto de prazer.

Tentei empurrá-lo, porque não estava aguentando mais, minhas pernas começaram a bambear e parecia que a qualquer momento eu explodiria escandalosamente. Mas Deus! Estava tão bom, ele era tão experiente, sua boca tão gostosa e a língua certa me enchando inteira... Deus! Meu ventre entrou em ebulição. Sentindo a pressão se acumular, eu forcei o rosto dele na minha vagina, queria mais, mais rápido, mais forte e intenso, eu só queria mais, e ele me deu. Tremi inteira sem conseguir manter os olhos abertos. Quis censurar meu grito, mas ficou impossível quando Saulo imobilizou minhas coxas e continuou com a boca colada no meu clitóris, sugando-o tão precisamente que parecia atear fogo.

O rosto diabolicamente fascinante, ergueu-se depois que consegui recuperar o fôlego e parar de tremer. Inclinei o corpo para admirá-lo melhor e balancei a cabeça. Como podia? Ser tão lindo, gostoso e fazer mágica com a língua? Puta merda!

Vi o homem subir no meu corpo e lambear a boca.

— Fico louco quando goza na minha boca.

Saulo me beijou agressivamente e pegou na minha nuca, puxando meu cabelo junto. Ele largou meus lábios e ficou olhando-os. Senti a cabeça grossa do seu membro tentar abrir espaço, eu estava tão molhada que ele escorregaria facilmente para dentro, mas a lembrança de ter sido negada me

impediu de ceder.

Olhando dentro dos olhos dele enquanto o sentia me invadir, eu percebi: eu estava sendo pregada na cruz pelo próprio diabo.

Coloquei minhas mãos em seu peito e o afastei, esmagada por uma vontade absurda de chorar.

— O que foi? — franziu o cenho ao me perguntar. Ele percebeu que era sério e então saiu de cima de mim. — Eu te machuquei?

— Desta vez quem não quer sou eu.

Sentindo as linhas d'água escorrerem nas laterais do meu rosto, as sequei e me sentei. Era a primeira vez que eu via preocupação em seus olhos, mas não foi o suficiente para me convencer. Nossos sentimentos eram muito desproporcionais.

Ele era um criminoso, impossível de lidar. Suas cicatrizes evidenciavam seus traumas, enquanto a alma esfaqueada reagia tratando-me com frieza e crueldade.

O medo pela primeira vez transbordou pelos meus olhos, me corroendo por saber que eu não poderia curá-lo, não poderia salvá-lo de toda a dor.

O que uma mulher fraca, que conheceu o amor ainda pequena, em sua forma mais simples e leve, poderia fazer por alguém inteiramente maltratado, torturado? Eu não era páreo para juntar todos os pedaços dele, talvez ninguém fosse.

Saulo continuaria sendo o homem atormentado e perseguido pelos próprios fantasmas.

— Me diga o que eu fiz garota — insistiu ao me assistir levantar da cama e vestir minha calcinha.

Movi a cabeça em negação e evitei seu olhar. O homem nu parou na minha frente e apoiou meu queixo fazendo-me encará-lo.

— Eu preciso saber se te machuquei, da próxima vez faremos diferente ou...

— Saulo... — O simples gesto de colocar as mãos em seus braços o assustou. — Você não me machucou. Acredite, nem tudo é sobre sexo.

— Então me faça entender porque está chorando. — Ele parecia atordoado, como se ver uma mulher chorando fosse coisa de outro mundo.

Neguei com a cabeça outra vez e abaixei para pegar minha camisola, Saulo me fez parar segurando meus ombros com força.

— Não faça isso, Eveline. Eu quero saber o que te fez ficar assim. Foi por causa da briga de hoje, o tiro? Você ficou constrangida porque a vagabunda propôs que você trepasse com aquele filho da puta? — Ele não tirou os olhos aflitos dos meus. — Você está arrependida de ter se entregado para mim — concluiu, completamente tenso.

Por um breve momento eu senti o arrependimento entranhar com força em mim, considerando que tudo deveria ter sido mais simples. Eu tinha Dimitri, que era um amigo de anos, um homem exemplar e apaixonado por mim. Por que eu tinha me enfiado naquela situação?

Revivi em frações de segundos as cenas em que Saulo me deixou sem justificativas, que ele me negou e as incontáveis vezes que foi frio e indiferente, principalmente no dia em que ele tirou minha virgindade. O choque de realidade me abateu e eu desejei voltar atrás.

Porém, mesmo consciente de toda a loucura que eu estava metida, o sentimento avassalador que Saulo despertou permanecia intocado. E mesmo que eu desejasse, não tinha como arrancá-lo do meu coração.

— Só estou com medo, Saulo — sussurrei.

— Medo de mim, Eveline?

— Medo do estrago.

Saulo se aproximou e me envolveu em seus braços, ele encostou os lábios no meu cabelo e me apertou.

— Você está me abraçando agora e pode ser que amanhã você me evite o dia inteiro.

— Ontem você ficou o dia todo fora — disse baixo — e eu fiquei doido sem saber de você. Eu posso não ser o melhor homem, o mais carinhoso, mais paciente ou gentil, nem ter a melhor conduta, mas me importo com você garota. Então por favor, me ajude a ser melhor, porque eu não quero te destruir.

Fechei meus olhos e senti meus lábios tremerem, anunciando o pranto que veio forte.

— Você precisa entender que eu não sou sua inimiga, não estou aqui para te ferrar e com isso, preciso que você se desarme o quanto puder. Eu não tenho medo do que te assombra, não tenho medo de você... Eu tenho medo de onde o que eu sinto por você pode me levar, tenho medo de me afundar. Eu não posso fazer dar certo sozinha, Saulo.

— Eu acho que também gosto de ter você... — Saulo passou a mão nos meus cabelos e beijou o topo da minha cabeça.

— Então demonstre o mínimo que seja, por favor.

Ele me soltou e encarou meus olhos.

— Como demonstro sentimentos que eu mesmo não entendo?

— O primeiro passo é a confiança e eu te provarei que pode ter em mim. — Segurei as mãos dele e trouxe pra minha boca, deposei um beijo sem descruzar nossas íris. — O segundo passo é saber que sentimentos bons não machucam, não humilham, sentimentos bons curam.

— E como é isso na prática?

— Bom... Você disse que não é carinhoso e não tenho dúvidas disso. — Sorri, fazendo-o sorrir também. — Mas eu sou. — Dei de ombros. — E posso te mostrar isso. Quem sabe sentindo um pouco de carinho, você não aprende a praticar.

Saulo balançou a cabeça e passou os polegares no meu rosto para terminar de secá-lo.

— Você é louca.

— Estou ficando.

— Sou o culpado?

— É — respondi com certeza, e ele riu. — Vamos colocar em prática.

— Não podemos terminar o que começamos?

Olhei para baixo e mordi o próprio lábio ao ver o belo e enorme objeto de prazer ainda bem acordadinho.

— Não, não podemos. Nem tudo se resume a sexo, Saulo.

— Acabamos de passar por esse clima ruim e estamos nos reconciliando, dizem que a melhor forma de reconciliar é trepando.

Revirei meus olhos e o empurrei na cama, ele caiu sentado e eu fui para o banheiro.

Lavei meu rosto e esfriei minha nuca com a água também. Não ia fazer sexo com ele.

Sentei-me encostada na cabeceira e esperei que o homem tomasse dois comprimidos da caixinha que ficava no criado-mudo, ao lado da cama.

— Venha — bati nas minhas pernas.

— Sabia que não resistiria.

Revirei os olhos outra vez.

— Hoje você vai dormir no meu colo — expliquei.

— Ah não... Não estou com sono — resmungou.

— Impossível. Nem vampiro fica tanto tempo acordado quanto você. — Bati nas minhas coxas de novo. — Venha.

Saulo relutou emburrado, mas por fim cedeu. Dei graças a Deus que antes de vir deitar ele colocou a calça de moletom, porque seria uma tortura assisti-lo todo nu deitado em mim.

Ele começou a acariciar minhas pernas, percorrer minha pele com os dedos e tentar entrar com os dedos entre minhas coxas, eu bati em suas mãos e continuei mexendo nos fios pretos macios.

— Vocês vão para a Rússia mesmo? — perguntei quando o homem já estava com os olhos fechados, ele assentiu, eu continuei pensando e acariciando o cabelo cheiroso. — Quero ir junto — concluí.

Saulo abriu os olhos e vincou as sobrancelhas.

— Não.

— Posso ser útil de alguma forma, Marco Sartori gostou de mim.

— Não, não vou permitir.

— Eu posso ser útil Saulo, quero muito que consiga reencontrar a Safira.

— Ele quis te estuprar, Eveline.

— Você me colocou como isca — falei com calma para não gerar briga — e ele caiu.

— Eu fui inconsequente porque não me importava com você.

— Mas agora você se importa e eu sei que se planejarmos poderemos chegar perto dele.

— Monteiro conseguiu que o velho nos convidasse para um jantar na residência dele.

— O Adam o que? Conseguiu um jantar na casa dele? — Fiquei eufórica. — Então Saulo! Mais do que meio caminho, me deixe ir e te ajudar, por favor? Eu posso mesmo ser útil, por favor, também quero a liberdade da sua irmã.

Ele me olhou desconfiado, ponderando a situação e respirou fundo.

— Se eu e Monteiro formos e tudo der errado, as coisas permanecem do mesmo jeito. Mas se você for e tudo der errado, eu fico sem minha irmã e... corro o risco de perder você.

Meu coração bateu mais forte, e a tempestade formada em seus mirantes verdes, impediram que eu continuasse insistindo.

Mais, em média, trinta minutos pensativo e então o homem agarrado em minhas pernas pegou no sono. Me ajeitei sem acordá-lo, posicionando dois travesseiros nas minhas costas e peguei meu celular para ler. Tentei manter os olhos abertos o máximo que pude, já que não era seguro dormirmos juntos, mas minha vista cansou e meu corpo se entregou ao sono.

Tive pesadelo no qual Saulo me enforcava, como realmente havia acontecido. Acordei assustada, e me acalmei quando vi que tudo permanecia do mesmo jeito. Ele dormia tranquilo nas minhas coxas, com os braços fortes e as costas musculosas a mostra, fazendo-me suspirar.

Eu tinha dormido duas horas, mas não me sentia cansada. Continuei a leitura, e terminei o livro no amanhecer do dia. Com o maior cuidado para não o despertar, me levantei e fiz a higiene matinal, não queria que ele acordasse e desse de cara com o meu bafo matinal.

Quando me sentei e o acomodei de volta, ele esfregou os olhos com preguiça, ligeiramente confuso ao olhar para as minhas pernas e depois para o meu rosto, eu sorri diante da carinha de sono.

— Não acredito que ficou assim a noite inteira.

— Bom dia, caçador.

Saulo me fulminou com os olhos e me puxou pelas pernas, fazendo-me deitar. Logo veio sobre mim, espalhando beijos pelo meu pescoço e encaixou-se em mim.

— Porra, que mulher cheirosa. — Me senti prestes a ser devorada. — Não aguento mais um dia Eveline.

Ele impulsionou o quadril no meu e puxou-me pelos cabelos para torturar meu pescoço. Eu também não aguentaria mais um minuto, nem um segundo, então me entreguei, com toda a vontade concentrada entre minhas pernas.



33

EVELINE



Saulo saiu para a consulta com o psiquiatra depois de transarmos por duas horas seguidas, após ter me enlouquecido com o oral dos deuses e me fazer chegar no paraíso. O homem tomou seu banho demorado, para se livrar do suor das horas trabalhadas, em que montou em mim feito um animal feroz e então foi para o consultório.

Ele havia me deixado amolecida na cama, com o corpo cansado o bastante para adormecer em poucos minutos. Acordei assustada, visualizei o relógio, ainda era cedo, mas me apressei para colocar a primeira roupa que encontrei, era a camiseta preta básica de Saulo, que servia para cobrir minhas coxas. Tentei amaciar meus cabelos bagunçados e desisti depois de meia hora na frente do espelho, então os preendi com um coque alto no topo da cabeça e desci para a cozinha.

— Bom dia, Mada. — Beije seu rosto.

Eu estava feliz, era o efeito de Saulo sobre mim, aquela dose intensa de sexo matinal havia me deixado disposta e me sentindo ótima para encarar o restante do dia, o último dia na Irlanda.

— Bom dia menina. — Ela sorriu, nitidamente sem jeito diante do carinho. — Está com fome?

Passei a mão na minha barriga e nós a ouvimos roncar.

— Pelo jeito sim. — Madalena deu risada e eu me sentei no balcão.

— Saulo já voltou do médico?

— Não sei, Eve. Cheguei agorinha mesmo, tive que ir ao mercado para fazer a compra da semana.

Aceitei o café fumegante e assoprei para poder encostar os lábios na xícara. Comi as torradas caseiras com queijo e conversei trivialmente com a governanta.

— Eu não queria que você fosse embora — confessou baixinho.

— Se tudo der certo, eu estarei de volta antes mesmo que sinta a minha falta.

— Já estou sentindo. — Mada respirou fundo e eu tive que descer da banqueta para abraçá-la.

— Me avise quando for arrumar a mala, para que eu possa te ajudar.

— Meu voo é no final da noite, temos o dia inteiro. — Terminei de beber o café e saí.

Voltei para o quarto de Saulo e fiquei parada, analisando o ambiente masculino. Eu sentiria saudade também, com certeza. Não sei se deveria, mas atrevidamente decidi entrar no closet para conhecer o restante do aposento e fiquei deslumbrada. O homem tinha muito mais roupas e sapatos do que eu, relógios caríssimos expostos nas prateleiras de vidro, gravatas meticulosamente guardadas e caixas para manter a organização do espaçoso lugar. O cheiro dele exalava, misturado ao de roupas limpas, fazendo-me tocar em algumas peças para inalar ainda mais o perfume gostoso.

Vi sensores nas gavetas e resolvi passar o dedo, eu sempre fui curiosa, mas nunca bisbilhoteira, porém, tudo que o envolvia me despertava a ânsia de descobrir o máximo que podia. Muitos envelopes na primeira gaveta e é claro que eu não fuçaria... Na segunda tinham cuecas — somente pretas, brancas e cinzas — na terceira mais relógios lindíssimos, na quarta e última um revólver chumbo, outro prata e outro preto. Meu sangue gelou, no entanto não foram as armas que me atordoaram e sim os mesmos envelopes brancos que encontrei no chão do quarto quando cheguei, que tinham escritos em seu verso: "*Despedida, para Safira*", e "*Despedida, para Benício*." Toquei ambos os papéis e ouvi passos próximos quando mencionei de abri-los.

— Não faça isto, Eve — a governanta me repreendeu, deixando-me constrangida. — Não encontrará nada bom.

— Quem é Benício? — Levantei a carta para que ela pudesse ver.

Madalena respirou fundo e se aproximou, ela fechou as gavetas e me guiou para fora.

— Não procure por mais problemas, porque com certeza você encontrará.

— Me diga quem é Benício, por favor?

— Eu sinto muito, mas não posso. — Ela parecia sentir mesmo.

— Então só me fala... Despedida do que?

O olhar maternal e melancólico em relação a Saulo se conectou no meu, ela passou as mãos nos meus ombros e depois segurou as minhas mãos.

— Vamos descer menina, quero que me ajude a escolher o almoço.

— Madalena, por favor...

Ela me censurou negando com a cabeça e então eu parei de insistir, mas não havia desistido de descobrir. Eu conversaria com Saulo e tentaria desvendar mais coisas sobre ele, mesmo que houvesse brigas no meio disto, queria que ele confiasse cada vez mais e se sentisse seguro comigo.

Vi o segurança Luiz passar com Carlos pela antessala, na direção da porta dupla de entrada, ambos vestidos com ternos pretos. Assimilei que Saulo já havia retornado, então fui na direção de seu escritório e bati na porta, sem resposta, resolvi abrir. O que veio em seguida fez a minha garganta travar.

Alma estava sentada na beirada da mesa comprida e de madeira escura, com as pernas flexionadas e abertas para Saulo, que estava em sua cadeira. A mulher vestia uma saia, mas estava nua do quadril para cima, e com os peitos empinados e perfeitamente siliconados a mostra. Saulo pousava a mão direita em sua coxa grossa assistindo à exibição erótica da mulher.

Ele me olhou assustado e se levantou rapidamente da cadeira — que mais parecia um trono — e veio na minha direção, ela fechou as pernas e desceu da mesa. Dei passos para trás, mantendo distância daquela sujeirada.

— Vista a sua roupa, porra! — A autoridade grosseira em sua voz fez Alma ter um sobressalto.

Não conseguia me mover, não conseguia falar, eu não conseguia respirar.

-

SAULO

Maldita seja! Minha irmã e Benício podiam morrer se eu estivesse mentindo que, eu e a cadela não estávamos fazendo nada. Maldito minuto que Eveline resolveu abrir a porta. Foi a porra do lugar errado, na hora errada.

Eu havia mandado mensagem para Alma, dizendo que marcaríamos para termos uma conversa definitiva e então a mulher apareceu sem ser convidada, na minha casa. Ela tinha acabado de entrar no meu escritório, Luiz até quis tirá-la, mas eu fui um imbecil de dizer para o meu segurança que eu mesmo resolveria com a filha da puta. Parece cômico e uma daquelas mentiras mais descaradas, mas eu só encostei nela para fechar suas pernas e fazê-la descer da minha mesa.

Sacanagem! Quantas lições o Deus todo poderoso ainda pregaria na minha vida? Eu só podia ser o próprio diabo para ser tão castigado pelo Desgraçado.

— Eveline, nós dois não estávamos...

— Estaríamos se a caipira não tivesse interrompido. — Alma terminou de abotoar a camisa social branca e passou as mãos na saia. — Que bonitinho, a chifruda está vestindo a camiseta do namorado traidor — provocou.

Fechei meus olhos me contendo para não calar a boca dela com o peso da minha mão, quando os abri, não consegui sequer repreender a mulher, porque os olhos de Eveline continuaram cravados nos meus, cheios de tristeza e decepção. Ela não disse nada, não se mexeu, só manteve as íris fixas nas minhas.

— Vá embora agora, Alma! — ordenei entredentes, sem desviar o olhar da garota na minha frente. — Nós não estávamos fazendo nada, Eveline. Eu disse que queria conversar, ia fazê-la parar de insistir — expliquei baixo, somente para a garota inerte na minha frente ouvir. — Fale alguma coisa, por favor... — olhei para trás e ordenei outra vez: — Vai embora Alma.

— Antes eu preciso falar algumas coisinhas... — A mulher preterida

prende os cabelos loiros em um rabo de cavalo, ficou na frente de Eveline, impondo presença por ser mais alta que a ruiva e eu rapidamente cobri a boca dela com a mão, impedindo-a de envenenar a rival.

Alma tentou se livrar, mas eu a segurei.

— Suba, Eveline. Ela vai embora agora — falei.

A puta revoltada impulsionou o cotovelo para trás e acertou meu estômago, fazendo-me recuar.

— Coloque a mão em mim de novo e eu chamo a polícia, seu merda! — Alma vociferou. — Você é corna, querida. Lembra o dia em que entregou sua valiosíssima virgindade? Sinto em te dizer que foi uma merda para o garanhão aqui. Tadinha... não serviu nem para abrir as pernas direito, Eveline. — Fui impedi-la de novo, mas ela gritou? — Eu vou chamar a porra da polícia e contar o que sei sobre você, não encosta em mim porra!

— Que confusão é essa? — A governanta apareceu.

Eveline permaneceu calada, mas passou a encarar a inimiga.

— Chame os seguranças, Madalena — mandei.

— Boneca inflável, foi assim que a apelidou não é, meu amor? — Alma sorriu para mim e voltou a enfrentar Eveline. — Não precisa dizer nada, imagino que esteja constrangida. Olha, Saulo pode te ensinar a ser uma boa fodedora, como me ensina até hoje. Com o tempo você aprende a dar prazer de verdade para ele, aprende a fazer ele te encher de porra, como faz comigo. É só se dedicar. — Ela tocou o queixo de Eveline, que virou o rosto. Foi o momento em que puxei a Alma e fechei a mão, mas o sorrisinho perverso me fez pensar rápido e desistir de esmurrar a cara dela.

Os dois homens chegaram e a pegaram, mas ela relutou e continuou falando:

— Nosso sábado também foi incrível, ele me deixou dolorida de tanto que fodemos!

Madalena parou na frente de Eveline e ouvi ela pedindo para levá-la ao quarto, mas a garota continuou estática, sem emitir um som sequer.

— Ele me trocou por você, e vai te trocar por outra. — Foi a última coisa que Alma disse antes de passar batendo o ombro no de Eveline e sair.

Ela continuou paralisada e novamente encarou meus olhos.

— Eveline, eu não convidei ela para vir aqui hoje, você está aqui... Você vê que não faz sentido?

Realmente, eu não era burro a este ponto. Alma não havia sido convidada, e eu estava disposto a nunca mais vê-la na minha frente, a mensagem que mandei dizia exatamente isto, só precisaria encontrá-la para resolver as questões da empresa da sua família, iria chantagear a filha da puta, dizendo que se não quisesse ver o pai inútil dela fodido, era para ela ficar longe de mim.

Porém, contar tudo não adiantou, claro que não. Eu tinha trepado com a cadela minutos depois de Eveline ter sua inocência arrancada por mim, e depois no dia em que ela preparou um jantar nas melhores intenções para nós dois.

Eveline secou rudemente a lágrima solitária que escorreu em seu rosto, deu as costas e subiu as escadas.

— Deixe-a! — Madalena disse com desprezo.

Passei a mão no meu rosto e baguncei meu cabelo, sentindo o desespero se transformar em ansiedade. Meus batimentos aceleraram, e a sensação de que o coração ia explodir no peito me fez fechar os olhos e respirar fundo repetidas vezes. Minhas mãos tremeram e meu corpo começou a formigar.

— Madalena!

— Você gerou sua própria crise, lide com ela — a governanta pela primeira vez não se apressou para pegar meus remédios.

Porra, que vida infernal do caralho! Eu tinha criado expectativas sobre a terapia que Dr. Weylor propôs, estava louco para chegar em casa e compartilhar com Eveline, vê-la curiosa e inquieta para saber os detalhes da consulta. Ela fazia questão de mim e eu mais uma vez fodi tudo!

O que passava na cabeça dela naquele momento? O que Eveline ia fazer? Passaria, e ela me perdoaria, ela tinha que me perdoar.

Soquei a mesa de vidro escuro atrás de mim e apoiei as mãos na parede, sem conseguir acalmar o rebuliço que esmagava meu peito. Eu não aguentaria esperar.

Subi para um dos quartos de hóspedes que era o dela, e tudo piorou quando a assisti fechando a mala bagunçada de qualquer jeito. Ela não me olhou, caminhou para o banheiro e se livrou da minha camiseta para pôr uma calça jeans, blusa, casaco e botas.

Corri para o banheiro quando vi a garota se abaixar e vomitar na privada. Quis me aproximar, mas ela bateu a porta na minha cara e pelo barulho, percebi que vomitou mais vezes.

— Você está passando mal? Precisa de ajuda? Eveline, fale comigo — pedi, mas não fui atendido. — Porra, nós conversamos e eu realmente quero ser melhor para você.

Ela saiu e continuou muda. Caralho! Eu não sei o que me perturbou mais, achar que era a indiferença, ou quando seus olhos evidenciaram toda a mágoa que eu causei.

Coloquei a mão na sua mala, impedindo que passasse na porta, mas ela puxou com força e saiu na minha frente pelo corredor.

— Fique para resolvermos. — Parei em sua frente e desta vez ela não me encarou, manteve a cabeça baixa. — Seu voo é só às 22 horas.

— Deixe a menina ir — minha governanta disse, atrás de mim. — Anda filho, deixe a menina ir.

— Ela precisa dizer alguma coisa, qualquer coisa — respondi e continuei na frente de Eveline.

— Ela não precisa dizer nada, é você quem precisa respeitá-la agora.

— Me xinga Eveline, me ofenda, grita comigo! Eu quero ouvir a sua voz, nem que seja pela última vez! Fale alguma coisa. — Sacudi a garota e então Madalena interviu, ficando entre nós dois.

Ela passou por nós dois, puxando sua mala e a carregou pela escada, negando a ajuda do segurança. Eveline foi embora sem dizer nada e sem olhar para trás.



EVELINE



Minhas vias lacrimais quase me convenceram que eram orgulhosas, durante toda a viagem se mantiveram bloqueadas e sequinhas, nenhuma lágrima, nenhum sinal de tristeza. A decolagem e o pouso do avião me deixaram muito mais nervosa do que a situação vivida. Passei o dia inteiro sentada na sala de espera privada do aeroporto, não comi, não conversei com ninguém, não atendi as ligações da minha mãe e minha irmã, nem mesmo as mensagens que perguntavam a hora que eu chegaria no dia seguinte. Mais doze horas de viagem e mais uma e meia do aeroporto de Seattle para o meu apartamento. Cheguei com o corpo cansado, e acreditei que minha mente estava em estado de choque.

Tomei banho, desfiz a mala e a mochila, tudo meio no automático e quando me sentei na minha cama, comecei a chorar. Chorei tanto, tomada por dores em partes do meu corpo que eu nem lembrava existir. Chorei durante as quatro horas que eu poderia ter descansado, antes de voltar ao trabalho no hotel. Sentia-me dilacerada, fracassada e muito humilhada.

Retoquei a base e corretivo três vezes, porque o choro incessante continuou estragando a maquiagem. Passei rímel e delineador para disfarçar o inchaço nos olhos. Vesti meu uniforme social, calcei os saltos finos, peguei a chave do carro e apaguei as luzes do apartamento. Desci as escadas, compassando minha respiração e travando o choro na garganta.

As horas se arrastaram lentamente, minha cabeça não se concentrava no ambiente de trabalho e a sensação de não estar presente ali e em mais nenhum

lugar do mundo, me assustava. Minha mente não parava de rodar, lembrando-me exatamente das palavras da mulher amarga e sendo capaz até de ouvir a voz dela proferindo cada insulto.

Voltei para meu apartamento por volta das seis da manhã, tomei banho e finalmente dormi. Os toques do meu celular me acordaram, anunciando que era Mariana. Desliguei as duas primeiras ligações, mas ela não desistiu, então resolvi atender.

— Por que nunca atende? Quando você morrer ninguém vai ficar sabendo, Eveline? — Primeiro veio a bronca. — Vem almoçar na minha casa, Bell e Tom estão com saudades da tia deles. — Conhecia minha irmã o suficiente para saber que ela também queria me ver, mas não admitiria.

Olhei no meu pequeno relógio do meu pulso e vi que eram onze e meia da manhã.

— Chego daqui uma hora — avisei.

— Quer comer algo em especial? Peço para Valentim. — Sorri, porque mesmo brava ela era carinhosa.

— Não se preocupe comigo Mari.

— Certo, eu escolho então.

Olhei para os lados, vendo o meu quarto preenchido pelo vazio, assim como eu. Sentia-me vazia, porém a vontade de chorar tinha ido embora. Só podia ter acabado a água do meu corpo, por causa do dia anterior.

Me troquei rápido e quando já estava no carro, o meu celular tocou outra vez. Peguei praguejando contra Mariana, por ser tão apressada, mas então qualquer resquício de ânimo foi derrubado pela onda de angústia, que Saulo conseguiu trazer com uma simples ligação.

Soltei meu celular como se queimasse nas mãos, me recusando a atendê-lo. Jamais! Eu não o veria nunca mais, não ouviria mais sua voz e muito menos conversaria com ele. Bloqueei o número para não receber mais ligações e nem mensagens.

Segui para a casa dos meus sobrinhos e foram eles que abriram a porta, a caçula agarrou minhas pernas enquanto o mais velho abraçou-me pela cintura.

— Trouxe presentes — anunciei e eles comemoraram. — Mas primeiro quero muitos beijos, porque estou com muita saudade de vocês dois... de vocês três. — Sorri para a Sol, filha de Charlotte, que já estava entrando na pré-adolescência e ela também veio me recepcionar com um abraço.

— Para mim não precisa tia Eve, muito obrigada — a garotinha, que já não era tão garotinha assim, disse educadamente.

— Depois se a sua mãe e o seu pai autorizarem, eu te deixo escolher um batom meu, o que acha?

Ela se empolgou e me deu um beijo na bochecha. Sol adorava minha coleção cara de batons e eu pouco usava, por isso sempre a presenteava com eles.

Vi minha irmã entrar na sala e me analisar em silêncio, a seriedade e maturidade dela me amedrontavam um pouco, principalmente quando eu sabia que tinha errado e eu nunca havia cometido um erro tão grande como ter dado uma chance a Saulo, o homem que foi cúmplice na quase morte da minha irmã, na morte do meu primeiro sobrinho e que quase detonou a família dela. Saulo era o maior erro da minha vida.

— Tudo bem, Eveline?

Engoli a verdade e a escondi atrás de um sorriso.

— Tudo bem e você, Mari? Como estão as coisas?

Ela se aproximou e me examinou devagar, sem nem disfarçar.

— Ficamos preocupados. Ele não te machucou? — perguntou baixo, aproveitando que as crianças estavam distraídas.

A área arroxeadada no meu rosto e o lábio sutilmente cortado, já tinham se recuperado totalmente, não havia sinal da mão de Saulo.

Neguei com a cabeça, e dei risada como se aquilo fosse absurdo.

— Você ficou sem celular? — Ela se afastou e andou na minha frente, na direção da cozinha.

— Fiquei, perdi... na balada.

Mariana foi para atrás do balcão do lado do marido e assentiu com a cabeça.

— Perdeu na balada — repetiu baixo, totalmente descrente. — Bebeu demais então?

— Conheci um casal de amigos, Steph e Alec, fomos para a balada e eu extravasei. — Sentei-me na banquetta, porque minhas pernas estavam tremendo. Eu não era boa com mentiras e Mariana era ótima em desvendá-las.

— Mas a casa que você ficou é de Saulo? — Ela não me olhou, continuou cortando as verduras para a salada, tentando não parecer tão preocupada.

— Sim.

— E ele foi com vocês para essa balada e por isso você bebeu muito?

Eu não respondi, achando graça da forma em que ela estava me abordando. Então o par de mirantes azuis, como Valentim mesmo se referia aos olhos da esposa, pararam sobre mim.

— O que realmente quer saber, Mari? Seja direta.

— Ela quer saber se meu irmão não te tornou uma alcoólatra, não te fez usar drogas, não te violentou sexualmente ou fisicamente e se ele não tentou te matar — o marido da minha irmã explicou tranquilamente.

Os dois pares de olhos aguardaram minha resposta.

— Não, Saulo não tentou me matar — resumi sem querer dar detalhes.

— Creio que você continua sendo virgem — Mariana lançou, muito desconfiada.

Eu não consegui responder rapidamente, já que minha cabeça estava muito ocupada rebobinando cenas com o Saulo.

— Seu irmão foi o primeiro homem da minha irmã— ela concluiu e parou o que estava fazendo. — De zero a dez, o quanto acha que minha irmã está fodida, Valentim?

— Eu não disse que sim... Eu não acho que isso seja...

— Do meu interesse? — Mariana largou a faca e deu risada. — E seus olhos estão inchados assim por quê? Você está com olheiras piores do que as da minha mãe antes de morrer, está mais magra e com a cara de quem está

vivendo um funeral. Você pode se enganar Eveline, mas a mim você não engana.

Mariana saiu da cozinha e me deixou sozinha com o marido dela.

— Estamos tentando o terceiro filho... há dois anos — Valentim contou. — Ela está indo para o terceiro tratamento, e eu sinceramente... — ele hesitou, mas acabou falando: — acho que não conseguiremos. Somos felizes com nossos dois filhos, e ela sabe que Antwan e Bella nos completam, mas há dois anos a Mariana sonhou com a criança que perdemos, dizendo que ela voltaria para nós, para a nossa família.

Demorei para formular uma resposta, porque eu não sabia sobre aquilo, não tinha ideia que minha irmã estava sofrendo para tentar engravidar.

— Eu sinto muito de verdade, Valentim. Sinto muito mesmo. Sei que Saulo foi cruel com ela, foi desumano, sei que ele teve culpa na morte do bebê...

— E eu sei que o meu irmão cumpriu os seis anos na prisão e talvez tenha aprendido. — Valentim abriu um sorriso esperançoso e deu os ombros. — Mas Mariana é sensível, humana e uma mãe muito leoa e por isso não consegue perdoar o que Saulo fez.

— Não tiro a razão dela... Você precisa de ajuda com a comida?

— Obrigado Eve, pode ir.

Levantei-me e fui para o quarto do casal, encontrei Mariana deitada de barriga para baixo na cama *king size* e abraçando o travesseiro.

— Se veio me convencer de que aquele demônio é um anjo, vai perder seu tempo.

Me acomodei do seu lado e fiquei em silêncio. Ela resmungou e fechou os olhos.

— Só quero te perguntar uma coisa Mariana.

— Fique à vontade.

— Já perguntou para o seu marido qual era o tratamento que o pai deles dava ao irmão mais velho?

— E a resposta vai justificar ele ter se tornado um criminoso frio e

calculista?

Eu não queria defendê-lo depois da humilhação que ele me fez passar, mas uma coisa não tinha nada a ver com a outra. Saulo tinha sim uma história terrível, eu vi com meus próprios olhos e senti com as mãos as marcas do seu passado violento, onde o próprio pai foi responsável pelas torturas atrozes.

Minha vontade foi de contar tudo o que eu havia descoberto, para fazer minha irmã entender que toda sombra surgia na perda de luz, explicar a ela que ninguém nascia corrompido e maldoso, mas que uma criança negligenciada, abusada fisicamente e psicologicamente, crescendo em um lar disfuncional, sem amparo e com perdas drásticas, podia sim justificar e transformá-la em alguém ruim. E com consequências piores ainda, como os terrores noturnos que o privava de dormir, as crises de ansiedade, uma doença depressiva-maníaca (bipolaridade) e além de outros transtornos no cérebro, era alcoólatra e gravemente viciado em remédios. Isto era só o que eu sabia dele.

— A mãe de Saulo era prostituta, ele tinha a idade de Bell quando perdeu a mãe em um incêndio criminoso e foi entregue para a família de Valentim.

Mas foi só isso que eu disse.

— O almoço está servido. — Valentim deu toques na porta, nos tirando de transe.

Nos reunimos na mesa, Mariana totalmente em silêncio, Valentim conversando com a afilhada, enquanto os meus sobrinhos compartilhavam as novidades do colégio e dos cursos deles comigo. No final busquei o relógio e o vestido de presentes deles no carro e antes de ir embora Mariana me abraçou.

— Não suma mais — pediu.

Sorri para ela e entrei no carro. Cheguei no meu apartamento e a solidão me pegou de jeito, me enrolei no edredom e chorei até dormir.

O despertador me acordou. Fui para o banho e me arrumei para o segundo dia de trabalho. Dimitri finalmente me respondeu, dizendo que viria em duas semanas para Seattle, porque estava responsável pela abertura de um hotel em Londres, também do nosso chefe Elijah.

Entrei mais cedo, então por volta da meia noite eu ficaria livre, necessitava descansar, meus músculos ainda doíam, fiquei com raiva quando assimilei o mal-estar somado a dor de cabeça, e concluí que era gripe.

Continuei mexendo no computador do saguão, configurando o sistema do controle de hóspedes e confirmando minha suspeita ao começar a espirrar várias vezes consecutivas. Levantei a cabeça quando ouvi alguém dizer:

— Saúde.

Investiguei a fisionomia do homem de cabelos castanhos e íris da mesma cor, parado na frente do balcão e balancei a cabeça. Não podia ser. Não podia ser.

— Frank?

Só podia ser brincadeira que o meu ex-namorado estava na minha frente.

— Eveline? — Ele franziu as sobrancelhas, tão incrédulo quanto eu. — Não acredito! — Então sorriu.

Dei a volta no balcão para poder cumprimentá-lo e estendi a mão profissionalmente, mas ele me puxou para um abraço, beijou meu rosto e ainda desacreditado continuou me olhando.

— Você trabalha aqui?

Frank estava muito diferente. Maior, mais sério, mais adulto.

— Trabalho. E você, veio passear em Seattle?

— Então se formou mesmo em hotelaria?

— Há anos — contei. — Você veio passear? — perguntei novamente.

— Não. Começo a trabalhar dentro de dois dias, vendi o comércio em Shelton assim que fui contratado por uma fábrica de carros aqui. Estou surpreso com a coincidência!

— Eu não tô acreditando — eu disse.

— Nem eu. — Nós dois rimos.

Sempre achei que quando o visse de novo me sentiria péssima, porque ele foi ridículo comigo. Pedir uma mulher em casamento só para poder levá-la para cama não era a coisa mais digna, mas como podíamos notar... Eu não

tinha experiência com homens dignos.

A notícia repercutiu no interior e eu fui caçoada por meses, por ser a garotinha burra e inocente, que aceitou se casar com o cara que apostou a virgindade dela na roda dos amigos. Eu tinha dezoito e ele vinte e três. Não me surpreendeu que em uma cidade tão pequena como Shelton, a minha história se tornou alvo de humilhação e chacota.

Pelo menos o Frank se arrependeu, pediu desculpa, chorou e implorou, porém, eu tracei outros planos para mim, queria continuar estudando para ser uma mulher independente e de sucesso.

— Qual é a sua reserva?

— Quarto mil e três.

Repeti para a recepcionista, ela digitou no sistema, terminou de pegar os dados dele e entregou o cartão de acesso.

— Espero te ver outra vez.

— acredite, fico muito aqui — respondi e ele assentiu com a cabeça, sorrindo abertamente.

— Agora... — ele apontou para os elevadores.

— Claro, tenha uma ótima estadia e bom descanso.

Frank me olhou por mais alguns segundos e então seguiu para o elevador.

Deu meia noite e ao invés de ir para casa dormir, eu quis parar no primeiro bar que encontrei na avenida movimentada. Descobri do que eu precisava na primeira tequila que virei, precisava sem dúvidas de um porre.

Nem me preocupei em trocar de roupa, fiquei com a saia social cinza na altura dos joelhos e a camisa verde escura do uniforme, larguei os saltos em frente a banqueta que eu estava sentada e comecei a mexer meus pés, sentindo-os doerem. Fechei meus olhos depois de tomar a segunda dose de tequila e os abri quando meu celular tocou. Olhei a tela do Iphone acesa em cima do balcão, duas, três chamadas de número privado. Podia ser Saulo, eu não tinha certeza, mas ninguém me ligava privado e como eu havia bloqueado o número dele, ele tinha privado outro para não correr o risco de ser bloqueado também. Desliguei o celular, e bebi mais.

— Aceita companhia? — Escutei alguém perguntar detrás do meu corpo. Virei a banquetta para reconhecer e novamente, Frank.

— Se quiser fazer companhia para uma bêbada... Porque hoje estou meio *alcoólatra*.

Ele passou as mãos no terno e se acomodou na banquetta do lado da minha.

— Enfrentando uma fase difícil, princ... Eveline? — Eu já estava embriagada ou ele quase me chamou pelo apelidinho de anos atrás?

— Que nada. — Fingi não ter ouvido. — Mas está frio e tequila esquentada.

— Bela desculpa para se embriagar. — Ele levantou a mão para o *barman* e pediu uma dose também. — Vou te acompanhar.

O barman terminou de fazer o drinque e me entregou a taça grande com canudo. Assisti de canto de olho o Frank virar a tequila e fazer careta, depois o homem pediu uísque, automaticamente lembrei do Lúcifer, quis dizer, de Saulo.

Conversamos sobre o meu trabalho, sobre o dele, sobre nossos pais, demos risada de algumas histórias da adolescência e bebemos mais. Não podia negar que os anos haviam feito bem para Frank.

Ele tinha finalmente, pelo menos baseando na aparência, se tornado um homem.

Não vou mentir e dizer que consegui me distrair de verdade, Saulo aparecia na minha cabeça a todo instante e o sentimento esmagador se potencializava a cada drinque que eu tomava.

— Não vou deixar que volte dirigindo. — Meu ex-namorado tomou a chave da minha mão, estávamos na calçada na frente do bar.

— Qual é Frank. — Estendi a mão. — Já sou adulta.

— Se eu me lembro, você bateu meu primeiro carro.

— Mas agora eu sou uma mulher habilitada e responsável. — Tentei pegar de sua mão, mas ele desviou, fazendo-me desequilibrar e cair em seus braços.

Senti o hálito de laranja, por causa do seu último drinque, tocar os meus lábios. Umedeci minha boca e ele olhou nos meus olhos. Frank não tinha se tornado só um homem, mas sim um homem muito atraente.

— Deixamos o seu carro no hotel já que é aqui perto e você pega um táxi. — Ele deixou de me segurar e nós nos afastamos.

— Não, Frank... — contrariei.

— Não... o que?

— Eu volto dirigindo, sei me cuidar, te juro juradinho.

— Mesmo que fique brava, sem chances.

Revirei os olhos e entrei no banco do passageiro, Frank assumiu a direção do meu carro e nós fomos até o hotel. Ele tinha bebido bem menos do que eu e o hotel era na mesma avenida.

Ele estacionou no subsolo e nós entramos no elevador. O homem não parava de me olhar, como se eu fosse algum tipo de miragem.

— Você cresceu — disse.

— Você também está muito bonito.

Ele riu e eu também.

— Desculpa.

— Mas não parou de se desculpar ainda?

Encurvei os lábios e respirei fundo.

— Ainda tenho essa mania de ser submissa a tudo e todos.

— Uma chefe de alto nível, submissa? Não... Você tem que parar de pedir desculpas.

— Desculpa, eu vou tentar...

Frank balançou a cabeça e eu respirei fundo outra vez.

Seguimos pela entrada dos funcionários, graças ao meu livre acesso pelo hotel, porque eu não podia nem em sonho passar pelo saguão, bêbada daquele jeito. Frank fez questão de me acompanhar para esperar o táxi e assim que chegamos na rua, ainda na saída escura do hotel, eu resolvi matar a minha

curiosidade, então o agarrei.

Isto mesmo. O empurrei contra a parede e beijei sua boca. Ele não recusou, não hesitou, logo suas mãos percorreram as minhas costas e quadril, apertando-me contra seu corpo. Meu ex-namorado pegou em minha nuca e empunhou meus cabelos, correspondendo a loucura na mesma intensidade, com o mesmo desejo. O que Frank não sabia, era que na minha cabeça, lembranças de Saulo passeavam e eu ansiava sentir o toque forte dele, a quentura de sua pele e dos seus lábios, a grandeza de seus músculos e a forma autoritária que só ele tinha de conduzir o meu corpo.

Sentia-me frustrada nos segundos em que a realidade batia, provando que não era Saulo ali, mas eu me esforçava para continuar imaginando-o no lugar de Frank.

— Merda! — Me afastei abruptamente e mesmo na penumbra eu pude enxergar o semblante confuso do meu ex-namorado.

— Fiz algo errado?

— Merda! — repeti e coloquei a mão sobre meus lábios. — Não, você não fez — respondi.

— Você fez? Você namora, Eveline? — indagou.

— Não... Não. — Balancei a cabeça. — Volte pela entrada principal mesmo, do saguão.

— Tudo bem — concordou, ainda preocupado. — Eu te devo desculpas?

— Não Frank, só bebi demais e não deveria ter te beijado.

Ele assentiu com a cabeça. Andamos pelo quarteirão até chegarmos na avenida e então o homem ainda com o semblante confuso, parou um táxi para mim.

Chegando no meu apartamento eu tirei minha roupa e deitei na cama me sentindo um lixo, sentindo que eu estava enlouquecendo.

O que é que eu tinha feito? Onde é que eu estava com a cabeça?

Meu celular vibrou embaixo do travesseiro e fiquei em choque quando li a mensagem do número restrito, dizendo:

"Não desconte na bebida, o álcool pode ser um labirinto sem saída. E por favor, não desconte beijando estranhos na rua."



35

SAULO



Eu cresci em uma casa fria como a morte e a conheci de perto. Experimentei a dor de todas as maneiras possíveis e quando digo todas, são todas mesmo. Vocês sabem o que um homem condenado por agredir mulheres passa na prisão, com certeza sabem. Não me dou razão por ter feito tudo o que fiz e hoje vejo que faria diferente. Eu fui criado sem noção da moral, o ser repugnante que me educou não tinha qualquer escrúpulo e caráter, minha ética foi totalmente deturpada, meus valores eram baseados num indivíduo doente de alma. Meu progenitor foi um homem podre, negligente e sanguinário.

Eu tinha doze anos quando atirei para matar alguém a primeira vez e quase morri as outras vezes em que me recusei a realizar os serviços a mando de Jackson. Com nove, dez e onze anos, as minhas mãos tremeram, eu fui castigado por não ter conseguido, muito castigado. Apanhei tanto que supliquei para que o homem me desse outra chance de matar as vítimas, mas a crueldade dele não permitiu. Ele sentia prazer em finalizar a pena, vezes açoitando as minhas costas, outras me largando amarrado no porão por dias sem comer, e quando o ódio era maior, ele me estuprava, arrancando a minha integridade, a única coisa que poderia ter sido minha. Eu era só uma criança.

Antes, Jackson já havia tirado a metade de mim, quando sumiu com a minha irmã gêmea, sem deixar pistas, dando-nos o incêndio como despedida. Revivia o desespero de Safira, lembrava dos gritos e sonhava com a garota miúda de olhos grandes e verdes implorando por ajuda ao estender a mão

pequena, enquanto era levada por um homem encapuzado no meio de todo o fogo e fumaça. E eu não fui capaz de protegê-la, porque era só a porra de uma criança!

O causador da minha desgraça morreu quando eu já era adulto, deixando os traumas como herança, em cada célula do meu ser. Adiantei a morte do filho da puta e com o tempo acreditei que a maldita vergonha havia ido embora, até que fui preso. Na cadeia os pesadelos voltaram, desenterrados em carne e osso. O primeiro ano no presídio foi lastimável, os marginais justiceiros usavam e abusavam para me fazer sentir na pele, alegavam que desta forma eu aprenderia a respeitar uma mulher, mas eles não sabiam de nada. No início, tudo estava estraçalhado, a mulher que acreditei amar por muitos anos havia se suicidado com a porra de um tiro na cabeça, enquanto outras passageiras me acusaram de agressão, estando certas em sua maioria.

Justine foi uma delas. Eu estava enfrentando o auge do estresse e pressão, e foi quando recebi a terrível notícia de sua boca que descontei toda a minha ira. Ela depôs contra mim no tribunal, finalizando para decretarem a condenação.

Sentia o frio gelado arrepiar a espinha, congelar minhas entranhas e acelerar o órgão na cavidade torácica, minha traqueia fechando e o ar avolumando nos meus pulmões, sensação que remetia à chegada do meu progenitor nos dias em que eu o decepcionava. Cada membro tremia, amedrontado, vulnerável e nada, eu me sentia como o nada, como o peso indiferente no mundo, sem ninguém para cuidar de mim, para me tirar daquela desgraça, todos fingiam estarem cegos enquanto Jackson se satisfazia sordidamente às custas de uma criança. Ninguém nunca chegou para me resgatar do inferno.

Talvez tenha sido exatamente isto que minha irmã sentiu durante décadas encarcerada por Marco, talvez sendo vítima de tortura física, psicológica e sexual. Com medo, fome, sendo humilhada, não sei, talvez sem ver a luz do dia. Talvez Safira não soubesse o próprio nome, mas a diferença é que ela sempre teve alguém, que passou a vida arquitetando seu resgate, ela me veria chegar.

— Estou ansioso para finalizarmos, Santiago.

— Não tanto quanto eu, Marco.

— Por favor, sentem-se e sintam-se em casa, vocês são meus convidados.

Ergui as barras da calça nas pernas e me sentei na poltrona marrom escura, na sala de estar da casa de Marco Sartori. Monteiro se sentou do lado oposto e me encarou, umedeci os lábios e me preparei para falar.

— Te ofereço três e meio.

A arcada dentária amarelada e gasta apareceu, ele riu insatisfeito e negou com a cabeça.

— Vamos lá, jovem! Estou ciente das suas finanças. Seis milhões, são cinco carregamentos.

— Não sou só um cliente, Marco. Somos camaradas, esqueceu?

O velho encrespou a testa, cerrando os olhos na minha direção e levantou-se pensativo, deu a volta em torno da própria poltrona e coçou o queixo.

— Devo refrescar a sua memória? Além das cincoavas e dez das minhas melhores bonequinhas, te darei o direito sobre um terço da sociedade, e acredite jovem, eu sou um ótimo sócio.

— Desconfio que sim.

— Você poderá usufruir e usar como entretenimento, elas são ótimas e prendadas.

— Isto soa tão ilegal — Monteiro ironizou, causando gargalhadas no velho.

— Seu código moral mudará rápido quando vir o quão domesticadas e lindas elas são.

— Estou mais interessado nas armas, Marco. Você e Monteiro poderão falar sobre as mulheres mais tarde. — Aceitei o uísque que uma empregada serviu no copo e ingeri a bebida. — Quatro milhões e duzentos.

— Seu amigo pagará pelas bonequinhas?

Minha vontade era levantar e estourar os miolos dele com o revólver, mas a minha arma e de Monteiro ficaram na revista da entrada. A casa era meticulosamente construída e protegida pelos capangas de Marco, porém, a

intimidação foi zero. Bastava um sinal meu para explodirem aquele arsenal de crimes.

— Sim, Santiago está mais para negócios sérios, eu gosto da putaria — Monteiro descontraíu e deu goles no uísque. — Poderei analisar o produto antes de adquirir? De acordo com o direito do consumidor — explicou, dando de ombros e fazendo o velho sorrir. Monteiro era bom em ser ridículo.

— Claro, te levarei até o local, te garanto que gostará de todos os produtos.

Produtos, igual, mulheres traficadas.

— Como as mantém? Não gosto de drogas — Monteiro investigou.

— Meus homens só dopam quando não precisamos delas.

— E a quilometragem?

— Temos de todas as idades — o velho disse sem pesar.

— Crianças? — Cravei os olhos em Monteiro quando ele fez a pergunta. Ele não podia questionar tal coisa, se não Marco desconfiaria.

— Crianças não servem para nada. Elas têm entre dezesseis e trinta, mais ou menos.

— Gosto das mais novinhas — Monteiro comentou, convicto a ponto de me fazer crer também.

— Compartilho de seu gosto, meu amigo. — Marco sorriu e brindou com uísque. — Fecharemos, Santiago? Já que o seu amigo se responsabiliza pelo custo das bonequinhas, podemos acordar em cinco milhões.

Fingi pensar, e resolvi dar o próximo passo.

— O mostruário.

— Então temos um acordo? — ele se precipitou, calmo e impassível.

— Depois que eu aprovar o mostruário. — Curvei a boca com um sorriso e ele assentiu.

— Me acompanhem. — O desgraçado acenou para dois de seus homens que estavam a postos o tempo inteiro na sala com a gente e ambos nos seguiram pela casa.

Não existia amizade para aquele homem, mas confiança também nunca fez parte do meu dicionário. Ele era precavido e eu, o dobro.

Seguimos pelos corredores enormes da casa, o calafrio causando arrepio na minha espinha, o estômago retorcendo feito um pano de chão, a cabeça rodando em possibilidades de onde Safira poderia estar na imensidão daquele corredor com várias portas. A única desvantagem é que eu e Monteiro não sabíamos onde minha irmã estava escondida, mas sabíamos, pelo homem que Monteiro infiltrou, que Safira não vivia com as mulheres clandestinas, e provavelmente residia na mansão de Marco.

Reparei em tudo meticulosamente, na quantidade de portas, nas fechaduras, no momento em que ele abriu a maçaneta e entramos no escritório, que era inteiramente marrom, com móveis de madeira maciça e três ou quatro bichos empalhados pendurados. Ele pediu para nos sentarmos nas cadeiras à frente de sua mesa, eu recusei e permaneci em pé, Monteiro fez o mesmo.

Analisei cada passo, cada detalhe do lugar. Fiquei mais inquieto a cada segundo, sofrendo palpitações no peito e formigamento no corpo, mas ocultei, preendi tudo dentro da minha bomba particular e mantive a postura inabalada e tranquila.

Marco abriu três malas cheias de armas.

— Escopetas — passou a mão nas três primeiras —, os fuzis. — Pegou um deles e deu na minha mão. Me contive para não disparar e vê-lo virar uma massa sangrenta. Analisei a arma e deixei sobre a mesa. — Espingardas e revólveres, — apontou para as pequenas armas — carabinas. — E mostrou as últimas da segunda mala.

Monteiro tateou todas e analisou uma por uma. Marco abriu a maleta recheada de munição em suas divisórias e as descreveu.

— A melhor parte ficou para o final... — Marco sorriu e deslizou o zíper da última mala.

— A minha preferida — anunciei ao ver variadas metralhadoras e sub-metralhadoras.

— Vai com calma, jovem — o velho hesitou quando me viu pegar uma Uzi e prepará-la com total precisão.

— Não se preocupe, estou bem familiarizado.

— Ele tem uma de estimação — Monteiro explicou, fazendo o velho relaxar e sorrir.

— Lembrando que são só negócios, meus amigos. — Marco deu uma piscadela, simulando o seu falso profissionalismo, e nos tornando cúmplices daquilo.

Eu e Monteiro encenamos.

— Só negócios — respondi.

— Estou esperando a minha parte preferida — Monteiro reclamou.

— Te apresentarei as bonequinhas.

A próxima vez que o imbecil se referisse às mulheres como "bonequinhas" eu apertaria o gatilho pra destravar a mola da Uzi e dispararia ininterruptamente contra ele e me deliciaria com a pólvora da bala estourando na cara nojenta do maldito.

Ele não teria tempo para fazer porra nenhuma de apresentação. Tudo estava planejado e o plano seria colocado em prática dentro de... conferi no relógio, cinco minutos.

Conheci o território pessoalmente, analisei as armas e onde elas estavam, deixei a adrenalina me invadir. Enchi meu copo de uísque e virei todo o líquido.

Eu e Monteiro nos entreolhamos quando o celular do velho tocou no bolso, ele se afastou para atender e quando desligou averiguou nossos semblantes, mas permanecemos visivelmente tranquilos. Meu amigo encaixou discretamente uma arma no cócs da calça e disfarçou.

— Terei que sair por alguns minutos. Sabem como é, contratempos. Vocês se importam em aguardar? Serei breve.

— Não se preocupe, Marco — garanti.

— Sintam-se em casa, meus amigos.

Monteiro levantou o copo para ele e nós o acompanhamos de volta para a sala de estar, logo na entrada da casa milionária.

A festa começaria.

— Onde os senhores vão? — Um capanga do imundo se pôs na nossa frente e foi o primeiro a cair, atingido pelo tiro abafado da arma com silenciador de Monteiro.

— Pegarei o necessário no escritório, encontre-a Monteiro, seja rápido! Traga Safira para mim!

— Trarei.

Regressei para o escritório e disparei contra o segundo capanga após me apossar da Uzi, e vi o homem cair morto. Deixei o áudio transmissor ligado no meu celular e pude ouvir a desordem começando na casa onde o delinquente mantinha seu negócio criminoso, gritos apavorados de mulheres, disparos e mais gritaria. Eu era o responsável por aquela baderna!

— Marco está chegando aqui, senhor!

— Dê trabalho ao desgraçado. Ganhe tempo, Ianwski.

— Estamos em vantagem, eles estão em vinte homens somente, senhor.

— Então esqueça a misericórdia e meta bala, em oito minutos Monteiro acionará a polícia que investiga o caso. Vocês vazem daí e me tragam o Marco. Não o matem, porque este trabalho será meu!

Perdi a conexão com Ianwski e continuei guardando o máximo de armas em uma só mala. Os homens que protegiam a residência de Marco ficavam de guarda baixa quando o chefe não estava por perto e então aproveitamos. Ouvi mais tiros de dentro da mansão, mas não me abalei. Duas mulheres passaram correndo no corredor na frente da porta do escritório e três capangas entraram. Suspendi a Uzi para o que estava no meio deles e atirei sem hesitar.

— Uma emboscada, senhor. Retorne agora, é uma emboscada senhor — um de seus vermes avisou pelo rádio, tentando reativar a conexão falha.

— Vão arder no inferno junto do chefe de vocês — os informei, baixo.

Torci o braço do primeiro homem e o desarme, ele lutou desferindo socos na minha costela, mas não senti a mínima dor, então revidei com a mão fechada no queixo do capanga, fazendo-o deitar a cara no chão, disparei até que uma poça de sangue se formasse ao redor do corpo morto. O segundo

tremeu enquanto apontava a pistola na minha direção, vi ele engatilhar e em fração de segundos, avancei e passei o braço em seu pescoço, apertando até ver o sangue preso na cabeça, ele estava vermelho e suas veias temporais pareciam prestes a explodir. Encostei a metralhadora compacta na cabeça dele e o fiz de refém, enquanto o outro filho da puta me manteve na mira.

— Largue a porra da arma — mandei.

O cara não obedeceu, olhou para o cúmplice e depois para mim.

— Eu mandei soltar a porra da arma — repeti e o cãozinho amedrontado obedeceu.

Outro desgraçado chegou e também mirou em mim, encorajando o que havia me obedecido a capturar novamente a arma e apontar na minha testa. Enforcei mais o filho da puta, que mal tinha oxigênio no cérebro e mantive a Uzi na sua cabeça.

— Vocês querem ver os miolos dele? — Passei o dedo no gatilho e o coitado implorou, levantando as mãos.

— Obedeçam ao filho da puta, caralho — suplicou, praticamente sem ar.

Pensei que teria que lidar com homens treinados de verdade, mas eles estavam tremendo. Provavelmente porque eu estava com sangue nos olhos, sem titubear por um segundo sequer. Mas não contei com o golpe que o refém me deu na sequência, bem na boca do meu estômago, ele se afastou e então eu disparei automaticamente, ocasionando uma chuva de balas. Consegui atingir dois, mas ainda sobrou um na minha frente. Era ele, ou eu.

— Saulo! — escutei o grito de Monteiro. — Saulo, porra! — ele disse gemendo.

— Abaixе a arma! — E de repente uma voz feminina, por trás do homem que apontava o revólver para mim, invadiu o ambiente — Abaixе a sua arma.

Não pude enxergar a fisionomia da mulher, ela estava posicionada atrás do capanga, segurando um revólver com as duas mãos.

O último que restou dentro do escritório não cedeu, eu vi em câmera lenta o momento em que a bala atravessou a cabeça dele e saiu pela testa, onde jorrou sangue e o imbecil caiu na sequência.

— Que merda está acontecendo? Quem é você? — A mulher que havia me defendido não largou o revólver, como se eu também fosse uma ameaça.

Engoli a saliva em forma de concreto e examinei o rosto magro, e os olhos enormes verdes destacados na pele pálida.

Abaixei e deixei a Uzi no chão na frente dos meus pés, então levantei o tronco e ergui as mãos em sinal de rendição. Ela me analisou sem deixar de mirar em mim e passou a língua nos lábios ressecados. Assustada, tremendo e confusa.

— Quem é você? — insistiu vociferando.

— Saulo, meu nome é Saulo Graham. — Dei passos na direção da mulher amedrontada, vestida somente por uma camisola branca larga. — E você é Safira.

— Saulo... Não... O que você está falando?

— Eu sou o seu irmão e nós temos pouco tempo para sair daqui.

— Não... Você é louco? Quem é você?

Tentei cautelosamente pegar o revólver de sua mão, mas ela me empurrou, mantendo as duas mãos firmes na arma.

— Não encoste ou eu te mato também! Quem é você?

— Já disse, meu nome é Saulo.

— Não pode ser... — Ela balançou a cabeça, estendendo ambos os braços na minha direção. — Nós não nos conhecemos.

— Safira, por favor... — Meneei com as mãos, tentando acalmá-la. — Você foi tirada da sua família, durante um incêndio. Eu sou o seu irmão.

Os olhos da mulher marejaram e lágrimas começaram a cair sem parar.

— Não pode ser.

— Pode. Eu estou aqui, eu vim te buscar.

— Não, não pode ser...

— Safira, nós precisamos sair daqui. Não temos tempo. Confia em mim, eu não vou te machucar.

— Você é o Saulo? Saulo meu irmão?

— Sim — assenti com a cabeça.

Ela abaixou a arma, caiu de joelhos próxima a dois corpos ensanguentados e sem vida e então colocou as mãos no rosto, chorando copiosamente. Me aproximei e agachei ao seu lado, mesmo temendo pela reação, eu a abracei.

— Eu vim te buscar — repeti aflito.

— Isso é algum tipo de piada? É algum tipo de castigo do Sartori?

— Confia em mim, eu sou o seu irmão. Vamos embora daqui.

— Porra! Vocês estão vivos caralho! — Monteiro apareceu no escritório, arrastando a perna esquerda e ao mesmo tempo tentando estancar o sangue que escorria do ferimento da bala. — Vamos embora agora!

— Vamos Safira! — persisti baixo, passando a mão e podendo sentir os ossos saltados nas costas dela.

— Pega ela no colo, porra! Vamos sair daqui. O velho pode voltar com companhias.

— Como conseguiram entrar aqui? Eu quero saber o que está acontecendo! — ela exigiu berrando.

— Podemos te contar no caminho gata? Não é por nada não, mas não estou a fim de morrer e se ficarmos mais um minuto nós vamos morrer — Monteiro disse.

Safira encarou meu parceiro e tentou compassar a respiração.

Fiquei na frente da mulher, ainda agachados, segurei seu rosto entre as mãos e a fiz me encarar. Nossas íris eram identicamente verdes, assim como os cílios escuros e grossos que contornavam nossos olhos.

— Eu vim te tirar do inferno, Pinky.

Ela se jogou nos meus braços e me abraçou fortemente, chorando sem parar.

— O que você quer fazer essa noite, Cérebro? — Ela riu entre soluços.

Safira encharcou meu ombro com suas lágrimas e me apertou.

— A mesma coisa que fazemos todas as noites Pinky, tentar conquistar o mundo — respondi, comovido com as lembranças de nossa infância, em que assistíamos Pinky e o Cérebro.

— Linda declaração de amor, mas eu realmente estou satisfeito com o tiro na perna que você me deu Safira — Monteiro nos interrompeu. — Vamos porra!

Nós saímos da casa, e corremos até alcançarmos o carro. O meu motorista e também soldado, dirigiu em alta velocidade até a pista onde o jato particular nos esperava.

Mais tarde eu saberia como tinha sido a carnificina entre a tropa de Marco contra os meus homens. Eu os dei a missão de pegar o velho e levarem-no para mim, porém, naquele momento eu esqueci de tudo. Eu tinha Safira, mesmo que nem a conhecesse, eu tinha minha irmã ao meu lado.

Ela permaneceu quieta, com os dedos cruzados sobre o colo, nervosa, nitidamente perdida e inerte.

— Eu atirei na perna do seu amigo — foram suas primeiras palavras dentro do avião.

— Monteiro merece.

Olhamos para trás, onde meu parceiro estava dormindo, sob efeito de analgésicos. Eu o agradeceria por toda a vida, por ser um ótimo amigo.

— Como conseguiu? Como conseguiu me encontrar?

— Nunca acreditei que estava morta, então nunca te perdi. Tive que agir certamente e isto levou muito tempo. Mas não é só isso, muitas coisas aconteceram... Muitas.

— Quero saber de tudo. E Saulo... eu não vou acordar desse sonho? Você realmente está aqui?

Ousei segurar suas mãos e apertá-las.

— Agora estarei para sempre.

Ela soltou minhas mãos e tocou meu rosto.

— Deus, você não é mais um garotinho.

Neguei com a cabeça e ela sorriu tristemente.

— Você também não parece ser mais a mesma pirralha insuportável.

Ela sorriu outra vez e depois encarou a imensidão do céu pela pequena janela.

Éramos dois seres humanos fodidos pela vida, sobreviventes sem qualquer piedade.

— Para onde estamos indo?

— Para casa.

— Marco vai me encontrar.

— Meus homens são bons, eles o trarão para mim.

Ela não disse mais nada, deitou a cabeça no encosto da poltrona e fechou os olhos.

A viagem foi longa, Safira e Monteiro dormiram boa parte do trajeto, mas eu não consegui pregar os olhos, minha mente estava barulhenta, ouvindo os disparos, tomada pela adrenalina de horas atrás.

Chegamos em Dublin e fomos escoltados até a minha casa afastada. Madalena abraçou minha irmã como se a conhecesse por toda a vida.

— Vamos filha, vou preparar um banho quentinho e depois você descansa o quanto precisar.

Vi minha irmã subir atrás de Madalena e fui para o escritório, onde Monteiro fazia o curativo na própria perna.

— Conseguimos.

— Ainda não — respondi.

— Notícias?

— Nenhuma.

Tentei contato com os meus homens e por horas, nenhuma resposta. No final da tarde recebi o áudio transmissor de Ianwski, dizendo que Marco tinha escapado.

— Fodeu!

— Eveline! — Sobressaltei da minha cadeira e bati as mãos na mesa.

— Porra! A garota é o alvo principal para Marco.

— Inferno! — Agitado, andei pelo escritório esperando Luiz atender minha chamada.

— A ruivinha será sequestrada?

— Luiz! — Soltei todo o ar preso nos pulmões quando o segurança que coloquei para acompanhar Eveline me atendeu. — Faça o que for necessário para trazer Eveline para a minha casa hoje!



EVELINE



Dois dias antes.

Fiz o turno da manhã e ganhei um cappuccino do Frank assim que pisei no hotel, seguido de um beijo demorado na bochecha. O homem bonito encurvou o canto dos lábios, mostrando seus dentes branquinhos. Ele perguntou o que eu faria mais tarde, me convidou para jantar, mas eu inventei que tinha compromisso com a minha família, o que acabou acontecendo... Fui para a casa de Mariana e passei o final da tarde com os meus sobrinhos, até a hora que os coloquei em suas camas para dormirem. Conteí uma historinha para Bella e matei a curiosidade do meu sobrinho mais velho, que se interessava muito em saber sobre os países que visitei. Antwan dizia que queria ser médico como o pai dele, para curar crianças portadoras da doença que levou sua irmã quase nove anos antes, mas também enchia meu coração de amor ao dizer que gostaria de fazer hotelaria, para trabalhar e viajar comigo. Bell e Tom eram as joias mais preciosas da minha vida e eu nunca seria capaz de expressar toda a gratidão a Deus, por ter me presenteado com uma família tão amável. Antes era só eu e minha mãe, de repente encontrei Mariana, ganhei um cunhado super-humano e super-herói, ambos me deram duas criaturinhas abençoadas e amigos para lá de loucos, que completavam a minha felicidade.

Eu decidi sair do luto, porque ninguém tinha morrido, eu tinha tudo e muito para agradecer.

Olhei a garotinha adormecida, deslizei os dedos entre os cabelos sedosos

e lindamente loiros como os da mãe, que terminava em cachos grandes nas pontas e beijei sua testa antes de deixar o quarto.

Segui na direção do escritório do meu cunhado, porque os encontraria para me despedir, mas me arrependi por não ter batido na porta antes de abri-la. Eles estavam entre amassos fortes e minha irmã sem a blusa. Constrangida, fechei a porta rapidamente e pedi desculpa, eles riram e segundos depois Mariana apareceu descabelada.

— Aproveitamos que você foi colocá-los para dormir.

— Desculpa — pedi novamente. Minha irmã sorriu e me abraçou, dando-me um beijo no rosto. — Não me beije Mari, não sei onde estava com a boca. — Limpei a bochecha, fazendo minha irmã gargalhar.

— Em algo grosso, grande e delicioso.

Fechei os olhos, querendo não ter ouvido aquilo e ela riu mais.

— Estou brincando, ainda não tinha chegado lá...

— Você é péssima — reclamei.

— E você me ama — disse toda convencida. — Posso te perguntar uma coisa?

— Não — respondi, sabendo que viria bomba.

— Como foi o sexo com o meu cunhado?

Era muito, muito estranho ouvir Mariana se dirigindo a ele como cunhado, se referindo ao parentesco e considerando que ela já havia transado com Saulo ficava pior.

— Você bebeu, Mari? — investiguei.

— Um pouquinho de vinho. — Estava explicado! — Mas me conta, por favor. Como foi? Ele fez tudo certo? Cuidou de você?

Relembrei o quão bom foi para mim e senti um desconforto grande no estômago ao recordar que nada foi recíproco, muito pelo contrário, para ele eu agi feito uma boneca inflável, devo ter sido péssima. Formou um nó na minha garganta ao lembrar também como foi o pós da nossa primeira vez. Porém, Mariana não tinha que saber dos detalhes.

— Normal — fui sutil, querendo acabar com o assunto. — Não tenho com o que comparar.

— Faça com Dimitri e então terá como comparar — aconselhou, fazendo-me arregalar os olhos. — Estou brincando. — Apertou minha bochecha.

— Você bebeu além da conta — constatei.

— Desculpa, cunhada — Valentim apareceu, um pouco envergonhado e eu dei de ombros.

— Tudo bem, Bell e Tom não vieram da cegonha.

Fomos para a porta e eu me despedi de ambos, entrei no meu carro e segui para o meu apartamento, meu solitário apartamento. Sentei-me no sofá e fitei à minha volta. O silêncio me incomodou e eu vinha me sentindo mal em ficar sozinha. Tentei assistir um filme, mas foi em vão, peguei meu celular e vi as diversas mensagens de Saulo, do número restrito, todas ignoradas. Rolei as inúmeras ligações não atendidas e considerei retornar. Queria saber sobre Safira, queria saber se ele estava vivo e seguro, mas me controlei. Frustrada, eu berrei.

Coloquei macarrão instantâneo no microondas e fiquei observando o copo rodar até apitar indicando que estava pronto. Deus! Minha vida era um completo tédio e identificar isso me entristeceu muito. Comi, revivendo pela centésima vez os momentos com Saulo, agarrei o edredom no sofá mesmo e me forcei a dormir.

Eu tinha tudo, trabalho dos sonhos, uma família incrível, dinheiro para comprar o que eu quisesse, para viajar, para sair... Eu poderia pegar o carro e sair, curtir a noite, como uma mulher normal e solteira da minha idade faria, mas não... Lá estava eu, nove horas da noite, com pijama, meias e rezando para conseguir dormir e não ter que lidar com a dolorosa realidade, que era a saudade de Saulo crescendo. Conquistei tudo o que almejei, concretizei meus sonhos e de repente tudo pareceu tão... vazio.

Eu não deveria ter aceitado a proposta de trabalhar no cruzeiro, não deveria ter cedido à primeira chantagem daquele maluco, não deveria tê-lo beijado, ter aceitado seus raros carinhos, não deveria ter trocado Dimitri por ele, não deveria ter me submetido a ser a vítima das suas loucuras, eu tinha

culpa em ter sido tão inocente, tão idiota. Mensagens e ligações não significavam que ele estava tão encrocado emocionalmente como eu, Saulo só tinha a necessidade de poder, de estar no controle de todas as situações, de ter poder sobre mim. Não eram demonstrações de saudade, de arrependimento e sim de insatisfação por não poder me dominar depois do que ele fez com aquela... argh, asquerosa!

Ter lembrado de Alma e das suas palavras cruéis transformou minha saudade em raiva e só então eu consegui dormir.

Fui indisposta para o hotel, a gripe tinha me pegado de jeito mesmo! Meu corpo parecia cansado, minha cabeça doía e eu queria encostar em qualquer lugar para dormir, fora a coriza chata que deixava meu nariz vermelho e irritado.

— Elijah está aqui — Kamila avisou, deixando-me surpresa. — E ele quer falar com a senhorita.

— Te informaram do que se trata? — questionei franzindo o cenho, totalmente preocupada.

Era só o que me faltava! Eu tinha feito alguma merda no trabalho?

— Não faço ideia, chefe. Ele está te esperando no escritório.

— Ok, obrigada.

Alisei minha saia, arrumei minha camisa social e fui para o escritório. Elijah quase nunca aparecia, seus advogados, eu, Dimitri, e mais três gestores, resolvíamos tudo para ele, ou seja, o homem não precisava estar presente nunca, por isso fiquei com medo.

— Senhor? — Dei dois toques na porta semiaberta e vi o homem, beirando seus cinquenta anos, acenando com a mão para que eu entrasse.

Acatei e fiquei em pé, do outro lado da extensa mesa de reunião. Elijah sorriu e isto me aliviou.

— Em que posso ajudá-lo? — perguntei gentilmente, mantendo a postura profissional.

— Recebi seu e-mail... — Ele olhou para a cadeira, eu entendi o recado e me sentei.

— E-mail? — indaguei. Eu não sabia do que ele estava falando.

— Vim pessoalmente tratar desta questão, porque você é uma funcionária muito importante, desenvolve um papel essencial para tudo funcionar, então optei por vir até aqui. Preciso que deixe alguém responsável por suas tarefas enquanto ficar fora, minha esposa está grávida, então o tempo que eu quase não tinha deixou de existir. — Meu chefe sorriu outra vez e pegou uma caneta de seu terno, para assinar os papéis que estavam em sua frente na mesa. — Posso te dar somente dez dias, acredito que seja o suficiente. Sinto muito por sua mãe e espero que ela se recupere o quanto antes. — Elijah assinou a última folha e me entregou.

— Desculpa Sr. Elijah... mas eu não sei do que está falando... — O homem simplesmente levantou-se, deu as costas para mim e saiu do escritório. — E parabéns pelo filho — desejei alto, sem jeito.

Fiquei parada, perplexa, tentando ligar os fatos, mas não entendi nada.

Peguei o documento contratual sobre o meu afastamento das empresas, li, reli. Nele estava escrito o motivo dos meus dias fora, alegando motivos pessoais como família doente, no caso minha mãe.

Saí do escritório e olhei para Kamila, ela parecia preocupada.

— Está tudo bem? — perguntou.

— Não sei. Elijah acabou de me afastar.

— O que? Ele... Você foi demitida? — cochichou assustada.

— Não! Não! — Fechei os olhos e neguei com a cabeça. — Preciso de uma breve reunião com você, pode ser na hora do almoço?

— Claro... Podemos almoçar no restaurante da avenida, o que acha?

— Combinado. — Olhei no meu relógio no pulso, faltava pouco.

Dei uma volta pelo hotel, verificando o andamento de rotina dos funcionários e esbarrei com Frank. O meu ex-namorado veio com o sorriso galanteador e me deu um abraço bom.

— O que foi, Eve? Está com uma carinha de preocupada.

— Nada... Frank, eu vou ficar fora do hotel uns dias.

— Posso te perguntar o motivo? Aconteceu alguma coisa?

— Não... — Como eu ia explicar se nem eu havia entendido? — Você não ia começar a trabalhar hoje? — Assimilei e ele se enroscou para me responder.

— Sim..., mas estou resolvendo a papelada ainda.

Eu poderia realmente estar ficando louca, mas por um segundo eu não senti verdade nas palavras dele, talvez tenha me baseado no passado, quando Frank era um mentiroso em potencial, o melhor mentiroso que conheci. Mas resolvi deixar pra lá, eu e ele não tínhamos nada, o beijei impensadamente, mas realmente não existia nada, nem indício de qualquer sentimento.

— Bom, eu tenho uma reunião agora.

— Eve... — ele me parou antes que eu saísse. — Eu sei que é uma mulher introvertida, mas queria que confiasse em mim para me fazer entender o que rolou entre nós dois.

— Só um beijo, Frank... Não foi ruim, claro que não. — Ruborizei e expirei o ar, odiava situações como aquela. — Eu só não estou no momento para me envolver com ninguém, entende?

— Entendo sim e queria ter te encontrado em um momento mais oportuno. Senti algo diferente ao te ver de novo. Você está linda e... se tornou uma mulher incrível, admirável! Fiquei pensando no seu beijo e fantasiei algo que talvez não possa se concretizar. — Ele coçou a nuca e umedeceu os lábios.

— Fantasiou o que?

— Pensei em consertar as coisas, se você me desse a chance de tentar de novo, desta vez sendo um homem decente.

Morri de vergonha, ele poderia ser menos direto!

— Eu realmente não estou num bom momento.

— Tudo bem. — Assentiu com a cabeça e sorriu de ladinho, o charme que sempre achei uma gracinha em Frank. — Mas o que acha de jantar comigo hoje? Me apresente algum restaurante legal na cidade, não conheço nada por aqui ainda.

— Pode ser — cedi. Peguei o celular dele e marquei meu número. — Ligue para mim para combinarmos.

— Ótimo. — Desta vez Frank se despediu com um beijo no canto da minha boca, que sinceramente, me deu friozinho na barriga.

Saí do hotel e resolvi ir caminhando para o restaurante que marquei com a Kamila, já que era perto e Seattle estranhamente estava ensolarada, aproveitei o sol que amornava minha pele e andei pela avenida.

Levei o maior susto da minha vida quando fui puxada de supetão pelo braço, estava tão distraída que quase caí, achei que seria um assalto ou coisa pior. Olhei para a pessoa e era uma mulher! Uma mulher com cabelos castanhos longos, morena clara, com traços latinos, lábios cheios, nariz fino e olhos grandes, com íris também castanhas. Tive a sensação de conhecê-la, examinei seu semblante e vinquei as sobrancelhas.

— Você precisa de algo? — averigui.

— Você é a Eveline, não é? Irmã da Mariana... namorada do Saulo.

Continuei com o cenho franzido e insisti, mantendo minha privacidade.

— Nós nos conhecemos?

— Sim... Quer dizer, não, mais ou menos. — A mulher fungou, inspirou com força e passou o dorso da mão embaixo das narinas. Ela parecia inquieta, até perturbada. — Meu nome é Justine. Nos vimos só no tribunal, mas nunca nos falamos — ela explicou. — Eu estou precisando de ajuda.

— Justine... — tentei recapitular na memória. — Você trabalhou com a minha irmã.

— Isso! Depus contra o Saulo no tribunal, no dia em que ele foi preso. Eveline, eu realmente preciso de ajuda. — Segurou com força no meu braço e então reparei na sua aparência. Moletom cinza meio sujo, assim como o cabelo oleoso, mostrando que não era lavado há muitos dias.

— Claro Justine, te ajudo no que eu puder. Do que precisa?

— De dinheiro. — A mulher parecia aflita, tanto que comecei a ficar aflita também. Estava tudo totalmente estranho! — Bastante. Você deve imaginar... — Ela não ia logo ao ponto e eu não era boa em deduções.

— Por favor seja mais clara.

— Não posso ser mais clara que isso... Eu só preciso de dinheiro, não tenho mais pra quem pedir... Saulo está regulando e eu realmente preciso, é urgente.

— Não posso saber pra que?

— Você é bem diferente da sua irmã. — Ela sorriu, evidenciando a dentição sutilmente amarelada aparentemente por causa de nicotina. — Mariana sempre foi maliciosa, no bom sentido... Você parece uma mulher ingênua, também no bom sentido. — Por mais louco que soasse, Justine parecia ser do bem, só que estava agoniada por algo que eu não conseguia decifrar.

— De quanto precisa? — perguntei de uma vez.

— Três mil dólares.

— É para pagar drogas? — Listei na minha cabeça o que poderia ser e concluí.

Ela acenou positivo e eu senti pena, fiquei abatida com a situação decadente da ex-colega de profissão da minha irmã. Justine se prostituía na mesma casa noturna que Mariana... Ela foi a testemunha chave para a condenação de Saulo, foi a última a depor e no dia da audiência, ela foi a prova viva. A mulher tinha roxos e machucados recentes por todo o corpo, o exame de corpo de delito confirmou que as agressões partiram do réu. Eu não sabia da relação dela com Saulo, como surgiu, como aconteceu, o quanto durou, só sabia como acabou. Ou será que não tinha acabado?

Eu tinha ciência também que Saulo se envolvia com prostitutas, Mariana comentou aleatoriamente uma vez. Ele até fazia contratos para manter tudo da sua maneira, sob o seu domínio e gosto. Minha irmã fez parte daquilo, foi contratada por ele, mas não durou. Mariana nunca foi do tipo mulher submissa e só se sujeitou a ele porque precisava de grana para bancar o tratamento do câncer de Martha, sua falecida mãe.

— É — ela assumiu.

— Você está devendo ou vai comprar?

— Estou devendo.

— Eu te dou o dinheiro. Mas queria te ajudar de outra forma também... Você usa há muito tempo?

— Não preciso de uma entrevista Eveline, preciso de dinheiro. — O humor de Justine oscilou.

— No hospital do meu cunhado tem um programa de reabilitação... Posso conseguir uma vaga.

— Agradeço a gentileza, mas só quero o dinheiro. — Observei a mulher nitidamente destruída na minha frente e respirei fundo, sentindo-me estranhamente triste.

— Vamos. Vou tirar o dinheiro e te dou.

Caminhamos lado a lado até a primeira agência bancária. Tirei o valor e entreguei em um envelope para ela.

— Eu realmente posso te ajudar mais — insisti.

— Desculpa te abordar deste jeito, não sou má pessoa. — Ela torceu os lábios, depois os esticou num sorriso fechado. — Obrigada Eveline. — E sequer considerou minha oferta.

Vi a mulher sair na minha frente e permaneci mais uns minutos, tentando digerir e compreender pelo menos o mínimo. O que ela tinha a ver com Saulo? Será que tinha relação com o julgamento? Eu fiz e refiz os cálculos e não cheguei a resultado algum.

Aquele estava sendo o dia mais esquisito da minha vida e a pior parte nem tinha chegado ainda.

Cheguei no restaurante e pedi mesa para duas pessoas. Esperei a assessora enquanto comia uma salada colorida e bem temperada. Kamila chegou, comecei a passar toda a minha planilha de atividades no hotel, ia deixá-la responsável pelo meu trabalho enquanto eu estivesse ausente. A funcionária tirou as dúvidas e entendeu tudo com facilidade, nós almoçamos e eu me levantei para ir ao banheiro assim que terminei o vinho da taça. Entrei no toalete, retoquei meu batom e quando entrei na cabine sanitária, fui pega por trás com força, um homem, muito grande por sinal, tampou minha boca e eu tentei gritar, me debati e tentei me livrar dos braços do desconhecido que sequer consegui ver o rosto. Arregalei meus olhos,

morrendo de medo e virei o rosto para identificá-lo. Eu o conhecia... Eu o conhecia, tentei lembrar... tentei me soltar, tentei gritar, mas não deu tempo. Senti um cheiro tóxico de clorofórmio e apaguei.



37

EVELINE



Acordei com a sensação de ter gritos entalados na goela. Varri o cômodo grande com os olhos e o encontrei na frente da cama.

— Você só pode estar de brincadeira! — reclamei.

Uni minhas pálpebras com força e as abri novamente, tentando buscar lucidez.

— Como está se sentindo? —Tentei levantar da cama, mas minha cabeça girou. Saulo correu na minha direção e me apoiou. — As tonturas acabam em algumas horas, por enquanto eu recomendo que fique deitada.

— Eu preciso vomitar — avisei.

Os gritos entalados eram a ânsia de vômito travada na garganta, o cheiro de veneno continuou impregnado nas minhas narinas.

Ele me ajudou para caminhar até o banheiro, se agachou comigo na privada e segurou meus cabelos. Sentia-me tonta, fraca, totalmente debilitada. Coloquei tudo o que consegui para fora e Saulo me ajudou a ficar em pé. Parei na pia e lavei minha boca, virei-me para o homem visivelmente preocupado e aguardei explicações.

— Pensamos que relutaria, então Luiz optou por te sedar.

— Como cheguei tão rápido? — questionei confusa. — Por que fez isso? O que você quer de mim Saulo?

— Calma... — Ele se aproximou, mencionando que me abraçaria, mas eu me defendi com as mãos. Saulo entendeu e respeitou, dando-me espaço para sair do banheiro.

Infelizmente precisei de suporte para caminhar de volta para a cama, do mesmo quarto que fiquei durante as férias.

— Me responda por favor — insisti. Notei que estava vestida com uma camiseta masculina que ia até os meus joelhos. — Você me sequestrou? Me responda porra! — esbravejei, sem medir meu palavreado.

— Você chegou ontem à noite, dormiu e agora são quase dez horas da manhã. Não vou te fazer mal algum, foi necessário te trazer...

— Necessário? — Coloquei o rosto entre minhas mãos e sussurrei: — Deus! O que está acontecendo com a minha vida?!

— Te ajudarei a tomar banho e depois desceremos para comer. Você precisa conhecer uma pessoa.

— Saulo, eu quero voltar para casa. Você não pode me obrigar a ficar perto de você.

— Se for para te manter a salvo, eu vou obrigar sim.

— Do que está falando? Me salvar do que?

— Depois do banho te conto os detalhes. Vamos. — Ele estendeu a mão para mim, mas eu recusei.

O vômito subiu novamente e tive que me apressar para o banheiro, coloquei mais jatos líquidos para fora. O gosto amargo na minha boca me fez permanecer agachada na frente da privada, meu estômago doía de tanta força. Respirei fundo e fechei os olhos.

— Você está doente? — Saulo entrou no banheiro e abaixou-se atrás de mim.

— Estou vomitando por causa da merda do clorofórmio e mais o resto do que o seu funcionário deve ter me feito ingerir.

— Clorofórmio não causa vômito. Luiz não te deu nada que deixasse nauseada — Saulo certificou. — Você tomou suas pílulas, Eveline? — Questionou lívido. Não pude responder, porque gorfei mais. — Me diga que

você não cometeu a burrice de engravidar.

— Eu disse que nunca arriscaria ter um filho seu e eu tenho palavra.

— Você foi embora vomitando e voltou vomitando, o que você tem?

— Nojo de você.

Saulo não pareceu ofendido e não acatou quando pedi que saísse para eu tomar banho. Tirei a camiseta na frente dele mesmo, mas permaneci de calcinha, precisava urgente de água quente para relaxar meus músculos e quem sabe despertar do amortecimento.

O homem ficou encostado na pia, assistindo-me enquanto eu espalhava o shampoo no couro cabeludo. Depois passei a esponja ensaboada pelo corpo, virei de costas para ele, sentindo-me intimidada por ter o par de esmeraldas fixas sobre mim, e terminei meu banho.

— Vai ficar de enfermeiro?

— Vou.

Revirei os olhos e me enrolei na toalha, indo direto para o quarto.

— Vista a minha calça de moletom — Saulo apontou o agasalho na beirada do colchão —, e o suéter.

— Foi você que mandou e-mail para o Elijah?

— Sim.

— Dizer que minha mãe está doente, Saulo? Você é friamente calculista.

— Vista logo, quero que conheça uma pessoa.

Devido aos efeitos de seja lá o que Luiz injetou em mim, eu não tinha parado para raciocinar sobre que pessoa eu conheceria, mas naquele momento a minha ficha caiu. Era Safira, só podia ser.

— Eu não acredito! — sussurrei boquiaberta, ele apenas sorriu, esperando-me colocar a roupa apressada. — Como ela está? Ela lembrou de você? Como foi lá? Que dia ela chegou?

— Ontem. Chegamos e eu mandei te trazerem.

— Pelo amor de Deus, não economize palavras, me conta Saulo! Como

ela está?

— O médico que veio examiná-la disse que ela está bem, só um pouco subnutrida.

Senti tanta vontade de abraçá-lo, de comemorar a vitória dele, eu estava tão feliz e descrente ao mesmo tempo e podia enxergar a mesma alegria em seu olhar, sentimento o qual suas íris nunca transpareceram igual. Porém, vê-lo também doía, estar no mesmo ambiente me trazia a sensação de sufocamento. Saulo tinha destruído qualquer vestígio de confiança que tentei construir. Eu ainda não tinha entendido a situação toda, mas queria conhecer Safira antes da conversa que teríamos.

— Minha menina. — Madalena abriu os braços para me receber, e eu não neguei o gesto carinhoso. Fechei os olhos quando senti o afago. Nos afastamos e então a senhora baixinha me analisou. — Vocês duas estão muito magrinhas, quero que passem uma temporada aqui para engordarem.

Atrás de Madalena, sentada distante no extremo da mesa comprida de jantar estava ela, também vestida com roupa masculina, provavelmente do irmão. Ela fez menção de se levantar e mesmo com resquícios dos sedativos eu corri em sua direção para impedir.

— Não, não se preocupe. — Sentei-me na ponta na sua diagonal e coloquei as mãos abertas sobre a mesa. Safira não hesitou, pousando as mãos geladas sobre as minhas e consequentemente me fazendo abrir o maior dos sorrisos. — Você é muito parecida com o seu irmão. Os olhos são idênticos — constatei.

— E você é muito mais linda do que eu imaginei — Safira sorriu gentilmente. — Madalena falou muito bem de você, e meu irmão também. — E então olhou para o homem em pé, no lado oposto de nós duas. Ele disfarçou e coçou a cabeça.

— Fez o suco para Eveline, Madalena?

— Sim filho, vou pegar. — A governanta se retirou e depois voltou com o meu suco preferido de frutas vermelhas.

— E como você está se sentindo, Safira? — Tentei mastigar a torrada com queijo, mas cresceu na minha boca, tive que forçar para empurrar o bolo na garganta, continuava com ânsia. — Eu entenderei se não quiser

conversar — completei.

— Não, tudo bem. — Sorriu outra vez, a mulher era linda, e a semelhança com Saulo era bizarra. Ela deu de ombros, como se não soubesse muito o que falar. — Confesso que é estranho estar aqui, mas estou me sentindo livre, como um passarinho fora da gaiola.

Bebi o suco e espiei Saulo, que nos observava em silêncio.

— Soube que está um pouquinho doente. Tenho contato com médicos muito confiáveis, são da minha família — eu disse, referindo-me a Valentim e Álvaro, o endocrinologista casado com a melhor amiga da minha irmã. — Estou sugerindo porque sei que devemos manter tudo em sigilo.

— Acho que deve se preocupar com a sua própria saúde também, Eveline — Saulo resmungou.

— Por que? O que aconteceu com você, menina? — Madalena indagou preocupada.

Eu balancei a cabeça, com a intenção de assegurar que não era nada.

— A essas horas Marco já sabe onde eu estou, não vai demorar para que venha me buscar. De toda forma eu agradeço, o médico de Saulo veio hoje me examinar.

— Eu não diria o mesmo sobre Marco, acredito que o seu irmão te protegerá. — Olhei outra vez para Saulo e ele continuou me observando calado. — Ele me protegeu de Marco durante a viagem que fizemos — contei, dando os dois últimos goles no suco.

— Vocês se conheceram no cruzeiro? — Como ela sabia? Encarei o irmão e não obtive respostas. — Adam... Monteiro me contou quando acordei, durante a madrugada.

— Coloquei ele de cão de guarda — Saulo me explicou, fazendo Safira sorrir.

— O irmão de vocês é casado com a minha irmã — esclareci.

— Nosso irmão? — O semblante pálido da mulher ficou confuso.

— Eu acho que é informação demais, mas te contarei aos poucos, pode ser? — Passei o polegar no dorso de sua mão e a vi assentir com a cabeça.

— Mas Eveline... — a governanta se pronunciou assim que o silêncio se instalou. — Temos que nos preocupar com a sua saúde? Você está doente menina?

— Não, um pouco de mal-estar. A viagem foi conturbada — ironizei.

— Ela está vomitando — Saulo contou.

— Grávida — Madelena lançou, totalmente eufórica. — Você está grávida.

— É, realmente muita informação. — Safira continuou sorrindo, parecia mesmo perdida.

— Não estou grávida — assegurei. — Me cuido direito.

— Eu espero mesmo — Saulo advertiu.

— Será que teremos um garotinho ou uma garotinha de cabelos laranja? — Madalena uniu as mãos na frente do rosto e suspirou.

— Nenhum dos dois — afirmei.

— Serei tio? O que eu perdi? — Adam surgiu mancando na sala de estar.

— Como está a sua perna? — Safira demonstrou preocupação.

— Vou sobreviver — ele dramatizou.

— Não infeccionou? — E também culpada.

— Sou macho, porra. — Adam engrossou a voz e sentou-se também, enquanto Safira ria tranquilamente. — Mas por favor, atire mais para baixo da próxima vez, quase acertou meu saco e eu não quero ficar estéril. — Ele me olhou ansioso: — Falando nisso... Vou ser tio?

— Não, crianças não são bem-vindas nessa casa — Saulo interrompeu com desafeto.

— Eu realmente não estou grávida — confirmei.

— E o que garante? Saulo cobriu direito a minhoca minúscula dele? — Adam perguntou comicamente.

Engasguei-me com a própria saliva e tossi repetidas vezes.

— Que assunto merda, Monteiro. — Saulo ficou irritado. — Preciso da numeração de vocês duas, não devem vestir tamanhos diferentes. — Ele nos analisou, mexeu a colher na xícara preta e terminou de sorver o líquido que saía fumaça. — Madalena, você e Michelle podem cuidar disso?

— Claro, minha filha tem bom gosto — Mada concordou.

— Te darei um cartão, quero que traga tudo o que for preciso para as duas. Carlos vai te levar e esperar.

— Então vou correr para deixar o almoço pronto, se precisarem de mim estarei na cozinha. — A senhora, que eu gostava cada vez mais, acenou profissionalmente e antes de sair me encarou: — Nós precisamos começar a nutrir esse bebê, Eve.

— Desculpa Mada, mas eu realmente não estou grávida — afirmei pela décima vez, desanimando-a visivelmente.

Saulo e Adam sumiram pela casa, certamente foram para o escritório. Eu convidei Safira para subir para o quarto comigo e ela anuiu. Presumi que a mulher fosse realmente tão calma como parecia, mas com certeza escondia a dor por trás de toda a fortaleza de seus sorrisos.

Nós nos deitamos na cama, eu liguei a televisão para descontrair e esperei que ela falasse qualquer coisa.

— O meu irmão é apaixonado por você. — Só não esperava por isso.

Nervosa, eu dei risada e neguei.

— Ele lutou muito para te encontrar. — Mudei de assunto, sem anular a verdade das minhas palavras.

— Perdi toda a minha vida, Eveline — a dor proferida me fez prender a respiração. — Não sei se estou feliz, não sei se estou segura, não sei o que estou sentindo.

— O tempo vai colocar cada coisa em seu devido lugar, inclusive tudo o que você está sentindo. — Me virei de lado para poder fitá-la.

— Eu torço muito, preciso que isso aconteça, porque estou cansada, tão cansada... — Ela fechou os olhos, cortando duas lágrimas que desceram molhando o travesseiro. — Fiquei sozinha por tanto tempo, vivendo sem qualquer proximidade com as pessoas. É tudo como Marco quer, quando ele

quer.

— Costumo sempre ter o que falar, mas desta vez não tenho, eu só... sinto muito Safira. — A vontade de chorar também me invadiu, mas eu segurei quando o par de olhos verdes pararam nos meus. — Eu tenho certeza de que o seu irmão sabe o que está fazendo, ele vai cuidar de você.

— Eu nem o conheço... Eu não conheço você, eu não conheço ninguém além do meu marido e dos empregados daquela casa, desde criança eles foram as únicas pessoas que convivi. E sempre tive consciência de que tudo é muito errado, que me manter presa dentro de casa talvez não seja normal... mas eu cresci assim e... parece que agora estou com medo de estar aqui fora.

— Foi sim, muito errado. O que mais acontecia? Não há problema se não quiser contar.

— Não sei se Marco é um marido ruim, ele não me destrata, só me isola às vezes... ou me dá corretivos quando o desobedeço. Eu não gostava quando o via trazer mulheres para casa, mas ele é um homem carinhoso, atencioso. Eu odiava os castigos, meu Deus, eu odiava! — O choro de Safira se tornou copioso e eu me sentei rapidamente para acolhê-la nos braços, aproveitei para esconder o rosto, já que não aguentei mais conter minhas lágrimas. Ouvi-la pronunciar os acontecimentos no presente apertou o meu coração. Safira demoraria para se livrar daquela dor, da sensação de continuar vivendo dentro daquele mundo distorcido e doente.

— Posso tentar te alegrar? — perguntei, inspirando a água que escorreu do meu nariz e ela positivou com a cabeça. — Você tem dois sobrinhos incríveis... Não sei quando os conhecerá, mas tenho certeza de que quando isso acontecer, você vai conhecer um pouco da felicidade neles.

— Sobrinhos? Saulo tem filhos? Ou... É o nosso irmão, casado com a sua irmã?

— É sim, o nome dele é Valentim, ele é médico e casado com a minha irmã. Eu conheci o Saulo por eles, há alguns anos... mas não éramos próximos. Eles se casaram e têm dois filhinhos, são muito lindos e muito inteligentes, moram lá em Seattle.

— Você também mora?

— Sim. Eu nasci e cresci no interior dos Estados Unidos e moro em

Seattle há praticamente sete anos.

— Eles sabem? Valentim... e sua irmã, sabem de mim?

— Não. — Respirei fundo. — Digamos que Saulo não tem uma boa convivência com eles, mas eu acredito que isso mudará, sempre há tempo Safira, sempre!

— Minha mente não para, está tudo inquieto e bagunçado — ela sussurrou.

Nós conversamos por horas sem parar, até que a mulher adormeceu ao meu lado. Ela parecia ser tão do bem, tão doce, tão educada, contudo, não deixei de notar o quão confusa estava, não era para menos, é óbvio que a cabeça de Safira estaria em completa desordem. Eu prestei muita atenção na mistura de tempo que ela fazia quando se referia às coisas que viveu com Marco. Ela também não parecia ter muito discernimento do quão louco e cruel o homem era, totalmente compreensível, considerando que aquela foi a realidade dela por tantos anos.

Desci as escadas e fui até a cozinha, meu estômago estava doendo de fome. Vi Adam com a geladeira aberta, pensando na vida.

— Safira sabe atirar muito bem — comentou aleatoriamente, ao notar a minha presença.

— Talvez tenha aprendido para se defender.

— Ela te contou se o filho da puta a torturava?

— Ela usa a palavra "corretivo", disse que ele a castigava. Adam, Safira precisa passar por uma consulta psicológica urgente.

Ele pegou Coca-Cola e serviu em dois copos, acendeu um cigarro e se sentou na ilha da cozinha. Aceitei a bebida e procurei algo para petiscar. Peguei um pacote de batatas do lado do fogão *cooktop* e me acomodei na banquetta perto dele.

— Onde está o seu amigo?

— Na biblioteca, o psiquiatra dele veio para uma sessão, já que ele não quer sair e deixar vocês duas aqui.

— Por que vocês praticamente me raptaram?

— Você é inteligente, ruiva.

— Açam que Marco iria atrás de mim? Como foi em São Petersburgo? Eu quero saber e Saulo não costuma me contar as coisas.

— Saiu tudo como planejado. A polícia nos ajudou.

— Vocês envolveram a polícia?

— Anonimamente. — Adam tragou o cigarro. — Não sei se você sabe, mas Marco mantinha um negócio assombroso com mulheres traficadas, como comércio... o velho vendia mulheres, tem noção? Denunciamos anonimamente, ocasionamos uma pequena baderna para o imbecil resolver, enquanto pegávamos Safira.

Parei a batata no caminho da boca, enojada e assustada com a informação.

— Como vocês sabiam de tudo isso?

— Saulo dedicou a vida toda para descobrir cada passo de Marco Sartori. Ele fez um ótimo trabalho.

— Que homem louco, doente, nojento!

— Filho da puta que chama.

— Saulo se machucou? — Eu quis saber.

— Não. Os caras não eram tão bem treinados como imaginamos. E eu... levei a porra de um tiro de uma mulher — repetiu indignado, me fazendo sorrir.

— Tadinha, ela provavelmente estava muito assustada.

Adam ficou pensativo e eu continuei comendo as batatas.

Saulo veio acompanhado de um homem loiro e tão alto quanto ele para a cozinha e me cumprimentou gentilmente.

— Deve ser a Eveline.

— Sou — respondi desconfiada.

— Certo... — Certo o que, meu filho? Franzi o cenho e o vi esticar os lábios num sorriso. — Estou de saída, nos encontramos quarta feira Sr.

Graham.

— Dr... Weylor? — o chamei de repente, ele parou e virou-se para mim. — Não sei se Saulo contou da irmã dele, a Safira... mas ela precisa de ajuda. Não sei como funciona, mas ela realmente precisa de tratamento.

— Eu não posso oferecer terapia para ela, ética médica. Mas o Sr. Graham me contou sim e eu indiquei um amigo muito competente e profissional, que a ajudará.

— Obrigada Dr. Weylor.

— Disponha, Srta. Eveline.

Gostei muito de saber que Saulo seguiu o meu pedido sobre a terapia, mas nada mudava o fato de estar decepcionada e triste com tudo o que aconteceu.

Ouvindo Adam e Saulo conversarem abertamente na minha frente eu pude entender a gravidade do problema em relação a Marco Sartori e ficou nítido que eu realmente corria perigo se ousasse voltar para Seattle. Não foi difícil digerir as informações, parecia que eu estava ficando acostumada com aquele mundo conturbado que girava em torno de Saulo.

Mais tarde eu e Safira experimentamos as roupas que Madalena comprou com a ajuda da sua filha Michelle, que para frisar era muito bonita e depois nós duas almoçamos sozinhas na sala de jantar, já que Saulo permaneceu trancado no escritório dele. Adam tinha ido embora antes do almoço. Nós duas saímos em uma das sacadas, larga e comprida do segundo andar, na frente da casa e avistamos a segurança reforçada que rodeava o terreno. Só no portão depois do jardim havia no mínimo dez guardas a postos, mais três na porta dupla de entrada. Era claramente um isolamento absoluto.

Desta vez, decidi ser responsável e avisei a minha família, dando a desculpa de que meu chefe precisou de mim na Irlanda, e que eu aproveitaria para ver o Saulo. Mariana não acreditou, sempre desconfiada de tudo que se relacionava ao cunhado e minha mãe ficou curiosa, já Dimitri parou de me responder outra vez.

— Posso entrar? — Bati na porta do sótão e a empurrei devagar. Vi

Saulo e logo inalei a fumaça de nicotina que poluía o ar. Ele estava com um copo de uísque entre os dedos e me encarou quando encostei a porta atrás de mim.

— Precisamos mesmo conversar. Quero que me conte onde estava com a cabeça quando beijou a porra de um hóspede...

— Não — o cortei imediatamente. — Não falaremos sobre mim, muito menos de quem beije ou deixei de beijar. — Mantive firmeza nas palavras, ele me observou e cedeu por ora. — Gostaria de saber se você tem previsão de quando tudo isso vai acabar.

— Em breve. Estou esperando que os meus homens tragam o velho para mim.

— E como será? Você vai matá-lo? — Dei risada do quão absurdo aquilo era e ele apenas assentiu com a cabeça como se fosse a coisa mais normal. — Não tem como sair matando as pessoas assim Saulo.

— É muito mais simples do que você pensa. — Ele sorveu o líquido âmbar que era o seu maior vício, pegou o cigarro do cinzeiro e tragou demoradamente. — A vida é um sopro, Eveline.

Senti o arrepio percorrer minha pele e umedeci a minha boca, tomada pelo nervosismo que por equívoco, achei que ele não me causaria mais.

— Tenho medo de você — admiti.

— Eu também tenho medo de você — Saulo disse, deixando-me sem entender.

— De mim? — Ri e sentei-me no braço do sofá de couro. — Não tenho coragem nem de matar um peixe, Saulo.

— Exatamente. Sua doçura, sua sensibilidade, sua bondade e fragilidade me despedaçam. — O homem se levantou, deu passos na minha direção e agachou na minha frente, fazendo as articulações dos joelhos estralarem. — Mas a sua ausência também acaba comigo... Eu acho que estou ficando louco Eveline, acho que estou perdido.

Engoli o nódulo da garganta e me levantei para me afastar dele, já que eu não tinha estrutura para continuar enfrentando a ferocidade de seu olhar.

— Você quis dividir a minha dor e você se preocupa com a minha

irmã — argumentou aflito, passando a mão pelo rosto. — Por que faz isso? Por que passou a madrugada acordada só para me ver dormir no seu colo? Se isso for o carinho que disse que me mostraria, eu sinto muito..., mas não gosto. Não me faz bem e dói. Dói porque você foi embora da minha vida sem nem olhar para trás e agora mesmo na minha frente, parece estar a mil milhas de distância.

Eu não queria dizer nada, talvez seria melhor calar as minhas palavras porque não queria machucá-lo, por mais que eu o odiasse desde o momento que aquela mulher despejou uma série de ofensas sobre mim, por mais que eu quisesse bater nele até cessar a minha fúria, por mais que ele fosse um ser humano ruim e dissimulado, ele tinha feridas ainda abertas e inflamadas e eu não queria machucá-lo mais. Entretanto, não consegui. Sentia-me exposta, traída e a sensação de humilhação não me abandonava, então falei...

— Você não olhou para mim quando trepou com aquela mulher. — Usei o mesmo termo, mesmo abominando o vocabulário obsceno que ele usava. — Não olhou para mim quando me largou depois de eu ter feito sexo pela primeira vez na vida. Você não teve o mínimo respeito e provavelmente nem saiba o significado dessa palavra. — Senti as lágrimas entornarem das minhas linhas d'água e encarei o teto para tentar contê-las. — Talvez a vida não tenha te permitido conhecer o que é respeito, talvez machucar as pessoas te faça bem, talvez tudo esteja invertido dentro de você, mas eu não sou a culpada disso e eu não vou ser mais uma de suas vítimas, que sofre por simplesmente gostar de você e querer te salvar do seu inferno particular. Você estragou uma das únicas coisas que poderia ter dado certo na sua vida, porque eu estava mesmo disposta a mostrar a sua importância.

Expressando perturbação, Saulo se aproximou outra vez e eu virei o rosto quando seus lábios tentaram tocar os meus.

— Você me decepcionou — complementei. — E não chegue com esse cheiro terrível de uísque perto de mim.

— Por favor não me negue, Eveline. Estou te pedindo por favor. — Vi de soslaio que ele estava de olhos fechados, ouvi a respiração pesada e a angústia ficou palpável entre nós dois. — Eu estou arrependido.

— Quero ficar longe de você, então respeite os meus limites — sussurrei.

Ele expirou o ar dos pulmões e se afastou. Senti-me fraca por tê-lo metros longe, mas não vacilei. Saí do sótão e desci para o andar dos quartos.

Infeliz com a intensidade dos sentimentos e do poder que Saulo tinha sobre mim, eu chorei. Chorei implorando para conseguir dormir.



38

EVELINE



No dia seguinte eu desci para almoçar e encontrei os três na mesa, no momento em que fui sentar, Saulo levantou e se retirou, sem disfarçar que a minha presença era o motivo. Olhei para a irmã dele e para o amigo e os dois pareciam não saber o que tinha acontecido. Pensei que poderia ser pela discussão da noite anterior, mas achei que ele ignoraria, como costumava fazer com todas as outras coisas relacionadas a nós dois.

— Você quer ir com a gente, ruiva? — Adam deu a última garfada e passou o guardanapo na boca.

— Onde vocês vão? — Fiquei curiosa. — Achei que não podíamos sair.

— Saulo concordou que eu leve Safira para dar uma volta na região, para ver pessoas e conhecer os lagos.

Sorri com a notícia, Adam tinha a intenção de fazê-la se sentir liberta, e cautelosamente funcionaria.

— Eu gostaria muito de fazer companhia para vocês, mas vou ficar e ver se tenho algo do trabalho para resolver. Espero que se divirtam. — Também terminei de comer e virei-me para a mulher morena clara de olhos verdes, que retribuiu sorrindo, aparentemente adorando a ideia.

— Suba e se agasalhe, está frio lá fora — o amigo de Saulo aconselhou para Safira. Eu analisei em silêncio, porque poderia estar enganada, ou Adam realmente se preocupava mais do que o necessário.

— Com licença. — Safira saiu educadamente da sala de jantar.

— Adam — investiguei.

— Não ruiva, não começa. — Ele entendeu sem que eu precisasse explicar. — Saulo é o mais próximo do significado de família que eu conheço e ela é importante para ele. Só estou ajudando.

A negação confirmou o que eu desconfiava, eu não ia insistir, mas não resisti em provocá-lo:

— Levar um tiro é uma bela e inusitada forma de começar uma história de amor.

O homem branco das bilhas azuis escuras fez uma bolinha com o guardanapo sujo e tacou em mim, dei risada e me levantei, para ajudar Madalena a tirar a mesa.

Pouco depois os dois saíram para o passeio e eu fui para a biblioteca, brinquei no piano, bisbilhotei os livros e resolvi voltar para o quarto. Vi Saulo entrando no dele e decidi ir atrás. Eu tinha que contar sobre Justine, falar sobre a abordagem para tentar entender, porque foi muito estranho e eu sentia que os dois escondiam um grande segredo.

Eu sabia que Justine havia ido atrás de mim pensando que eu e Saulo éramos namorados ou mais, baseada na mídia que repercutiu após o aniversário do Adam, mas não sabia porquê ela encontrou em mim a solução para sua dívida e nem do papel de Saulo na vida dela após ser solto.

— Não é perigoso mesmo Adam e Safira irem dar uma volta?

— A região dos lagos está cercada por meus guardas, e minha casa não consta em nenhum mapa.

— Sério? Você pensou nisso antes de comprar aqui?

— Pensei em tudo, Eveline. — Ele tirou a blusa suada de mangas, fazendo-me desviar o olhar e para piorar se despiu da calça de moletom. — O que você quer?

Sentei-me na cama para não evidenciar que minhas pernas bambearam ao vê-lo quase pelado e fixei nossos olhos.

— É sobre aquela mulher que testemunhou no tribunal, no dia que

declararam sua sentença.

— Justine — ele completou calmo. — Ela foi atrás de você e pediu dinheiro para bancar o vício, e você deu.

— Como você sabe? Como consegue saber tudo sobre mim?

— Não tudo. Por exemplo, só hoje eu descobri que o maldito hóspede é o merda do seu ex-namorado, o moleque que pediu sua mão em casamento exclusivamente para trepar com você. Você é retardada, Eveline?

Atônita, eu neguei com a cabeça.

— Como você sabe tudo da droga da minha vida? O seu segurança consegue invadir sistema de hotéis ou ter acesso a câmeras também?

— O trabalho do Luiz é te manter segura, inclusive de si mesma. Já Monteiro é investigador, esqueceu? Você só faz merda, só faz merda porra!

— Eu só faço merda? — Enfureci, rindo ironicamente. — Eu só faço merda? Com quantas mulheres você transou desde a primeira vez que me beijou? Você descarta pessoas como objetos, Saulo. O rei da merda não pode me dar lição de moral.

Comecei a rir da minha própria frase, porém seu olhar severo me fez engolir o riso. Enxerguei suas narinas expandirem sutilmente, demonstrando que Saulo estava emputecido.

— Sério Saulo, não é justo que fique assim por causa de um único beijo.

Sobressaltei quando o homem se estressou ao ponto de quebrar a fileira de peças decorativas em cristal, da prateleira de vidro que dividia o enorme aposento.

— Para com isso! — Me aproximei e segurei seus braços. — Para! Não quero justificar falando que eu estava bêbada, porque não te devo satisfações, mas não precisa esquentar a cabeça com o Frank.

— Você sabe por que aquele moleque foi atrás de você? O que ele disse? — Saulo estava revoltado e continuou com sarcasmo: — Que foi coincidência te encontrar? Sério Eveline? Em uma cidade do tamanho de Seattle, ele foi parar na porra do seu trabalho por coincidência?

— Sim... Ele disse que se mudou por causa do novo emprego.

Saulo gargalhou e passou a língua nos lábios quando voltou a me encarar.

— Mandei depredar o chorume que ele chamava de concessionária, dei uma surra bem dada no filho da puta e o avisei para ficar longe de você. Viu só que coincidência?

Boquiaberta, soltei os braços dele e me afastei.

— Você o que? Por que fez isso?

— Pra ele deixar de ser otário, mas pelo jeito não aprendeu, moleque teimoso do caralho! — Saulo expirou o ar dos pulmões de uma vez e passou as mãos na cabeça. Ele apontou o dedo para mim e cravou as íris nas minhas: — Quando tudo acabar e você for embora, se for mesmo, eu quero você longe desse imbecil, ou não serei tão bom da próxima vez.

De alguma forma aquilo me entristeceu, porque resumindo, eu tinha sido alvo de vingança do idiota do Frank. Mais uma vez me senti exposta e envergonhada diante de Saulo. Preferi não dizer mais nada, então voltei para o quarto de hóspedes.

No fim, saí magoada e sem informações sobre Justine.

Mais tarde Safira chegou com Adam e nós três fizemos a janta. A irmã de Saulo cozinhava como uma chefe de primeira, ela cuidou da carne, enquanto eu fiz a salada que era mais fácil e Adam as guarnições. Durante todo o tempo Saulo não apareceu, continuou enfiado no escritório.

— Vocês conversaram? — Adam cochichou para mim ao se aproximar do balcão.

— Ele se acha no direito de ficar bravo.

— Puta que pariu, é óbvio ruiva. Além do mau gosto, o cara te fodeu e ainda te expôs para a cidade inteira.

— E precisava destruir a loja do Frank? Precisava ter batido no cara?

— Precisava sim — Adam respondeu calmo e com certeza.

— Não dá, vocês são igualmente loucos. — Respirei fundo. — Já que você é investigador e fofoqueiro, eu quero saber o que liga Saulo com a

Justine.

— Ué, ela foi a mulher que botou ele na cadeia.

— Isso eu sei, quero saber mais.

— Não tem mais — o irlandês garantiu, mas eu acreditei como acreditava em Papai Noel. Os dois não eram homens de confiança. — E além do mais, você é retardada?

Revirei os olhos e o empurrei.

— Não sou retardada, dei o dinheiro porque a mulher estava completamente aflita, me coloquei no lugar dela. Um pouco de empatia faz bem, Adam.

— Empatia para bancar o vício de uma drogada? Obrigado, prefiro não ter.

— Não banquei nada, só ajudei a pagar uma dívida. Vai saber o que ela está passando, se está sendo ameaçada, não sei.

— Me assusta o quanto o seu mundo é cor de rosa — ele respondeu indignado.

— Me assusta não entender parte alguma da conversa de vocês. — Safira interrompeu e então resolvemos focar em escolher um vinho para o jantar.

Ela não podia beber porque estava tomando medicamentos que o médico receitou, Saulo também não quis, o que era raro demais, então somente eu e Adam degustamos o vinho da coleção infundável do dono da casa.

Nos reunimos no tapete no segundo piso da sala de estar, para nos aquecermos em frente à lareira. Atualizamos Safira de uma coisa ou outra, sem aprofundar sobre acontecimentos da vida particular de Saulo, como por exemplo, os anos recluso, os crimes cometidos ou os problemas que ele causou na nossa família. Contamos que além de ter Valentim como meio irmão, ela também tinha Charlotte e consequentemente Sol, a sobrinha mais velha deles. Falamos um pouco de tudo, para que Safira se sentisse mais como parte do universo normal, e menos como um passarinho alienado.

Nós nos entreolhávamos quando ela dizia algo desconexo, ou quando era incoerente com a realidade, mas Saulo explicava tudo atenciosamente.

Eu admito que fiquei calada admirando a comunicação dos dois e o contexto fez com que Saulo perdesse a imagem de louco na minha percepção.

Ele se dedicou por muitos anos para encontrar a irmã, arquitetou um mundo só para protegê-la. Estarmos isolados como numa bolha não era mais algo insano para mim, porque ele fez tudo simplesmente por querer Safira sã e salva, livre da vida doentia que aquele velho inescrupuloso a submeteu. Entendi que às vezes ser extremo era totalmente necessário.

Nós subimos para dormir, Safira me parou no corredor quando caminhei na direção do "meu" quarto, e pediu para que eu ficasse com ela, porque ter companhia era algo novo e a fazia se sentir bem. É claro que eu disse sim. Madalena nos colocou no quarto que possuía duas camas largas de solteiro, e não demorou para que a gêmea de Saulo adormecesse.

Eu li um pouco antes de dormir, mas não delonguei.

Escutei gemidos cada vez mais agoniados do meu lado, invadindo meu sono, devagar acendi o abajur ao lado da cama e de repente Safira gritou alto, foi exatamente no mesmo segundo que Saulo urrou visceralmente do último quarto do corredor. Ela se sentou ofegante e em prantos, e cobriu até a altura do rosto com a manta. Eu pulei para a sua cama e a envolvi no meu braço.

— Calma, você está acordada agora, o pesadelo acabou — sussurrei, mas a mulher continuou tremendo.

— A explosão — Safira murmurou. — O fogo, queimou tudo, tudo.

— O que aconteceu com ela? Saulo também está gemendo. — Adam abriu a porta do quarto e parou, tão assustado quanto eu.

— Vem aqui Monteiro e me ajude. Preciso ir até o quarto do Saulo. Anda, vem!

Ele se aproximou da cama e se acomodou do lado de Safira, oferecendo-lhe o braço para se aconchegar. Eu me apressei na direção de Saulo, enquanto ouvia o homem rosnar.

Corri até sua cama, subi no colchão e depois sobre o corpo dele. Deslizei minhas mãos lentamente em seu rosto, para tentar acordá-lo sem que o apavorasse.

— É a Eveline, por favor acorde — sussurrei, ele se debateu, mas abriu os olhos.

Os pelos de seu peito estavam molhados pela transpiração, assim como os músculos do abdômen e o rosto enrijecido e aflito. Saulo respirou forte, e como eu permaneci sentada sobre ele, pude sentir sua barriga subir e descer. Saí devagar de seu colo e sentei-me no colchão, ele fez o mesmo na sequência, ficando de costas para mim.

— O teto desabou na minha cabeça, o fogo impediu que eu saísse — contou desesperado. — E ela se machucou tanto, ela se queimou inteira. Minha mãe se queimou inteira. — Saulo manteve o olhar vazio e muito distante.

Arrepiei-me totalmente ao perceber a sintonia deles e o quanto continuavam desolados mesmo depois de décadas, ambos tiveram a infância corrompida, das mais traumatizantes formas.

— Deite aqui. — Passei minha mão em seu ombro livre de roupa. — Deite no meu colo. — Mas ele não retornou à realidade. — Saulo, está tudo bem agora. Vem, durma no meu colo! — Então coloquei as duas mãos em seus ombros e o puxei devagar para trás. Ele foi cedendo, até que encostou a cabeça nas minhas pernas.

Perguntei se ele queria algum calmante, ofereci água, sugeri que tomasse um banho para acabar com o suor, ele negou tudo, enquanto eu acariciava os fios negros de seus cabelos úmidos. Respeitei seu silêncio, mas permaneci ali, disponível para o que ele precisasse.

Adam passou para me tranquilizar, dizendo que Safira estava bem.

Não consegui dormir mais, diversos pensamentos ocuparam a minha mente no decorrer da madrugada. Questionei-me se alguma mulher teve a chance de saber os motivos das cicatrizes espalhadas por seu corpo, se haviam presenciado sua fragilidade, ou se alguém conheceu o terror que seus olhos transpareciam quando a dor vinha à tona. Talvez Vivian, mas ela também era perturbada.

Me crucifiquei por me importar tanto, depois de tudo o que ele fez de ruim para mim. Porém, era em vão recusar a dimensão do sentimento que crescia por ele. Eu odiava amá-lo.

Levei um susto quando minha cabeça escorregou para o lado na cabeceira da cama, indicando que eu tinha dormido assim que amanheceu. Senti minhas pernas leves, pois Saulo havia levantado. Vesti o roupão felpudo e quente que encontrei no banheiro e andei pelo corredor. Ninguém nos quartos, ninguém nas salas e nem na cozinha. Perguntei para os seguranças, que me informaram que eles estavam no jardim de trás da casa.

Saí pela porta da cozinha e avistei de longe o Adam com Safira, mais Madalena e sua filha Michelle, sentados em uma mesa de ferro branca, forrada com toalha e recheada de comidas para o café da manhã. Senti minha cabeça latejar, minha visão ficar turva e a sensação de que iria cair. Segurei na pilastra da varanda e fechei meus olhos.

Foi bom porque ninguém percebeu, caso contrário continuariam criando suas teorias sobre minha suposta gravidez. E não, eu não estava grávida. Minha menstruação estava regular, como sempre, só que falar aquilo na frente de todos seria constrangedor.

— Bom dia, ruivinha. — Adam sorriu.

— Bom dia — as três desejaram em uníssono.

— Sente e coma, filha. — Madalena indicou o assento ao seu lado.

A única coisa que sentia era uma indisposição fora do normal, nenhum sinal de fome.

— Estou um pouco cheia do jantar ainda — inventei.

— Não, não... Pode sentar e comer — Madalena insistiu.

— Obrigada, mas não quero Mada, de verdade. — Coloquei a mão sobre a barriga, fazendo os quatro olharem para a minha mão. Tirei imediatamente.

— Saulo está no chalé. Vá até lá e peça para que ele chame o médico, você precisa fazer um exame de sangue. — A governanta não perdoou mesmo.

Fingi acatar a recomendação e segui pela trilha no meio das árvores, rumo a casa de madeira perto do riacho. Bati na porta e Saulo abriu, vestido somente com uma calça jeans baixa no quadril, expondo suas linhas que levavam ao caminho do inferno... E que Deus me perdoe, mas, que inferno! A indisposição se transformou em calor emitente, que foi direto para o meio

das minhas pernas. Instintivamente, mordi meu lábio inferior ao observar as linhas de suor escorrendo em seu corpo vigoroso e ao sentir sua boca tocar o meu pescoço. Ele desfez o nó do roupão e enlaçou minha cintura com o braço, entorpecendo-me totalmente ao sussurrar:

— Se você quer é só pegar.

E não hesitei, eu peguei.



SAULO



Eveline avançou sem pudor, os lábios finos e aveludados se encaixaram nos meus, sua língua veio em seguida, sedenta, desejosa. Enquanto me beijava, a garota desceu as mãos para a calça que eu vestia, abriu o botão, desceu o zíper e largou minha boca para descer o jeans. Ela fechou a porta atrás de si e voltamos ao beijo, mais intenso, mais voraz.

Segurei o cabelo e a sua nuca com as mãos e retribuí, mesmo que não parecesse o suficiente para suprir todo o seu apetite.

Acreditei que ela tomaria qualquer atitude quando a instiguei, menos a que de fato eu queria, mas a garota me surpreendeu, como vinha fazendo há tempos. Talvez a pirralha fosse muito mais decidida do que pensava, talvez a garotinha frágil fosse uma mulher independente, forte e madura.

Porra! O que é que eu estava pensando?

Espantei qualquer idealização da minha mente e voltei ao que pretendíamos.

Puxei o laço do roupão, ela tirou a camisola, a calcinha e então a peguei no colo, encaixando suas pernas no meu quadril.

Eveline me beijava com tanto gosto, sua língua dançava na minha, os dentes castigavam meu lábio inferior, por poucos segundos, porque ela não queria parar de beijar.

Ela se mexeu no meu colo, insinuando que eu a penetrasse. Encostei a

mulher na parede, posicionei meu pau na entrada melada e fodidamente quente, e meti de uma vez. Eveline fechou os olhos e abriu os lábios, gemendo tão deliciosamente que arrepiou até minhas entranhas.

Observei o rostinho angelical delicado, os lábios avermelhados de tanto beijar, entreabertos, o narizinho arrebitado, e os olhos pregados com força, enquanto eu arremetia com força para preencher tudo.

Caralho! Nunca tinha comido uma mulher tão apertada, que contraísse o meu pau daquela maneira. A visão dos seios abundantes, empinados, com mamilos rosados, quicando bem na frente da minha boca, era de foder qualquer sanidade, mamei um e depois me dediquei ao outro, mordiscando e observando sua reação, que a cada movimento parecia mais ensandecida.

Suas unhas malditamente finas arranharam minhas costas quando cravei as mãos na bunda pequena, que cabia perfeitamente nas minhas palmas, e enterrei com pressão, fazendo as costas dela colidirem na parede.

Encarei o rosto sardento assim que ela abriu os olhos, assisti sua língua molhar a própria boca e depois mordê-la. O cabelo ruivo caía sobre suas bochechas, e então ofegante, ela sorriu.

— Por que está sorrindo? — perguntei confuso.

— Senti falta disso.

— Disso?

— Do seu pau — ela sussurrou rente aos meus lábios.

Que porra aconteceu com ela?

Coloquei a garota no chão, repentinamente incomodado com a mudança do comportamento dela, mas não sobrou tempo para digerir. Eveline me agarrou pelo pescoço outra vez, chupou a minha língua igual a um oral, e se afastou para me olhar.

— Eu não quero que pare, só quando eu gozar e você estiver pingando de tanto suar.

Foda-se! Ela queria atentar o diabo? Pois abraçaria o capeta!

Empunhei seus cabelos e vi o sorriso travesso brincar nos seus lábios, a guiei até a mesa de flexão de frente para o espelho, e a abaixei até que colasse

o rosto no aparelho, empinando a bunda o máximo que podia para mim.

— Você vai gozar até tremer Eveline, até não se aguentar nas próprias pernas e eu só vou parar quando eu quiser.

Ela me olhou de canto e assentiu com a cabeça, segurando nas laterais da mesa.

Enterrei até o final, tirando o equilíbrio dela, mas a mantive parada com a mão espalmada em sua bunda e a outra nos cabelos. Ela fechou os olhos e mordeu o lábio.

— Abre os olhos, quero que assista você sendo fodida. — Puxei os fios de sua nuca e a fiz levantar o rosto para olhar o espelho.

Meti sem parar, ouvindo os gemidos escandalosos e às vezes abafados, ela tentou colocar a mão no meu quadril para ritmar e diminuir meus movimentos, mas já era tarde. Eu perdi o controle.

Deitei o tronco sobre as suas costas e alcancei sua orelha, ela estremeceu, encolhendo-se e tentando fugir, mas a mantive próxima, com os fios laranjas ainda presos nos meus dedos.

Mordi sua orelha e lambi a pele arrepiada cheia de pintas, de seus ombros. Montei nela como nunca antes e ela relaxou para mim, se entregou totalmente e gozou três vezes seguidas quando envolvi o braço pelo seu corpo e alcancei o pontinho pequeno inchado e pulsante.

Desferi dois tapas pesados em seu traseiro, deixando-o muito avermelhado. Ela gostou, porque pediu pegando-me de surpresa.

— Mais forte! Bate mais forte Saulo! — Não hesitei, atolei a mão no lado esquerdo e depois no direito.

As íris verde-azuladas fixaram-se nas minhas e ela disse entredentes ao virar os olhos:

— Que delícia!

— Porra, mulher! — Repuxei os cabelos dela.

Não aguentei mais uma metida quando a boceta da garota apertou o meu pau a ponto de foder toda a minha lucidez. Esporrei dentro dela, com jatos pausados e com o pau sensível pra caralho. Ela também se desmanchou no

mesmo instante, pela quarta vez.

Tentei sem sucesso recuperar o fôlego e de olhos fechados permaneci sobre as costas dela, tomando coragem pra mover o quadril e tirar o pau do maldito buraco apertado e quente, o próprio inferno.

— O que te deu, garota? — questionei quando finalmente consegui e alcancei a garrafa de treino, no aparelho ao lado. Virei a água como se acabasse de atravessar o deserto, mas ela tomou da minha mão para beber também.

— Vontade.

Algo em mim dizia que Eveline e o moleque filho da puta não tinham feito nada, além do beijo sem noção que ela resolveu dar nele, em contrapartida, a dúvida me gerava um tipo de desconforto no peito, raiva talvez.

— O seu ex-namorado não te saciou?

— Saciou sim, mas foi tão rapidinho.

— Saciou sim? Rapidinho? Que porra de rapidinho, Eveline? — Parei na frente da garota, que vestia a camisola e a calcinha, então ela pegou o roupão e por não demonstrar qualquer preocupação, eu a segurei nos ombros. — Rapidinho? Me responda!

Ela sorriu, ficou na ponta dos pés, beijou minha boca e cochichou no meu ouvido:

— Relaxa, caçador. O dele é menor que o seu.

A lazarenta deu as costas, mas eu a impedi na porta.

— O dele é menor que o meu? O dele o que Eveline? O pau do seu ex-namorado é menor que o meu? E como você sabe? Por acaso você viu?

Ela estava de palhaçada com a minha cara? Queria me ver puto da vida? Porque estava conseguindo.

— Ei, me larga — ordenou seriamente, e só então reparei que estava apertando seu pulso.

— Você está de palhaçada, Eveline? Você viu o pau do cara? Vocês transaram, é isso?

Investiguei o semblante que, logo se franziu, me sondando. As duas pedras azul-esverdeadas contrastadas nos cílios volumosos e incrivelmente ruivos, me encararam, ainda me examinando.

— Como você tem coragem de dizer que não sente ciúme de mim? — perguntou baixo. — Não vê que gosta de mim? Não acha mais fácil aceitar e encontrar uma maneira de lidar com isso?

— Você está viajando. — Porra! Minha voz saiu num fio! — E ainda não me respondeu — retomei o tom e a vi negar com a cabeça.

— Pode ser que eu esteja mesmo. Talvez eu esteja tentando cavar para achar algo valioso, onde não existe nada além da carcaça.

Ela ajeitou o cabelo e bateu a porta quando saiu. Revoltado, peguei a merda da calça e vesti.

Continuei sem saber sobre o Frank. A garota me deixaria louco em pouco tempo!

Entrei pela cozinha e a vi com a minha irmã folheando revistas de culinária, enquanto conversavam com Madalena sobre o almoço.

Safira me olhou de soslaio, mas Eveline sequer levantou o rosto.

Preferi não almoçar, fiquei no escritório durante toda a tarde, conversando com meus homens sobre o desaparecimento do velho que conseguiu sumir diante da polícia e dos meus planos. Eu não tinha certeza de que ele estava na melhor, considerando que matamos um número considerável de seus vermes, com a ajuda da polícia. Por capacitação e também treinamento, não perdemos nenhum homem do meu grupo. Era pra tudo ter saído como imaginei, mas o chefe daquela quadrilha foi avisado a tempo, então ele desviou a porra do caminho e desapareceu.

Mas eu podia contar com o poder do desgraçado, sei que não se resumia à aquela quantidade de homens, ele tinha fortuna pesada acumulada, negócios ilegais por toda a Europa e a Ásia. E naquela altura, eu era seu alvo número um, assim como Monteiro. Eu virei do avesso e fodi a vida do cara como ninguém fez antes e de quebra ainda "roubei" sua esposa. Provavelmente, ele já havia descoberto que Safira era minha irmã, que eu era o garotinho assustado do incêndio, que estava vivo e com sede de vingança. Porém, o que ele não sabia é que tendo muita coisa em jogo, pessoas a perder, como nunca

tive antes, eu faria mais do que preciso para protegê-las dele.

Eu o mataria sadicamente e com gosto.

Ao contrário dele, eu já tinha visto o mundo acabar diante dos meus olhos muitas vezes.

Já tinha experimentado a dor mais profunda e desumana.

Já tinha perdido pessoas e coisas demais.

Mas havia colocado um ponto final nas perdas, nem que isso custasse a minha própria vida.

— Filho, você precisa comer. — Madalena bateu na porta do meu escritório e interrompeu meus pensamentos. — Eveline quis preparar um *bruster*, e ficou delicioso! Está no forno.

— Obrigado, Madalena.

— Vamos menino, levante-se e vá comer!

— Estou terminando aqui e vou.

A governanta assentiu e quando foi sair eu a chamei de volta.

— Safira está bem? Estou resolvendo problemas, não dei atenção para ela.

— Está sim, ela e a Eve se dão muito bem, você precisa ver. — Madalena sorriu genuinamente, fazendo-me visualizar algumas cenas de Safira e Eveline.

— Eu sei — respondi baixo.

— Eveline está sendo essencial na sua vida, filho. E espero que enxergue a tempo.

Típico da Madalena, eu falava uma sílaba a mais e ela vinha com sua lista de conselhos maternos, observações e críticas. Sabendo disso, eu cortei e ela se retirou.

Fui para a cozinha perto do anoitecer, Eveline estava com ambas as portas da geladeira abertas e ignorou minha presença quando mexi no forno.

— Tem aspargos aqui. — Tirou um pote e colocou sobre a ilha.

— Adam foi embora?

— Está com a sua irmã na biblioteca, ela sabe tocar piano e ele pegou seu violão acústico.

— Filho da puta — praguejei. Monteiro sabia que eu odiava que encostasse no violão.

Foi algo que meu irmão me deu quando éramos crianças e eu não gostava nem de lembrar da existência.

— Vou subir e fazer companhia para eles... — ela bebeu rapidamente o suco do copo de cristal e fechou a geladeira.

— Certo.

Eveline balançou a cabeça e respirou fundo, evidenciando que estava decepcionada.

A garota caminhou devagar rumo à sala de estar e então cambaleou, deixando-me em alerta. Ela segurou na parede e abaixou a cabeça.

— Está tudo bem?

— Sim — respondeu, permanecendo na mesma posição.

Reparei quando ergueu o rosto e encarou o teto, piscando forte duas vezes.

Ela desapoiou da parede e deu mais três passos antes de cair.

Pulei da banqueta e corri para socorrê-la, a coloquei no meu colo e levei para o sofá mais próximo. Toquei seu rosto algumas vezes, chamando seu nome, mas não tive respostas.

— O que aconteceu? Pelo amor de Deus menino, o que aconteceu?

— Eu não sei porra, ela caiu do nada na cozinha. Pede para o Carlos trazer o carro, anda Madalena, faz alguma coisa!

A governanta saiu atrapalhada da casa e eu continuei chamando por Eveline.

— Acorda, pelo amor de Deus! Não me assusta caralho!

Vagarosamente Eveline abriu os olhos e engoliu a saliva com

dificuldade, aparentemente empurrando a ânsia que chegou na garganta. Estava perdida e deslocada.

— Você desmaiou — expliquei.

— Minha cabeça rodou... — Fechou os olhos e Madalena voltou.

— Menina, o que você está sentindo? Não me mata do coração, por favor. Você está com tontura? — Então a senhora intrusa me arredou e se sentou do lado da cabeça de Eveline. — Você vomitou de novo, depois do almoço? — A garota negou com a cabeça e umedeceu a boca. — Traz água para ela, anda menino! — E mandou.

Levantei apressado e depois voltei com o copo de água.

— Vocês não enxergam? Menina, — Madalena segurou as mãos de Eveline — tem uma criança crescendo dentro de você, faça o exame para confirmar, nós vamos cuidar de vocês.

— Eu não estou grávida. — Foi a primeira vez que Eveline se irritou com a governanta, e em seguida tentou levantar-se.

— Está sim, está grávida e passando mal demais. Precisamos cuidar direito de você e do bebê. — Madalena me olhou, mantendo-a no sofá. — Peça para que o Carlos compre aqueles testes de farmácia, ela não precisa de hospital agora, primeiro precisa ter certeza dessa gravidez e depois de repouso absoluto, até se sentir melhor para levarmos.

— Você não ouviu? Eveline disse que não está grávida, ela toma remédio Madalena.

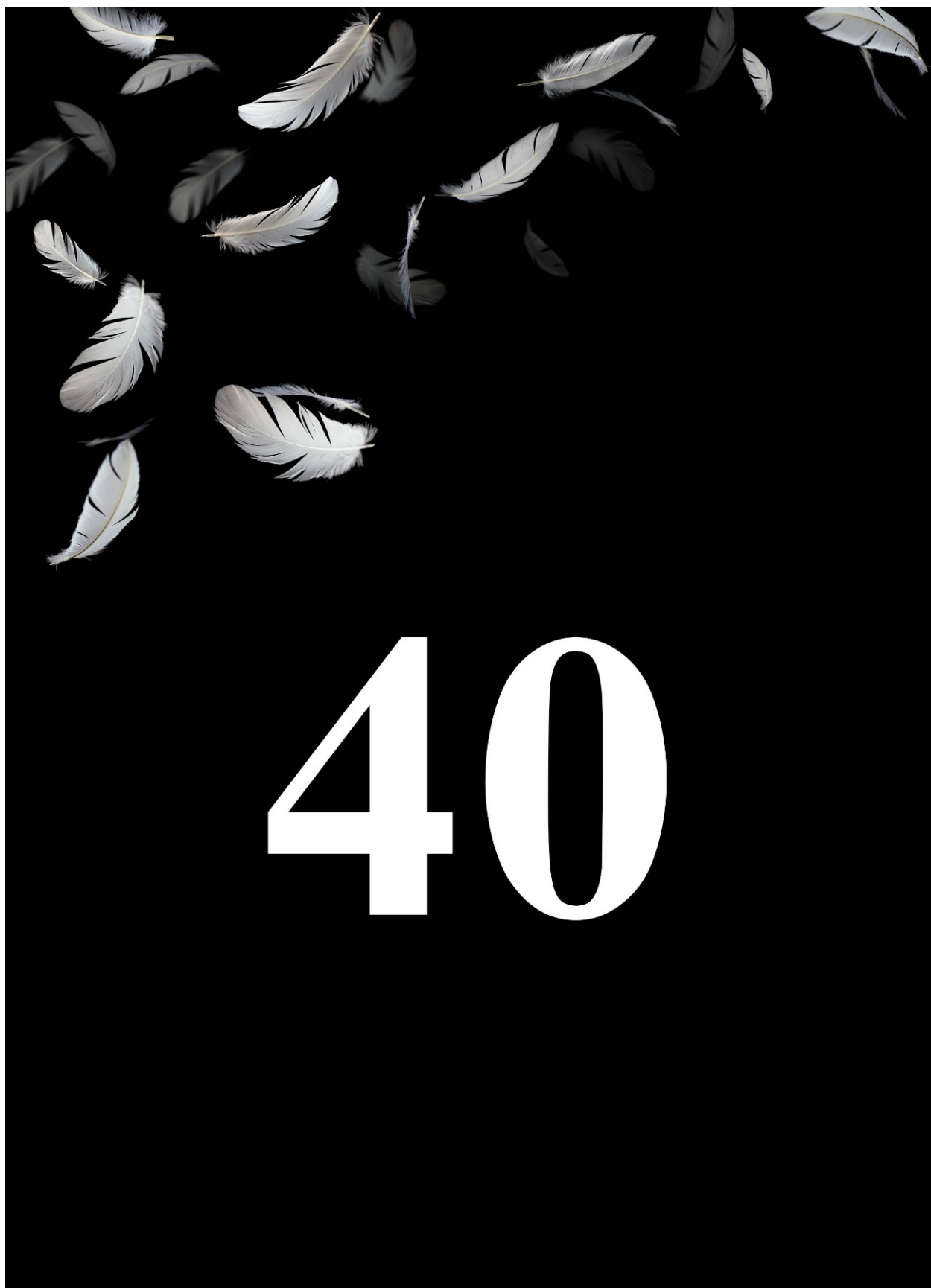
— Não quero saber Saulo, quero que faça o que estou pedindo. Seu filho está dando sinais. — Os olhos ligeiramente enrugados me encararam sisudamente. — E vocês estão ignorando todos.

— Meu filho? — Acabei rindo. — Você é louca, mulher!

Mesmo sabendo que aquilo era loucura, eu pedi para Carlos trazer os benditos exames de farmácia, demoraria um pouco, mas ainda naquela noite tiraríamos isso da frente e acabaríamos com as suposições malucas da governanta.

Eveline não tinha como estar grávida, na verdade, não poderia estar.

Eu nunca teria filhos. Pensar em bebês e crianças me dava repulsa. A última coisa no mundo que eu tinha vocação ou capacidade para ser, era pai. E eu definitivamente não seria.



EVELINE



— Para de me apressar Saulo, pelo amor de Deus! Já sabemos o resultado!

— Era só ter me deixado entrar, te ver mijar em um pote não vai me fazer perder o tesão por você Eveline.

— Nem tudo se resume a sexo, criatura — resmunguei.

— Muito menos se você estiver grávida. Com uma criança não nos restaria tempo sequer de pensar, muito menos pra trepar, mas tudo bem, eu sei que você não é burra como as outras mulheres, não está grávida. — Ignorei e sentei na privada. — Não está grávida né, porra?

Peguei o primeiro teste de gravidez, enchi de xixi o potinho e afundei a caneta, fiz o segundo sem ver o resultado do primeiro, depois o terceiro, tinham mais dois. Fiz no automático porque sabia com toda a certeza da resposta.

Para o meu pavor, eu estava completamente errada.

Os três exames provaram que sim, um ser crescia dentro de mim.

Eu estava grávida de duas ou mais semanas.

Comecei a tremer segurando as três canetas digitais, reli a bula enquanto Saulo falava sem parar do lado de fora, não me oferecendo qualquer tipo de apoio, muito pelo contrário, me desencorajando inteira.

Que merda eu tinha cometido na minha vida? Por que a merda do remédio havia falhado? E a merda da minha menstruação? Merda, merda!

— Você vai sair daí ou vou ter que abrir do meu jeito? — Sobressaltei-me, ao ouvi-lo socar a porta.

— Tenha paciência — pedi, quase sem voz.

Ele gargalhou e o escutei respirar fundo. Fechei meus olhos e agachei-me na parede, do lado da porta, sentindo-me — perdão o palavreado — muito, mas muito fodida.

— Você sabe o que acontece quando uma pessoa fica sem dormir, Eveline? As conexões neurais se fundem como um curto-circuito, param de segregar dopamina, param de metabolizar glicose, e a única informação que resta no cérebro é sobreviver. Minha cabeça é uma porra de um curto-circuito, talvez isto explique a minha irritação constante, porque é desta forma que eu vivo dia após dia. Portanto, se há algo que você não pode me pedir, muito menos agora, é pra ter paciência.

Meu Deus! Ele não parava de falar. Tentei recompor minhas forças e levantei, peguei os dois testes ainda lacrados e os abri, decidi que não os faria.

— Demora tanto assim? — Saulo cortou o silêncio pela décima vez. — Você está com medo de sair e me dar a pior notícia da minha vida, é isso? Mas tenha coragem, saia e conte! Não vou te bater! Porra, eu disse que nunca mais te bateria. Só que Eveline... eu não vou ser pai. Não tenho a mínima capacidade para isso, não sou um ser humano exemplar, não cuido nem da porra da minha vida, como vou cuidar de alguém? Você entende? Não vou ser pai, então se tiver alguma possibilidade de você estar grávida... — ele abaixou o tom de voz e repetiu: — eu só não serei pai.

Enfiei os três testes no bolso do moletom, lavei meu rosto que transpirava por causa do nervosismo, sequei e respirei fundo várias vezes. Eu o teria que fazer acreditar nos dois testes que sobraram, que continham só um símbolo negativo, que na verdade era por não terem sido feitos ainda.

— Você consegue enxergar a gravidade dos problemas que estão soterrando as nossas cabeças? Nós não temos nada sério, não temos estruturas, você não tem, eu não tenho. O que eu sei, é que um russo filho da

puta, perverso e altamente perigoso está atrás de foder a minha vida e ele sabe que você está inclusa nela, nós não podemos... Você não está grávida, então não teremos grandes problemas. — Me esforcei para parar de tremer antes de destrancar a porta. — Está muda! Você pode ter desmaiado de novo, eu vou ter que abrir esse caralho de porta.

Decidida com a única péssima opção que enxerguei ser viável diante das palavras de Saulo, eu virei a chave e ainda de cabeça baixa, por não ter coragem de encará-lo nos olhos, entreguei os dois exames.

— O que isso significa?

Cruzei minhas mãos atrás do meu corpo, porque elas me entregariam, estavam pingando suor e trêmulas.

— O que eu já sabia. — Ele me segurou assim que tentei passar.

— Não está?

— Não estou grávida — respondi convicta, com os nossos olhos fixos.

Fui envolvida em um abraço apertado, ele respirou muito aliviado, beijou meus cabelos e me manteve nos seus braços por bastante tempo.

— Então por que está nervosa? — perguntou me examinando.

— Só estou cansada.

— Onde estão os outros exames?

— Não é necessário fazer todos. — Me afastei e estendi a mão para que ele me devolvesse os dois, ele o fez e então guardei no bolso da minha calça também.

Saulo continuou me analisando, mas a descoberta sequer deixava espaço para que eu ficasse nervosa com a desconfiança dele. Sentia-me péssima, horrível e sem saída.

— Por que tenho a sensação de que você está decepcionada?

— Está enganado, só quero descansar — repeti, ele pisou para o lado para que eu pudesse passar. — Dê a notícia para Madalena, de uma forma que não a deixe tão triste — pedi antes de entrar no quarto e fechar a porta.

Deitei-me na cama e abafei o choro pesado no travesseiro. Queria e

precisava do colo da minha mãe ou irmã.

Tirei os testes do meu bolso e fiquei encarando a palavra "grávida" escrita. Depois, fiquei tentando deduzir o que Saulo quis dizer com "eu só não serei pai", ele faria o que? Me obrigaria a abortar? Negaria ou abandonaria o próprio filho? Droga!!! Isso, definitivamente, não podia ter acontecido.

Ele nunca seria um bom pai, nem que quisesse muito e não o culpava por isso, era só considerar o exemplo maravilhoso que ele teve como pai. Essa palavra "pai", na verdade, não condizia com o verdadeiro significado para Saulo... Pai e trauma possuíam o mesmo significado no mundo dele.

No meu também não era bom, considerando que eu era fruto de um estupro, mas mesmo diante do sofrimento da minha mãe, eu não tive que conviver e nem sofrer nas mãos de um louco. Saulo sim sofreu demais.

Contudo, a notícia da gravidez de Vivian parecia tê-lo deixado contente, tanto é que ele quis largar todos os planos para assumir e criar a criança. Mas merda... Vivian arrancou a alegria dele. E o que nós dois tínhamos, não podia se comparar ao sentimento doido e intenso que os dois viveram.

Saulo faria trinta e sete anos, e eu vinte e seis. Tínhamos idade, não é? Podíamos tentar.

Não... Ele claramente não queria. Era seu direito não querer. Já que fizemos sexo sem preservativo, conscientes de que eu tomava remédio, era o direito dele.

Eu não queria abortar um bebê, não por ser contra, nada disso... Mas a ideia de ter uma vida crescendo nutrida por mim, simplesmente me deixava feliz, estranhamente, mesmo com todo o medo.

Falando em medo, será que o bebê estava bem? Madalena mesmo havia dito que precisávamos nos cuidar, porque os vômitos e tonturas estavam frequentes, dores de cabeça e fraqueza também.

A realidade me bateu muito forte, só diante daquele choque eu tive noção de onde estava enfiada. Éramos dois desconhecidos ou pelo menos, era assim que Saulo preferia manter as coisas entre nós, distantes e frias. Um filho com certeza seria a pior coisa naquela situação.

Mas eu não ligava, não ligava! Eu tinha que não ligar.

Eu tinha dinheiro, uma família maravilhosa, trabalho estável, e a mente relativamente saudável. Tinha capacidade de ser mãe, criar e educar uma criança, independente de homem, independente de Saulo.

Mas merda! Era o direito dele saber.

Frustrada, gritei contra o travesseiro.

Batidas na porta, droga! Saulo estava na porta, e eu ainda nem havia digerido a notícia para poder lidar com ele.

— Já vou — falei alto. Corri para o banheiro e lavei bem o rosto.

— Posso conversar com você?

Voltei para a cama e me sentei.

— Fala.

Era quase impossível omitir algo na mira daquelas íris profundas e suspicazes.

— Ianwski disse que Marco esteve no seu apartamento.

— Quem é Ianwski? — questionei, estranhando a pronúncia do nome.

— O homem que está liderando essa operação.

— Operação?

— Para trazerem Marco até mim.

Demorei para raciocinar, permanecia estarelecida e mal.

— Ah... SAULO! — Saí rapidamente da cama. — E os meus sobrinhos? Minha irmã? Eles não correm perigo?

— Estão seguros — Saulo assegurou. — Só de pensar o que o velho faria com você se te encontrasse no seu apartamento... — Ele prendeu o ar e fechou os olhos.

— Eu quero voltar para a minha casa.

Eu precisava ir ao hospital, também precisava da minha família!

— Não é uma hipótese, você ficará aqui até que tudo esteja devidamente

resolvido, estamos combinados?

— Eu posso ficar em outro lugar, mais seguro, em algum hotel. Eu só quero voltar para Seattle.

— Você quer ser sequestrada, estuprada e levar um tiro na cabeça, porra?

Neguei com a cabeça, assustada com o tom dele.

— Então vai fazer o que eu estou mandando, e obedecer a cada ordem.

— Por que eu? Nós dois não temos nada, não namoramos... não somos um casal — coloquei para fora, com o choro entalado na garganta.

—Eu não protegeria uma pessoa qualquer, Eveline.

Aquilo soava bonito, mas longe de ser o suficiente. Estava começando a me cansar das meias palavras de Saulo, dos meios sentimentos, das meias demonstrações, estava cansada de ter alguém pela metade.

Sentei-me e respirei pausadamente para não voltar a chorar.

— Estava chorando? — indagou, ao pegar o travesseiro e notar a franha molhada.

— Só estou tensa com tudo.

Senti as mãos grandes moldarem o meu rosto e tive que usar uma força descomunal para poder enfrentar os olhos verdes tão sérios na direção dos meus.

— A verdade Eveline.

— Qual verdade?

— Você estava chorando porque queria carregar uma criança minha?

— Não — a resposta veio automática.

— Fico mais tranquilo, porque sem dúvidas, alguém com o meu sangue, com a minha genética, só te causaria problemas, dos grandes. Não te faria feliz, pelo contrário, foderia a sua vida.

Me liberei de suas mãos no meu rosto, sem conseguir encará-lo mais um segundo.

Voltei a chorar, e a primeira coisa que veio na minha cabeça foi injusta, mas era a única forma de disfarçar, já que o homem assistia assustado.

— Os meus sobrinhos ficarão mesmo bem?

— São meus sobrinhos também — respondeu.

— Mas você nem gosta de crianças. Já para mim, eles significam tudo. Nada pode acontecer, está entendendo? Nada. Nem com a minha irmã, com o meu cunhado, e com todos.

— Nada vai acontecer.

— Ótimo — sequei meus olhos.

-

SAULO

Eu quis dormir com Eveline, mas ela negou, alegando exaustão por tudo o que estava acontecendo e era realmente compreensível, eu a tinha tirado de uma vida normal e a levado a níveis extremos. Era o que acontecia com o que eu colocava minhas mãos, sempre destruía tudo.

Consegui dormir, mas acordei no meio da noite com o pesadelo corriqueiro, no qual meu progenitor detonava qualquer resquício meu de integridade, abandonando-me a própria sorte após terminar o serviço. Ser estuprado era pior do que ser açoitado, torturado ou deixado para passar fome, era muito pior, além da dor física, minha alma dilacerava mais a cada vez.

Jackson justificava, dizendo que fazia aquilo porque minha mãe havia ferrado com ele e depois ele chorava arrependido de ter me submetido, ou pela dor de sua perda. Às vezes ficava mais emputecido ao me enxergar como o motivo de tudo dar errado entre os dois, assim como minha irmã, mas Safira era um problema "resolvido", eu não... Eu tinha restado para dar trabalho, para dar desgosto.

Tudo só acabou porque minha mãe engravidou e quis ter mais de Jackson.

Valentim, meu irmão poucos meses mais novo que eu, me parecia uma boa companhia, desejava tê-lo como amigo para me sentir menos solitário naquela imensa casa. Charlotte vivia entretida com seus super-heróis, enquanto Valentim brincava de ser médico, cientista e outras profissões que almejava ser quando crescesse. Para o orgulho do pai, ele seguiu os passos do mesmo e se tornou médico, um dos melhores do país.

Valentim me chamava para ensinar as coisas que aprendia com Jackson, o garoto também queria companhia, já que os pais ficavam tanto tempo fora, mas alguém sempre intervinha, seguindo a ordem do nosso pai de nos manter distantes.

Nós crescemos e meu irmão sempre inteligente, passou a me questionar por que eu sumia vezes por mês, sumia sempre que Jackson tinha problemas

e precisava de alguém para descontar. Depois, Valentim começou a perguntar por que eu não comia na mesa com eles, por que não saía para os eventos em família e em seguida tudo piorou... Passei a descontar toda a minha ira no meu irmão mais novo, algumas vezes fiz com que parasse no hospital, pelas surras, em Charlotte foi só uma vez, já que a garota só chegou perto de mim novamente quando ficamos adultos.

Fui um péssimo irmão, porque tive um péssimo pai.

Porque queria que aqueles dois imbecis enxergassem o que acontecia bem diante dos olhos deles e que por tantas ameaças, eu não tinha coragem e nem força para contar. Mas acabei desistindo, então as brigas entre mim e Valentim se tornaram tão frequentes que ele desistiu, e era esse o meu objetivo, afastá-lo de mim, porque doía, viver sob o mesmo teto, na mesma família e ser a porra de um fantasma assombrado.

Cheguei a presenciar cenas de violência de Jackson contra a minha madrasta também, nada perto do que ele fazia comigo, mas o suficiente para me fazer crer que ela tinha medo dele, medo de me proteger. E assim foi... Até os meus dezessete anos, até a primeira faculdade me aceitar por suborno e eu ficar longe deles, de todo o pesadelo.

— Você disse que sua mãe se prostituía. Ela era má pessoa para você e para a sua irmã, Saulo? — Dr. Weylor perguntou, assim que terminei de contar partes da minha vida.

— Ela era boa.

— Você concorda comigo sobre a sua necessidade de se aproximar de prostitutas?

— Não sei o que quer dizer com isso. — Estava sendo sincero.

— Se sente mais seguro com mulheres profissionais, como a sua mãe?

— Nunca pensei nisso, Dr. Weylor.

— Então se você me permite, pensaremos juntos. Você contou sobre a irmã de Eveline, Mariana... certo? — questionou, e eu assenti. — Você fez um contrato com direito a cláusulas, para que ela realizasse as suas ordens, foi o que eu entendi... certo? — Concordei outra vez.

— Mas o que isso tem a ver com tudo o que falei sobre Jackson?

— Chegaremos lá. Só preciso que responda. — O psiquiatra sorriu, com tranquilidade. — Eveline segue suas ordens? Vocês possuem algum tipo de contrato que ela deva seguir?

— Não e não.

— Você queria que a sua mãe criasse você e Safira, ao invés de Jackson? — Que pergunta imbecil era aquela? — Só preciso que me responda — repetiu.

— Sim, eu queria.

— E sente raiva por ter tido uma vida tão, literalmente desgraçada, não é?

— Não sei se sinto raiva.

— Mas queria que fosse a sua mãe a criar você e sua irmã — ele concluiu, indagando-me em seguida com o olhar e eu só positivei com a cabeça outra vez. — Sentia-se seguro na companhia de prostitutas, Saulo. Primeiro porque sente-se frustrado por não ter crescido com a sua mãe e consequentemente ter passado por todas as atrocidades de Jackson, desta forma, descontava a frustração se envolvendo com mulheres, obrigando-as a te obedecerem, simplesmente por viverem da mesma profissão. Você visualizava sua mãe nessas mulheres e tendo uma série de decepções traumatizantes com Jackson, justamente por não ter a sua mãe para protegê-lo, tudo se transformou em raiva e dor, direcionadas a essas mulheres que representavam a sua mãe para você.

Aquilo parecia loucura, psiquiatras tinham alto potencial para serem loucos.

— Mas que porra tem a ver com Jackson?

— Jackson gerou tudo, transformou qualquer sentimento bom que você poderia ter, em sentimentos ruins, ele negligenciou e dificultou cada passo na sua vida, enquanto esteve vivo.

— Mas eu deveria me sentir satisfeito por ter contribuído para a morte dele. Por que não sinto o mínimo alívio?

— Porque tudo está preso aí dentro, guardado e previamente escondido.

— E qual é o papel de Eveline nessa merda toda?

— Quer uma opinião como médico, ou como amigo?

— Médico — respondi.

— Você quer afastá-la porque ela é o mais distante do mundo em que você viveu até hoje, ela está te tirando da zona de conforto e a maioria dos seres humanos reluta em sair de onde está acostumado, mesmo que este lugar seja repleto de dor. Eveline não representa a sua mãe, ela não possui qualquer ligação ou traço do seu pai, pelo o que eu posso avaliar até agora. Ela é diferente de tudo o que você procurou para permanecer no mesmo lugar, na dor.

Parei por minutos para pensar, tomei goles do uísque e acendi o terceiro cigarro da sessão.

— E o conselho de amigo?

— Você vai sofrer feito um filho da puta se perder essa mulher, porque ela vale ouro.

— Já ferrei tudo Weylor, eu acho que traí ela com Alma, uma vagabunda sem valor.

— E se mostrou arrependido?

— Não sei, no dia sim, mas não falamos mais sobre.

— E está esperando o que?

— Ontem ela chorou depois dos exames que fez, demonstrando ter medo que aconteça algo com a família dela, com os nossos sobrinhos... Mas nada me faz parar de pensar que ela queria estar grávida, parecia decepcionada, não sei te explicar... Senti como se ela estivesse triste.

— Essa mulher deve estar com fumaça saindo pelas ventas, Saulo. Já pensou? Eveline vivia normalmente, pelo o que sabemos não tinha nada que podemos chamar de... emocionante na vida dela e de repente aparece um sujeito como você.

— Fodido dos pés à cabeça?

— Eu usaria o termo... corrompido. Infelizmente corrompido.

— Então acha que ela chorou porque está esgotada? Porque está cansada de mim?

— Talvez porque esteja perdida. E sinto em dizer, mas você não está ajudando-a a se encontrar.

— Porra! Então o que eu faço, caralho? Você fala, fala e eu não entendo o que fazer.

— Não posso te dizer o que fazer Saulo, mas... você confia nela?

— Confio, confio muito.

— Então dê alguma luz, abra espaço para que ela entre. Se ela importa realmente para você, demonstre.

— Parece simples, mas eu não sei.

— Sente vontade de abraçá-la, Saulo?

— Sim.

— Com qual frequência? — Dr. Weylor voltou com as perguntas sem nexos.

— Bastante frequência.

— E com qual frequência a abraça?

— Raramente — respondi.

Ele sorriu e assentiu com a cabeça.

— Comece com pequenas coisas. Ela não tem quase nada seu, então significará muito.

Dei o último gole no copo e afundei a bituca de cigarro no cinzeiro. Nos levantamos e o psiquiatra estendeu a mão para mim.

— E a medicação?

— Não aumentarei suas doses.

— Mas porra, eu preciso dormir — reclamei.

— Você precisa tomar o seu remédio para não beber, precisa pegar pesado no treino, transar e abraçar a sua garota.

— Porra!

— E parar de reclamar também! — Dr. Weylor bateu no meu ombro e

nós saímos do meu escritório.

— Tome um café, te arranquei cedo da cama — sugeri.

— Eu aceito.

Nós seguimos para a cozinha e então vimos Madalena, Safira, Monteiro e Eveline. Eles conversavam, exceto a ruiva que permanecia quieta, com o copo de suco entre as mãos. Estava pálida, com os olhos e lábios inchados.

Ela só cumprimentou o médico gentilmente e voltou ao completo silêncio.

— Dr... Weylor? — chamou o médico assim que levantei para levá-lo até a porta. — Posso falar com o senhor por um minuto?

— Claro, claro.

Fiquei do lado dos dois, mas Eveline insinuou para que eu saísse.

Eveline voltou minutos depois, terminou de comer as duas torradas com queijo e saiu da cozinha.

Eu precisava mesmo colocar algum dos conselhos do médico em prática, ou claramente a perderia, sentia como se já a estivesse perdendo.

Me tranquei no escritório novamente e fiquei até a hora do almoço, corroendo minha cabeça de tanto pensar. Um celular começou a tocar na minha gaveta e só então lembrei que era o de Eveline, e que eu havia esquecido de devolvê-lo. Vi o número, e o identificador mostrando que era Frank. O que aquele moleque queria com ela? Inferno!

Ia atender, mas foi no mesmo momento em que o meu celular tocou, indicando a ligação de Justine. Meu Deus! A mulher não desistia nunca!

Já sabendo o que ela queria, chamei Monteiro e pedi que ele transferisse dinheiro para Justine, não queria ter o desprazer de ouvir a voz dela, não queria ouvir suas queixas, seus problemas, porque eu sabia, nada que viesse dela me faria bem.

Fui para a sala de estar onde minha irmã comia e procurei por Eveline, queria almoçar com as duas.

— Ela saiu — Safira me informou.

— Eveline saiu? — perguntei surpreso.

— Não sei se eu podia falar, mas ela estava nervosa e disse que precisava espairar um pouco, que ficar só dentro dessa casa está deixando-a maluca.

— Ela te contou onde foi?

Minha irmã negou com a cabeça. Não quis ser grosseiro de deixá-la terminar de almoçar sozinha, só saí quando Monteiro resolveu tudo no escritório e fez companhia para Safira.

Aquele estava sendo um péssimo dia e ver que Eveline queria me manter longe estava piorando tudo.

— Qual carro ela pegou?

— O seu, senhor — Carlos me respondeu.

— Por que a deixou sair?

— Perdão senhor, mas não ia impedi-la à força.

— Tem quanto tempo?

— Trinta, quarenta minutos.

— Caralho! — praguejei. — O GPS do carro. — Lembrei, para podermos localizá-la.

— Perdão senhor, mas temo que a senhorita Eveline seja inteligente.

— Ela desligou a porra do GPS do meu carro?

— Desligou senhor.

— Porra, Carlos! E o Luiz?

— Estava no horário de almoço, senhor.

— PORRA! — Soquei a lataria de outro carro ao meu lado, olhei a garagem toda enquanto soprava minha mão dolorida, tentando pensar no que fazer. Não tinha muito o que ser feito. — Acredito que Eveline não conheça a cidade, então não foi muito longe. Avise Luiz para ir atrás dela imediatamente.

— Sim senhor.

Não precisava ter saído escondida de mim, eu daria espaço se precisasse. Mas não conseguia entender por que ela quis trepar comigo no dia anterior, tão selvagemmente, pra no dia seguinte ficarmos naquele clima de merda!

Não suportei a agonia de ficar de braços cruzados esperando a sua volta, então resolvi pegar um carro e ir procurá-la também.



EVELINE



Foi difícil manter o foco na estrada, os olhos embaçados nublavam o caminho, o dia estava frio e chuvoso, amedrontador. Percorri o asfalto em meio à todas as árvores sozinha, sem carros, sem movimentos, somente eu e o barulho da chuva caindo sobre o carro.

A casa de Saulo era propositalmente muito afastada da civilização.

Sequei os olhos diversas vezes para não perder a vista da estrada e diminuí bem a velocidade quando os limpadores de vidro deixaram de ser suficientes para manter a visibilidade.

Parei no primeiro posto de combustível do caminho, desci ao ver uma conveniência e pedi informação ao senhor que estava no local. Eu não conhecia a região, não conhecia nada em Dublin.

Voltei para o carro e segui, dirigi por mais uns trinta minutos até finalmente chegar, todo o tempo lutando contra uma ânsia horrível e com o vômito difícilíssimo de segurar na goela. Eu sabia que era o bebê me dando trabalho e eu queria, precisava certificar-me de que ele, ou ela, estava bem.

Entrei na recepção do hospital e logo vi o psiquiatra de Saulo sentado em uma cadeira de espera, que se levantou e veio na minha direção. Ele disse que me encontraria, mesmo eu dizendo que não precisava da sua companhia, mas Dr. Weylor fez questão, em nome da minha segurança. Ele também trabalhava esporadicamente ali, por isso me indicou.

— Olha, eu nunca faria isso, mas a situação me obriga. Eu sei que você não é ginecologista, obstetra e que não sou sua paciente de fato, mas se você disser qualquer coisa para o Saulo, eu te denuncio por descumprir a moral vigente de ética médica. Meu cunhado faz parte do conselho da WMA – World Medical Association e facilmente poderia obrigá-lo a não exercer mais a medicina. Peço desculpa ao senhor, Dr. Weylor, mas estou falando sério — cochichei a ameaça próximo ao ouvido do médico, que me respondeu sorrindo e assentindo.

— Qual é a especialidade do seu cunhado, senhorita Eveline? — Ele mudou de assunto para descontrair e me deixou mais tranquila.

— Oncologia, cirurgia oncológica e centro de pesquisas.

Provavelmente Saulo teria contado para seu médico sobre a profissão do irmão, ou não. Eu queria muito saber do andamento da terapia, se tinha acontecido alguma evolução, se pelo menos Saulo estava conseguindo se abrir um pouco, mas naquele momento minha cabeça só conseguia focar em uma coisa, na saúde do meu bebê.

— Você precisa de um especialista — disse de repente e então completou: — para começar o pré-natal adequadamente. Os exames que realizará aqui serão somente os iniciais.

— Mas o senhor acha que pode ter algo de errado com o bebê? Diante do que te contei.

— Não posso dizer nada por não ser da área, senhorita Eveline. Prefiro que faça os exames e depois, se eu for útil, terei o prazer em ajudá-la. — O médico gentil se dispôs.

Vi que vagou a recepção e caminhei até o balcão, solicitei o necessário e voltei para a cadeira até ser chamada. Fiz todos os exames de sangue possíveis, mas fiquei triste em saber que não era possível fazer um ultrassom pelo pouco tempo. Eu não sabia nada sobre gestação.

Os primeiros resultados ficaram prontos em minutos. Um clínico me chamou em sua sala e pediu para que eu me deitasse na maca, examinou meu corpo rapidamente, se retirou quando uma enfermeira entrou para fazer umas perguntas e depois voltou com resultados em mãos.

— Senhorita Eveline, estou aqui com o seu hemograma completo,

conversaremos assim que você me responder algumas perguntas, certo? — O senhor grisalho parecia calmo, mas a ruga vincada entre suas sobrancelhas não deixava sua preocupação passar despercebida.

— Primeiro preciso que o senhor confirme se estou realmente grávida. Como disse, só fiz testes de farmácia.

— Está grávida sim e espero que continue.

— Como assim? Tem algum problema com o bebê? — Meu peito doeu quando as batidas do meu coração aceleraram.

— Quero que a senhorita se acalme, hum? — Ele sorriu outra vez, fazendo-me sentir um pouco de tranquilidade. — Você teve algum sangramento durante as últimas três semanas?

— Não, mas eu menstruei. — Franzi o cenho, perdida e envergonhada com a pergunta. O semblante do médico demonstrou mais preocupação, então ele terminou de analisar a última folha do hemograma e voltou a me encarar.

— Na verdade essa menstruação foi um sangramento. As fraquezas, tonturas, vômitos e dores de cabeça que relatou são decorrentes de uma anemia. A senhorita tem um tipo de anemia grave, chamada falciforme, é uma doença que encurta a vida dos seus glóbulos vermelhos, você pode me entender? — Consenti e ele deu continuidade: — É uma doença que te acompanha há algum tempo e se agravou intensamente por conta da gravidez, considerando que agora seu útero precisa de muito sangue para assegurar o embrião e depois o feto. Para ser sincero, é um milagre que não tenha perdido o bebê neste sangramento. A senhorita precisa começar o tratamento urgentemente.

Engoli o nódulo formado na garganta, umedeci minha boca totalmente seca e comecei a mexer meus dedos uns nos outros, nervosa, mal, péssima.

Eu conseguia entender cada informação, sabia sobre anemia, sobre hemácias, sobre aquela merda toda, porque meu cunhado cuidava principalmente desta área, do sangue dos pacientes.

— E o tratamento fará a criança sobreviver? — questionei fria e direta, mas por dentro tudo ardia e só de lembrar que pensei em aborto quando me levantei da cama, eu sofri. Sentia-me culpada e incapaz de proporcionar o

melhor para o meu filho.

— Querida. — O médico estendeu as mãos sobre a mesa, oferecendo-me apoio. O que ele não sabia, é que aquele gesto me desestruturou dez vezes mais.

Levantei-me da cadeira e andei pela sala pequena do clínico geral.

— Eu não quero te passar informações erradas. Uma obstetra do hospital chegará em alguns minutos e você poderá tirar todas as dúvidas, mas de antemão tente respirar fundo e ficar em paz.

— Obrigada senhor. — Não quis ficar nem mais um minuto no cubículo, precisava de um lugar para chorar.

Encontrei o primeiro banheiro e entrei, desesperada para pôr tudo pra fora. Vômito e choro.

Só saí quando ouvi batidas na porta, era o psiquiatra dizendo que estavam me chamando.

Segui para a obstetrícia, onde uma médica já senhora, alta e elegante ordenou imediatamente para que o enfermeiro me colocasse na cadeira de rodas. Eu estava cada vez mais assustada.

— Não precisa ficar assustada. — A mulher agachou-se na minha frente e segurou minhas mãos. — Cuidaremos de tudo. Eu sou a melhor no que faço. — Ela piscou sorridente, tirando alguns quilos das minhas costas.

Colocaram um acesso venal no meu braço, para ingerir soro e remédio. Ela se sentou em uma cadeira do meu lado e aquilo me confortou.

— Vamos lá, primeiro quero dizer que esse bebezinho é um guerreiro, dos mais fortes e que estou muito feliz que tenha vindo a tempo de salvarmos você e ele, porque faremos isso, certo? Vai me achar maluca, mas quero que confie em mim. — Ela abaixou o olhar somente para ler os exames. — Sou a Dra. Christina Debra, se preferir me chame só de Chris.

— Desculpa, estou um pouco assustada, mas estou ouvindo tudo — disse quando percebi que estava muda desde que a vi.

— Imagino que sim. Bom, vi no seu cadastro que é de Seattle, porém, por enquanto ficará em Dublin, até estabilizarmos sua saúde e a gestação. Você não pode viajar. Também não poderá fazer uma lista bem grandinha de

coisas, bem grande — frisou, meus olhos encheram de lágrimas. — Já solicitei mais exames, porém serão feitos amanhã, porque você já tirou bastante sangue por hoje.

Christina ficou quase uma hora orientando-me sobre a situação, do estágio da minha doença e da gravidade do risco da gestação. Ela explicou que devido à redução do meu fluxo sanguíneo, minha placenta teria diferença em volume, poderia sofrer descolamento, aderências e deslocamento, levando o feto a ter retardo de crescimento, prematuridade e até mortalidade perinatal.

Ela falou sobre os sintomas, disse que como eu não tratei antes de engravidar, tudo seria muito delicado. Tentaríamos estabilizar a minha saúde, para que eu não precisasse de transfusões de sangue. A especialista foi realista ao dizer que eu, e principalmente o bebê, corríamos risco de vida.

Em seguida, Christina finalizou passando as recomendações, como dieta para o aumento de peso nutricional, evitar cem por cento bebidas alcoólicas e tabagismo, não dirigir, não me submeter a emoções, não fazer sexo e manter repouso absoluto.

Também me deu uma receita de vitamínicos, informou o endereço de seu consultório particular e deu seu número do celular, porque precisaríamos manter contato todos os dias.

— Eveline, eu sou dessas que torce e luta pela vida com todas as armas, que tenta até o impossível e quero saber se você está disposta a entrar nessa batalha comigo para salvarmos esse bebezinho, que milagrosamente continua vivo. Estarei mentindo se dissesse que será fácil, a realidade é que teremos que lidar com algo grande e poderoso, mas se você for forte, como esse anjinho nos mostrou ser, conseguiremos. Claro, prezando pela sua saúde em primeiro lugar.

Eu já tinha chorado, ficado por minutos em silêncio, já tinha falado até não parar mais, desabafado com a médica que acabara de conhecer, até abracei a mulher e, por fim, respirei fundo e decidi que sim, lutaria para salvar o meu bebê.

A doutora não quis me largar do abraço, ela nitidamente queria me confortar e de alguma forma, conseguiu.

Voltei para a recepção do hospital, sentindo-me mais disposta depois de tanto soro e medicação, entreguei a chave do carro de Saulo na mão do psiquiatra e disse que ele teria que me levar de volta.

Eu não o conhecia, mas podia confiar em sua gentileza e consideração por Saulo, que mesmo não sabendo, era o pai da pequena criaturinha que crescia lentamente no meu ventre.

Cheguei na residência depois de horas fora, e com a ajuda de Weylor eu caminhei para dentro. Muitos pares de olhos pararam sobre mim assim que pisei na sala, Madalena, Monteiro, Safira, Michelle, Luiz e outros seguranças.

Saulo veio feito furacão do escritório, transtornado!

— Onde você se enfiou garota? Onde vocês dois se enfiaram? Por que estão juntos? Que porra vocês estão fazendo juntos? — esbravejou, depois de mandar os guardas para fora da casa.

Saulo quis avançar no próprio médico, mas Monteiro impediu entrando na frente e o empurrando.

— Você é retardado, caralho? Calma porra! — Adam gritou com o amigo, mas foi empurrado com força.

Só fechei meus olhos e me esforcei para ignorar a bomba prestes a explodir.

Weylor negou com a cabeça para o seu paciente e se aproximou do mesmo.

— A senhorita Eveline precisa que você se acalme, vocês dois têm muito o que conversar — o médico disse com toda a calma.

A respiração de Saulo saía forte pelas narinas, enquanto Monteiro tentava segurá-lo pela segunda vez.

Eu precisaria conversar com ele, pelo meu bem e pelo bem do nosso filho.

Andei devagar e em silêncio até o escritório e esperei que o homem nervoso viesse atrás. Não demorou, Saulo apareceu e bateu a porta.

— Dr. Weylor só quis me ajudar. Decidi ir até o hospital hoje, para

saber o motivo das tonturas e do cansaço. Acordei passando mal, como quase todos os últimos dias. — Encarei os olhos felinos que me cobravam em silêncio e continuei: — Não estou muito bem.

— Não está muito bem? — O semblante dele permaneceu embravecido, e ele me assustou quando gritou: — Estou esperando a porra da explicação, Eveline.

— Pedi ajuda para o seu médico para ir até o hospital e como não estou muito bem, ele me trouxe de volta. Ele só quis me ajudar mesmo.

Saulo andou pelo amplo escritório e parou atrás de sua mesa escura.

Me aproximei e me sentei na poltrona na frente, rezando para manter a calma.

— Eu estou doente, Saulo — levantei o rosto para encontrar as írises verdes focadas em mim.

Sua expressão suavizou e seu corpo pareceu desarmar. Ele sentou-se na poltrona imponente e me deu abertura.

— Estou te ouvindo.

Contei tudo o que descobri sobre a minha doença, mas mantive a gravidez em segredo. Eu sabia que mesmo vivendo a situação mais extrema da minha vida, tudo ainda poderia piorar se ele soubesse do bebê.

Quando terminei, Saulo colocou o rosto entre as mãos com os braços apoiados na mesa e permanecemos em silêncio.

— Eu poderia ter te acompanhado, Eveline — disse depois de minutos quieto.

— Não quis preocupar ninguém.

— Cinco horas sem uma notícia sua foi o suficiente para me preocupar.

— Me perdoe, não era a minha intenção.

Observei o homem tenso ficar em pé e de costas para mim, com as mãos no quadril ele abaixou a cabeça e respirou fundo, antes de virar de frente e umedecer os lábios.

— Você se colocou em risco, Eveline. Sabe o que poderia ter

acontecido? Consegue entender a gravidade? Aquele homem, aquele velho imundo... — Não consegui terminar, passou a mão sobre o rosto, abriu os lábios enrijecendo a mandíbula, surpreendendo-me com os olhos transbordando. — Eu poderia ter te levado, você foi sozinha... sozinha!

— Eu não quis te assustar, me desculpa — sussurrei.

— Por que não me falou? Eu não sou um monstro, não negaria que fosse ao hospital.

— Eu sei que não é um monstro, eu realmente sei Saulo. Só entenda, essa situação toda está me deixando louca.

Saulo cedeu, ele veio até mim e agachou na minha frente.

— Encontrarei o melhor especialista para tratar da sua doença, você vai ficar curada logo e essa merda toda vai acabar. Tudo vai ficar bem, está me ouvindo? — Saulo pegou nas minhas mãos e as colocou no rosto dele, depois fechou os olhos. — Tudo vai ficar bem, eu prometo.

Soltei suas mãos e abaixei para abraçá-lo pelo pescoço, ele retribuiu quase que com desespero.

— Conheci uma boa médica, que vai cuidar do meu caso.

— Não aceito uma boa médica para cuidar do seu caso, Eveline — disse com desdém. — Eu quero o melhor especialista.

— Saulo, por favor — pedi baixo, sem forças para discutir.

— Você não entende. — O homem levantou e se afastou abruptamente, ficando de costas para mim de novo.

— O que eu não entendo?

Ele balançou a cabeça e passou as mãos no próprio cabelo, agarrando a raiz entre os dedos.

— Eu preciso que você fique bem, porque tudo fica escuro só de pensar em te perder.

Fiquei em pé cuidadosamente, sentindo meu coração palpitar e meu estômago retorcer, encurtei a distância entre nossos corpos e o abracei por trás, encostei o rosto em suas costas e logo ele virou para me abraçar, fazendo-me acreditar que eu era o seu refúgio.

— Olhe para mim — mandou, afastando-se poucos centímetros para apoiar meu queixo com a mão, eu obedeci e por pouco não estremeci inteira diante de seus olhos, os olhos mais lindos que conheci em toda a minha vida. — Você ficará bem, entendeu? Cuidarei de você e tentarei ser melhor. Eu me arrependo fodidamente por tudo o que fiz de errado desde o início.

— Saulo, eu não vou morrer, não precisa dizer essas coisas. — Tentei descontrair, mas ele permaneceu completamente sério.

— Eu sei que você não vai morrer, só não quero mais ser esse filho da puta, olha o que eu fiz... Eu te sujeitei àquela situação com Marco e Alma...

— Não... — Coloquei meu dedo em seus lábios, impedindo que continuasse, porque a ferida ainda não havia sido cicatrizada e agora eu tinha outras dores muito mais profundas do que ter sido traída e humilhada. — Não se preocupe.

Ele alternou o olhar entre minha boca e meus olhos e me fez perder qualquer estrutura quando deixou uma lágrima solitária escorregar pelo seu rosto.

Nitidamente constrangido ele passou o braço para secar e quase me convenceu ao dizer:

— Nós ficaremos bem.

Infelizmente, eu não tinha a mesma certeza.

As palavras dele se dissipariam assim que eu lhe desse a "pior notícia" de sua vida.



EVELINE



Escorreguei no colchão para me cobrir até o pescoço e preguiçosamente abri os olhos, deparando-me com o homem seminu do quadril para cima, sentado na ponta da cama, com as íris direcionadas a mim. Espreguicei-me e me sentei encostada na cabeceira acolchoada. Vislumbrei a bandeja enorme na cor prata, repleta de comida. Meu estômago roncou e embrulhou.

— Café da manhã na cama, entendi. Só falta abrir a porta do carro — provoquei, ainda sonolenta.

O homem atraente como o diabo, venceu as sobrancelhas desentendido e eu sorri.

— Vou esperar você se alimentar para podermos conversar.

Me ajeitei, domando a bagunça dos meus fios em um coque no topo da cabeça e arregacei as mangas do suéter bege. Saulo levantou e trouxe a bandeja sobre minhas coxas, depois se acomodou ao meu lado, sem sequer ser convidado.

Mordisquei a torrada com queijo derretido, dei goles no suco vermelho que estava delicioso e fresquinho e acabei tomando até a última gota. Percebi que o meu paladar se agradou com o gelado. Saulo serviu mais da jarra e continuou em silêncio enquanto eu ia para a segunda torrada. Peguei a tigela com cereais e leite e devorei algumas colheradas.

Mais um copo de suco de morango, cranberry e açaí, e então limpei

minha boca com o guardanapo, antes de Saulo retirar a bandeja e puxar-me para o seu colo, de frente para ele.

Senti sua pele quente quando pousei as mãos em seus bíceps definidos, ele devia ter acabado o treino há pouco. Encarei a boca corada e levei a mão para tocar a barba preta por fazer, macia e gostosa de acariciar. Ele estava deixando crescer mais do que o normal, assim como o cabelo negro, que começava a formar um topete cheio, liso e muito sensual.

Droga! Saulo representava a luxúria, como o perfeito pecado capital. Um homem cruelmente delicioso, do primeiro fio de cabelo ao último dedo do pé, arrebatador e muito, muito quente.

— Preciso da sua atenção — sussurrou, certo de que minha mente se perdia em devaneios depravados. Pisquei forte e retomei a consciência, vendo-o sorrir, convencido da capacidade de me fazer fantasiar. — Você e o seu ex-namorado transaram, Eveline? — Broxei completamente, tentei sair de seu colo, mas fui obrigada na força a permanecer. — Transaram? — Encarei seus olhos, irritada e envergonhada com a intimidade e respondi negando com a cabeça. — Tem certeza?

— Minha lista de homens não é tão extensa, então sei com quem fiz sexo ou não.

— Lista? — Arqueou a sobrancelha.

— Pelo amor de Deus, Saulo! — Tentei outra vez, mas ele me manteve imóvel. — É prazeroso ouvir que só transei com você na minha vida inteira?

— É — ele sorriu, expondo seus dois dentes pontudos, ficando injustamente mais sexy.

— Pensei que queria conversar algo sério, é só isso?

Devagar, Saulo tirou meu celular do bolso da sua calça e me entregou.

— Ele está te ligando sem parar.

— Combinamos de jantar, antes de eu vir.

— Não precisava agir feito uma puta desesperada, porque você não é.

— Não fale assim comigo — segurei seu maxilar, apertando-o com meus dedos. — Você foi capaz de ficar com a Alma, mesmo eu estando

dentro da sua casa, compartilhando minha rotina e dividindo nossas histórias, você teve coragem de ir atrás dela para transar, você foi vazio! Pra piorar, ainda me difamou para aquela mulher, me expôs, foi um grande filho da puta! Então não queira me dizer como agir, porque antes você precisa rever as suas próprias atitudes.

— Tem razão — disse, desvencilhando-se de mim. — Dê a segunda chance para o cara, quando as coisas por aqui se resolverem. Não tenho dúvida de que Frank a fará muito mais feliz do que eu, só não seja burra como foi no passado, não deixe aquele moleque te usar só para trepar, porque você merece mais. — Seguiu em direção à porta, olhei pro celular na minha mão e rapidamente o joguei na cama, para ir atrás dele.

— Eu não quero ter razão, dane-se a razão! Quero que você entenda a gravidade do que fez comigo, quero que pare de usar qualquer brecha para me julgar, com a ilusão de que isso te faz bem, porque não faz!

— Você tem consulta após o almoço.

— Não mude de assunto — respondi brava.

— Marquei com o médico da minha preferência.

— Saulo! — berrei, nervosa com a indiferença dissimulada dele. No mesmo instante recebi uma pontada forte no abdômen, que me deixou sem fôlego.

Escorei na parede e abaixei o tronco, tomada pela mesma tontura dos outros dias. Preocupada, tentei retornar para a cama, mas a minha visão não contribuiu. Saulo viu a situação e se aproximou, confuso e apreensivo.

— Me deixa sozinha — pedi.

— Não.

— Me deixa sozinha por favor.

Depois de me guiar até a cama, ele me ajudou a deitar e arrumou os travesseiros embaixo da minha cabeça. Ele foi na direção do banheiro, ouvi o rangido dos registros da banheira e depois vi o homem retornar somente de cueca preta, ele se deitou atrás de mim e me aconchegou numa conchinha.

— Não quero que volte para o Frank — sussurrou na minha nuca, eu apenas fechei os olhos e assenti, sutilmente melhor. — E eu sei que disse

coisas horríveis para Alma, sei que fui um grandíssimo filho da puta. — Me colou mais em seu corpo. — Uma boneca inflável não rebola tão gostoso quanto você, não aperta o meu pau por ter a boceta fodidamente apertada e quente e não abre a boca para gemer depois de mordê-la tão deliciosamente. Acredite, você é a mulher mais gostosa que já toquei, a mais erótica de assistir.

Escutar as palavras naquele tom de confissão, sopradas no meu ouvido, em seguida receber um beijo casto no pescoço, me deixou totalmente atordoad.

Uma chama ardente ondulou no meu ventre, o pequeno ponto no meio da minha carne também deu sinal, pulsando em desejo. Queria virar para ele e devorá-lo, com todo o desejo crescente no meu íntimo, mas eu não podia. Mas o diabo continuou testando meu controle.

— Elogiar o jeito que você fode é muito pouco, perto da grandeza da sua alma. Porque você não transa apenas ao tirar a roupa, sua mania de acalmar minha tempestade também é um jeito de fazer amor.

Naquele momento, constatei que poderia ficar envolvida nos braços de Saulo até que o infinito acabasse.

Como de costume, eu não soube decifrar qual era o sentimento infiltrado nas suas palavras, mas elas vieram acompanhadas de verdade e confirmaram que eu estava perdidamente apaixonada pelo homem mais louco que conheci em minha vida.

Saulo não se incomodou com o meu silêncio, o carinho de seus dedos percorrendo o meu braço confirmou.

Nós caminhamos para o banheiro, estendi os braços e ele tirou meu suéter. Saulo analisou meu corpo, depois abaixou-se para tirar a minha calcinha. Ele ficou de frente para os pelos ruivos ralinhos que começavam a nascer e então sorriu.

— Achei que não gostasse — comentei, sem constrangimento.

— Inocência sua. Qual homem não gostaria, Eveline?

Dei de ombros. Ele ofereceu a mão para que eu entrasse na banheira e aceitei. Logo Saulo estava encaixado atrás de mim, passando uma esponja

macia nos meus ombros, nuca e costas.

— O que são esses roxos?

— Roxos? — Indaguei, sem saber.

— Têm marcas nas suas costelas e costas.

Provavelmente apareceram da noite para o dia, porque os dois médicos que me examinaram não comentaram nada. Me entortei para enxergar e só pude ver um hematoma sob o meu seio.

Ergui o olhar e engoli a saliva junto do choro ao ver Saulo tão aflito.

— Não é nada demais, logo eles somem. — Tentei tranquilizá-lo.

— Você me contou tudo ou tem algo que devo saber? Porque sinceramente Eveline, eu quero estar preparado.

— Preparado? Acha que eu vou morrer? — Ri nervosa e balancei a cabeça. Queria tanto contar a ele sobre a gravidez, Deus como eu queria! Mas me faltava coragem e eu realmente não podia enfrentar qualquer emoção intensa. — Pesquisei durante a noite, é normal surgirem roxos.

— Certo. — Saulo continuou visivelmente angustiado, mas voltou a ensaboar o meu corpo. — Sua consulta é após o almoço, irei com você.

— Não e não.

— Indiscutível.

— Eu gostei da médica que me atendeu e ficarei melhor se for sozinha. Estou tentando digerir tudo ainda, então por favor... me entenda.

Saulo umedeceu os lábios e deslizou as mãos nos meus braços, levando-me para seu colo, ainda de costas para ele.

— Carlos te levará e Luiz seguirá vocês.

Respirei fundo, imaginando como eu dobraria os dois homens de confiança de Saulo.

— Tudo bem — concordei. Ele não aceitaria menos.

Saulo me posicionou de frente para seu corpo e agarrou minha nuca, beijou minha boca com vontade e pressionou-me com força em seu colo. Era

palpável o desejo dele de transar, eu também estava entorpecida de tesão. Sua língua exigente me excitou a ponto do meu corpo desobedecer e querer ceder, mas fiz uma força sobre-humana para me controlar.

O abracei, sem saber muito o que falar. Deslizei as pontas dos dedos nas saliências de suas cicatrizes e ele relaxou, ainda descontente com a negação, no entanto retribuiu o carinho.

— Qualquer coisa mande mensagem e eu subo.

— Não se preocupe.

— Madalena trará o seu almoço daqui a pouco, descanse por enquanto.

Consenti e antes que ele saísse, eu o chamei.

— Safira está no quarto?

— Aqui ao lado.

— Peça para ela vir aqui, por favor?

— Você precisa descansar, Eveline.

— Gosto da companhia dela. — Acabei fazendo bico, ele respirou fundo cedendo.

Passei o resto da manhã conversando com Safira, que parecia mais tranquila, mais viva, mais alegre e mais dentro da realidade. Me contou que na tarde do dia anterior, ela e Adam foram me procurar e aproveitaram para ir ao cinema. Confidenciou-me que não conhecia cinema, mas me fez prometer que eu não contaria para Saulo e concordei, já que o amigo de Saulo garantiu sigilo e segurança. Ela confidenciou também que Adam a levaria para aprimorar o tiro, alegando que não queria levar outro tiro perto do "saco". Claro que eu não acreditei.

Saulo almoçou conosco no quarto, já que eu deveria evitar o máximo ficar descendo e subindo escadas. Eles interagiam pouco, compreensível, era muito recente. Mas a sintonia de ambos era algo de deixar qualquer um de boca aberta, no nível de um começar a frase e o outro terminar. Eu nunca tinha convivido com gêmeos, não sabia dessa conexão admirável.

Fiz um lembrete mental para perguntar à Dra. Christina sobre uma possível gestação gemelar e só de pensar na possibilidade eu quis surtar.

Carlos dirigiu o carro blindado de Saulo, enquanto Luiz vinha logo atrás em outro. Mexi no celular durante todo o percurso, respondendo mensagens da minha família e de Dimitri, que disse estar com saudade de mim. Finalmente ele voltou a conversar comigo. Ignorei as mensagens de Frank e nem pensei em retornar suas ligações, a única coisa que eu sentia por aquele moleque, era asco. Moleque mesmo, como Saulo o denominou. Querer me usar para se vingar da ira de Saulo? Moleque!

A clínica tinha identificação da especialização na fachada, o que me deixou mil vezes mais nervosa. Chamei Luiz e Carlos para fora dos carros e me desconheci.

— Estou enfrentando uma gestação de alto risco. Não só eu, mas o filho do patrão de vocês também corre risco de vida. Por enquanto não me preocuparei com a reação de Saulo quando descobrir a gravidez, não estamos prontos nem estáveis para enfrentá-lo, então saibam... Se vocês cogitarem contar qualquer coisa para ele, estarão se responsabilizando por uma tragédia. Se Saulo souber da minha gravidez ele vai reagir mal, muito mal e eu posso perder a criança. Garanto aos dois que não quero perder, então vocês não viram, não ouviram e não sabem de nada, certo? Essa criança está sob os meus cuidados, mas também está na mão de vocês, não façam besteira.

Primeiro tinha sido o psiquiatra e então me vi ameaçando os funcionários de Saulo. Não sei onde aquilo iria dar, mas a minha intenção era manter o meu bebê a salvo e eu faria qualquer coisa para isso, me transformaria se preciso, mudaria a postura, qualquer coisa pela criaturinha que insistiu em ser um milagre que crescia no meu útero.

A consulta foi pior do que no dia anterior, fizemos exames imediatos e descobrimos que minha situação era pior do que o previsto, a obstetra confirmou que em breve eu teria que fazer transfusão de sangue.

— Traga o papai na próxima consulta, preciso passar todas as orientações a ele, toda a ajuda será essencial.

Calada, apertei meus lábios e ela investigou minha expressão.

— Entendi — disse, ao me ver em silêncio. — Passarei o contato de uma enfermeira de confiança, que te acompanhará daqui em diante.

— É mesmo necessário, Dra. Christina?

— Extremamente necessário.

Comentei sobre o fato de Saulo ser gêmeo e ela considerou a gestação gemelar, o que poderia explicar a decadência tão rápida da minha saúde, duas crianças exigiriam o dobro. Porém, só teríamos a resposta nas próximas semanas.

Saí do consultório me perguntando se eu iria embora toda vez com o mesmo desânimo e a mesma sensação de derrota. Encostei a cabeça na janela e seguimos o trajeto até pararmos em uma farmácia. Carlos desceu e comprou tudo o que pedia na receita médica e depois voltamos para a estrada. Antes de entrar na casa, Luiz e Carlos assentiram para mim como cúmplices. Receosa, eu pisei na sala da mansão e temi que Saulo aparecesse com pedras na mão, mas isso não aconteceu. Os dois homens realmente mantiveram segredo e eu agradei muito.

— Como foi? Algo novo, alguma melhora? — Saulo me recebeu com um sorriso que me deu vontade de chorar.

— Não, está tudo bem. Vai ficar tudo bem. — Não queria vê-lo mais nervoso do estava.

O homem parecia cansado, esgotado, com olheiras e muitos problemas rodeando nitidamente a sua cabeça.

— Tem quarto desocupado neste andar?

— Tem dois, um perto da Madalena e outro perto do meu escritório. Por quê?

— Vou precisar.

Saulo não fez mais perguntas, o cuidado e a preocupação comigo não eram coisas comuns vindas dele, mas estavam ali, estampadas em sua expressão franzida.

— Providenciarei. — Cessou a distância e envolveu o meu corpo com seu braço. — Vem, fique comigo no escritório, até que o quarto esteja pronto.

— Preciso pegar água, para os remédios.

— Eu pego, vamos. — Andamos até o escritório, que possuía o perfume dele em cada canto, a personalidade intimidadora também, era escuro, como

tudo naquela casa.

Não gostava muito de entrar lá, era um ambiente carregado de problemas e Saulo parecia sempre tenso, sem contar com a cena que minha memória rebobinava sem parar, de Alma sentada na mesa de pernas abertas para ele. É, eu definitivamente não gostava do escritório. Porém, eu estava me sentindo muito cansada e além de tudo, profundamente triste.

O lugar dispunha de um sofá sem encosto, estilo divã, bem grandão, onde Saulo organizou as almofadas e eu me deitei. Ele tirou o suéter de lã que usava e me deu, eu aceitei, porque o escritório era realmente mais gelado que o restante da casa.

Tomei os comprimidos depois que ele trouxe o copo d'água e me acomodei.

O homem ficou detrás da mesa, sentado na cadeira de encosto grande e permaneceu quieto, concentrado no notebook — que era igual ao meu — e hora ou outra anotava coisas em papéis diversos. Era o lugar que eu menos gostava e onde ele parecia se sentir mais à vontade.

Um som me acordou, sentei lentamente e avistei o celular vibrando contra a mesa. Varri o escritório com o olhar, e certifiquei-me de que Saulo havia saído. Fui até a mesa e peguei o aparelho, que tinha o nome "Justine Andorra" escrito na tela. Impulsivamente quis atender, mas me repreendi. Saulo entrou no mesmo instante.

— Qual é a relação que você tem com ela? — Eu precisava saber, não era a primeira vez que aquela mulher aparecia.

Vi a chamada acabar e então larguei o celular. Percebi em sua expressão o quanto ficou incomodado com a invasão, mas dane-se, eu queria saber!

— Justine faz parte do meu passado, nada mais.

— Então por que ela te pede dinheiro? Por que te liga?

— Seu quarto está pronto.

— Para de fugir o tempo inteiro — pedi.

— Não estou fugindo, Eveline. Estou avisando que o seu quarto está pronto.

O celular voltou a tocar, olhamos para o mesmo e então nos entreolhamos.

— Quer que eu saia? — perguntei.

— Por gentileza. — Porém, não era essa a resposta que eu queria ouvir.

Mesmo assim eu me retirei. Parada rente a porta, tentei escutar a conversa, mas o escritório tinha isolamento acústico. Frustrada, fui para a cozinha, precisava seguir à risca a dieta que a médica passou. Pedi para Madalena preparar meu lanche saudável e voltei para o quarto, eu não podia ficar em pé nem sentada por muito tempo. Me alimentei e passei praticamente o dia todo dormindo. De noite tomei outro banho com a ajuda de Madalena, já que somente no dia seguinte eu entraria em contato com a enfermeira e me deitei novamente.

Já estava tarde quando Saulo se deitou atrás de mim, achando que eu havia adormecido. Fiquei muito enjoada com o cheiro fortíssimo de uísque e nicotina, mas não me afastei. Ele me abraçou fortemente encostando nossos corpos e suspirou, permitindo-me sentir seus soluços nas minhas costas. Não deixei que ele notasse que eu estava acordada, porque poderia interromper seu momento de vulnerabilidade.

Ele não era homem de chorar, mas assim como eu escondia um segredo dele, ele também escondia um de mim.



SAULO



— Você não é homem, Saulo. Você é um imbecil, um merda!

— Sugiro que se acalme, caso queira continuar sendo sustentada pelo meu dinheiro.

— Como se não fosse a sua obrigação.

— Da minha obrigação eu sei, e tenho certeza que te dou o triplo do necessário, todo maldito mês.

— Já disse que não é o suficiente, estou com dívidas caralho! Você gosta que as pessoas se humilhem para você, não é?

— Eu gosto que as pessoas não me perturbem, Justine.

— Eu-preciso-de-dinheiro, porra! — ela exasperou na ligação, dizendo pausadamente.

— E eu preciso que você pare de encher a porra do meu saco.

— Você não está entendendo a gravidade, como nunca entendeu.

— Não posso ser responsável pelas suas dívidas, não posso bancar seu vício de merda, se vira!

— Você é muito frio, Saulo, muito frio. Tente entender, por favor. Eu preciso de dinheiro, você sabe como essas pessoas são, é perigoso demais! E não me trate assim, porque você é culpado pelo meu vício.

Tive que rir, ela gritou diante da ironia e não parou, até que entrou no assunto que eu reconhecia ser meu próprio limite.

—Você acha que eu estou brincando sobre a dimensão do problema. Você não tem consideração por ninguém, mas vou te fazer ter, seu filho da puta!

Eu sabia que Justine tinha o dom de fazer eu me sentir o pior merda, então evitava quando ela começava. Desliguei grosseiramente. Esgotado, abaixei a cabeça entre as mãos. Escutei o toque de Monteiro na porta do escritório e o chamei para entrar.

— Justine? — Monteiro era bom em decifrar minhas expressões. Concordei, enquanto ele se sentava na cadeira na frente da mesa.

— Prevejo o final dessa história, e não é bom.

— Eu quero que se foda, não é da minha conta.

— Sua conta vai chegar, parceiro.

Tomado pelo ódio, virei a mesa para o chão, derrubando tudo o que estava sobre ela. Monteiro se afastou rapidamente para não se machucar com o peso do móvel e deu risada.

— Calma, seu puto.

— Eu estou no limite, porra. No meu limite. Não estou aguentando, tem merda para todos os lados. Não encontram o Marco, Safira parece a porra de uma estranha, Justine não para de infernizar e... eu sinto que Eveline vai morrer.

Passei a mão no cabelo, a fim de arrancá-los pela raiz. Dei a volta no escritório, preenchido por uma dor pungente no peito, a mesma que eu sentia desde o acordar até a hora de dormir. Parecia que eu sufocaria a qualquer momento. Todos os problemas foram minimizados quando enxerguei toda a fragilidade de Eveline, quando descobri que poderia perdê-la a qualquer momento, isto passou a ocupar minha cabeça vinte e quatro horas por dia.

E sinceramente? Eu sabia que era aquele o final da história, porque ela se repetia por toda a minha vida.

Eu deveria me afastar da garota, mas não conseguia, meu corpo havia se acostumado com o dela, meu coração passou a se acalmar quando a tinha por

perto, todo o furacão se transformava em calmaria quando Eveline estava nos meus braços.

Eu queria muito significar sua paz, como ela era a minha. Queria ser o equilíbrio e a força que a garota precisava nesse período tão difícil de sua vida, contudo, eu não conseguia. Havia me tornado um imbecil, que mal controlava as próprias lágrimas. Desesperado e muito medroso, porque como na infância, sentia que minha vida poderia escorrer entre os meus dedos.

Eu deveria mesmo me afastar, mas a ideia de conhecer a felicidade era muito mais entusiasmante, mesmo com a possibilidade de perdê-la logo em seguida.

Eveline precisava de mim.

Sete dias após Eveline descobrir a doença eu precisei ligar para o chefe dela, que era grande conhecido meu do ramo de empresas, para conversarmos sobre o afastamento dela. Percebi o quanto a garota era importante e boa funcionária, quando o homem sequer hesitou, se dispondo a ajudá-la em qualquer coisa e oferecendo o tempo necessário para a sua recuperação.

Pedi para Monteiro cuidar da declaração e atestados e enviar para Elijah, e depois fui checar como ela estava se sentindo. Empurrei a porta devagar e não a vi no quarto, então segui até o banheiro, onde a encontrei nua, se observando na frente do espelho inteiriço do chão ao teto. Seus braços tinham marcas das agulhas mais grossas, os roxos se multiplicaram por todo o seu corpo, nas mãos, os hematomas causados pelo excesso de picadas e vasos sanguíneos rompidos, estavam aparentes. Eveline não parecia assustada como eu, porém, ficava com o semblante mais cansado a cada dia.

Ela me olhou pelo reflexo do espelho e esticou os lábios em um sorriso contido. Alcancei o roupão e a fiz vestir, já que havia respingos pós banho por toda sua pele.

— Como está hoje?

— Estou bem, e você? — respondeu, com toda calma.

— Se você está, então eu também estou.

Vi a garota virar-se de frente para mim e envolver os braços no meu pescoço, ela encarou minha boca e depois os meus olhos.

— Vai mesmo preparar o almoço hoje?

— Está duvidando dos meus dotes?

— Claro que estou — senti as pontas de seus dedos tocarem minha cabeça e admirei o pequeno sorriso se ampliar. — Duvido que saiba fazer uma salada.

— Vai ter que se contentar comigo, porque Madalena não está, estamos sozinhos hoje.

— Deu a merecida folga para a Jenna?

— Sim, senhora.

— Senhorita — Eveline corrigiu, encostando rapidamente os lábios nos meus. — Obrigada.

— Não me agradeça, só deixei porque a mulher precisa estar inteira para cuidar de você.

Comecei o almoço e diferente do que a ruiva imaginava, eu comecei a me virar cedo na cozinha, então sabia mais que o básico. Enquanto isto, sentada em uma poltrona confortável da cozinha, ela assistia atenta cada passo.

— Você dormiu essa noite? Me desculpa, eu não consegui ficar acordada.

— Dormi sim.

O que ela não sabia, é que há dias eu estava conseguindo dormir na mesma cama, sem qualquer imprevisto. Ela sempre dormia primeiro do que eu, por consequência dos remédios, mas em seguida eu conseguia relaxar e pegar no sono e vê-la todos os dias se esforçando para ficar acordada, preocupada com o meu medo de dormir e fazer-lhe algum mal, me provava o quão idiota eu poderia ser por uma mulher. Dormir era simples para as pessoas, mas para mim, significava muito.

Naquela manhã, achei que teria uma crise de ansiedade, porque seria a primeira vez que a acompanharia na consulta, já que houve resistência desde a semana anterior, Eveline acabou cedendo, confesso que quase a obriguei de uma forma nada delicada, porque mesmo me policiando o máximo para não brigarmos, aquela negação estava me fodendo.

Eu podia ser tudo, menos burro. Não tinha dúvida de que Eveline escondia um motivo grave, que justificava a relutância da minha companhia no tratamento.

— Saulo, — a garota me chamou, quebrando o silêncio que reinava na cozinha — eu quero te pedir uma coisa e você só tem o direito de dizer sim.

Fechei o forno e sentei-me na banquetta, próximo a ela.

— Já que não tenho outra opção... peça!

— Se eu não for curada, quero que conheça os nossos sobrinhos.

Foi a primeira vez que ela demonstrou incerteza sobre sua recuperação, o que me gelou inteiro, ao mesmo tempo que acabou comigo.

— Isso é chantagem — respondi com o resquício de voz que restou.

— É mesmo e não se nega a chantagem de uma pessoa doente — disse humorada.

— Este não é o tipo de humor que eu aprecio, Eveline.

— Você não respondeu ainda. Quero que prometa que irá conhecê-los.

— Que merda é essa? Está se despedindo de mim?

Ela gargalhou fraco, negou com a cabeça e caminhou na minha direção.

— Não estou me despedindo, estou te chantageando porque quero que você considere a sua família, quero que saiba que não está sozinho e que a sua vida pode ser muito mais do que viver na solidão dentro dessa casa, rodeado de problemas e remorsos.

Foi a minha vez de rir, diante da ingenuidade que continuou intacta.

— Não ache que Valentim, Charlotte, Mariana e o restante, são loucos como você.

— Me acha louca por amar você?

Como se fosse corriqueiro, Eveline lançou a palavra com naturalidade, sem qualquer amarra ou receio. Ela admitiu que sentia amor por mim sem antes me preparar para aquilo. Eveline foi completamente inerente, única, como em todos os seus detalhes.

— Então você me ama? — Queria ouvi-la confirmar. A mulher assentiu tranquilamente e sorriu para mim, a crise de riso abalou minha estrutura e foi mais forte do que eu.

— Por que está rindo, seu idiota?

— Você é maluca, mulher!

Desci da banqueta e a agarrei pelo quadril, colocando-a devagar sobre o balcão.

— E você é um safado que está fugindo da promessa.

— Não preciso prometer nada, porque você vai ser curada.

Em silêncio, o par de íris salpicadas entre o verde e azul, me examinaram. Ela comprimiu os lábios e abaixou a cabeça.

— Você acredita nisso? — questionou baixo.

Levantei seu rosto na minha direção e embora não estivesse confiante mesmo, eu consenti, esclarecendo que acreditava em sua recuperação. Eveline vinha sendo o meu apoio todos os dias, por medo de me ver cair e desistir, quando na verdade quem estava precisando mais do que nunca era ela.

— Me beija, por favor Saulo.

Avancei na boca dela, louco para sentir seu gosto e a beijei com o apetite que se acumulou, tornando-se quase insuportável. Senti o sabor da saudade, do desespero e do desejo mais genuíno.

Eveline percorreu as mãos nas minhas costas, agarrou o tecido da minha blusa e puxou para tirá-la, em seguida deslizou as unhas na minha pele e agarrou minha nuca, emaranhando as pontas dos dedos na minha cabeça. Ela gemeu contra meus lábios quando a peguei no colo e a apertei contra o meu corpo, permitindo-a sentir a rigidez do meu pau.

Há uma semana não fazíamos absolutamente nada além de beijos castos, ela vinha me evitando e eu não pressionei, porque sabia que a condição da saúde dela poderia limitá-la. Então eu estava doido, invadido pela vontade que crescia visceralmente, queria sentir cada pedaço de seu corpo e dentro dele.

Sua língua libidinosa intensificou o fervor do meu corpo, meu pau começou a latejar dentro da calça, então o forcei entre as pernas dela, impedido pelo tecido do meu jeans e pela renda de sua calcinha. Roci a barba na pele pálida e sardenta de seu pescoço e ombro, beijei o lugar cheiroso, sentindo suas coxas arrepiarem em reação. Inalei o cheiro de sua pele, que se misturava ao perfume afrodisíaco de seus fios laranjas e então a posicionei no balcão de novo, para me livrar da calça e passar a pequena calcinha pelas pernas brancas e alongadas.

Eveline fechou o punho segurando meu cabelo, e me obrigou a encará-la. Vi a boca avermelhada entreaberta bem próxima da minha, seu hálito quente tocou meus lábios, enquanto ela tentava compassar a própria respiração.

— Saulo, desculpa... Eu acho melhor pararmos.

Irritado, abaixei o olhar e encarei a pequena carne rosa entre suas coxas, totalmente melada. Imediatamente Eveline fechou as pernas e eu vesti minha calça.

— Está se sentindo mal? — perguntei.

— Um pouco de tontura. — Ajudei a garota a descer do balcão, em seguida ela voltou para a cadeira.

Meu celular começou a vibrar em cima da mesa, Eveline movimentou a cabeça para ver, se levantou e pegou. Viu o nome na tela e franziu o cenho para mim.

— Atenda. — Entregou o celular para mim e permaneceu parada na minha frente.

— Ciúme não combina com você, Eveline.

— Não é ciúme, Saulo. Eu só não quero ser feita de trouxa outra vez, você não me conta nada sobre Justine e isso me faz acreditar que existe algo entre vocês dois. — O rosto repleto de sardas começou a ruborizar ao ver que eu não atenderia. — Então eu atendo! — A mulher aceitou a chamada e colocou o celular no ouvido. — Justine?

Emputecido, arranquei o celular dela e desliguei.

— Justine é uma mulher do meu passado e pretendo não a trazer para o

presente.

— Me diga o que você teve com ela, que dá abertura para te pedir dinheiro? Tem alguma coisa a ver com aquelas despedidas? O que é aquilo, Saulo? Por que uma despedida para Safira e outra para Benício? Quem é Benício? Justine sabe de algum segredo seu e te chantageia? Você matou alguém importante, ou quer se matar?

Senti vontade de pegar nas mãos dela e me mostrar do avesso, para Eveline conhecer a pessoa podre com quem estava se envolvendo, o homem ruim, o péssimo ser humano que ela entregou tudo, seu corpo e seu amor. Porém, eu era um medroso fodido, que temia perdê-la. Não podia simplesmente ativar a bomba e esperar que ela ficasse entre os estilhaços.

— Eu tenho assuntos particulares Eveline e exijo que fique fora deles.

Os olhos expressivos e intrigados ficaram mais alguns segundos me analisando. Depois ela assentiu e caminhou até a mesa da sala de estar.

Comemos o peixe assado, que ela disse estar com vontade, e a acompanhei no suco. Nos últimos dias a quantidade de álcool que eu vinha ingerindo havia diminuído consideravelmente. Eveline dizia que só de sentir o cheiro da bebida ficava com dor de cabeça, igualmente o de cigarro, mas este vício eu não conseguia sequer diminuir, fumava nas áreas externas da casa e depois tentava me livrar do odor.

Ela cochilou no meu escritório após o almoço, enquanto eu conversava com o Ianwski e aproveitava para mandar e-mail para Monteiro, falando sobre a quantia mais alta que ele depositaria na conta de Justine. Queria me livrar das enxaquecas que aquela maldita me causava, mesmo sabendo que nunca seria o suficiente, que ela sempre pediria mais.

— Que horas são? — Sonolenta, Eveline se sentou.

— Duas.

— Vou para o quarto me trocar. Você pode pedir para o Carlos me levar?

— Combinamos que eu vou te levar hoje, Eveline.

— Não seguirei o combinado.

— Que palhaçada é essa, porra? Não pude ir uma única vez com você e

eu sei que está me escondendo alguma coisa, sei que sua saúde está muito pior do que você me fala. É o meu direito saber se a pessoa que estou me apaixonando está morrendo!

Seu semblante ficou carregado, ela umedeceu os lábios, moveu a cabeça e sussurrou:

— Tenho assuntos particulares Saulo e exijo que fique fora deles.

— É sacanagem, Eveline? Volte aqui! — Segurei seu braço, mas ela se desvencilhou, gritei sem antes controlar: — Eveline! — Ela reagiu colocando as mãos sobre os ouvidos e respondeu:

— Lide com os seus medos, que eu lido com os meus.

Não a estressaria mais, travando uma guerra para acompanhá-la na porra da consulta. Mas se a garota achava que podia morrer depois de dizer que me amava, ela estava completamente enganada. Eu tomaria as rédeas da situação, mesmo que para isso fosse necessário me redimir. Foda-se, eu não ficaria de braços cruzados assistindo Eveline ser consumida pela maldita doença.

— Valentim, é o Saulo.

Meu irmão ficou mudo por quase dois minutos, mas não me acovardei.

— Está precisando de ajuda, Saulo? — Independente do tempo que passava, o filho da puta continuava prestativo.

— Eu não, mas Eveline sim. Preciso que me indique o melhor hematologista, que possa atender na minha casa.

— Hematologista? O que Eveline tem?

— Pretendo descobrir. Não conte para a sua esposa, Eveline não quer preocupar ninguém, inclusive não sabe que estou te ligando.

— Eu consigo ir essa semana para Dublin. Posso cuidar disso, Saulo.

— Ela não está com câncer — inflamei, irritado.

— Tudo bem, mas fiz muitas pesquisas para o centro de hematologia do hospital, também cuido de pessoas com leucemia. Eu posso ajudar, é só me falar o melhor dia para ir...

— Valentim! Ela não precisa de um oncologista.

— Certo. Mandarei o contato do médico.

— Obrigado.

— Saulo?

— Estou ouvindo.

— Devemos nos preocupar?

— Não. Eu cuidarei dela. Só mantenha a boca fechada.



44

EVELINE



Três semanas, dois médicos excelentes, duas transfusões, inúmeros remédios, repouso absoluto, cautela extrema em todos os aspectos, alimentação reforçada, vitaminas e todo cuidado de Saulo, fizeram com que eu melhorasse muito.

Saulo havia mudado nitidamente, me tratando feito um cristal frágil. Se não fossem pelos momentos em que ele voltava para a solidão, diria que eu não o reconhecia mais, porém, vez ou outra, o homem precisava se fechar em seu escritório e ficar sozinho. Eu entendia perfeitamente, se para mim tudo estava sendo novidade, imaginava a dificuldade dele digerir.

Nós estávamos vivendo como casal, dormindo, acordando juntos e dividindo intimidades da rotina. Havíamos dado passos gigantescos como por exemplo, conversar na cama quase todos os dias antes de adormecermos, quando eu não dormia antes que ele, já que devido a toda medicação eu tinha muito sono. Saulo me contava suas histórias de quando era um jovem delinquente e nós ríamos porque nem ele acreditava na quantidade de merdas. Às vezes as lembranças eram mais tristes, principalmente quando se tratava de seus irmãos, que claramente eram feridas ainda abertas.

Saulo confidenciou que passou fome, detalhou mais sobre as agressões que aquele verme desumano o submeteu, também desabafou sobre o frio que sentia quando era obrigado a ficar no porão da casa, ou quando era humilhado nas reuniões familiares, tendo que comer separado dos demais irmãos. Irracionalmente, senti um ciúme incontrolável quando ele conseguiu

falar sobre Vivian. Identifiquei na sua forma de contar o quanto ele foi apaixonado por ela e não era inveja do irmão como todos alegavam, eles se amaram de verdade, até que a situação descarrilhou, como tudo na vida dele.

Contudo, independente do amor que sentiram um pelo outro, Saulo admitiu para mim que os sentimentos entre os dois nunca foram saudáveis, que aquela relação só o destruiu, resultando na morte de Vivian. Não sei se ele detectou o meu incômodo em ouvir suas confissões, mas quis me deixar mais calma ao dizer que eu não lhe fazia mal como ela fez.

A realidade é que eu comecei a me contentar com as metades de Saulo, aceitei que não poderia juntar todos seus pedaços e deixá-lo intacto, porque ele era consequência de um passado peculiarmente conturbado.

Saulo era o resultado de um garotinho traumatizado, que passou frio, fome, humilhado das piores maneiras, negligenciado, e sabe se lá o que mais seu passado assombrado escondia. Eu não podia cobrar que o homem fosse normal e, afinal, o que era ser normal? Todo mundo carregava dores, no caso de Saulo só era diferente porque ele vivia com as dores mais impiedosas. E se ele havia sobrevivido, eu também poderia sobreviver. Eu o amaria mesmo sendo inteiramente quebrado.

Me enganei quando disse que acordávamos juntos. Saulo sempre despertava depois, como se quisesse tirar o atraso de todos os anos mal dormidos, se fundindo com a sua cama enorme e aconchegante.

Levantei-me com todo o cuidado para não o acordar e segui o costume matinal: vomitar, e ir escovar os dentes no banho. Há mais ou menos seis dias, eu estava conseguindo fazer algumas coisas sem a ajuda da enfermeira que a doutora indicou, a Jenna.

O especialista que Saulo encontrou foi essencial para a minha recuperação e ele manteve a ética médica, que era não expor as condições do paciente, da minha gestação no caso, para ninguém. Os dois não eram amigos, tampouco conhecidos e além de ótimo profissional, o médico foi muito gentil e compreensivo comigo.

As idas na obstetra diminuíram muito, porque eu ia somente para fazer os exames relacionados ao bebê, já que quem começou a tratar da minha doença foi o doutor. Falando nisto, meu bebê estava bem e naquela mesma semana eu faria o primeiro ultrassom, finalmente descobriria se carregava só

uma criança ou mais. Sinceramente, eu torcia muito para que fosse somente um bebê, porque além de todas as questões com Saulo, eu temeria muito mais pela nossa saúde.

Eu continuava magra e pior, proibida de ter relações. Assim que comecei a melhorar e estava ligeiramente mais disposta, a restrição de sexo com Saulo se tornou uma tortura horrível, entretanto, ao contrário do que imaginava, Saulo não me pressionou e nem pareceu bravo com a minha recusa, mostrando somente preocupação.

Após trocar o pijama pelo agasalho de pele sintética preto e vestir a calça de moletom justa também preta, eu parei em frente ao espelho do closet e enrolei o cachecol xadrez preto e vermelho no pescoço, mexi nos cachos soltos das pontas do meu cabelo e arrisquei pegar uma jaqueta de Saulo, feita em couro. Ele acordou quando me sentei na beirada do colchão, para calçar as botas pretas de camurça.

— Ficou boa em você. — Terminei de fechar os dois zíperes das botas e virei para olhá-lo.

— Gostou?

— Preto destaca o seu cabelo, verde também.

Sorri e o homem sonado esfregou os olhos encostando-se na cabeceira acolchoada.

— Não me esperou para o banho de novo — resmungou.

— Posso tomar sozinha agora.

Ele umedeceu a boca e concordou com a cabeça, fitando o relógio no pulso em seguida.

— Doutor Weylor chega em meia hora.

— Sim, por isso levante e tome seu banho.

— Merda! — Ele empurrou as cobertas e se levantou bufando.

— Para de resmungar homem! O que foi?

— Gosto da sua companhia no banho. — Juro que quase vi seus lábios formarem um bico.

— Você gosta de ficar me provocando e pegando nos meus peitos — corriji brincando, fazendo-o resmungar outra vez:

— Gosto mesmo.

— Está parecendo uma criança. — Tinha certeza de que meus olhos estavam brilhando enquanto o admirava se despir. — Eu faço companhia para você, pode ser?

— Sem roupa?

— Não, Saulo! — Gargalhei e ele voltou a fechar a cara. — Já estou limpinha e quentinha.

Sentei-me na cadeira próxima do box enquanto o homem delicioso entrou para abrir o registro.

— Para de manjar a minha bunda.

Gargalhei mais alto, porque mesmo de costas para mim, o homem sabia que eu estava secando seu bumbum cheio e definido. O observei lavar o cabelo, a água escorrendo na pele morena de suas costas, molhando também os braços fortes e a bunda sutilmente mais clara do que o restante do corpo. Encostei na parede detrás de mim, cruzei meus braços e continuei me deleitando com a paisagem.

Simplesmente não resisti mais, tomada pela vontade de sentir o corpo dele e pelo menos abraçá-lo eu tirei toda minha roupa, abri a porta de vidro toda embaçada e entrei, envolvi meus braços em seu corpo e encostei a bochecha em suas costas. Saulo segurou minhas mãos cruzando nossos dedos e depois beijou um de cada vez. Devagar, o homem virou e sorriu ao me encarar.

— Você é linda, Eveline.

Mesmo depois de muita convivência, ainda levava um baque quando Saulo me elogiava. Sua voz tinha o poder de me desestabilizar e fazer minhas pernas tremerem com facilidade.

— Você é desrespeitosamente lindo, Saulo — disse, fazendo com que ele franzisse as sobrancelhas e expusesse os caninos pontudinhos durante um sorriso de molhar qualquer calcinha.

Saulo encaixou a mão entre meu pescoço e meu rosto, e aproximou os

lábios para beijar-me calmamente na testa. Fechei os olhos e o abracei na sequência, ele retribuiu. Ficamos por minutos sentindo a água cair sobre nós.

Não sei como começou, mas numa fração de tempo Saulo estava chupando os bicos dos meus seios, apertando-me contra ele, e arrancando beijos insanos da minha boca. Ele enclausurou meus gemidos dentro de seus lábios, empunhando os fios compridos dos meus cabelos, invadindo-me com sua língua exigente e deliciosa, fazendo cada célula minha ebulir só com seus beijos.

Agarrei o cabelo molhado e macio, sentindo minhas pernas moles, assim como o restante do meu corpo. Arranhei as costas largas e deslizei as pontas dos dedos até chegar em sua bunda dura, que foi apalpada quando senti o membro enrijecido tocar o meu ventre. Eu não queria parar, queria ir até o final com ele, até o inferno em chamas que só ele sabia me levar. Mas pelo bem do nosso bebê, eu parei.

Saulo não ficou bravo, continuamos com as carícias e as conversas até terminar o banho. Nos vestimos e depois tomamos o café trazido por Madalena, na cama.

Ele foi para a terapia no escritório e eu fiquei no jardim, na floresta particular detrás da mansão. A irmã de Saulo parecia radiante, porém, estávamos preocupados com ela, devido sua confusão mental que passou a se repetir muitas vezes. Ela era uma mulher incrível, simpática, inteligente, com dom para música, que sabia preparar comidas que davam água na boca, mas Safira não estava batendo bem da cabeça, mesmo tratando cinco dias por semana com uma psiquiatra. Não havia pressa e nem cobrança, faríamos de tudo para que ela ficasse bem psicologicamente.

E sobre o nosso bebê ou nossos bebês, eu vinha me preparando para contar para Saulo, entretanto, toda vez que sentia coragem, ele me desencorajava ao desabafar algo sobre seu pai. Minha médica garantiu que cuidaríamos de tudo e que era melhor contar só quando eu me sentisse totalmente segura. O hematologista não tinha responsabilidade sobre a gestação, mesmo que consequentemente cuidando da minha doença estivesse cuidando do(s) bebê(s) e como eu disse, ele não tinha nenhum vínculo com Saulo, assegurando também que eu poderia ficar tranquila, que era um assunto entre mim e meu "namorado."

Inclusive, este era o estado civil que nos encontrávamos, pelo menos como se referiam a nós. Não, Saulo não me pediu em namoro, não arrumou qualquer cerimônia romântica, nem sequer usou a palavra "namoro", mas não negava quando nos chamavam assim e claro, também não me opus, porque finalmente aceitei que com ele seria tudo diferente. Não precisávamos seguir padrões para sermos felizes.

O coração de Saulo foi quebrado e sua confiança traída todas as vezes. Era difícil para ele acreditar em sentimentos, por mais verdadeiros que fossem. Sua tendência era pensar que tudo fosse ilusão, e sabendo disto tudo, eu decidi ter paciência.

O psiquiatra dizia ser normal algumas reações virem à tona após as sessões de terapia. Na maioria das vezes Saulo saía pensativo e quieto, e logo voltava ao normal. Na minoria, ele terminava enfurecido, introspectivo e exigindo ficar sozinho. Como neste dia.

Saulo se enfiou no quarto e não me quis por perto. O meu médico veio para a consulta, depois Carlos me levou acompanhado de Luiz, ao hospital para ver a obstetra. Dormi o restante do dia e mesmo curiosa para saber o motivo que o deixou tão arredio, eu não forcei, porque sabia que em algum momento ele se sentiria confortável para se abrir.

Saulo soube, assim que o especialista foi contratado para tratar diariamente da minha doença, que meu estado de saúde era muito mais grave do que eu havia contado. Nós brigamos feio e ele ficou dois dias inteiros sem falar comigo. Depois desta discussão ele sugeriu que pensássemos muito quando tivéssemos problemas, usando o tempo necessário para esfriar a cabeça antes de conversarmos e estava funcionando.

— Eveline? — Ouvi dois toques na porta do quarto, me ajeitei na cama, fechei meu livro e coloquei no móvel ao lado.

— Sabe que não precisa bater — sorri, analisando-o se sentar na minha frente.

— Quero te perguntar uma coisa.

— Sim.

— Hipoteticamente, se eu te contar que vendi o seu carro e hipoteticamente comprei outro mais seguro para você dirigir aqui em Dublin

e que hipoteticamente pedi para trazerem suas coisas para a minha casa, porque hipoteticamente gostaria que você morasse comigo, o que hipoteticamente você responderia?

— Eu te mataria Saulo, hipoteticamente claro.

— E se não fosse tão hipotético assim?

— Eu te mataria, literalmente.

O homem abaixou a cabeça e respirou fundo, em seguida se levantou da cama e seguiu para a porta como uma criança emburrada que acabou de fazer traquinagem.

— Saulo! Volte aqui agora! — ordenei e ele acatou. — Você vendeu o meu carro? — perguntei baixo, contendo a raiva.

— Eu só queria que você morasse comigo, hipoteticamente.

— E vendeu o meu carro para conseguir? Você pirou? — Encrespei o cenho, pasma com a naturalidade dele diante daquela loucura, ao mesmo tempo tentando me manter lúcida e calma.

— Não. Eu comprei outro pensando que você poderá usar aqui.

— E como você conseguiu?

— Monteiro resolveu tudo.

— Deus! — Coloquei o rosto entre as mãos e puxei meus cabelos.

— Deus o que, Eveline? O seu carro não era nada seguro, escolhi um muito melhor e não se preocupe que foi com o meu dinheiro.

— Tô me danando pro seu dinheiro, Saulo! Demorei anos para decidir comprar aquele carro e você simplesmente desfaz dele sem minha permissão?

— Além de estar inútil na garagem, era arriscado por estar no seu nome.

— Por isso você está esquisito o dia inteiro?

Saulo deu de ombros e concordou com a cabeça.

— O doutor Weylor disse que foi errado e que você ficaria furiosa.

— É óbvio, homem! — exasperei balançando a cabeça.

Ele ficou parado na porta e eu pensando. De repente, ri desenfreadamente, fazendo-o rir também. Me encurvei de tanto gargalhar e sequei meus olhos que lacrimejaram. Comecei a pontuar sem parar de rir, todas as maluquices dele:

— Você colocou seguranças na minha cola quando foi embora do navio, depois foi até o interior no fim do mundo para pedir que eu viesse para Dublin com você, atirou pro alto quando o coroa bonitão disse que queria me "comer", você me vigiou quando enchi a cara e beijei o meu ex-namorado, mandou e-mail para o meu chefe se passando por mim, depois me sequestrou para me manter segura, contratou o melhor especialista para cuidar de mim, agora diz que trocou o meu carro por um mais seguro e que mandou alguém trazer as minhas coisas, porque HIPOTETICAMENTE gostaria que eu morasse com você, porque hipoteticamente, mas só hipoteticamente, você me ama.

— Hipoteticamente, sim — ele deu de ombros, inusitadamente sem jeito.

— Que pena, porque se não fosse hipotético, eu aceitaria.

— O que? — Saulo ergueu a cabeça, oferecendo toda a sua atenção.

Movi a cabeça em concordância e preendi meu lábio inferior entre os dentes, contendo o sorriso intruso que queria rasgar na minha boca.

— Aceita morar comigo?

— Como farei com o trabalho?

— Cuido de tudo, sei o quanto valoriza a sua profissão, o quanto gosta de trabalhar. Não vou te privar de nada Eveline, por enquanto precisamos nos manter reclusos aqui nesta casa, mas quando tudo se resolver você terá a sua vida de sempre, a diferença é que comigo para te infernizar.

— Tem certeza disto?

— Que eu vou te infernizar? Claro que sim! Sou o próprio diabo, esqueceu? — afirmou, arrancando mais risadas da minha garganta.

— Não, idiota. Tem certeza do que está propondo?

— Sim, até levei uma comida de rabo do meu psiquiatra por sua causa.

— Você mereceu. Você vendeu o meu carro, maluco! — Não tinha conseguido assimilar ainda, mas sentia-me incabivelmente feliz. — Quero ver o novo.

— Não.

— Por quê?

— Só depois que retirar o que falou sobre o coroa da balada.

— Sobre ele ser bonitão? — insinuei, querendo provocá-lo.

— Eu corto suas asas, anja do mal.

— Ciúme, anjo caído?

— Vai achando que aceito chifres só porque sou o diabo.

Gargalhei mais, adorando presenciar seu humor infantil.

Nós descemos para a garagem extensa, que guardava no mínimo dez carros sofisticados de diferentes modelos. Ele me mostrou o novo e sinceramente era muito melhor que o meu, mas não admiti, primeiro porque eu tinha consciência de que foi errado ele ter feito sem minha autorização, segundo porque aquela máquina enorme, preta e blindada, deveria ter custado uma fortuna, bem desproporcional ao que me dispus pagar.

A casa estava em completo silêncio quando entramos. Saulo preparou um jantar rápido e saboroso. Eu me empolguei e acendi algumas velas na mesa comprida, sentia muita esperança quando o via me acompanhar no suco. A terapia contribuiu para que ele diminuísse muito o álcool, assim como os remédios, só o cigarro que infelizmente não. Porém, sua evolução era significativa e eu reconhecia.

Nós escolhemos um filme para assistir, Saulo me acomodou em seu peito e passou horas desembaraçando meus fios laranja. Ele dormiu primeiro, o que era raro. Aproveitei para admirar o semblante sereno e contornar os traços de seu rosto perfeito. Deslizei as pontas dos dedos no peitoral nu e descí para a barriga, percorri as linhas oblíquas de seu abdômen, que levavam à grande felicidade.

Apalpei o membro, que era relativamente grande mesmo desacordado, e acariciei lentamente até que endurecesse aos poucos. O safado se excitava até dormindo!

A novidade me incentivou a descobrir mais. Abaixei delicadamente a calça de moletom, e vi o pênis rijo saltar desprovido de cueca. Senti minha boca salivar em reação e não demorei para me ajeitar entre suas pernas e encaixar aquela maravilha entre meus lábios, fazendo Saulo acordar confuso.

Não deixei que sua surpresa me intimidasse. Circulei a cabeça polpuda e rosada com o polegar, espalhando minha saliva junto ao líquido perolado expelido de seu corpo, desci e lubrifiquei todo o comprimento.

Não exigiria esforço algum, somente o da minha boca, então não vi por que parar.

O homem visivelmente excitado apoiou os antebraços no colchão e inclinou o tronco para me observar. Prendi meu cabelo rapidamente e voltei a colocá-lo na boca, devorando-o até o limite da minha garganta. Saulo rosnou, empunhando meus fios que logo se soltaram do coque mal feito e forçou meu rosto para que eu o engolissem o máximo.

Podia enxergar na penumbra o maxilar cerrado e ouvir sua respiração sendo sugada entre os dentes travados. Impossível não repetir o quanto o homem era pecaminosamente lindo. Saulo despertava os desejos mais profundos da minha carne.

Chuí ele com vontade, deixando-o bater na minha garganta e encharcando seu pênis com baba ao ultrapassar minhas amídalas. Saulo por sua vez, enlouqueceu. Rosnando mais alto a cada investida, gemendo e praguejando indecifavelmente ao se esvaziar na minha boca.

— Eu não consigo ainda — sussurrei quando ele tirou minha camisola.

— Eu sei, linda. Só quero dormir sentindo o seu corpo.

Ele se deitou atrás de mim e me encaixou em seu corpo. Passou o braço por baixo do meu pescoço e cobriu meus seios e posicionou a outra mão na minha barriga, Tateando carinhosamente o lugar com os dedos.

Arrepiei com seus lábios na minha nuca e a respiração acalorando minha orelha.

— Fui quebrado muitas vezes e tentei me colar sozinho. Quero antecipar o meu perdão se eu te ferir, porque não me colei por completo, mas Eveline, eu acho que ainda posso amar, se você prometer me amar de volta.

Devagar, virei o corpo e encontrei as íris verdes sérias diante das minhas.

— Eu prometo, se você prometer que vai lutar para não me ferir.

— Eu prometo.

— Eu te amo, Saulo — confidenciei baixo, com a sensação de ter encontrado o meu lar no abraço dele.

Não esperei reciprocidade em sua resposta, porque sabia que não a teria. O beijo casto acompanhado de carinho bastou para selarmos nossas promessas.

— Tudo ao seu, meu e nosso tempo.

— Obrigado. — Ele me apertou em seus braços e assim nós dois adormecemos.



45

SAULO



Marco financiava o tráfico de mulheres, indústria de armas ilegais, mais crimes que ainda estavam sendo apurados pela polícia da Rússia, Estados Unidos e Irlanda, que era onde se concentravam seus crimes. Ele permanecia foragido, e eu, continuava perturbado, desejando encontrá-lo primeiro do que a polícia. Uma prisão perpetua ou execução após anos no corredor da morte não seria o suficiente para sanar os pecados monstruosos do desgraçado.

Porém, a minha equipe de inteligência não conseguia novas pistas há semanas. Marco sumiu no mapa, ele percebeu que a merda começou a feder pra caralho quando soube que o Estado não era seu único problema, mas que tinha um inimigo com sede de vinganças há anos, e se o filho da puta pesquisou, descobriu que não estava lidando com alguém pequeno e que eu não pararia antes de ter seu sangue em minhas mãos.

Contudo, a espera estava acabando como nunca comigo. Mesmo com toda a demora, a sensação de ter chegado tão perto e falhado me destruía a cada dia. Infelizmente, resgatar Safira não foi o suficiente para cessar o que me consumia há décadas. Eu precisava vingar a morte da minha mãe, da minha infância, da minha integridade, dos meus sonhos e de toda minha paz, que foi assassinada a sangue frio.

Eu não sossegaria até vê-lo tremer na minha frente e vulnerável, como estive a vida inteira. Eu queria ver Marco ajoelhar e rezar.

Os noticiários transmitiam informações sobre os crimes, sendo

atualizados pelo menos três vezes no decorrer do dia. Eu e Monteiro caçávamos qualquer mísera pista, mas estávamos fodidos em uma merda de labirinto sem saída.

Meu cinzeiro transbordava com bitucas, o escritório estava exalando a álcool, das garrafas que Monteiro bebeu em nove dias consecutivos, saindo dali somente para desaccumular o estresse com Donnatela. Nada estava bem. Eu e Safira tínhamos o mínimo contato, somente o necessário. Eu sabia que nosso início seria difícil, não podíamos negar que éramos dois estranhos e para piorar, não estava sobrando tempo para mudar isto.

Justine continuava consumindo minhas energias, me desconcentrando e me deixando louco. Nem todas as bombas haviam explodido ainda, e ela era a próxima.

Só via Eveline durante o almoço, porque fiz questão de sentar todos os dias com ela para acompanhar sua alimentação e quando o dia estava amanhecendo, que era quando eu subia para tentar descansar. Ela como sempre, compreendia totalmente e permitia que eu agarrasse seu corpo no meu para dormir, algo que havia se tornado habitual, como um vício fodido e cheiroso. Caralho, ela estava sempre cheirosa! A bagunça dos fios laranjas encostava em meu nariz durante a noite e me fazia questionar por quanto tempo mais eu aguentaria sem estar dentro dela.

Comecei com beijos em sua nuca e ela reagiu, mostrando que estava acordada. Subi roçando a barba na pele alva e macia, mordisquei o lóbulo da sua orelha e encaixei seu quadril com força em mim. Meu pau latejou quando notei que ela estava sem calcinha.

— Você não precisa fazer nada, só fique quietinha e sinta — sussurrei em seu ouvido, fazendo-a estremecer e arrepiar nos meus lábios.

Livre meu pau da cueca e encostei na entrada apertada e quente. Eu podia escorregar facilmente para dentro dela, já que estava fodidamente molhada, mas Eveline impediu.

— Estou me sentindo fraca — desconversou.

Irritado com a mesma ladainha de semanas, eu me sentei na cama e a encarei na penumbra do quarto.

— Sua doença não restringe o sexo. Você quer que eu implore, caralho?

Eu imploro! Preciso te foder, não estou aguentando mais, porra!

Ela sentou também e tentou acariciar meu rosto, mas automaticamente segurei seu punho. Estava furioso, e não aguentaria mais um dia sem foder.

— Saulo, calma. Você quer conversar? Fique aqui comigo — ela engatinhou até a beirada da cama quando me viu levantar na direção da porta.

— Conversar o caralho Eveline, eu preciso trepar.

— Me dê só mais alguns dias.

— Não precisa, fique com os seus dias de castidade e essa merda toda de mulher traída. Eu vou resolver o meu problema.

— Que tipo de ameaça é essa? Você vai fazer o que? Buscar uma noite de alívio com aquela vadia? — Ver Eveline tão nervosa alertou meu lado protetor, que antes dela era desconhecido por mim. Ela tentou me segurar, mas eu realmente não aguentava mais aquela porra.

— Vai descansar.

— Não vou! O que você quis dizer?

— Nada, Eveline. Não quis dizer nada.

— E o que fará para "resolver" o seu problema?

— Volte a dormir e não se preocupe.

— Só me fale se vai fazer merda, porque assim nós paramos por aqui.

Vi os olhos verde-azulados se encherem de lágrimas, me quebrando inteiro.

— Eu disse, volte a dormir e não se preocupe.

Ela desistiu e então voltou para a cama. Eu me vesti rapidamente e saí de casa.

Peguei o carro e recusei a segurança dos meus homens, que há semanas me seguiam para todos os cantos.

Dirigi sem rumo. Não sabia como descarregaria a maldita carga de estresse.

Depois de muitas doses de uísque, sentado no balcão de um bar qualquer, eu fiz a pior coisa que um homem com o mínimo caráter faria. Liguei para Alma.

-

EVELINE

Finalmente saí animada de uma consulta com a obstetra, graças as boas notícias. Primeiro, a minha produção de glóbulos vermelhos aumentou significativamente.

Segundo, era somente um bebê.

Eu poderia voltar com algumas atividades, porque estava consideravelmente mais saudável e o bebê mais seguro. Não vou mentir que foram dias muito difíceis, de cuidados intensos e muito repouso, mas a felicidade em obter resultados positivos compensou tudo.

Depois disto, eu me sentia pronta para contar para Saulo sobre a gravidez.

Ele precisava saber o motivo de eu evitá-lo por tanto tempo.

Pude enxergar nitidamente sua decepção na noite anterior. Eu sabia que Saulo estava tendo semanas muito difíceis, por causa daquele monstro e pela relação, ou a falta dela, com a irmã. Eu queria muito ser seu porto seguro em todos os aspectos, fosse fazendo carinho até conseguir relaxá-lo para dormir ou transando selvagememente, como ele gostava, para descontar suas frustrações.

Infelizmente, não poderíamos fazer sexo ainda, porém, eu esperava que estando ciente do motivo, ele entenderia. Talvez fosse só um desejo ilusório, mas quem sabe Saulo encontrasse em nosso filho, forças para lutar até vencer aquela guerra.

Sua reação era realmente uma incógnita para mim, mas eu não permitiria que o medo continuasse me impedindo e tirando o direito dele de saber.

Eu era uma mulher feita, independente e bem-sucedida. No pior dos casos, criaria a criança sem o pai, com a certeza de que ela teria a família mais amorosa de todas.

— Chegamos, senhorita Eveline — o motorista avisou, tirando-me da inércia dos meus pensamentos.

— Não precisa me tratar com formalidade, Carlos. Somos cúmplices, esqueceu? — Brinquei, sorrindo para o homem, que retribuiu da mesma forma.

Jenna quis me ajudar a descer do carro, mas eu neguei. Me sentia disposta como há tempos não ficava. Entrei na casa com a enfermeira ao meu lado, caminhei até a cozinha onde Adam estava e beijei a bochecha ligeiramente flácida de Madalena que anotava algo em uma agenda.

— Boas notícias, minha menina? — A senhora pequena sorriu com a minha alegria.

— Estou me sentindo muito bem hoje — respondi, ansiosa para poder contar a Madalena, que com certeza seria a pessoa a ficar mais contente na casa.

Eu tinha consciência de que não era o momento certo, que a situação estava difícil, devido a todos os problemas que Saulo deveria resolver, tinha noção do risco que corríamos. Entretanto, com todo o medo que eu sentia, com os receios e preocupações, o meu bebê era muito bem-vindo na minha vida. Deus sabia o tempo de todas as coisas, e tudo, absolutamente tudo nesta vida acontecia com um propósito.

A governanta me obrigou a comer a salada antes de terminar o almoço, e depois pediu para que eu chamasse Safira no jardim do horto.

Abri a porta da cozinha que dava acesso à varanda e ao jardim e segurei o passo quando me deparei com Safira sentada na cadeira de ferro branca, que balançava. De longe, Saulo observava a irmã, com o braço escorado no pilar da varanda.

Eu não o vi desde a noite passada depois da nossa discussão e nem na cama quando acordei. Provavelmente ficou no escritório com o amigo, já que ambos não saíam mais de lá. Eu acreditava que ele teria o mínimo respeito por mim, depois de tudo que estávamos vivendo... não teria coragem de sair com aquela mulher, para "trepar" em busca de alívio. Ele não seria tão cafajeste.

Engoli minha saliva com força quando vi as íris verdes nadando na água salgada, que inundavam seus olhos.

Acho que fazíamos a mesma pergunta... O que passava na cabeça de

Safira? Quanta dor aquela mulher tinha suportado e quantas frustrações carregava em si?

— Ela vai ficar bem — falei baixo, para não o assustar com a minha presença.

Saulo cravou os olhos nos meus e estranhamente me analisou.

— O que foi? — questionei, sentindo meu sorriso se fechar diante do semblante sério.

— Como foi na consulta? — Desviou o assunto.

— Bem. Muito bem. Você pode tirar um tempinho para mim hoje à noite, no jantar? Precisamos conversar.

— Sim.

— Obrigada. Mas me conte, o que foi? — Me aproximei, querendo tocar o rosto no qual duas linhas d'água escorriam, porém, Saulo conteve-me segurando meus braços.

— Chame a minha irmã para comer.

— O almoço não está pronto — avisei.

— Então converse com ela, veja como está se sentindo — pediu.

— Fique tranquilo, cuidarei disso.

Meu sorriso foi inibido pela rispidez de sua expressão. Insisti, tocando em sua barba, que crescia a cada dia, e me aproximei podendo sentir o cheiro fortíssimo de uísque, coisa que não acontecia há bastante tempo.

— Bebeu muito?

— Não é da sua conta — respondeu grosseiramente, pegando-me completamente desprevenida.

— Está assim por que não fizemos amor ontem?

— Faça o que pedi, por favor.

Percebi que ele estava alcoolizado quando o vi cambalear para entrar na cozinha. Merda! Eu odiava não ser útil para ele, odiava não poder ajudá-lo com tudo. Me sentia pequena e fraca se comparada a tudo o que acontecia em

sua vida.

Me senti intrusa naquela casa, nas vidas daquelas pessoas destruídas. Me senti culpada por não ter sofrido, por ter uma história normal e repleta de amor. Eu jamais seria capaz de entendê-los, jamais!

Safira não quis conversar e eu também não insisti. A felicidade de minutos antes se esvaiu totalmente.

Almoçamos todos quietos, exceto por Madalena que perguntou se a comida estava do meu agrado, tadinha, sempre tão gentil!

Poderia ser um equívoco, mas acreditei que a presença de Donna piorou o humor de Safira, que se recolheu no quarto pelo resto do dia. Não que houvesse um interesse além da companhia, mas assim como Saulo, Adam andava muito distante e era com quem Safira mais se identificava. O problema é que quando ele não estava enfurnado no escritório, estava em encontros rápidos com Donnatela e às vezes até levava a namorada na casa de Saulo.

Donna era linda, mas Safira tinha uma beleza excêntrica, tão perfeitamente desenhada quanto o irmão. Não que isso influenciasse em alguma coisa, claro que não, e se envolver com um homem depois de tudo o que ela passou e ainda tão recente, não era a melhor coisa a se fazer.

Não deixei que toda a melancolia do dia impedisse de seguir o planejado. Eu daria a notícia para Saulo naquela noite, sem falta.

Coloquei um vestido *chambray* bem maleável, similar a um jeans claro, cobrindo até minhas canelas, com botões frontais nos seios que desciam pelo meio da saia inteira. Alisei o cabelo para em seguida fazer cachos da metade para baixo, escovei a franja, deixando bem volumoso e para o lado. Passei somente um batom rosa bem clarinho, para dar cor na minha boca pálida, e corei minhas maçãs também, evidenciando todas as minhas sardas.

Eu não queria que Saulo lembrasse daquele momento tendo uma figura doente de mim. Não queria que ele relacionasse a gravidez com a minha doença, o conhecendo melhor, eu sabia que isso poderia acontecer, então caprichei na aparência, mesmo estando extremamente nervosa e com o estômago doendo.

Preparei petiscos frios com a ajuda de Madalena, fiz suco e esperei que

o prato principal ficasse pronto, para depois Madalena e Jenna subirem com as bandejas até o quarto dele.

Deixei tudo arrumadinho em cima da mesa que ficava no meio dos dois sofás pretos, do outro lado da prateleira do quarto. Decorei com orquídeas azuis em uma jarra de cristal e sentei-me no tapete cinza em volta da mesinha de centro.

— Está se sentindo melhor? — perguntei quando ele veio até o sofá.

— Sim.

— Sente — indiquei à minha frente, do outro lado da mesa. — Você bebeu hoje?

— Não.

Ele tirou os sapatos, deixou no closet e então se acomodou no tapete comigo.

— Sobre o que quer conversar?

— Minha médica disse que eu estou muito melhor. Nós fizemos novos exames hoje, estou bem melhor — comecei a falar, esfregando minhas mãos de tanto nervoso.

— É uma boa notícia.

— Beba, eu que fiz — servi suco para ele e para mim. Tentei me acalmar ao ingerir o líquido, mas não adiantou.

— Você não preparou um jantar para falar que está bem. Diga, Eveline.

— Tem razão. Eu fiz para te agradecer por ter cuidado tão bem de mim, de nós — insinuei.

Saulo deixou o copo de vidro sobre a mesa também de vidro, permanecendo impassível ao perguntar:

— Nós?

— Eu estou grávida Saulo.

Ele começou a rir, me deixando confusa.

— Por que está rindo?

— Grávida? — O homem passou a mão sobre a boca e negou com a cabeça. — Então você mentiu.

— Eu não queria ter mentido, mas tive medo da sua reação. Só que eu não aguento mais essa história sozinha, eu nunca quis te evitar... Eu só estou proibida de fazer sexo por enquanto. Nosso bebê estava frágil, e eu não queria arriscar.

— Nosso bebê? — indagou ironicamente. — Eu acho que não fui claro. — Ele se levantou e colocou as mãos no quadril. — Ou você é burra.

— Não fale assim. — Fiquei em pé também, na vã tentativa de não me sentir tão pequena perto dele.

— E aquelas merdas de testes?

— Eu menti, Saulo. Escondi de você e não me arrependo. Eu só quis prezar pela saúde do nosso filho.

— **Seu** filho — enfatizou furioso.

— Nosso filho. — Bati de frente, irritada.

— Quando essa merda toda acabar, eu quero você longe daqui, quero você e essa... criança — disse com desprezo — bem longe de mim.

Balancei a cabeça, tomada por uma vontade copiosa de chorar.

— Não sei como pude esperar uma reação diferente. Você está sempre se escondendo atrás dos seus medos, você não muda!

— Não, não mudo! E sabe de uma coisa? A única diferença entre você e as outras mulheres, é essa ingenuidade ridícula. Esperava o que? Que eu ficasse feliz e comemorasse te abraçando? — Ele riu. — Parabéns Eveline, parabéns por ser tão imbecil!

— Saulo! — Recuperei minha voz e berrei com ele: — Essa criança não tem culpa de nada e não merece todo esse desprezo. Você é adulto, lide como um adulto.

— Não grite comigo, garota.

Foi minha vez de rir, sequei minhas lágrimas e o encarei.

— Garota? Como você é previsível!

Ele se retirou. Para não variar, fui atrás. O segui apressadamente, vi ele pegar a chave de um carro, o casaco na entrada da casa e tentei barrar sua passagem ficando na frente.

— Saia da minha frente — disse pausadamente.

— Não vou sair. Você vai subir e conversar comigo!

— Estou mandando sair da minha frente.

— E eu estou mandando você ter maturidade e conversar comigo!

— O que você quer que eu diga? Parabéns pela gravidez? Certo, parabéns por essa burrice! — Ele alterou o tom de voz, sendo sarcástico.

Olhei para os lados e encontrei Madalena, Adam, Safira, Michelle e Jenna em alerta. Empurrei o choro na garganta e voltei a encarar o homem na minha frente.

— Por favor — pedi com a calma que me restou.

— Eu não quero te machucar, então por favor, saia da minha frente!

— Se você encostar nela eu te mato, então guarde sua macheza escrota! — Adam se aproximou, colocando-se entre nós dois.

De repente, minha imaginação divagou, criando cenas dele indo atrás de Alma, dos dois juntos, tive que segurar o bolo que se formou na boca do meu estômago. Eu desisti. Não tinha mais forças. Simplesmente dei passos para o lado e deixei que ele saísse.



SAULO



Eu não traí a Eveline.

Toda vontade se dissipou quando vi a mulher loira entrar pela porta do bar. Não era ela que fazia meu corpo esquentar e que também aquecia a minha alma.

Ela ficou até altas horas e saiu emputecida por eu ter negado de ir para seu apartamento. Fiquei até o gerente me mandar embora, eu fechei o lugar. Cheguei bêbado em casa, e com uma vontade maldita de desmoronar. Assisti minha irmã no jardim como se fosse um fantasma, que vagava para todos os cantos sem propósito, exatamente como me senti durante tantos anos.

O restante do dia foi uma merda, e a noite piorou.

Como fui tão burro? Por que caralho Eveline engravidou? Merda! E eu sendo imbecil de pensar que as coisas não poderiam piorar e o chão abriu sob meus pés. Tudo aquilo era tão errado, eu não tinha a mínima capacidade de assumir uma criança e ser pai, eu não tinha controle da minha própria vida.

É óbvio que tinha algo errado há muito tempo, eu só não quis enxergar.

Onde ela estava com a cabeça ao imaginar que aquela gravidez era boa coisa? Não era! Ela precisava entender que não daria certo, que eu seria o pior exemplo de ser humano para alguém. Eveline era inteligente demais para pensar diferente disto.

Ela acreditava que um filho seria a minha redenção? Porra, não podia ser

tão ingênua e iludida!

Eu já tinha lidado com isto antes e eu não queria que fosse tão terrível com Eveline, como foi no passado.

Dirigi sem rumo, sendo guiado somente pelos faróis do carro. Minha mente fazia círculos em torno dos mesmos pensamentos, tentando em vão encontrar soluções cabíveis para a situação.

Eu a conhecia o suficiente para ter certeza de que ela não tiraria a criança, muito pelo contrário, criaria sozinha, conseqüentemente eu a perderia.

A decadência drástica da saúde dela foi a prova de que todo fruto meu era causador de destruição e com certeza até o final dos nove meses, aquela criança mataria Eveline.

Por outro lado, a minha recusa pela paternidade a faria sumir.

Caralho, eu tinha falado pra ela sumir assim que tudo se resolvesse, mas não era o que eu queria! Não podia nem pensar em vê-la longe, precisava dela como a porra do oxigênio pra sobreviver.

Alcansei o porta-luvas e peguei a cartela de calmante, tomei dois comprimidos, não contente, tomei mais dois. Encostei no *pub* da estrada cheio de motos e triciclos, entrei no lugar lotado de homens sendo a maioria de barba branca, cheguei no balcão e pedi cerveja, já que não tinha uísque bom no muquifo.

Mais uma vez eu me via perdido e amedrontado. O mesmo covarde fodido de sempre!

Meu corpo logo começou a flutuar, fui para o banheiro para molhar o rosto em busca de lucidez e então vi dois caras abaixados na privada de uma cabine aberta, cheirando carreiras grossas de cocaína com uma nota enrolada.

— Servido, patrão? É de qualidade — o mais novo me ofereceu, fungando em seguida.

Seria bom para cortar a leseira que os remédios haviam causado, também ajudaria a anestesiá-los meus músculos, minha mente e até mesmo meu coração, que parecia espremido no peito.

Só que eu não cheirava aquela porra desde a primeira semana na cadeia. Fui mandado pra solitária cinco dias depois de chegar, porque arrumei briga com um grande folgado filho da puta, que queria vida boa cagando na cabeça dos outros presidiários, principalmente na minha. Deixei o porco a beira da morte, tendo eu só o nariz quebrado. Após perceber que a solitária era bem melhor do que dividir cela com outros vermes marginais, comecei fazer de tudo para sempre voltar, eu sabia ser sozinho, não me importava em viver com a barulheira da minha mente. Entretanto, nem sempre era possível ficar na solitária, então passei uns maus bocados, todos eram contra mim, por ser filho de quem eu era... pela classe social, por ter "espancado" mulheres e por tantas outras coisas. Como eu disse, o pesadelo voltou na prisão. Mas eu resisti, porque os seis anos na cadeia foram bem melhores do que a minha infância.

Resisti a todo tipo merda, e desta vez resistiria ao que me aniquilava.

— Obrigado. — Empurrei as portas do sanitário e voltei para o balcão.

O homem de boné, com a barba loira que cobria o pescoço me dava uma long neck atrás da outra, descartando as tampas com o abridor e batendo a garrafa no balcão. Eu bebia cada vez mais rápido, saciando o desejo de esquecer a realidade. Sobrou somente uma mesa de homens, e duas mulheres com roupas curtas que não serviam para cobrir o frio que fazia.

Desliguei o celular, que não me deixava em paz nem por cinco minutos sequer. Justine comprava outros números para continuar atormentando e fodendo mais minha cabeça.

Descartei o primeiro maço de cigarro na lixeira e abri o outro, inflando meus pulmões com a fumaça em seguida.

Ouvi os ânimos se exaltarem na mesa que sobrou, vi que a mulher negra havia saído com um dos caras enquanto a branca de cabelos castanhos, ficou com os outros quatro motoqueiros que tinham idade para ser o pai dela.

— Não, eu preciso ir para casa. — Tentou se livrar da mão do cara que apertava seu braço fino, mas ele cagou para a reclamação.

Eu não ia me meter, crendo que se resolveriam.

— Fica aqui delícia, tira a roupa e dança pra gente.

Embora o boteco fosse podre, não era um puteiro.

— Não estou no clima, Diógenes. Preciso mesmo ir para minha casa.

— Deixa de pirraça, putinha. Sobe nessa porra, tira a roupa e mostra esse rabo pra nós.

O tom ameaçador e a forma que ele aproveitou da sua fragilidade fez meu sangue ferver, porém, me esforcei para continuar sentado sem me intrometer.

Ele cravou os dedos sujos no rosto abatido da mulher e a encostou com brutalidade na mesa, passou a mão na saia dela e subiu o tecido expondo sua bunda sem calcinha.

— Profissionais — sugou a respiração entredentes e lascou um tapa. Ela se virou abruptamente e se aproximou do outro homem, que há pouco ria do seu constrangimento.

Eu já estava em pé.

— Por favor, eu preciso ir embora. Meu filho está doente — suplicou para o segundo. — Minha filha me ligou chorando e está desesperada, ela só tem dez anos.

O motoqueiro gordo a puxou de novo, e desta vez eu coloquei a mão sobre a arma encaixada na minha calça.

O porco dono do lugar nem se movimentou, continuou secando copos de vidro como se nada estivesse acontecendo, deveria ser corriqueiro.

Minha cabeça rodou. Será que eu já tinha humilhado uma mulher, como aquele verme estava fazendo?

Senti tanta dor nas palavras da prostituta, medo, preocupação com o filho doente e constrangimento por ser tratada pior que animal sarnento.

— Por gentileza, solte a mulher — ordenei, mais como um aviso.

O homem com a arcada amarelada me encarou e desdenhou rindo.

— O garoto ali bebeu demais — zombou, era verdade..., mas eu estava consciente.

— Solte a mulher.

Ele cerrou os punhos, fechou a cara e veio na minha direção, ao mesmo tempo que seus comparsas levantaram. Não eram mais altos do que eu, mas a gordura causava essa impressão.

Calmamente, puxei a arma da calça e fiz o valentão de alvo.

— Me espera no carro — joguei o controle para a mulher, que pegou e saiu correndo rápido como foguete.

Mantive a mão firme no revólver, e não demorou para os imundos se renderem.

— Agradeço a gentileza — disse e saí, não sem antes pegar a última long neck no balcão.

Abri a cerveja com o dente e depois entrei no carro.

— Obrigada, muito obrigada. Eu não ligo quando eles fazem isso, mas hoje eu não posso. Meu filho está tão doente, e minha filha mais velha me ligou em prantos.

— Onde você mora?

— Vai me deixar na minha casa?

— Se disser onde mora.

— Você não bebeu demais?

— Um pouco.

Ela passou o endereço e ficou em silêncio até terminarmos o percurso da estrada, rumo ao centro da cidade. A observei algumas vezes, tentando entender porque a mulher tinha sido tão irresponsável e se sujeitava à aquela sujeirada e perguntei quando encostei na frente do prédio caindo aos pedaços, que ela chamava de casa.

— Por que saiu para trepar à noite e deixou seu filho doente sozinho?

Vi que ela se encolheu e tentou esconder as coxas com o tecido curto, que sequer cobria sua boceta. Independente de ser uma puta demasiadamente vulgar, a mulher tinha os traços bonitos e as curvas bem delineadas. Será que ela precisava mesmo se sujeitar?

— O pai das crianças encontrou outra família. — Sorriu tristemente. —

Não estudei, nunca tinha trabalhado, não sirvo para muita coisa. Meus filhos precisam comer, ter o que vestir e de um teto. Eu fazia programa durante o dia, para não deixar eles sozinhos à noite, mas o caçula está doente há alguns meses, então precisei triplicar o trabalho.

Finalmente assimilei quem ela me lembrou desde que pus meus olhos: minha mãe.

— Quantos anos ele tem? — Senti o nódulo entalado na goela, quase me sufocando.

— Cinco.

Merda!

— De quanto você precisa?

Nervosa, a mulher de trinta e poucos anos oscilou.

— Por que está me ajudando?

— Não me fará falta. — Óbvio que não explicaria.

— E-e-eu não preciso de dinheiro, só dos remédios contínuos do meu filho, é o meu maior gasto. — O par de olhos claros permaneceu fixo nos meus. — O que você quer em troca?

— Quanto precisa para procurar outro emprego e parar de se prostituir?

— Moço, eu não sei porque está fazendo isso... nós não nos conhecemos.

— Acha que está numa situação para questionar ao invés de aceitar o dinheiro? Te ofereço o necessário para não trepar com estranhos e não correr perigo como hoje.

— Eu p-posso pegar a receita dos medicamentos para fazermos as contas? — Ela não parava de gaguejar, assustada e com os olhos marejados.

— Não. Você tem uma conta bancária?

— Tenho.

Peguei meu celular, entrei no aplicativo do banco e entreguei em sua mão, ela colocou os dados e em seguida eu coloquei o valor.

— Não! Você é doido moço? Não precisa de tudo isso, eu não vou poder te pagar nunca.

— Só procure outra fonte de renda, porque essa grana vai te ajudar por poucos meses. — Apontei a porta para que ela saísse.

— Obrigada, eu não sei nem como te agradecer. Obrigada.

— Não agradeça e vá cuidar do seu filho.

— Moço? — chamou antes de fechar a porta. — Você é um anjo?

Lúcifer, eu quis responder, mas acabei rindo.

— Não.

Voltei a dirigir sem rumo e exceto pela lentidão dos calmantes, eu estava quase sóbrio.

Por que as pessoas iam até o inferno pelos filhos? Por que eu não conseguia me imaginar sendo pai e fazendo igual? Mesmo tendo o sentimento mais arrebatador de todos pela mãe da criança?

Mesmo perdendo totalmente o controle da minha própria vida e não conseguindo de forma alguma imaginar um futuro no qual crianças corriam pela casa, arrepiando só de imaginar uma criatura me chamando de pai, mesmo tudo parecendo tão repulsivo e longe da minha realidade, nada justificava ter sido tão bárbaro com Eveline.

Se ela estava disposta a criar a criança sozinha, eu poderia pelo menos não agravar os problemas, deixando eles serem felizes sem alguém perturbado por perto.

Porém, enquanto percorria quilômetros em alta velocidade, a ideia de afastar Eveline e a criança não entrava direito na minha cabeça. Talvez eu não fosse capaz de enfrentar mais uma perda.

Se Deus existia, estava na hora d'Ele aparecer e me dar uma luz, porque quanto mais eu tentava encontrar solução, mais eu me perdia.



47

EVELINE



Passei a noite em claro, preocupada com Saulo.

Como ele mesmo havia demonstrado, é óbvio que tinha sido um erro acreditar que sua reação seria diferente. Na verdade, conversando com Madalena e Adam depois, foi até melhor do que todos imaginavam. Eles ficaram preocupados comigo, mas não conseguiam esconder a alegria em saber que uma criança logo se juntaria a nós, porque diferente de mim naquele momento, eles acreditavam que Saulo repensaria e aceitaria o nosso filho.

Era difícil crer naquilo, diante de todo o medo que eu sentia dele renegar o bebê. Eu também não quis prolongar a conversa com as pessoas da casa, eu estava exausta, triste, preocupada e insegura demais. Já tinha sido traída antes, mas queria acreditar que Saulo não cometeria o mesmo erro e não jogaria tudo o que construímos no lixo. Eu tinha esperança, que talvez, mais tarde se transformasse em uma enorme decepção.

E independente de traição, eu estava preocupada com a segurança dele. Era certeza que o homem tinha ido afogar o medo na bebida. Talvez eu estivesse me doando muito mais do que ele e isso me faria ter uma queda altíssima, a ponto de não suportar mais. Só que pensando durante toda a madrugada, eu não tinha desistido dele e muito menos de nós. Eu queria Saulo como nunca quis nada na minha vida.

Porém, pensando na minha saúde e na do bebê, eu preferi não criar mais

expectativas, deixaria as coisas acontecerem até reconhecer o meu próprio limite. Eu só não queria perdê-lo. Meu Deus, eu o amava tanto, tanto que doía!

Deu cinco horas da manhã, o dia amanheceu e não aguentei mais esperar. Eu continuava tomando uma série de remédios, que me derrubavam.

Os olhos verdes me acordaram, queimando sobre mim. Encostei na cabeceira acolchoada, trazendo o edredom pesado sobre meu corpo para então fitá-lo. Saulo estava com olheiras fundas, com o volumoso cabelo negro bagunçado, a barba cada dia maior, transmitindo sua masculinidade intocada, malditamente lindo!

— Chegou agora? — perguntei.

Ele não me respondeu, olhei o horário no meu celular que marcava oito horas da manhã. Saulo se levantou e foi na direção da porta, me ignorando, como sua marca registrada.

Meu estômago roncou, ao mesmo tempo que o celular deixado na beirada do colchão vibrou. Era o celular dele, indicando uma nova mensagem. Minha curiosidade era algo irrefreável e naquela circunstância ficou impossível não verificar.

Peguei o celular e vi o contato de Alma na tela, com uma mensagem dizendo: *"Quando nos veremos de novo?"*

Acabou comigo. Eu era a mulher mais idiota do mundo!

Desta vez não consegui chegar no banheiro antes de vomitar, sujei o centro do quarto com uma poça nojenta. Limpei rapidamente, tomei um banho e decidi que daria um fim ainda naquele dia.

Desci, porque o bebê pedia para ser alimentado. Recusei a mesa enorme que carinhosamente Madalena dispôs para o café da manhã e fiz somente uma tigela de cereais com leite. Subi novamente para o quarto e comecei a conversar com Dimitri. Eu precisava me recuperar, eu precisava colocar a cabeça no lugar e reencontrar a minha paz.

Enquanto conversava com meu amigo, Saulo entrou no quarto, tirou toda a roupa e entrou no banheiro ignorando a minha presença de novo, mas desta vez quem não queria falar ou sequer olhar para ele era eu. Não consegui

chorar, só sentia raiva.

Saulo deixou o notebook dele em cima da mesa do quarto, determinada a acabar com tudo aquilo, eu peguei o computador e voltei para a cama quando ouvi o barulho da água do chuveiro.

Tudo estava acessível, provavelmente ele estava bêbado para deixar tudo aberto.

Mexi rapidamente e abri o e-mail, em busca de mais motivos para me martirizar.

Segredos.

Mais segredos.

Não deu tempo para digerir, ele saiu do banho e arrancou brutalmente o notebook da minha mão.

— Me entregue este computador, Saulo.

— Você acha mesmo que pode invadir a minha vida? Não te dei esse direito, Eveline.

— Devolva, me deixa ler. — Eu precisava entender tudo.

— Eu disse não. Pegue as suas coisas e saia da minha casa!

— Você não pode falar assim comig...

— Agora! Suma da minha frente, porra!

Saulo ficou furioso, fora de si.

Ele estava recebendo ligações de Justine há muito tempo e me incomodava demais, porque eu tinha certeza de que havia muita coisa escondida.

Depois de prometermos que tentaríamos e que ele seria alguém melhor para mim, eu descobri mais confidências naquele computador.

Se tratava de um e-mail enviado para Adam, com uma conta bancária no nome de Justine, onde seu braço direito depositava muito dinheiro mensalmente para Justine. Eram quantias exorbitantes.

Eu o questionei sem parar, queria saber a finalidade de todo aquele

dinheiro, ele explodiu, me empurrou e por fim jogou o computador no chão.

— É a última vez que você me manda embora — avisei, com lágrimas nos olhos.

— Sim, é a última. Não preciso de você na minha vida.

Ser desprezada com tanta frieza me fez reavaliar o quão ingênua eu era. Saulo era doentiamente mentiroso e manipulador.

— Não quero você mais um segundo dentro da minha casa, some daqui! — O homem cambaleou e se apoiou na mesa de vidro, confirmando o quanto estava bêbado.

Nunca em toda a minha vida me vi tão encurralada.

— Você não tinha o direito de me ferir tão friamente, seu coração é uma pedra! E desejo que sofra muito mais com todo esse rancor!

— Não precisa gastar suas palavras. Agora saia! — Ele apontou a porta e não me olhou nos olhos.

Peguei a chave do carro na entrada da casa e meu casaco de inverno, e sentindo-me escoraçada eu fui embora.

Era o fim. Era muito pior do que todos me alertaram.

Tudo doía, tudo latejava dentro do meu peito, enquanto o causador permanecia inabalado, perdido na merda do álcool.

Bati minhas mãos no volante enquanto dirigiria, até que elas ardessem. Ele conseguiu me deixar fora de mim. Aquele homem tinha colocado minha vida de cabeça para baixo e não parecia se importar com o meu sofrimento.

Saulo era ruim, difícil do início ao fim.

— Dimitri, estou indo para a sua casa. — Foi a primeira pessoa que liguei, ou a única que tive coragem.

— O que foi niña? O que foi que ele fez?

— Te conto quando chegar. Você pode me receber?

— Minha porta está sempre aberta para você.

— Droga! — praguejei no momento em que um caro freou,

praticamente em cima do meu e em seguida buzinou sem parar.

— Quer morrer, menina? — um senhor de mais idade indagou furioso.

— Desculpa. — Acenei com a mão.

— Niña, o que está acontecendo? Você está sozinha? Isso são trovões?
Chovia sem parar.

— Estou indo para o aeroporto.

— Estou preocupado, espera a chuva passar, por favor.

— Quero ir para longe daqui, o mais rápido possível.

— Cuidado, você sabe que eu perderia a cabeça se algo te acontecesse.

— Não vai acontecer, me espere.

Eu queria amar Dimitri, tudo seria mais simples, menos doloroso. Mas o meu maldito coração não compreendia, deixando-me em uma corda bamba muito estreita e fácil de cair.

Se Saulo tivesse demorado mais dois minutos no banho, eu teria descoberto tudo o que ele me escondia. Estava baixando os arquivos quando ele abriu a porta com a toalha enrolada no quadril e me atacou.

Somente problemas grandes o fazia ficar tão desequilibrado comigo e por isso eu continuava consumida pela dúvida. Queria saber, precisava saber o que de tão grave ele me escondia, mas fui expulsa sem direito a qualquer conversa.

Como aquele homem podia ser tão frio?

Para que servia todo aquele dinheiro? Qual era a maldita relação dele com Justine, se ele me disse que ela fazia parte somente do seu passado?

Egoísta! Dissimulado e controlador!

Entre amá-lo ou abrir o peito com uma faca e arrancar o meu coração, eu escolheria a segunda opção.

— Eveline, sua burrice me surpreende! — dei um grito, exausta.

Esqueci os documentos necessários para viajar.

Fiz o retorno, voltando toda a avenida e depois a estrada. Passei minha biometria na entrada da mansão e estacionei o carro.

— Senhorita Eveline, o senhor Graham nos mandou impedir a sua entrada.

Fechei meus olhos e respirei fundo.

— Preciso dos meus documentos, Carlos.

— Sinto muito, senhorita. Eu só cumprio ordens.

— Eu é que sinto muito, Carlos. — O motorista se espantou com o meu tom exasperado, já que minha cordialidade sempre predominava. Eu estava no limite. — Chamarei a polícia.

A polícia não era algo que agradava Saulo. Eu sabia.

Peguei meu celular e disquei o número de emergência. Notei que Carlos rapidamente contatou seu chefe e digitou a senha da porta.

Entrei em silêncio, segui na direção do quarto de Saulo.

— Eveline. — A voz grossa me assustou.

Parei no meio da escadaria e segurei no corrimão. Esperei que ele falasse.

— Quero que devolva o carro. Carlos te levará.

— Por Deus, Saulo. Você vendeu o meu carro sem consentimento e comprou este, foi escolha sua.

— Não me importo, deixe o carro aqui e se vira. Pede para o londrino imbecil te buscar, se vira!

O imbecil era Dimitri e droga!! Saulo estava realmente muito estranho.

Meu sangue fervia, queimando em raiva. Me virei para encará-lo no início da escada.

— Não me humilhe, eu nunca precisei de nada seu. Nunca.

— Ótimo.

— Você tem certeza do que está fazendo? — Eu não conseguia aceitar que tudo terminaria daquela forma.

Ele tropeçou no primeiro degrau e continuou vacilando ao subir.

— Você vai acabar morrendo.

— O que foi que esqueceu? — Sua voz também não escondia a embriaguez.

— Meus documentos. — Em alerta, desci alguns degraus. Eu não devia, por tudo o que ele me fez, era a minha obrigação agir com o mínimo de amor próprio e deixar que ele se danasse.

Mas o que eu poderia fazer se todo o meu amor pertencia a ele?

Saulo começou a vagar, fechando e abrindo os olhos.

E então ele caiu. O barulho de sua cabeça colidindo no chão foi assustador. Eu terminei de descer correndo e gritei para que algum de seus empregados nos ajudasse.

Previsivelmente, viver com Saulo tornaria qualquer pessoa doente.

Vi seu corpo tremer no chão, a pele pingar de suor e os lábios ficarem roxos.

Apoiei sua cabeça em meu colo e bati em seu rosto.

—Saulo, Saulo! — chamei desesperada.

Ele continuou desacordado, e foi tudo muito rápido. Uma equipe de resgate chegou, e ele foi levado.

Madalena não deixou que eu fosse junto na ambulância. Ela me ofereceu água e depois de muito insistir, o motorista me levou para o hospital que Saulo foi encaminhado.

Sem notícias por horas, em completo pânico.

Até que um senhor de jaleco apareceu na minha frente.

— Você é da família?

— Sou a namorada dele — respondi, embora ouvir a informação em voz alta me causasse mais dor.

— Seu namorado teve uma overdose e permanece inconsciente.



EVELINE



Foi desesperador esperar por notícias. Me deixaram tomando soro, por causa da condição da minha saúde.

Saulo se dopou com incontáveis remédios, que com certeza causavam efeitos diversos, fortíssimos. Eu sabia que ele buscava aliviar a dor, mas não negligenciando o próprio corpo e arriscando a própria vida.

Era madrugada, eu transitava para todos os lados do quarto e o homem permanecia desacordado. O médico dizia que ele ficaria bem, contudo eu só conseguia sentir medo. Odiava vê-lo pálido e tão vulnerável, já que sempre demonstrou ser forte em todas as circunstâncias. Parecia muito fraco com tantas agulhas enfiadas em seus braços.

Queria salvá-lo de tudo, arrancá-lo de todos os pesadelos e acabar com seus medos, eu tinha fé.

Ele permaneceu sem mover qualquer músculo por praticamente dois dias. Não consegui dormir, comi por obrigação, passei por uma breve consulta com a minha médica e Saulo continuou desacordado.

Quando finalmente senti meus olhos pregarem carregados pelo sono, Saulo resmungou baixinho, quase inaudível.

— Perdão, me perdoa.

Independente de tudo, eu precisava que ele vivesse. Levantei da poltrona e segurei sua mão, sentei-me na cadeira ao lado e o encarei. Ele estava

abatido e com os lábios arroxeados.

— Não precisa falar, vou chamar o médico — contornei seu maxilar com as pontas dos dedos e senti a mão dele apertar o meu pulso chamando a minha atenção antes de levantar-se.

— Me perdoa, Eveline. — O homem se sentou, ignorando todos os acessos nos braços e encaixou meu rosto em suas mãos.

Umedeci a boca assim que o ar comprimiu em meu peito me sufocando. Desviei os olhos dos dele, invadida pela revolta que cresceu diante de toda a situação. As lágrimas molharam minhas bochechas e salgaram meus lábios.

— Você quis tirar a vida por causa do bebê? — Eu não aguentaria mais tempo sem respostas.

Ele varreu o quarto com as íris verdes e me encarou.

— Não, não pense isso. — Vi o franzir de suas sobrancelhas e a expressão perplexa mostrar a veracidade. — Saber que eu não posso fazer nada por vocês, que não tenho escrúpulos e que essa criança terá o pior pai do mundo me detonou Eveline. A notícia veio como um tiro em cheio bem no meio do meu peito... Eu me fodi porque tomei um comprimido atrás do outro, engolindo com cerveja sem parar e depois uísque, procurando umasaída no meio disso tudo. Eu disse que o que vem de mim causa destruição, temos a certeza disto agora, você está doente.

— Eu já estava.

— Piorou muito.

— O bebê não tem culpa, pelo contrário, ele me ajudou a descobrir a tempo de me tratar.

— Como você consegue enxergar coisas positivas no meio de tanta merda? Pensei horas sem pausa, no que eu poderia proporcionar de felicidade para esta criança e eu não encontrei um motivo sequer. E agora... e agora... porra! — praguejou e esfregou a mão no rosto.

— E agora o que?

— Nada.

— E agora o que? Diga!

— Eu sonhei com uma criança.

— Sonhou o que? — Um misto de preocupação, de curiosidade se apossaram de mim.

— Era uma menina com o cabelo da cor do seu e os olhos verdes. Estava sozinha em um balanço de parque e então começou a chover muito, os trovões assustaram a garota até que ela saiu correndo totalmente perdida. — O homem mirou o nada como se revivesse o sonho e prosseguiu: — Ela gritava por socorro, desesperada com todo o barulho da tempestade, mas não tinha ninguém para socorrê-la e eu assistia de longe seu desespero... E de repente ela me viu e correu na minha direção com os braços abertos, sorrindo confiante, me abraçou e...

Prendi o choro na garganta, enquanto transbordava nas minhas bochechas. As íris verdes também evidenciaram o quanto Saulo estava abalado ao lembrar. Ele demorou, como se precisasse retomar a coragem para terminar.

— Ela me abraçou e disse: você veio.

Fitei o teto, escondendo o pranto que se avolumava no meu peito, e comovido Saulo deu de ombros.

— A garota me pegou pela mão, me levou para o parque e se sentou no balanço, pedindo que eu a empurrasse. E Eveline... O céu abriu e o sol clareou tudo.

Parecia que eu desmaiaria com o turbilhão de sentimentos que a revelação de Saulo trouxe. Saí do quarto, caminhei até a sala de espera, afundei o rosto nos braços e chorei.

Eu acreditava em Deus acima de tudo, na justiça, no amor e na cura ele. Sentir na pele todo Seu poder me fez ter esperança e enxergar o quão pequena eu era comparada à Sua mão milagrosa.

O que eu sabia sobre sofrer?

Sobrevivi a noites acordada para ter as melhores notas no colégio, para me destacar e entrar em uma boa faculdade, porque eu e mamãe éramos pobres. Nestas madrugadas, minha mãe aparecia no quarto com chá ou cafeína para me ajudar.

Usei roupas costuradas pelas mãos de mamãe até conquistar o meu primeiro emprego remunerado. Não participei de festas e nunca pude acompanhar os colegas da minha idade porque não tinha dinheiro nem sequer para um sapato, mas eu tinha amor, eu tinha carinho, eu tinha alguém por mim.

Que porcaria eu sabia sobre viver trancada em um porão, sobre ser humilhada e sujeitada a merdas atrozes como passar fome, ser agredida barbaramente e submetida a estupro?

Saulo não havia especificado, porém eu não tinha dúvidas disso.

Não vou mentir que na raiva eu desejei que ele sofresse, mas era o cúmulo do egoísmo! Saulo experimentou todos os tipos de dores e em fases fundamentais de formação de personalidade e caráter não teve absolutamente ninguém por ele.

Amanhã ou depois poderíamos não dar certo, mas quem eu achava que era para julgá-lo, para desejar que ele sofresse? Eu não tinha esse direito!

Cada pedaço da minha pele arrepiou só de imaginar vagamente o meu bebê sendo negligenciado e mutilado como o pai. Que diferença tinha entre Saulo com cinco anos e outra criança da mesma idade? Nenhuma! Ou eu seria insensível, a ponto de dizer que ele deveria ter se recuperado e usufruído dos seus traumas para ser alguém melhor que o seu progenitor?

Tenha dó e misericórdia!

Isso não era falta de amor próprio, eu sabia com quem estava me metendo desde o princípio, ainda que tenha começado por total curiosidade. Eu não era uma criança frágil e incapaz de tomar minhas próprias decisões, ao contrário de Saulo eu tinha tido uma base emocional muito sólida e completa. Se não déssemos certo, eu não me arrependeria de não ter tentado.

E naquele momento não o enxergava mais como o homem da minha vida, e sim como o pai da criança que crescia no meu ventre e continuaria lutando por ele independente de todos os dedos apontados para mim.

Depois de ver a mensagem de Alma e confirmar que havia um segredo entre ele e Justine, eu não sabia se ficaríamos como casal e isso realmente não me importava por ora.

No momento, eu queria tirar Saulo do porão escuro, alimentá-lo e cuidar dos seus machucados. Queria colocá-lo no meu colo e fazer carinho até que adormecesse, queria voltar no tempo para arrancá-lo do terror e como não era possível, eu faria de mim e de nossa criança a sua última esperança.

— Saulo? — Dei toques leves na porta, e ele assentiu com a cabeça.— Você acha que a garotinha com quem sonhou é este bebê? — Toquei na minha barriga com ambas as mãos, ansiosa para saber se ele também tinha alguma esperança.

Saulo pensou, pensou e pensou.

— Mesmo que seja loucura e eu não acredite nessas coisas, ela tinha exatamente a cor dos seus cabelos e exatamente a cor dos meus olhos.

— Então...

— Então eu acho que sim.

— Saulo. — Senti meu nariz arder e me esforcei para controlar as lágrimas. — Você acha que essa garota é um sinal?

— Sinal? — Se fez de desentendido.

— Você acha que foi um sinal de que essa garotinha pode ser o seu sol depois de toda a tempestade?

— E por acaso você está grávida de uma menina?

— Não sei. Descobrirei nas próximas semanas. Me responda.

— É realmente uma loucura, mas... não sei.

Ficamos em silêncio enquanto ele comia a refeição do hospital, depois o médico o examinou e ele tomou banho. Só então fui me tocar de que eu não tomava banho há dois dias.

— Pode me indicar um hotel próximo do hospital, que seja seguro para ficar? — perguntei assim que ele voltou do banheiro com a ajuda de um enfermeiro, que logo se retirou.

— Eu não deveria ter falado com você daquele jeito, muito menos te mandado embora, eu estava muito chapado e agi sem qualquer resquício de consciência. Quero que fique na minha casa, pelo seu bem e... da criança.

Confusa e com o corpo reclamando do cansaço, eu respirei fundo e neguei.

— Obrigada, mas eu realmente prefiro ir para outro lugar.

— Por favor.

— Não. Levei bronca da obstetra porque ia viajar de avião, por isso preciso encontrar um hotel aqui.

— Estou te pedindo que fique na minha casa Eveline. Eu preciso que me perdoe.

— E eu estou dizendo que não. Preciso de espaço.

— Pela segurança de vocês dois.

Decidi imediatamente ao recordar...

— Eu fico.

— Obrigado. — Saulo pareceu aliviado.

— Com duas condições — impus seriamente.

— O que quiser.

— Quero que me responda duas coisas com sinceridade. Você encontrou com a Alma?

— Sim.

Fechei os olhos e preendi a respiração.

— Obrigada pela sinceridade — sussurrei sentindo meu paladar amargar.

— Alma foi até o bar que eu passei a noite e saiu puta porque eu não quis ir embora com ela. Nós não fizemos nada.

— Você quer mesmo que eu acredite depois de tudo? Eu vi a mensagem que ela te mandou.

— Meu celular está aqui? — Saulo começou a procurar em volta da cama.

— Adam trouxe. — Peguei dentro do plástico com os pertences de

Saulo e o entreguei.

Saulo desbloqueou e me entregou na tela das mensagens da mulher, onde ela descrevia toda a fúria por ter sido rejeitada, apelando com obscenidades para provocá-lo e depois me denegrindo com nomes chulos. Por último, a mensagem beirando a desistência querendo saber quando eles se veriam novamente.

— Confesso que pensei em fazer merda, mas não tive a mínima vontade.

O ciúme insistiu em corroer as minhas vísceras, eu sentia uma raiva louca daquela mulher nojenta.

Devolvi o celular, e em pé tentei parecer inabalada.

— E a segunda pergunta?

— O que você tem com Justine?

— Um filho.

—Um... um filho, Saulo? — Sentei-me na poltrona mais próxima, com o coração palpitando rapidamente.

Devo ter perdido a cor porque ele ficou nitidamente preocupado, tirou as agulhas dos braços e veio na minha direção.

— Por isso a "perseguição", as ligações, todo o dinheiro. Meu Deus! — Cobri meus lábios abertos com a mão e balancei a cabeça. — Onde está esse filho? Quantos anos ele tem? Qual é o nome dele? É menino?

— Você precisa se acalmar — Saulo alcançou o botão para acionar a enfermaria e então pousou as mãos nos meus braços.

— Qual é o nome dele? — Fiquei em estado de choque, totalmente em transe.

— Benício.

Benício! Benício era o filho de Saulo.

— Onde esse menino está? Quantos anos ele tem? Por que não me contou? Ele está vivo, certo? — Fiquei desesperada ao cogitar a hipótese da criança ter morrido por culpa dele, minha imaginação começou a viajar para

coisas horríveis. — Está vivo, Saulo?

— Seis anos.

— Seis anos o que? — Fui incapaz de assimilar, continuei atônita.

— Ele tem seis anos.

— Então está vivo? — Quis ter absoluta certeza.

— Ele está vivo.

— O senhor não pode... — uma enfermeira entrou às pressas e o convenceu a voltar para a cama, enquanto eu não conseguia digerir a informação.

— Saulo, onde ele está? — Me aproximei da cama assim que a funcionária saiu, a fim de saber todos os detalhes. — Por que não me contou?

— Você descobriria o quão podre eu sou, por ter sido capaz de renegar meu próprio filho.

— Você abandonou o menino?

— Eu fui preso quando Justine me contou sobre a gravidez.

— Ou foi preso depois que ela contou? — Investiguei, juntando as informações.

— Sim Eveline, os hematomas de Justine no tribunal foram decorrentes de uma briga que tivemos quando ela me deu a notícia. Ela tentou avançar em mim com a minha arma e então eu a empurrei da escada. Eu achei que ela tinha aparecido no julgamento por raiva de ter perdido a criança.

— Quando descobriu que ela não perdeu?

— Quando ela foi grávida me visitar na prisão, dizendo que precisava de dinheiro.

— Não minta, por favor... — Eu poderia afirmar que estava prestes a ter uma crise de pânico. — Você queria que o bebê morresse?

— Não empurrei Justine com essa intenção, mas fiquei aliviado quando pensei na possibilidade de ter resolvido o que eu achava ser o meu maior problema.

— O bebê era seu maior problema?

— Sim. Eu não tinha como lidar com a paternidade, Eveline. Não tinha jeito.

— Todo o dinheiro é para bancar o Benício e as dívidas de Justine com o tráfico? — As explicações não condiziam com a profundidade dos fatos.

— Não sei da vida deles.

— Não seja cínico.

— Ela sempre usou drogas.

— Então você deixou seu filho crescer cercado por drogas?

— Já disse que não sei sobre a vida deles.

Exigi sinceridade crendo que aguentaria qualquer bomba, mas logo vi que não. Precisava me recompor para continuar enfrentando o caos. Não fiquei nem um segundo a mais.



EVELINE



Lembrei de quando e como tudo começou, e não tive dúvida de que o meu destino e o de Saulo foram designados. Durante todos os anos da minha vida nenhum homem me envolveu tanto quanto ele, nenhum homem me levou até o paraíso e o inferno em frações de segundos. Ele foi o meu primeiro, e eu desejava que fosse o último. Idealizava, talvez erroneamente, uma vida ao lado dele, uma família, a nossa felicidade. Eu queria tanto que a luz em Saulo acendesse.

Depois de mais um segredo descoberto, percebi que seria capaz de tudo por nós dois.

Saulo abandonou o próprio filho devido às circunstâncias horríveis, mas ainda assim não justificáveis para mim. Outra vez havia muito para digerir, mas muito mais pelo o que lutar.

Deixei meus dedos escorregarem pelo teclado do piano, fechei os olhos e deixei que meu coração formasse uma melodia ainda inexistente, imaginando meu futuro como mãe, sendo a figura mais importante na vida de alguém. Desejei que no meu ventre crescesse uma menina, como no sonho de seu pai, e que mesmo sem ele, nós duas fôssemos incondicionalmente felizes.

Despertei do torpor assim que Saulo abriu a porta da biblioteca, em seguida voltei a percorrer os dedos pelas notas do piano de cauda, ignorando sua presença. Queria continuar estimando o meu futuro com a criaturinha que eu sequer conhecia e já amava muito.

— Cheguei faz horas e você não desceu para comer.

Continuei concentrada, e ele coçou a garganta para chamar a minha atenção.

— Eu trouxe um sanduíche. — Saulo deixou o prato de porcelana sobre a tampa do instrumento, com o sanduíche partido no meio, ao lado colocou um copo de suco de frutas vermelhas.

— Preciso saber se você fará a mesma coisa com o nosso filho. — Não fingiria que nada aconteceu, precisava me impor muito mais, não ficaria mais sem respostas.

Fiquei de lado no banco para encará-lo, ele puxou a poltrona de leitura e se sentou na minha frente, parecia sério e pensativo.

— Você vai abandonar o nosso bebê como fez com Benício?

— Nós dois precisamos conversar.

— Concordo, preciso de respostas.

— É sobre Benício que eu quero falar. Justine estava com problemas e foi presa nesta manhã. — Nada me surpreendia mais, então deixei que ele prosseguisse: — O garoto tem somente a avó, que não está bem de saúde, por isso não poderá cuidar de uma criança.

— Ele tem você também.

— Este é o ponto. Eu vou me redimir, quero me aproximar do garoto.

— Como assim? É possível? Me explica Saulo!

— Monteiro conversou com o advogado público que cuida da situação do garoto, e como pai eu posso ter a guarda dele, com o consentimento da avó materna.

— E ela consentiu? — perguntei ansiosa.

— Sim.

— Então...

— Benício chega amanhã.

Corrigindo, Saulo sempre conseguia me surpreender.

— Ele vai vir para esta casa? Ele chega amanhã? Ah meu Deus! — Não

consegui conter meu sorriso. — Todos precisam se preparar para recebê-lo, talvez ele esteja assustado, com medo, não sei... Saulo, o que faremos?

— Calma. — O homem também sorriu perdido, mas visivelmente empolgado. — Conversei com Madalena, ela pediu para Michelle arrumar um quarto para o garoto.

— E a segurança dele? Marco está por aí... e... essa casa está rodeada de guardas, ele vai se assustar, tadinho!

— Cuidaremos de tudo, Eveline.

— Você está feliz? Como está se sentindo? É seu filho! Você vai conhecer o seu filho!

— Vou conhecer o meu filho — sussurrou, mais para si do que para mim.

— Que notícia maravilhosa! — Levantei-me entusiasmada, e Saulo me conteve.

— Você precisa comer para ficar disposta, pode ser?

Devorei o sanduíche em minutos e tomei todo o suco, sem parar de pensar na chegada do menino. Quando terminei, Saulo abriu os braços, demorei para entender que era para me abraçar. Eu cedi.

— Farei de tudo para ser um bom pai para a nossa filha, Eveline.

Desabei ao ouvir suas palavras e sentir o seu beijo na minha cabeça. Chorei, como se precisasse desabafar toda a preocupação reprimida.

— Vou precisar da sua ajuda.

— Você nem sabe se teremos uma filha, Saulo. — Acabei rindo quando me afastei e vi o sorriso lindo em seus lábios. — É claro que vou te ajudar.

— Eu realmente vou precisar, posso errar em muitas coisas e preciso de você para me ensinar ser alguém melhor, porque é a nossa primeira filha. Quero ser o espelho que ela sinta orgulho quando olhar.

— Pois erraremos juntos — assegurei, achando graça em vê-lo se referir ao bebê com a certeza de ser uma menina. — Pode ser um garotinho. E... primeira filha?

Ele deu os ombros e me abraçou novamente, levando-me para fora da biblioteca.

— A enfermeira disse que você precisa tomar seus remédios.

Olhei no relógio do meu pulso e senti a consciência pesar ao ver que havia passado da hora da medicação. Saulo ficou comigo no quarto quando Jenna injetou um deles na minha veia, como fazia todos os dias.

— Amanhã você tem consulta com o psiquiatra?

— Na parte da manhã.

— Posso participar? Quero conversar com ele.

— Sobre? — A voz de Saulo soava grosseira mesmo sem querer.

— Sobre Benício, minha gravidez, o alcoolismo e sua irmã. Quero saber a opinião dele como médico e pedir orientações para lidar com Benício, talvez ele possa nos ajudar a pensar. Eu não quero que você continue bebendo, mesmo que para isso seja necessário ficar internado, não sei como funciona..., mas Saulo, você precisa desintoxicar. E este acesso a tantos remédios, também tem que acabar antes do bebê nascer, você concorda?

— Sim, Eveline. — Ele me puxou para seu tronco nu e eu me aconcheguei, fazendo círculos imaginários sobre os pelos do peito.

— Eu sei que não é tão fácil como estou fazendo parecer. Mas trabalharemos duro se necessário, estarei com você Saulo, nos melhores e nos piores momentos, se prometer que vai tentar de verdade.

Saulo direcionou meu rosto para o dele e respirou fundo ao me observar.

— Eu tenho certeza que, se Deus existe, Ele te enviou para ser o meu anjo da guarda.

— Ele existe sim — afirmei tranquilamente, com toda certeza. — O que te fez aceitar que Benício viesse?

— Acho que vi a morte de perto, e a dor do arrependimento bateu forte assim que despertei. Já fiz muita merda, e quero compensar o tempo perdido, para não viver arrependido o resto da vida. O garoto está sozinho e porra, é só uma criança de seis anos.

— Você viu a morte de perto? — questionei confusa.

— É ridículo, mas minha vida inteira passou diante dos meus olhos enquanto estive desacordado, como se minha alma estivesse desvinculada do corpo. Assisti de fora os meus pecados mais atrozes, e o traumatizado fodido que me tornei, doentiamente parecido com o meu pai. Fiquei parado no tempo, por tempo demais. Você compreende? — Indagou, eu assenti. — Você está aqui, com esses olhos azuis-esverdeados brilhando enquanto me escuta, com o melhor cheiro que já senti em toda a vida, repleta de sardas por todo o corpo, que detalhe, eu morro de tesão, dividindo a mesma cama, na minha casa, esperando um filho meu, filha — corrigiu — e agora abrindo esse sorriso virginal que me deixa louco, mesmo depois de toda a merda que eu cometi contra você. A verdade Eveline, é que cansei de decepcionar a única pessoa que não desistiu de mim. Cansei de lutar contra, estou abaixando a minha guarda, — ele ergueu os braços e as mãos, em rendição — você chegou e trouxe paz para o meu caos, ter travado uma guerra contra o que me faz bem, foi minha maior burrice.

— É tão bom te ver assim, Saulo — analisei o semblante calmo, as íris sinceras direcionadas para as minhas durante cada frase dita. — Mas tenho muito medo que amanhã seja diferente, que você mude o rumo dessa conversa. Por isso quero que trabalhe sua estabilidade emocional, precisamos disso.

— Você pode entrar na sessão. — Colocou com o indicador, a mecha caída em meu rosto para trás da minha orelha. — Admito que tenho muito medo de dar tudo errado, eu não sei nada sobre bons sentimentos, só conheci o amor quando você surgiu. Mas estou prometendo que lutarei contra os meus demônios.

— Não faça isso por mim, faça por você e pelos seus filhos.

Permanecemos deitados, acredito que Saulo estava tão sem sono quanto eu, ansioso e preocupado com o próximo dia, porém ficamos em silêncio por tempo demais. Quando achei que finalmente a exaustão acumulada dos dois últimos dias venceria, ele sussurrou me chamando.

— Não lembro exatamente o que te falei, mas sei que humilhei e provavelmente te fiz mal demais, porque essa é a tendência quando sinto medo, e te peço perdão Eveline.

Foi bom ele ter voltado no assunto, eu não tinha lidado com o

acontecimento ainda, muito menos aceitado o tanto de ofensas proferidas. Por causa da boa notícia eu havia cedido consideravelmente, a conversa que estávamos tendo desde que ele entrou na biblioteca contribuiu também, mas eu não era um robô com o poder de deletar tudo de ruim que acontecia, e ao contrário de Saulo, nunca fui a favor de calar a dor ou oprimir o rancor, o saudável era falar sobre e lidar com aquilo de frente.

— Você disse que nunca mais me bateria e cumpriu com a palavra. Embora tenha me empurrado para pegar o computador e por isso, quero reforçar que não vou permitir que encoste em mim em nenhuma discussão. Tenho certeza que você tem consciência do quanto isto é errado, então exijo que respeite minha integridade física e emocional, como mulher e como mãe do seu filho. Inclusive, quero o dinheiro do meu carro que você vendeu, para comprar outro.

— Certo.

— Se ousar ser violento comigo mais uma vez, eu juro por tudo que você nunca mais me verá, nem a criança.

Mesmo que Saulo tenha me mandado sumir e dito para ficar longe, eu sabia que ele queria totalmente o contrário, e estava cem por cento segura do que eu tinha acabado de impor.

— Não quero que nosso filho tenha como exemplo o pai agredindo a mãe dele, e se for menina, não quero que ela ache isto normal e futuramente aceite um marido agressor, está me entendendo? — Soei mais dura do que pensava, mas não me importei.

Saulo consentiu. O assunto me deixou incomodada, até levemente enjoada. Levantei-me da cama e saí sem falar nada, segui para a cozinha e coloquei água para ferver na chaleira.

— Que susto. — Levei a mão no peito assim que vi Safira parada atrás do balcão.

— Desculpa — a gêmea de Saulo sorriu. — Como o meu irmão está?

— Estranhamente bem — fui sincera.

— E o bebê?

— Bem, graças a Deus. — Automaticamente pousei as mãos na minha

barriga.

— Graças a Deus — Safira repetiu quase como uma oração. — Monteiro está um pouco sumido — lamentou de repente.

— Ele estava resolvendo algo burocrático para Saulo, mas ontem no hospital perguntou por você — contei, fazendo a mulher sorrir —, se você está bem e se está seguindo a terapia certinho — terminei, sabendo que ela gostaria de saber mais.

— Ele parece ser um bom homem.

— Eu acho que sim — respondi —, os dois são meio, ou inteiramente doidos, mas não são ruins.

Safira não concordou nem discordou, sentei-me na banquetta perto do balcão onde ela estava e ofereci uma xícara com o chá fumegante, ela aceitou.

— Você sabe da disponibilidade do meu irmão amanhã? Queria um tempo com ele.

Sorri diante da confissão e após dar o primeiro gole na bebida quente, eu a olhei.

— Ele tem consulta com o doutor Weylor na parte da manhã, depois costuma ir malhar na sala de musculação, na cabana no fim da trilha, sabe? Ele gosta de ficar sozinho lá, mas tenho certeza que vai adorar sua presença. Por que não almoçam juntos, só vocês dois?

— Tenho receio de incomodá-lo, Eve.

— Bobagem, ele quer proximidade tanto quanto você, só que Saulo não sabe lidar bem com questões que envolvam sentimentos — ri, e ela sorriu — eu tenho certeza de que se você forçar um pouquinho, ele vai gostar.

— Obrigada. — Safira tocou a minha mão com gratidão.

— Ele gosta de carne assada com batatas rústicas e arroz tasmânia — pisquei assim que sugeri, deixei minha xícara na pia e vi a porta do escritório aberta quando passei pela sala.

Entrei no lugar frio e vi os papéis espalhados pela mesa de madeira maciça. Sentei-me na cadeira, que mais parecia um trono de rei, e passei os

olhos pelos documentos. Eu não sabia muito bem sobre os negócios de Saulo, só sabia que dava muito dinheiro. Comprovei ali, que o homem era demasiadamente rico, milionário. Vi vários contratos, não os li, mas a identificação no início de cada folha deixou claro que eram contratos de vendas de diversos hotéis, inclusive o que eu era registrada.

Saulo comprou o hotel que eu trabalhava.

Saulo era o meu chefe.

O chefe que estava me dando licença para o pré-natal de gravidez de risco, o pai do meu filho era meu chefe, que estava me dando licença por causa do próprio filho.

— Cacete. — Coloquei a mão sobre a boca para censurar o palavrão que escapou.

Deixei o documento sobre a mesa e apoiei os braços nela, escondendo o rosto entre as mãos.

Putá merda!

— Senhorita Eveline? — Levei outro susto quando vi a enfermeira parada na porta. — Me desculpe. Você precisa de alguma coisa?

— Não Jenna, obrigada. Pode ir descansar.

Ela saiu e logo atrás Saulo apareceu.

— Você é meu chefe? — sussurrei, indignada.

— É, Monteiro também estava resolvendo este detalhe.

— Detalhe? Olha isso. — Apontei para todos os contratos de compras na minha frente. — De onde tirou tanto dinheiro?

— Roubei do hospital — respondeu tranquilo.

— Era do seu pai, você tinha direito também.

— Fala isso para o meu querido irmão.

— Já conversou com Valentim sobre isto?

Ele pensou e negou com a cabeça.

— Valentim não me deu ouvidos, só sabia repetir que eu afundaria o

império que o papaizinho dele construiu.

— Ele foi lesado a vida inteira, não conheceu o outro lado da face monstruosa do pai de vocês.

— Tanto faz. — Saulo ergueu os ombros e se aproximou da mesa. — Está decepcionada com o seu novo chefe, linda?

Peguei a caneta de ouro ao lado da papelada e taquei nele.

— Se você me subir de cargo, aumentar o meu salário, dar passagens de graça com destino ao mundo todo, não...

— Olha só...

— Todo mundo tem seus interesses, o meu é ser cada vez mais bem-sucedida — brinquei, fazendo-o sorrir.

— E conhecer o mundo todo.

— E conhecer o mundo todo — secundei, virando a cadeira grandona.

Nós dormimos separados, porém antes das nove Saulo estava sentado na beirada da minha cama com a bandeja repleta de alimentos saudáveis para o café da manhã. Jenna logo trouxe meus remédios matinais e depois se retirou.

Eu não sei quanto tempo mais eu aguentaria sem sucumbir ao pecado, que era a figura do homem diabolicamente gostoso sem camiseta na minha frente.

Os cabelos negros com mais volume e a barba por fazer, davam a impressão de mais velho, e aquilo me excitava sem qualquer controle. Até o jeito que ele mexia a colher no líquido quente da xícara me deixava com tesão. As mãos grandes, as veias grossas nos braços me lembraram do tamanho e grossura de outra coisa...

Saulo lambeu o lábio depois de morder a torrada com patê, e o gesto se conectou diretamente com o ponto sedento entre minhas pernas.

Deus!! Isso era o real significado de subir pelas paredes?

Perturbada, levantei-me da cama porque estava ficando sem forças para resistir ao sacrilégio.

Fiz uma nota mental, sexo seria a primeira coisa abordada ao ver minha

médica.

Entrando no box liguei o chuveiro na tentativa de esfriar a cabeça, ou o calor da minha carne pulsante. Só que querendo fugir da tortura eu esqueci a porta aberta, e Saulo apareceu no banheiro de cueca, merda, de cueca!

— Não! — berrei, quando ele fez a menção de se livrar da última peça. Perplexo, o homem me encarou. — Fique com isso. — Apontei para a boxer branca que cobria o objeto mais prazeroso do mundo inteirinho.

— Pensei em tomar banho com você.

— Saulo, eu estou subindo pelas paredes.

O homem abriu um sorrisinho sacana de lado e pegou na cueca outra vez.

— Não, por favor — supliquei, como uma criança desesperada — respeite meus hormônios. — Parecia brincadeira, mas infelizmente era sério. Eu estava sofrendo de tesão?!

— Só vou te ajudar a lavar o cabelo.

— Mentiroso! Mantenha isso longe de mim — indiquei o pênis dele, o fazendo rir.

Saulo veio atrás de mim e realmente me ajudou a lavar o cabelo, e é óbvio que não parou por aí. Logo suas mãos estavam apalpando meus seios sutilmente inchados, depois estimulando os bicos, enviando ondas de calor por todo o meu corpo, na direção da minha vagina que pulsava a cada toque. Deitei a cabeça para trás apoiando em seu ombro e fechei os olhos, permitindo que ele massageasse deliciosamente os meus picos sensíveis.

— Estão mais gostosos ainda — falou ao apertá-los com mais força. — Quero mamar neles, Eveline.

Gemi, louca de vontade. Saulo ficou na frente e cobriu minha boca com a dele, sem prolongar muito o beijo ele desceu os lábios roçando a barba na minha pele, até alcançar meus bicos enrijecidos, enquanto apertava e pinçava um, Saulo literalmente mamava no outro, fazendo a sucção torturante. A pressão se intensificou no meu ventre, como se precisasse ser liberta o mais rápido possível. Com um pouco de medo por causa da contração involuntária que anunciava o orgasmo, eu puxei o cabelo molhado de Saulo fazendo-o

diminuir o ritmo das chupadas, ele entendeu e em seguida se dedicou ao outro mamilo.

— Você vai me fazer gozar se continuar e eu não sei se posso... — gemi, virei os olhos e os fechei quando senti a fisgada no meu clitóris. Meus seios estavam mil vezes mais sensíveis. — Você é muito gostoso e me deixa muito louca — sibilei, ensandecida.

Ele direcionou o olhar felino para mim, sem parar de sugar.

Não aguentei, queria tentar fazê-lo sentir o mesmo prazer que me causava. O afastei, decidida a enlouquecer o homem e me deleitar com a visão perfeita que era ele entorpecido de tesão.

Ajoelhei na sua frente e segurei o membro grosso, dando beijos molhados por toda a extensão e manejando com a mão. Na sequência, chupei a cabeça rosada e lisa e devorei o máximo que pude do comprimento. Ele contraiu o abdômen, agarrou meus cabelos e puxou o ar entre os dentes. Depois de encarar o teto e piscar com força, Saulo me olhou e mordeu o lábio inferior. Que vista privilegiada!

— Isso, gostosa. Chupa o seu pau com vontade.

Ouvir que o "pau" dele me pertencia me incentivou ainda mais, eu não parei até ver o homem apoiar a mão na parede ao perder as forças, assim que se esvaziou enchendo a minha boca.

Engolir o líquido perolado e salgado não foi tão ruim, e valeu a pena ingerir o gosto estranho porque Saulo ficou doido assistindo.

Sem qualquer frescura ele me beijou, tão vorazmente que me tirou o fôlego. Mordiscou e puxou o meu lábio inferior, ao mesmo tempo que suas mãos percorriam apertando cada curva do meu corpo. Saulo encaixou a mão entre minhas coxas, deslizou os dedos pelo meu núcleo úmido, grunhindo na minha boca ao notar que eu estava lubrificada, e apertou a minha bunda com a outra mão.

O homem agachou e colocou meu pé sobre seu ombro deixando-me mais aberta. Ele deu beijos na virilha e passou a língua no meu ponto minúsculo, que no momento estava dilatado. Senti seus dedos pela penugem ruiva que cobria meu púbis e ouvi sua constatação:

— Eu amo seus pelinhos, linda. — Beijou o lugar e desceu com a língua para a centro latejante.

Saulo agiu delicadamente, passeou com os dedos pelo meu períneo todo, indo e voltando várias vezes, incendiando cada célula em mim. Depois fez meu clitóris de alvo, acionando o botão que me levava para o céu.

Chupou tão deliciosamente que logo me vi desmanchando, totalmente entregue ao delírio.

Nós não demoramos mais, porque o excesso do vapor no banheiro e a água quente abaixaram a minha pressão.

Fiquei quieta, tomada pela preocupação do que havíamos feito minutos antes, enquanto vestia uma lingerie branca rendada, tendo Saulo como telespectador.

— Podemos ir ao consultório da sua médica após o almoço — ele percebeu meu desassossego.

— Será que prejudiquei o bebê? — Não consegui esconder minha aflição. — Porque eu gozei e provavelmente o útero contraiu.

— Shh... — Saulo apaziguou a inquietação quando apoiou o queixo na minha cabeça, envolvendo-me em seu corpo. — Não fizemos nada demais, vamos depois do almoço e você ficará mais tranquila. — Só concordei com a cabeça.

Ele continuou me assistindo pôr a roupa e comentou antes que eu vestisse a blusa branca de mangas largas:

— Seu corpo está mudando, e vejo um montinho bem pequeno na sua barriga.

Sorri para sua percepção carinhosa e passei as mãos no lugar apontado.

Saulo se retirou para receber o psiquiatra, fui em seguida já que participaria da sessão. Foi ótima e esclarecedora. Doutor Weylor nos deu várias recomendações para a chegada de Benício, fato o qual me deixou ansiosa pelo resto da tarde.

Eu não fazia ideia de como o garotinho era, sua personalidade e costumes. Eu era uma estranha para ele, e torcia para conseguir reverter isto o mais rápido possível, sem atropelar as coisas.

Safira preparou o almoço para o irmão e levou até a cabana, onde ele deveria ter acabado de treinar. Pelo visto foi bom os dois terem um momento, porque entraram sorrindo pela porta da cozinha. Saulo me deu um beijo na testa quando passou.

— Vou tomar outro banho — avisou, ainda com resquícios de suor em sua pele.

— Obrigada, Eve — Safira gesticulou sem som com a boca e eu apenas sorri. — Ele me contou sobre Benício.

Conversamos até dar o horário de ir ao consultório da médica, e graças a Deus o bebê estava bem, a doutora esqueceu de notificar, mas eu poderia voltar a ter relações sexuais, de forma moderada.

Saulo não quis me acompanhar, e para evitar uma crise de ansiedade que nitidamente estava prestes a acontecer, eu não insisti. Ele precisava de tempo, aos poucos tudo poderia se encaixar.

Usei o restante do dia para conversar com a minha mãe, que dizia estar morrendo de saudades. Com a minha irmã, que estava brava e dramatizava falando que eu tinha trocado ela por Saulo e abandonado meus sobrinhos. E por fim com Dimitri, que fez duas horas de rodeio para contar que havia conhecido uma moça, e mais uma hora para finalmente dizer que estava namorando. Fiquei muitíssimo feliz pelo meu amigo, pois ele parecia estar também.

Eu queria muito contar para a minha família sobre a gravidez, porém a pequena parcela de medo que ainda me assombrava sobre perder o bebê, me fez esperar, pelo menos até passarmos todas as semanas de alto risco.

Achei esquisito quando Valentim perguntou o estado da minha saúde, e acabei questionando Saulo, que assumiu ter entrado em contato com o irmão em busca do melhor especialista, o hematologista responsável pelo meu tratamento. Foi outro motivo que me deixou feliz.

A verdade é que tudo serviu de distração para o rebuliço nervoso que aumentava a cada hora dentro de mim, o misto de ansiedade, preocupação e entusiasmo para conhecer o filho de Saulo.

Ouvi meus batimentos cardíacos retumbarem dentro do peito quando anunciaram a chegada de Benício.

Escutei a movimentação no jardim na frente da mansão, e então me posicionei na sala de entrada, tendo Madalena, Safira, Monteiro, Michelle e Jenna ao meu lado.

Saulo esperou na frente das duas portas de entrada, que se abriram segundos depois, revelando um belo garotinho de cabelos castanhos e olhos verdes.



EVELINE



Benício possuía traços do pai, e com toda certeza da mãe. Na verdade o seu olhar inocente de criança se mesclava com uma seriedade não compatível com a idade, mesmo que aparentemente doce, o menino observava tudo ao seu redor, ignorando até mesmo a figura de quase um metro e noventa bem na frente dele. Pelo tempo que levou para averiguar o ambiente, nós percebemos seu assombro diante da imensidão da casa, talvez nunca estivesse visto nada tão grande e ao mesmo tempo intimidador, as mesmas características serviam para Saulo.

— Benício, certo? — Encurtei a distância entre mim e o menino, com um sorriso gentil nos lábios. — A viagem foi longa, então você deve estar cansado. — Receosa, eu estendi a mão para ele, que para a minha surpresa, cedeu. — A Madalena arrumou o quarto para você, e também encomendou alguns brinquedos que chegaram essa tarde, posso esperar você tomar banho e depois podemos ver suas coisas novas, o que acha? — Encurvei o corpo para falar com ele na sua altura e novamente ele cedeu, concordando com a cabeça.

Saulo ficou imóvel, então eu decidi tomar iniciativa para quebrar o gelo da situação. A mulher que o trouxe, que eu acreditava ser uma assistente social, falou:

— Boa noite a todos — saudou os presentes, enquanto eu e Benício nos retirávamos rumo a escadaria. — Preciso conversar com o pai de Benício, é o senhor?

— Sim — ouvi a voz de Saulo.

— O senhor pode me mostrar a casa enquanto conversamos? É o protocolo recomendado.

— Certamente, me siga. — Foi a última coisa que escutei antes de pisar no longo corredor no final da escada.

— Está com fome, Benício? — Ele não havia dito uma palavra desde que pisou na casa, e novamente só assentiu sem dizer nada. — Que bom, preparamos muitas coisas gostosas para a sua chegada, não eu... porque não sei cozinhar, mas Madalena, que você pode chamar de Mada, e Safira, que é a sua tia, cozinham muito bem. Elas fizeram pães recheados, e um bolo que parece estar delicioso. — Deus! Quando eu aprenderia a frear minha boca estando nervosa?

— O bolo é de chocolate? — Subitamente meus olhos encheram d'água ao ouvir a voz doce do menino, deve ter sido culpa dos hormônios da gravidez. Sequei disfarçadamente, antes que escorressem pelo rosto e sorri para ele.

— Inteiro de chocolate, com recheio e cobertura de chocolate. Você gosta? — Continuamos andando rumo ao quarto.

— Minha mãe me ensinou a fazer bolo de chocolate, é o meu preferido. — Benício tinha o semblante sério, porém a voz e o olhar mais meigos que já vi.

A mãozinha branca com dedos finos, não soltou da minha, passei o polegar no dorso dela antes de entrarmos no quarto adaptado para ele.

— Eu quero que me ensine a fazer, porque eu não sei fazer nadinha na cozinha — abaixei-me outra vez e sussurrei como se contasse um segredo.

— Eu te ensino, Eveline — respondeu, curvando os lábios sem abri-los, evidenciando duas covinhas fofas nas bochechas.

— Você é muito lindo, sabia? — Não me contive.

— Obrigado. — Voltou a ficar sério.

Levantei o tronco e aponte para o quarto.

— Você ficará aqui, o meu está bem aqui do lado. — Andei para o

centro e sentei na beirada da cama de casal.

— Essa cama é para mim?

— É sim. Você não gostou? — Me preocupei com sua expressão negativa.

— É muito grande. — Será que ele sentia medo de dormir sozinho?

— Sua tia Safira, dorme em um quarto com duas camas menores, eu tenho certeza de que ela troca com você. Ou se você preferir, eu posso te contar histórias toda noite.

— Você conta uma história hoje, Eveline? — pediu.

— Claro que sim. Depois que você tomar um banho e nós descermos para comer, pode ser? — Ele concordou com a cabeça e andou pelo quarto, encontrou o espaço colorido para os brinquedos. — Você pode me chamar de Eve se quiser — sugeri, e ele permaneceu quieto analisando os carros, livros e jogos.

— Eveline, a minha mãe vem me buscar amanhã? — Nada ali o entreteu, e sua pergunta apertou meu coração a ponto de me sufocar, mas lutei para não demonstrar tristeza.

Eu sabia que a condição penal de Justine era muito crítica, ela foi acusada de tráfico internacional de drogas. Encontraram na casa do companheiro dela, onde ela estava no momento do flagrante, duzentos quilos de cocaína e outras substâncias ilegais.

Ela não sairia tão cedo.

E era possível enxergar na carinha de Benício o quanto ele amava a mãe, ela deveria ser boa para ele. Senti raiva de Saulo, muita raiva! Contudo, eu não sabia todos os detalhes da história para apontar qualquer culpado de ter deixado um garotinho desamparado.

— Ela vem assim que conseguir — foi o máximo que pude dizer. — Você gosta de banheiras, Benício?

— Aqui tem uma? — Arregalou os olhos, deslumbrado com a ideia.

— Venha ver — estendi a mão outra vez, ele a segurou.

No banheiro, Benício sorriu ao ver a banheira que cabia vários dele.

Liguei os registros para enchê-la e exagerei no líquido de espuma, ele se animou e me ajudou a colocar, até esvaziar o pote. Começamos a rir quando a banheira transbordou e a espuma caiu no chão.

— Vou deixar você aqui, estarei no quarto. Qualquer coisa me chame.

— Obrigado, Eveline. — É, ele não usaria meu apelido tão cedo. Porém, ver um garotinho de seis anos me tratando com formalidade me encantou.

— Se precisar me chama! — reforcei ao sair e encostar a porta.

Esperei ouvindo o barulho da bagunça na água e permiti que as lágrimas inundassem meu rosto. Confusa, se estava feliz ou assustada, tratei logo de interromper o choro. O silêncio pairou por instantes, levantei-me e fui para o banheiro, onde o menino estava submerso na água.

Meu coração errou as batidas, e eu corri na direção da banheira.

Benício emergiu e soltou o ar dos pulmões.

— Você pode contar quanto tempo eu fico embaixo da água?

Disfarcei meu pânico.

— Você sabe nadar? — Sentei-me no degrau da banheira e apoiei o braço na borda, não me importando em molhar minha roupa. O garotinho estava somente de cueca, ele era magrinho e muito branquinho.

— Minha mãe me colocou na natação.

— Muito legal. — Passei a mão na água quente e mexi a espuma na superfície.

— Você conta?

Lembrei e me posicionei.

— Claro, quando você falar já!

— Já! — Ele submergiu outra vez e inflou as bochechas, mantendo o ar preso na boca.

— Quarenta segundos. — Bati palmas quando Benício levantou. — Você é muito bom! — elogiei.

Os toques na porta pararam a nossa brincadeira. Era Saulo, visivelmente

tenso. Passei as mãos em seu peitoral e percorri os bíceps, tentando relaxá-lo.

— Ele é bonzinho demais, fique tranquilo — beijei o canto de sua boca e abri a porta para que Saulo entrasse.

Deixei os dois a sós, mas pude ouvi-los conversar.

— Você é o meu pai?

— Sou sim.

— Quantos anos você tem?

— Muitos, garoto. — Pela voz, notei que Saulo sorria.

— Eu tenho seis.

— Eu tenho trinta anos a mais que você.

— Trinta e seis — constatou rapidamente —, e a Eveline?

— Dezenove anos a mais que você.

— Vinte e cinco. — Menino esperto!

— Você é rápido.

— Gosto de fazer contas.

Algo em comum com o pai, Saulo era formado em administração.

— Eu posso sair? A Eveline disse que tem bolo de chocolate.

— Você gosta?

— É o meu preferido — contou.

— O meu também — Saulo contou.

Como uma conversa tão trivial poderia causar dor nas minhas bochechas de tanto sorrir?

— Aqui o roupão.

— Obrigado.

Saulo apareceu na porta e respirou fundo, com as íris fixas nas minhas.

— Ele é uma graça — falei.

— Parece inteligente.

— Vou ver se ele precisa de ajuda.

— Espero lá embaixo. — Saulo passou por mim, depositou um beijo na minha testa e sussurrou: — Obrigado por tudo.

Fechei meus olhos e o abracei, ele retribuiu calorosamente.

Tirei um conjunto de moletom da pequena mala de Benício, deixada no quarto minutos antes.

Ele ficou me olhando, como se esperasse alguma coisa.

— Ah... me desculpa. Te espero ali fora. — Apontei na direção da porta. O garotinho queria se vestir sozinho.

Pouco depois todos estavam reunidos na cozinha, eu comi o pão recheado, mas ele e Saulo devoraram cada um três pedaços do bolo de chocolate.

— Você gosta de vídeo game, rapaz? — Monteiro perguntou.

— Minha mãe me deu um no meu aniversário de seis anos, mas ficou na minha casa.

— Então amanhã você vai comigo comprar outro.

— Sério? Eu posso escolher os jogos?

— Sim, mas eu quero que jogue Call Of Duty comigo.

— Jogo de tiro, Adam? — Safira recriminou.

— E qual é o problema? Logo vou ensinar ele a atirar de verdade.

— Monteiro! — desta vez eu o censurei.

— Amanhã quando acordarmos, eu te levo para conhecer o meu arsenal.
— Saulo conseguiu ser o alvo de todos os pares de olhos da cozinha.

— Seu pai está brincando. — Dei risada, nervosa com a ideia maluca dele.

— Não estou não. Você gosta de armas, garoto?

— É perigoso — Benício respondeu.

— Isso, é perigoso — concordei.

— Quando você for mais velho, nós te ensinaremos a manusear uma arma. — Safira piscou para o sobrinho.

— Vocês vão me matar do coração. — Mada colocou a mão sobre o peito.

Terminamos de comer, enquanto Safira e Adam discutiam sobre tiro, sendo eu e Benício os únicos que não entendiam nada vezes nada do assunto, até mesmo Madalena sabia conduzir um revólver.

— Eu vou para a escola amanhã? — Benício perguntou depois de quase duas horas na cozinha.

Olhei para Saulo, querendo saber como seria feito.

— Por enquanto você terá aula em casa. Só que começará na próxima semana, depois podemos ver alguns cursos... Você gosta de algum instrumento musical?

— Violão e piano. Você tem aqui? — questionou ao Saulo.

Só podia ser herança do pai, já que Saulo sabia tocar ambos os instrumentos.

— Então eu mesmo vou te ensinar — Saulo falou orgulhoso.

Eu não sei quem estava mais abobada diante da situação, eu ou Madalena. Juro que era possível ver coraçõezinhos saindo do olhar da governanta, e confesso que ver Saulo receptivo com seu filho era mesmo apaixonante.

— Eu acho que você precisa dormir agora — eu disse um tempo depois.

— Você vai contar história para mim, Eveline? — Quis saber, preocupado.

— Claro que vou — segurei a mãozinha pequena e sorri.

Madalena e Michelle o levaram para a sala, Adam e Safira foram para o jardim externo da casa ambos com um copo de uísque nas mãos.

Sobrou somente eu e Saulo. O homem se aproximou de mim, envolveu

os braços na minha cintura e encostou a testa na minha.

— Ainda não acredito que tudo isso está acontecendo — confessou.

— Estou muito feliz. — Acariciei a barba crescida e segurei seu rosto: — mas pelo amor de Deus, nada de mostrar suas armas, ele é só uma criança.

— Qual o problema? Vou ensiná-lo a se proteger, posso te ensinar também. — Saulo sorriu, tratando do assunto com a maior naturalidade.

— Agradeço, mas pretendo nunca tocar em uma arma.

Saulo me beijou, e agarrando meus cabelos pela nuca possuiu todo o meu corpo com o calor do seu. Ele mordeu meu lábio e o sugou, em seguida fechou os olhos e manteve a testa encostada na minha.

— Vá com o garoto logo, você precisa descansar.

— Não senhor, — fiz carinho em seu rosto — estou liberada — sussurrei.

— Liberada?

— E quero tirar todo o meu atraso, porque estou subindo pelas paredes — confidenciei.

— Eveline... — Saulo fechou os olhos outra vez e umedeceu a boca: — não brinque com o fogo.

— Já estou queimando — provoquei.

O deixei estático, digerindo a informação, e fui para a sala. Dei de cara com o garotinho me esperando.

— Vocês são namorados, Eveline? — Como uma pessoinha de seis anos podia me deixar tão sem graça?

— Por que a pergunta, mocinho?

— Namorados beijam na boca.

Acabei rindo, peguei em sua mão e o levei para subir os degraus comigo, enquanto bolava uma forma leve de contar para ele.

— Eu e o seu pai nos gostamos muito, então sim... somos namorados.

Ele não fez mais nenhuma pergunta, chegamos no quarto e eu arrumei a

cama para ele deitar. Escolhi um livro infantil e me acomodei encostada na cabeceira. Li o livro de poucas páginas, e o menino permaneceu atento por toda a história, fazendo um ou outro comentário.

Em seguida, Benício fechou os olhos e uniu as pequenas mãos.

— Santo anjo do senhor...

Não compreendi o que ele faria, então continuei olhando.

— Você pode fechar os olhos por favor, Eveline? — pediu, me fazendo entender.

— Sim, claro — acatei, fechei os olhos e esperei.

— Santo anjo do senhor, meu zeloso guardador, já que a ti me confiou a piedade divina, sempre me rege, me guarde e me ilumine. Amém.

Novamente meus olhos se encheram de lágrimas, e eu confirmei, não eram os hormônios, mas sim a presença da benção que Deus colocou em minha vida e principalmente na vida de Saulo. Benício veio para acrescentar, como um perfeito anjo enviado de Deus.

— Amém — repeti baixo.

O garotinho virou de costas para mim, agarrou o edredom e fechou os olhos para dormir. Fiquei ali parada, observando-o e tentando absorver tudo.

No meu quarto, fui direto para o banho. O dia tinha sido cansativo e tudo o que eu queria era relaxar para ficar com Saulo. Coloquei uma lingerie azul escuro, da mesma cor que o robe de seda. Caminhei para o aposento principal e encontrei a porta entreaberta. Vi o homem deitado na cama, com um cigarro preso entre os dedos e com um livro na outra mão.

— Ele dormiu? — Eu assenti.

— E perguntou se somos namorados.

— E você?

— Disse a verdade. Ele é realmente inteligente.

— Qual é a verdade? Nós somos namorados?

— Não somos? — indaguei, engatinhando para me aconchegar do seu lado.

— Você é oficialmente a minha namorada, Eveline? — Saulo ficou de lado e flexionou o braço para apoiar a cabeça e me olhar.

— Você quer que eu seja?

— Eu quero.

Me aproximei e beijei seus lábios.

— Então aceite ser amado, porque se você permitir, eu o farei sentir amor todos os dias — sussurrei.

— Você está me ganhando, garota.

— Eu estou — falei orgulhosa, nos fazendo rir.

— Então você está liberada?

— Estou, sim senhor. — O empurrei para deitar e montei em seu colo.
— Mas você tem que ser bonzinho, porque não podemos exagerar.

— Serei, eu prometo. — Saulo mirou os meus seios e desfez o laço do meu robe.

Passei as mãos pelos meus ombros, a fim me despir da peça e a larguei no colchão ao nosso lado. Deslizei as alças do meu sutiã de renda, Saulo desprendeu o fecho nas minhas costas e livrou meus seios pesados, apalpou ambos e beliscou os biquinhos.

Ele me surpreendeu quando desceu as mãos para a minha barriga, reclinando-se para beijar o lugar. Mexi em seus cabelos negros, e nós sorrimos. Seu sorriso foi sincero e sereno, como eu nunca havia visto antes.

— Desculpa filha, mas sua mãe está me provocando.

Dei risada, e avancei no homem sob meu corpo. O beijei vorazmente, querendo diminuir o desejo acumulado por semanas. Saulo me beijava como se estivesse transando com a minha língua, devagar e libidinoso. Ele me virou, ficando sobre meu corpo e tirou a última peça do meu corpo, encaixando seus dedos entre minhas pernas.

Encaixei os dedos na camiseta preta dele e puxei para cima até tirá-la por completo, passei com as palmas pelo peito musculoso e resvalei os dentes pelo seu queixo, enquanto Saulo pressionava seu quadril contra o meu. Puxei o botão da calça jeans dele e desci o zíper, enfiando a mão para sentir o

membro rígido. Ele gemeu, e eu enclausurei o som na minha boca, rebolando em cima do volume na sequência.

Saulo passou as mãos nas minhas costas e as pousou na minha bunda, movimentando-me para frente e para trás, permitindo-me sentir todo seu comprimento endurecido. Foi minha vez de gemer. Chupei sua língua o libertei do restante da roupa para mostrar o meu frenesi.

Nós pegamos fogo e incendiámos o quarto.



SAULO



Sob mim, Eveline movia o quadril na direção do meu, esfregando a boceta pequena e melada no meu pau, depois o segurou e rebolou nele como uma cigana excitada. Não abandonei seu pescoço arrepiado, rocei a barba na pele alva e foi quando cravei os dentes no ombro sardento, que Eveline repuxou o meu cabelo.

Desejava mais do que tudo enterrar o meu pau na abertura quente, ele latejava louco para sentir o aperto da bocetinha dela, mas o preliminar estava incinerando Eveline, e assisti-la tão sedenta me pirava. O rostinho angelical com os lábios entreabertos, sendo castigados em seguida, na tentativa de abafar o gemido assim que enfiei dois dedos dentro dela, era de tirar a sanidade de qualquer homem.

O cheiro no seu pescoço, o contraste dos fios laranja no preto da cama, e a pele inteiramente branca repleta de pintas, eram o meu passaporte para o paraíso.

Desci me posicionando no meio de suas pernas e segurei suas coxas para mantê-las abertas, Eveline se apoiou nos antebraços para me observar, enquanto eu trilhava um caminho de beijos na sua virilha, até parar no núcleo carnudinho rosa e me saciar com o seu gosto. Usei os dedos para abrir os lábios da boceta dela, e depois lambei o ponto inchado no meio. Aumentei e diminuí o ritmo das passadas de língua, em seguida suguei levemente, e à medida que metia dois dedos o corpo de Eveline serpenteava sobre o colchão, gemendo com lascívia.

Ela tentou recuar duas, três vezes, mas mantive suas coxas presas nos meus braços e só fiquei satisfeito quando vi a garota se desfazer em um orgasmo duradouro.

Espalmei a mão nas costas dela e a coloquei mais para cima na cama, cobrindo seu corpo com o meu. Eveline sorriu, prendeu o lábio inferior entre os dentes e negou com a cabeça.

— O que foi?

Ela não me respondeu, me empurrou para o colchão e montou no meu colo, permitindo meu pau escorregar para dentro sem nenhum adiamento. A mulher apoiou as mãos no meu peito e cavalgou embravecida, tentei segurá-la pela bunda para reduzir seus movimentos, mas foi em vão.

— Eveline — adverti, ficando louco com a sua excitação.

— Fiquei muito tempo sem e... — gemeu e fechou os olhos — e quase morri de vontade. — Sorri com a confissão e cravei os dedos em sua bunda, a fim de pausá-la.

— Mas você precisa ir devagar. — Umedeci minha boca e subi uma mão para suas costas, fazendo-a deitar-se sobre meu corpo. — Fica paradinha, aqui — beijei sua orelha e mordisquei o lóbulo — quietinha.

Controlei seus movimentos e levantei o quadril para meter com uma cadência mais lenta, enfiando até meu pau sumir dentro dela. Seus peitos suados permaneceram encostados no meu peito, e a boca na minha orelha reproduziu sons que esvaíram até o meu último resquício de sanidade.

Eveline beijou meu pescoço, sussurrando com a voz trêmula:

— Você não está entendendo, eu quero muito mais — fechei meus olhos, adorando a ideia de ver Eveline insaciável.

Agarrei seu cabelo pela nuca e apertei a bunda dela com força, então passei a estocar com força, ela gemeu deliciosamente com os lábios encostados nos meus.

Surpreso, deixei que a garota se afastasse de mim e ficasse com a coluna ereta, posicionando os pés no colchão ao lado do meu corpo, Eveline começou a levantar e sentar, sem freio.

— Assim, Saulo, assim — murmurou, reclinando a cabeça e estreitando

a passagem de ar de sua garganta, gemendo cada vez mais rouca.

Tentei permanecer impassível o máximo que consegui, na expectativa de suportar o tesão fodido que a ruiva estava me dando, mas falhei.

Sua boceta ficava mais escorregadia, e nosso cheiro preenchia o quarto acompanhado das súplicas sussurradas de Eveline. Me encurvei para segurá-la e mamar em seus peitos inchados, primeiro o esquerdo depois o direito, ela apertou ambos para mim, rebolando no meu colo a ponto de friccionar a virilha na minha.

— Porra! Eu tentei — vociferei, tirando Eveline do meu colo e a jogando de bruços na cama.

O sorrisinho safado de vitória dominou totalmente meu autocontrole. Uni os punhos de Eveline sobre sua bunda, os segurei com uma mão e mergulhei sem piedade o meu pau na boceta dela.

Empunhei os fios laranja em um rabo de cavalo, e a deixando sem qualquer movimento, eu soquei repetidas vezes com força o suficiente para balançar o corpo dela e a cama. Rosnando diante da resistência de Eveline, eu esbravejei quando ela começou a apertar o meu pau:

— Eveline — repuxei seu cabelo e pude ver sua boca entreaberta, o rosto suado e dando o mesmo sorrisinho safado, ela me encarou — Não faz isso — avisei.

— Mais Saulo — pediu.

Obedeci, dando uma palmada em sua bunda a cada vez que ela contraía o meu pau. Ainda não satisfeita, a mulher escorou as mãos no colchão e ficou de quatro, empurrando o corpo contra o meu, batendo a bunda no meu quadril, inquieta, insaciável.

Apoiei os pés ao lado e literalmente montei na bunda dela.

— Ahh... que delícia, continua!

— Gostosa — avermelhei sua pele com um tapa mais forte.

Ela começou a gemer feito uma cadela, em seguida pude sentir sua boceta ferver e um líquido melar o meu pau. A ruiva deitou o rosto no travesseiro apertando os olhos e comprimindo os lábios, mas precisou morder o travesseiro para conter seu grito escandaloso. A série de pressões feitas no

meu pau fez com que eu esporreasse dentro dela, até me sentir fraco.

Senti meu corpo se fundir com o colchão quando finalmente relaxei. Assim que compassou a respiração, Eveline correu para o banheiro e fechou a porta. Segui ela e bati na porta.

— Por que trancou? — Girei a maçaneta, preocupado com o silêncio.

— Espera — sussurrou lá de dentro.

— Espera o caralho, abre aqui — mexi na maçaneta várias vezes.

— Espera, Saulo.

Encostei as costas na porta e respirei fundo, aproveitei para vestir uma calça de moletom e voltei para a porta do banheiro. Ouvi Eveline regurgitar e um fluxo líquido sendo despejado.

— Merda, abre essa porta!

— Se eu levantar daqui eu vou vomitar no chão! — Ela berrou de volta.

— Foda-se, abra logo!

Ouvi a chave virar e vi Eveline correr de volta para a privada.

— Eu acho que me movimentei demais. — Fez um biquinho ao me olhar, e debruçada no assento voltou a gorfar. — Acho que o bebê não gosta de muita agitação.

Me aproximei, ajoelhei do seu lado, arrumei seus cabelos e os segurei para não sujá-los.

— Lógico, você fez o meu pau de montanha russa.

Continuei segurando seu cabelo e acabei sorrindo quando ela riu.

— Desculpa, me empolguei.

— Só desculpo se fizer de novo.

Ela liberou o ar dos pulmões, e após dar descarga pela terceira vez voltou a debruçar na privada.

— Não queria que me visse nesse estado deplorável — lamentou.

— Nem faz cócegas comparado a tudo de deplorável que você viu em

mim — eu quis tranquilizá-la e consegui.

— Pior é que estou pelada, descabelada, suada...

— E com cheiro de vômito. — Segurei a risada e ela me bateu. — Linda de qualquer jeito.

— Você está estranho. — Desconfiada, a ruiva cerrou os olhos na minha direção.

Dei os ombros, porque eu não sabia se estava estranho, só estava me sentindo... bem. Peguei a toalha pendurada e coloquei em suas costas.

— Está frio.

— Vou tomar banho. — Ajudei Eveline a se levantar e virei os registros da banheira. — No chuveiro mesmo — falou.

— Sem mais esforços hoje.

— Está muito estranho mesmo — me analisou e deu risada.

Mais tarde, testemunhei uma das cenas mais lindas de toda a minha vida, Eveline dormindo apenas de calcinha, com o semblante sereno, o cabelo laranja espalhado pela franha preta, os seios parcialmente cobertos pelo lençol e uma perna passada pelo mesmo. As longas cortinas estavam abertas, nossa única iluminação era a luz da lua, que refletia diretamente no rosto angelical de Eveline.

— Eu amo você, Saulo — o som de sua voz foi baixo, quase indecifrável.

Surpreso com a confissão, eu percorri seus lábios com o polegar.

— O que você disse? — Não houve resposta e meu coração parecia galopar no peito — Eveline?

Ela estava dormindo. Contemplei seus traços, as sobrancelhas e cílios ruivos e todas as suas sardas espalhadas até ser vencido pelo cansaço.

Acordei melhor que dormi, tendo o par de olhos lindos pairando sobre o meu sono e a pequena mão macia tocando meu rosto.

Virei Eveline e fiquei sobre seu corpo, afastando sua calcinha e livrando meu pau da calça. Já tinha me controlado demais ao observá-la dormindo a

noite, e desejava mais que tudo comer ela para começar bem o dia.

— Não, não... — Ela riu e me empurrou.

— Por favor, por que não?

— Benício está nos esperando para o café da manhã.

Recebi um beijo na bochecha e suspirei.

— Se vista, mais tarde resolvemos isso — ela piscou para mim e passou pela porta do quarto.

Parecíamos uma família filha da puta de italianos, com conversas altas e todos querendo falar ao mesmo tempo, tudo movido ao entusiasmo de ter uma criança na casa.

E eu só não conseguia parar de olhar para Eveline.

— O feitiço foi dos bons. — Monteiro não perdeu a oportunidade ao reparar.

— Que feitiço? — Me fiz de desentendido.

— Mais conhecido como chá de boceta — cochichou.

— Vai se foder! — Cochichei de volta.

— Gostaria — lamentou.

— E Donnatela? — perguntei.

— Já era. Ela não entende o nosso estilo de vida.

— O normal é que não entenda mesmo.

Examinei quando Monteiro observou a minha irmã comendo e conversando com Benício, do outro lado da ilha.

— Quem sabe um dia. — Aproveitei que ele estava tomando o suco para bater o copo contra o seu rosto. — Fica esperto, seu puto!

— Bom, gente, vou subir para tomar minha dose diária. — Eveline se referiu aos medicamentos — Jenna está me esperando. E tenho que falar com a minha família, que está realmente, quase me deserdando. Depois desço para te ajudar com o almoço — ela beijou a bochecha de Madalena e se aproximou do Benício: — E se você quiser mocinho, mais tarde podemos

fazer uma sessão cinema com pipoca e muitas porcarias.

— Porcarias não fazem mal, Eveline? — Ele se preocupou.

— Eu estou morrendo de vontade de brigadeiro e sorvete, — deu de ombros — uma vezinha só não faz mal.

Ela beijou a bochecha do garoto, que não soube reagir, apenas sorriu e assentiu com a cabeça.

Eveline passou por mim, não sem antes me beijar.

— Aproveita que está sol para fazer algo com ele — sussurrou para mim.

— Depois dos seus remédios.

— Não, vão agora aproveitar o sol — me deu outro beijo. — E nem pense em mostrar arsenal coisíssima nenhuma.

Ela se retirou, e eu não aguentei, precisava tirar a dúvida que martelou na minha cabeça desde que abri os olhos. Parei Eveline no primeiro degrau da escada.

— O que você disse ontem antes de dormir?

Ela ergueu a sobrancelha e sorriu.

— Não lembro, por quê?

— Quando você já estava de olhos fechados, o que disse?

— Antes de dormir eu disse que queria sorvete. Por quê? — Ficou mais confusa.

— Nada. — Subi o degrau e beijei sua testa.

— Doido — ela riu e continuou subindo a escada.

Fui até o escritório e joguei a chave do meu carro para Monteiro.

— Chame a minha irmã para ir comprar sorvete com você.

— Comprar sorvete?

— Eveline está com vontade — expliquei.

Monteiro gargalhou e passou a mão sobre a boca.

— Caralho.

— Está esperando o que? Vão logo!

— Qual sabor? — Levantou da cadeira do meu escritório e eu não sabia responder.

— Todos.

— Sim, senhor. — Antes de sair, o filho da puta desenhou um coração com os dedos na frente do meu rosto.

— Depois resolva tudo o que estiver pendente para hoje, preciso conhecer o garoto — ordenei, ignorando a palhaçada.

Levei Benício para a trilha rumo ao riacho, sentamos nos dois bancos que peguei na cabana e esperei que ele falasse alguma coisa, embora fosse meu dever já que eu era o pai e ele o filho.

—Minha mãe me explicou que aqueles homens iam levar ela para a prisão porque ela fez coisas muito erradas.

Em silêncio, analisei a fisionomia do garoto, e enxergar a aflição estampada em seu rosto me regressou para a minha infância, como se eu estivesse me assistindo. Fiquei angustiado, e pensei rapidamente para acalmá-lo.

— Eu também fiz coisas muito erradas, e estou aqui com você agora.

— Então ela vai voltar? Você sabe quando ela pode me buscar?

— Benício, quando cometemos erros nós precisamos pensar, para aprender a não errar de novo, certo?

— Se os meus castigos duram no máximo quinze minutos, por que a mamãe precisa de tanto tempo para pensar?

— O castigo dos adultos é diferente dos das crianças, entende?

— Minha mãe sempre disse que eu era inteligente como o meu pai, e sendo inteligente não é só você ir e tirar ela de lá? — As írises apreensivas e molhadas buscaram respostas nas minhas.

— Não é simples assim, mas sei que deve estar com saudade dela, então ajudarei no que for possível.

— Obrigado.

O garoto era mais educado do que eu fui a vida inteira, ficou nítido que Justine não fez um péssimo trabalho como eu imaginava.

— Sabe o que eu faço quando estou triste?

— O que Saulo?

— Me siga — caminhamos na direção da cabana, abri a porta e deixei Benício entrar primeiro.

Fomos para a sala de musculação, eu peguei duas luvas de box, encaixei nas mãos pequenas dele e apontei para o saco enorme de pancadas.

Ele sorriu adorando a ideia, e logo começou a dar socos.

Liguei um som para descontrair o ambiente, fazendo o garoto se empolgar mais ainda.

— Posso te ensinar? — Sugeri, ele concordou com a cabeça.

Passei a manhã instruindo o menino, e sem dificuldade alguma ele fazia corretamente.

Peguei uma garrafa d'água quando o vi com o cabelo suado, ele aceitou e se sentou no tatame preto para tomar.

— Podemos vir amanhã de novo?

— Todos os dias se quiser — tirei a segunda luva de sua mão e me sentei na sua frente.

— Tenho um amigo da escola que fica um tempo com a mãe e depois com o pai, e acho que isso pode ser legal.

— Que bom que acha isso, Benício — vi que ele terminou de beber e devolvi as luvas — Vamos, agora quero ver desde o começo.

Entusiasmado, ele voltou golpear o saco de pancadas. Só parou quando pisou em uma parte oca do taco de madeira no chão.

— Está quebrado?

— Me dê licença, vou te mostrar — ele saiu e eu arrastei o tatame.

Abri uma pequena porta pro subsolo.

— Não diga a Eveline que eu te trouxe aqui — pedi, enquanto descia a escada íngreme do lugar e o ajudava em seguida.

Era o local onde eu guardava toda a minha coleção de armas e usava como oficina para elas.

— Por que você tem tantas armas?

— Eu coleciono e gosto de todas elas — arranquei uma espingarda antiga da parede e tirei toda a sua munição — Uma das minhas favoritas.

— Posso pegar? — perguntou receoso e eu assenti. O garoto, que no dia anterior demonstrou sentir medo, estava nitidamente deslumbrado com a arma em sua mão. — Parece de filme.

— Vocês estão aqui há mais de duas horas, fiquei preocupada então... O-o-o que é isso? Saulo? — Ouvi a voz assustada de Eveline, olhei para cima e a encontrei na beirada da porta que dava acesso à oficina.

— Não desça — ordenei, considerando a instabilidade da escada.

— Larga isso Benício! — Não vou negar, era delicioso ver Eveline brava — Saulo!

Peguei a espingarda da mão do garoto, voltei para seu respectivo lugar e ajudei ele a subir.

— Eu vou te matar — Eveline soprou entredentes no meu ouvido.

— Só se for de tesão igual ontem — revidei, vendo ela revirar os olhos.

— Vamos, Benício?

— Posso escolher o filme Eveline?

— Claro, vamos — ela segurou a mão dele e eu saí atrás, depois de reorganizar a cabana.

Nós almoçamos, Monteiro já havia voltado com Safira e os quilos de sorvete. Eu até queria ir para a sala de cinema com os dois, mas Monteiro insistiu que o assunto era sério.

Fui para o escritório com ele.

— Senta cara — orientou.

— Fala.

— É sério Saulo, senta porra.

— Senta o caralho, o que aconteceu?

Monteiro desistiu e então ligou a televisão, que anunciava em todos os noticiários a morte de Marco Sartori. Encontraram o corpo dele em estado de decomposição, o enterro seria realizado naquele mesmo dia.

— Porra! — vociferei, emputecido com a notícia — Qual é a veracidade dessa merda?

— Já passou por perícia, o cara foi assassinado. Sartori está morto.

— Inferno! — Soquei a mão na minha mesa e fechei os olhos. — Isso não é justo.

— Você ficou louco? É uma ótima notícia, o filho da puta está morto!

— Não, não é uma ótima notícia caralho! Eu ia matá-lo com as próprias mãos.

— Chega de tanto ódio Saulo, de tanta sede de vingança. Chega! Vai viver sua vida agora, porra. Vai cuidar de Eveline que está grávida de um filho seu, e do Benício, que precisa da sua atenção mais do que qualquer coisa. — Monteiro segurou meu rosto e sustentou meu olhar. — Acabou. Se dê essa chance — ele bateu no meu rosto para me manter desperto.

— Porra... — Me afastei e soprei o ar na minha mão.

Continuei ouvindo os noticiários, que diziam que Marco tinha uma legião de inimigos dispostos a tudo para matá-lo. O homicídio ainda estava sendo investigado, mas a morte foi confirmada.

Era para a minha ira ser enterrada com o velho desgraçado, mas a raiva me invadiu com força.

Só de pensar em comprimidos o meu estômago reclamava, em consequência da overdose.

Então tudo o que eu precisava era de um mísero copo de uísque.

EVELINE

— Vocês viram o Saulo? — perguntei quando pisei na sala de estar, onde os presentes da casa estavam sentados e conversando no sofá.

— Subiu para o sótão, tem uma hora — Adam informou.

Tentei decifrar o olhar do amigo de Saulo, porém não consegui. Subi depressa até o último pavimento da casa e entrei sem bater. Encontrei Saulo sentado na poltrona de olhos fechados e com um copo de uísque pela metade na mão. Merda!

— Você não pode! O médico do hospital e o seu psiquiatra mandaram você ficar longe de bebida. — Tirei o copo de sua mão, mas ele não se moveu. — Saulo? — Sacudi os ombros dele, que apenas abriu os olhos e me encarou. — Não me assusta. Quanto você bebeu?

Procurei a garrafa pelo sótão e a encontrei inteira sobre a mesa.

— Não bebi, Eveline.

— O que aconteceu? — Busquei qualquer pista para saber o motivo da sua mudança drástica de humor.

— Desça e me espere no quarto.

— Não, me fala o que houve.

— Desça.

— Saulo! — falei sem paciência.

— Desça agora, por favor.

Eu não sabia o que tinha acontecido, mas sabia que naquele momento não conseguiria nada insistindo.

Entreí no quarto dele e me sentei na cama, esperei até o homem chegar e tirar a jaqueta de frio que vestia, caminhando na minha direção.

— Tire a roupa.

— Vamos conversar — tentei mais uma vez.

— Por favor, só me obedeça — vi seus olhos suplicarem, então acatei.

Desci o zíper na lateral do meu vestido, passei as mangas pelos braços e o deixei cair nos pés.

— Tudo.

Despreendi o fecho do meu sutiã e desci a minha calcinha, então parei na frente de Saulo e esperei.

Ele me incandesceu com um beijo de tirar o fôlego, pegou na minha nuca e inseriu sua língua com força na minha boca. Saulo parecia frio, exceto pelo desejo nítido em cada toque seu no meu corpo. Depois, fui encostada na parede e aproveitei para tirar sua camiseta preta. Ele me torturou com beijos quentes pelo meu pescoço, e castigou os bicos dos meus seios.

Saulo voltou a me beijar sem qualquer pausa, ele agarrou minhas pernas e me pôs em seu colo, levando-me na direção da cama, e atirando-me nela em seguida o homem veio sobre mim. Sem delonga, ele se livrou do restante da roupa e me penetrou.

Mesmo que eu estivesse pegando fogo com cada investida bruta, com a velocidade e a ferocidade dele, o sexo foi frio. Tentei tornar mais sentimental, tentei comunicação com o seu olhar, entretanto, Saulo permaneceu inexpressivo, como se precisasse arrematar sua frustração dentro de mim.

Quando terminamos, ele levantou e saiu como se nada tivesse acontecido. Já era noite, e eu ia colocar Benício para dormir, e não só porque foi prometido, mas porque ficar perto do menino me fazia um bem sem igual.

Contei mais uma história de um livro infantil, e ele dormiu antes do final. Cobri o garotinho, acendi o abajur e apaguei a luz do quarto.

Voltei para o quarto de Saulo e o vi adormecido na cama. Devagar, eu me aconcheguei em seu corpo e me esforcei para dormir. Despertei, assustada com a respiração ofegante dele.

Varri o quarto com os olhos e senti meu coração apertar ao me deparar com o homem encolhido no chão, sentado no canto do quarto.

— O que você está sentindo? — Agachei-me ao seu lado e segurei as mãos geladas, como o suor que escorria em seu rosto. — Está tremendo. Me fala, o que eu devo fazer?

Saulo tremia e não disse nada por segundos que pareciam uma eternidade.

— Eu preciso dos meus remédios, estão no closet... Pegue para mim Eveline.

— Não — neguei sem titubear.

— Pega agora! — Falou alto e grosseiro — Então algo para eu beber, tem ali... — apontou para o frigobar ao lado da prateleira inteiriça de vidro no meio do quarto.

— Você não pode, Saulo. Seu organismo ainda está desintoxicando.

— Pegue para mim, eu vou morrer porra.— Ele abaixou a cabeça nos braços e eu engoli todo o desespero para sentar ao seu lado. — Não, saia daqui!

— Não vou sair. — O abracei, ele tentou me empurrar, mas eu usei toda minha força para mantê-lo entre meus braços.

De repente Saulo começou a chorar e agarrou meu braço.

— Eu não vou sair daqui — assegurei, apertando-o mais ainda.

Ele assentiu várias vezes, como uma criança perdida e desamparada.

Quando ficou parcialmente mais calmo, eu me levantei para procurar algo útil no banheiro. Encontrei um saco plástico de oxigênio na gaveta, e o ofereci.

— Respire devagar — ele fez como seu médico havia nos ensinado, caso houvesse crise de ansiedade e abstinência, felizmente funcionou.

Sentei-me na frente dele e apoiei minhas mãos em seus joelhos.

— Foi um pesadelo? — Eu quis saber, ele negou. — O que aconteceu, me conta por favor.

— Marco foi assassinado.

Fiquei boquiaberta.

— Quando?

— Há mais de duas semanas, o corpo foi encontrado hoje.

— Meu Deus. — Coloquei a mão sobre a boca.

— Eu deveria ter matado ele, Eveline. — Saulo deu sinais de que ficaria agitado novamente, então me aproximei e o abracei mais uma vez.

— Shhh.... — chiei para que ele se acalmasse — agora está tudo bem, estamos todos bem.

— Eu preciso de um copo de uísque, só um.

— Não. Você precisa de mim. Tenho algo melhor do que álcool para oferecer.

Ousei em ficar de pé e me livrar do meu pijama, parando inteiramente nua em sua frente.

Saulo sorriu e se levantou, mas negou com a cabeça.

— Não quero descontar nada em você, errei hoje mais cedo.

— Foi um erro gostoso — tentei descontraí, passei as mãos em seu peitoral e deslizei pelos bíceps definidos.

Saulo prendeu minha nuca com a mão, se aproximou e beijou a minha testa.

— Estou mais calmo, obrigado.

— Está me negando, Saulo? — Brinquei, porque não fiquei desconfortável.

— Não, mas você já fez esforços demais por hoje.

Contrariada, fiz bico. Ele selou meus lábios e me abraçou.

— Sabe de uma coisa? — continuei — Tenho algo melhor para te falar.

— Qualquer coisa que me deixe melhor.

— Amanhã descobrirei o sexo do bebê.

— Confirmará, você quer dizer.

— Como tem tanta certeza? — Busquei seus olhos, que caíram sobre a minha boca.

— Só tenho.

— Você quer ir comigo? — perguntei esperançosa.

— Ainda não estou pronto, vai e me conta quando voltar.

— Ok — na ponta dos pés, encostei nossos lábios e o abracei de novo.

O resto da noite foi sem mais imprevistos, dormimos de conchinha, mas acordei com a sensação de vazio ao notar que estava sozinha na cama.

Desci para o café, e nem Saulo, nem Benício estavam.

— Foram para a cabana — Mada avisou e eu sorri com a informação.

Mais tarde, Luiz me levou para a clínica da obstetra para mais uma consulta e para finalmente descobrirmos se Saulo estava certo.

Ansiosa, tirei a blusa e esperei a médica espalhar o gel gelado na minha barriga, deixando-me boba, como toda vez que eu ouvia as batidas rápidas e fortes do coração do bebê.

— E então?

— O danadinho não quer abrir as perninhas — A doutora Chris persistiu, pressionando o aparelho no ponto onde veríamos o sexo do bebê — Quase... vamos milagrezinho, abra essas perninhas para a tia Chris. — Era assim que a médica, carinhosamente, se referia ao meu filho.

— Ah Deus. — Passei as mãos no meu rosto, totalmente inquieta e curiosa.

O telefone da sala tocou, e a médica se afastou para atender. Eu sequer prestei atenção, tamanha ansiedade.

— Chegou em boa hora, papai — disse, quando a porta abriu, mostrando Saulo. — E que papai bonitão, hein? — Mesmo brincando, um rastro intruso de ciúme me invadiu.

Mas não contive o sorriso, que foi de orelha a orelha.

Ele se acomodou na cadeira do meu lado e se inclinou para ver a tela da ultrassonografia.

— Esse barulho é o coração? — perguntou assustado.

— Sim, forte né? O bebê não quer abrir as pernas, teimoso! Parece com alguém que eu conheço... — sussurrei.

— Peguei você!! — A doutora estava me contagiando com sua alegria.
— Preparados? — indagou.

— Pelo amor de Deus, Chris — reclamei agitada.

— Estão vendo aqui? — Ela apontou com sua caneta para o visor. — É uma menininha.

— Não acredito — comecei a rir e chorar ao mesmo tempo.

A expressão convencida de Saulo foi impagável, o que me fez gargalhar mais.

Depois de me vestir, sentei-me com Saulo na frente da mesa da médica e esperei suas recomendações.

— Ela te examinou? — Saulo quis saber.

— Sim, e já sei que vocês tiraram o atraso. — A doutora me fez ficar vermelha, mas Saulo nem ligou. — Continuará tudo bem, desde que não façam piruetas e malabarismos.

Escondi o rosto nas mãos e balancei a cabeça.

— Está com vergonha do que te concedeu esse milagrezinho? — Chris brincou, e Saulo apertou minha coxa.

Nós saímos leves do consultório, eu não poderia estar mais certa de que Saulo havia ficado contente com a confirmação de ser pai de uma garotinha.



EVELINE



— Como não sabe, Eve? Todo ano comemoramos juntas.

— Eu disse que vou ver, Mari.

— Sabe o nome disso? Relacionamento abusivo. Esse maluco está te mantendo presa na casa dele há meses, você não enxerga?

— Nós precisamos conversar sobre muitas coisas, e eu garanto que farei você entender tudo.

— Que coisas são essas, por que não me fala de uma vez? O que está acontecendo? Você nunca mais voltou para casa, e agora está dizendo que não sabe se virá para comemorar o seu aniversário junto da sua família e dos seus amigos, acha mesmo possível pensar em algo diferente de relacionamento abusivo?

— Mari, farei de tudo para ir.

— Seus sobrinhos estão morrendo de saudade de você.

— Não precisa apelar.

— Não é apelação, faz meses que eles não veem você. Merda! Me fala o que está acontecendo Eve, eu posso te ajudar.

— Já disse que farei de tudo.

Encerrei a ligação e fiquei parada por minutos, pensando na conversa que tive com a minha irmã. Em partes, Mariana tinha razão, por anos eu fui a tia presente que compartilhava todos os momentos com os meus sobrinhos e

toda a família, de repente sumi sem dar explicações cabíveis. Porém, depois de tudo o que eu e Saulo passamos, eu sabia que não vivia um relacionamento abusivo, não mais.

Saulo demonstrava cada vez mais respeito por mim ao passar das semanas, desde o episódio terrível da overdose, e a chegada de Benício.

Tudo caminhava em perfeita harmonia, exceto pelas suas crises de ansiedade e abstinência, que com a ajuda do especialista, estávamos aprendendo a lidar com mais facilidade.

Desejei que aos poucos a minha família, e principalmente Mariana, entendessem que eu havia encontrado o meu caminho e que estava escrevendo a minha própria história ao lado de Saulo.

Considerando todas as reviravoltas que minha irmã enfrentou com o meu cunhado para poder finalmente ser feliz, eu não tinha dúvida de que ela aceitaria as minhas decisões. Ou pelo menos, eu torcia muito.

— Ei... — toquei três vezes a porta do escritório.

— Entre, linda. — Não sabia se um dia me acostumaria com o jeito carinhoso de Saulo me chamar, toda vez me amolecia.

Ele havia acabado de chegar de alguma reunião, eu me aproximei para afrouxar a gravata em seu pescoço e descascar os primeiros botões de sua camisa branca, encostei nossos lábios e me afastei.

— Nós precisamos conversar. — Sentei-me na cadeira à frente da mesa e ele se sentou atrás dela.

— É algo com a bebê? Como foi a consulta?

— Não é nada com ela, foi tudo bem.

— Então... — Saulo continuou mexendo na pilha de pastas pretas sobre a mesa.

— O meu aniversário é no próximo final de semana.

— Eu sei. — Como ele sabia, eu não sei, mas nem questionei.

— Eu quero ir para Seattle, com você e Benício.

Ele largou o que estava fazendo, colocou os braços sobre a mesa e

cruzou os dedos.

— Seria legal se a Safira fosse também, e o Adam, já que eles não se desgrudam — completei.

— Ideia da sua irmã?

— Sim, quer dizer, não. É um ritual, desde que a conheci nós reunimos toda a família para comemorar.

— Você sabe que não estou seguro com a morte de Marco ainda.

— Já faz cinco semanas desde a confirmação Saulo.

— Vou pensar em uma maneira para você ir — disse, desviando o olhar do meu.

— Olhe para mim — estendi as mãos sobre a mesa e esperei que ele as segurasse —, eu quero que você vá comigo. Você não disse que ligou para o Valentim? Ele por acaso te destratou? O seu irmão gosta de você, e aquela família é sua também.

Saulo riu ironicamente e negou com a cabeça.

— Estou te pedindo por favor — insisti.

— Você vai, eu fico.

— Certo — empurrei a cadeira, e me levantei irritada. — Quero que Benício vá comigo, para conhecer os tios e primos dele. E vou conversar com Safira, porque se ela quiser ir você não vai poder impedir, da mesma forma com Adam.

— Não, Eveline. Eu me oponho.

— Ah, qual é Saulo? — indaguei completamente sem paciência. — Mariana e nem mesmo a minha mãe, sabem sequer sobre a minha gravidez. Estou te pedindo, se você não quer, problema seu. Vou convencer todos e espero que não dificulte para Benício ir comigo, se não nós dois brigaremos — ameacei e saí do escritório.

Que raiva! Eu o entendia em absolutamente tudo, mas não lhe daria o direito de me afastar da minha família e me manter em uma casa isolada do mundo.

Não precisei nem pensar em argumentos, todos quiseram e se empolgaram para viajar para os EUA, até porque Safira conheceria Charlotte e Valentim, e os sobrinhos. Adam aceitou e ainda saiu, brincando e dizendo que resolveria na mão com o amigo.

Benício se empolgou, contando que era a segunda vez que viajaria de avião.

Por mim levaria Madalena, sua filha e até a minha enfermeira, mas elas eram funcionárias e tinham que exercer suas funções.

Minha médica havia me dado alta na semana anterior, reforçando que eu deveria continuar com os cuidados básicos para continuar com uma gestação saudável. A quantidade de consultas diminuiu bastante.

Encostada na cabeceira, a minha leitura foi interrompida com a presença de Saulo, que entrou quieto no quarto e foi para o banheiro, ouvi o barulho do chuveiro e depois de um tempo, ele voltou apenas com uma calça de moletom e se acomodou do meu lado.

— Ficaremos somente o final de semana — falou me pegando de surpresa.

Sorri espontaneamente e pulei em seu colo, envolvi os braços em seu pescoço e passei os dedos no cabelo úmido e macio.

— Obrigada, lindinho — enchi o rosto dele de beijos.

— Somente o final de semana — repetiu. — Benício não pode se ausentar das aulas particulares.

Inclinei a cabeça para o lado e o admirei.

— Você está me provando que tudo valeu a pena.

— Estou? — Arqueou a sobrancelha espessa e preta.

— Está. Sabe... eu não posso afirmar que não seria feliz com outra pessoa, isso só Deus sabe. Mas eu posso afirmar que escolhi ser feliz com você, você pode me entender? Escolhi amar cada pedacinho seu. — Deslizei as pontas dos dedos pelas cicatrizes grossas em suas costas e sorri ao ver que ele não recuou.

— Confesso que sinto medo — respirou fundo e me ajeitou em seu colo.

— Medo do que? O pior já passou. — Peguei em sua barba também úmida e puxei alguns fios, fazendo o homem reclamar.

— De acordar e perceber que tudo não passou de um sonho.

Mordi minha boca para bloquear a risada, e balancei a cabeça.

— Seja assim sempre, por favor. — O abracei fechando meus olhos, inalei o perfume másculo e único de sua pele.

— Assim como?

— Brega — acabei rindo e ele fingiu ultraje.

Fui jogada na cama e senti cócegas com suas mãos nas minhas costelas, ele me prendeu com seu corpo e remendou, imitando ridiculamente a minha voz:

— Escolhi amar cada pedacinho seu.

— Para Saulo! — Bati em seu peito, com vergonha e sem parar de rir.

Vesti uma blusa dele, que cobria as minhas coxas e segui para o quarto de Benício, para conferir se estava tudo bem, e Saulo desceu para resolver as questões da nossa viagem. Depois, movida pela pequena criaturinha agitada na minha barriga, eu fui para a cozinha a fim de alimentá-la.

Liguei o rádio, fiz um coque mal feito no topo da cabeça e comecei a movimentar o quadril, enquanto esperava a frigideira esquentar para pôr a massa da panqueca. Lambi o molho, preparado para pôr na carne em cubos e aproveitando que todos já tinham ido dormir, eu continuei remexendo desinibida.

Dei um pulo quando vi Saulo parado na porta, com um braço cruzado e a outra mão sobre o queixo e a boca, observando a minha falta de habilidade para dançar.

— Continua.

Neguei com a cabeça, ficando da cor do tomate que havia acabado de fatiar.

— Você vai pôr fogo na casa.

Ele desligou o fogo da frigideira e me prensou no balcão com o corpo

grande e forte atrás de mim.

Meu estômago roncou outra vez, só pra me constranger mais, mas o homem nem ligou. Me pegou com facilidade e me sentou no balcão, desnudando minhas coxas.

— Você vai ter que esperar, porque eu vou comer primeiro — dirigiu as palavras à minha barriga.

Ele pegou na barra da blusa e tirou.

— Saulo — o repreendi, com medo de sermos flagrados, porém, fui ignorada com sucesso.

Saulo segurou os meus seios, como se eles fossem feitos na medida perfeita para caber em suas mãos. Beliscou os mamilos que logo se ouriçaram com o toque e abaixou para roçar os dentes, dando mordidinhas certas, que fizeram meu corpo ondular de desejo.

O homem se encaixou entre minhas pernas, afastou minha calcinha para o lado, e sem demorar me fez delirar com a sua língua na minha carne pulsante. Reclinei, apoiando as mãos no mármore gelado do balcão e flexionei as pernas para dar mais acesso a ele.

Ele me fez pirar, e o orgasmo me atingiu loucamente. Sem tempo para me recuperar, Saulo abaixou a calça junto da cueca e me preencheu inteira. Não consegui conter o som que minha garganta reproduziu, por isso ele precisou tampar a minha boca para continuar, investiu duro e com força, pegando em meu ponto certo de prazer.

Com as mãos no meu quadril, Saulo me manteve parada e conduziu no ritmo que queria. Enlacei seu pescoço com os braços e encostei os lábios em seu pescoço, depois beijei seu ombro e tentei abafar meus gemidos na pele quente. Não satisfeito, o homem me pegou no colo e me levou até a parede mais próxima, me prensando contra ela e estocando até o último milímetro dentro de mim. Enclausurei meus gemidos em sua boca, beijando-o abrasadoramente.

Era uma delícia ouvi-lo rosar de tesão, e pronunciar palavras desconexas perdidas entre nossas respirações ofegantes. Nós gozamos juntos, e ele deitou a testa sobre meu ombro para se recompor.

Logo na sequência escutei Saulo rir pausadamente, por conta da respiração ainda descompassada e me perguntando o motivo, acabei rindo junto.

— Se isso não for amor, eu não sei o que é — sussurrou.

— Como assim? — Honrei a característica de ser lesada.

— Eu amo você, Eveline.

Não pude ver, mas com certeza meus olhos brilharam com a declaração. Tentei não me entregar ao choro, contudo foi mais forte do que eu.

— Por que está chorando? Porra, eu não deveria ter falado. — A expressão confusa me fez beijá-lo.

— Estou chorando de felicidade — expliquei, assim que abandonei seus lábios.

— Isso são os hormônios?

— Não, isso é tudo o que passamos para chegar aqui. — Acariciei o rosto perfeitamente anguloso e sorri.

Meu estômago outra vez.

— Como ela é capaz de fazer esse barulhão?

— Não é ela que faz, seu doido — ri com a pergunta — é o meu estômago.

— Eu sei, mas alimente-a.

— Sim, papai bonito. — Roubei outro beijo dele e fui agarrada para desenrolar outro beijo longo e gostoso. — Se você deixar — falei depois de ser solta novamente.

De volta para o chão eu vesti a blusa e terminei as duas panquecas, que não ficaram tão ruins assim a julgar pela satisfação de Saulo ao provar.

Os dias se passaram até chegar o final de semana. Eu ofereci o meu apartamento, mas era pequeno demais para todos ficarem. Saulo nem cogitou a ideia, mencionando que ainda possuía hotéis em Seattle, nos quais ficaríamos hospedados.

Antes de viajarmos, eu quis passar no spa do meu amigo Steph, que há

muito tempo não via. Foi ótimo, porque ele renovou a minha autoestima ao cuidar do meu cabelo até o dedinho do pé.

O sol nos fez companhia durante a viagem no jato particular de Saulo.

Benício me surpreendeu e ainda mais ao pai, quando pediu para sentar na poltrona ao lado dele.

Fiquei enjoada no início, mas graças ao céu aberto do amanhecer bonito, não passamos por turbulências no voo.

Eu continuava odiando avião, mas ver a alegria estampada na carinha de Benício me acalmou como nunca antes. O garotinho apontava o céu, mostrando as nuvens para Saulo, enquanto eu e Safira conversávamos trivialidades.

A irmã de Saulo não pode reagir melhor com a notícia da morte de Marco, ela demorou para acreditar na veracidade do assassinato, mas as semanas passaram e nos trouxeram a paz.

Dois carros nos esperavam quando aterrissamos. Finalmente conheci Ianwsky, o homem de confiança de Saulo. Ele, junto de outros seguranças nos escoltaram para o hotel escolhido, que era o mesmo que trabalhei por anos.

Não avisei Mariana, queria fazer surpresa, somente a minha mãe, para informá-la que eu havia comprado sua passagem rumo a Seattle.

Eu iria até a casa da minha irmã naquele mesmo dia, para conversar com ela e prepará-los para receberem Saulo e Safira.

Tudo era muito novo para eles, muita coisa para absorver e assimilar. Eu contaria apenas o necessário e de meu direito, já que Saulo tinha muito para esclarecer com Valentim, isso cabia somente a eles.

Tirei meus óculos de sol do rosto e desci na frente do hotel luxuoso, esperei Benício que logo entrelaçou os dedinhos nos meus e sorri ao sentir Saulo entrelaçar seus dedos na minha outra mão.

Nós entramos no saguão e alguns funcionários me cumprimentaram de longe. Acho que eles nem sabiam que Saulo era o proprietário de tudo e chefe deles, considerando que o homem mantinha privacidade absoluta com a sua vida.

Adam ficou em um quarto, eu e Saulo em outro, e já que a relação de

Safira com Benício vinha crescendo muito a cada dia, ambos ficaram hospedados juntos.

Fazer aniversário no meio do ano tinha lá seus benefícios, mesmo que meu signo fosse intitulado o mais sentimental, intenso, resumindo, o mais trouxa do horóscopo. Eu batia o pé e negava ter o perfil de uma canceriana.

O clima ameno de início de julho, nos permitiu desfrutar das áreas de lazer do hotel. Benício logo sumiu com Adam e Safira para as piscinas aquecidas, enquanto eu e Saulo tomávamos banho juntos.

— Nunca estive tão ansiosa para o mês do natal — comentei ao mirar minha barriga e pousar as mãos sobre ela.

— Por que?

— Nossa filha, Saulo — franzi o cenho.

— Tem razão.

— Credo, que indiferença.

— Eu nunca comemorei essas datas — contou, me fazendo sentir uma pontada de dor e arrependimento.

— Desculpa — o abracei —, eu falei sem pensar.

— Não tem do que se desculpar.

— Agora você terá motivos para comemorar. — Tentei animá-lo e ganhei um sorriso. — Prevejo ela nascendo dias antes do natal e eu colocando um macacãozinho vermelho, com um gorro fofinho — viajei ao imaginar.

— Vai usar ela de enfeite e pôr na árvore também? — debochou, e eu cerrei os olhos em sua direção.

— Tenho bom gosto — garanti.

— Estou brincando, linda — Saulo me beijou.

E só saímos do banheiro após mais uma tentativa falha de saciar nossa vontade.

Confesso que o nervosismo quase me fez desistir. Eu não sentia medo de Mariana, mas a respeitava demais, decepcioná-la era algo que com certeza

me entristecia muito. Entretanto, eram minhas escolhas, minha vida e o meu futuro.

Contrariando Saulo, eu fui de táxi e rezei durante todo o percurso para Deus abençoar a cabeça da minha irmã e ajudar que ela enxergasse o meu namorado além do que ele a fez passar.

Eu era autorizada a entrar no condomínio, então seguimos para dentro até pararmos na frente da casa, paguei o motorista e caminhei até a porta de entrada.

Esfreguei minhas mãos e apertei a campainha.

— Volte para a mesa e termine o seu jantar, filha — Ouvi a voz do meu cunhado antes de abrir a porta.

— Que surpresa boa. — Me abraçou e fechou a porta atrás de mim. — Por que não avisou que vinha? Eu teria comprado o vinho que você gosta, se bem que... — Ele colocou a mão sobre a boca, gesto idêntico que Saulo fazia para pensar. — Acho que Mariana comprou esses dias, achando mesmo que você viria para o aniversário.

— Ela está? — Não consegui prolongar, meu nervosismo não deixou.

— Jantando com as crianças. — Valentim sorriu para mim. — E você, está melhor?

— Estou sim. — Curvei os lábios num sorriso, sem abri-los.

— É a tia Eve, é a voz da tia Eve mamãe! — Vi Bell vir eufórica da cozinha. Ela abraçou meu quadril e fechou os olhos. — Estava com saudade, tia Eve.

Abaixei-me para abraçá-la melhor, arrumei suas mechas loiras lindíssimas atrás das orelhas e apertei a pontinha do seu nariz.

— Eu também, meu amor. Cadê o Tom?

Não demorou para Antwan vir e me abraçar também.

Envolvi meus braços nos dois ao mesmo tempo e senti o cheirinho deles que tanto me fez falta.

Levantei-me e dei de cara com a minha irmã, que mesmo não querendo, sorriu ao me ver. Ela abriu os braços e me aconchegou.

— Filha da puta — cochichou no meu ouvido.

— Também senti saudade, Mari. — Nos afastamos, Mariana pegou no meu rosto como se conferisse meu estado.

— Para, eu estou bem — falei sorrindo.

— Sua mãe me ligou, dizendo que chega essa madrugada.

— Fofoqueira — resmunguei.

— Ué, por que? Ela não vai ficar aqui?

Dona Yvanna danada! Tinha o meu apartamento, mas ela não perdia uma oportunidade de ficar perto dos "netos". Sim, ela considerava e chamava Antwan e Bella de netos. Ao pensar nisso fiquei mais ansiosa para contar sobre a gravidez para todos, essencialmente para mamãe.

Os meus sobrinhos só me largaram quando Valentim os levou de volta para a cozinha.

Mariana me analisou, vincando as sobrancelhas como se notasse algo diferente em mim.

— Pode falar.

— O que? — Acabei rindo.

— O que você está me escondendo? Saulo veio? Pode falar, me preparei psicologicamente.

— Veio sim.

— Mas não é só isso, não é? Anda Eveline, fala de uma vez.

— Podemos ir até o seu quarto? — Pedi, querendo privacidade e também pensando na melhor forma de isolar o som caso Mariana surtasse.

— Venha — ela estendeu o braço e no mesmo momento sua mão tocou na minha barriga, que mesmo pequena, estava endurecida e mais redondinha.

Em choque, Mariana deu mais passos para trás e fixou as íris azuis piscina nas minhas.

— Não! — A descrença em seu semblante fez meu corpo formigar.

Peguei nos meus cabelos e não pude trançá-los, visto que estavam

presos em um rabo de cavalo.

— Vamos para o quarto — insisti.

— Não acredito. — Continuou boquiaberta.

Fui na frente, já que o choque a deixou imóvel e fechei a porta assim que entramos.

— Como isso aconteceu? Aliás, quando aconteceu?

— Quatro meses.

— Mas você estava aqui.

— Foi antes de voltar para cá.

— E Saulo está aqui? Ele sabe que vai ser pai e não terminou com você? Me explica isso direito Eve.

— Saulo já é pai.

— Não, não totalmente, a criança não nasceu.

— Não, Mariana. — Peguei nas mãos da minha irmã e a fiz se sentar na cama, tentando acalmá-la. — Saulo tem um filho chamado Benício, a mãe do garotinho foi sua amiga, Justine, lembra dela?

— Claro que eu lembro. Estou ficando mais confusa.

— É uma história muito, muito longa e complexa.

— Mas Justine foi presa, então onde está essa criança?

— Benício mora conosco há pouco tempo, inclusive veio também.

Mariana se levantou e andou pelo quarto com as mãos no quadril.

— Eu vim porque achei justo falar com você antes de trazer o Saulo. Ele tem muito sobre o que conversar com o Valentim e Charlotte. Benício também precisa conhecer os primos e...

— Olha... — Me cortou. — Eu estou feliz com a sua gravidez... — Mariana se expressou com as mãos. — Estou mesmo! Cara, eu vou ser tia! — ela fechou os olhos e balançou a cabeça. — Mas Eveline, o que Saulo fez contra mim e Valentim, não permite qualquer reaproximação.

— Mariana! — Me exaltei, ficando zozza por ela não parar quieta. — Saulo não foi o causador do acidente que interrompeu a sua gravidez, a culpada daquilo foi a Vivian. Ele dopou você para te manter em casa, não estou dizendo que concordo com essa loucura, estou dizendo que tenho plena convicção de que Saulo não te fez perder o bebê, e mesmo sentindo muito, eu sei que você concorda comigo. — Seus olhos transcenderam tristeza, porém eu não recuei. — Talvez culpando ele foi a maneira que você encontrou de amenizar a dor.

— Tá, mas e todas as vezes que ele me ofendeu, me estapeando e me submetendo a situações humilhantes? — Minha irmã secou as lágrimas que escorreram e continuou desviando o olhar do meu.

— Isso vai fazer sete anos. Ele foi preso e passou o pão que o diabo amassou na prisão, aprendeu e evoluiu muito. Olha, eu não posso e não vou estender, mas eu preciso que vocês deem uma oportunidade para conhecer a versão dolorosa da história, eu sei que você é capaz de entender Mari, eu tenho certeza que sim, só dê essa chance.

— Ele te respeita, Eve? — Mariana passou o dorso da mão sob o nariz, onde acumulou um pouquinho de lágrimas.

— Sim.

— Certo. Então ele conversará com Valentim durante o jantar do seu aniversário, e eu estarei de acordo com o que o meu marido concluir.

— Obrigada. — Caminhei rumo a porta e fui impedida.

— Venha, me dá um abraço.

Nos abraçamos forte, e ela demorou para parar de chorar.

— Não acredito que vou ser tia. — Mariana se abaixou na minha frente, ergueu o tecido da blusa e beijou a minha barriga. — Não vejo a hora de ter um bebêzinho de novo nessa família. É menina ou menino?

— Menina.

— Ah, meu Deus! Oi princesinha, que você nasça lindamente ruiva igual a sua mãe. Eu sou a sua tia sabia?

Foi a vez dos meus olhos encherem d'água.

Fiquei para a sobremesa e conversei com meus sobrinhos até que pegassem no sono.

Cheguei no hotel com a sensação de ter corrido uma maratona, Mariana era e nunca deixaria de ser dura na queda. Sua postura somente amolecia quando se tratava das pessoas que ela amava, eu entendia, minha irmã havia sofrido o que eu nunca sofreria a vida inteira. Desde ser agredida pelo pai ao decorrer de toda sua infância, perder a mãe e o primeiro filho, até ficar na mira de um revólver. Então eu sabia que toda a sua resistência se baseava em proteção e cuidado.

Levei um susto quando Saulo acendeu o abajur, me esperando acordado.

— Estava quase indo te buscar.

Larguei a bolsa no sofá, tirei as sapatilhas, caminhei para a cama e engatinhei até me aconchegar em seu peito.

— Foi tão péssimo? — perguntou.

— Não, só estou cansada. — Deitei de lado e flexionei o braço para apoiar o rosto na minha mão.

— Conversou com os dois? Contou sobre Safira?

— Só com Mariana. Seu irmão, sua responsabilidade — brinquei. — Não falei sobre Safira. Mariana não demorou para notar a gravidez, então conversamos sobre mim e você, contei por cima sobre Benício, e por fim quase brigamos.

— Previsível.

— Amanhã vamos jantar todos juntos, Charlotte com certeza comparecerá também. Por favor, faça isso dar certo. Eles são importantes demais para mim.

— Farei o possível. — Saulo beijou minha cabeça.



SAULO



Charlotte, a caçula de nós quatro, sorriu ao me ver, dando passagem para entrarmos. Ela abraçou Eveline e depois viu Benício parcialmente escondido atrás de mim. Minha irmã mais nova se abaixou e cumprimentou com carinho o garoto, se apresentando como a tia mais divertida e mãe de Sol, prima de Benício.

Depois cumprimentou Monteiro e parou por tempo demais para observar Safira, ela alternou o olhar entre nós dois e notou algo estranho, mas não assimilou.

Duas crianças curiosas apareceram atrás de Charlotte, cópias de Valentim e Mariana.

— Tia Eve, este é o Saulo, irmão do papai? — O garoto de cabelos castanhos volumosos, e íris com nuances entre o verde e o azul me mediu de baixo a cima sem qualquer discrição.

— Sim, é tio de vocês. — Eveline agachou para abraçar os dois sobrinhos, depois me encarou cobrando-me iniciativa, porém eu permaneci estarecido.

Nós entramos, meu irmão veio me saudar com um abraço formal e rápido, Valentim fez o mesmo com Safira e não disse nada.

— Niña. — A mulher que eu havia visto uma vez pessoalmente, correu na direção de Eveline e a envolveu nos braços, enchendo-a de beijos. Só achei desnecessário chamar ela de "niña", como o colega de trabalho dela costumava.

— Mamãe! — Eveline retribuiu o carinho.

— Quero que me conte tudo, Mariana disse que você tem uma novidade das grandes. Você vai casar minha filha?

— Não que eu saiba.

Mariana foi a única que não se aproximou para me cumprimentar e sinceramente? Não fez a mínima diferença. Eu já tinha fodido a esposa do meu irmão em todos os sentidos e posições, por isso preferi evitar o constrangimento também.

— Bella, Tom, por que não levam o primo de vocês para conhecer o quarto de brinquedos? — Eveline sugeriu às duas crianças.

No carro, Eveline conversou com Benício durante o percurso, para familiarizá-lo de tudo, contou sobre a existência de seus primos e tios, ele sequer questionou, e acredito que na mente de uma criança tudo é bem mais fácil de absorver.

—Sol, você pode dar uma olhadinha neles enquanto nós conversamos?
— Charlotte pediu para a filha, que beirava a adolescência.

— Claro. — minha sobrinha mais velha levantou do lado do meu cunhado Eric, e chamou a cadela Husky Siberiana enorme, que vagamente eu lembrava ser de Mariana.

Eveline notou o meu silêncio desde que entramos no condomínio, e além de respeitar, ela manteve a mão na minha o tempo todo. Era nítida a importância da ruiva naquela família, como todos nutriam um carinho gigantesco por ela, e que acima de tudo se preocupavam e a queriam por perto.

Eles conviviam com a luz de Eveline, a boa energia e o lado angelical da mulher; a sensação era que, infelizmente por ter causado dor e a desestabilizado tantas vezes, eu a havia explorado muito mais profundamente do que eles.

No entanto para cada pessoa ali presente, ela era a representação da alegria e carinho.

— Tudo bem, lindo? — Eveline cochichou com o rosto próximo do meu, me arrancando dos pensamentos.

— Tudo.

— Saulo meu querido, como você está? Você roubou minha filha. — Yvanna se aproximou com um sorriso amigável, beijou meu rosto e depois deu um tapa leve no meu ombro.

— Estou bem, obrigado. — Usei meu tom mais polido.

— Está cuidando da minha niña? Vejo que está mais gordinha. — A mãe olhou para a filha e apertou sua bochecha.

— Está sim, mamãe. — Eveline mentiu, quem sabe algum dia eu saberia cuidar tanto dela quanto ela cuidava de mim.

Senti seus dedos acariciarem a minha mão, e ela nos levou para nos sentarmos em um dos sofás da sala. Vi que Charlotte emendou qualquer assunto trivial com Safira, como se a conhecesse há anos. Valentim e Mariana foram simpáticos com Monteiro, depois que todos se acomodaram meu irmão passou servindo vinho em nossas taças, e quando Eveline cobriu a boca do cristal, Mariana a encorajou com um sorriso cúmplice.

— É o seu preferido, Eve — Valentim estranhou.

— Não vai beber, filha? — Yvanna questionou.

— Preciso falar logo, senão vou ficar louca. — A ruiva largou minha mão, deixou a taça na mesa central e esfregou as próprias mãos, como fazia sempre que estava nervosa. — Eu estou grávida — disse contida e deu de ombros tentando parecer tranquila.

Voltei a segurar sua mão visivelmente suada, e a apertei para acalmá-la. Era óbvio que Eveline temia a reação deles.

— Fiiiilha! — Yvanna gritou e correu em sua direção, fazendo-a levantar-se, a abraçando com força. — Que notícia maravilhosa!

Charlotte fez o mesmo, já Valentim me olhou antes de felicitar Eveline.

— Parabéns, Saulo. — Estendeu a mão para mim e eu retribuí o gesto.

— Obrigado.

— Estou muito feliz por vocês. — Charlotte me abraçou espontaneamente.

Mais uma vez Mariana não se aproximou, e essa recusa não me incomodou em nenhum dos momentos. Estar na mesma sala que aquelas pessoas me causava um rebuliço interno e uma sensação esmagadora no peito, ou seja, o fato de estar invisível para ela era somente um grão de areia no maldito deserto de ansiedade.

Diferente da sensação atordoante que Valentim trazia toda vez que falava comigo. Todo o ódio, repulsa e rancor que alimentei por toda a vida, pareciam simplesmente ter desaparecido. Eles não eram pessoas ruins, não tinham culpa das atrocidades de Jackson. Com o tempo não suportei viver na mesma farsa que toda a família. Eu os afastei.

O que me aliviou foi o fato da minha madrasta Eleonora, mãe de Charlotte e Valentim não estar presente. Eu precisava de mais tempo para isentá-la de tudo o que passei na infância, considerando que ela era adulta quando cheguei na família Del Torre, e fechou os olhos para muitas coisas que o marido fazia, inclusive se calou diante de toda a violência, consentindo o terror na vida de uma criança sem voz. Um dia, talvez, eu a perdoaria, mas nem o perdão seria capaz de apagar tudo.

— Mariana comentou, mas nos explique melhor... Você conheceu o seu filho agora? — Valentim colocou o tornozelo em cima da outra perna após se sentar e perguntou.

— Sim, Benício tem seis anos.

— Foi o tempo que ficou recluso — concluiu.

— Também tentou bater na minha irmã, como fez com Justine para interromper a gravidez? — Mariana conseguiu deixar pesada a atmosfera do ambiente na primeira vez que abriu a boca.

— Mariana! — Eveline chamou sua atenção.

— Como assim, niña? Você fez isso Saulo? — Yvanna indagou assustada.

Fixei meus olhos nos de Mariana, a mulher loira sustentou-os com suas írises azuis.

— Ah, é algo normal para ele — continuou com seu ar falsamente despretenso. — Espancar Vivian durante o noivado, contribuir para que a

esposa do irmão fosse atropelada e ter a gravidez interrompida, ter jogado a outra da escada para perder o bebê... Infelizmente não conseguiu finalizar com a Justine, não é?

A mãe de Eveline continuou horrorizada, aguardando uma resposta.

— Nós vamos emb... — Eveline ficou totalmente sem jeito e eu a impedi assim que tentou levantar.

— Acredito que todos nós somos consequências boas ou más da nossa criação. Você concorda, Mariana?

Ela riu ironicamente e umedeceu os lábios carnudos.

— Vai me falar da mesma criação que Valentim e Charlotte tiveram?

— Havia me esquecido de como você é insolente, Mariana. Mas lembro exatamente que a mulher que eu conhecia foi inteligente o suficiente para atirar contra o próprio pai, em sua defesa. E outras coisas que posso recordar se você julgar necessário...

— Saulo — Valentim advertiu.

— Não se atreva a falar do meu passado e muito menos dentro da minha casa. — Era fácil deixá-la emputecida.

— Não se atreva a falar de alguém sem conhecer sua dor. Isso é rude. — Porém, optei pelo cordial.

— E por acaso você sabe o significado de dor, ou só soube causar nos outros?

— Parem os dois com isso, por favor — Eveline pediu, e eu assenti.

Fiquei em pé, pronto para sair daquele teatro encenado que me sufocava mais a cada minuto, mas não sem antes fazer a esposa do meu irmão engolir as merdas proferidas.

— Minha mãe não tinha onde cair morta, se prostituiu e se envolveu com um homem casado, rico, e teve dois filhos. Ela desejou uma vida ao lado do filho da puta. Essa história te lembra a de alguém, Mariana? — Andei pela sala até o bar, peguei uma garrafa de uísque e abri com o dente. — Só que diferente do seu belíssimo final feliz, o fim da minha mãe foi ser queimada viva pelo homem que ela idealizou um futuro, e que sem piedade alguma

incendiou a casa onde ela e os dois filhos de cinco anos dormiam. — Bebi o uísque, que desceu mais amargo do que de costume. — O pai de vocês... — aponte para Valentim e Charlotte —, permitiu que uma das crianças fosse traficada para outro país, por ser mulher e ter mais serventia. O outro que sobrou... — gargalhei irônico e breve — eu no caso, entrou para destruir a família perfeita de vocês. — Eveline se aproximou e tomou a garrafa da minha mão quando dei o quarto ou quinto gole generoso.

— Do que você está falando, pelo amor de Deus? — Charlotte perguntou, Valentim não tirou os olhos de mim, eu tinha certeza que ele era capaz de enxergar através do que esconderam por tantos anos. Valentim me viu machucado, sendo humilhado e mesmo criança na época, o ocorrido era frequente demais para não se lembrar.

Monteiro se pôs do meu lado assim que tomei a garrafa de volta da mão de Eveline, ele tentou me aclamar, mas de repente me senti ameaçado naquele ambiente, indesejado entre aquelas pessoas felizes e completas. Mariana por sua vez, se calou. Os olhos grandes e de bilhas azuis permaneceram atentos em minha direção.

— Nos explique por favor, Saulo — meu irmão sugeriu.

— Sua vez Safira — aponte com a garrafa para a minha irmã e tornei a garrafa, descendo aquecendo meu esôfago e queimando a boca do estômago.

— Saulo — Eveline me censurou apertando minhas costas.

— Essa semelhança entre nós dois não é mera coincidência. Ela é irmã de vocês — falei de uma vez já que Safira continuou atônita, até porque não era justo constrangê-la mais.

Charlotte e Valentim se entreolharam.

— Eu vou embora — avisei Eveline.

— Não vai — seu olhar suplicou e eu respirei fundo.

Meu irmão voltou a se sentar como se precisasse digerir, mesmo não sabendo metade ainda.

— É verdade Safira? — Valentim perguntou quase sem voz.

— Fui vendida aos cinco anos, para um homem da confiança de Jackson. Não sei muito mais que isso, fui privada de qualquer informação

durante a vida inteira.

— Mas o papai... — Charlotte colocou a mão sobre a própria boca, piscou forte e voltou a nos olhar. — Por que ele faria isso?

— O que? Dissimular uma família perfeita para manter a merda do império? — questionei com escárnio. — Somos filhos bastardos e tratados como, enquanto vocês dois foram soldadinhos para o teatro doentio e mentiroso dele.

Tomei mais goles de coragem para colocar tudo para fora, falei sem medir o efeito em desmoronar a imagem perfeita de um pai exemplar que Jackson construiu na cabeça de Valentim e Charlotte. Conte sobre as humilhações, e tudo o que ele me submeteu até eu me tornar um adulto e pudesse finalmente me defender e caminhar com minhas pernas.

Não falei sobre a série de violências sexuais que o filho da puta cometeu contra mim, isso eu nunca admitiria para ninguém, essa destruição caberia somente a mim e ninguém poderia me curar. Eu sabia que Eveline tinha conhecimento ou pelo menos desconfiava, mas era a maior e mais destruidora barbárie que meu progenitor foi capaz de me submeter, e compartilhar não diminuiria meu trauma, pelo contrário, ouvir em voz alta me deixaria mais enojado.

Restava metade do uísque quando terminei de falar. Eveline não tentou mais me conter, porém continuou segurando minha mão. Me sentia um merda por estar bebendo de novo, mas não encontrei outra forma de vomitar as verdades.

Safira me surpreendeu ao me abraçar, e seus braços trouxeram calma mesmo que de sua boca não saísse nenhuma palavra. O desejo de dividir todo peso comigo se conteve no seu silêncio de compreensão.

Valentim fez um ou outro comentário, como se finalmente pudesse encaixar as peças do quebra-cabeça de dúvidas em relação a mim, que lidou por toda a vida.

Vi lágrimas nos olhos de Mariana, que foi confortada pelo meu irmão, e depois Charlotte me pediu perdão, por não ter feito nada por tanto tempo, por ter sido cega e tão distante. Eu e minha irmã mais nova nunca tivemos proximidade, e mesmo assim eu tinha um bom afeto por ela, pelo seu jeito

descontraído e feliz de levar a vida, a invejei no início, só que com o tempo eu passei a sentir pena dela, porque mesmo não sendo como eu, Charlotte também foi desprezada pelo nosso progenitor, mesmo seguindo a medicina como ele, ela era mulher e mulheres eram fracas, burras e submissas. Valentim como seu filho prodígio, foi o único a não ter que viver com a figura demoníaca de Jackson. A diferença é que meu irmão nasceu com bom caráter, algo enraizado em sua alma, que nem mesmo as aliciações de nosso pai foram capazes de corrompê-lo.

Tendo o apoio de Eveline tudo pareceu mais fácil, não senti vergonha em detalhar traumas, que antes eu me achava incapaz de enfrentar. O carinho e o amor que cabiam nos olhos daquela mulher, eram como uma fortaleza e porto seguro. Tudo parecia mais leve com ela ao meu lado e de repente, por instantes toda a dor ficou no passado.

Eveline era o meu recomeço, e quem me dava forças para lutar e ser alguém melhor.

— Sabe o desfalque financeiro que ocorreu há sete anos, Valentim? Foi inteiramente para o meu usufruto — confessei sem receio algum.

— Se eu soubesse que o hospital foi construído e mantido tendo como base o sofrimento de tantas pessoas... — meu irmão se lamentou e completou: — aquilo é tão meu quanto seu.

— Tirei proveito o suficiente, estou satisfeito, obrigado. — Ri, e ele também.

Por toda vida eu me torturei com inveja de Valentim, tencionei estar no lugar dele, possuir tudo o que ele conquistou como a profissão, as mulheres, o amor do nosso pai. E por fim tudo se tornou tão vazio, insignificante. Eu jamais conheceria a felicidade vivendo a vida de outra pessoa senão a minha.

Livre-me do peso da história com Vivian, admitindo para o meu irmão o que se passou na minha cabeça. Mesmo considerando que fui realmente apaixonado pela mesma mulher que ele, a esposa dele... enxerguei finalmente que até Vivian foi fruto de rancor e cobiça.

Em momento algum eu quis provar a minha bondade, prezei pela verdade sobre todos os acontecimentos e espantosamente fui compreendido.

E mesmo que se não fosse desta forma, eu saberia lidar com a

incompreensão. Aprendi a ser acidamente irreverente, poderia friamente ir embora sem qualquer arrependimento, inclusive porque eles nunca foram presentes na minha vida.

Conclusão, acabou melhor do que o previsto.

— Eles também são a minha família — Eveline encolheu os ombros ao declarar timidamente —, e mesmo que fiquemos lá em Dublin, sumidos do mapa e com alguns problemas para enfrentar, nós cuidamos um do outro, da nossa maneira. Sabe, eu estive gravemente doente nas últimas semanas, não aguentava ficar em pé, era um tipo de anemia que se agravou com a gestação, e todos eles cuidaram de mim, principalmente você. — O rostinho cheio de sardas me presenteou com um sorriso puritano que me causou estranhas sensações, e depois recebi um beijo nos lábios. — Eu acho que todos nós quando ultrapassamos nossos limites de sofrimento, mostramos nosso lado sombrio, seja entrando em depressão, guardando mágoa, tristeza, ódio... é uma defesa de qualquer ser humano. Todos possuímos manchas de dor na nossa história e cabe a cada um encontrar a melhor forma para superar ou enfrentar, e por isso, não podemos apontar para o outro sem o mínimo amor, como se os traumas e até mesmo problemas mais simples não gerassem consequências dentro de nós, não podemos. Hoje, depois de passarmos por muitas coisas, eu tenho esperanças e idealizo um futuro ao lado do Saulo, e não há nada que poderia me fazer mais feliz do que ter todos vocês reunidos aqui e na minha vida.

Bebi demais ou Eveline tinha mesmo falado tudo aquilo?

Monteiro assoviou, Safira gargalhou e eu me virei para tocar o rosto delicado da garota tagarela, a mesma que emocionou os outros na sala. Segurei sua nuca e coleí nossas testas, traguei seu hálito quente e encostei nossas bocas. Nos beijamos devagar, e esquecemos de tudo ao nosso redor.

Ela me empurrou devagar com o mesmo sorriso casto nos lábios e negou com a cabeça.

— O gosto de uísque me dá ânsia, e não estou a fim de ficar debruçada na privada.

— É melhor não mesmo — concordei, lembrando-me das cenas de Eveline vomitando.

— Quem topa fazer um brinde para registrarmos as palavras da Eve? — Valentim sugeriu.

Mariana, Monteiro, Safira, Yvanna, Eric e Charlotte pegaram as taças, Eveline se serviu com água e eu levantei a garrafa de uísque mesmo.

As conversas se tornaram paralelas, Eveline detalhando mais a gravidez para as mulheres, enquanto Valentim enredou meu ombro.

— Conte comigo para o que precisar.

— Sem compaixão demais — propus.

— Porra, você está bem de irmãos — o inconveniente do Monteiro soprou para mim, Valentim e Eric escutaram.

— Pensei que você e Safira... — Valentim começou a responder.

— Não — Monteiro cortou.

— Não? — Eric ergueu a sobrancelha desconfiado.

— Não pensaram errado — acrescentei, — mas precisam ir com calma. Safira está em tratamento — expliquei.

— É, claro — Valentim olhou para Safira. — É quase surreal conhecer uma irmã com trinta e seis anos.

— Ela também era uma estranha para mim quando chegou — falei.

— Papai, vocês vão pedir a pizza? Estou ficando com sono. — A garotinha loira de olhos azuis apareceu na frente de Valentim esfregando os olhos e com uma boneca no braço.

— Vou falar com a sua mãe para pedirmos, tá bom? Chame seus primos para escolhermos os sabores. — Meu irmão mexeu carinhosamente no cabelo da filha e depois caminhou na direção de Mariana.

— Você e a tia Eve vão se casar? — Bella perguntou singelamente, e eu quase me engasguei.

— Não — repliquei imediatamente.

— Se vocês se amam, beijam na boca, fazem bebês e moram juntos, por que não vão se casar?

Arregalei meus olhos para a mini-adulta e agachei-me em sua frente.

— De onde tirou isso, Bella?

— Benício contou para gente — deu de ombros —, e eu ouvi sobre o bebê na barriga da tia Eve.

— Isso não é assunto para crianças. — Vinquei as sobrancelhas e ela balançou sobre as pequenas sapatilhas em seus pés, mantendo a boneca nas duas mãos e em frente a barriga.

— Mas não me respondeu tio Saulo, quando você e a tia Eve vão se casar?

Queria finalizar logo o diálogo com aquela criatura curiosa e inteligente demais para seu tamanho, então dei o que ela queria:

— Logo.

— Mamãe, papai, o tio Saulo falou que ele e a tia Eve vão se casar logo — saiu gritando pela sala.

Eveline me lançou um olhar interrogativo, enquanto a diaba da criança espalhava a notícia em alto bom som até o quarto que seus primos estavam.

Forcei para mastigar a fatia de pizza, porque minha mente se ocupou de tudo relacionado a casamento. Me peguei observando Eveline e imaginando como seria denominá-la como minha esposa, se teria alguma diferença. Loucura, eu não faria isso!

Eveline colocou mais um pedaço de pizza para Benício e o ajudou com o suco, eles riram quando ela sujou a boca com molho vermelho e levou até o nariz na tentativa de limpar. Benício copiou a sujeira e ambos mostraram a língua um para o outro.

— Coma rapazinho, para ficar mais forte e acabar com o seu pai no boxe. — Ela engoliu o suco e limpou a boca com o guardanapo. — Eu pedi para seus tios comprarem o melhor bolo de todos os tempos, adivinha qual é... — A ruiva entusiasmou o garoto que logo gritou:

— Chocolate com recheio de chocolate e cobertura de chocolate.

— Certa resposta! — Eve respondeu também empolgada.

Reuni os talheres e larguei sobre o prato.

— Não precisa usar garfo e faca, pode comer com a mão — sugeriu ao Benício, que demonstrava dificuldade em usar a faca. — Olha, faz assim. — Então Eveline pegou a sua fatia enorme de pizza e colocou na boca sem frescura.

Continuei admirando cada gesto dela e os traços de seu rosto delicado e minuciosamente desenhado. Perdi a conta das sardas que cobriam seu nariz fino, e umedeci meus próprios lábios ao ficar tempo demais encarando os lábios que faziam maravilhas quando estávamos a sós.

Pensei que, talvez o meu sobrenome combinasse com o nome dela.

— Minha boca está suja de novo? — Passou os dedos quando me flagrou fixo nela.

— Não.

— Então por que está me olhando assim? — Ela bebericou rapidamente o suco da taça e sorriu para mim. — Está bêbado?

— Não.

Realmente, só me sentia leve e relaxado, mas bêbado não.

— Então o que foi? — Franziu as sobrancelhas, envergonhada por ter meu olhar por tempo demais sobre ela.

— Nada, linda. — Passei o polegar em sua bochecha e a beijei no canto da boca. — Vou lá fora para fumar, gostaria de ir embora depois.

— Tudo bem... aconteceu alguma coisa? — Continuou confusa.

— Não. Só preciso fumar — dei outro beijo e então pedi licença para me levantar.

O clima era de total descontração, e felizmente tinha a gravidez de Eveline para ser o assunto central da noite.

Encontrei o jardim externo, acendi o cigarro e traguei. Entreguei outro para Monteiro quando percebi sua presença do meu lado e ficamos em silêncio.

— Estou considerando levar a Safira para os Emirados Árabes.

— Vai tirar férias? — perguntei.

— Sim.

— Ela quer ir?

— Sempre diz que tem vontade de viajar e conhecer outros lugares.

— Certo.

— Tenho sua benção? — zombou.

— Por que estou pensando em me casar com a Eveline? — Compartilhei a ideia maluca que surgiu.

— Eu poderia listar fatores de A a Z, mas resumindo, é porque você ama aquela ruivinha.

— Merda, isso é tão louco!

— O amor está no ar.

— Vai se...

— Vai se foder, Monteiro! — remendou e completou. — Tem minha benção, patrão — caçoou outra vez.

De repente, existiu a possibilidade de ter Eveline como minha esposa.

E eu sei que não sosseitaria até resolver isso.



54

EVELINE



Eu não sabia qual seria a próxima vez que veria meus familiares, então as meninas quiseram me levar para comprar presentes para a bebê.

Fui com mamãe e Mariana em dois shoppings, elas carregavam inúmeras sacolas das lojas de bebês que entramos. Minha irmã estava um pouco distante, como se ainda digerisse tudo sobre a noite anterior.

Nós conversamos em relação a Saulo, e ela me disse que Valentim sempre teve desconfianças e suspeitou do caráter do pai, baseado em seu orgulho e o comportamento extremamente autoritário diante da família, por este motivo, eles não duvidaram das coisas que Saulo contou, mas que ainda assim era muito difícil assimilar as duas figuras distintas de Jackson, como pai de Valentim e Charlotte, e Saulo.

Eles sempre souberam que havia histórias escondidas por trás da imagem imaculada que Jackson construiu, sabiam que Saulo tinha problemas sérios com o pai e finalmente tudo se encaixou.

Mariana disse com todas as letras que não tinha perdoado o meu namorado, mas que se esforçaria se Saulo contribuísse positivamente para isto.

Nós paramos de andar quando o cansaço me abateu, sentamo-nos para almoçar e então meu celular tocou. Era Frank. Meu ex-namorado desistiu de ter contato comigo por um tempo, mas lá estava me ligando e sendo ignorado pela milésima vez.

Saulo ficaria furioso se soubesse, e por isso eu queria evitar. Só não

contava em encontrar os dois no canto do saguão, tendo um diálogo que de longe não consegui decifrar, até o momento em que vi Frank cair no chão após levar um soco no queixo.

— Tirem esse merda daqui — ordenou ao segurança do hotel que se aproximou.

— Sim senhor.

— O que aconteceu? Frank, o que está fazendo aqui? — perguntei ainda surpresa.

— Seu namorado é louco — limpou o sangue que escorria e encarou Saulo.

— Fique longe dela, senão você saberá como eu sou realmente muito louco.

Arrastaram o meu ex-namorado para fora e eu virei-me para Saulo, com a expressão interrogativa estampada na testa.

— O que foi isso?

— Acha que eu não sei que esse filho da puta está te procurando há meses?

— É que a última vez que conversamos, combinamos um jantar e de repente desapareci sem dar qualquer notícia — falei com o ar irônico que eu vinha aprendendo cada dia mais com ele.

— E ele se vê no direito de insistir até vir no seu antigo local de trabalho?

— E por isso você esmurra ele? — Devolvi com outra pergunta, Saulo deu os ombros. — Ciumento.

— Agora ele não volta. — Seus lábios se esticaram em um sorrisinho travesso e eu revirei os olhos.

— Frank é um merda, então não ligo — abracei Saulo e senti seus dedos nos meus cabelos.

— É assim que se fala, minha garota.

Nós voltamos para Dublin no final do dia, chegamos quase ao

amanhecer da segunda feira. Saulo teve que se enfiar no escritório. Monteiro e Safira organizaram os últimos preparativos para viajarem aos Emirados Árabes e na sexta-feira daquela mesma semana eles foram.

Saulo resolveu dar férias para Madalena, para Michelle e para a maioria dos seguranças da casa, mantendo apenas três ou quatro homens.

Era estranho ter aquela mansão inteira para mim e para Benício, já que seu pai infelizmente continuou mergulhado no trabalho sem fim. Saulo me contou que havia muitos reajustes para fazer em suas empresas, questões primordiais que antes, por viver alcoolizado, ele deixou passar e muitas vezes sequer percebeu.

Tê-lo "longe" por algumas semanas, não foi ruim, posso dizer que foi até gratificante, porque toda noite ele vinha para o quarto cansado, mas satisfeito como se finalmente enxergasse sua própria capacidade em resolver as coisas sem necessitar do álcool. Parecia orgulhoso de si mesmo. Claro, tudo caminhou com o auxílio essencial das terapias, das medicações — agora feitas nas dosagens corretas —, não nego em dizer que com a minha paciência também, as crises de abstinência e de ansiedade continuavam, porém diminuía de intensidade a cada dia, e o fator principal, Saulo manteve a cabeça ocupada com o que ele mais gostava: dinheiro e sexo.

Quando o dia acabava o homem tomava um banho relaxante e vinha para a cama já nu, preparado para matarmos a saudade que sentíamos durante todas as horas distantes. Era delicioso, carnal demais, e muitas vezes carinhoso. Saulo provava que mesmo passando desde a manhã até o entardecer ocupado e "longe", ele sentia minha falta e que estávamos evoluindo.

Ouvia ele contar sobre suas aplicações e dos números exorbitantes de seus investimentos, fingia entender sobre o assunto só para vê-lo feliz em compartilhar, e na verdade comecei a me interessar, Saulo sempre me explicava detalhando e simplificando o que antes eu achava difícil demais.

As consultas com a obstetra aconteciam uma vez a cada quinze dias, e eu comecei a me preocupar com o nome da bebê quando completei seis meses de gestação. Dormia e acordava com dezenas de nomes na cabeça, e ficava mais difícil tendo um pai exigente e enjoado. Saulo queria algo que lhe agradasse na pronúncia, enquanto eu me preocupava mais com o significado.

Até que chegamos no acordo, Hanna.

Hanna era o nome perfeito para a nossa pequena guerreira. O significado cabia perfeitamente nela, e Saulo gostava de arranhar a garganta para pronunciar.

Desde a decisão, Benício e os outros passaram a se dirigir a ela pelo nome.

Saulo também.

Durante a manhã daquele belo dia ensolarado em pleno outubro, foi que Adam e Safira nos contaram que estavam juntos.

O que eu e muito menos Saulo esperávamos, era que o amigo dele propusesse de Safira morar com ele. Saulo ficou nervoso e xingou o Adam, Safira hesitou e disse que pensaria. Na noite daquele mesmo dia, os irmãos conversaram por três horas no sótão e resolveram dar uma chance para Monteiro.

Saulo ficou preocupado com sua condição mental, considerando que sua irmã gêmea foi encarcerada desde pequena. Safira tinha o direito de fazer o que sentisse vontade e Adam garantiu que realizaria qualquer desejo, mesmo que fosse conhecer o mundo a fora. Ele faria tudo para que ela se sentisse livre e se reencontrasse.

Diante de toda a correria do dia a dia de Saulo, ele continuava fazendo questão de tirar uma ou duas horinhas antes do almoço para ficar na cabana com Benício. Acompanhar a aproximação dos dois enchia meus olhos e preenchia o meu coração.

Chegamos a conversar, em uma das madrugadas pós-amor, como faríamos quando Justine saísse da prisão, que demoraria três anos e meio. Primeiro Saulo citou a questão tutelar dele, que mesmo após cumprir toda a pena, ela teria dificuldade de recuperar a guarda do filho, e caso isso acontecesse Saulo tentaria no mínimo a guarda compartilhada. E eu expus minha opinião, dizendo que deveríamos com certeza ajudar a mantê-los unidos, eu sabia da importância de uma mãe e Benício amava muito a dele.

No último sábado de outubro Saulo ficou estranho, como eu não o via há meses. Seco e grosseiro. Pensei que poderia ser algum problema de trabalho, porém fiquei chateada porque se fosse ele poderia me contar, como sempre

fazia. Até tentei perguntar, mas não adiantou, foi desde a hora que acordou até o jantar.

Além do desconforto no peito que seu tratamento repentino me gerou, a minha maior preocupação era que ele tivesse alguma recaída com bebidas, felizmente não aconteceu.

Fiquei mais perplexa quando Saulo ordenou que todos os funcionários, exceto os seguranças externos, fossem para suas casas. Piorou quando ele autorizou Adam e Safira a levarem Benício para dormir no apartamento com eles.

Só restou ele e eu.

E seu mau humor me fez pensar que eu só fiquei porque ele não tinha para onde me mandar.

— Suba e vista algo que você goste. — Saulo deixou os talheres sobre a louça de porcelana e passou o guardanapo nos lábios.

— Nós vamos sair?

Ele deu os ombros e se levantou.

— Te espero em exatamente — ele visualizou o relógio em seu pulso: — uma hora na frente da cabana.

— O que está acontecendo?

— Aproveita que hoje não está frio e coloque um vestido.

— Pra ir à cabana? — questionei confusa.

Saulo respirou fundo, me ignorou e saiu na direção do escritório.

Mesmo sem entender eu fiz o que ele mandou. Escolhi um vestido comprido de cetim rosa claro, de alças finas, aberto nas costas e que realçava meus seios superinchados com seu belo decote. O tecido era leve e maleável para ficar confortável na barriga, que aparecia sem qualquer timidez.

Quis calçar saltos porque não sabia do que se tratava a ocasião, mas era totalmente inviável usar salto para caminhar numa trilha, então optei por chinelinhos com pedrarias delicadas.

Fiz duas tranças laterais na minha raiz e as cruzei atrás, mantendo as

ondas compridas dos meus fios que cresciam como capim. Peguei leve na maquiagem, usando somente rímel, iluminador e batom da cor dos lábios.

Foi muito difícil me arrumar sem entender a finalidade.

Joguei a minha capa preta nas costas, porque mesmo surpreendentemente estando calor, qualquer ventinho de Dublin poderia me congelar, e a última coisa que eu queria era ficar doente nos últimos dois meses de gravidez.

Eu não desconfiei que seria algo para mim até descer e encontrar um lampião aceso, com um bilhete escrito: Siga as luzes.

— Que luzes, Jesus. Só falta seu pai ter enlouquecido de vez — pensei alto enquanto acariciava minha barriga redonda e grande, e recebi uma joelhada como resposta.

Segurei o lampião e pisei no jardim de trás onde tínhamos uma floresta particular, que sinceramente me dava medo à noite.

Logo no início da trilha quando o caminho se estreitava entre as árvores, enxerguei velas acesas dentro de cúpulas de vidro no chão, uma seguida da outra, iluminando o caminho até o riacho.

Confundi o friozinho na barriga com os movimentos de Hanna. Só notei o quão nervosa estava quando meu coração começou a bater muito mais forte que o normal.

Primeiro eu reparei no charme da cabana, também com lampiões acesos para iluminar a pequena varanda de madeira. Depois observei o tecido vermelho sobre o chão, com champanhe em um balde de gelos com duas taças.

Só depois recuperei as forças para olhar para Saulo e ler o seu pedido feito com as pequenas velas: Casa comigo...

Ele deu um passo para o lado e entregou a terceira palavra: Hoje?

Cobri o rosto com as mãos e o choro veio forte, sem qualquer controle.

— Merda, Eveline! — Saulo se aproximou e passou as mãos nos meus ombros — Não é do jeito que você sonhava?

— Melhor Saulo, bem melhor. — Abracei ele, encostando meu rosto e

sujando sua camisa branca com o preto do meu rímel.

Saulo retribuiu, me aconchegando como se envolvesse todo o seu mundo naquele abraço.

Ele se afastou e discretamente passou o braço no rosto para secá-lo.

Saulo me surpreendeu ainda mais quando se ajoelhou na minha frente após tirar uma caixinha de veludo do bolso.

— Eveline, você aceitou a parte mais obscura da minha alma, trouxe paz para a minha mente, e despertou o meu melhor mesmo quando duvidei existir. Você é a fé, o equilíbrio, a força e a minha libertação. Você é a mulher mais linda e fantástica em todos os sentidos que eu conheço, e eu não quero que você vá embora nunca. Eu quero tudo ao seu lado, garota. Você aceita ser o meu recomeço, aceita se casar comigo?

— Você é bobo por ter ficado o dia inteiro nervoso, era óbvio que eu aceitaria. Claro que eu aceito. Sim Saulo, sim, sim e sim, eu quero me casar com você.

Saulo se levantou rapidamente e me pegou no colo, reclamei mais por vergonha de estar muito pesada, mas ele pareceu nem ligar, me encheu de beijos e depois me colocou no chão.

— Tenho que colocar isso no seu dedo. — Abriu a caixinha de joia mostrando uma aliança dourada e um solitário com uma pedra redonda de diamante.

— Que papo é esse de casar hoje?

Saulo deslizou ambos os anéis pelo meu anelar e cruzou nossos dedos, nos guiando até a toalha vermelha. Ele se sentou, pegou uma pasta branca que estava atrás do balde de champanhe e colocou sobre meu colo quando consegui me acomodar.

— O que é isso, Saulo?

— Você só precisa assinar para oficializarmos.

— Está brincando? — Abri a pasta e o encarei, ele negou com a cabeça e deu um sorrisinho.

Passei os olhos no documento que além de se tratar de um contrato

matrimonial, realmente era válido para oficializarmos o casamento.

Ele quis frisar no contrato que todo o seu patrimônio passaria a me pertencer também, igualmente a Hanna.

Ele abriu o champanhe sem álcool enquanto eu terminava de ler as cinco páginas e serviu as duas taças.

— Saulo, eu não quero nada material.

— Só assine por favor.

— Mas eu...

— É para a nossa filha. — Suas íris penetraram as minhas e ele me entregou a taça enquanto eu pensava.

— Tudo bem. — Peguei a caneta e assinei.

Nós dois brindamos e ele se aproximou, passou a mão no meu cabelo e beijou meus lábios.

— Você está linda.

— Não devidamente como uma noiva.

— Podemos fazer uma cerimônia, caso seja importante para você.

— Não, não é. Está tudo perfeito.

— Precisei de ajuda da Madalena.

— Jura? — Ri, e ele sorriu.

Bebi um pouco do líquido geladinho e acariciei a minha barriga.

— Estive pensando esses dias... eu quero muito voltar para o meu trabalho.

— Já conversamos sobre isso. — Eu sabia que ele continuaria irredutível.

— Já estou saudável, posso trabalhar até quando estiver disposta.

— Não Eveline, sua médica concorda comigo sobre você continuar quietinha até ter a nossa filha. Vocês estão saudáveis, e quero que continuem assim.

— Terei o mesmo cargo aqui?

— Você pode escolher qual quiser.

Parei para admirar as preciosidades em meu anelar e encostei as costas em seu peito.

Saulo colocou o meu cabelo sobre um ombro e beijou o que ficou exposto.

— Cadê a sua aliança?

— No meu bolso.

— Quero que use — falei mais como exigência do que como pedido.

— Sim, senhora.

Me afastei para vê-lo colocar o anel dourado em sua mão esquerda e comecei a rir.

— Não acredito. — Balancei a cabeça e passei a mão pelo rosto.

— Acredite, é mais estranho para mim.

— Não acredito que estou com tesão por te ver com uma aliança no dedo.

Ele cerrou os olhos na minha direção, me censurando.

— Você se transformou em uma depravada safada.

— Tive um ótimo professor.— Pisquei, e logo fiquei hipnotizada com a mordida que ele deu no próprio lábio.

Fiquei em pé, deslizei as alças do vestido pelos ombros e deixei meus seios à mostra. Os bicos se ouriçaram com o ventinho frio que bateu. Deixei o vestido cair nos meus pés, tirei os chinelos e sinceramente? Eu me sentia linda com o barrigão, como se minha alegria interna pudesse transparecer pelo meu corpo, no meu rosto e em cada curva que Hanna me fez ganhar.

Me sentia confiante, reluzente como nunca antes, e Saulo também adorou meu "novo" corpo.

Não havia vestido calcinha para não marcar no vestido, então estava inteiramente nua na frente do homem que eu amava.

Ele não hesitou nem por segundos. Se posicionou na minha frente e beijou a minha boca, agarrando meu peito com a mão grande e beliscou o mamilo. Esquentei mais quando seu volume duro encostou no meu ventre, evidenciando que ele estava tão excitado quanto eu.

Sua mão tomou a minha nuca, enquanto sua boca devorava a minha, devagar, lascivo e com um apetite voraz. Me entreguei a ele sem qualquer amarra, sem timidez, sem vergonha.

Gemi contra seus lábios quando a outra mão massageou a minha carne sedenta que pulsava entre minhas pernas. Enfiei a mão dentro das suas roupas e apalpei o pênis grosso, movimentando para cima e para baixo até sentir um líquido melado.

— Não quero você nua aqui. — Abandonou meus lábios contra a vontade e me guiou até dentro da cabana, onde tinha uma pequena sala com dois sofás de couro.

Empurrei Saulo para que ele se sentasse e ajoelhei-me na sua frente, começando a chupá-lo devagar e com vontade. Ele segurou meus cabelos com força e ditou o ritmo, rosnando em reação a pressão da minha boca.

Não demorou para Saulo me fazer sentar em sua ereção, cravando os dedos longos e fortes no meu quadril para comandar minha cavalgada em seu colo. Encostei nossas testas e encarei suas írises intensas e cheias de desejo, preendi meu lábio nos dentes para conter o grunhido mais alto na minha garganta e depois enclausurei em sua boca.

Apoiei meus pés no estofado e fiz com que seu pênis quase saísse da minha vagina, em seguida me sentei com força. Saulo inclinou a cabeça para trás e rosnou, apertando meu corpo com suas mãos.

— Caralho Eveline, não faz isso.

Contrariei, enlouquecendo com a imagem diabolicamente deliciosa dele louco de tesão e repeti várias vezes o movimento, levantando e sentando, fazendo os sons dos nossos corpos se chocando ecoarem pela sala. Controlei os gemidos e foquei em nosso desejo que parecia nunca acabar.

— Devagar, eu vou gozar se você continuar... — ofegou, fechando os olhos e entreabrindo os lábios.

— Não, eu quero mais — abri mais as pernas mantendo-as flexionadas, subindo e descendo até seu pênis afundar todo dentro de mim.

Saulo castigou os bicos dos meus seios com os dentes, intercalando com chupadas que estavam me levando a completo delírio. Com uma mão ele segurava os dois montes inchados, enquanto com a outra apertava a minha bunda e me fazia movimentar, rebolando e esfregando nossas virilhas.

— Ah, meu Deus! — choraminguei e revirei os olhos quando suas sugadas ficaram mais intensas.

Envolvi o braço em seu pescoço, introduzindo meus dedos na raiz de seu cabelo para puxá-lo. Me segurei e continuei, para frente e para trás com ele todinho em mim. Senti a cabeça polpuda encostar no meu ponto frágil, causando ondulações por cada célula do meu corpo, ele não parou quando gritei, aprofundou as estocadas sem largar meu peito e a minha bunda.

— Você fode comigo, mulher.

— Sua mulher — instiguei, e ele gemeu de satisfação ao ouvir.

— Minha mulher, inteiramente minha. Isso... — Voltei a quicar em seu colo, desenfreadamente.

Nosso suor se misturou, nossos perfumes, nos fundimos como um só. Nos pertencemos, nos doamos e enlouquecemos. Ele gozou em mim enquanto eu desmoronava em cima dele.

Encostei novamente a testa na dele e tentei recuperar o fôlego. Fechei meus olhos e sorri, quando abri ele também estava sorrindo. Senti o toque do seu indicador na minha bochecha e um beijo casto nos lábios.

— Selamos o contrato — disse.

— O nosso casamento — corrigi.

Saulo riu de repente e eu fiquei sem entender.

— Ela está mexendo. — Pousou a mão no local e eu me afastei de seu corpo para olhar também.

Estava com o corpo cheio de adrenalina que nem notei.

— Eu sei filha, o seu papai é uma montanha russa — sussurrou para a nossa garotinha.

— Ou o parque de diversões inteiro.

Saí de cima dele depois de retomar a sanidade e me deitei, ele pegou uma almofada e acomodou minha cabeça em seu colo e mexeu nos meus cabelos.

— Tenho uma boa e uma má notícia.

— Quero as duas — respondi.

— A boa é que estou preparando a nossa lua de mel, a ruim é que vou viajar amanhã.

Sentei-me e fiz um bico involuntário.

— Sêrio?

— Trabalho. — Ele também entortou os lábios. — Mas volto em três dias.

— Ah não... — reclamei. — Como vou ficar sem sexo?

— Eveline! — Me repreendeu, como se escutar algo assim saindo da minha boca fosse novidade.

— Estou viciada, Saulo.

— Três dias só, linda.

— Para onde?

— Alemanha. Preciso acompanhar a concretização de alguns investimentos que fiz nestas últimas semanas.

— Quando você voltar poderemos fazer um intensivo?

— Criei um monstro.

Pisquei várias vezes, tentando passar o que restou da minha pureza e ele riu.

— E a nossa lua de mel? — Fiquei curiosa.

— Surpresa, linda.

— Saulo! Eu estou grávida, não posso ficar ansiosa.

— Chantagista. Não vou falar.

— Droga — resmunguei.

No outro dia nós nos despedimos após assistirmos um filme que Benício queria ver, ele dormiu antes do final e Saulo o levou até o quarto.

Não gostava da sensação de ter um lado vazio na nossa cama, o cheiro gostoso dele estava impregnado nos travesseiros e em todo o quarto. Eu tinha me acostumado com a presença de Saulo e sua ausência me deixava muito triste, a real é que eu estava muito sentimental e carente.

Mandei mensagem para ele mesmo não tendo nem uma hora desde a sua saída, depois me ajeitei para dormir, rolei mil vezes na cama tentando me acostumar com a falta dele e quando finalmente senti minhas pálpebras pesadas, me alarmei com um estrondo da porta no andar de baixo.

Poderia ser Madalena, mas ela não costumava ficar acordada até tarde e muito menos ir para as áreas externas da mansão durante a madrugada.

Pensei que Saulo pudesse ter esquecido alguma coisa, mas ele teria me avisado enquanto trocávamos mensagens. Cobri a minha camisola de seda com o robe azul e caminhei pelo corredor rumo a escadaria, acendendo todas as luzes.

Desci os degraus devagar e reparei que a antessala estava acesa.

— Saulo? — chamei meio alto e não tive resposta. — Esqueceu alguma coisa? — De novo nenhuma resposta.

Quando cheguei na cozinha o meu coração disparou, quase errando as batidas. Meu corpo amoleceu, formigou, minha cabeça rodou e eu preendi todo o ar nos pulmões, na expectativa de não fazer barulho. Dei passos para trás e quis me esconder, mas era tarde demais.

— Se fugir será pior, bonequinha.



55

EVELINE



O medo pareceu congelar cada membro do meu corpo e o pior filme de terror passou diante dos meus olhos. Temi pela minha vida, pela vida da minha bebê, por Benício e pensei em Madalena.

O fantasma do passado de Saulo deu passos na minha direção com um sorriso maquiavélico formado nos lábios, tocou meu rosto me fazendo estremecer inteira. Rezei, implorando a Deus que nos ajudasse. Ele sussurrou, me chamando de bonequinha mais uma vez. Dei passos para trás e agarrei o vaso de porcelana sobre a mesa de vidro da antessala e arremessei contra Marco com toda a força que consegui. O homem me segurou pelo pulso, mas eu cravei o pedaço de caco fincando o máximo que pude em seu ombro fazendo-o perder a força e me soltar. Marco fechou os olhos e resmungou. Fiquei zonha ao ver seu sangue jorrando.

— Filha da puta!

Eu aproveitei para correr. Corri o mais rápido que consegui. Subi os degraus de dois em dois, sem olhar para trás. Fui ao quarto de Saulo, peguei meu celular e o revólver que encontrei em uma das gavetas. Entrei no quarto de Benício, tranquei a porta e arranquei o garotinho da cama.

Me enfiei no closet, peguei a maior quantidade de lençóis e comecei a amarrá-los.

— Benício, eu preciso que você me obedeça, certo? — O menino assustado assentiu com a cabeça, com sua carinha de sono e com seu pijama de inverno. — Você vai correr pela trilha até a cabana, quero que se esconda

lá. Você consegue?

— Sim, Eveline. — Esfregou os olhos enquanto eu terminava de amarrar os tecidos longos.

— Olhe para mim. — Abaixei-me em sua frente. — Se esconda onde o seu pai te mostrou, no arsenal sabe? — Assentiu outra vez. — E não saia até que eu vá te buscar.

— O que aconteceu, Eveline? Está tarde.

— Eu sei, Ben. Algo ruim pode acontecer se você não fizer o que estou mandando. Então, por favor, corra o máximo que conseguir e se esconda. Não saia de lá até que eu vá te buscar... Está me entendendo?

Ouvi a aproximação de Marco no corredor, em seguida as batidas na porta.

— Não saia de lá até que eu vá te buscar e... se eu não for Benício, saia somente com o seu pai. Escutou? Se eu não for... saia somente com o seu pai — repeti sentindo as mãos trêmulas.

— Você me machucou, bonequinha. Abra essa porta, não queira me deixar mais furioso — a voz carregada e maliciosa soou.

— Quem é, Eveline? Este homem está bravo com você? Cadê o meu pai?

— Não se preocupe, Benício. Faça o que eu pedi, e não saia até eu ou o seu pai vá te buscar.

Abri a sacada do quarto, olhei para o andar de baixo e senti meu peito doer quando vi o corpo de Carlos ensanguentado, estendido e aparentemente sem vida no jardim.

Estendi os lençóis na sacada até o térreo na altura que o filho de Saulo alcançasse o chão.

— Corra o mais rápido e se esconda.

— Entendi, Eveline.

— Você não vai gostar de me ver nervoso, bonequinha — cantarolou, enquanto eu desesperadamente ajudava Benício a escorregar pelos lençóis.

Puxei os tecidos de volta e me escondi no banheiro. Tirei o celular do bolso do robe e tentei ligar rapidamente para o Saulo, ele não atendeu, me apressei para enviar mensagem para que Madalena também fosse para a cabana e não voltasse, mas o celular escorregou da minha mão de tanto que eu tremia quando fui escrever para Saulo.

Foi no mesmo instante em que vi o tiro silencioso estourar a maçaneta dourada da porta. Pressionei o revólver entre meus dedos e tentei desesperadamente engatilhar.

— Não se aproxime, ou eu mato você! — ameacei, com a voz falhada.

Impassível, Marco deu passos calculadamente lentos na minha direção. Olhando como se fosse me devorar, enquanto eu me castigava mortalmente por não ter aprendido a usar a merda de uma arma. Por que não ouvi o Saulo? Por que não me interessei? Como nunca pensei que dependeria daquilo para salvar a minha vida e a da minha filha? Burra, como eu fui burra!

Minha pele começou a suar quando poucos centímetros nos separavam. O indicador escorregou do gatilho e o cabo do revólver quase deslizou das minhas mãos.

— Você não sabe atirar, não é? — Sorriu outra vez, dando a volta pelo meu corpo e ficando próximo o suficiente para encostar o nariz no meu ombro e fariscar.

Fechei meus olhos, abaixei os braços, rendida, com medo, destruída.

Sentia a preocupação sobre Benício ter conseguido se esconder invadir minhas entranhas. Eu não era capaz de salvar nenhum dos filhos de Saulo, e nem mesmo a minha pele.

— Você sabe o que eu vim buscar — sussurrou perto demais. — Me diga e eu vou embora. Onde está a minha esposa?

— Eu... eu não sei. — Senti o toque frio dele no meu braço, os dedos percorrerem pela minha pele até meu anelar onde estavam as joias do meu casamento.

— O seu marido não está aqui para te proteger, bonequinha.

— Os seguranças estão a caminho. A polícia também — blefei. Eu não fazia ideia. Fui pega desprevenida, e totalmente despreparada.

— Estou vendo que você quer dificultar, só que eu te aconselho a não brincar comigo. Onde Safira está?

— E-eu não sei Marco. Ela foi embora tem muito tempo. Não sabemos mais sobre a sua esposa.

Marco entranhou os dedos na raiz do meu cabelo e puxou, socando o cano do revólver na minha cabeça em seguida. Tudo rodou sob meus pés. Pressionei meus olhos e me esforcei para mantê-los abertos.

— Me diga onde ela está. — O homem grisalho aproximou a boca da minha e me causou ânsia o odor fortíssimo de nicotina.

Vi o sangue escuro escorrer de seu ombro e manchar a camisa cinza que ele vestia. Olhei para nossos pés e balancei a cabeça.

— Eu não sei da sua esposa, Marco. — Não contive o choro. Eu sabia que acabaria muito mal.

— Certo. Vou deixar o grande prêmio para mais tarde, caso eu não te convença, o que acho muito difícil.

Sabia que ele estava falando da minha bebê porque tocou na minha barriga. Marco me empurrou para que eu me sentasse na cama assim que tomou o revólver de mim. Tentei chutá-lo quando ele enfiou a mão entre as minhas pernas, tentei empurrá-lo, mas o monstro continuou sorrindo tranquilamente.

— Não vou te violar. Não ainda. Só estou conferindo se não escondeu alguma coisa, as mais santinhas costumam ser as mais cobras. Embora eu sinta que você seja realmente esse poço de inocência que parece, então não vai me dar um bote não é, bonequinha?

— Marco, eu realmente não sei da Safira. Ela foi embora. Ela e Saulo não se adaptaram, ela disse que voltaria para você — continuei mentindo.

— Quer mesmo que eu acredite na esposa vadia do homem que mentiu até o próprio nome para mim? Eu vou te fazer falar a verdade, acredite. Agora vou te deixar bem quietinha. — Arrancou uma fita preta do bolso e colou na minha boca, impedindo que eu falasse qualquer coisa.

Deu voltas com a fita colante nos meus pulsos unindo-os para me deixar mais indefesa.

Marco pegou o caco que usei para machucá-lo e percorreu com a ponta pela minha coxa exposta.

— Tão branquinha, que pena te deixar cicatrizes. Não sabe mesmo onde minha esposa está? — Era impossível não ser descoberta pelo seu desconfiado par de íris. Porém, eu não entregaria a irmã de Saulo. — Não?

Neguei com a cabeça. Ele pressionou mais a porcelana pela minha perna esquerda e começou a arranhá-la a ponto de sangrar.

— Onde está a minha esposa, Eveline? Se você quiser falar, pisque três vezes, eu tiro isso da sua boca e não te machuco mais.

Grunhi sem poder falar e ele entendeu que eu continuaria resistente.

Meus pulmões gritaram, minha alma se desvencilhou do corpo quando Marco cravou o pedaço cortante na minha coxa, forçando para que entrasse e rasgasse mais.

Meu corpo cambaleou, a pressão abaixou e eu caí no chão. Chorando, com o grito mais doloroso entalado na garganta.

Mordi a língua no desespero, na expectativa de amenizar a dor da mutilação brutal que o desgraçado fez na minha perna. Com dificuldade eu me sentei e tentei encostar na cama, mas ele me levantou pelo cabelo e encostou os lábios na fita preta que cobria os meus.

Eu mal conseguia manter os olhos abertos, muito menos parar em pé.

— Onde está minha esposa, bonequinha? Basta piscar.

A cabeça rodou, abaixei o olhar para ver o corte e nauseei com a quantidade de sangue que escorria na minha pele branca.

— Você não ganhará nada com essa lealdade, muito pelo contrário, não sairá daqui caso continue protegendo o moleque fodido e escondendo a minha esposa. Você precisa ter consciência de que eu vou terminar o serviço que o pai dele não foi capaz, Saulo só deu dores de cabeça ao meu amigo desde pirralho, e a coragem de matar o bastardinho que faltou em Jackson sobra em mim. Eu posso começar a foder ele matando esse bebezinho da sua barriga, ou vocês dois de uma vez só. Só que não será tão simples assim, bonequinha. Porque eu vou te torturar até te fazer abrir essa boquinha gostosa e me contar onde Safira está. Mas se você for boazinha e colaborar, não terá

tortura. Será rápido e indolor.

Não reagi, Marco ficou aparentemente furioso com a minha inexpressão. Então afundou o dedo no buraco que ele havia aberto com o caco e apertou, me fazendo alucinar de tanta dor.

Pisquei três vezes, sentindo as pálpebras pesarem. Ele me empurrou para deitar-me na cama e puxou com toda força a fita da minha boca.

Resgatei o que restou de forças no mais profundo da minha alma e gritei. Gritei com fôlego, alto e agonizante.

— SOCORRO! SOCORRO! — Levantei-me rapidamente da cama e manquei na direção da porta, sem parar de berrar.

Fui pega novamente, e desta vez ele foi completamente impiedoso. Me arremessou contra o chão e chutou a minha costela.

— Vai se foder, Marco! Socorro! — vociferei com tudo o que consegui. Sofri outra pancada na cabeça, desta vez contra o chão.

Ele se agachou e colou a fita preta na minha boca novamente. Injetou algo no meu braço, que me fez despertar e acelerar no mesmo segundo. Parecia como uma dose de adrenalina.

Tive a sensação de que o meu coração pularia pela boca, ele doía de tanto bater.

Abri e fechei as pálpebras achando ter visto Madalena entrando no quarto. Eu estava alucinando de dor, minha coxa não parava de sangrar, tudo rodava ao meu redor.

— Menina... minha menina?

Foi muito rápido quando Marco foi na direção da Madalena e sacou a arma da sua calça, ouvi um estrondo ensurdecido diferente do tiro silencioso para arrombar a porta, e depois assisti Madalena cair de olhos abertos no chão.

Me arrastei até ela, em pânico, tentando gritar. Eu sabia que ela havia me escutado, talvez ela não tivesse lido minha mensagem. Madalena tinha ido me socorrer e foi baleada. Marco matou Madalena.

Marco matou Madalena.

Essa frase perturbadora se repetiu várias vezes na minha cabeça. Ouvi um som agudo constante nos meus ouvidos e dentro da minha cabeça, me deixando louca. Marco tinha me drogado.

Deus! Pensei em Benício, pensei em Saulo, clamava em silêncio para que ele aparecesse.

Pensei em Safira, pensei em todos.

Pensei na minha filha.

Pensei em Madalena morta bem na minha frente e não consegui fazer nada.

— Bonequinha — ouvi a voz do monstro muito longe, quase inaudível. — Onde está a minha esposa, bonequinha?

O velho havia me encostado em pé na parede, segurando-me para que eu não caísse. Eu estava sem condições, em um mundo paralelo, sem saída, sob efeito de alguma substância. Mesmo assim conseguia enxergar as feições bestiais dele, o desejo em seus olhos, o prazer pela atrocidade exalando.

Ele soltou meus punhos.

Gelei quando Marco encostou no meu robe a fim de tirá-lo, e conseguiu. Eu não me movi. Mas quando senti seus dedos nojentos escorregarem pelos meus ombros, despindo a camisola que era a minha última peça de roupa, o choque de realidade veio e me arrancou da inércia.

Pisquei três vezes, mesmo com a possibilidade dele negar.

Pisquei mais, tentando convencê-lo de me livrar da fita que tapava a boca.

Ele pensou e resolveu ceder.

— De qualquer forma, estamos sozinhos. — Deu de ombros, despreocupado. — Vai me falar?

— Você a matou. — Caí no choro de novo ao ver Mada sem vida e com os olhos abertos no chão. — Por que você fez isso? — supliquei entre soluços. — Safira foi embora Marco, ela... ela foi embora. — Eu não tinha mais forças, não tinha mais medo também. Não sentia mais meu corpo, não enxergava a razão, não conseguia pensar e muito menos agir.

— Vadiazinha mentirosa. — Ele me segurou pelo braço. — Está me fazendo perder tempo. Chegamos no final, como você preferiu. — Marco me arrastou para fora do quarto e me levou para outro.

Esforcei-me para abrir os olhos e identifiquei que estava no meu quarto e de Saulo. Fui jogada na cama de bruços e desta forma fiquei. Continuei perdendo sangue e manchando as roupas de cama.

Eu sabia qual seria o próximo passo. Ele não me estuprou durante o cruzeiro onde o pesadelo começou, e com certeza finalizaria ali.

— Marco — sussurrei. Eu queria retomar o controle, mas continuava sentindo a agitação, o coração batendo forte, o corpo formigando. — Não faça isso. Eu estou grávida e... eu acho que estou ficando fraca. — Sentia a poça de sangue se formar debaixo do meu corpo, causada pelo machucado fundo que ele fez na minha coxa. — Sua esposa... Safira está morando no centro de Dublin, ela deve estar lá agora, eu posso te passar o endereço... Veja, veja no meu celular. — Ia perdendo mais a voz e a consciência a cada palavra. — A senha é... — acho que falei até o final, porque o ouvi agradecer.

Marco arrancou a minha calcinha, me virou e veio sobre meu corpo. Ouvi o barulho da fivela do cinto dele, e perdi totalmente a consciência ao ser sufocada com o travesseiro, a ausência de oxigênio foi desesperadora, então eu apaguei e tudo ficou escuro.

Saulo

Ordenei para o piloto que voltássemos, algo estava muito errado. Eveline me ligou e não atendeu quando retornei. Liguei na nossa casa e não fui atendido, tentei contato com os funcionários que faziam o turno naquela madrugada e nada.

Tentei acessar as câmeras mas elas estavam desligadas. Imaginar o que poderia estar acontecendo me atordoou. Eveline estava com Benício e Madalena, somente Carlos e outro homem faziam a segurança naquela noite. Algo grave tinha acontecido.

Retornamos para a pista e aterrissamos. Peguei a chave do carro na mão do motorista e eu mesmo dirigi em alta velocidade, afundando o pé no acelerador até o talo. Continuei tentando ligar no celular de Eveline, mas sem resposta.

Minha mente divagava entre os piores cenários, pensando nas piores coisas. Eu não deveria ter deixado a minha garota sozinha.

— Porra! — xinguei, perturbado com os minutos que se estendiam na estrada.

Mande mais homens para a residência, porque eu não sabia de fato o que estava acontecendo e o tamanho do problema que me esperava. E mesmo assim, temia somente pela vida de Eveline, de Hanna e de Benício.

Pensei em Marco, mesmo me esforçando para crer que o filho da puta estava a sete palmos enterrado.

Desci do carro, vi Carlos morto no jardim e o outro agonizando nos degraus de entrada. Avancei para dentro e o silêncio quase me congelou, porém agi no automático.

Vi sangue no tapete da antessala.

Me mantive calado, seria burrice anunciar minha chegada. Olhei as marcas de mão pintadas em sangue na parede e depois espalhadas pelo corredor.

— Porra! Merda! — praguejei baixo ao deparar com Madalena morta no chão do quarto de Benício. — Merda! — Me abaixei e mexi na mulher que foi como uma mãe para mim, ela também estava morta. Senti meus olhos arderem e a água salgada inundar meu rosto.

Vi o pijama de Eveline largado no chão.

Caralho, a minha esposa! Minha esposa... minha esposa. Repeti em silêncio.

Passei o braço nos olhos e me levantei. Tirei a arma do coldre no meu quadril e caminhei devagar, entrando em um quarto de cada vez.

Encontrei o diabo afoito em cima da minha mulher nua na nossa cama, com o travesseiro sobre o rosto dela, como se terminasse de sufocá-la. Eu não pensei, não houve estratégia naquele momento. Só constatei que havia um revólver jogado no tapete, então o ataquei.

Impulsionei o corpo do velho para o chão, tirando ele de Eveline. Esmurrei sem parar a cara endemoniada dele, e senti a repulsa até nas minhas entranhas quando o vi sorrir.

Com um medo fodido, eu abaixei o olhar para checar as roupas do desgraçado. O cinto aberto, assim como a calça. Segurei seu pescoço, fincando os dedos em sua jugular e o encarei com sangue nos olhos.

— Eu vou decepar o seu pau, seu filho da puta! — Desta vez, lágrimas de ódio transbordaram.

O larguei e o mantive imobilizado na mira da minha arma.

Precisava saber se Eveline ainda tinha vida. Quase sem forças e sentindo que minhas pernas sucumbiriam ao pânico, eu tirei o travesseiro do rosto dela e a vi de olhos fechados. Chequei o pulso, mas não conseguia ouvir nem sentir. Estava agitado, louco de raiva e medo.

Encostei a cabeça em seu peito, rezando para escutar seus batimentos cardíacos.

Continuei com a boca do cano da arma apontada para ele, sequei meu rosto outra vez, desesperado em não conseguir ouvir nada.

Marco quis se levantar e então eu atirei, acertei na área de suas costelas e desta forma ele não conseguiu se levantar mais. O barulho terminou de foder a minha audição.

Eveline sugou o ar, como se buscasse o que restou em seus pulmões e em seguida arregalou os olhos, tentando imediatamente se sentar. Ela se debateu com os braços, como se quisesse afastar alguém.

— Eu estou aqui, você vai ficar bem. Tudo vai ficar bem, está me ouvindo? Sou eu, linda. Eu estou aqui com você. — Eu a abracei com força para acalmá-la, sentindo o alívio ondular por cada membro tenso do meu corpo.

Ela me empurrou, e gemeu alto ao tentar se movimentar bruscamente. Eveline levou a mão até a coxa, que até então eu não tinha percebido que jorrava sangue.

— Benício, eu tenho que buscar o Benício — sussurrou nitidamente em estado de choque.

— Onde ele está? — Passei as mãos pelo seu rosto suado.

— Eu preciso buscar o Benício — repetia sem parar e não me respondia.

— Senhor Saulo. — Luiz chegou e entrou no quarto, e foi direto pegar o Marco.

— Amarre ele — ordenei.

Tirei o celular do bolso e disquei para chamar uma ambulância. Passei o endereço e na sequência comuniquei Monteiro, para que ele fosse até o hospital que Eveline seria levada, sendo advogado e investigador ele poderia cuidar de tudo sem que sobrasse pontas para a polícia.

— Eveline — chamei seu nome baixo, tendo a atenção das íris mescladas em mim. — Onde o Benício está?

— Ele correu para a cabana. Estou sentindo muito frio, muito frio. — Ela envolveu os próprios braços em seu corpo nu e eu tentei aquecê-la abraçando também.

Seus lábios estavam roxos, a pele pálida, o semblante cansado. Todo o sangue que vi no outro quarto era dela, assim como a poça enorme que se formou na nossa cama.

— Eu o mato, senhor? — Luiz perguntou.

— Não. Só o deixe amarrado. Eu vou levá-la para baixo, tire o corpo de Carlos do jardim e chame o resgate para o outro.

— De acordo. — Ele se afastou após ter amarrado Marco na cadeira no centro do quarto.

Levantei, vesti Eveline e a peguei no colo, a acomodei para que ficasse confortável, porém ela gemeu outra vez, tentando apertar a área acima do buraco na coxa.

— Está doendo muito.

— Eu sei, você vai para o hospital e logo não doerá mais — garanti.

Caminhei pelo corredor com ela em meu colo, desci os degraus devagar e esperei a ambulância chegar.

Acompanhei enquanto os paramédicos a colocavam na maca e faziam um acesso venoso em seu braço. Aproveitei enquanto eles se ocuparam com os procedimentos e me aproximei.

— Linda. — Acariciei o rosto delicado com ferimentos no lábio e na

têmpora, ela sustentou meu olhar com dificuldade e eu perguntei, sendo dilacerado por dentro temendo sua resposta: — Ele te estuprou?

Eveline ficou assustada, negou com a cabeça e começou a chorar.

— Eu não sei, Saulo. Eu não sei. Ele tentou me matar, ele injetou algo com uma seringa em mim, eu não vi mais nada. — O choro se tornou copioso, forte e incessante. Encostei a boca em sua testa para esconder a tristeza que meus olhos transpareciam.

— Está tudo bem. Adam estará no hospital quando você chegar. Eu preciso que você mantenha tudo em segredo, ele cuidará de todos os detalhes.

— E a nossa filha? — Sussurrou com a voz trêmula. — E Madalena? Cadê a Madalena? Você socorreu ela?

Fechei meus olhos e pressionei mais os lábios na sua testa, sentindo o pranto me abalar.

— Ela morreu, não é? Madalena morreu?

— Shh... Você não pode contar nada a ninguém, até que eu termine com isso.

— Com isso o que Saulo?

— Ele precisa pagar, Eveline.

— Senhor, precisamos encaminhá-la — uma paramédica disse. — O senhor vai acompanhá-la?

— Não. Seguirei vocês.

— Não! Não Saulo! Você vai comigo. — Ela segurou a minha mão, desesperada. — Ele é perigoso, você não precisa fazer isso. Você não pode ser preso... Você não vai fazer isso.

— Por favor minha linda, confia em mim e não fale nada a ninguém — pedi baixo.

Colocaram Eveline para dentro e eu assisti fecharem as duas portas da ambulância e sair da minha residência. Me senti culpado por não acompanhar até o hospital, mas o que eu tinha que resolver não podia esperar mais.

Luiz cuidou dos corpos de ambos os funcionários que Marco matou, e chamou o médico de minha confiança para socorrer o outro homem ferido.

Não era possível negar o quanto me abalou a morte de Carlos e principalmente Madalena, porque ela cuidou de mim desde os meus dezessete anos, esteve comigo nos piores e mais fodidos momentos, e aquele filho da puta acabou com a vida dela. Ele pagaria caro não só por isto, mas por tudo o que arrancou de mim.

Depois ordenei que Luiz fosse buscar Benício, ele acatou. Só assim eu pude voltar para dar o fim merecido de Marco.

Relembrar a cena do velho imundo em cima de Eveline reaqueceu meu sangue que, até há pouco parecia gélido. Subi para o quarto, estralando meu pescoço rígido, abrindo e fechando os punhos e tentando retomar uma postura impassível. Eu seria frio enquanto, literalmente, incendiava Marco.

— Moleque desgraçado — xingou entre os dentes amarelados, se debatendo para livrar as mãos da corda que Luiz o amarrou. — Eu vou te matar, como o covarde do seu pai não foi capaz de fazer.

— Não, você não vai — respondi tranquilamente, rodeando a cadeira em que ele estava, analisando o ferimento da bala embaixo da sua costela, que dificultava sua respiração.

Ouvi minhas articulações estralarem quando me agachei em sua frente. Saquei minha arma e encostei em sua perna, exatamente no mesmo local em que ele feriu Eveline.

— Você estuprou uma mulher grávida, Marco? — perguntei, com o ódio me corroendo inteiro. Ele riu, e isto fez a minha espinha arrepiar de baixo a cima. Acertei seu rosto com um murro quebrando um de seus dentes podres. — Você estuprou a minha mulher?

Com arrogância, Marco virou o rosto quando toquei com o revólver. Atirei em sua coxa, acabando com a sua presunção. Ele gritou feito um animal.

— Seu desgraçado fodido!

— Se você não me responder eu vou aleijar suas duas pernas e decepar o seu pau — avisei. — Mesmo que essa seja sua menor preocupação agora.

— Eu não fodi a sua bonequinha — disse e cuspiu sangue.

Independente da resposta eu atirei na outra perna, depois cravei o cano da arma no buraco da bala. O homem grunhiu alto e fechou os olhos.

— Foi prazeroso se aproveitar de pessoas frágeis, da vulnerabilidade de Safira e da minha esposa?

— Eu vou pegar a sua irmã de volta, e mandar ela pro lugar que nunca deveria ter saído. — Rangeu os dentes com petulância.

— Vai mesmo? Me diz, como? Você está na minha casa, amarrado, depois de ter mantido minha irmã presa por décadas e tentado comer a minha mulher... Você está na frente de um homem que é louco para estourar os seus miolos há muito tempo, e que quer dilacerar suas entranhas para te ver em pedaços. Então me diz como você vai fazer isto, Marco?

Ele não soube responder, a boca continuava sangrando, as pernas jorravam e ele parecia divagar em dor.

— Mas calma, eu não farei desta forma. — Sorri para o velho. — Eu tirei tudo o que você tinha, e que na verdade nunca te pertenceu. O tráfico, a fortuna que você conseguiu por fazer o trabalho sujo de Jackson, sua esposa, e vou terminar de destruir essa porra, acabando com a sua vida de uma forma que você conhece muito bem.

— Do que está falando, moleque? — sua voz soava mais como um choramingo.

— Moleque eu era quando você incendiou a minha casa a mando do meu pai, matou a minha mãe e roubou a minha irmã. Então se eu fosse você, começaria a rezar, porque eu não sou mais um moleque. Comece a rezar pro diabo te aceitar no inferno, velho imundo!

Saí e andei rumo ao bar do andar de baixo, peguei uma garrafa de vodca com alto teor alcoólico e voltei para o quarto. Despejei todo o líquido inflamável da garrafa, circulando a cadeira do velho ensanguentado, e tirei meu Zippo do bolso.

Risquei o isqueiro e joguei na direção onde Marco estava. Vi a combustão explodir e o fogo ganhar espaço no tapete, as chamas começarem a subir pelas pernas do velho. Ele começou a urrar e em vão tentou empurrar

a cadeira para se livrar, mas eu não tinha aleijado suas pernas à toa.

— Me diz agora se não é uma dor lancinante, que parece rasgar a pele inteira? — Assisti ansioso e aflitivamente satisfeito.

— Me solta! Me tira daqui! — implorava em completo desespero.

Meu coração batia tão forte, a adrenalina invadindo cada partícula do meu corpo, senti meus olhos brilharem, enquanto o rosto todo ardia em consequência do calor do incêndio dentro daquele quarto.

Marco se debatia, colocando os berros da alma endemoniada para fora. A rouquidão da sua garganta gasta fez com que seus gritos perdessem força. Marco começou a tossir, e eu esperei que o fogo o queimasse vivo, até seu último suspiro.

Decidi ir embora porque inalar a fumaça também estava prejudicando a minha respiração. Tampei a boca, o nariz com o braço e saí daquele quarto.

Constatei que Luiz não havia voltado com Benício e a angústia me punziu no peito.

Corri pela trilha na direção do riacho e entrei na cabana, vi a pequena porta no chão de madeira aberta e a luz acesa. Desci para o local onde a minha coleção de armas ficava guardada e encontrei o garoto assustado, ao lado de Luiz.

— Ele não quis sair daqui, disse que a senhora Eveline ordenou que só saísse se ela ou o senhor viessem buscá-lo.

— Obrigado, Luiz. — Me aproximei de Benício e olhei para o homem leal. — Pode ir agora.

— Sim senhor, estou às ordens.

— Ah... Eu preciso que você pegue um extintor de incêndio e vá até o quarto principal, antes que as chamas se espalhem.

— Claro, senhor.

Me virei para Benício quando Luiz saiu, abaixei-me à sua altura e chequei se o garoto estava bem.

— O que aconteceu, pai? — Era a primeira vez que Benício se dirigia desta forma a mim, e eu não soube reagir. Cocei minha garganta, abri a boca

para falar e de repente recebi um abraço pequeno, magro e o que mais me emocionou na vida inteira. — De noite aqui dá medo, tem muito barulho.

— Eu sei. — Retribuí o gesto repentino e apertei o pequeno corpo em mim. — Mas é só a água do riacho e as corujas nas árvores.

Ele assentiu com a cabeça e tampou o nariz.

— Você está fedido, com cheiro de fumaça. — Acabei sorrindo diante do comentário.

— Vamos garoto, Eveline precisa de nós. — Estendi a mão e ele logo segurou.

Dirigi com Benício no banco do passageiro, mesmo sendo proibido, foi a única forma que encontrei de me acalmar no caminho até o hospital. Porque eu não sabia do estado da minha garota, não sabia da nossa filha. Eu já tinha perdido pessoas demais durante a vida, e havia acabado de perder a mulher que me criou desde jovem.

Pela primeira vez eu rezei diretamente para Deus, suplicando por Sua piedade em nome de Eveline e de Hanna. Acreditei na Sua bondade enquanto fazia o percurso, totalmente nervoso. Eu precisava ter fé, por elas.

E chegando no hospital eu me certifiquei da existência Dele.

O médico responsável por Eveline veio me informar sobre a condição dela e da nossa filha, as duas estavam bem.

— Vocês estão aqui. — Eveline sorriu e esticou o braço me querendo por perto. Parecia serena demais. — Oi Ben, venha aqui — chamou Benício para sentar-se ao seu lado na cama.

— Medicaram ela, está bem dopada — Monteiro me avisou.

— Encontraram resquícios de violência sexual? — perguntei baixo para o meu amigo, que negou com a cabeça. Fechei meus olhos e respirei aliviado.

— Está tudo bem. — Monteiro apertou meu ombro em apoio e depois colocou a mão no meu rosto com admiração. — Sua mulher é foda cara.

— É. — Olhei para Eveline, enquanto ela mexia nos cabelos lisos de Benício.

— Mas estou puto porque não me convidou para o seu casamento e nem

para atear fogo no maldito — sussurrou em segredo, após analisar meu semblante e inspirar o cheiro de queimado que exalava da minha roupa. Encarei Monteiro e ele piscou: — Estou brincando. Agora vou lá, porque preciso fazer companhia para a minha fera indomável.

— Lindinho! — Eveline estendeu a mão outra vez e eu me aproximei. — Eu amo você, sabia? E fiquei com tanta saudade, desde que se despediu para ir viajar. — Ela quis se sentar, mas eu a mantive deitada.

— Eu também senti saudade — beijei sua testa.

— Venha garoto, esses dois estão uma meleca — Monteiro chamou Benício e ambos saíram do quarto.

Eveline não estava consciente, e mais tarde o médico me explicou que deram calmantes porque ela chegou em estado de choque.

Tomei um banho rápido na suíte do hospital, para me livrar do cheiro e da inquietação. Coloquei outras roupas e fiquei na poltrona ao lado de Eveline.

— Deite aqui comigo — ela pediu e eu o fiz. — Eu te amo Saulo — encostou o queixo no meu ombro e sussurrou.

— Eu te amo muito, minha linda. — Aconcheguei seu corpo no meu e mexi em seus fios ruivos até que ela adormecesse.

Monteiro cuidou de tudo, porque a polícia quis investigar para saber se Eveline havia sofrido violência doméstica. Ele conseguiu convencer a polícia de que ela havia se machucado por acidente.

Não me arrependi de ter agido com minhas próprias mãos. Marco foi dado como morto meses atrás, somente a justiça e o sistema penitenciário não eram o suficiente para punir todos os crimes bárbaros que aquele velho cometeu.

Descobri que o gosto da vingança não era amargo. Era saboroso, confortador e imprescindível.



ΕΠÍΛΟΓΟ

EVELINE



Seis meses mais tarde.

Minha recuperação não foi fácil e nem rápida, na verdade ainda mancava sutilmente para andar e fora recomendado que eu andasse devagar. Por pouco eu não perdi a perna esquerda. E também aos poucos demorei para me livrar do trauma psicológico que aquele homem causou. Tudo caminhou para o bem com a ajuda de Saulo. Sua companhia, preocupação e cuidado foram indispensáveis na minha reabilitação.

E o mais difícil foi aceitar que não teríamos mais Madalena em nossas vidas, alegrando o nosso dia a dia, fazendo parte dos momentos felizes que demoramos para conquistar. Eu me culpei por meses, porque se eu a tivesse protegido, se eu não tivesse gritado naquela noite... Madalena não teria morrido. Saulo também demorou para lidar com a perda de uma das pessoas mais importantes da sua vida. Porém, acima de tudo, precisávamos estar preparados psicologicamente para a chegada da nossa pequena Hanna.

Sem dúvidas a nossa filha chegou nos trazendo esperança, força e um novo começo.

Hanna nasceu em meados de dezembro, linda, esperta, com os olhinhos verdes curiosos e poucas mechinhas ruivas. Branquinha como eu e com a expressão séria de Saulo.

Ela cativou o pai no primeiro contato ao fazê-lo notar que sua calma se encontrava no colo dele. A danadinha só dormia quando estava nos braços de Saulo, fora isto, estava sempre chorando querendo aconchego.

Quando não estava grudada no meu peito, ela estava no colo do pai.

Saulo tirou um descanso do trabalho, o que foi muito bem-vindo para a adaptação da chegada da nossa pequena. Toda noite meu coração se enchia de amor ao ver Saulo se dedicando, abdicando das poucas horas de sono para ficar com um bebê recém-nascido, fazia meus olhos brilharem. O cansaço se tornava insignificante perto da felicidade que era assistir os dois andando pelo nosso quarto, ele conversando com ela, falando sobre mim, sobre Benício, sobre o trabalho do papai e outras coisas que não cabiam para um bebê de poucas semanas, mas que era emocionante presenciar.

Hanna balbuciava e Saulo se derretia.

O homem realmente me surpreendeu.

O mesmo carinho e zelo se aplicou para o seu primeiro filho, ambos, a cada dia, se tornavam mais amigos, mais unidos, compartilhando experiências e atividades de pai e filho.

Saulo sugeriu que mudássemos para outro lugar, considerando o acontecimento traumático que vivenciei naquela casa, mas eu não quis. Passamos por situações ruins, mas havia boas lembranças e eu me senti capaz de superar. Foi ali que a nossa história começou, onde tudo cresceu e se concretizou em nossas vidas. Sem contar que, eu sabia que todos gostavam da floresta particular que tínhamos, da trilha, do riacho, da cabana... Que inclusive foi o lugar em que Saulo me pediu em casamento.

Seria maravilhoso Hanna crescer naquela casa com tanto espaço, e a sensação que eu tinha quando pisei a primeira vez naquela mansão passou, porque depois que Hanna chegou, passou a ser um lugar alegre, com objetos coloridos espalhados pelas salas, na cozinha e nos outros cômodos.

O nosso bebê chegou para transformar tudo ao nosso redor, principalmente e mais importante, transformou tudo dentro de nós dois.

Me vi sendo uma mãe babona, e Saulo não ficava para trás.

Cada balbuciar, cada gesto singelo dela era motivo de comemoração.

Me sentia vitoriosa e sortuda por ter construído uma vida linda ao lado de alguém que eu amava com todas as minhas forças, e por ser amada com a mesma intensidade.

Saulo não colocou mais uma gota de álcool na boca, os pesadelos diminuíram significativamente, as crises de ansiedade e abstinência também.

A verdade é que a nossa rotina se resumia em acompanhar o crescimento da nossa filha, as outras preocupações se tornaram irrelevantes comparadas à infinita felicidade que aquela criaturinha ruiva era capaz de nos proporcionar.

Descobri o significado das duas cartas que encontrei quando cheguei. Nelas, Saulo se despedia não só de Benício e de Safira, mas também da própria vida. Era um adeus, uma desistência, Saulo confessou que estava cansado e pensava em suicídio todos os dias. E que aquelas despedidas deixaram de fazer sentido quando se sentiu amado pela primeira vez, por mim.

Assim que saí do meu resguardo, eu e Saulo voltamos a fazer amor por todos os cantos da casa, aproveitando dos rápidos intervalos que tínhamos.

Benício era incrível para a sua irmãzinha, cuidadoso e querendo sempre estar por perto. Eu tinha uma família real, muito mais linda do que um dia sonhei.

— No que está pensando, minha linda? — Saulo se deitou ao meu lado assim que colocou Hanna no pequeno bercinho próximo à nossa cama. — Você precisa descansar, nosso dia será cheio.

— Estou pensando em como passou rápido, eu nem acredito que a nossa pequena fará quatro meses amanhã.

Saulo sorriu para mim, colocou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha e depositou um beijo casto na minha testa.

— Eu queria que Madalena estivesse aqui para viver tudo com a gente. Ela sonhou tanto com ter crianças pela casa, Hanna a amaria.

Ele respirou fundo e me virou de costas, puxando-me em seguida para colar em seu corpo.

— Onde quer que ela esteja, está feliz por nós. E mais feliz ainda em ver que tomei jeito.

Sorri com o comentário e assenti com a cabeça.

— Nossa pequenininha fez milagres.

— Não, você fez. — Beijou minha nuca. — Você insistiu em mim quando todos já haviam desistido. Você com esse jeito atrevido, toda curiosa... Obrigado por ter ficado.

— Ficarei para sempre, lindo. — Cruzei nossos dedos na frente da minha barriga.

— Hoje eu acredito, até porque com a minha filha você não vai a lugar algum.

Dei risada e balancei a cabeça.

— Quem te viu... Todo babão!

— Merda, estou mesmo. Me tornei o meu próprio irmão, bem idiota.

Ouvimos Hanna resmungar, eu me apoiei no braço para poder olhá-la, mas Saulo levantou de imediato para checar se estava tudo bem.

— Ela manda em nós dois — falei, certa de que um serzinho de dois meses nos deixava bobos.

— Isso aqui não impede ela de respirar direito mesmo? — Questionou pela milésima vez, referindo-se à chupeta dela. Gargalhei e neguei com a cabeça.

— Ela respira com o nariz!

Pouco tempo depois nós dormimos. Acordamos cedo com o choro que servia como nosso despertadorzinho.

Naquele dia teríamos uma celebração da rede de hotéis de Saulo, comunicaríamos o nosso casamento e o meu novo cargo nas empresas.

Admito que estava nervosa, era a primeira vez que apareceria em público como sua esposa e oficializaríamos para as dezenas de convidados, que eram seus funcionários. Saulo fez questão, porque eu assumiria a gestão de todos os seus hotéis.

Safira foi comigo para o SPA do meu amigo Steph, para me ajudar com a Hanna enquanto eu fazia procedimentos estéticos. Arrumei meu cabelo que estava muito comprido, deixando-o com ondas bem definidas. Uma profissional fez uma maquiagem impecável no meu rosto, outra fez minhas unhas, tudo intercalando com a amamentação.

Minha cunhada aproveitou para se cuidar também, e saiu mais linda ainda no final do dia quando Monteiro foi nos buscar.

Saulo ficou com Hanna para eu terminar de me arrumar. Coloquei um vestido preto colado, com tecido brilhante, magnífico. Meu corpo havia voltado a ser magro como antes, e a peça cara me caiu muito bem. Pelo olhar, meu marido concordou.

Saulo beijou meus lábios, enlaçando meu quadril e unindo nossos corpos.

— Deliciosa.

— Você está um pecado. — Pousei minha mão em seu peito, admirando o rosto milimetricamente perfeito. Encarei suas íris verdes e o abracei. — Eu amo você, lindo.

— Eu também te amo. — Sua mão deslizou da minha lombar até a minha bunda e descaradamente me apalpou. — Não vejo a hora de voltarmos para eu tirar esse vestido e ter você inteira só pra mim.

— Podemos resolver isso na festa mesmo — provoquei. — Estou sem calcinha.

— Eveline — ele me repreendeu.

— O que é? Estou necessitada.

Mordisquei o lóbulo da sua orelha, inalei seu perfume inebriante e masculino que aumentou meu desejo. Saulo fechou os olhos e beijou meu pescoço.

Eu não tinha mais vergonha dele, nem receio sobre meu corpo. Eu confiava nele, como nunca confiei em nenhum outro homem. Eu pertencia a ele, mais do que a mim mesma, e sentia reciprocidade em sua entrega.

Seguimos para a festa, depois de quase desistirmos por não querer deixar Hanna, mas sabíamos que ficando com Michelle ela estaria em boas mãos.

Saulo dirigiu com a mão na minha coxa, rumo ao mesmo salão que Monteiro realizou seu aniversário. Nos escoltaram na entrada, tiraram fotos e tinham até repórteres que nos encheram de perguntas sobre o casamento e o nascimento da nossa filha. Saulo mantinha sua postura fechada e grosseira,

que limitava a inconveniência deles, mas aumentava a curiosidade alheia.

Ajudei Saulo a recepcionar os convidados importantes, chefes de departamentos, empresários do mesmo ramo, e "amigos" de negócios.

Depois me sentei com Safira, Monteiro, Steph e seu namorado e beliscamos alguns petiscos, enquanto Saulo conversava com investidores no meio do salão. Ele era o centro das atenções, e precisava dar atenção aos convidados. Eu sabia que Saulo não gostava daquele contato excessivo das pessoas com ele, mas conseguiu disfarçar bem e ser gentil.

Eu não pedi para assumir um cargo tão alto em suas empresas, até recusei, contudo ele insistiu. Eu era a sua esposa e quem ele mais confiava para ser seu braço direito. Ele reconhecia o meu potencial e profissionalismo. E sinceramente eu estava louca para voltar a trabalhar.

No meio da noite Saulo pediu que todos ficassem em pé. Ele solicitou a minha presença no palco e me apresentou para os presentes. Noticiou a eles sobre a minha posição na sociedade de seus negócios, foi direto e breve, evitando rumores e contrariedades.

Me apresentei e ignorando o nervosismo eu falei um pouco sobre a minha formação, minhas experiências profissionais, e deixei clara a capacidade de assumir o que meu marido ofereceu.

— Eu gostaria de agradecer ao meu marido por confiar no meu potencial, e dar a certeza de que não o decepcionarei.

Ainda era muito, mas muito estranho chamar Saulo de marido, o mesmo misto de ansiedade e alegria me preenchia.

— Eu não tenho dúvida — falou mais para mim do que a plateia que nos assistia. — É por mérito seu.

Minutos depois descemos do pequeno palco e alguns funcionários que até então eu desconhecia, se aproximaram para me prestigiar. Saulo sempre ciumento, continuou do meu lado por todo o tempo.

Caminhei para o banheiro, parei na frente do espelho para retocar o rímel dos cílios e me assustei ao ver o reflexo de Alma no espelho. Foi como uma assombração.

— E não é que se casaram mesmo... — percebi que ela fitou meu anelar,

e comentou com desdém.

Me virei rapidamente, e com postura eu a encarei.

— O que está fazendo aqui? — perguntei.

A mulher loira e alta deu passos na minha direção, na tentativa de me intimidar, mas falhou. Sustentei seu olhar e mantive meu queixo erguido. Ela tocou nas pontas do meu cabelo e me analisou inteiramente, com o olhar repleto de escárnio.

— Vim ver se entra na minha cabeça ele ter me trocado por isso... — cuspiu as palavras.

Tirei a mão de Alma com um tapa e me afastei dela.

— Saulo nem lembra da sua existência, você é insignificante para ele e na nossa vida.

— É mesmo? E acha que ele te traiu uma vez e não vai trair mais?

— Seu discurso não me afeta. — Dei de ombros, segura das minhas palavras. — Você é a mulher preterida, que ele nunca deu valor. É fútil, só serviu para ele para dar fodas vazias e seu momento de glória acabou, faz tempo. Ele é o meu marido, e... — Ia continuar mas não achei necessário. O importante era eu saber e sentir que o amor de Saulo por mim era verdadeiro. — Quer saber? Não vou gastar minha saliva com você. — Estiquei os lábios em um sorrisinho cínico sem mostrar meus dentes. Agarrei minha clutch preta entre os dedos e andei para sair do banheiro.

Alma me impediu segurando no meu braço.

— Nós temos um contrato. Saulo fez um acordo com o meu pai, não vou me desvincular dele assim tão fácil.

Gargalhei ironicamente e a encarei com frieza.

— Contrato? Foda-se contrato, acordo, qualquer merda. Rasgue, queime, faça o que quiser. A partir de agora vocês não têm vínculo algum com as minhas empresas, muito menos com o meu marido.

Os olhos deram pegaram fogo, o ar entre nós podia ser cortado com uma faca de tão denso. Vi que Alma cogitou vir para cima de mim, mas eu neguei com a cabeça.

— Nem pense, ou chamarei os seguranças e te farei passar vergonha. Acredite, seria feio demais.

— Eu tenho pena de você sua caipira burra! Como pode ser tão ingênua em achar que será feliz nesse casamento? Ele não te ama, não ama ninguém, nem a si mesmo! Acha mesmo que ele ficará satisfeito somente com você? Justo com você? Olha pra você, menina! — disse, e em cada frase eu sentia sua inveja, a vontade de estar no meu lugar.

Estapeei seu rosto com força o bastante para fazê-la perder o equilíbrio.

Teria dado a segunda bofetada se não fosse pela presença repentina de Saulo no banheiro. Pelo menos cortei o lábio dela.

— O que está acontecendo aqui? — Saulo se pôs como uma parede na minha frente.

— Essa mulherzinha vagabunda me... — Alma tentou se vitimizar.

— Chame a minha mulher de vagabunda outra vez, Alma... chame ela de vagabunda bem na minha cara — meu marido a intimou. — Este apelido não se aplica a ela — falou em seu melhor tom sarcástico.

— E o acordo com o meu pai? — A interesseira se preocupou.

— Diga que eu o mandei mastigar aquela porra e engolir.

— Agora saia, antes que eu acione a segurança — fiquei ao lado de Saulo e repeti.

Alma saiu derrotada, e por um instante fiquei com raiva de Saulo por remoer a traição do passado, entretanto, me esforcei para jogar o sentimento para longe. Não poderíamos mudar o passado, mas o presente e o futuro estavam em nossas mãos.

— Está bem, minha linda? — meu marido perguntou.

— Sim. — Sorri para ele e encostei nossos lábios.

— Notei que estava demorando, resolvi averiguar. — Acariciou meu rosto com seu polegar.

— Sentiu saudade de mim, foi?

— Um pouco... — Se fez de difícil, porém sua expressão de cafajeste

deu lugar a uma de homem apaixonado, o que me encheu de vontade de agarrá-lo ali mesmo.

E eu não hesitei.

Empurrei Saulo contra a porta que dava acesso ao banheiro, tomando sua boca com desejo e calor. Entranhei os dedos em seus cabelos pretos, mordisquei o lábio inferior e passei o rosto pela barba macia, inspirando seu cheiro enquanto descia a boca até seu pescoço. Chupei com leveza o lugar e deslizei a língua na pele febril.

O homem enfiou os dedos na raiz da minha nuca e repuxou com força, deixando-me a mercê da sua impiedosa boca. Senti a língua quente beijar minha pele, os lábios distribuírem beijos ardentes e calmos subindo para o meu queixo. Ele chupou ali e sorriu ao me encarar nos olhos.

Saulo não demorou, me pegou no colo com facilidade e eu encaixei as pernas em seu quadril.

Ele empurrou a porta atrás de si e nós nos trancamos no banheiro. Passei os dedos pelos botões de sua camisa preta e a passei pelos seus braços fortes, junto do smoking da mesma cor. Senti suas mãos subirem o vestido pelas minhas coxas e eu estendi os braços para cima, ajudando-o a tirar a peça brilhante. Ensandecidos de desejo, nossas bocas se grudaram e nos beijamos com tesão, as línguas brincando, a saliva se misturando, as respirações tornando-se mais entrecortadas, e os gemidos se enclausurando à medida que ele desafivelava o cinto para abrir a calça e encontrar minha entrada melada, que pulsava querendo senti-lo.

Enxergava sua feição máscula na penumbra, com os braços envolvidos em seu pescoço, com os lábios entreabertos a poucos milímetros dos dele. Seu maxilar cerrado e o gemido viril que saiu da garganta quando ele penetrou tudo em mim, me deixou louca e me levou a outro mundo, no qual só existia eu e ele. Nossos corpos, nosso sexo, nosso suor, nossos barulhos, nossos beijos, as investidas, as palavras desconexas, o prazer... o orgasmo cada vez mais perto, muito perto... Saulo arremetia se afundando dentro de mim, causando eco no lugar pequeno com o som das nossas virilhas se chocando.

— Meu Deus! Isso Saulo, mais forte, mais rápido! — Suplicava, ansiando chegar no clímax. Apertei meus olhos, cravei as unhas em suas

costas e comecei a movimentar o meu corpo, a fim de fazê-lo explorar tudo, cada centímetro até o meu limite.

— Caralho, Eveline! — praguejou, expirando com força o ar dos pulmões. — Isso, rebola no pau do seu marido. — Ele segurou meu rosto com firmeza e abafou meus gemidos mais escandalosos.

Saulo continuou segurando minhas coxas para me manter naquela posição e eu aproveitei para rebolar mais freneticamente. Ele rosnou, prendeu meu lábio inferior entre os dentes e sussurrou:

— Eu vou gozar.

— Não, não! Só mais um pouquinho... — Implorei, sentindo as ondulações pressionarem o meu ventre. — Só mais... — comecei a gritar em frenesi quando o orgasmo veio arrebatador.

Contraí o membro dele com força, e ele sabia, sentia... Então abocanhou o meu peito buscando prolongar meu êxtase, lambeu e chupou o mamilo, depois o outro, entorpecendo meu corpo inteirinho e me fazendo choramingar entre gemidos. Foi o gás para que Saulo estocasse duro, rápido e fundo, até alcançar seu próprio ápice.

— Nós não fizemos isso — reclamei, ciente da nossa irresponsabilidade.

— Foi ruim?

— Você sabe do que estou falando. — Dei um tapa no ombro dele depois de me recompor e retomar minha respiração.

No final das contas não engravidei, Deus ouviu minhas rezas bravas. Não que eu não quisesse ter outros filhos mais pra frente, mas a Hanna com quatro meses? Jamais!

Só não sei quanto tempo as preces funcionariam, porque realmente era muito difícil resistir a aquele homem pedindo para fazermos sem camisinha, enquanto esfregava sua generosa obra prima na minha partezinha mais sedenta.

No mês seguinte minha família e amigos vieram para Dublin, ainda não conheciam a nova integrante, somente por vídeos, e claro, todos se apaixonaram. Hanna era geniosa, não gostava de ficar em qualquer colo, esgoelava sempre que a tiravam dos braços do pai, só foi diferente com a

minha irmã.

Mariana e Hanna tiveram uma conexão imediata. Minha filha se acalmou no colo da tia, o que a fez se encher de orgulho.

Meu marido não ficou muito contente com a presença de Dimitri, mas tratei de enfiar na cabeça dele que meu amigo era um homem com caráter e que nunca desrespeitaria meu casamento, somado ao fato de que ele tinha uma namorada e estava feliz com ela.

— Tia Eve, eu posso pegar ela no colo? — Bella perguntou ansiosa.

— Claro, meu amor. Sente aqui. — Ofereci a poltrona para a pequena sentar e depois aconcheguei Hanna no colo da sua priminha. Agachei-me na frente para assegurar que os bracinhos pequenos segurassem minha filha.

— Onde está Benício? — Charlotte procurou pela sala.

— Ele foi mostrar os brinquedos para o Antwan — Saulo respondeu à irmã.

— Safira e Adam estão com eles — informei.

— Obrigada, Eve. — Minha irmã se aproximou de mim e de Bell e beijou meu rosto — Ela é a coisa mais linda do mundo.

— E eu, mamãe?

— Você também, minha princesinha. — Mariana tocou o nariz da filha e depois passou o dedo pela bochecha corada de Hanna. — Deixa a mamãe pegar ela um pouquinho — pediu à Bella, que logo cedeu.

Mariana não quis desgrudar da sobrinha, e a danadinha dormiu em poucos minutos no colo da tia. Saulo ficou enciumado, e resmungou dizendo que aquela era uma função dele.

— Meu colo tem sonífero — Mariana provocou.

— Ela chora com a Eveline o tempo inteiro — Saulo disse convencido, e eu o fulminei com o olhar. — Comigo não.

— Você só gosta do colo do seu papai e da titia, é? — Minha irmã sorriu para o pacotinho adormecido em seu braço.

— Injusto, gerei nove meses — resmunguei.

— Obrigado por isso — Valentim se aproximou de mim e sussurrou próximo ao meu ouvido. — Mariana está muito feliz.

Nós dois observamos Mariana entretida com a pequena ruivinha, e eu me emocionei ao vê-la secar uma lágrima solitária que rolou pelo seu rosto.

Eu sabia do desejo da minha irmã de ter o terceiro filho, sabia da dor que ela carregava por ter perdido o primeiro, e senti sua realização em ter um novo bebê na família, ainda mais depois da sintonia que ela teve com Hanna.

— Posso? — Dimitri chegou perto de Mariana e ela até se esquivou, também ouvi Saulo quase rosar do meu lado.

— Claro, Dimitri. — Sorri para o meu amigo de longa data. Peguei minha filha do colo da tia e entreguei para ele.

Minha mãe se uniu ao meu amigo e ficaram babando na delicadeza da pequena ruivinha.

Insistiram para se hospedarem em algum hotel, mas eu nem cogitei aceitar. Havia quartos para acomodar a todos, e eu fazia questão de tê-los pertinho de mim para aproveitar cada segundo, já que morávamos tão longe.

As crianças foram dormir, e Benício me esperou acordado para que eu lesse o rotineiro livro infantil. Desta vez, Saulo se juntou a nós dois na cama e ele quis contar a história para o filho.

Eu admirei em silêncio, sorrindo vez ou outra em ver a aproximação dos dois, ficava melhor a cada dia.

— Boa noite, filho. — Fechou o livro e cobriu Benício.

— Boa noite, pai.

No outro dia durante o café da manhã a cozinha estava cheia com as pessoas mais importantes para mim. Quieta, contemplei e agradei por tê-los, cada um com suas histórias e particularidades, todos fortes e vitoriosos. Eles quiseram levar as coisas para o riacho para fazer piquenique lá com as crianças. Meus sobrinhos foram correndo na frente de Saulo, enquanto Valentim pedia para os filhos irem devagar e Mariana permanecia totalmente entretida com Hanna em seus braços, ignorando tudo ao seu redor.

— Olha que gracinha, ela está bocejando. — Minha irmã passou o indicador no queixinho da minha filha e depois aproximou seu rosto para

beijar o rostinho dela. — Que cheirinho mais delicioso. — Continuamos andando do lado uma da outra.

— Logo ela vai chorar pra mamar — comentei.

— Vai nada... ela não chora no colo da titia, não é Hanna? — A sem vergonha gargalhou para Mariana.

— Chegamos — Benício informou animado.

—Que legal aqui papai! — Bell e Tom falaram juntos.

— Vem ajudar a vovó — mamãe pediu para as crianças.

Eles ajudaram dona Yvanna a forrar a grama com a toalha e depois colocar as comidas.

Safira, Monteiro, Eric e Charlotte levaram as crianças, inclusive Sol, para perto do riacho, Saulo ficou conversando com o irmão num canto, enquanto minha mãe se sentou com Mariana para babar na neném.

— Niña, tem um segundo? — Dimitri parou do meu lado.

— Claro. — Sorri para o meu amigo.

— Quero te parabenizar pela família linda que você tem, e te pedir desculpa por ter atrapalhado vocês dois no início.

Sem dizer nada eu o abracei, vi Saulo apertando os olhos de longe para me encarar e eu pisquei para tranquilizá-lo.

— Não precisa se desculpar por nada. — Me afastei de Dimi e apertei seus ombros. — Saulo realmente não era um bom partido, você tinha toda razão.

— Eu só queria te proteger de qualquer sofrimento, mas vejo que estava certa. Você está feliz, não está? — O londrino fixou as íris nas minhas, buscando a verdade nos meus olhos.

— Sim Dimi, eu sou muito feliz com o Saulo e com tudo o que construímos. Nossa filha... — Sorri ao sentir meus olhos lacrimejarem por falar dela. — Hanna é tudo o que tenho de mais precioso. E ainda ganhei o Ben, que é um garoto muito amável e incrível. — Olhei para Saulo a

distância, conversando com o irmão e disse baixo para Dimitri: — Ele é um ótimo marido.

— Eu acredito em você, niña. — Dimitri observou Saulo comigo.

— E você, como está? Como está o namoro? — Quis saber, porque eu realmente me importava com o meu amigo. Queria vê-lo feliz, porque ele era um homem que merecia muito.

— Estou completo Eve, como nunca estive antes. — Ele suspirou e seus lábios confirmaram a sinceridade de suas palavras.

— O assunto está bom? — Saulo se intrometeu, com sua carranca de ciumento.

— O assunto acabou de chegar. — O abracei de lado e beijei sua bochecha.

— Vou ficar com as crianças. — Dimitri sorriu para mim e depois assentiu com a cabeça para o meu marido.

— O que é tão interessante para ficarem horas conversando?

— Horas? — Gargalhei. — Exagerado! — Apertei sua cintura. — Deixa de ciúme, somos amigos e fazia muito tempo que não nos víamos. Ele está feliz com a namorada dele e eu mais ainda com o meu marido. — Parei na frente de Saulo e segurei seu rosto entre minhas mãos. — Fomos feitos um para o outro, eu não quero ninguém se não for você, lindo — sussurrei olhando dentro dos olhos mais lindos que conheci.

Nunca tive tanta certeza na vida quanto do amor que sentia por Saulo. Eu era capaz de tudo por nós dois, para vê-lo bem. Eu passaria por tudo de novo só para ter seu sorriso como naquele momento, entregue, apaixonado, e verdadeiramente feliz.

— O que vamos fazer? — Comecei a rir enquanto o homem me puxava pela trilha, depois de ter conversado com a minha mãe. — Saulo, me fala! Sabe que sou a pessoa mais curiosa do mundo.

— Dar uma volta.

— Mas e Hanna... e...

— Temos três horas. — Saulo checkou em seu relógio no pulso.

Três horas para a garotinha querer se alimentar.

— Mas onde vamos? — Fiquei mais confusa quando o vi pegar a chave do carro na cozinha.

Segui meu marido até o carro, nós entramos e ele dirigiu em alta velocidade, ele era um bom motorista, então não reclamei. Chegamos no clube em menos de meia hora, Saulo preparou tudo para pegarmos o barco dele e em pouco tempo estávamos no mar.

— Você é maluco! Eu não trouxe nada. — Dei risada ao sentir o vento bater no meu cabelo.

Ele sorriu para mim, e continuou pilotando para nos distanciarmos do cais. Quando alcançamos o alto mar onde estava calmo, Saulo fingiu que me abraçaria, colocou o colete em mim e me empurrou na água de roupa e tudo, pulando logo em seguida.

Emergi na água, tremendo de frio e xingando todas as gerações de Saulo, entretanto me calei quando ele se aproximou e me abraçou por trás, deixando-me boiar apoiada em seus braços.

— Eu só queria um tempinho a sós com a minha esposa.

— E aquela história de ir em um puteiro e comer dez mulheres ou comprar uma virgem em um leilão, mas nunca casar? — Brinquei depois, me divertindo ao pensar em tantas outras palavras que ele havia engolido.

— Nunca falei isso. — Fingiu ultraje.

— Você é muito doido. — Balancei a cabeça, me desvencilhando de seus braços para ficar de frente para ele.

— Sou. — Grudou os lábios em confissão. — Completamente louco.

— Não vai falar que é por mim? — reclamei e ele negou com a cabeça.

— Isso você já sabe.

— Sei? Não sei não. — Queria ouvi-lo.

Mas levei um susto quando Saulo começou a gritar para os quatro ventos:

— EU SOU LOUCO POR VOCÊ, EVELINE!

Ri sem parar, nervosa, com muitos sentimentos no peito. Deixei a emoção literalmente falar alto e respondi:

— EU SOU LOUCA POR VOCÊ, SAULO!

Só nós dois e o infinito mar, testemunhamos aquele momento de pura insanidade, onde dois apaixonados escancaravam todo o sentimento que parecia não caber mais dentro do coração.

Nadei até ele, envolvi meus braços em seu pescoço e ele encostou a testa na minha. Senti seu nariz molhado encostar no meu, os lábios úmidos e gelados encontrarem os meus e o calor da sua língua aquecer a minha, fechamos nossos olhos e nos deixamos levar por um beijo intenso.

Nós subimos para o barco e fizemos amor no convés. Saulo foi carinhoso e devagar, partilhando comigo o desejo de que aquele momento nunca acabasse.



AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus por ter me acompanhado no desenvolver deste livro, nos momentos tranquilos e nos mais difíceis. Como as outras, essa obra também exigiu muito de mim e eu sou grata pelo aprendizado que esta história me trouxe. Deus é o meu alicerce, meu grande amigo e confidente, só tenho a agradecê-Lo.

Em seguida gostaria de dizer o quanto sou feliz por ter uma fonte de força e inspiração, que é o meu filho. O garotinho mais incrível, a quem eu dedico a minha luta diária e a minha vontade de crescer. Obrigada filho por ser maravilhoso e colorir os meus dias.

Em terceiro, quero agradecer a minha mãe, ao meu pai, a minha irmã, que com suas originalidades são as pessoas mais importantes para mim, assim como meu filho. Tudo para vocês, por vocês!

Sou imensuravelmente grata pelas minhas leitoras fiéis, que me leem desde o primeiro livro publicado, as meninas do grupo e os seguidores que me acompanham nas redes sociais. Obrigada, amores!

A minha revisora que foi muito atenciosa e capacitada, obrigada Dani, pelo trabalho e pelo carinho que o exerceu. Também a April, diagramadora talentosa e profissional, vocês duas foram essenciais para a construção deste livro.

Não posso deixar de agradecer a Zoe, mais conhecida como Zoe-X (lacradora e escritora espetacular) que está ao meu lado nos melhores e piores momentos, me incentivando, sendo a luz que muitas vezes pensei não encontrar neste mundo literário louco. E acima de tudo, obrigada por ser minha amiga. Se o acaso realmente existe, você é o meu melhor entre todos. Obrigada!

Jess, tão querida, sou grata por ter te conhecido e em tão pouco tempo termos construído uma amizade mútua. Obrigada por ser tão amorosa, uma mulher que eu admiro em diversos aspectos. Eu creio sem dúvida alguma no seu dom, continue seguindo seus sonhos, e conte comigo sempre que precisar!

Por último, digo com toda a veracidade do meu coração o quanto sou grata por ter você aqui comigo, isso mesmo, você! Você que está me conhecendo agora e que deu uma chance para um dos meus livros. Sou só

gratidão. Espero de alguma forma te cativar com a minha escrita, e te convido para conhecer o meu mundo.

Escrevo o que gostaria de ler. Da minha mente e coração, para a sua biblioteca.

Gratidão!

Table of Contents

[Sumário](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)